PAPÉIS AVULSOS

DO

DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

VOL. X

Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio
SÃO PAULO (BRASIL)
— 1952 —

cm 1 2 3 4 5 6 7 SciELO 11 12 13 14 15 16 17

Os artigos de PAPÉIS AVULSOS são portadores de data própria e aparecem imediatamente sob a forma de separatas, das quais um exemplar é remetido a cada uma das instituições relacionadas abaixo, ficando a cargo dos autores a sua prévia distribuição entre os mais diretamente interessados na matéria respectiva.

Às entidades que mantêm com o Departamento de Zoologia intercâmbio de publicações enviam-se os volumes completos, logo após sua conclusão.

Instituições que recebem prèviamente separatas dos artigos de PAPÉIS AVULSOS:

1 — Biblioteca Nacional
Av. Rio Branco, 219-239
Rio de Janeiro, D. F. (Brasil)

2 — Museu Nacional
Quinta da Boa Vista
Rio de Janeiro, D. F. (Brasil)

3 — Reitoria da Universidade de São Paulo
Biblioteca Central
Rua Helvetia, 55
São Paulo (Brasil)

4 — Biblioteca Pública Municipal
Rua da Consolação, 90
São Paulo (Brasil)

5 — Library of Congress
Washington 25, D. C. (Estados Unidos da América do Norte)

6 — British Museum (Natural History)
Cromwell Road, 7
London (Inglaterra)

7 — Zoological Society of London
Regent's Park
London (Inglaterra)

8 — Bibliothèque Nationale
58, rue de Richelieu
Paris 2e (França)

9 — Bibliothèque Centrale du Museum National d'Histoire Naturelle
36, Rue Geoffroy Saint-Hilaire
Paris (França)

10 — Lateinamerikanische Bibliothek
Gaertnerstrasse 25-32
Berlin-Lankwitz (Alemanha)

Artigos de colaboração externa só serão aceitos na medida do espaço disponível, sujeitando-se seus autores às alterações julgadas eventualmente necessárias.

Cada autor, conforme a praxe, terá direito a um certo número de separatas, nunca inferior a 100.

PAPÉIS AVULSOS

DO

DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

DA

SECRETARIA DA AGRICULTURA

VOL. X

1952

As publicações enviadas em permuta com os presentes PAPÉIS AVULSOS devem ser endereçadas explícitamente ao

DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA
Da Secretaria da Agricultura
Biblioteca
Caixa Postal, 7172
SÃO PAULO (BRASIL)

Para o que se refere à colaboração e assuntos correlatos, toda correspondência deve ser dirigida ao Editor responsavel, Dr. Olivério Mário de Oliveira Pinto, Diretor da Repartição.

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15

PAPÉIS AVULSOS

DO

DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

VOL. X

Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio
SÃO PAULO (BRASIL)
— 1952 —

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15

SUMÁRIO

Pgs.

Prefácio I

N.º 1 — D'ANDRETTA, MARIA A. V.
Contribuição para o conhecimento da família Mydaidae. Generos: *Mydas* F., 1794 6 *Messiasia,* N. Gen. (Diptera) 1

N.º 2 — TRAVASSOS, LAURO & TRAVASSOS FILHO LAURO
Dysschematidae, novo nome para Pericopidae Walker, 1869 (Lep. Heterocera) 77

N.º 3 — LUCENA, DURVAL TAVARES DE
Lista de moluscos do nordeste, com um apêndice sobre algumas espécies de outras regiões . . . 93

N.º 4 — VIEIRA, CARLOS O. DA C.
Notas sobre os mamíferos obtidos pela expedição do Instituto Butantã ao Rio das Mortes e Serra do Roncador 105

N.º 5 — SERRA, OCTAVIO DELLA & PICOSSE, MILTON
O tubérculo intermediário posterior (Metaconule) dos molares superiores nos macacos do gênero *Callicebus* Thomas, 1903 127

N.º 6 — OLIVEIRA, S. J. DE
Nova espécie neotrópica do gênero *"Cardiocladius"* Kieffer, 1912 (Diptera, Chiromidae) . . . 133

N.º 7 — SERRA, OCTAVIO DELLA
Variações do articulado dos dentes incisivos nos macacos do gênero *Alouatta* Lac., 1799 . . . 139

N.º 8 — SERRA, OCTAVIO DELLA
Divisão do gênero *Leontocebus* (macacos Platyrrhina) em dois sub-gêneros sob bases de caracteres dento-morfológicos 147

N.º 9 — PINTO, OLIVÉRIO
Aves do Itatiaia. Lista remessiva e novas achegas à avifauna da região 155

N.º 10 — CARRERA, MESSIAS
Pequenas notas sobre Asilidae (Diptera). IV — Descrição de duas novas espécies de *Atomosia* e *Rhopalogaster* 209

N.º 11 — PINTO, OLIVÉRIO & CAMARGO, EURICO A. DE
Nova contribuição à ornitologia do Rio das Mortes. Resultado da expedição conjunta do Instituto Butantan e Departamento de Zoologia 213

N.º 12 — CARRERA, MESSIAS
Sobre o gênero *Threnia* Schiner, 1866 (Diptera, Asilidae) 235

N.º 13 — CARRERA, MESSIAS & D'ANDRETTA, MARIA A. V.
Relação de alguns Asilidae e suas presas (III) . . 253

N.º 14 — SERRA, OCTAVIO DELLA & PICOSSE, MILTON
Sôbre algumas variações das suturas do canto interno da órbita nos macacos do gênero *Callithrix* Erxleben, 1777 261

N.º 15 — D'ANDRETTA, M. A. V.
Descrição de uma nova espécie de *Hydrophorus* (Diptera, Dolichopodidae) 267

N.º 16 — BOKERMANN, WERNER C. A.
Microhylidae da coleção do Departamento de Zoologia (Amphibia-Anura) 271

N.º 17 — D'ANDRETTA, MARIA A. V. & CARRERA, MESSIAS
Resultados de uma expedição científica ao Território do Acre. — Diptera 293

N.º 18 — D'ANDRETTA, MARIA A. V. & D'ANDRETTA, C. (JR.)
Espécies neotropicais da família Simuliidae (Diptera Nematocera) VII — Redescrição de *Lutzsimulium pernigrum* (Lutz, 1910), n. comb. e considerações sôbre o gênero 307

N.º 19 — PINTO, OLIVÉRIO
Redescobrimento de *Mitu mitu* (Linné) no nordeste do Brasil (Est. de Alagoas). Provada a independência de *Mitu tuberosus* (Spix) como espécie àparte 325

NOTICIÁRIO 335

PREFACIO

Com o presente volume, transpõem "Papéis Avulsos" novo degráu na escada que começaram a galgar há mais de nm decênio, com otimismo qne tivemos a ventura de não ver desmentido até o presente. Décimo de sua série, mais que simples degráu, é ele patamar propício a que se volvam os olhos para a trajetória percorrida, buscando na experiência de ontem novos estímulos para as fadigas do presente e firme confiança nos dias de amanhã.

Através desse exame retrospectivo, sente-se de pronto a mudança de fisionomia experimentada pela publicação, no afastar-se gradualmente do programa rígido sob qne viera à luz, e acolher cada vez mais em suas páginas contribuições e trabalhos que, pela sua natureza e extensão, muito pouco destoam dos qne haveriam de reservar-se para os "Arquivos", seu irmão mais velho. Dessa evolnção, porém, imposta pelas circunstâncias, mas contida sempre em limites razoáveis, temos que maior mal não adveio para os fins superiores a que aspira a revista, como índice das atividades científicas do Departamento de Zoologia.

O balanço das contribuições dadas a lnme nessa primeira etapa acusa o total de 243 trabalhos, devidos em sna imensa maioria ao quadro de técnicos da própria instituição. O que é assás significativo, tendo-se em vista a inverossímil exiguidade a que o têm condenado até aqui os poderes públicos. No referido total, a decidida predominância dos estudos de Zoologia Sistemática é nada menos que natnral e lógica, visto refletir as características verdadeiras do nosso institnto, o qual, não será ocioso repetí-lo, assim pelas suas origens, como pela sua organização e meios de trabalho, deve obedecer s diretrizes traçadas para os museus de História Na-

tural, na justa accepção que lhes cabe, como indice de cultura e complemento indispensável da instrução nos seus diferentes gráus.

Dá idéia da contribuição já prestada pelos "Papéis Avulsos" no sector em questão o número considerável de novas espécies, e unidades taxinômicas outras, por eles apresentadas à ciência através de suas páginas. Perfazem elas: 10 subespécies de Aves; 1 gênero, 2 espécies e 11 subespécies de Répteis; 1 gênero e 7 espécies de Peixes; 10 gêneros, 153 espécies e 14 subespécies de Insectos; 5 gêneros, 23 espécies e 3 subespécies de Miriápodos; 33 gêneros e 164 espécies de Aracnídeos; 1 Pantópodo e 1 Nematode.

Abstraída a zoologia sistemática, merece ainda destaque a contribuição trazida ao progresso da Zoogeografia e à Ecologia dos animais indígenas, capítulos a que se prendem mais particularmente as expedições e viagens empreendidas periodicamente pela instituição.

São Paulo, 14 de Maio de 1952

OLIVÉRIO M. DE O. PINTO

Vol. X, N.° 1 — pp. 1-76 5-VII-1951

PAPÉIS AVULSOS
DO
DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA
SECRETARIA DA AGRICULTURA — S. PAULO - BRASIL

CONTRIBUIÇÃO PARA O CONHECIMENTO DA FAMÍLIA *MYDAIDAE*. GÊNEROS: *MYDAS* F., 1794 E *MESSIASIA*, N. GEN. (DIPTERA).

POR

MARIA A. V. D'ANDRETTA

Desde o inicio dos nossos trabalhos sobre a identificação dos *Mydaidae* da coleção do Departamento de Zoologia, sentimos a necessidade de um estudo sistemático pormenorizado do gênero *Mydas*, pois as espécies nele relacionadas eram de dificil reconhecimento, não só pela ambiguidade das suas diagnoses, como tambem pelo grau de variabilidade que constatamos existir nesse grupo de dípteros. Com o fim de resolver, do melhor modo possivel, os problemas que tais circunstâncias ocasionam, procuramos reunir um material razoavelmente abundante, recorrendo às coleções de particulares e de instituições nacionais e estrangeiras. Dessa maneira, quase 400 exemplares dessa familia de dipteros foram postos à nossa diposição, havendo entre eles representantes de um bom número de espécies pertencentes ao gênero *Mydas*.

Nossa ideia original era fazer uma revisão geral da familia *Mydaidae*, talvez um esboço monográfico das suas espécies neotropicais; mas, por motivos ponderosos, achámos preferivel publicar parceladamente o resultado do estudo feito sobre um ou outro grupo de espécies. Procedendo deste modo, não raro seremos obrigada a retornar a gêneros já revistos, quando novos fatos a eles devam ser adicionados; mas, além de limitarmos o tempo de retenção das coleções cedidas, teremos assim, sem mais demora, contribuido para facilitar um estudo mais completo destes dípteros por quem possua melhores recursos.

Por nossa solicitação, os Srs. Mario Autuori e Miguel C. Leite, do Instituto Biológico de São Paulo, se dedicaram ao estudo da biologia dos *Mydaidae*, tendo já acumulado dados bionômicos in-

teressantes e logrado, para algumas espécies, quase que inteiramente seu intento principal.

É com satisfação que cumprimos o grato dever de deixar aqui consignados os nossos mais sinceros agradecimentos a todos aqueles que contribuiram para a realização deste trabalho. Entre todos, porém, é de justiça que se destaque, pelo empréstimo e doação de material, o nome dos seguintes senhores: J. F. Zikan e Walter Zikan do Instituto de Experimentação Agrícola do Rio de Janeiro; Alan Stone do National Museum of Natural History de Washington; Dalcy de Albuquerque, do Museu Nacional do Rio de Janeiro; Hugo de Souza Lopes do Instituto Oswaldo Cruz do Rio de Janeiro; Mario Autuori e Miguel C. Leite, do Instituto Biológico de São Paulo; John Lane da Faculdade de Higiene e Saude Pública de São Paulo; Rudolf Lange do Museu Paranaense de Curitiba; Stanley W. Bromley, do Bartlett Tree Research Laboratories de Connecticut; Maurice T. James do State College of Washington; A. L. Melander e Francisco S. Pereira. Pelo auxilio prestado à execução dos gráficos e elaboração dos originais a nossa gratidão aos colegas Srs. Lindolfo R. Guimarães e Messias Carrera.

Mydas Fabricius

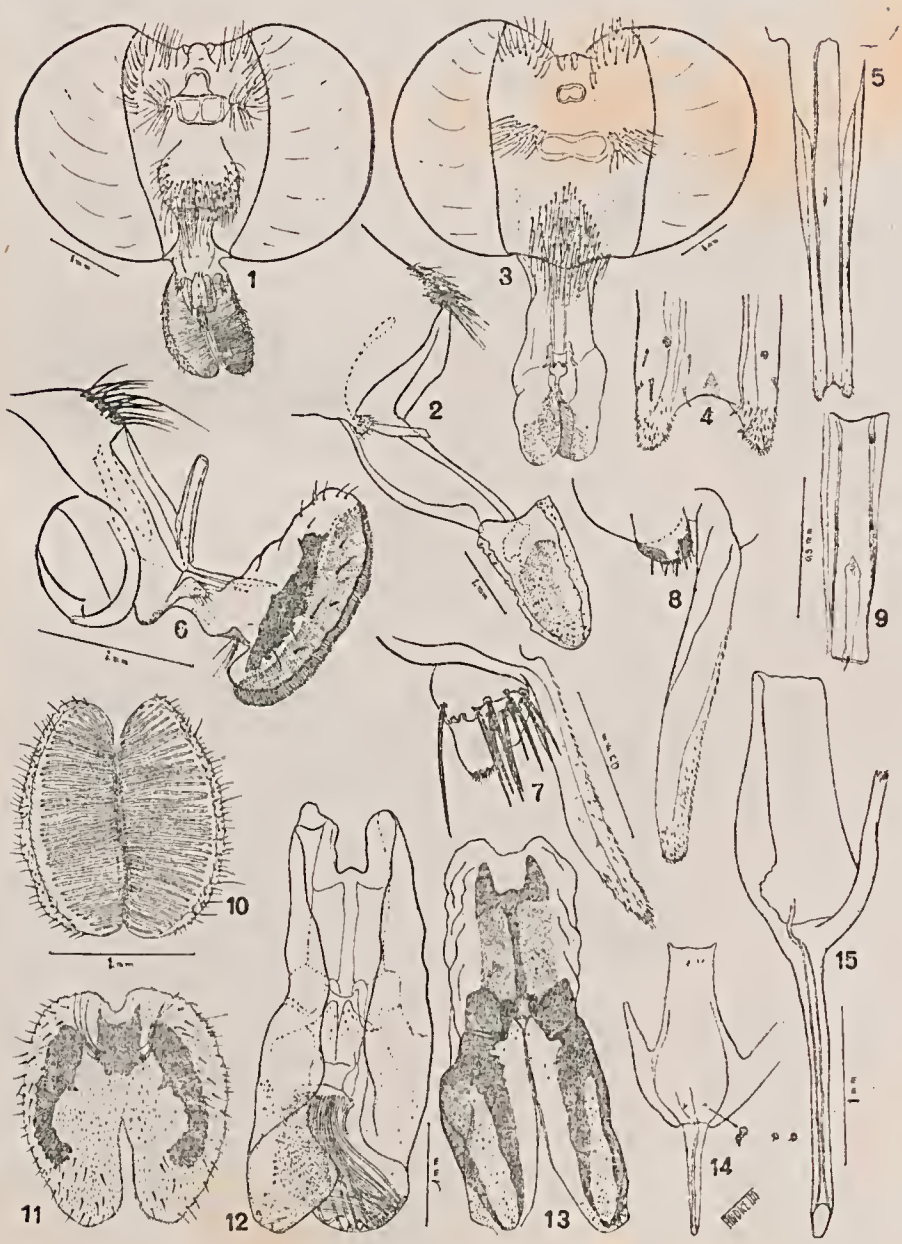
Mydas F., 1794, p. 252; Latr., 1802, p. 447; 1804, p. 338; F., 1805, p. 60; Latr., 1810, p. 443; Meig., 1820, p. 99; Wied., 1828, p. 239; 1829, p. 34; Macq., 1834, p. 273; Westw., 1841, p. 49; Walk., 1854, p. 357; Schiner, 1862, p. 158; Gerst., 1868, p. 93; Ost. Sack., 1878, p. 83 et 235; 1895, p. 347; Willist., 1897, p. 54; Aldrich, 1905, p. 250; Kertész, 1909, p. 34; Coquil., 1910, p. 572; Johns., 1926, p. 133; Séguy, 1928, p. 133 et 142.

Lampromydas Séguy, 1928, p. 144.

O gênero *Mydas* foi criado por Fabricius em 1794 para algumas espécies anteriormente descritas como *Musca, Bibio* e *Nemotelus*, havendo entre elas uma, *Musca clavata* Drury, 1770, que, segundo Coquillett (1910), foi considerada por Latreille, em 1810, como genôtipo de *Mydas*, por ser a espécie mais antiga do gênero.

ESTAMPA I

1) *Messiasia polita* (Wiedemann), cabeça vista de frente; 2) *Mydas heros* Perty, aparelho bucal, vista lateral; 3) Idem, cabeça vista de frente; 4) Idem, ápice do labro-epifaringe, vista dorsal; 5) Idem, labro-epifaringe, vista dorsal; 6) *Messiasia polita* (Wiedemann), aparelho bucal, vista lateral; 7) Idem, maxila e palpos maxilares; 8) *Mydas heros* Perty, maxilas e palpos maxilares; 9) *Messiasia polita* (Wiedemann), labro-epifaringe, vista dorsal; 10) Idem, labelo, vista ventral; 11) Idem, labelo, vista dorsal; 12) *Mydas heros* Perty, labio e labelo, vista dorsal; 13) Idem, labio e labelo, vista ventral; 14) *Messiasia polita* (Wiedemann), hipofaringe, vista dorsal; 15) *Mydas heros* Perty, hipofaringe, vista dorsal. (Respectivamente na mesma escala as figuras 5, 14 e 15; 4 e 7; 8 e 9; 10 e 11; 12 e 13).



ESTAMPA I

Posteriormente Wiedemann redescreveu e historiou amplamente este gênero, tecendo comentários sobre a ortografia da palavra midas, chegando a conclusão de que, sem dúvida, Fabricius relacionara tal denominação ao Rei Midas, personagem mitológico de orelhas compridas, e portanto sua grafia deveria ser com i e não com y.

Este ponto de vista foi esposado e defendido por Osten Sacken; mas à luz das R.I.N.Z., o y deve ser mantido no nome genérico, pois não há nenhuma referência na descrição original ao orelhudo personagem da mitologia grega e o próprio Fabricius nunca corrigiu tal denominação, mantendo-a mesmo no Systema Antliatorum, publicada 11 anos após.

Depois de Wiedemann o gênero foi caracterisado por Gerstaecker e, mais recentemente, por Séguy em uma chave dicotômica.

De acordo com o estudo morfológico que realisamos sobre espécimes de *Mydas clavatus,* o nosso conceito genérico de *Mydas* é o seguinte:

> "probóscida longa devido ao desenvolvimento da teca que é tão grande quanto o labelo; este, grande, quitonoso e de forma aproximadamente triangular e com um número reduzido de pseudotraqueas; palpos muito pequenos; fêmures posteriores entumecidos e tendo na superfície ventral uma dupla fileira, irregular, de cerdas espiniformes implantadas em pequenos tubérculos; tíbia posterior com ou sem esporão apical, havendo grossas cerdas quando ausente; empódios atrofiados; asas com a nervura R5 terminando em R1; M1 terminando na C a certa distância de R1; M4 presente ou não; genitália do macho com aedeagus apresentando quase sempre peças acessórias laterais; 9.º tergito formado por dois escleritos geralmente quadrangular, havendo em cada um, uma proojeção digitiforme esclerosa ou não; genitália da fêmea sem coroa de espinhos, apenas com pilosidade."

Seguimos a nomenclatura de Séguy (1928) para a denominação das nervuras das asas.

O gênero *Lampromydas* Séguy, 1928, não pode ser mantido. Os caracteres assinalados para este gênero dificilmente permitem a sua separação de *Mydas,* pois a ausência de M4, unico carácter que realmente o poderia distinguir, é bastante falho conforme verificamos em *Mydas interruptus.* Nos exemplares representativos desta espécie que examinamos, aquela nervura varia desde um apêndice até a ausência completa num mesmo individuo.

CHAVE PARA AS ESPÉCIES NEOTRÓPICAS DO GÊNERO *MYDAS*

1 - Abdômen inteiramente preto, preto com reflexos metálicos azuis ou verdes ou preto com os últimos segmentos verdes 2
- Abdômen predominantemente alaranjado ou castanho-escuro com marcações amarelas . . . 14

2 - Asas transparentes, no máximo com ligeiro enfumaçamento castanho 3
- Asas intensamente enfumaçadas 4

3 - Mistax constituido completamente por pêlos branco-amarelados; abdômen de lados paralelos; primeiro artículo tarsal tão longo quanto o comprimento do segundo e terceiro reunidos; esquâmula com franja de escamas . . . . . *quadrilineatus* Williston
- Mistax constituido completamente por pêlos pretos; abdômen clavado; primeiro artículo tarsal tão longo quanto o segundo; esquâmula com franja de pequenas cerdas . . . . . *crassipes* Westwood

4 - Antenas inteiramente pretas ou castanho-escuras 5
- Antenas inteiramente vermelhas ou pelo menos em parte 9

5 - Esporão da tíbia posterior muito desenvolvido e encurvado . . . . . *mystaceus* Wiedemann
- Esporão da tíbia posterior pouco desenvolvido . 6

6 - Mistax com pêlos claros 7
- Mistax com pêlos pretos . . . . . *coerulescens* Olivier

7 - Fronte, occipício e pleuras com pêlos amarelos; base da nervura costal recoberta de intensa e curta pilosidade amarela; espécie pequena . . *leucops* Wiedemann
- Fronte, ocipício e pleuras com pêlos predominantemente pretos; base da nervura costal com pêlos pretos; espécies grandes 8

8 - Abdômen com pêlos pretos no primeiro segmento e com brilho metálico pouco intenso . . . . *argyrostomus* Gerstaecker
- Adbômen geralmente com pêlos amarelos no primeiro segmento e quase sempre com brilho metálico muito intenso . . . . . *coerulescens* Olivier

9 - Abdômen inteiramente preto, fosco ou brilhante 10
- Abdômen aveludado com o terceiro e quarto tergitos pretos, sendo os restantes azuis ou verdes . 13

10 - Esporão da tíbia posterior bem desenvolvido; fêmures posteriores muito entumescidos 11
- Esporão da tíbia posterior pouco desenvolvido; fêmures posteriores de grossura moderada . . 12

11 - Face com abundantes pêlos brancos . . . . *mystaceus* Wiedemann

- Face com abundantes pêlos pretos . . . . . *heros* Perty

12 - Abdômen com reflexos azul-metálicos e pêlos amarelos no primeiro segmento; asas alaranjadas *dives* Westwood

- Abdômen com reflexos metálicos pouco intensos e sem pêlos amarelos no primeiro segmento; asas castanho-escuras ou, pelo menos, com essa cor em uma zona mediana . . . . . *rubidapex* Wiedemann

13 - Asas pretas na metade superior; esporão apical das tíbias posteriores, nos machos, de comprimento normal . . . . . *apicalis* Wiedemann

- Asas alaranjadas ou com mancha basal muito clara; esporão apical das tíbias posteriores, nos machos, muito grande e encurvado . . . . . *authorii*, n. sp.

14 - Abdômen alaranjado, exceto o primeiro segmento que é preto, com faixa amarela na margem posterior de cada tergito 15

- Abdômen castanho-escuro com faixa amarela na margem posterior de alguns ou de todos os segmentos 16

15 - Lados dos primeiros tergitos abdominais com intensos reflexos metálicos de cor verde e manchas latero-longitudinais pretas; asas hialinas; densa pruina amarela na cabeça . . . . . *militaris* Gerstaecker

- Lados dos primeiros tergitos abdominais sem tais cores; asas com as nervuras da margem anterior enfumaçadas de castanho; escassa pruina amarela na cabeça . . . . . *rufiventris* Macquart

16 - Abdômen quase inteiramente castanho-escuro, sendo as faixas amarelas muito discretas, apenas mais visíveis nos lados dos tergitos . . . . . *quadrilineatus* Williston

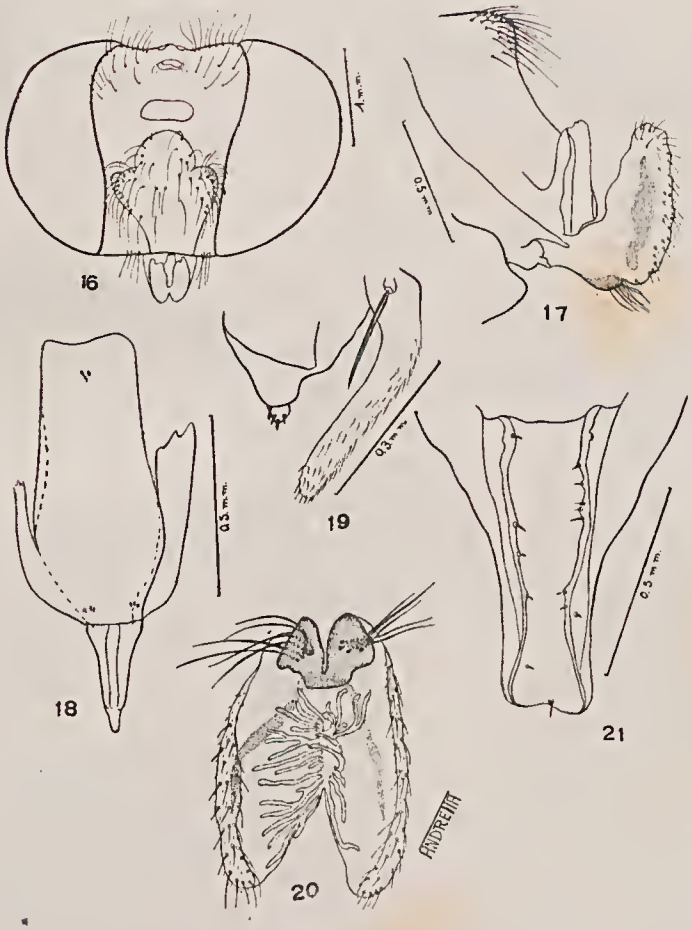
- Abdômen com faixas transversais amarelas muito nítidas, pelo menos em alguns tergitos . . . 17

17 - Todos os tergitos abdominais com a margem posterior amarela; fêmures posteriores entumecidos normalmente 18

- Somente o terceiro, quarto e quinto tergitos abdominais com a margem posterior amarela; fêmures muito entumecidos . . . . . *interruptus* Wiedemann

18 - Região pós-escutelar com duas manchas arredondadas esbranquiçadas; mesonoto com quatro faixas longitudinais de pruina esbranquiçada; pêlos claros no primeiro segmento abdominal . . . *gracilis* Macquart

- Região pós-escutelar sem manchas esbranquiçadas; mesonoto com faixa alaranjada nas margens laterais; pêlos escuros no primeiro segmento abdominal . . . . . *basalis* Westwood



ESTAMPA II

16) *Messiasia carrerai*, n. sp., cabeça vista de frente; 17) Idem, aparelho bucal, vista lateral; 18) Idem, hipofaringe, vista dorsal; 19) Idem, maxilas e palpos maxilares; 20) Idem, labelo, vista ventral; 21) Idem, labro-epifaringe, vista dorsal. (Respectivamente na mesma escala as figuras 18 e 20; 19 e 21).

Não nos foi possivel incluir nesta chave as espécies *nitidulus* Olivier, 1811, *virgatus* Wiedemann, 1829, *tricolor* Wiedemann, 1829, *subinterruptus* Bellardi, 1861, *bitaeniatus* Bellardi, 1861, *annularis* Gerstaecker, 1868, *cleptes* Osten Sacken, 1886, *claripennis* Williston, 1897 e *eupolis* Séguy, 1928. *Mydas chrysites* Osten Sacken, 1886, segundo Séguy (1928) que figurou a genitália da fêmea com uma coroa de espinhos, não deve pertencer ao gênero *Mydas*. Provavelmente tenha sido colocada neste gênero por Osten Sacken devido ter ele examinado apenas espécimes machos.

Mydas clavatus (Drury)

Musca clavata Drury, 1770, p. 103.

Mydas clavatus Westw., 1841, p. 51; Walk., 1854, p. 361; Gerst., 1868, p. 98; Ost. Sack., 1874, p. 174; 1878, p. 85 et 236; Willist., 1893, Tab. IX, f. 5; 1897, p. 54; Hunter, 1901, p. 154; Aldrich, 1905, p. 251; Kert., 1909, p. 36; Greene, 1918, p. 147; Johns., 1930, p. 85.

Nemotelus asiloides Deg., 1776, p. 204.

Biblio filatus F., 1775, p. 757; 1781, p. 412; Illig., 1785-88, p. 169; F., 1787, p. 328;

Musca filata Gmel., 1792, p. 2830;

Mydas filatus F., 1794, p. 252; Latr., 1804, p. 338; F., 1805, p. 60; Oliv., 1811, p. 83; Lam., 1816, p. 426; Wied., 1821, p. 116; Dumér., 1823, tab. 48, f. 8; Wied., 1828, p. 240; 1829, p. 32, 36 et 43; Walk., 1848, p. 228.

Bibio illucens F. (nec L.), 1775, p. 756.

Mydas filatus var. *atratus* Macq., 1838, p. 11; Westw., 1841, p. 51; Gerst., 1868, p. 98.

REDESCRIÇÃO: ♂ ♀. — Comprimento do corpo 25-30 mm.; asa 22-25 mm; antena 5-7 mm.

Cabeça (fig. 27) pouco mais larga que a maior largura do tórax; fronte preto-fosca, exceto no meio onde se encontra o calo ocelar que é brilhante; ocelo pouco distinto; acima do calo ocelar se encontram três quilas de cor preto-brilhante; pilosidade preta mais abundante nos lados e na saliência da base das antenas; vértice preto-fosco, com pilosidade preta; occipício preto-aveludado, com pilosidade preta e uma estreita linha de pruina esbranquiçada bordejando os olhos; barba preta; probóscida desenvolvida e preta; face preto-brilhante com pruina cinza-amarelada nas margens orbitais e espersamente recoberta de pilosidade preta, havendo nos lados alguns pêlos castanhos; antenas (fig. 51) pretas, exceto no último artículo que em grande extensão apical é amarelado e recoberto de pruina da mesma cor; o primeiro artículo é duas vezes o comprimento do segundo, ambos recobertos de pilosidade preta; o terceiro cilíndrico e maior que o quarto que é clavado, chanfrado no ápice e com um minúsculo espinho.

Tórax preto-aveludado, com rara pilosidade preta nos lados do mesonoto, atraz dos calos umerais e na pteropleura; no metatorax que é um pouco saliente há um pequeno tufo de pêlos pretos em baixo.

Pernas preto-brilhantes, recobertas de curta pilosidade preta; tíbias posteriores (fig. 55 e 56) munidas de um forte esporão apical maior que a largura do basitarso ou maior que o comprimento do segundo artículo tarsal. Garras castanhas, pretas no ápice; pulvilos amarelos ou castanhos.

Asas (fig. 86) castanhas, mais escuras ao longo das nervuras, sendo levemente mais claras no ápice e na margem posterior; M4 presente; anal fechada e peciolada; álula castanha, mais clara no centro; esquâmula castanha, com franja de cerdas esquamiformes de cor castanho-escura. Halteres castanho-escuros.

Abdômen preto-aveludado no primeiro segmento e preto-brilhante do terceiro em diante; o segundo tergito amarelo-claro ou alaranjado, havendo em alguns exemplares, neste tergito, u'a mancha preta, irregular, mediana; em outros a cor amarela do segundo tergito se estende tambem pelo terceiro; nas fêmeas existe sobre o oitavo tergito pequena mancha apical amarela; esternitos preto-brilhante, às vezes com as margens posteriors castanhas.

Genitália do macho (fig. 100) preta com longa pilosidade preta. Cada esclerito do 9.º tergito (fig. 124) com a forma de campânula, havendo na porção mediana da sua borda superior uma projeção lanceolada, pouco quitinosa; cerdas longas na sua metade superior; 9.º esternito (fig. 126) mais longo que largo, tendo na margem apical duas expansões mais ou menos claviformes, terminando por uma pequena saliência regularmente esclerosada; cerdosidade fina e longa; o espaço mediano entre as duas expansões tem sua borda inferior convexa e lisa; aedeagus (figs. 145 e 146) relativamente curto com duas extruturas laterais estreitas. Genitália da fêmea (fig. 184 a 186).

Material examinado — 4 ♂♂ e 2 ♀♀ Nos. 20.100 a 20.104 e 62.727 da coleção do Departamento de Zoologia.

Procedência do material — Estados Unidos: Springfield, Mo., julho de 1912 (H. H. Knight); Wilmerding, Pa., agosto de 1906; Meadow Pond, Town Creek, Ala., junho de 1942 (J. Lane); Chicago, julho de 1897; Sherwood, Okla., junho de 1937 (Standish-Kaiser).

Comentários — A distribuição geográfica desta espécie não abrange a região neotrópica. Achamos util, entretanto, incluir a sua redescrição neste trabalho, por se tratar da espécie tipo do gênero.

Considerando-se os caracteres cromáticos de *clavatus* não encontramos em nosso material nenhuma outra espécie que a ela pu-

desse ser relacionada. A morfologia da genitália dos machos mostra-se caracteristica.

Mydas coerulescens Olivier

Mydas coerulescens Oliv., 1811, p. 83; Wied., 1829, p. 33; Westw., 1841, p. 50; Gerst., 1868, p. 95; Becher, 1882, p. 146; Hunter, 1901, p. 154; Kertész, 1909, p. 36.

Mydas giganteus Thunb., 1818, p. 246; Wied., 1821, p. 116; 1824, p. 60; 1828, p. 239; Latr. in Cuvier, 1829, tab. 172; Wied., 1929, p. 36 et 38, tab. 52, f. 1; Macq., 1834, p. 274; Westw., 1841, p. 50; Macq., 1846, p. 58; Walk., 1848, p. 228; Rond., 1850, p. 184; Walk., 1854, p. 363.

REDESCRIÇÃO: ♂ ♀. — Comprimento do corpo 30-45 mm.; da asa 23-42 mm.; da antena 8-11 mm.

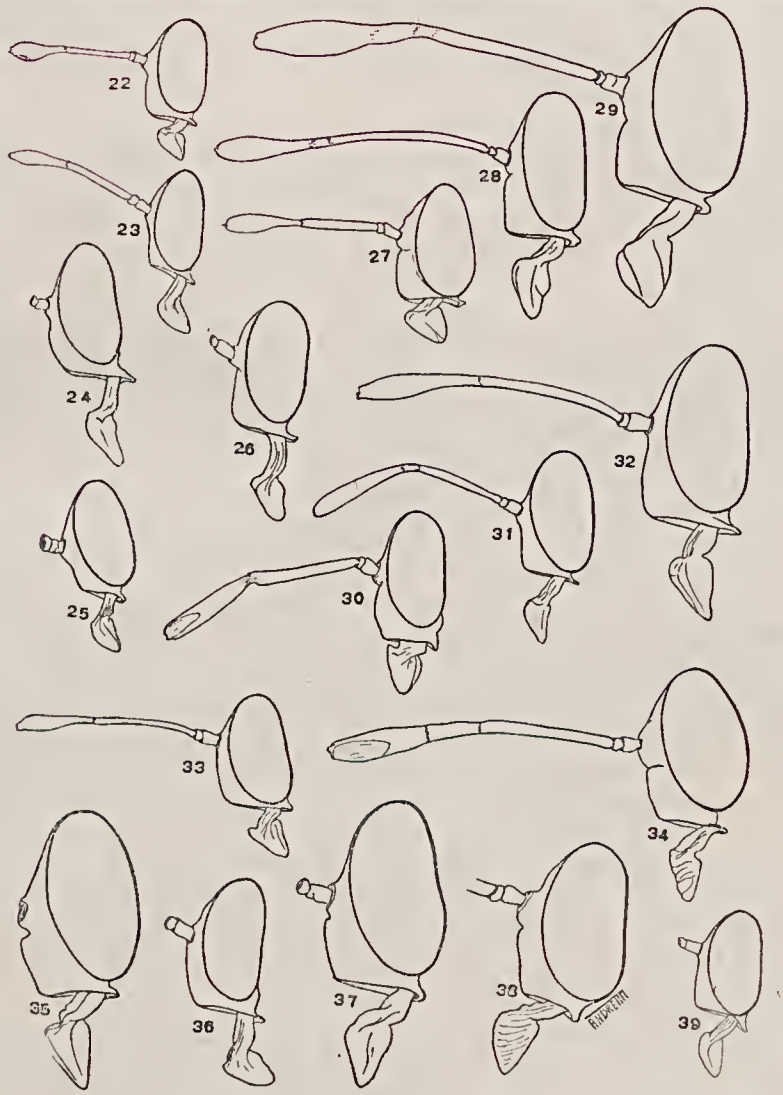
Cabeça (fig. 34) tão larga quanto a maior largura do tórax; fronte preta com pruina esbranquiçada e pilosidade preta, tendo no meio pequena calosidade preto-brilhante com ocelo pouco distinto; vértice preto-fosco com pêlos pretos, nos lados com pruina esbranquiçada e pêlos amarelos, no meio com três quilhas preto-brilhantes; occipício preto com esparsa pruina esbranquiçada e pilosidade preta, havendo nas margens orbitais raros pêlos amarelos; barba rala, preta e com alguns pêlos amarelos; probóscida de cor preto-brilhante; face preto-fosca, nos machos com pilosidade inteiramento amarelo-clara ou preta com alguns pêlos amarelos, nas fêmeas com pilosidade preta e raros pêlos amarelos (nenhum exemplar fêmea da série que examinamos mostra pilosidade inteiramente de cor amarela); antenas (fig. 48) preto-aveludada com ligeira pruina esbranquiçada nos últimos artículos e pilosidade preta no primeiro e segundo; o tamanho do segundo artículo é a metade do primeiro, o terceiro tão longo quanto o quarto que apresenta pequenas cerdas na porção basal.

Tórax: pronoto preto-aveludado com esparsa pilosidade preta; mesonoto preto-fosco com três faixas preto-aveludadas, sendo a mediana muito discreta e as laterais largas anteriormente; pilosi-

ESTAMPA III

22) *Mydas gracilis* Macquart, cabeça vista em perfil; 23) *Mydas basalis* Westwood, cabeça vista de perfil; 24) *Mydas autuorii*, n. sp., cabeça vista em perfil (♀); 25) *Mydas leucops* Wiedemann, cabeça vista em perfil; 26) *Mydas rufiventris* Macquart, cabeça vista em perfil; 27) *Mydas clavatus* (Drury), cabeça vista em perfil; 28) *Mydas apicalis* Wiedemann, cabeça vista em perfil; 29) *Mydas heros* Perty, cabeça vista em perfil; 30) *Mydas crassipes* Westwood, cabeça vista em perfil; 31) *Mydas autuorii*, n. sp., cabeça vista em perfil (♂); 32) *Mydas mystaceus* Wiedemann, cabeça vista em perfil; 33) *Mydas militaris* Gerstaecker, cabeça vista em perfil; 34) *Mydas coerulescens* Olivier, cabeça vista em perfil; 35) *Mydas rubidapex* Wiedemann, cabeça vista em perfil; 36) *Mydas quadrilineatus* Williston, cabeça vista em perfil; 37) *Mydas dives* Westwood, cabeça vista em perfil; 38) *Mydas argyrostomus* Gerstaecker, cabeça vista em perfil; 39) *Mydas interruptus* Wiedemann, cabeça vista em perfil.

dade preta e amarela, sendo variavel a abundância de pêlos amarelos nas margens laterais e anterior (nos machos de face com pilo-



ESTAMPA III

sidade inteiramente amarela, geralmente os pêlos amarelos do mesonoto são abundantes); calo umeral preto-aveludado anteriormente e preto-brilhante no declive posterior, recoberto de pêlos pretos; calos pós-alares pretos e com curta pilosidade preta; escutelo late-

ralmente escavado, preto-aveludado anteriormente e fosco nas margens, com longos pêlos amarelos lateralmente; região pós-escutelar enrugada e preto-aveludada; pleuras pretas, com discreta prina esbranquiçada; ptorepleura com pilosidade preta; metatorax preto, bastante saliente, rugoso com pruina cinza e um tufo de pêlos amarelos inferiormente.

Pernas (fig. 63 a 65) preto-brilhantes, com exceção das coxas que apresentam discreta pruina esbranquiçada; pilosidade preta; alguns pêlos amarelos na face externa da coxa posterior; tíbias posteriores (fig. 64) sem esporão apical, apenas com algumas cerdas (às vezes o esporão em alguns exemplares é vestigial). Garras castanhas com o ápice preto; pulvilos castanhos.

Asas com grande mancha de cor amarela ocupando o têrço basal aproximadamente; o têrço apical e toda a margem posterior transparente; o restante, ocupando uma area mediana mais ou menos triangular, de cor castanho-escura; nervuras de cor castanho-clara; em alguns machos a borda anterior é ligeiramente castanha e de cor amarelo-opaca desde a álula até a base da primeira célula posterior, no restante, isto é, ápice e toda a margem posterior amarelo-transparente; em outros encontra-se entre as manchas amarelo-opacas e amarelo-transparentes uma zona irregular escurecida; tambem em alguns exemplares encontramos a coloração castanha da borda anterior se distribuindo ao longo das nervuras, sendo a álula emarginada dessa mesma cor; em algumas fêmeas há grande mancha preta abrangendo toda a álula e se estendendo irregularmente pela margem anterior até o ápice da célula marginal, sendo no resto castanho-transparente; certos exemplares desse mesmo sexo apresentam o têrço basal da asa amarelo-alaranjado incluindo tambem toda a álula, sendo a porção mediana castanha e o ápice e toda a margem posterior amarelada, porém, transparente, sobressindo-se as nervuras que são todas de cor amarela; nos casos em que as nervuras são castanho-escuras a cor amarela basal é menos intensa e misturada com a cor castanha da porção mediana e o restante igualmente amarelo-transparente; base da nervura costal com pêlos pretos; esquâmula castanho-escura com uma franja de escamas castanhas em mistura com escamas de cor amarela. Halteres castanho-escuros.

Abdômen preto-fosco com reflexos metálicos, às vezes muito intensos, de cor azul ou, segundo a incidência luminosa, verde ou violeta; o primeiro tergito é preto-aveludado e recoberto de densa e longa pilosidade dourada; os tergitos restantes estão recobertos de finos e curtos pêlos pretos; esternitos com a cor metálica mais acentuada devido a escasses da pilosidade que os recobre, sendo a margem posterior de cada um castanho-escura; as fêmeas, às vezes, têm os tergitos abdominais extremamente alargados.

Genitália (fig. 94) do ♂ castanho-escura com pilosidade preta. Cada esclerito do 9.º tergito (fig. 115) é mais ou menos trapezoidal, salientando-se no angulo externo uma ponta pouco aguda e no interno apenas uma pequena saliência; cerdas escassas; 9.º esternito (fig. 129 e 130) mais largo que longo e com a margem inferior do espaço mediano bi-sinuoso e as expansões laterais mais ou menos paralelas e com as extremidades bi-lobadas; aedeagus (figs. 142 e 143) relativamente largo, sendo as extruturas laterais curtas, mas mais expandidas que em *clavatus*.

Material examinado — 11 ♂♂ e 16 ♀♀, sendo pertencentes ao Departamento de Zoologia os espécimes de números 20.105 a 20.120 e 20.125.

Procedência do material — Brasil: Estado do Rio de Janeiro, Itatiaia, 700 metros, março e abril de 1932 e 1934 (J. F. Zikan) e (Walter Zikan); Estado de Mato Grosso, Maracaju, junho de 1937 (S. F. A.); Estado de Minas Gerais, março de 1940 (A. V. Martins); Estado de São Paulo, Batatais, abril de 1945 (Pde. F. S. Pereira); Atibaia, abril e maio de 1949, abril de 1950 (F. Laureano). Dois casais em cópula: exemplares Nos. 20.110, 20.111, 20.112 e 20.113. O material capturado em Atibaia foi encontrado sobre ninhos de formiga saúva (*Atta* spp., Hymenoptera, Formicidae).

Comentários — Esta espécie varia extraordinariamente, entre outros caracteres, no colorido metálico do abdômen e nas manchas das asas, conforme tivemos ocasião de constatar pelo exame que fizemos em material relativamente abundante.

Como os autores antigos não dispunham de material suficiente, naturalmente não puderam verificar esta variabilidade e, portanto, nada mais razoavel do que a confusão existente em torno desta espécie.

Mydas coerulescens foi descrita sucintamente por Olivier em 1811, assinalando a cor azul-marinho-brilhante do abdômen e a cor das asas, brunas com a borda posterior transparente. Em 1818, Thunberg, assinala estes mesmos caracteres para a espécie que descreveu como *giganteus*. Em 1828, Wiedemann, redescreveu como giganteus uma das variedades que apresenta o abdômen com reflexos azul-esverdeados e asa castanha com a margem interna amarelada, no que difere da forma que fôra descrita por Thunberg em 1818. Em 1829, Wiedemann, sem tomar em conta a prioridade de *coerulescens* considera o macho desta espécie como pertencente a *giganteus*. Westwood, em 1841, não aceita a conclusão de Wiedemann em vista de ter examinado um exemplar macho com o abdômen inteiramente preto. Em 1846, Macquart, considera como uma variedade de *giganteus* um exemplar fêmea que se distinguia por

apresentar a barba branca, esparsa e mistax de um amarelo pálido sedoso, e por mua grande mancha amarelo-claro na base das asas. Em 1854, Walker considera *coerulescens* como uma variedade duvidosa de *giganteus* o que deveria ser o oposto, em vista da prioridade de *coerulescens*. Em 1868, Gerstaecker, inclue *coerulescens* entre as espécies que têm esporão no ápice da tibia posterior e a M4 presente, colocando acertadamente *giganteus* na sinonímia de *coerulescens*.

Todas estas formas descritas e assinaladas pelos autores acima citados foram encontradas no material de procedências diversas, constando de 27 exemplares que examinamos.

Espécimes com caracteres de transição e a dissecção da genitália de ambos os sexos, absolutamente iguais nos seus detalhes, nos levaram a concluir que *coerulescens* e *giganteus* são uma unica e mesma espécie.

Mydas coerulescens é próxima de *Mydas heros* Perty dela se distinguindo principalmente pela ausência de esporão apical nas tíbias posteriores, pela coloração das asas, pela cor e pilosidade do mesonoto e pela menor espessura dos fêmures posteriores.

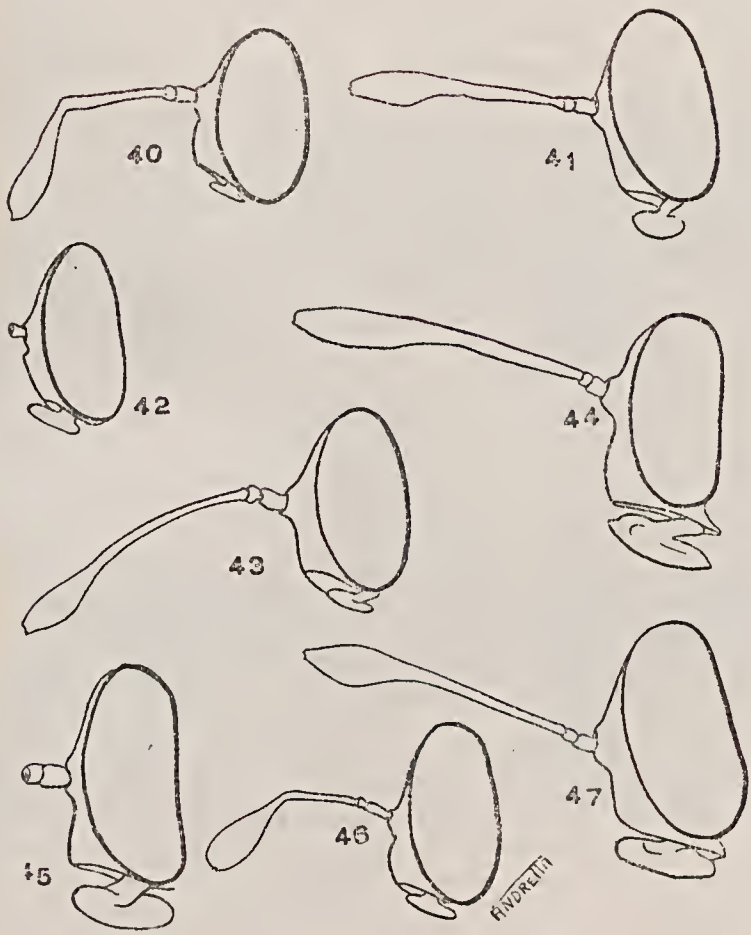
Mydas leucops Wiedemann

Mydas leucops Wied., 1829, p. 36 et 45, tab. 53, f. 10; 1830, p. 628; Westw., 1841, p. 52; Walk., 1854, p. 364; Gerst., 1868, p. 96; Hunter, 1901, p. 154; Kertész, 1909, p. 38.

REDESCRIÇÃO: ♂. — Comprimento do corpo 23 mm.; da asa 18 mm.; da antena 6,5 mm.

Cabeça (fig. 25) mais larga que a maior largura do tórax; fronte preta, com pilosidade preta em mistura com pêlos amarelos nos lados, sendo mais abundante nas calosidades da base das antenas, com estreita faixa de pruina amarelada nas margens oculares; calo ocelar com um distinto ocelo, tendo atraz três quilhas de cor preto-brilhante; vértice preto, revestido de pruina castanha e pilosidade da mesma cor; occipicio preto, recoberto de pruina castanha e esparsos pêlos amarelados em mistura com alguns pretos; probóscida preta; face preta e densamente revestida de pêlos amarelados na porção mediana e de pruina amarelada nas margens oculares; antenas pretas, exceto no têrço apical, inferiormente, que é castanho; pêlos pretos no primeiro e segundo artículos; o primeiro artículo é duas vezes maior que o segundo, o terceiro é cilindrico e pouco maior que o quarto.

Tórax preto; mesonoto esparsamente recoberto de pruina castanha, com duas faixas longitudinais, medianas, de cor preta, aveluladas e pouco distintas; pilosidade amarela, mais abundante ante-



ESTAMPA IV

40) *Messiasia carrerai*, n. sp., cabeça vista em perfil; 41) *Messiasia lanei*, n. sp., cabeça vista em perfil; 42) *Messiasia punicea* (Séguy), cabeça vista em perfil; 43) *Messiasia notospila* (Wiedemann), cabeça vista em perfil; 44) *Messiasia decor* (Osten Sacken), cabeça vista em perfil; 45) *Messiasia polita* (Wiedemann), cabeça vista em perfil; 46) *Messiasia dalcyana*, n. sp., cabeça vista em perfil; 47) *Messiasia zikani*, n. sp., cabeça vista em perfil.

riormente e logo depois dos calos umerais, sendo curta e esparsa sobre os calos pós-alares; calos umerais densamente recobertos de pruina castanha e com pêlos amarelos e pretos misturados; escutelo recoberto de pruina castanha e com raros pêlos amarelos marginais; região pós-escutelar enrugada e com esparsa pruina castanha, pleuras recobertas de pruina castanha e com pilosidade amarela em mistura com preta na própleura e pteropleura; metatorax rugoso, recoberto de pruina castanha, com uma projeção mamiliforme atraz dos halteres e um turo de pêlos amarelos em baixo.

Pernas castanho-escuras, brilhantes, exceto as coxas que são recobertas de pruina castanha e longos pêlos amarelos em mistura com pretos no primeiro e segundo par; ápice das tíbias posteriores com pequeno esporão apical que não ultrapassa em comprimento a largura do primeiro artículo tarsal; pilosidade preta recobrindo as tíbias e tarsos. Garras castanhas com a base e o ápice pretos; pulvilos castanhos.

Asas com o ápice e a margem posterior amareladas e transparentes, sendo o restante de cor castanha, com zonas irregulares castanho-escuras; base da nervura costal com intensa pilosidade amarela; esquâmula castanho-escura com franja de escamas da mesma cor. Halteres castanho-escuros.

Abdômen: primeiro tergito preto, recoberto de esparsa pruina castanha e pilosidade amarelo-clara, abundante e longa nos lados; os tergitos restantes, bem como todos os esternitos são de cor azul-violácea com brilho metálico, às vezes mudando para o verde ou intensamente violáceo de acordo com a incidência luminosa; curta e esparsa pilosidade amarela recobre todos os tergitos, sendo preta a pilosidade dos esternitos.

Genitália do ♂ (fig. 97) castanho-escura, brilhante, com pêlos amarelos em mistura com alguns pretos. Os escleritos do 9.º tergito (fig. 114) e 9.º esternito (fig. 131) são semelhantes aos de *coerulescens*, apenas com a projeção digitiforme mais esclerosada no 9.º tergito.

Material examinado — 1 ♂ da coleção do U. S. National Museum de Washington.

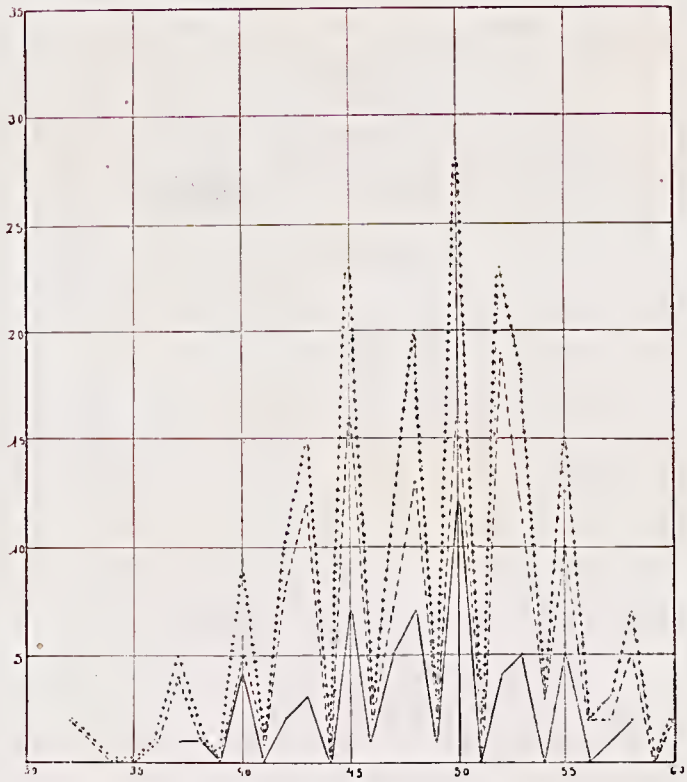
Procedência do material — Brasil: Estado de Sergipe, Estância, dezembro de 1929 (R. C. Shannon).

Comentários — Esta espécie é muito parecida com *coerulescens*, mas o seu porte minúsculo, apenas 23 mm., nos indica tratar-se de uma espécie diferente. O carácter que mais se sobressai para diferenciar uma espécie da outra é a pilosidade na base da nervura costal que em *leucops* é amarela e em *coerulescens* é sempres preta.

Papéis Avulsos do Dept. de Zoologia
Vol. X, N.º 1 (1951)

PRANCHA I

196 e 197) *Mydas heros* Perty, casal apanhado em cópula, o ♂ com pêlos amarelos no 1.º segmento abdominal e a ♀ com pêlos pretos; 198 e 199) Idem, casal apanhado em cópula, ambos os sexos apresentando pêlos pretos no 1.º segmento abdominal.



PRANCHA II

Gráfico comparativo do comprimento do corpo do ♂ de *Mydas heros* Perty, tomado de 203 exemplares, com ou sem faixa de pêlos amarelos no primeiro segmento do abdômen (as linhas cheias indicam os espécimes com faixa de pêlos amarelos, as linhas interrompidas os espécimes sem faixa de pêlos amarelos e as linhas em cruzetas o total). Os números na linha vertical correspondem ao número de exemplares; na horizontal o comprimento do corpo em milímetros.

Mydas heros Perty

Mydas heros Perty, 1830-4, p. 183, tab. 36, f. 11; Westw., 1841, p. 50; Walk., 1854, p. 363; Gerst., 1868, p. 94; Hunter, 1901, p. 154; Kertész, 1909, p. 38; Zikan, 1942, p. (sep. 1-7); Carrera, 1944, p. 440; Zikan, 1944, p. 54.

Mydas praegrandis Austen, 1909, p. 130; 1910, p. 17, Tab. 15, f. 4; Bezzi, 1917, p. 289.

Redescrição: ♂ ♀. — Comprimento do corpo 32-60 mm.; da asa 27-49 mm.; da antena 10-15 mm.

Cabeça (figs. 3 e 29) tão larga quanto a maior largura do tórax; fronte mais larga ao nivel das antenas do que no vértice, inteiramente preta, fosca, exceto no meio, onde está situado o calo ocelar que é brilhante; um ocelo pouco distinto; acima deste existem três quilhas também preto-brilhantes; pilosidade inteiramente preta situada sobre a base das antenas, que é saliente nos lados; vértice preto-fosco com pilosidade preta; occipício preto-aveludado com pilosidade preta semelhante aquela existente sobre a fronte; segundo a incidência luminosa a pruina do occipício, em baixo, torna-se cinzenta e, em cima, apenas em uma linha bordejando os olhos; barba preta; probóscida desenvolvida com o labelo bastante quitinoso, tão grande quanto o resto da probóscida; labro-epifaringe, maxilas, palpos, hipofaringe e labium representados nas figuras 2 a 5, 8, 12, 13 e 15; entre a saliência facial e a saliência das antenas existe um profundo sulco que se insinua pela fossa tentorial; a porção facial da base das antenas não apresenta pêlos, mas sobre ela encontra-se pruina cinza; a porção saliente da face é completamente revestida de longa pilosidade preta, havendo nos lados alguns pêlos de cor castanha; antenas com os dois primeiros artículos pequenos e pretos, sendo o primeiro duas vezes maior que o segundo, revestido de pilosidade preta, o terceiro e o quarto vermelho-laranja, sendo na articulação do terceiro com o quarto de cor escura; às vezes o terceiro e a metade do quarto é todo preto; o terceiro é cilíndrico, o quarto é clavado e de tamanho igual ao do terceiro com uma depressão ocupando o têrço apical; minúculos pêlos pretos se encontram na porção mediana desse articulo.

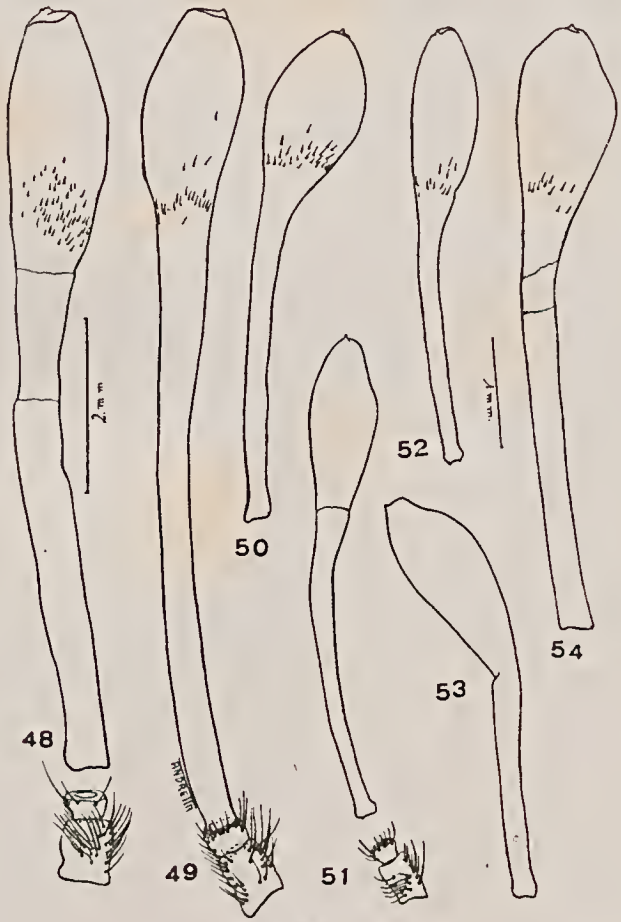
Tórax: prótorax preto com pilosidade da mesma cor; prosterno com alguma pruina cinza; mesonoto com os calos umerais muito salientes, preto-aveludados e com pilosidade preta, exceto no declive posterior que é brilhante; o resto do mesonoto é de cor preto-aveludada, com pruina cinza disposta em quatro faixas, iniciando-se as laterais atraz dos calos umerais e indo até a sutura escutelar, as medianas são pouco nitidas anteriormente quase fundidas antes da sutura escutelar; pilosidade preta existe nos lados,

ao redor dos calos umerais e nas margens laterais até a inserção das asas; nos calos pós-alares também se encontra alguma pilosidade preta; sutura escutelar profunda; escutelo pequeno, lateralmente escavado, preto-aveludado com muito escassa pruina cinza, tendo em sua margem pêlos castanho-escuros ou amarelos; região pós-escutelar preto-aveludada, tendo no meio da margem posterior duas pequenas saliências rugosas; pleuras pretas com pruina cinza e pilosidade preta na pteropleura; metatorax preto, bastante saliente, com pruina cinza e tendo inferiormente um pequeno tufo de pêlos amarelo-dourados.

Pernas (figs. 61 e 62, 66 a 69): coxas com pruina cinza e pilosidade preta; trocanteres preto-brilhantes; fêmures anteriores e medianos sub-iguais em comprimento e com moderada pilosidade preta; fêmures posteriores muito desenvolvidos e grossos; pilosidade preta mais abundante; tíbias anteriores e medianas muito mais pilosas que os fêmures e com discreta pruina cinza; tibias posteriores pouco menores que os fêmures, arqueadas e com um esporão bem desenvolvido no ápice; tarsos do primeiro e segundo par de pernas com os quatro primeiros artículos subiguais, sendo o quinto artículo de tamanho igual ao segundo, terceiro e quarto reunidos; tarsos do par posterior com o primeiro artículo tão longo quanto o segundo e terceiro reunidos, o quinto pouco menor que o primeiro; pilosidade preta e algumas cerdas apicais em todos os artículos. Garras castanho-escuras na base, pretas no ápice; pulvilos de cor castanha.

Asas (fig. 89) castanhas, com larga margem posterior e todo o apíce hialino; o limite da porção escura com a transparente é irregular; forte tom violáceo, de acordo com a incidência luminosa. é visível em toda a sua superfície superior; nervuras castanho-escuras nas regiões escuras e mais claras nas transparentes; muitas vezes as asas apresentam coloração amarela muito clara na base que se estende também pela álula; existem exemplares nos quais a coloração castanha é muito acentuada ao longo das nervuras longitudinais, deixando no meio das células regiões mais claras; a intensidade da coloração castanha pela superfície da asa também é variavel, havendo espécimes com asas intensamente escuras e outros com asas quase inteiramente castanhas, porém transparentes; em alguns espécimes a cor castanha se distribue ao longo das nervuras, deixando o restante de cor amarelo-leitoso; M4 presente (no exemplar N.º 62.725 a nervura M4 é completamente ausente); membrana da asa com rugosidades transversais bem pronunciadas; álula castanha, bordejada de tonalidade mais escura; esquâmula castanho-escura, com uma franja de cerdas esquamiformes. Halteres castanho-escuros.

Abdômen preto, sendo os reflexos metálicos muito tenues, mas em alguns exemplares muito nítido; o primeiro segmento revestido de longa pilosidade amarelo-clara ou castanho-escura; nos segmen-



ESTAMPA V

48) *Mydas coerulescens* Olivier, antena; 49) *Mydas apicalis* Wiedemann, antena; 50) *Mydas gracilis* Macquart, antena (3.º e 4.º artículos); 51) *Mydas clavatus* (Drury), antena; 52) *Mydas decor* (Osten Sacken), antena (3.º e 4.º artículos); 53) *Mydas interruptus* Wiedemann, antena (3.º e 4.º artículos); 54) *Mydas militaris* Gerstaecker, antena (3.º e 4.º artículos). (Respectivamente na mesma escala as figuras 48, 49 e 51; 50 e 52 a 54).

tos restantes há curta pilosidade preta; ventre semelhante ao dorso; nos espécimes que apresentam pilosidade amarela no primeiro segmento, o segundo tergito se mostra recoberto de fina e curta pilo-

sidade amarela mais escura; nos espécimes de pilosidade escura no primeiro segmento o segundo tergito somente tem curtos pêlos pretos.

Todos os exemplares muito engordurados mostram a coloração das asas muito diluida, isto é, sem limites nitidos entre as partes escuras e claras. Também esses exemplares apresentam o mesonoto, escutelo, região pós-escutelar, pleuras e o primeiro segmento abdominal de cor preta brilhante ao envez de preto-aveludado; os desenhos pruinosos do mesonoto desaparecem. Os pêlos castanhos em sua maioria tornam-se mais escuros, quase pretos.

Genitália do ♂ (fig. 95) — Esclerito do 9.º tergito (figs. 106 a 109 e 111 a 113) trapezoidal com projeção digitiforme no angulo externo dirigida para fora e os cantos internos arredondados; cerdas curtas e esparsas; 9.º esternito (figs. 136 e 139) mais largo que longo com a margem inferior do espaço mediano bi-lobado, esclerosado e com grossas cerdas, sendo as projeções laterais pouco desenvolvidas, esclerosadas e terminando em duas saliências, sendo maior a que se dirige para dentro; aedeagus (fig. 151) relativamente largo e com as estruturas laterais longas. Genitália da ♀ figuras 187 a 189.

Material examinado —207 ♀♀ e 40 ♂♂, sendo os de números 20.136 a 20.225, 62.719, 62.721 a 62.723, 62.725 e 62.726 pertencentes à coleção do Departamento de Zoologia.

Procedência do material — Brasil: Estado do Rio de Janeiro, Itatiaia, 700-800 mts., março de 1927, fevereiro de 1933, março de 1934, março de 1937, fevereiro de 1938 e 1939, março e abril de 1941, fevereiro e março de 1942, março e abril de 1943, fevereiro, março e abril de 1944, fevereiro e março de 1945, fevereiro de 1947, abril de 1948 (J. F. Zikan e W. Zikan); Deodoro, maio de 1940 (J. F. Zikan); Kilometro 47 da Estrada Rio-São Paulo, fevereiro de 1942 (W. Zikan); Jacarepagua, 1936 (Conceno), 1926 (J. R. A.); Valparaizo, 450 metros, fevereiro de 1933(J. F. Zikan); Nova Iguassu (R. F. Almeida); Petropolis (R. Arp); Capital, 1929 (Vielon & M. Ribeiro), abril de 1935 (Sanding); Guapi, março de 1935 (Sanding); Estado de Minas Gerais, Lavras (E. S. A. L.); Araguari, março de 1930 (R. Spitz); Cambuquira, fevereiro de 1941 (Lopes & Gomes); Pati do Alferes, fevereiro de 1936 (Ulisses Lopes); Belo Horizonte, fevereiro de 1940 (L. Evangelista); Mar de Espanha, janeiro e fevereiro de 1908, fevereiro de 1911 (J. F. Zikan); Paracatu, Virginia, 900 metros, fevereiro de 1919 (J. F. Zikan); Passa Quatro, 915 metros, fevereiro de 1912 e 1922, abril de 1922, março de 1923 (J. F. Zikan); Estado de Goias, São Domingos, abril de 1950 (G. Terracioli); Goias, novembro de 1906 (Baer); Estado de Mato Grosso, sem localidade, fevereiro de 1937; Estado do Espirito Santo, sem localidade, 1906 (E. Garbe); Estado

do Amazonas, Borba Guajara, agosto de 1945 (Parko); Estado de São Paulo, Monte Alegre, março de 1944 (J. L. Lima); Mogi das Cruses, abril de 1932 (J. L. Lima); Itatiba, abril de 1926; Capital, março de 1922 (R. Spitz), março de 1936 e 1939 (Zelibor); Campos do Jordão, março de 1938 (L. Travassos Filho); Angatuba, março de 1917 (Azevedo Marques); Itaquaquecetuba, março; Campinas, março de 1937 (R. Fernandes); São José dos Campos, abril de 1935 (L. Vieira); Pirapitingui, abril de 1931 (Hempel); São Sebastião (Barbiellini); Atibaia, março de 1950 (F. Laureano). Republica da Colombia: Muzo (H. Apolinar).

Comentários — Não temos dúvida de que *Mydas praegrandis* Austen, 1909, é a mesma espécie descrita por Perty em 1830. A separação destas espécies se fazia, principalmente, pela presença de pêlos amarelos no primeiro tergito do abdômen em *heros* e pêlos pretos em *praegrandis*. Esta diferença cromática não deve ser tomada em consideração porque existem espécimes que apresentam essa pilosidade de cor castanha, tendendo às vezes para o amarelo, às vezes para o preto. Além disso, como fator decisivo, possuimos cinco casais apanhados em cópula, havendo entre eles dois machos com pêlos amarelos em cópula com fêmeas de pêlos pretos (Prancha I, figs. 196 a 199). As dissecções da genitália e comparação minuciosa de suas peças, nenhum elemento nos forneceu para considera-las separadamente (figs. 106 a 109 e 111 a 113).

Cumpre-nos assinalar ainda, que o tamanho verificado para esta espécie (Prancha III, figs. 200 a 202), quer nas formas com pilosidade amarela, quer nas formas com pilosidade castanha ou preta, varia extraordinariamente, indo de 32 a 60 milímetros, conforme se pode deduzir dos gráficos aqui representados. (Pranchas II e IV).

Mydas rubidapex Wiedemann

Mydas rubidapex Wied., 1829, p. 36 et 40, Tab. 52, f. 2; 1830, p. 626; Westw., 1841, p. 51; Walk., 1854, p. 361; Bell., 1861, p. 5; Gerst., 1868, p. 96; Schiner, 1868, p. 153; Brauer, 1885, p. 387, f. 2; Ost. Sack., 1886, p. 70; Willist., 1897, p. 55; Hunter, 1901, p. 154; Willist., 1901, p. 267;

Redescrição: ♂. — Comprimento do corpo 30-38 mm.; da asa 24-34 mm.; da antena 10 mm.

Cabeça (fig. 35) mais larga que a maior largura do tórax; fronte preta com pilosidade preta mais densa nos lados da base das antenas; calo ocelar preto-brilhante como também três quilhas que se situam próximo do vértice; vértice preto com pilosidade preta; occipício preto com pilosidade preta e pruina cinza na margem ocular inferiormente; barba esbranquiçada com alguns pêlos pretos misturados; probóscida castanho-escura; face preta com pruina

cinza na base das antenas e na margem dos olhos; porção gibosa da face revestida de pilosidade branca e preta misturada; primeiro e segundo artículo das antenas pretos e com pêlos pretos; terceiro e quarto amarelo-avermelhados; o primeiro tão longo quanto duas vezes o segundo; o terceiro cilindrico; o quarto um pouco entumecido e menor que o terceiro.

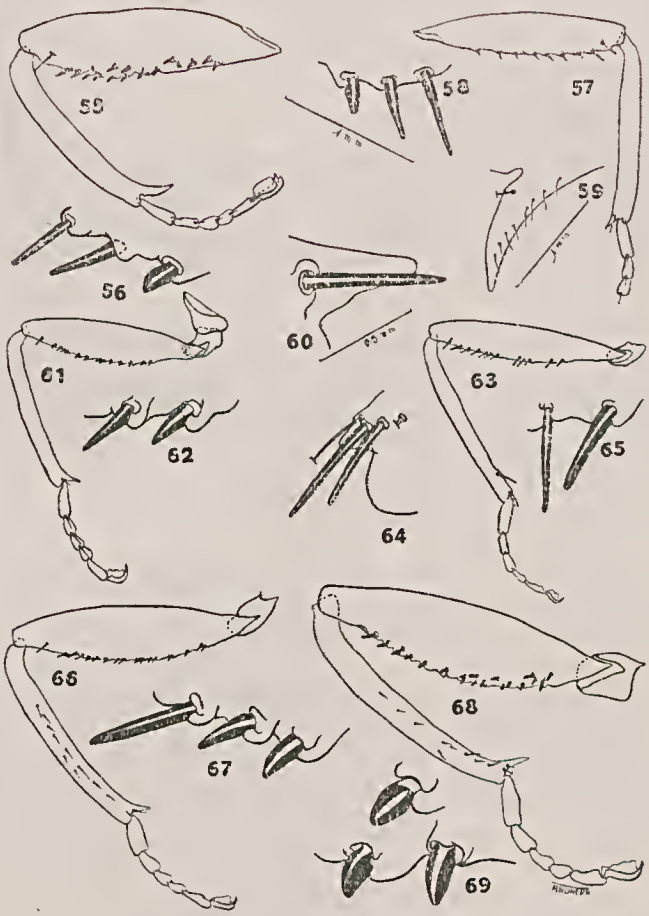
Tórax: pronoto preto-aveludado com pilosidade preta e branca inferiormente; mesonoto preto-aveludado com esparsa pruina cinzenta, formando faixas muito pouco nítidas, sendo entretanto na raiz das asas muito visiveis; pilosidade preta mais abundante sobre a margem anterior, calos umerais, margens laterais e calos pós-alares; escutelo preto-aveludado com pilosidade ruiva lateralmente; região pós-escutelar preto-aveludada; pleuras pretas com esparsa pruina cinza; pteropleura com pilosidade preta, havendo às vezes alguns pêlos brancos; metatorax com uma projeção mamiliforme revestida de pruina cinza, abaixo da qual se encontra um tufo de pêlos brancos.

Pernas pretas com pilosidade preta; as coxas estão revestidas de pruina cinza, havendo nas posteriores alguns pêlos brancos superiormente; esporão apical das tíbias posteriores tão longo quanto quase toda a largura do primeiro tarso. Garras castanhas com o ápice preto; pulvilos amarelos.

Asas: os dois exemplares examinados apresentam asas diferentes. Um deles mostra o extremo basal preto, uma grande mancha amarela que se estende desde a metade da borda anterior até a porção marginal da região anal, ápice e quase toda a margem posterior castanho-transparente, e, entre a mancha amarelo-opaca e a parte castanha transparente, existe uma zona irregulr sombreada de castanho-escuro; só a margem da álula é amarela, no resto é escura. O outro exemplar apresenta asas quase totalmente pretas, ficando apenas mais claro o ápice e parte da margem posterior. M4 presente; esquâmula castanha com franja de escamas castanhas. Halteres castanhos.

Abdômen preto com reflexos azul-metálicos pouco intensos; primeiro segmento preto-aveludado com pilosidade castanha, os restantes apresentando pequena pilosidade preta; esternitos preto-brilhantes, com reflexos azul-metálicos intensos; pilosidade preta mais esparsa.

Genitália do ♂ (fig. 105). — Esclerito do 9.º tergito (fig. 110) mais ou menos quadrangular com uma longa projeção digitiforme esclerosada; cerdas esparsas no têrço apical; 9.º esternito (fig. 133) tão largo quanto alto, margem inferior do espaço mediano com dois lobos pouco esclerosados e com algumas cerdas na sua base; projeções laterais com duas pequenas saliências, sendo a externa



ESTAMPA VI

55) *Mydas clavatus* (Drury), perna posterior; 56) Idem, detalhe da face inferior do fêmur; 57) *Mydas apicalis* Wiedemann, perna posterior; 58) Idem, detalhe da face inferior do fêmur; 59) Idem, ápice da tíbia posterior; 60) *Mydas dives* Westwood, ápice da tíbia posterior; 61) *Mydas heros* Perty, perna posterior de um exemplar de tamanho pequeno; 62) Idem, detalhe da face inferior do fêmur; 63) *Mydas coerulescens* Olivier, perna posterior; 64) Idem, ápice da tíbia posterior; 65) Idem, detalhe da face inferior do fêmur; 66) *Mydas heros* Perty, perna posterior de um exemplar de tamanho médio; 67) Idem, detalhe da face inferior do fêmur; 68) Idem, perna posterior de um exemplar de tamanho grande; 69) Idem, detalhe da face inferior do fêmur. (Na mesma escala as figuras 56, 58, 62, 64, 65, 67 e 69).

aguda e a interna bi-lobada; cerdas esparsas; aedeagus (fig. 157) cónico com as estruturas laterais arredondadas.

MATERIAL EXAMINADO — 2 ♂♂, um da coleção do U. S. National Museum de Washington e outro da coleção do Departamento de Zoologia sob o n.º 20.122.

PROCEDÊNCIA DO MATERIAL — Venezuela (C. V. Riley).

COMENTÁRIOS — Conforme Schiner já assinalou esta espécie dificilmente se distingue de *mystaceus*. Entretanto, a montagem da genitália dos dois exemplares que consideramos como *rubidapex* apresentam estruturas muito diferentes daquela pertencente a um espécime que identificamos como *mystaceus*.

Mydas mystaceus Wiedemann

Mydas mystaceus Wied., 1829, p. 36 et 40, Tab. 52, f. 3 a-b; 1830, p. 626; Westw., 1841, p. 51; Walk., 1854, p. 365; Gerst., 1868, p. 94; Hunter, 1901, p. 154; Aldrich, 1905, p. 252; Kestész, 1909, p. 39.

REDESCRIÇÃO: ♂. — Comprimento do corpo 38 mm.; da asa 30 mm.; da antena 9 mm.

Cabeça (fig. 32) mais larga que a maior largura do tórax; fronte preta, com pêlos pretos, mais abundantes na base das antenas onde também se encontram alguns pêlos claros, tendo no centro o calo ocelar com um ocelo distinto; acima do calo ocelar existem três quilhas preto-brilhantes; vértice preto com pilosidade da mesma cor; occipício preto com pruina esbranquiçada bordejando a órbita ocular; pilosidade esparsa e preta; probóscida preto-brilhante; face preta com pruina amarelada sobre a calosidade antenal e nas margens orbitais, recoberta de pilosidade preta em mistura com amarela no meio e mais esparsamente nos lados; antenas pretas, com discreta pruina amarelada no último artículo; primeiro artículo duas vezes e meia o comprimento do segundo; ambos com pilosidade preta; terceiro artículo cilíndrico e pouco maior que o quarto que é clavado e chanfrado na extremidade.

Tórax preto-aveludado com três faixas preto-foscas e pequena mancha de pruina cinza sobre a raiz das asas; pilosidade preta encontra-se atraz dos calos umerais, nos lados do mesonoto e atraz dos calos pós-alares; região pós-escutelar preto-aveludada e enrugada; pleuras pretas com discreta pruina esbranquiçada; pilosidade preta encontra-se na mesopleura; metatorax preto, bastante saliente, rugoso, tendo em cima pêlos pretos e em baixo pêlos amarelos.

Pernas pretas, brilhantes e recobertas de pilosidade preta; tíbias posteriores com esporão apical tão longo quanto duas vezes a largura do primeiro artículo tarsal. Garras pretas; pulvilos castanhos.

Asas com reflexos violáceos segundo a incidência de luz, castanho-escuras na base e em grande extensão da margem anterior, sendo a margem posterior e parte da porção apical mais clara; M4 presente; esquâmula castanho-escura com margem clara e franja de escamas castanho-claras. Halteres castanho-escuros.

Abdômen preto-aveludado com discreta tonalidade azulada nos últimos segmentos; primeiro tergito com pilosidade preta em mistura com curtos e raros pêlos amarelos; segundo tergito com muita curta pilosidade amarela; do terceiro tergito em diante a pilosidade é inteiramente preta; esternitos como os tergitos, apenas mais brilhantes e com toda a pilosidade de cor preta.

Genitália do ♂ (fig. 96): escleritos do 9.º tergito (fig. 118) de forma triangular com ápice agudo, esclerosado e encurvado para fora; longa cerdosidade marginal; na porção mediana com cerdas curtas; 9.o esternito (fig. 138) bastante largo; projeções laterais curtas e com três pequenas saliências, sendo uma interna e esclerosada; a margem interior do espaço mediano compreendido entre as duas projeções é bi-lobado e com cerdas muito longas; aedeagus (fig. 158) enrugado apicalmente e com estruturas laterais muito reduzidas.

Material examinado — Um ♂ N.º 20.123 na coleção do Departamento de Zoologia.

Procedência do material — Brasil: Estado de Santa Catarina, Joinvile (Brückner).

Comentários — Esta espécie, segundo nossa interpretação, separa-se de *rubidapex* pela presença de um enorme esporão no ápice da tíbia posterior e pela forma da genitália do macho. Os caracteres da genitália do ♂ de *mystaceus* diferenciam-na nitidamente de *Mydas heros*, com a qual tambem apresenta certa semelhança.

Mydas dives Westwood

Mydas dives Westw., 1841, p. 50, Tab. 13, f. 1; Walk., 1848, p. 228; 1854, p. 363; Gerst., 1868, p. 94; Ost. Sack., 1886, p. 70; Willist., 1897, p. 55; Hunter, 1901, p. 154; Aldrich, 1905, p. 251; Kertész, 1909, p. 37; Curran, 1934, p. 326.

Redescrição: ♂ ♀. — Comprimento do corpo 38-40 mm.; da asa 32-34 mm.; da antena 13 mm.

Cabeça (fig. 37) mais larga que a maior largura do tórax; fronte e vértice preto-aveludado com pêlos pretos; calo ocelar preto-brilhante com ocelo pouco distinto, tendo atraz três quilhas preto-brilhantes; occipício preto com pilosidade preta e uma estreita faixa de pruina castanha bordejando os olhos; barba rala de cor

amarela e preta; probóscida preta; face preto-aveludada com pilosidade preta em mistura com alguns pêlos esbranquiçados nos lados (nas fêmeas só há pilosidade preta); sob a calosidade antenal há pruina acinzentada se estendendo pelas margens da abertura bucal; antenas pretas nos dois artículos basais e recobertos de pilosidade preta, terceiro e quarto artículos alaranjados; o primeiro artículo duas vezes o tamanho do segundo, o terceiro cilíndrico, o quarto clavado e pouco menor que o terceiro.

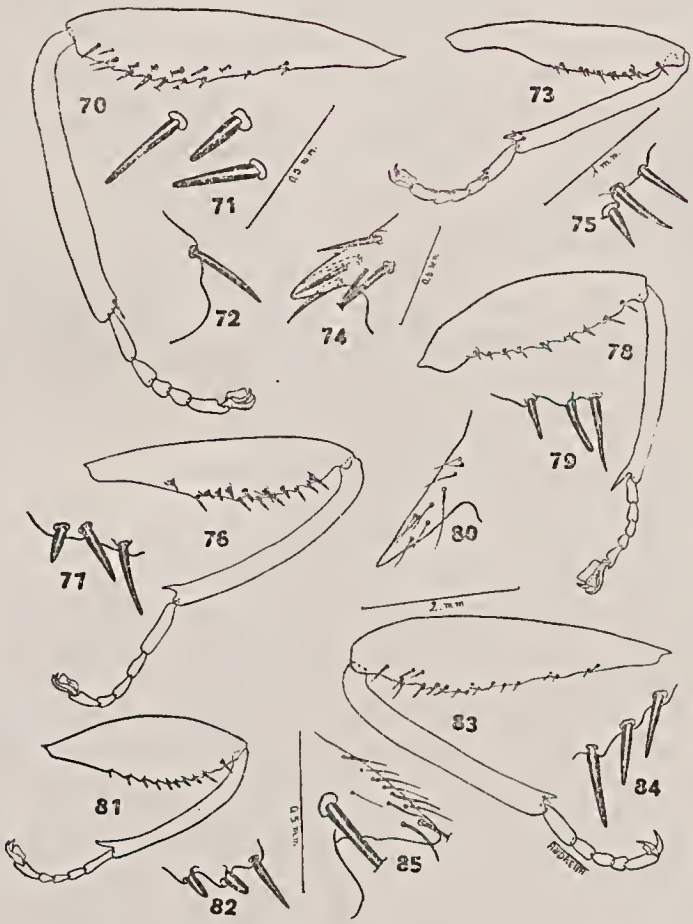
Tórax: pronoto preto-aveludado com alguns pêlos pretos; mesonoto preto-avelulado com uma faixa longitudinal, mediana, pouco visivel, de pruina cinza e duas manchas dessa mesma pruina na raiz das asas; pilosidade preta encontra-se nos calos umerais, nas margens laterais e sobre os calos pós-alares; nas ♀ ♀ há porém pilosidade amarela situada nos lados dos calos umerais e muito escassa nos lados dos calos pós-alares; escutelo preto-aveludado anteriormente, fosco posteriormente, tendo nas margens pêlos pretos em mistura com alguns amarelos; região pós-escutelar preto-aveludada; pleuras pretas com esparsa pruina cinza; pilosidade preta na própeura e mesopleura; nas ♀ ♀ a própleura apresenta também alguns pêlos amarelos; metanoto com projeção mamíliforme enrugada, preta e revestida de pruina cinza, tendo inferiormente um tufo de pêlos amarelos.

Pernas pretas com pilosidade da mesma cor, havendo pruina cinza nas coxas e pilosidade amarela na parte superior da coxa posterior; esporão apical da tibia posterior (fig. 60) muito pequeno nas ♀ ♀, atingindo nos ♂ ♂ um comprimento igual a metade da largura do primeiro tarso. Garras castanhas, pretas no ápice; pulvilos amarelos ou castanhos.

Asas com grande mancha basal de cor alaranjada ou ferruginosa, ocupando quase toda a asa, sendo apenas o ápice e margem posterior de cor amarelo-transparente que segundo a incidência de luz apresenta reflexos violáceos; M4 presente; esquâmula castanha com uma franja de escamas da mesma cor. Halteres castanhos com pedúnculo castanho-claro.

Abdômen preto-aveludado no primeiro segmento e recoberto de pilosidade amarelo-dourada; os restantes dos tergitos pretos com reflexos azul-violáceos segundo a incidência luminosa e recobertos de pilosidade preta, exceto o segundo onde há pilosidade muito curta de cor amarela; esternitos com fortes reflexos azul-violáceos e com pilosidade preta, exceto no segundo onde é amarela; os reflexos metálicos são menos intensos nas ♀ ♀.

Genitália do ♂: esclerítos do 9.º tergito (fig. 120) semelhantes aos de *rubidapex*, diferindo pela curvatura do angulo interno que é mais pronunciada; 9.º esternito (fig. 137) mais largo que alto; margem inferior do espaço mediano bi-lobado e com algumas cerdas;



ESTAMPA VII

70) *Messiasia notospila* (Wiedemann), perna posterior; 71) Idem, cerdas da face inferior do fêmur; 72) Idem, ápice da tíbia posterior; 73) *Mydas basalis* Westwood, perna posterior; 74) Idem, ápice da tíbia posterior; 75) Idem, detalhe da face inferior do fêmur; 76) *Messiasia decor* (Osten Sacken), perna posterior; 77) Idem, detalhe da face inferior do fêmur; 78) *Mydas gracilis* Macquart, perna posterior; 79) Idem, detalhe da face inferior do fêmur; 80) Idem, ápice da tíbia posterior; 81) *Mydas interruptus* Wiedemann, perna posterior; 82) Idem, detalhe da face inferior do fêmur; 83) *Messiasia carrerai*, n. sp., perna posterior; 84) Idem, detalhe da face inferior do fêmur; 85) Idem, ápice da tíbia posterior. (Respectivamente na mesma escala as figuras 71, 72 e 84; 74, 80 e 82; 75, 77 e 79).

as espansões laterais com o ápice apresentando duas pequenas projeções voltadas para dentro; cerdas fortes e esparsas sobre tais projeções; aedeagus (fig. 149) muito largo, relativamente curto e com as estruturas laterais espatuladas.

MATERIAL EXAMINADO — 2 ♂♂ e um exemplar com o ápice do abdômen destruido. Os espécimes Nos. 20.121 e 62.718 pertencentem à coleção do Departamento de Zoologia.

PROCEDÊNCIA DO MATERIAL — Brasil: Estado do Amazonas, Obidos, outubro de 1938 (Zelibor). Republica da Colombia, Muzo (H. Apolinar). Um exemplar sem procedência.

COMENTÁRIOS — Esta espécie é muito próxima de *rubidapex* conforme já em 1886 assinalou Osten Sacken. Acreditamos que um confronto entre os tipos prove haver dois nomes para uma única entidade e, neste caso, *rubidapex* teria prioridade.

Mydas argyrostomus Gerstaecker

Mydas argyrostomus Gerst., 1868, p. 94; Hansen, 1883, Tab. 5, f. 5-21; Hunter, 1901, p. 153; Kertész, 1909, p. 35.

REDESCRIÇÃO: ♂. — Comprimento do corpo 38 mm.; da asa 32 mm.; da antena 10 mm.

Cabeça (fig. 38) tão larga quanto a maior largura do tórax; fronte preta com pilosidade preta, abundante lateralmente onde também se encontra pruina acinzentada; calo ocelar preto-brilhante como também as três quilhas que se situam atraz; ocelo nitido; vértice preto com pilosidade preta e pruina castanha lateral; occipício preto e revestido de pruina cinza, pilosidade preta exceto na porção mediana onde existem alguns pêlos esbranquiçados; barba escassa e preta; probóscida preta; face preta, mas revestida de pruina cinza na base das antenas e nos lados; calosidade facial recoberta inteiramente de pêlos branco-amarelados; raros pêlos pretos existem lateralmente; primeiro e segundo articulos das antenas pretos e revestidos de pêlos pretos; os artículos restantes ausentes.

Tórax: pronoto preto-aveludado com pilosidade preta em baixo; mesonoto preto-aveludado com uma faixa mediana, longitudinal, de cor castanha e duas outras laterais de cor acinzentadas; pilosidade preta na margem anterior, sobre os calos umerais, nas margens laterais e sobre os calos pós-alares; nos lados dos calos umerais encontra-se também pilosidade amarelada; escutelo preto-aveludado com a margem posterior cinzenta e pilosidade amarela lateral, região pós-escutelar preto-aveludada; pleuras pretas com pruina cinzenta; pilosidade preta sobre a pteropleura; metanoto com uma projeção mamiliforme, preto e revestido de pruina cinza, tendo mais abaixo um pequeno tufo de pêlos amarelos.

Pernas pretas, com pilosidade preta mais abundante nas tíbias anteriores e medianas; sobre as coxas encontra-se pruina cinzenta, havendo nas posteriores basalmente alguns pêlos amarelos; esporão apical da tíbia posterior pequeno com o comprimento pouco mais da metade da largura do primeiro artículo tarsal. Garras pretas; pulvilos castanhos.

Asas muito escuras no extremo basal, havendo grande mancha castanho-claro que recobre a álula e se estende até o ápice da célula marginal; margem posterior e o ápice da asa amarelo-transparente; entre estas duas cores há uma estreita faixa de cor castanho-escura; M4 presente; esquâmula preta, com franja de escamas castanhas. Halteres castanhos.

Abdômen preto com reflexos metálicos azuis, mais ou menos intensos segundo a incidência luminosa; pilosidade do primeiro tergito amarela e preta; a pilosidade dos tergitos restantes é inteiramente preta e mais curta; esternitos castanho-escuros com pilosidade preta, esparsa e com reflexos metálicos menos distintos.

Genitália do ♂ : escleritos do 9.º tergito (fig. 117) de conformação geral semelhante aos de *coerulescens*, diferindo pelos angulos superiores que são esclerosados e pela ausência de curvatura no canto infero-interno; cerdas apenas na borda superior; 9.º esternito (fig. 140) mais largo que alto, com a margem inferior do espaço mediano ligeiramente bi-lobada; as projeções laterais com zonas esclerosadas e tendo no ápice um profundo entalhe; cerdas desenvolvidas e esparsas por tais projeções; aedeagus (fig. 153) espesso, com as estruturas laterais grandes e largas.

Material examinado — Um ♂ N.º 20.124 da coleção do Departamento de Zoologia.

Procedência do material — Brasil: Estado do Amazonas, Obidos, outubro de 1938 (J. F. Zikan).

Comentários — Esta espécie pelos seus caracteres externos se aproxima de *rubidapex*, *dives* e *mystaceus*, porém, pela estrutura da genitália do ♂ ela se assemelha a *coerulescens*. Dada a grande variação observada em certos grupos de espécies do gênero *Mydas*, a escasses do material que examinamos não nos permite com segurança decidir sobre sua validez.

Mydas apicalis Wiedemann

Mydas apicalis Wied., 1829, p. 36 et 48, Tab. 53, f. 14; 1830, p. 629; Westw., 1841, p. 53; Walk., 1854, p. 365; Gerst., 1868, p. 96; Arribalz., 1882, p. 152; Hunter, 1901, p. 153; Kertész, 1909, p. 35; Carrera & d'Andretta, 1948, p. 489.

Mydas annulicornis Westw., 1841, p. 51, tab. 13, f. 2; Walk., 1854, p. 365; Willist., 1897, p. 57; Kertész, 1909, p. 39.

Redescrição: ♂ ♀. — Comprimento do corpo 25-33 mm.; da asa 20-27 mm.; da antena 8-13 mm.

Cabeça (fig. 28) preta, pouco mais larga que a maior largura do tórax, com pilosidade preta exceto nos lados da face onde se encontram alguns pequenos pêlos brancos; a base de implantação das antenas e uma estreita faixa ao longo da órbita ocular da face está recoberta de pruina cinza; occipício preto-aveludado com pilosidade preta e pruina branca nas margens oculares; barba com alguns pêlos brancos; antenas (fig. 49) muito longas, aproximadamente duas vezes a largura da cabeça, pretas, exceto os 3/4 apicais do último artículo que é de cor laranja.

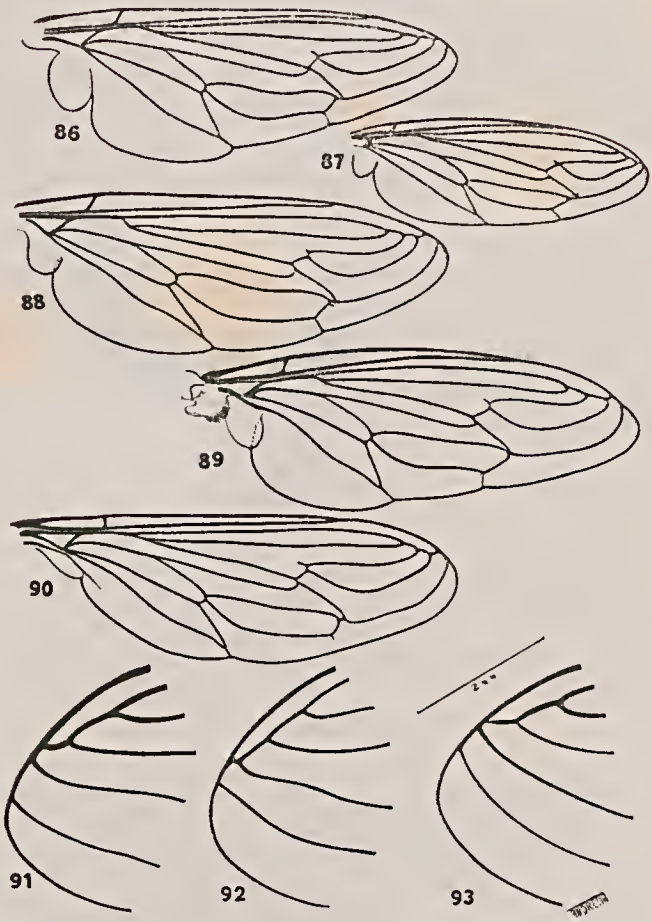
Tórax preto-aveludado, com discreta pruina cinza nas margens laterais e no meio do mesonoto onde forma duas faixas longitudinais que são pouco mais largas antes do escutelo; no mesonoto a pilosidade é preta e escassa; escutelo preto com pruina cinza e pêlos pretos marginais formando uma franja que é interrompida na porção mediana; região pós-escutelar rugosa e com escassa pruina cinza; metatorax preto-aveludado, saliente, rugoso e com um tufo de pêlos brancos inferiormente; pleuras preto-aveludadas com esparsa pruina cinza e pilosidade preta em toda a pteropleura.

Pernas (fig. 57 a 59) preto-brilhantes com curtas cerdas pretas e pilosidade também preta, exceto na porção superior das coxas onde existem alguns pêlos brancos; fêmures anteriores e medianos sub-cilindricos, os posteriores entumecidos na porção mediana; tíbia posterior com esporão apical moderadamente desenvolvido, sendo tão longo quanto a largura do basitarso. Garras castanho-escuras; pulvilos amarelos.

Asas (fig. 88) variando muito em coloração, sendo em alguns exemplares completamente pretas na base e em parte da margem anterior, castanho-claro no ápice e em toda a margem posterior; em outros a cor preta é menos intensa e existente só na zona divisória entre a cor castanho-clara da margem posterior e apical e a cor alaranjada que existe na porção basal e parte da margem anterior; há exemplares que apresentam a cor preta somente ao longo das nervuras, ficando mais claro o centro das células; álula irregularmente escurecida; esquâmula castanho-escura com franja de cerdas esquaniformes de cor castanha mais clara; M4 presente. Halteres castanho-escuros, com o pedúnculo pouco mais claro.

Abdômen de cor preto-aveludada no primeiro tergito, grande porção do terceiro e quase todo o quarto, sendo os restantes verdes ou azul-marinhos, cor esta que também se estende pelos lados do terceiro e quarto tergitos; todos os esternitos são verdes ou azul-marinhos, mais intenso e com estreita faixa preta na margem posterior.

Genitália do ♂ (fig. 102): preta com pêlos pretos. Os escleritos do 9.º tergito (fig. 125) de forma triangular estreitando-se muito no têrço superior, onde se encontram cerdas; 9.º esternito



ESTAMPA VIII

86) *Mydas clavatus* (Drury), asa esquerda; 87) *Messiasia zikani*, n. sp., asa esquerda; 88) *Mydas apicalis* Wiedemann, asa esquerda; 89) *Mydas heros* Perty, asa esquerda; 90) *Mydas interruptus* Wiedemann, asa esquerda; 91) *Heteromydas bicolor* Hardy, ápice da asa esquerda; 92) *Messiasia zikani*, n. sp., ápice da asa esquerda; 93) *Paramydas igniticornis* (Bigot), ápice da asa esquerda. (Na mesma escala as figuras 91 a 93).

(fig. 134) quase duas vezes mais largo que alto; espaço mediano reduzido e em grande parte ocupado na margem inferior pela sa-

liência bi-lobada; as projeções laterais são largas, curvas e chanfradas apicalmente; cerdas grossas por toda a margem posterior; aedeagus (fig. 144 e 150) triangular e enrugado, principalmente no ápice; estruturas laterais largas.

As fêmeas apresentam pilosidade inteiramente preta na face; os esternitos abdominais são de um brilho metálico mais intenso; o 8.º tergito apresenta uma região de forma semi-lunar menos esclerosada e de cor castanha. Genitália da ♀ (figs. 190 a 192).

Material examinado — 3 ♂♂ e 6 ♀♀, sendo os exemplares numeros 20.127 a 20.130 pertencentes à coleção do Departamento de Zoologia.

Procedência do material — Brasil: Estado de São Paulo, Juquiá, janeiro de 1943 (J. Lane); Estado do Rio de Janeiro, Itatiaia, 700 metros, fevereiro de 1929, janeiro e dezembro de 1931, março e dezembro de 1935 e janeiro de 1944 (J. F. Zikan); Estado de Santa Catarina, Mafra, 780 metros (Maller).

Comentários — Conforme observamos, os caracteres de *Mydas annulicordis* Westwood 1841, concordam perfeitamente com os de *apicalis,* exceto na extensão da cor vermelha das antenas, carácter este insuficiente para separa-las. E assim, de acordo com Williston (1897), também não vemos razão de Gerstaecker (1868) ter considerado *annulicornis* igual a *Mydas testaceus* (Williston, por equivoco, chama de *testaceus* o que na realidade é *mystaceus* Wiedemann, 1929, pois não existe nenhum *Mydas testaceus* descrito). Confrontando-se as diagnoses e as figuras de *annulicornis* e *mystaceus,* verifica-se existir entre elas grandes diferenças.

Mydas autuorii, n. sp.

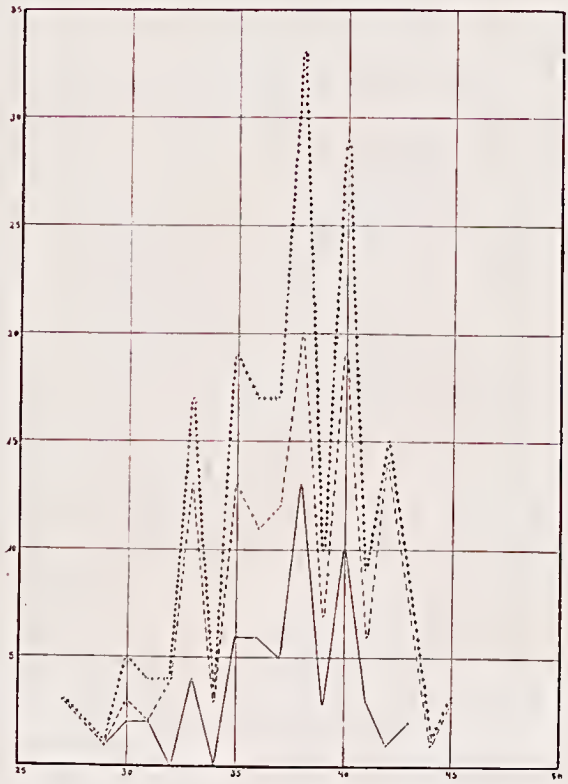
♂ ♀. — Comprimento do corpo 23-25 mm.; da asa 18-20 mm.; da antena 7-8 mm.

Cabeça (figs. 24 e 31) mais larga que a maior largura do tórax; fronte preta com pilosidade preta e uma estreita faixa de pruina esbranquiçada ao longo da margem ocular; calo ocelar com um ocelo pouco distinto, havendo atraz três quilhas preto-brilhantes; vértice preto-brilhante com pilosidade preta; occipício preto-aveludado, com esparsa pruina cinza, formando uma larga faixa ao longo das órbitas oculares; pilosidade preta com raros pêlos amarelos; barba preta com alguns pêlos amarelos; probóscida castanho-escura; face inferiormente castanha com densa pilosidade preta e superiormente preta recoberta de pruina cinza na base das antenas, estendendo-se pelas margens oculares; antenas pretas no primeiro, segundo e grande estensão do quarto artículo, sendo ocráceo o terceiro; pilosidade preta no primeiro e segundo artí-

Papéis Avulsos do Dept. de Zoologia
Vol. X, N.º 1 (1951)

PRANCHA III

200) *Mydas heros* Perty, exemplar de 34 mm.; 201) Idem, exemplar de 42 mm.; 202) Idem, exemplar de 53 mm.



PRANCHA IV

Gráfico comparativo do comprimento das asas do ♂ de *Mydas heros* Perty, tomado entre 203 exemplares com ou sem faixa de pêlos amarelos no primeiro segmento do abdómen (a forma das linhas com a mesma indicação do gráfico anterior). A linha vertical assinala o número de exemplares medidos; a horizontal o comprimento da asa em mm.

culos; o primeiro artículo duas vezes maior que o segundo, o terceiro cilíndrico, o quarto clavado e do tamanho do terceiro.

Tórax: pronoto preto-aveludado com pêlos pretos; mesonoto preto-aveludado com quatro faixas preto-foscas; pilosidade curta e situada nas margens laterais, sobre os calos umerais e pós-alares; escutelo preto, com rara pilosidade lateral; região pós-escutelar preto-aveludada e enrugada; pleuras pretas com pilosidade preta na própeura e porção superior da mesopleura; metatorax preto com projeção mamiliforme bem desenvolvida, havendo, nos ♂♂ um tufo de pêlos pretos inferiormente, que nas ♀♀ é de cor amarela.

Pernas castanho-escuro-brilhantes recobertas de pilosidade preta, exceto na face anterior das coxas anteriores e posteriores dos ♂♂ onde há pêlos amarelos; tíbia posterior munida de um esporão apical do tamanho da largura do basitarso. Garras castanhas, pretas no ápice; pulvilos castanho-claros.

Asas no ♂ com grande mancha amarelada opaca, ocupando quase toda a metade basal e o restante amarelo-transparente, havendo na linha divisória entre as citadas manchas uma faixa irregular, obliqua de cor castanho-escura; na ♀ a mancha basal amarela é pequena e ocupa apenas o têrço basal e a faixa preta é mais larga, ocupando todo o centro da asa; M4 presente; esquâmula castanho-clara em baixo e escura em cima e com franja de escamas castanho-claras. Halteres castanho-claros, com o pedúnculo ligeiramente enfumaçado.

Abdômen: primeiro tergito preto-aveludado recoberto de pilosidade amarela, o segundo com reflexos azulados; terceiro e quarto preto-fosco e do quinto em diante com fortes reflexos azuis; nas fêmeas os reflexos são azul-violáceos; a pilosidade dos tergitos do segundo em diante é preta; esternitos inteiramente com reflexos azuis ou violáceos de forma mais intensa que nos tergitos; oitavo tergito da ♀ preto e com u'a mancha semi-lunar de cor castanha na margem posterior.

Genitália do ♂ (fig. 104): esclerito do 9.º tergito (fig. 116) de forma triangular com o ápice ligeiramente afinado e dirigido para fora; pilosidade esparsa e curta; 9.º esternito (fig. 135) uma vez e meia mais largo que alto; espaço mediano grande, sendo sua margem inferior bi-lobada, esclerosada e com longas cerdas; projeções laterais com a borda superior apresentando externamente uma pequena expansão esclerosada mamiliforme e internamente uma expanção mais aguda, também esclerosada; cerdas grossas distribuidas pela porção mediana das citadas projeções; aedeagus (fig. 152) cônico e enrugado, não havendo estruturas laterais. Esta espécie, juntamente com *mystaceus*, são as únicas, no gênero, nas quais não encontramos tais estruturas.

Holótipo ♂ e alótipo ♀. O holótipo foi depositado na coleção do U. S. National Museum de Washington e o alótipo na coleção do Departamento de Zoologia sob o N.º 20.126.

LOCALIDADE TIPO — República do Uruguai, Montevidéo, novembro de 1927 (Parker) (Holótipo). Brasil, Estado de Mato Grosso, Maracaju, junho de 1937 (S. F. A.) (Alótipo).

DISCUSSÃO TAXIONÔMICA — Esta espécie é próxima de *apicalis* da qual se distingue pela marcação das asas, pela coloração e comprimento das antenas que é um pouco maior que a largura da cabeça (em *apicalis* é aproximadamente duas vezes a largura da cabeça), pelas cores do abdômen menos pronunciadas e, principalmente, pela genitália do macho.

Dedicamos esta espécie ao Sr. Mario Autuori, do Instituto Biológico de São Paulo, a quem devemos interessante material capturado em ninhos de formiga sauva.

Mydas crassipes Westwood

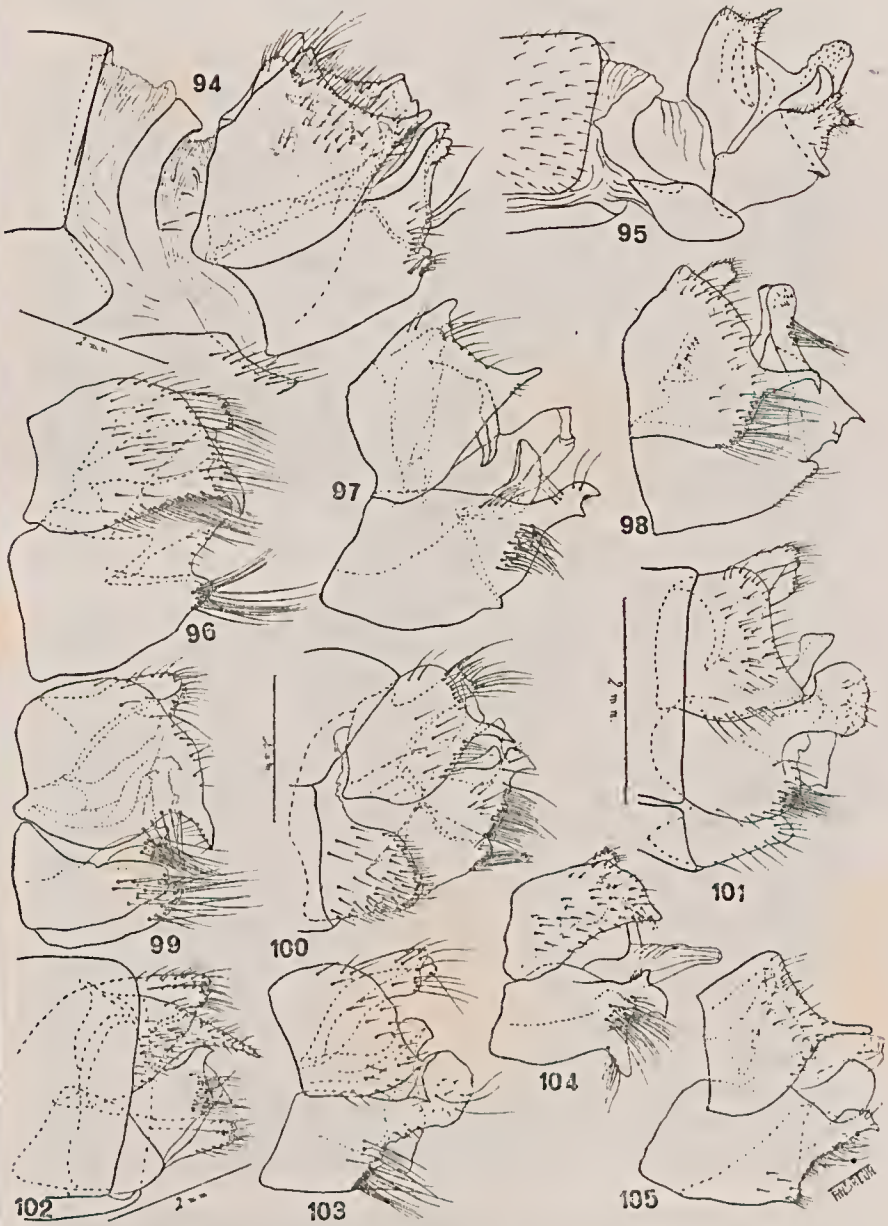
Mydas crassipes Westw., 1841, p. 51, tab. 13, f. 3; Walk., 1854, p. 359; Gerst., 1868, p. 97; Willist., 1897, p. 55; 1901, p. 268; Aldrich, 1905, p. 251; Kertész, 1909, p. 37.

REDESCRIÇÃO: ♀. — Comprimento do corpo 27 mm.; da asa 22 mm.; da antena 6,5 mm.

Cabeça (fig. 30) pouco mais larga que a maior largura do tórax; fronte preto-brilhante com pilosidade preta lateral e pruina em estreita faixa de cor amarela ao longo das margens oculares, um pouco expandidas na saliencia da base das antenas; calo ocelar com ocelo nitido, tendo atraz três quilhas preto-brilhantes; vértice preto com pilosidade preta; occipício preto com as margens oculares revestidas de pruina cinza e com pilosidade preta; barba preta; probóscida preta; face preta com pilosidade da mesma cor; nas margens oculares com pruina amarelada; antenas pretas com pilosidade preta no primeiro e segundo artículos; o primeiro artículo três vezes o tamanho do segundo; o terceiro quase cinco vezes o tama-

ESTAMPA IX

94) *Mydas coerulescens* Olivier, terminália do ♂, vista lateral; 95) *Mydas heros* Perty, terminália do ♂, vista lateral; 96) *Mydas mystaceus* Wiedemann, terminália do ♂, vista lateral; 97) *Mydas leucops* Wiedemann, terminália do ♂, vista lateral; 98) *Mydas gracilis* Macquart, terminália do ♂, vista lateral; 99) *Mydas interruptus* Wiedemann, terminália do ♂, vista lateral; 100) *Mydas clavatus* (Drury), terminália do ♂, vista lateral; 101) *Mydas rufiventris* Macquart, terminália do ♂, vista lateral; 102) *Mydas apicalis* Wiedemann, terminália do ♂, vista lateral; 103) *Mydas militars* Gerstaecker, terminália do ♂, vista lateral; 104) *Mydas autuorii*, n. sp., terminália do ♂, vista lateral; 105) *Mydas rubidapex* Wiedemann, terminália do ♂, vista lateral. (Respectivamente na mesma escala as figuras: 94 e 104; 96, 97, 101 e 105; 98 e 103; 100 e 102).



ESTAMPA IX

nho dos dois basais reunidos, o quarto pouco dilatado e quase do mesmo tamanho que o terceiro.

Tórax preto; mesonoto preto-aveludado com três faixas foscas, longitudinais; a mediana larga na margem anterior e terminando sobre a metade do escutelo, as laterais se estendem desde os calos umerais até a margem pré-escutelar; nas margens laterais, antes dos calos pós-alares há uma pequena mancha de pruina amarelada; pilosidade preta, mais abundante na metade anterior do mesonoto; calos pós-alares com pruina cinza posteriormente; escutelo preto-aveludado, exceto a margem que é preto-brilhante e com pilosidade amarela marginal; região pós-escutelar preta, aveludada e rugosa; pleuras pretas com discreta pruina cinzenta; pilosidade preta na margem posterior da mesopleura e sobre a pteropleura; metatorax preto-aveludado com escassa pruina cinza recobrindo a calosidade que fica atraz do escutelo e com pêlos pretos.

Pernas pretas, com pilosidade preta, exceto sobre a superficie dorsal dos fêmures medianos onde há pilosidade castanha; fêmures com uma pequena mancha amarela na extremidade basal; tíbias posteriores com esporão apical tão longo quanto a largura do primeiro artículo tarsal. Garras pretas com a base castanha; pulvilos castanhos.

Asas vítreas, hialinas, com uma leve tonalidade amarelada na margem anterior; esquâmula com larga faixa marginal amarela e com algumas cerdas amarelas; M4 presente. Halteres castanho-escuros no capítulo e amarelo no pedúnculo.

Abdômen um pouco clavado, preto-brilhante, com exceção do primeiro tergito que é aveludado; os cantos da margem posterior do segundo e terceiro tergitos são amarelados; pilosidade preta, longa e abundante no primeiro tergito; esternitos preto-brilhantes, exceto a margem posterior do segundo, terceiro e quarto que são castanhas; pilosidade esparsa e curta.

Genitália da ♀ castanha com pilosidade preta.

Material examinado — Uma ♀ N.º 20.131 da coleção do Departamento de Zoologia.

Procedência do material — Brasil: Estado do Rio de Janeiro, Itatiaia, janeiro de 1933 (Walter Zikan).

Comentarios — A diagnose original desta espécie é extremamente breve, mas os caracteres dados por Osten Sacken, quando distinguiu *Mydas decor* de *Mydas crassipes,* permitem sua identificação.

Parece-nos tambem que *crassipes* é próxima de *Mydas virgatus* Wiedemann, 1829, da qual se separa pela cor uniformemente preta do tórax e pela cor preta da pilosidade facial.

Mydas quadrilineatus Williston

Mydas quadrilineatus Willist., 1897, p. 56; 1901, p. 268; Aldrich, 1905, p. 252; Kertész, 1909, p. 40.

Redescrição: ♀. — Comprimento do corpo, 30 mm.; da asa 23 mm.; da antena? (quebrada).

Cabeça (fig. 36) pouco mais larga que a maior largura do tórax; fronte preta com as margens oculares recobertas de pruina amarela e esparsa pilosidade amarela mais densa na base das antenas, lateralmente revestida de pruina também amarela; calo ocelar preto-brilhante, tendo atraz três quilhas também pretas; vértice preto, com pilosidade preta; occipício preto, com pruina cinza ao longo das margens oculares e esparsa pilosidade esbranquiçada, havendo em cima alguma pilosidade preta; barba amarelada; probóscida preta; face preta, revestida de pruina cinza exceto nos lados da borda bucal; calosidade facial recoberta de pilosidade amarela; primeiro e segundo artículos das antenas pretos com pilosidade amarela; os artículos restantes ausentes.

Tórax preto; mesonoto com quatro faixas amarelas, as duas medianas pouco mais largas anteriormente, terminando pouco além da sutura transversa; antes da sutura pré-escutelar existem duas pequenas manchas de pruina amarela; as faixas laterais se estendem desde os calos umerais até os pós-alares; sobre estas faixas encontra-se pilosidade preta; calos umerais castanhos com os lados recobertos de pruina amarela e pilosidade preta em cima; calos pós-alares revestidos de pruina castanha muito discreta; escutelo preto com pruina esbranquiçada e curta pilosidade preta marginal; região pós-escutelar castanha, muito rugosa e com discreta pruina castanha; pleuras pretas recobertas de esparsa pruina esbranquiçada, havendo na margem posterior da mesopleura e na parte mediana da pteropleura pruina amarelada; sobre a própleura encontra-se pilosidade amarela e sobre a pteropleura encontra-se pilosidade preta em mistura com amarela; metatorax preto com as calosidades atraz dos halteres revestidas de pruina amarela e alguns pêlos amarelos inferiormente.

Pernas pretas; as coxas revestidas de esparsa pruina esbranquiçada, nas anteriores e posteriores encontra-se pilosidade preta e amarela em mistura, nas medianas somente pilosidade preta como no restante das pernas; fêmures posteriores castanho-escuros; esporão apical das tíbias posteriores tão longo quanto a largura do primeiro artículo tarsal. Garras castanho-escuras, com o ápice preto; pulvilos castanhos.

Asas amareladas, vítreas, com as nervuras castanhas; esquâmula com larga faixa marginal amarela e com franja de escamas da mesma cor. Halteres castanho-escuros.

Abdômen preto-brilhante, exceto o primeiro segmento que é fosco; nos cantos latero-inferiores dos tergitos 2-6 amarelo-claro, quase recobrindo toda a margem lateral; pilosidade preta, exceto na margem posterior do primeiro tergito onde há esparsa pilosidade amarelada; esternitos preto-brilhantes com pilosidade esparsa e de cor preta.

Genitália da ♀ castanho-escura com pilosidade preta, havendo sobre as placas anais pruina castanha e pilosidade amarela apical.

MATERIAL EXAMINADO — Uma ♀ da coleção do U. S. National Museum de Washington.

PROCEDÊNCIA DO MATERIAL — República do México, San Rafael, Vera Cruz (Townsend).

COMENTÁRIOS — O único exemplar que examinamos nos foi emprestado pelo Museu de Washington com a identificação de *Mydas crassipes*, mas todos os seus caracteres concordam plenamente com a diagnose de Williston para *Mydas quadrilineatus*.

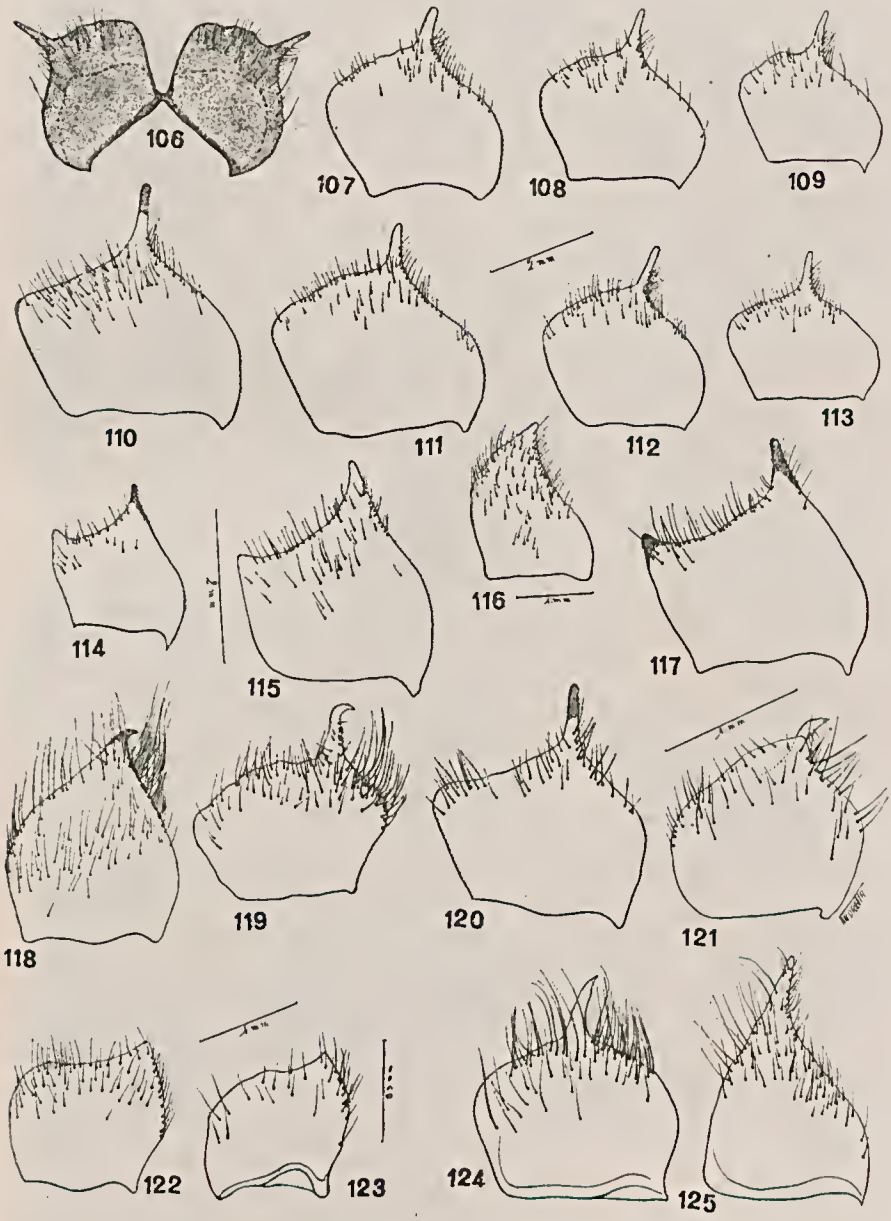
Mydas rufiventris Macquart

Mydas rufiventris Macq., 1849, p. 60; Gerst., 1868, p. 99; Willist., 1897, p. 56; Hunter, 1901, p. 154; Aldrich, 1905, p. 252; Kertész, 1909, p. 41.

REDESCRIÇÃO: ♂. — Comprimento do corpo 28 mm.; da asa 22 mm.; da antena? (quebrada).

ESTAMPA X

106) *Mydas heros* Perty; 9.º tergito da genitália do ♂, vista dorsal; 107) Idem, esclerito esquerdo do 9.º tergito da genitália do ♂, vista dorsal, de um exemplar de tamanho grande (forma típica); 108) Idem, de um exemplar de tamanho médio; 109) Idem, de um exemplar de tamanho pequeno; 110) *Mydas rubidapex* Wiedemann, esclerito esquerdo do 9.º tergito da genitália do ♂, vista dorsal; 111) *Mydas heros* Perty, esclerito esquerdo do 9.º tergito da genitália do ♂, vista dorsal, de um exemplar de tamanho grande (forma descrita como *praegrandis*); 112) Idem, de um exemplar de tamanho médio; 113) Idem, de um exemplar de tamanho pequeno; 114) *Mydas leucops* Wiedemann, esclerito esquerdo do 9.º tergito da genitália do ♂, vista dorsal; 115) *Mydas coerulescens* Olivier, esclerito esquerdo do 9.º tergito da genitália do ♂, vista dorsal; 116) *Mydas autuorii*, n. sp., esclerito esquerdo do 9.º tergito da genitália do ♂, vista dorsal; 117) *Mydas argyrostomus* Gerstaecker, esclerito esquerdo do 9.º tergito da genitália do ♂, vista dorsal; 118) *Mydas mystaceus* Wiedemann, escerito esquerdo do 9.º tergito da genitália do ♂, vista dorsal; 119) *Mydas gracilis* Macquart, esclerito esquerdo do 9.º tergito da genitália do ♂, vista dorsal; 120) *Mydas dives* Westwood, esclerito esquerdo do 9.º tergito da genitália do ♂, vista dorsal; 121) *Mydas interruptus* Wiedemann, esclerito esquerdo do 9.º tergito da genitália do ♂, vista dorsal; 122) *Mydas rufiventris* Macquart, esclerito esquerdo do 9.º tergito da genitália do ♂, vista drosal; 123) *Mydas militaris* Gerstaecker, esclerito esquerdo do 9.º tergito da genitália do ♂, vista dorsal; 124) *Mydas clavatus* (Drury), esclerito esquerdo do 9.º tergito da genitália do ♂, vista dorsal; 125) *Mydas apicalis* Wiedemann, esclerito esquerdo do 9.º tergito da genitália do ♂, vista dorsal. (Respectivamente na mesma escala as figuras: 106 a 109 e 111 a 113; 110, 119 e 122 a 124; 114, 115, 117, 120 a 125; 116 e 118).


106
107
108
109
110
111
112
113
114
115
116
117
118
119
120
121
122
123
124
125

ESTAMPA X

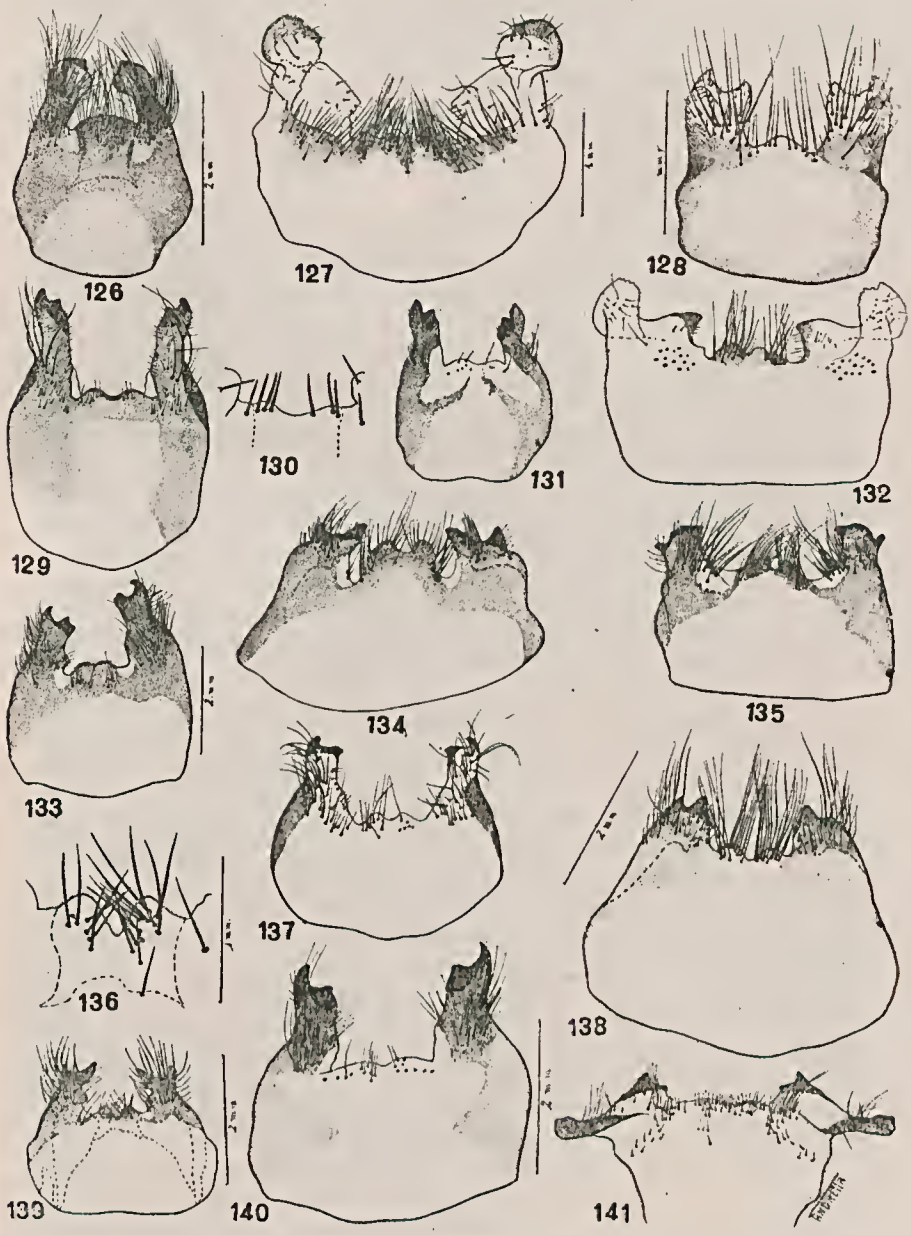
Cabeça (fig. 26) pouco mais larga que a maior largura do tórax; fronte preta, com pruina branca ao longo das órbitas oculares e estendendo-se pela base das antenas e prolongando-se pela margem facial; fina e esparsa pilosidade branca se encontra nos lados da face, sendo na base das antenas muito densa; ocelo pouco distinto e situado na porção central da fronte, tendo atraz três quilhas preto-brilhantes; vértice preto, com pilosidade clara; occipício preto, revestido de pruina cinzenta e fina pilosidade esbranquiçada, alguns pêlos pretos se encontram nos cantos superiores; barba branca; probóscida castanho-escura; face preta revestida de pilosidade branca; antenas com o primeiro e segundo articulos pretos e com pilosidade da mesma cor; os restantes faltam.

Tórax preto com quatro faixas amarelo-esbranquiçadas, as laterais se estendendo desde os calos umerais até os calos pós-alares e as duas medianas terminando pouco antes da sutura pré-escutelar; sobre esta sutura encontram-se duas pequenas manchas de pruina amarelo-esbranquiçada; pilosidade preta, mais abundante na metade anterior do mesonoto; calos umerais pretos com pruina branca nos lados e pêlos pretos em cima; calos pós-alares castanho-escuros, com pruina cinza muito discreta; escutelo preto, com pilosidade esbranquiçada nos lados; região pós-escutelar preta com pruina cinzenta muito discreta; metatorax preto com pruina cinzenta e finos pêlos brancos, tendo atraz dos halteres uma projeção mamiliforme; pleuras pretas com pruina cinza muito leve; pilosidade branca sobre a própleura e pteropleura; na margem posterior da mesopleura há u'a mancha alongada de pruina cinza.

Pernas: coxas pretas, com muito escassa pruina cinza e pilosidade branca; fêmures castanhos, mais escuros na superficie dorsal; tíbias e tarsos pretos; pilosidade e cerdas pretas; tíbias poste-

ESTAMPA XI

126) *Mydas clavatus* (Drury), 9.º esternito da genitália do ♂, vista ventral; 127) *Mydas rufiventris* Macquart, 9.º esternito da genitália do ♂, vista ventral; 128) *Mydas interruptus* Wiedemann, 9.º esternito da genitália do ♂, vista ventral; 129) *Mydas coerulescens* Olivier, 9.º esternito da genitália do ♂, vista ventral; 130) Idem, detalhe da margem inferior do espaço mediano do 9.º esternito da genitália do ♂; 131) *Mydas leucops* Wiedemann, 9.º esternito da genitália do ♂, vista ventral; 132) *Mydas militaris* Gerstaecker, 9.º esternito da genitália do ♂, vista ventral; 133) *Mydas rubidapex* Wiedemann, 9.º esternito da genitália do ♂, vista ventral; 134) *Mydas apicalis* Wiedemann, 9.º esternito da genitália do ♂, vista ventral; 135) *Mydas autuorii*, n. sp. 9.º esternito da genitália do ♂, vista ventral; 136) *Mydas heros* Perty, detalhe da margem inferior do espaço mediano do 9.º esternito da genitália do ♂; 137) *Mydas dives* Westwood, 9.º esternito da genitália do ♂, vista ventral; 138) *Mydas mystaceus* Wiedemann, 9.º esternito da genitália do ♂, vista ventral; 139) *Mydas heros* Perty, 9.º esternito da genitália do ♂, vista ventral; 140) *Mydas orgyrostomus* Gerstaecker, 9.º esternito da genitália do ♂, vista ventral; 141) *Mydas gracilis* Macquart, 9.º esternito da genitália do ♂, vista ventral. (Respectivamente na mesma escala as figuras: 126, 134 e 140; 127 e 132; 129, 131, 135, 138 e 141; 130 e 136; 133 e 137).



ESTAMPA XI

riores com esporão apical tão longo quanto a largura do primeiro artículo tarsal. Garras castanhas com o ápice preto; pulvilos castanhos.

Asas castanhas ao longo das nervuras; no restante levemente amareladas e hialinas; esquâmula castanha com a borda esbranquiçada e com uma franja de escamas brancas; M4 presente. Halteres castanho-escuros.

Abdômen: primeiro segmento preto com pilosidade esbranquiçada, os restantes amarelo-avermelhados com curta pilosidade preta; a margem posterior de cada tergito é amarelo-claro; esternitos com a mesma cor dos tergitos, exceto o primeiro que é tambem amarelo-avermelhado.

Genitália do ♂ (fig. 101) castanha com pilosidade preta em mistura com alguns pêlos amarelos. Os escleritos do 9.º tergito (fig. 122) com forma quadrangular, sendo o canto externo discretamente saliente e o canto interno arredondado; esparsas cerdas no têrço apical; 9.º esternito (fig. 127) mais largo que longo, sendo a margem inferior do espaço mediano bi-lobado e densamente recoberto de fortes cerdas que se estendem também pelas projeções laterais; estas são largas, de ápice arredondado e com a borda interna serrilhada; ao lado das projeções laterais e dirigida para o espaço mediano existem duas placas, uma de cada lado, pouco esclerosads e com pequenas cerdas; aedeagus (fig. 156) pequeno, entumescido e com estruturas laterais largas e grandes.

Material examinado — 2 ♂♂, sendo um com o N.º 20.133 da coleção do Departamento de Zoologia.

Procedência do material — República do México, Tehuantepec (Sumichrast).

Comentários — Williston (1897 e 1901) considerou como sinonima desta espécie *Mydas militaris* Gerstaecker, 1868 (nome novo para *vittatus* Macquart, 1849) com o que não concordamos, pois em nosso material existem espécimes com caracteres diferentes que concordam muito bem com as diagnoses de ambas. Embora possa existir um grao de variabilidade muito elevado para esta espécie, segundo afirma Williston, a genitália do ♂ apresenta caracteres que, ao nosso ver, permitem uma nitida distinção entre elas. *Mydas rufiventris* distingue-se de *militaris* por apresentar muito escassa pruina amarela na cabeça, asas mais escuras na margem anterior, pernas quase inteiramente pretas, tergitos abdominais sem reflexos verde-metálicos e manchas pretas laterais.

Mydas ventralis Gerstaecker, 1868 (nome novo para *Mydas rufiventris* Loew, 1866, nec Macquart, 1849) é uma espécie da California que Williston considerou também como igual a *rufiventris* Macquart, mas sobre a exatidão desta sinonimia nada podemos afirmar por falta de material.

Mydas militaris Gerstaecker

Mydas vittatus Macq., 1849, p. 60 (praeoc.); Bell., 1861, p. 7.
Mydas militaris Gerst., 1868, p. 99 (nom. nov.); Willist., 1886, p. 291; 1897, p. 56; 1901, p. 268; Aldrich, 1905, p. 251.

REDESCRIÇÃO: ♂. — Comprimento do corpo 25 mm.; da asa 19 mm.; da antena 5 mm.

Cabeça (fig. 33) pouco mais larga que a maior largura do tórax; fronte preto-brilhante no meio, nos lados revestida de pruina amarela e pilosidade também amarela, esparsa nos lados e abundante na base das antenas; calo ocelar pouco nítido, tendo atraz três quilhas preto-brilhantes; vértice castanho, com esparsa pilosidade amarela; occipício preto, recoberto de pruina cinza e esparsa pilosidade esbranquiçada, havendo em cima alguns pêlos pretos; barba esbranquiçada; probóscida castanho-escura; face revestida de pruina amarelada, exceto nos lados da abertura bucal que é castanha; na calosidade facial há densa pilosidade amarela; antenas (fig. 54) castanho-escuras, pouco mais claras no quarto artículo e com curta pilosidade preta e amarela nos dois primeiros artículos; o primeiro artículo duas vezes maior que o segundo, o terceiro cilíndrico e três vezes e meia o comprimento dos dois basais reunidos, o quarto pouco menor que o terceiro.

Tórax: prótorax castanho-escuro em cima e castanho-claro nos lados; mesonoto preto com quatro faixas longitudinais amarelas; as medianas se alargam na margem anterior e vão até a sutura pré-escutelar, onde elas terminam em duas pequenas manchas que quase se unem; as faixas laterais se estendem desde os calos umerais até além dos calos pós-alares; sobre as manchas amarelas existe curta pilosidade preta, havendo anteriormente, porém, pilosidade amarela muito fina; calos umerais castanho-claros em cima, recobertos de pruina amarela nos lados e com curta pilosidade preta; escutelo castanho-escuro, com as margens revestidas de pruina clara e pilosidade amarelada mais longa nos lados e com alguns pêlos pretos; região pós-escutelar castanho-escura com pruina amarelada nas calosidades laterais e atraz do escutelo, onde formam duas manchas irregulares; pleuras castanho-claras na porção superior e castanho-escuras na inferior, havendo pruina amarelada nas margens anteriores e posteriores da mesopleura, sobre a sternopleura, pteropleura e metapleura não recobrindo-as inteiramente; sobre a pteropleura encontra-se fina pilosidade amarelada; metatorax saliente, com pruina esbranquiçada e esparsa pilosidade branca.

Pernas: coxas revestidas de pruina branca, com pilosidade branca em mistura com pilosidade preta; as anteriores e medianas são de cor castanho-clara; as posteriores são de cor castanho-

escura; fêmures castanho-avermelhados com pilosidade preta; tibias de cor castanha com pilosidade preta; as posteriores com esporão apical tão longo quanto a largura do primeiro artículo tarsal; tarsos pretos, revestidos de pilosidade preta. Garras castanhas com o ápice preto; pulvilos amarelos.

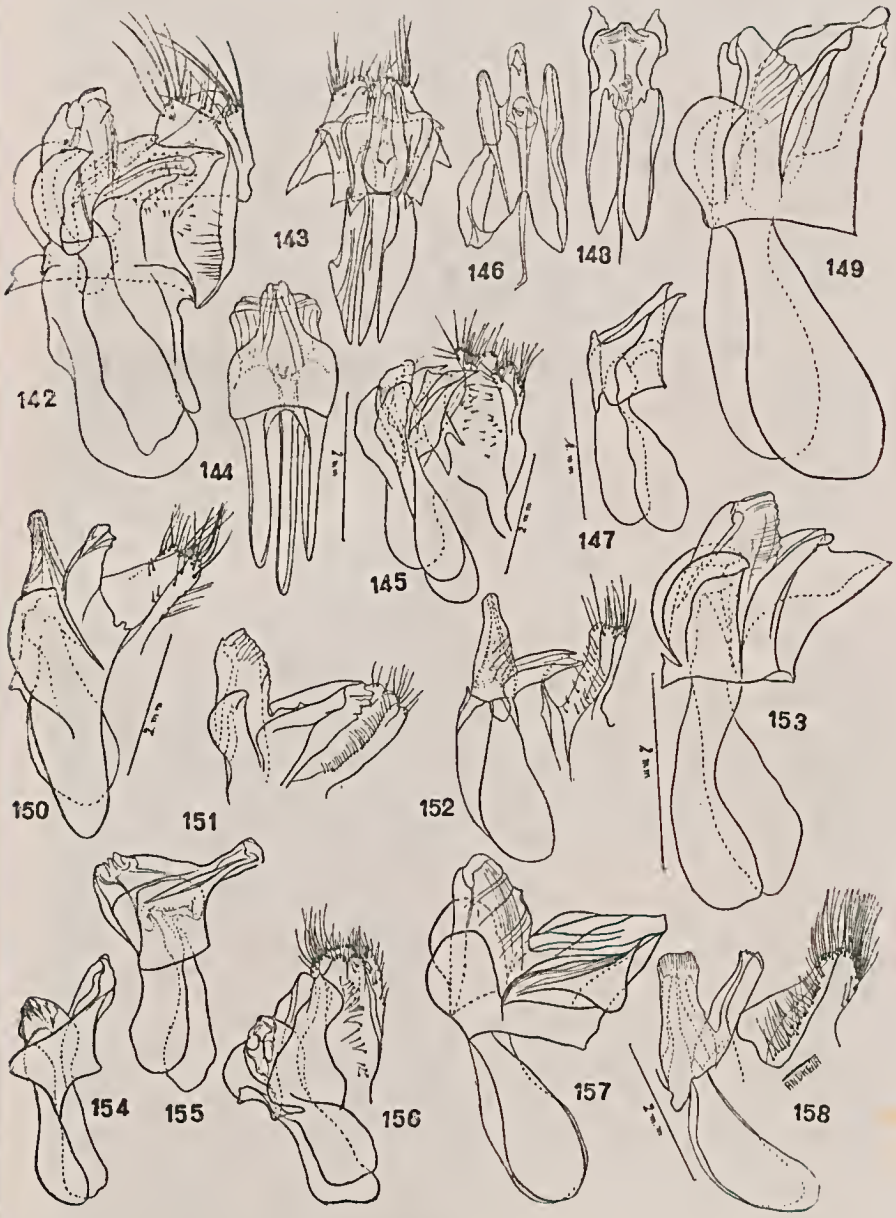
Asas hialinas, vítreas, com leve tom amarelado, mas de acordo com a incidência de luz ela apresenta reflexos azul-celestes; esquâmula castanho-clara com larga faixa esbranquiçada na margem e franja de escamas amareladas. Halteres castanhos.

Abdômen: primeiro segmento preto, com esparsa pilosidade amarelada; os segmentos restantes são amarelo-avermelhados com a margem posterior e as laterais do 2-5 tergitos de cor amarelo-clara; nos lados de todos os tergitos encontra-se u'a mancha preta; de acordo com a incidência de luz observa-se fortes reflexos de cor verde-metálica, em quase todo o segundo, grande parte lateral do terceiro e quarto e mais reduzida sobre o quinto, sexto e sétimo; em alguns exemplares estes reflexos metálicos são pouco evidenciados; pilosidade preta; esternitos com a mesma cor dos tergitos, apresentando reflexos violáceos ou azul-metálicos de acordo com a maior ou menor intensidade de luz; pilosidade preta muito esparsa.

Genitália do ♂ (fig. 103) amarelo-avermelhada com pilosidade preta em mistura com amarela. Escleritos do 9.º tergito (fig. 123) semelhante a de *rufiventris*, apenas com o angulo externo menos pronunciado; o angulo interno é mais agudo e com a curvatura mais aberta; 9.º esternito (fig. 132) duas vezes mais largo que longo, com a margem inferior do espaço mediano bi-lobado e com um tufo de cerdas em cada lobo; cerdas formando tufo também se encontram no inicio das expansões laterais; estas são largas e com duas projeções, sendo uma aguda, esclerosada e dirigida para

ESTAMPA XII

142) *Mydas coerulescens* Olivier, aedeagus e peças laterais, vista lateral; 143) Idem, vista ventral; 144) *Mydas apicalis* Wiedemann, aedeagus e peças laterais, vista dorsal; 145) *Mydas clavatus* (Drury), aedeagus e peças laterais, vist. lateral; 146) Idem, vista ventral; 147) *Mydas interuptus* Wiedemann, aedeagus e peças laterais, vista lateral; 148) Idem, vista ventral; 149) *Mydas dives* Westwood, aedeagus e peças laterais, vista lateral; 150) *Mydas apicalis* Wiedemann, aedeagus e peças laterais, vista lateral; 151) *Mydas heros* Perty, aedeagus e peças laterais, vista lateral; 152) *Mydas autmorii*, n. sp., aedeagus, vista lateral; 153) *Mydas argyrostomus* Gerstaecker, aedeagus e peças laterais, vista lateral; 154) *Mydas militaris* Gerstaecker, aedeagus e peças laterais, vista lateral; 155) *Mydas gracilis* Macquart, aedeagus e peças laterais, vista lateral; 156) *Mydas rufiventris* Macquart, aedeagus e peças laterais, vista lateral; 157) *Mydas rubidapex* Wiedemann, aedeagus e peças laterais, vista lateral; 158) *Mydas mystaceus* Wiedemann, aedeagus e peças laterais, vista lateral. (Respectivamnte na mesma escala as figuras 142, 149 e 153 a 157; 143 e 158; 144 a 146, 150 e 152; 147 e 148).


142
143
144
145
146
147
148
149
150
151
152
153
154
155
156
157
158

ESTAMPA XII

o espaço mediano e outra arredondada com a pequena porção da sua margem serrilha. Aedeagus (fig. 154) pequeno e com as estruturas laterais desenvolvidas.

MATERIAL EXAMINADO — 3 ♂♂, sendo um com o N.º 20.134 pertencente à coleção do Departamento de Zoologia.

PROCEDÊNCIA DO MATERIAL — República do México, Atencingo, junho de 1922 (E. G. Smyth).

COMENTÁRIOS — Esta espécie foi descrita por Macquart com o nome de *vittatus* que Gerstaecker mudou para *militaris* em vista de ter sido *vittatus* usado por Wiedemann em 1828 para outra espécie de *Mydas*. Posteriormente, Séguy (1928) transferiu a espécie de Wiedemann para o gênero *Syllegomydas*.

A densa pilosidade amarela da face e os reflexos intensos de cor verde-metálica no abdômen de *militaris* separam-na facilmente de *Mydas rufiventris*, com a qual apresenta muita afinidade.

Mydas gracilis Macquart

Mydas gracilis Macq., 1834, p. 274, tab. 7, f. 1a-b; Westw., 1841, p. 52; Walk., 1854, p. 366; Gerst., 1868, p. 97; Hunter, 1901, p. 154; Aldrich, 1905, p. 251; Kertész, 1909, p. 38.

REDESCRIÇÃO: ♂. — Comprimento do corpo 22-25 mm.; da asa 15-17 mm.; da antena 4,5-5 mm.

Cabeça (fig. 22) mais larga que a maior largura do Tórax; fronte preta, exceto nas margens oculares que estão recobertas de pruina amarelo-esbranquiçada e com fina pilosidade da mesma cor; a pruina das margens oculares da fronte se estende até a base das antenas e se prolonga pelas margens oculares da face; na base das antenas a pilosidade amarelo-esbranquiçada é mais densa e longa; ocelo pouco distinto, situado no meio da fronte, havendo atraz dele três pequenas quilhas preto-brilhantes; vértice castanho com pilosidade ruiva lateral; occipício preto-aveludado, exceto nas margens oculares onde é revestido de pruina branco-amarelada; pilosidade esparsa e de cor esbranquiçada; face castanho-brilhante no meio e na borda bucal, o restante recoberto de longa pilosidade amarelo-esbranquiçada; probóscida castanha; antena (fig. 50) castanho-avermelhada; os dois primeiros artículos com curta pilosidade preta, o quarto aveludado, comprimido no ápice; o primeiro artículo duas vezes maior que o segundo, o terceiro quatro vezes mais longo que os dois basais reunidos, o quarto bastante dilatado e pouco menor que o terceiro.

Tórax: pronoto castanho-aveludado, exceto na margem anterior que é recoberta de pruina esbranquiçada; mesonoto castanho-aveludado com quatro faixas esbranquiçadas; as duas medianas

pouco mais largas na margem anterior e quase reunidas na margem pré-escutelar, havendo entre elas uma faixa preto-fosca; pilosidade amarelada e preta, mais abundante no prescuto; calos umerais castanho-claro, com pruina cinza e pilosidade preta; calos pós-alares castanhos e revestidos de escassa pruina cinza; escutelo castanho-escuro e com escassa pilosidade amarelada; região pós-escutelar castanho-escura na porção mediana onde se encontram duas manchas arredondadas de pruina amarelo-esbranquiçada e nos lados castanho-claro com pruina cinza; pleuras revestidas de pruina amarelo-esbranquiçada com pilosidade clara que é muito esparsa na própleura, na parte superior da mesopleura e na pteropleura, sendo nesta última região mais abundante; metatorax com pruina branco-amarelada e fina pilosidade branca; atraz dos halteres há uma projeção mamiliforme.

Pernas (fig. 78 a 80) castanhas, um pouco mais escura na superfície interna das tíbias e dos tarsos; coxas revestidas de pruina branca e pilosidade também branca; pilosidade preta na superfície superior dos fêmures, esbranquiçada e muito esparsa na superfície inferior; a pilosidade do restante das pernas é inteiramente preta; cerdas curtas e pretas; tíbias posteriores com esporão apical desenvolvido, tão longo quanto a largura do primeiro tarso. Garras castanhas com o ápice preto; pulvilos castanhos.

Asas quase hialinas, apenas com discreta tonalidade amarela; esquâmula branco-amarelada com uma franja de escamas esbranquiçadas; M4 presente. Halteres castanho-escuros.

Abdômen castanho-escuro, com fortes reflexos azul-metálicos que de acordo com a incidência de luz é mais ou menos intenso; margem posterior de todos os segmentos de cor amarela; pilosidade do primeiro segmento branca e mais longa nos lados; nos segmentos seguintes há pilosidade mais curta nos lados e de cor esbranquiçada e pilosidade preta na porção mediana dos tergitos; esternitos castanhos com reflexos azul-metálicos de bem menor intensidade; margem posterior também amarela e recoberta de pilosidade curta, escassa e de cor amarela.

Genitália do ♂ (fig. 98) castanho-escura com pilosidade preta e amarela. Esclerito do 9.° tergito (fig. 119) mais ou menos oval e com uma grande projeção supero-lateral externa, digitiforme, mas com o ápice bastante recurvado em forma de gancho; cerdas longas mais abundantes na margem externa; 9.ò esternito (fig. 141) muito largo, com a margem inferior do espaço mediano quase retilinea e munida de pequenas cerdas; as projeções laterais de forma caracteristica; aedeagus (fig. 155) pequeno e grosso e com o ápice enrugado; estruturas laterais de contorno mais ou menos quadrangular.

Material examinado — 3 ♂♂, sendo um com o N.º 20.132 da coleção do Departamento de Zoologia.

PROCEDÊNCIA DO MATERIAL — Ilhas Bahamas, Nassau, 1929.

COMENTÁRIOS — Os caracteres do material que examinamos concordam integralmente com a diagnose original. É uma espécie que facilmente se reconhece pelas duas manchas arredondadas de pruina branca na região pós-escutelar, pelas asas muito pouco escurecidas, pela cor castanho-escura do abdômen com reflexos azul-metálicos e margem posterior dos tergitos amarela e pela forma do 9.º tergito e 9.o esternito da genitália do ♂. Tais caracteres isolam completamente esta espécie de todas as outras que conhecemos.

Mydas interruptus Wiedemann

Mydas interruptus Wied., 1829, p. 37 et 46, Tab. 53, f. 12; 1830, p. 628; Westw., 1841, p. 52; Walk., 1854, p. 362; Gerst., 1868, p. 100; Willist., 1897, p. 54; Aldrich, 1905, p. 251; Kertész, 1909, p. 38.

Mydas senilis Westw., 1841, p. 52; Walk., 1854, p. 361; Gerst., 1868, p. 101; Willist., 1897, p. 54; Aldrich, 1905, p. 252; Kertész, 1909, p. 41.

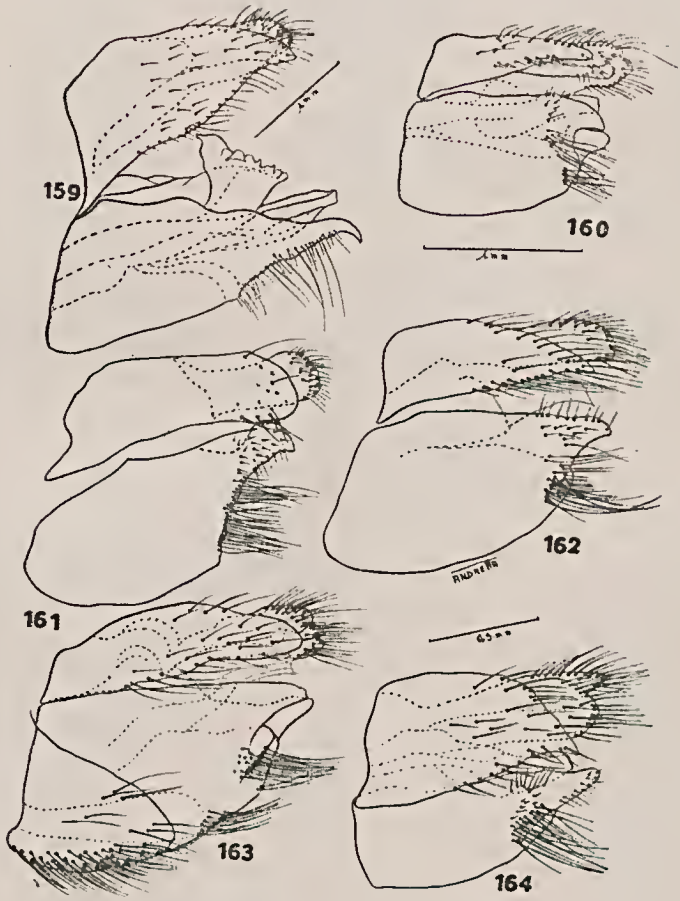
Mydas tricinctus Bell., 1861, p. 8, tab. 1, f. 2;

Lampromydas bellus Séguy, 1928, p. 144.

REDESCRIÇÃO: ♂. — Comprimento do corpo 18-20 mm.; da asa 13-15 mm.; da antena 4-5 mm.

Cabeça (fig. 39) pouco mais larga que a maior largura do tórax; fronte preto-brilhante com estreita faixa de pruina amarela ao longo das margens oculares e longa pilosidade amarelo-claro mais abundante na base das antenas; calo ocelar com ocelo pouco distinto, atraz do qual se encontram três quilhas preto-brilhantes; vértice preto, com u'a mancha arredondada de cor alaranjada nos lados e longa pilosidade amarelo-clara; occipício preto, recoberto de pruina amarelada que é mais densa ao longo da margem ocular e com esparsa pilosidade amarelo-clara; barba rala e amarelo-clara; probóscida castanho-escura; face preto-brilhante recoberta de eriçada e longa pilosidade amarelo-clara e com uma faixa de pruina da mesma cor nas margens oculares; antenas (fig. 53) pretas, exceto o quarto artículo que é quase inteiramente castanho; o primeiro e segundo artículos recobertos de pilosidade amarelo-clara; o comprimento do primeiro é duas vezes o do segundo; o terceiro é pouco maior que o quarto que é clavado e chanfrado apicalmente.

Tórax: pronoto preto-fosco com pilosidade amarelo-clara nos lados; mesonoto preto-fosco, com duas faixas medianas e longitudinais de pruina castanha que se iniciam nos lados dos calos umerais e se estendem até a sutura pré-escutelar onde se fundem; entre estas faixas existe uma linha castanha; pilosidade amarela se encontra sobre as faixas castanhas e sobre as margens laterais desde os úmeros até os calos pós-alares; calo umeral preto-fosco e com pilosidade amarela; escutelo preto-fosco, com esparsa pilosidade



ESTAMPA XIII

159) *Messiasia decor* (Osten Sacken), terminália do ♂, vista lateral; 160) *Messiasia dalcyana*, n. sp., terminália do ♂, vista lateral; 161) *Messiasia carrerai*, n. sp., terminália do ♂, vista lateral; 162) *Messiasia polita* (Wiedemann), terminália do ♂, vista lateral; 163) *Messiasia zikani*, n. sp., terminália do ♂, vista lateral; 164) *Messiasia notospila* (Wiedemann), terminália do ♂, vista lateral. (Respectivamente na mesma escala as figuras: 160, 162 e 163; 161 e 164).

amarela, pouco mais abundante lateralmente; região pós-escutelar preto-aveludada, com esparsa pruina castanha; pleuras pretas, recobertas de discreta pruina cinza; pilosidade eriçada, amarelo-clara, sobre a própleura e pteropleura; metatorax preto, com discreta pruina cinza e com uma projeção mamiliforme atraz dos halteres.

Pernas (figs, 81 e 82) pretas, apenas as articulações fêmuro-tibiais castanho-escuras e recobertas de pilosidade amarela eriçada; fêmur posterior bastante entumecido, três vezes a largura da tibia; esporão apical da tíbia posterior mais longo que a largura do primeiro artículo tarsal. Garras castanhas com o ápice preto; pulvilos castanho-claros.

Asas (fig. 90) ligeiramente amareladas, iridescentes, vitreas, com pequeno escurecimento ao longo das nervuras, às vezes muito claras; M4 presente ou não, ás vezes representada apenas por um pequeno apêndice (em um exemplar encontra-se a nervura M4 completa na asa esquerda e apenas um pequeno apêndice de nervura na direita; em outro exemplar esta nervura alcança a metade do seu comprimento total na asa direita, sendo na esquerda atrofiada; em um terceiro espécime há ausência completa desta nervura); nervuras castanhas; esquâmula castanho-escura com uma larga margem amarelo-clara e uma franja de curtos pêlos da mesma cor. Halteres amarelo-claros, ligeiramente enfuscados no pedúnculo.

Abdômen preto; a margem posterior do segundo e terceiro tergitos amarelo-clara, sendo no segundo interrompida por duas manchas escuras; a margem posterior do quarto, quinto e sexto tergitos é castanha; pilosidade amarelo-clara encontra-se em todo o primeiro tergito, mais longa nos lados, sendo nos tergitos restantes de cor castanha; esternitos com a mesma cor dos tergitos, mas com pilosidade escassa.

Genitália do ♂ (fig. 99) preta com pilosidade amarelo-clara em mistura com pêlos pretos. Esclerito do 9.º tergito (fig. 121) mais ou menos triangular, com o ápice arredondado, atraz do qual se origina uma projeção digitiforme que termina por uma ponta aguda; cerdas esparsas; 9.º esternito (fig. 128) quadrangular com a margem inferior do espaço mediano apenas com um lobo e provido de cerdas desenvolvidas e longas; projeções laterais largas com três expanções, sendo a supero-externa mais aguda; aedeagus (figs. 147 e 148) extremamente curto e com as expanções laterais também pequenas.

Material examinado — 3 ♂♂, sendo um com o N.º 20.135 pertencente à coleção do Departamento de Zoologia.

Procedência do material — República do México: Cuernavaca, março de 1923 (E. G. Smyth); Chiltenden; Coapa, D. F., agosto de 1922 (E. G. Smyth).

Comentários — Os caracteres do material que examinamos concordam com a diagnose de Wiedemann para *interruptus*. As diagnoses de *Mydas senilis* Westwood, 1841, e *Lampromydas bellus* Séguy, 1928, também se adaptam perfeitamente à *interruptus*, razão pela qual acreditamos que se trate da mesma espécie. O mesmo acontece com *trincinctus* Bellardi, 1861, cuja sinonímia foi proposta por Gerstaecker em 1868 de pleno acordo com o nosso ponto de vista. *Mydas interruptus* é muito próxima de *subinterruptus* Bellardi, 1861, da qual se distingue apenas pela pilosidade preta da face e da fronte, pois os outros caracteres diferenciais apresentados por Bellardi, também podem existir em *interruptus* segundo o material que examinamos.

Midas basalis Westwood

Mydas basalis Westw., 1841, p. 53; Walk., 1854, p. 362; Bell., 1861, p. 10; Gerst., 1868, p. 100; Willist., 1897, p. 55; Aldrich, 1905, p. 251; Kertész, 1909, p. 35.

Redescrição: ♀. — Comprimento do corpo 22 mm.; da asa 18 mm.; da antena 4 mm.

Cabeça (fig. 23) tão larga quanto a maior largura do tórax; fronte nos lados, superiormente, castanha com pilosidade amarelada e eriçada, mais abundante na base das antenas; ocelo nítido, atraz do qual se encontram três quilhas preto-brilhantes, sendo as laterais pouco desenvolvidas; vértice castanho com esparsa pilosidade amarelada; occipício preto, exceto nos cantos superiores atraz dos olhos que são castanhos, recobertos de discreta pruina cinza e esparsa pilosidade amarelada; barba esbranquiçada; probóscida castanha; face castanho-brilhante, havendo nos lados pruina amarelo-esbranquiçada, pilosidade amarela na margem bucal e, nos lados da saliência facial, alguma pilosidade preta desde a base das antenas atéo meio da face; antenas castanho-escuras, primeiro e segundo artículos com curtos pêlos amarelos, o primeiro artículo duas vezes o comprimento do segundo, o terceiro quatro vezes o comprimento dos basais reunidos e o quarto pouco menor que o terceiro.

Tórax: pronoto preto com pilosidade amarelada nos lados; mesonoto castanho nos lados e preto na porção mediana, formando uma larga faixa que se dilue posteriormente; pilosidade preta e curta existe anteriormente e nos lados; calos umerais castanhos e com muito curta pilosidade preta; calos pós-alares castanhos, um pouco mais escuros; escutelo preto com muito curta pilosidade lateral de cor amarelada; região pós-escutelar preto-aveludada com discreta pruina castanha; pleuras castanho-escuras, brilhantes, havendo pilosidade amarela na pteropleura.

Pernas (figs. 73 a 75): coxas castanho-escuras com pilosidade preta e amarelada no primeiro par; inteiramente amarela no segundo e amarela e preta no terceiro; fêmures anteriores e medianos castanho-escuros com o ápice amarelo; fêmures posteriores com a superficie dorsal interna castanho-escura, pilosidade preta exceto na superficie dorsal que é amarela; tíbias e tarsos amarelos revestidos de pilosidade amarela superiormente e preta na superficie inferior; esporão apical da tíbia posterior tão longo quanto a largura do primeiro artículo tarsal. Garras com a metade basal amarela e a apical preta; pulvilos amarelos.

Asas vítreas e ligeiramente amareladas; nervura M4 ausente; esquâmula castanha com larga margem amarela e franja de curtos pêlos amarelos. Halteres amarelos, exceto a base do pedúnculo que é castanho.

Abdômen preto, com faixa amarela revestindo a margem posterior dos segmentos 2-8 em uma extensão que ocupa um têrço do tergito; no sétimo tergito esta faixa amarela é bem mais larga; pilosidade preta e curta; esternitos com a mesma marcação dos tergitos; pilosidade preta e esparsa.

Genitália da fêmea amarela com pêlos amarelos.

Material examinado — Uma ♀ da coleção do U. S. Nacional Museum de Washington.

Procedência do material — República do México, Huipulco, agosto de 1923 (E. G. Smyth).

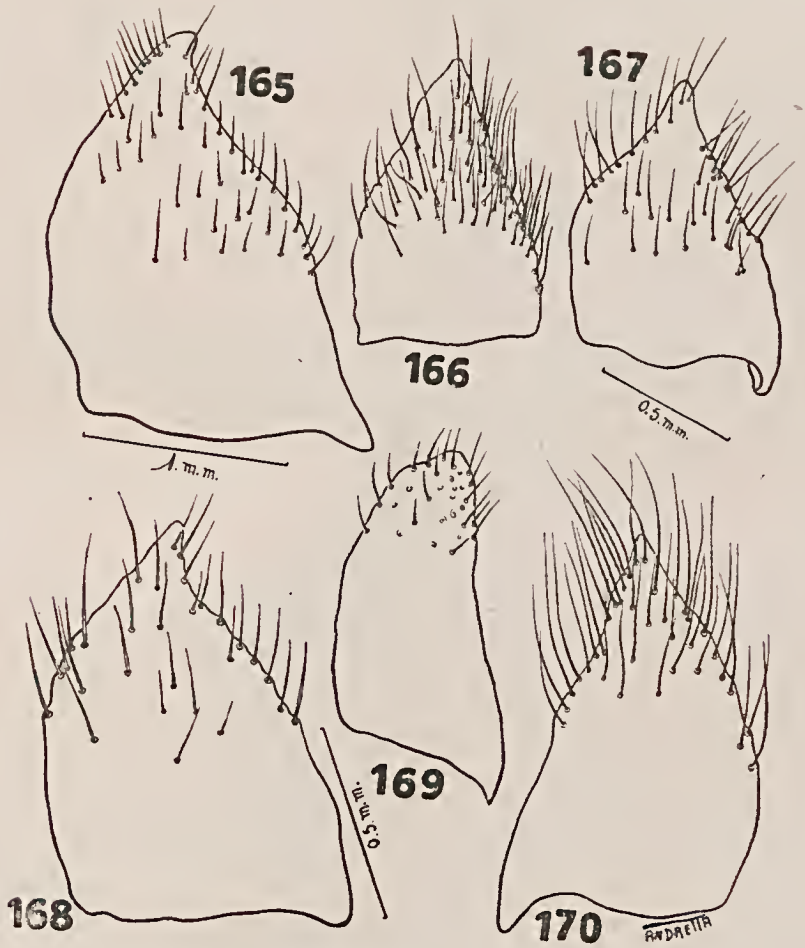
Comentários — A diagnose original desta espécie, apesar de bastante restrita é suficiente para o seu reconhecimento, pois trata-se de uma espécie muito caracteristica, que já foi evidenciada por vários autores.

Messiasia, n. gen.

Este novo gênero é creado para um agrupamento de espécies que se distingue de *Mydas*, principalmente, pela estrutura das peças bucais.

Caracteres: probóscida curta, devido ao pequeno comprimento da teca; labelo grande, membranoso, eliptico ou de forma circular quando suas duas peças se espandem e com numerosas pseudotraqueas; palpos muito pequenos; fêmures posteriores semelhantes aos do gênero *Mydas;* tibias posteriores com ou sem esporão apical; asas com a disposição das nervuras identica à *Mydas;* genitália do macho com o aedeagus geralmente sem estruturas laterais; 9.º tergito constituido por dois escleritos que apresentam a forma triangular; genitália da fêmea sem coroa de espinhos.

Genotipo: *Messiasia carrerai*, n. sp.



ESTAMPA XIV

165) *Messiasia decor* (Osten Sacken), esclerito esquerdo do 9.º tergito da genitália do ♂, vista dorsal; 166) *Messiasia zikani*, n. sp., esclerito esquerdo do 9.º tergito da genitália do ♂, vista dorsal; 167) *Messiasia dalcyana*, n. sp., esclerito esquerdo do 9.º tergito da genitália do ♂, vista dorsal; 168) *Messiasia notospila* (Wiedemann), esclerito esquerdo do 9.º tergito da genitália do ♂, vista dorsal; 169) *Messiasia carrerai*, n. sp., esclerito esquerdo do 9.º tergito da genitália do ♂, vista dorsal; 170) *Messiasia polito* (Wiedemann), esclerito esquerdo do 9.º tergito da genitália do ♂, vista dorsal. (Respectivamente na mesma escala as figuras: 165 e 166; 167, 169 e 170).

Este gênero distingue-se nitidamente de *Mydas* pela conformação da probóscida e da genitália dos machos.

Distingue-se de *Paramydas* Carrera & d'Andretta, 1948, por apresentar somente M1 terminando na C, enquanto que em *Paramydas* a R5 também termina na C (figs. 92 e 93). O tegumento do abdômen de *Messiasia* é liso, enquanto que em *Paramydas* é grossamente pontilhado.

Messiasia pela conformação geral da propóscida aproxima-se de *Heteromydas* Hardy, 1944, mas dele se separa perfeitamente pelos seguintes caracteres: palpos atrofiados (muito desenvolvidos em *Heteromydas*); somente a nervura M1 termina na C (fig. 91); trocanteres inermes; genitália da fêmea sem coroa de espinhos.

A distinção entre este novo gênero e *Phyllomydas* Bigot, 1880, pode ser feita pelas antenas que são de forma normal em ambos os sexos e, principalmente, pela configuração da genitália das fêmeas que é simples e sem as projeções laterais. A probóscida de *Phyllomydas* se assemelha muito a do gênero *Mydas*.

CHAVE PARA AS ESPÉCIES NEOTRÓPICAS DO GÊNERO *MESSIASIA*

1 - Abdômen preto ou com brilho metálico azul ou verde 2
- Abdômen castanho-escuro com faixa clara na margem posterior de cada segmento, ou amarelo-alaranjado com manchas castanho-escuras . . . 4

2 - Abdômen inteiramente preto . . . . . *decor* (Osten Sacken)
- Abdômen com brilho metálico azul ou verde . . 3

3 - Abdômen com mancha amarela sobre o segundo tergito, cor esta que recobre inteiramente o segundo esternito . . . . . *zikani*, n. sp.
- Abdômen com intenso brilho metálico azul ou violácco, sem marcações amarelas . . . . . *polita* (Wiedemann)

4 - Abdômen castanho-escuro com faixa amarela na margem posterior dos tergitos 5
- Abdômen alaranjado com manchas castanho-escuras 6

5 - Esporão apical das tíbias posteriores presente; clípeo castanho com pêlos ruivos; terceiro artículo antenal pouco menor que o quarto; asas ligeiramente amareladas . . . . . *dalcyana*, n. sp.
- Esporão apical das tíbias posteriores ausente; clípeo preto com pêlos amarelo-claros; terceiro artículo antenal maior que o quarto; asas enfuscadas, apenas o centro de algumas células mais claro *notospila* (Wiedemann)

6 - Margens laterais do mesonoto e calos umerais alaranjados . . . . . *punicea* (Sèguy)
- Margens laterais do mesonoto e calos umerais pretos 7
7 - Tergitos abdominais inteiramente alaranjado-escuros, sem reflexos metálicos . . . . . *carrerai*, n. sp.
- Tergitos abdominais amarelos com manchas pretas laterais desde o quarto ao sétimo e com reflexos metálicos azuis ou violáceos . . . . . *lanei*, n. sp.

Mydas testaceiventris Macquart, 1849, que segundo Sèguy (1928) é muito próxima de *punicea*, deve pertencer a este novo gênero. Do mesmo modo *cingulatus* Williston, 1897, que é afim de *notospila*. Estas duas espécies não puderam ser incluidas na chave acima pela falta de material.

Messiasia carrerai, n. sp.

♂ ♀. — Comprimento do corpo 13-15 mm.; da asa 10-12 mm.; da antena 2-2,5 mm.

Cabeça (figs. 16 e 40) mais larga que a maior largura do tórax; fronte preta com pilosidade preta mais abundante na base das antenas; calo ocelar preto-brilhante com ocelo distinto e tendo atraz três quilhas preto-brilhantes, sendo a mediana mais desenvolvida; vértice preto com pilosidade preta; occipício preto, côncavo, revestido de pruina cinza-amarelada e pilosidade preta mais abundante superiormente; barba preta; probóscida (figs. 16 a 21) castanha; face preta, sendo a protuberância mediana brilhante e com pilosidade preta, no resto com esparsa pruina cinza-amarelada; antenas pretas, primeiro e segundo artículos com curta pilosidade preta, o primeiro artículo duas vezes o comprimento do segundo, o terceiro quase três vezes os basais reunidos e o quarto tão longo quanto o terceiro.

Tórax preto, fosco, com três estreitas faixas longitudinais de pruina cinza muito discreta, havendo sobre as faixas laterais pilosidade preta que também se encontra lateralmente; calos umerais e pós-alares castanhos; escutelo preto, com muito escassa pilosidade lateral; região pós-escutelar preta com alguma pruina cinza-amarelada; pteropleura com pilosidade preta.

Pernas (figs. 83 e 84) pretas, com pilosidade da mesma cor; tíbias posteriores com esporão apical (fig. 85) tão longo quanto a largura do primeiro artículo tarsal. Garras pretas; pulvilos castanhos.

Asas enfumaçadas de castanho mais intensamente nas células costal e subcostal; nervura M4 presente; esquâmula preta, com a

margem castanho-escura e com algumas cerdas esquaniformes da mesma cor. Halteres pretos.

Abdômen castanho-brilhante, sendo preto o primeiro tergito e as margens laterais e posterior do sétimo, na ♀ todo o sétimo e oitavo tergitos são pretos; esternitos preto-brilhantes; pilosidade curta e preta; tegumento com pontilhação discreta nos esternitos da fêmea.

Genitália do ♂ (fig. 161) preta com pilosidade da mesma cor. Esclerito do 9.º tergito (fig. 169) de forma mais ou menos retangular, sendo a porção apical arredondada e com algumas pequenas cerdas; 9.º esternito (fig. 175) ovalado, com a margem inferior do espaço mediano pequena e ligeiramente convexa; projeções laterais largas, tendo na sua base uma faixa esclerosada na qual se implantam cerdas; aedeagus (fig. 183) pequeno e triangular, sem estruturas laterais. Genitália da ♀ preto-brilhante com escassa pilosidade preta.

Holótipo ♂, alótipo ♀ e 3 parátipos ♂♂ depositados o holótipo na coleção do Museu Nacional do Rio de Janeiro, o alótipo N.º 20.240 e dois parátipos N.os 20.241 e 20.242 na coleção do Departamento de Zoologia de São Paulo e um parátipo na coleção do Instituto Oswaldo Cruz do Rio de Janeiro.

Localidade tipo — Brasil: Estado de Santa Catarina, Imbituba, novembro e dezembro de 1936 (Mello Leitão).

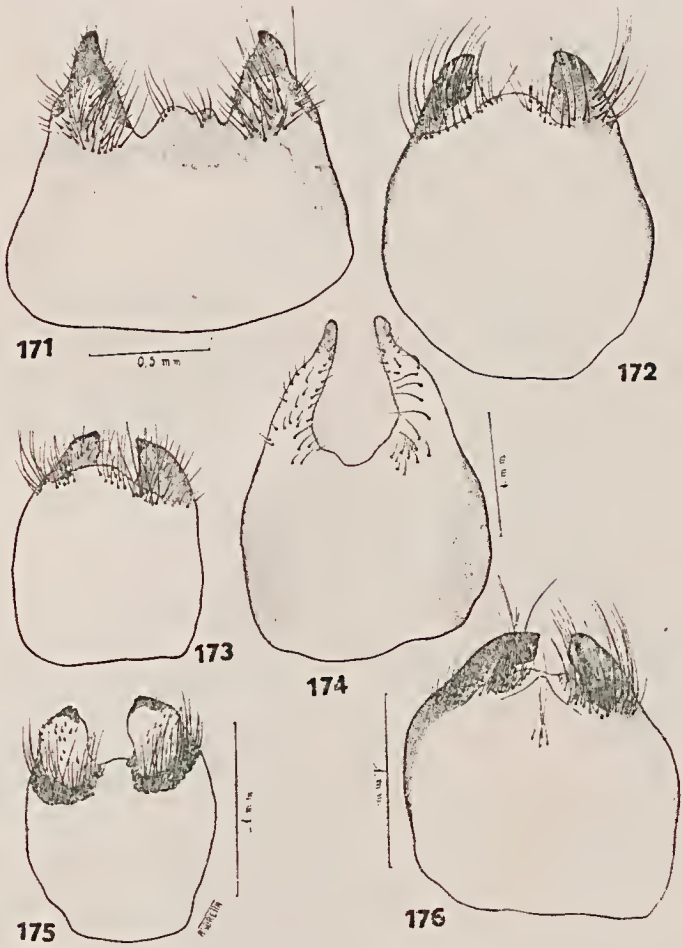
Discussão taxionômica — Esta espécie é próxima de *punicea* Sèguy, 1928, da qual se distingue, além dos caracteres dados na chave, pela cor uniforme do tórax, pela cor preta das pernas e pela cor castanha do abdômen praticamente sem manchas escuras. Separa-se também de *lanei*, n. sp. pela forma muito clavada do fêmur posterior, pelo esporão apical da tíbia posterior mais desenvolvido e com algumas pequenas cerdas, havendo em *lanei*, n. sp. um esporão muito pequeno e uma cerda basal e, ainda, pela cor uniforme do abdômen que não apresenta manchas e nem reflexos violáceos.

A denominação do novo gênero e desta nova espécie é dedicada ao Sr. Messias Carrera, nosso dileto amigo e colaborador. Procuramos com esta simples homenagem agradecer sua inestimavel ajuda, engrandecida ainda mais pela modéstia, bondade e altruismo com que é ofertada.

Messiasia lanei, n. sp.

♀. — Comprimento do corpo 14-16 mm.; da aa 11-13 mm.; da antena 2,5-3 mm.

Cabeça (fig. 41) pouco mais larga que a maior largura do tórax; fronte preta com pilosidade da mesma cor, mais abundante na base das antenas; margem ocular com um friso de pruina cinza;



ESTAMPA XV

171) *Messiasia natospila* (Wiedemann), 9.º esternito da genitália do ♂, vista ventral; 172) *Messiasia polita* (Wiedemann), 9.º esternito da genitália do ♂, vista ventral; 173) *Messiasia dalcyana*, n. sp., 9.º esternito da genitália do ♂, vista ventral; 174) *Messiasia decar* (Osten Sacken), 9.º esternito da genitália do ♂, vista ventral; 175) *Messiasia carrerai*, n. sp., 9.º esternito da genitália do ♂, vista ventral; 176) *Messiasia zikani*, n. sp., 9.º esternito da genitália do ♂, vista ventral. (Na mesma escala as figuras 172, 173 e 176).

calo ocelar preto-brilhante, com ocelo pouco distinto, tendo atraz três quilhas preto-brilhantes; vértice preto, com pilosidade preta; occipício profundamente côncavo, preto e inteiramente revestido de pruina cinza-amarelada e com esparsa pilosidade preta; barba preta; probóscida castanha; face preta, exceto na saliência mediana que é castanho-escura e revestida de pilosidade preta; na margem dos olhos encontra-se pruina cinza; antenas ocráceas, os dois primeiros artículos mais escuros e com pilosidade preta; o primeiro artículo quase três vezes o comprimento do segundo, o terceiro duas vezes e meia os dois basais reunidos, o quarto pouco maior do que o terceiro e com manchas escuras na base e no ápice.

Tórax de cor castanha; mesonoto com duas faixas pretas, medianas, que se estendem desde a margem anterior até quase a sutura pré-escutelar; estas duas faixas estão separadas em quase todo o seu comprimento por uma linha de cor castanha; pilosidade preta e esparsa presente na metade anterior e nos lados do mesonoto; calos pós-alares levemente mais claros que o resto do mesonoto; escutelo preto, com a porção mediana da margem posterior de cor castanha e com pilosidade preta e escassa; região pós-escutelar preta com pruina castanha, rugosa; pleuras pretas com alguns pêlos castanhos na própleura e alguns pretos na pteropleura.

Pernas castanhas com pilosidade preta; esporão da tíbia posterior muito pequeno, tão longo quanto a metade da largura do primeiro tarso. Garras castanhas; pulvilos amarelos.

Asas levemente enfumaçadas de castanho; M4 presente; esquâmula castanha, com larga margem esbranquiçadas e uma franja de pequenas cerdas esquamiformes de cor castanha. Halteres castanho-escuros.

Abdômen: primeiro tergito preto, às vezes com intensos reflexos metálicos de cor violácea; os tergitos restantes de cor amarela, sendo as margens laterais do 4-7 pretos, com reflexos metálicos azuis ou violáceos, reflexos estes que também se estendem pela porção de cor amarela; em alguns a coloração preta das margens laterais do 5-7 tergitos é bastante extensa, recobrindo grande parte da superficie superior; esternitos da metade basal do abdômen amarelos, os restantes pretos com reflexos metálicos de cor violácea; às vezes a coloração amarela basal é muito reduzida; pilosidade curta, escassa e de cor preta.

Genitália da ♀ (figs. 193 a 195) castanha com pilosidade preta.

♂: — Desconhecido.

Holótipo ♀ e 2 parátipos ♀ ♀ depositados, o holótipo e um parátipo na coleção do U. S. National Museum de Washington e um parátipo sob o N.º 20.239 na coleção do Departamento de Zoologia de São Paulo.

Localidade tipo— República do Peru, Lima, janeiro de 1929 (holótico e parátipo) e dezembro de 1912 (C. H. T. Townsend) (parátipo).

Discussão taxionômica: — Esta espécie é afim de *carrerai*, n. sp. e *punicea* Séguy, 1928, das quais se distingue facilmente pelos reflexos azul-violáceos e pelas manchas escuras do abdômen.

Dedicamos esta espécie ao nosso prezado amigo Sr. John Lane, da Faculdade de Higiene de São Paulo, a quem somos muito gratos pelas suas inumeras gentilezas.

Messiasia punicea (Séguy)

Mydas puniceus Sèguy, 1928, p. 143

Redescrição: ♀. — Comprimento do corpo 18 mm.; da asa 14 mm., da antena? (quebrada).

Cabeça (fig. 42) tão larga quanto a maior largura do tórax; fronte preta com pilosidade preta; nas margens oculares com muito discreta pruina cinza; calo ocelar preto-brilhante, com distinto ocelo, tendo atraz três quilhas também preto-brilhantes; vértice preto, com pilosidade preta; occipício preto, com pruina cinza e pilosidade preta; barba preta; probóscida castanho-escura; face preta, exceto a calosidade mediana que é castanho-escura; pilosidade preta e muito esparsa; antenas pretas, primeiro artículo duas vezes o comprimento do segundo, o terceiro três vezes e meia o comprimento dos basais reunidos; o quarto artículo está quebrado.

Tórax preto-aveludado, exceto as margens laterais do mesonoto que são de cor ocrácea, cor esta que recobre também os calos umerais e os calos pós-alares; pilosidade preta muito escassa; escutelo preto, com pilosidade preta nas margens das concavidades laterais; região pós-escutelar preto-aveludada, rugosa lateralmente; pleuras castanho-escuras; pteropleura rugosa com escassa pilosidade preta.

Pernas castanho-escuras com pilosidade preta; esporão das tíbias posteriores tão grande quanto a grossura do primeiro artículo tarsal. Garras pretas; pulvilos amarelos.

Asas castanhas, mais intensamente ao longo das nervuras, com reflexos metálicos pouco intensos; M4 presente; esquâmula castanho-escura, com uma franja de cerdas esquamiformes da mesma cor. Halteres pretos.

Abdômen castanho-escuro no primeiro tergito e no têrço anterior do segundo; preto com reflexos metálicos azuis ou violáceos e duas pequenas manchas ocráceas centrais no sétimo e oitávo; o restante dos tergitos ocráceo, exceto as margens laterais que são pretas e com brilho metálico; esternitos pretos ou castanho-escuros com brilho metálico, exceto nas margens posteriores que são mais

claras; pilosidade preta, curta e esparsa; tegumento com pontilhação grande, mas muito esparsa.

Genitália da ♀ com pilosidade preta.

MATERIAL EXAMINADO — Uma ♀ N.º 20.238 da coleção do Departamento de Zoologia, anteriormente identificada por E. Séguy como *Mydas puniceus*.

PROCEDÊNCIA DO MATERIAL — República Argentina, Chaco de Santiago del Estero, margem do Rio Salado, 1910 (E. R. Wagner).

COMENTÁRIOS — Esta espécie é facilmente reconhecivel pelas faixas alaranjadas existentes nos lados do mesonoto.

Messiasia notospila (Wiedemann)

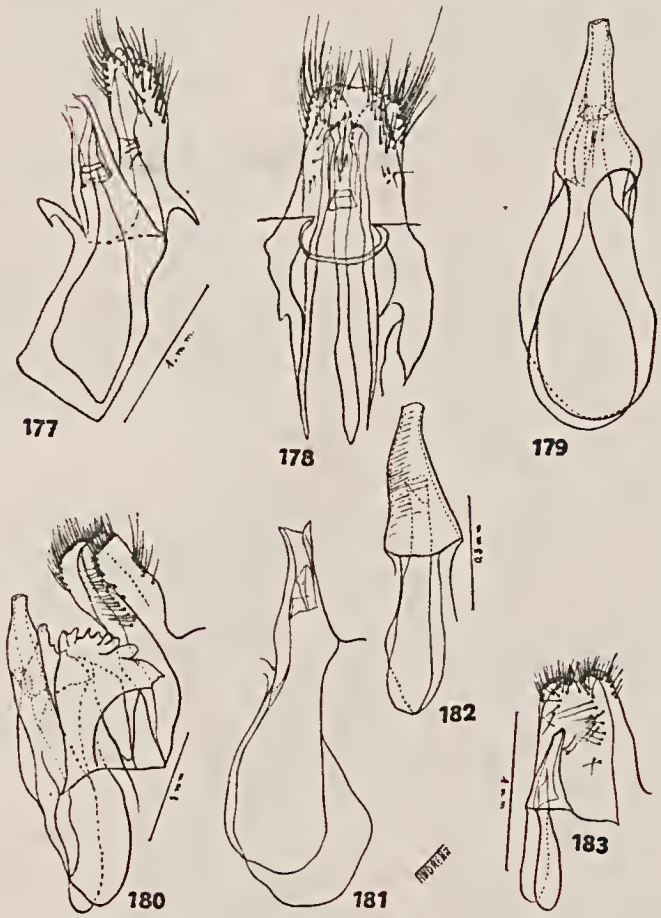
Mydas notospilus Wied., 1828, p. 244; 1829, p. 37 et 52, tab. 54, f. 20; Walk., 1837, p. 339; Westw., 1841, p. 54; Walk., 1848, p. 288; 1854, p. 366; Gerst., 1868, p. 101; Willist., 1897, p. 57; Hunter, 1901, p. 154; Kertész, 1909, pp. 39-40.

REDESCRIÇÃO: ♂ ♀. — Comprimento do corpo 16 mm.; da asa 13 mm.; da antena 4 mm.

Cabeça (fig. 43) um pouco mais larga que a maior largura do tórax; fronte preta, havendo nas órbitas oculares pruina amarela que se espalha pela base das antenas, prolongando-se ao longo das margens orbitais da face; há nos lados da fronte pilosidade amarela, esparsa, pouco mais abundante na base das antenas; ocelo distinto, situdo no meio da fronte e tendo atraz três pequenas quilhas preto-brilhantes; vértice preto com esparsa pilosidade amarela; occipício preto, profundamente escavado, com pruina cinza na porção mediana e pruina amarela ao longo das margens oculares; pilosidade amarela e esparsa; barba amarelada; probóscida castanha; face com esparsa pilosidade amarelada nos lados e na borda bucal, havendo pruina amarela nas cavidades laterais da face; antenas castanhas com curta pilosidade preta nos dois primeiros artículos, o primeiro artículo é duas vezes o comprimento do segundo, o terceiro quatro vezes aproximadamente os dois basais reunidos e o quarto pouco menor que o terceiro; na fêmea a face é castanha e o quarto artículo da antena é mais entumecido.

Tórax: pronoto preto com as calosidades laterais amareladas; mesonoto preto, com as margens laterais revestidas de pruina amarelada; na parte anterior encontra-se duas manchas fusiformes formadas de pruina amarela; destas manchas parte uma linha que termina pouco antes da sutura pré-escutelar; antes desta sutura existe u'a mancha de pruina amarela em forma de um semi-circulo; pilosidade preta e esparsa existe sobre as regiões recobertas de pruina amarela; calos umerais amarelos com curta pilosidade preta; calos pós-alares ocráceos com esparsa pilosidade preta anterior-

mente; escutelo preto, exceto nos lados onde é castanho, com esparsa pilosidade amarela marginal; região pós-escutelar preta, com duas manchas transversais de pruina cinza-amarelada; pleuras



ESTAMPA XVI

177) *Messiasia zikani*, n. sp., aedeagus, vista lateral; 178) Idem, vista ventral; 179) *Messiasia dalcyana*, n. sp., aedeagus, vista ventral; 180) *Messiasia decor* (Osten Sacken), aedeagus, vista lateral; 181) *Messiasia polita* (Wiedemann), aedeagus, vista ventral; 182) *Messiasia notospila* (Wiedemann), aedeagus, vista ventral; 183) *Messiasia carrerai*, n. sp., aedeagus, vista lateral. (Respectivamente na mesma escala as figuras: 177, 178 e 181; 179 e 180).

castanho-escuras, brilhantes, exceto na porção anterior onde há pruina cinzenta; sobre a pteropleura existe mancha alongada de pruina amarelada e alguma pilosidade amarela, sendo esta mais

pronunciada nos machos; metatorax castanho-escuro com pruina cinza abundante nas calosidades laterais atraz dos halteres.

Pernas (figs. 70 e 71): coxas pretas, o restante das pernas castanho-escuro, sendo pouco mais claro nas articulações das tíbias e tarsos posteriores; pilosidade preta; tíbias posteriores (fig. 72) sem esporão apical, apenas com algumas pequenas cerdas pretas; nas fêmeas as pernas são amarelas ou avermelhadas como também a pilosidade.

Asas castanho-amareladas na margem anterior e ao longo das nervuras na posterior, ficando assim o centro das células mais claro; M4 presente; esquâmula castanho-amarelada, com larga margem de cor branca e uma franja de pequenas escamas amarelas. Halteres castanho-escuros.

Abdômen com grossa pontilhação, preto, com as margens posteriores dos tergitos amarelas; pilosidade castanha, exceto no primeiro segmento onde ela é amarelada e muito fina; esternitos com a margem posterior amarela, exceto no primeiro e último esternito. Na fêmea o abdômen apresenta, na porção mediana e lateral dos tergitos, manchas ocráceas e os esternitos têm a sua metade anterior também de cor ocrácea.

Genitália do ♂ (fig. 164) castanha, com curta pilosidade amarela. Esclerito do 9.º tergito (fig. 168) de forma triangular, estreitando-se abruptamente no ápice; cerdas grossas e esparsas na metade apical; 9.º esternito (fig. 171) bem mais largo que alto; a margem inferior do espaço mediano bi-lobada e com algumas cerdas; projeções laterais triangulares e irregularmente esclerosadas; cerdas muito desenvolvidas existem na base de tais projeções; aedeagus (fig. 182) simples, cônico, sem estruturas laterais.

Genitália da ♀ castanho-amarelada com pilosidade amarela.

Material examinado — Um ♂ e uma ♀ N.os 20.236 e 20.237 pertencentes à coleção do Departamento de Zoologia.

Procedência do material — Brasil: Estado de Mato Grosso, Posto Jacaré, Baixo Coluene, 1948 (J. P. Carvalho). República do Paraguai, Paacupe, fevereiro de 1947 (Miss. Cient. Bras.). Designamos como alótipo o exemplar ♀, capturada sobre a areia da praia do Rio Coluene no Brasil Central.

Comentários — Esta espécie facilmente se reconhece pelas manchas claras do mesonoto e pelas faixas amareladas na borda posterior dos tergitos abdominais.

Messiasia dalcyana, n. sp.

♂. — Comprimento do corpo 14 mm.; da asa 11 mm.; da antena 3 mm.

Cabeça (fig. 46) pouco mais larga que a maior largura do tórax; fronte preta com pilosidade castanha lateral e preta na base

das antenas; ao longo das margens orbitáis há um friso de pruina amarelada; ocelo distinto, situado na porção mediana da fronte, tendo atraz três quilhas de cor castanho-brilhante; vértice preto, exceto nos cantos dos olhos onde existe mancha castanha; pilosidade amarelada; occipício profundamente escavado, revestido de pruina cinzenta com pilosidade amarelada; barba amarela; probóscida castanha; face castanha revestida de pruina cinza nas margens oculares, espalhando-se pela base das antenas; pilosidade amarelada; antenas castanho-escuras, exceto os três-quartos apicais do quarto artículo que é ocráceo; pilosidade preta nos dois artículos basais, o primeiro quase três vezes o comprimento do segundo, o terceiro duas vezes e meia os dois basais reunidos, o quarto bastante entumecido e pouco maior que o terceiro.

Tórax: protorax castanho com pilosidade preta e alguma pruina amarelada lateral; mesonoto com uma larga faixa mediana preto-fosca e duas laterais de cor castanha, havendo entre as faixas castanhas e a preta duas faixas mais estreitas de pruina amarelada; as margens laterais, bem como a sutura pré-escutelar também revestida de pruina amarela; pilosidade preta; calos umerais e pós-alares de cor amarela com curta pilosidade preta; escutelo preto no meio e castanho-amarelado anteriormente e na margem posterior, onde há também esparsa pilosidade preta; região pós-escutelar revestida de pruina amarela, havendo escurecimento logo atraz do escutelo; pleuras ocráceas, com pilosidade preta na pteropleura; metatorax com esparsa pilosidade preta.

Pernas: coxas castanhas, com pruina cinza e pilosidade preta; o restante das pernas são de cor castanha, um pouco mais escura na superficie superior dos fêmures anteriores e com pilosidade e cerdas pretas; esporão apical das tíbias posteriores tão longo quanto a grossura do primeiro artículo tarsal; nos tarsos posteriores, na superficie inferior, encontra-se curta pilosidade amarela. Garras castanhas na base e pretas no ápice; pulvilos de cor castanha.

Asas vítreas, levemente amareladas; M4 presente; esquâmula castanha com uma larga margem esbranquiçada e uma franja de pequenas cerdas de cor castanha. Halteres de cor castanho-escura com a base do pedúnculo um pouco mais clara.

Abdômen com todos os segmentos de cor castanho-brilhante, sendo a margem posterior de cada tergito amarela como também a margem anterior do segundo segmento; pilosidade preta; esternitos de cor castanha também com a margem posterior amarela, exceção dos dois últimos que são inteiramente castanhos; pilosidade preta e muito esparsa, mais abundante nos últimos esternitos.

Genitália do ♂ (fig. 160) castanho-clara com pilosidade amarela e preta. Esclerito do 9.º tergito (fig. 167) de forma triangular, porém com o têrço apical muito estreitado; cerdas esparsas; 9.º esternito (fig. 173) mais alto que largo, com a margem inferior do espaço mediano ligeiramente convexa; projeções laterais esclerosadas, largas basalmente e afinando-se em direção ao ápice; cerdas longas na borda do espaço mediano e pequenas pelas projeções citadas; aedeagus (fig. 179) simples, largo na base, estreitando-se apicalmente e sem estruturas laterais.

♀. — Desconhecida.

Holótipo ♂ e um parátipo ♂ sob os números 20.234 e 20.235 depositados na coleção do Departamento de Zoologia.

Localidade tipo — Brasil: Estado do Rio de Janeiro, Restinga de Marambaia, novembro de 1936 (H. S. Lopes); Sernambitiba, outubro de 1950.

Discussão taxionômica — Esta espécie é afim de *notospila* da qual difere pelo comprimento do primeiro artículo antenal que é maior, pelo tamanho reduzido do terceiro artículo da antena que é menor que o quarto, pela presença de esporão apical na tíbia posterior que é ausente em *notospila*, pelas manchas claras do tórax e abdômen que estão dispostas de modo diferente e pela forma da genitália do macho.

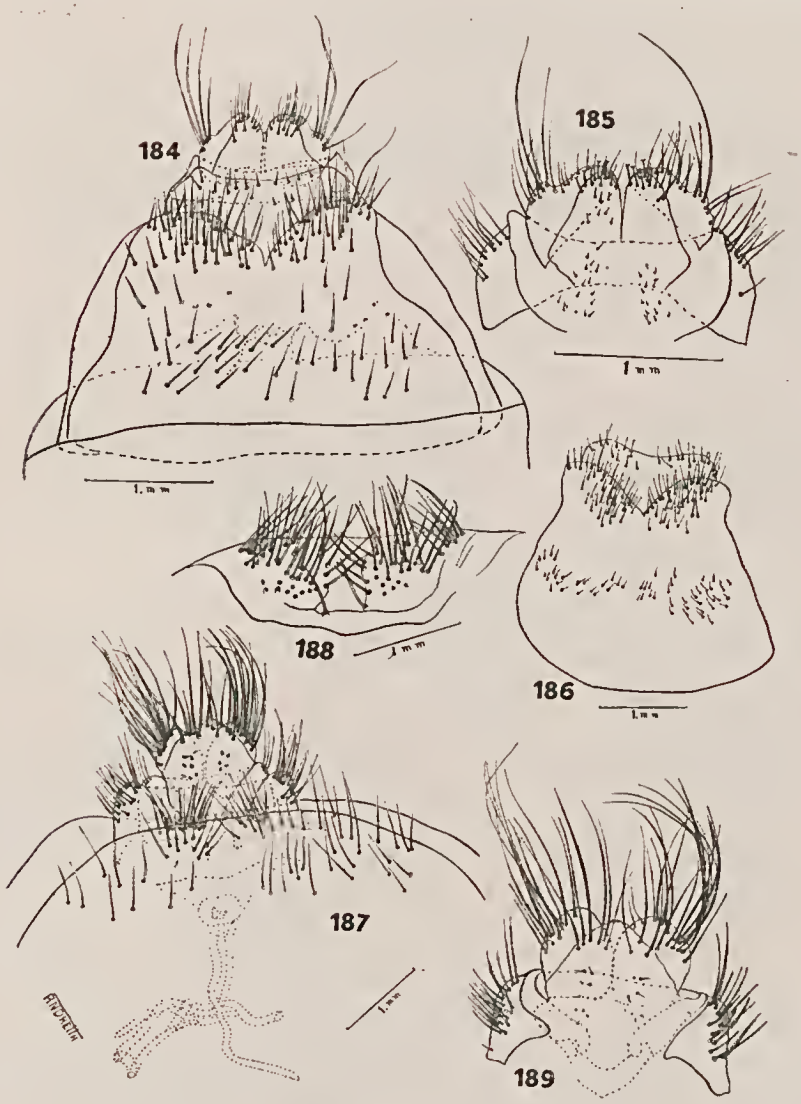
Dedicamos esta espécie ao Sr. Dalcy de Albuquerque do Museu Nacional do Rio de Janeiro que muito nos tem auxiliado com o empréstimo de material.

Messiasia polita (Wiedemann)

Mydas politus Wied., 1828, p. 240; 1829, p. 36 et 43, tab. 53, f. 7; Westw., 1841, p. 51; Walk., 1854, p. 370; Gerst., 1868, p. 94; Kertész, 1909, p. 40.
Mydas clavatus var. atratus Walker, 1854 (nec Macq., 1838), p. 364.
Mydas perpolitus Johns., 1933, p. 72.

Redescrição: ♂ ♀. — Comprimento do corpo 19-23 mm.; da asa 16-18 mm.; da antena 5 mm.

Cabeça (figs. 1 e 45) pouco mais larga que a maior largura do tórax; fronte preta, com alguns pêlos pretos nos lados; na base das antenas encontram-se também alguns pêlos brancos; calo ocelar preto-brilhante com um ocelo distinto, tendo atraz três quilhas preto-brilhantes; vértice preto com pêlos pretos; occipício côncavo, preto, com esparsa pruina cinza e pilosidade preta; barba preta, com alguns pêlos brancos; probóscida (figs. 6, 7, 9, 10, 11 e 14) castanho-escura; face preto-brilhante, tendo nas margens oculares uma faixa de pruina branca, pilosidade preta e branca nos lados; antenas pretas, exceto os três-quartos apicais do quarto artículo que é castanho avermelhado; pilosidade preta se encontra no pri-



ESTAMPA XVII

184) *Mydas clavatus* (Drury), terminalia da ♀, vista ventral; 185) Idem, 9.° tergito, 9.° esternito e placas anais da terminália da ♀, vista ventral; 186) Idem, 8.° esternito da genitália da ♀, vista ventral; 187) *Mydas heros* Perty, terminália da ♀, vista ventral; 188) Idem, ápice do 8.° esternito da genitália da ♀, vista dorsal; 189) Idem, 9.° tergito, 9.° esternito e placas anais da terminália da ♀, vista ventral. (As figuras 188 e 189 na mesma escala).

meiro e segundo artículos; terceiro artículo quase quatro vezes o comprimento dos dois basais reunidos; quarto artículo pouco menor que o terceiro.

Tórax preto-fosco com pilosidade preta mais abundante nos lados dos calos umerais e nas margens laterais do mesonoto; calos umerais e pós-alares com discreta pruina cinza; escutelo com alguma pilosidade preta lateral; região pós-escutelar rugosa, preto-aveludada e com pruina cinzenta; pleuras com pilosidade preta na própleura e pteropleura; metatorax preto.

Pernas pretas com pilosidade preta, exceto os tarsos do último par de pernas onde se encontra pilosidade ruiva; esporão apical das tibias posteriores tão longo quanto a largura do primeiro artículo tarsal. Garras pretas com a base castanha; pulvilos amarelos.

Asas inteiramente tingidas de castanho-escuro, apenas um pouco mais claras no meio das células; segundo a incidência de luz apresentam reflexos violáceos; um exemplar do Brasil, Rio Tapajos, mostra as asas com o ápice inteiramente claro e os reflexos acobreados mais intensos; M4 presente; esquâmula castanha com franja de escamas castanhas. Halteres castanho-escuros.

Abdômen com os tergitos e esternitos com forte brilho metálico de cor verde, azul ou violeta; no oitavo tergito das fêmeas, na sua região mediana, há u'a mancha semilunar de cor amarela; pilosidade preta, mais abundante no primeiro segmento.

Genitália do ♂ (fig. 162) preta com pilosidade preta. Esclerito do 9.º tergito (fig. 170) triangular, mas com o lado externo curvo e o interno mais ou menos reto; cerdas longas no têrço apical; 9.º esternito (fig. 172) oval, com a margem inferior do espaço mediano convexo, mas reentrante lateralmente; projeções laterais esclerosadas e com grossas cerdas; aedeagus (fig. 181) simples e relativamente desenvolvido, sem estruturas laterais.

Material examinado — Três ♂♂ e três ♀♀, sendo dois ♂♂ sob os Nos. 20.231 e 20.232 e uma ♀ N.º 20.233 pertencentes à coleção do Departamento de Zoologia.

Procedência do material — República da Costa Rica: Higuito, San Mateo (P. Schild). República do México: Tehuantepec (Sumichrast). Brasil: Estado do Pará, Boa Vista, Rio Tapajós, agosto de 1926 (C. H. T. Townsend).

Comentários — A única diferença que *perpolita* Johnson, 1933, apresenta em relação a *polita* é a presença de pilosidade branca na cabeça que, em *polita*, é inteiramente preta. Acreditamos não ser este caráter suficiente para considerá-las espécies distintas.

Messiasia zikani n. sp.

♂ ♀. — Comprimento do corpo 20-22 mm.; da asa 16-18 mm.; da antena 4-5 mm.

Cabeça (fig. 47) mais larga que a maior largura do tórax; fronte preto-brilhante, com escassa pilosidade preta nos lados, tendo no meio uma pequena calosidade sobre a qual existe um ocelo distinto; no vértice encontram-se três quilhas preto-brilhantes e pilosidade preta nos lados; occipício profundamente escavado no meio, preto-fosco, com pilosidade preta mais abundante nos cantos orbitais superiores; barba rala, preta em mistura com alguns pêlos brancos; probóscida preto-fosca, com curtos pêlos pretos; face preto-brilhante, recoberta de pêlos pretos em mistura com pêlos brancos, sendo estes mais abundantes nos lados; calosidade antenal com pêlos pretos e brancos lateralmente; antenas preto-aveludadas nos três primeiros artículos e castanho no último; pilosidade preta sobre o primeiro e segundo artículos; o primeiro artículo é duas vezes o comprimento do segundo, o terceiro é cilíndrico e pouco maior que o quarto que é clavado.

Tórax: pronoto pequeno, preto e com pilosidade preta; mesonoto preto-aveludado com três faixas preto-foscas indistintas e com raros e curtos pêlos pretos atraz dos calos umerais, nas margens laterais e sobre os calos pós-alares; calos umerais salientes, pretos e com curta pilosidade preta; o escutelo com escavação lateral e com esparsa pilosidade preta lateral; região pós-escutelar preto-aveludada e ligeiramente rugosa; pleuras pretas e com esparsa pilosidade na pteropleura; metatorax preto-aveludado, sem elevação mamiliforme atraz dos halteres e com um tufo de pêlos pretos inferiormente.

Pernas castanho-escuras, densamente recobertas de pêlos pretos que são mais longos sobre as coxas; tíbias posteriores com esporão apical tão longo quanto a largura do primeiro artículo tarsal Garras castanho-claras na base e pretas no ápice; pulvilos amarelos.

Asas (fig. 87) castanhas, mais escuras ao longo das nervuras, deixando o meio das células mais claro; com certa incidência luminosa apresentam a cor violácea; M4 presente; esquâmula pequena, castanho-escura e com uma larga margem mais clara, havendo uma franja de escamas castanhas. Halteres castanho-escuros.

Abdômen com brilho metálico que segundo a incidência de luz mostra a cor azul-purpurea, violácea ou verde; primeiro tergito preto-brilhante e recoberto de pêlos pretos; o segundo preto-brilhante com u'a mancha mediana transversal, irregular, de cor amarela, sendo as margens laterais e o resto dos tergitos com as cores metálicas citadas; a mancha amarela mostra no centro do tergito um ponto escuro; pilosidade preta; esternitos castanho-escuros,

com faixa clara na margem posterior, sendo em alguns exemplares de cor amarela todo o primeiro e segundo esternito. Nas ♀ ♀ o oitavo tergito é castanho, tendo na margem posterior mancha amarela em forma de um crescente lunar.

Genitália do ♂ (fig. 163) castanho-escura com pêlos pretos. Esclerito do 9.° tergito (fig. 166) nitidamente triangular com densa cerdosidade na metade apical; 9.º esternito (fig. 176) arredondado, com uma pequena saliência próxima da margem inferior do espaço mediano, havendo nos lados e pouco mais abaixo, na região mediana, longas e finas cerdas; projeções laterais esclerosadas e dirigidas para o espaço mediano, com o ápice chanfrado e serrilhado; aedeagus (figs. 177 e 178) complexo e sem estruturas laterais.

Holótipo ♂, alótipo ♀ e um paratipo ♂. O holótipo foi depositado na coleção do U. S. National Museum de Washington, o alótipo N.° 20.229 e o parátipo N.º 20.230 na coleção do Departamento de Zoologia.

Localidade tipo — República do Paraguai: San Bernardino, dezembro de 1929 (Fiebrig) (holótipo e alótipo). Brasil: Estado do Amazonas, São Gabriel, Rio Negro, outubro de 1927 (J. F. Zikan).

Discussão taxionômica — Esta espécie é próxima de *polita* da qual se distingue pela mancha amarela sobre o segundo segmento do abdômen, pela cor castanha dos esternitos abdominais a contar do terceiro, pela cor das asas que são muito mais claras que em *polita* e pela estrutura da genitália do macho.

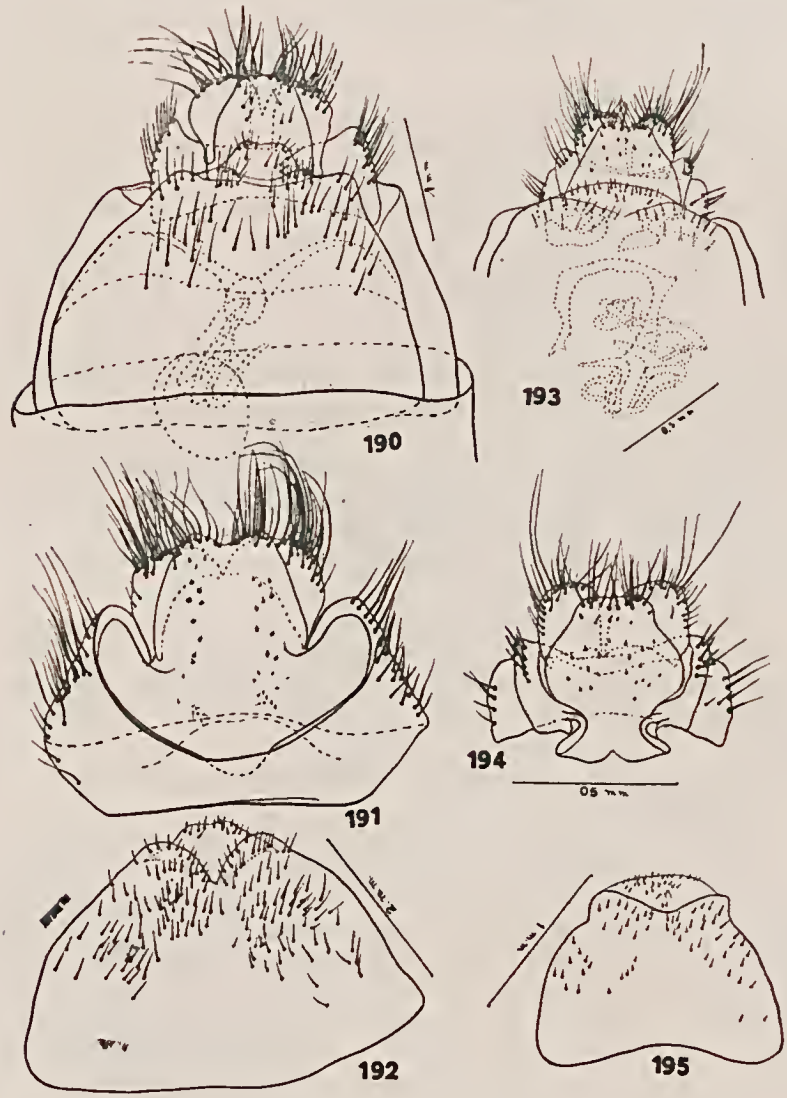
Dedicamos esta espécie ao nosso saudoso amigo J. F. Zikan, já falecido, não só para exprimir nossa gratidão pela sua bondade em emprestar-nos valioso material, como também para prestarmos uma homenagem a quem com tanto entusiasmo se dedicou ao estudo dos nossos insetos.

Messiasia decor (Osten-Sacken)

Mydas decor Ost. Sack., 1886, p. 71; Willist., 1897, p. 55; 1901, p. 263; Aldrich, 1905, p. 251; Kertész, 1909, p. 37.

Redescrição: ♂ ♀. — Comprimento do corpo 24-26 mm.; da asa 19-21 mm.; da antena 4-5 mm.

Cabeça (fig.44) mais larga que a maior largura do tórax; fronte preta, com pêlos pretos mais abundantes na base das antenas; calo ocelar distinto, tendo atraz três quilhas preto-brilhantes; occipicio profundamente escavado, com pilosidade preta e discreta pruina cinza; barba preta; probóscida preta; face preta com discreta pruina cinza lateral; pilosidade da face preta, havendo nos lados alguns pêlos castanhos; antenas (fig. 52) pretas; primeiro e segundo artículos com pequenos pêlos pretos; o primeiro é duas



ESTAMPA XVIII

190) *Mydas apicalis* Wiedemann, terminália da ♀, vista ventral; 191) Idem, 9.° tergito, 9.° esternito e placas anais da terminália da ♀, vista ventral; 192) Idem, 8.° esternito da genitália da ♀, vista ventral; 193) *Messiasia lanei*, n. sp., terminália da ♀, vista ventral; 194) Idem, 9.° tergito, 9.° esternito e placas anais da terminália da ♀, vista ventral; 195) Idem, 8.° esternito da genitália da ♀, vista ventral. (As figuras 191 e 195 na mesma escala).

vezes maior que o segundo, o terceiro pouco maior que três vezes o comprimento dos dois basais reunidos, o quarto pouco maior que o terceiro.

Tórax preto; mesonoto com duas faixas medianas longitudinais de cor cinzenta muito pouco visivel que se estendem até além do meio do mesonoto; lateralmente, segundo a incidência de luz, observa-se também leve pruina cinza; pilosidade preta existe sobre as faixas de pruina cinza lateralmente; calos umerais preto-aveludados, com pilosidade preta; calos pós-alares pretos com pilosidade preta; escutelo preto, com pilosidade preta muito curta lateralmente; região pós-escutelar preta com pruina castanha; pleuras pretas com pruina cinza muito discreta na metade anterior; pilosidade preta sobre a própleura e pteropleura; metatorax com a calosidade atraz dos halteres pouco desenvolvida e alguns pêlos brancos sobre as coxas posteriores das fêmeas, sendo nos machos, porém, de cor preta.

Pernas (figs. 76 e 77) pretas com pilosidade inteiramente preta nos ♂♂, havendo nas ♀♀ pilosidade branca somente sobre a coxa posterior; tíbias posteriores com espórão apical tão longo quanto a largura do primeiro tarso. Garras pretas, castanhas na base; pulvilos castanhos.

Asas: no ♂ as asas mostram uma leve coloração amarelada; na ♀ as asas são inteiramente acastanhadas com reflexos de cor violeta; M4 presente; esquâmula castanha com larga faixa basal amarelada e franja de escamas castanhas. Halteres castanho-escuros.

Abdômen preto-brilhante, com pilosidade preta, abundante no primeiro tergito.

Genitália do ♂ (fig. 159) castanho-escura com pilosidade preta, saliente. Esclerito do 9.º tergito (fig. 165) de forma triangular com o ápice ligeiramente curvo; cerdas curtas e esparsas; 9.º esternito (fig. 174) mais longo que largo; espaço mediano com a borda inferior côncava; as projeções laterais dão ao esclerito o aspecto bi-corneo posteriormente; aedeagus (fig. 180) cilíndrico, desenvolvido; as estruturas laterais grandes e com a margem superior sinuosa como uma crista. É esta a única espécie do gênero que conhecemos com as estruturas laterais do aedeagus desenvolvidas.

Genitália da ♀ preta com pêlos pretos e castanhos.

Material examinado — Um ♂ e uma ♀, sendo esta última pertencente à coleção do Departamento de Zoologia sob o N.º 20.228.

Procedência do material — República da Costa Rica, Turrialba, (Schild & Burgdorf) (♂). Brasil, Rio de Janeiro, Distrito Federal, fevereiro de 1929 (S. F. A.).

COMENTÁRIOS — O material que examinamos, constituido por um ♂ e uma ♀, concorda inteiramente com a diagnose original. É uma espécie que facilmente se distingue de todas as outras pela cor preta uniforme do corpo.

ABSTRACT

The genus *Mydas* Fabricius, 1794, is intensively studied in this work. Due to the variation that was found in many species of *Mydaidae*, and to the generally insufficient diganosis, the Author needed abundant material for clearing up some of the doubts. More than 400 specimens were examined. Some synonyms are proposed, new species are described, and a new genus is erected for the reception of species differing from the main group by the extruture of the bucal pieces and male genitalia.

The principal characters of *Mydas*, according to the author's concepts, are a long and very protude proboscis, with a developed theca which is as long as the labellum; a thick and chitinous labellum, more or less triangular in shape and with a few pseudotracheae; palpi reduced; apical spur of the posterior tibiae present or absent; R5 meeting R1 apically; M1 ending in the costal vein; the transverse vein M4 present or not; aedeagus with developed lateral pieces; each sclerite of the 9.º tergite with a finger-like projection on its superior border; female genitalia without a crown of spines.

The new genus, named *Messiasia*, differs from *Mydas*, principally by the following characters: proboscis short, with an undeveloped theca; the labellum is large, membranous, eliptic or circular when its two edges are expanded, and with numerous pseudotracheae; the aedeagus generally does not possess lateral pieces, and the 9.º tergite is triangular in shape, not havind finger-like projection.

The following key can be used to separate the Neotropical species of *Mydas* examined by the Author:

1 - Abdomen intirely black, with blue or green metallic reflections 2
- Abdomen orange or dark brown with yellow markings 14

2 - Wings almost transparent or slightly darkened with brown 3
- Wings very darkened 4

3 - Hairs of the face wholly white or yellow; abdomen parallel-sided; first tarsal segment as long as the second and third together; squamae with a fringe of scales . . . . . *quadrilineatus* Williston
- Hairs of the face wholly black; abdomen clavate; first tarsal segment as long as the second; squamae with a fringe of small bristes . . . . *crassipes* Westwood.

4 - Antennae black or dark brown 5
- Antennae entirely red or at least in part . . 9
5 - Apical spur of the posterior tibiae developed and curved . . . . . *mystaceus* Wiedemann
- Apical spur of the posterior tibiae absent or very reduced 6
6 - Hairs of the face black . . . . . *coerulescens* Olivier
- Hairs of the face pale 7
7 - Front, occiput and pleurae with yellow pile; costal vein with yellow hairs in its basal portion; small species . . . . . *leucops* Wiedemann
- Front, occiput and pleurae with predominant black pile; costal vein with black pile in its basal portion; large species 8
8 - Abdomen with black pile on the first segment and with slight metallic reflections . . . *argyrostomus* Gerstaecker
- Abdomen with yellow pile on the first segment and almost always with intense metallic reflections . . . . . *coerulescens* Olivier
9 - Abdomen entirely black, dull or shining . . . 10
- Third and fourth abdominal tergites black, being the other tergites blue or green 13
10 - Apical spur of the posterior tibiae developed; posterior femora very thick 11
- Apical spur of the posterior tibiae not developed; posterior femora moderately thick 12
11 Face with white pile . . . . . *mystaceus* Wiedemann
- Face with black pile . . . . . *heros* Perty
12 - Abdomen with blue metallic reflections and yellow pile on the first segment; wings orange . *dives* Westwood
- Abdomen with slight metallic reflections and without yellow pile on the first segment; wings dark brown or, at least, with this color in the middle . . . . . *rubidapex* Wiedemann
13 - Wings black in the superior half; apical spur of the posterior tibiae normal in length, at least in the male . . . . . *apicalis* Wiedemann
- Wings orange or with a large basal pale spot; apical spur of the posterior tibiae very long and curved, at least in the male . . . . . *antuorii*, n. sp
14 - Abdomen orange, except the first segment that is black, with a yellow band on the posterior margin of each tergite 15
- Abdomen dark brown with a yellow band on the posterior margin of the tergites 16

15 - Abdominal tergites with green metallic reflections laterally and black spots in the lateral margins; wings hyaline . . . . . *militaris* Gerstaecker
- Abdominal tergites without green reflections; wings with the veins of the anterior margin bordered with brown . . . . . *rufiventris* Macquart

16 - Abdomen almost intirely black, the yellow band of the posterior margin of the tergite reduced and only present laterally . . . . . *quadrilineatus* Williston
- Abdomen with conspicuous transversal yellow bands, at least in some tergites 17

17 - All abdominal tergites yellow in the posterior margin; posterior femora normally thick . . 18
- Only the third, fourth and fifth abdominal tergites yellow in the posterior margin; posterior femora very thick . . . . . *interruptus* Wiedemann

18 - Post-scutellar region with two rounded whitish spots; mesonotum with four median longitudinal vittae of white pollen; first abdominal segment with whitish pile . . . . . *gracilis* Macquart
- Post-scutellar region without rounded whitish spots; lateral margins of the mesonotum orange, without median logitudinal vittae; first abdominal segment with dark pile . . . . . *basalis* Westwood

It was not possible to include in this key the following species: *nitidulus* Olivier, 1811, *virgatus* Wiedemann, 1829, *tricolor* Wiedemann, 1829, *subinterruptus* Bellardi, 1861, *bitaeniatus* Bellardi, 1861, *annularis* Gerstaecker, 1868, *cleptes* Osten Sacken, 1886, *claripennis* Williston, 1897, and *cupolis* Séguy, 1928. *Mydas chrysites* Osten Sacken, 1886, as figured by Séguy (1928) has a crown of spines in the female genitalia, and so it does not belongs to *Mydas*.

The species of *Messiasia*, n. gen. may be separated as follows:

1 - Abdomen black with or without blue or green metallic reflections 2
- Abdomen dark brown with yellow band in the posterior margin of each segment, or orange-yellowish with dark brown spots 4

2 - Abdomen wholly black without metallic reflections *decor* (Osten Sacken)
- Abdomen with intense blue or green metallic reflections 3

3 - Abdomen with a yellow spot on the second tergite and sternite . . . . . *zikani*, n. sp.
- Abdomen without such yellow spots . . . . *polita* (Wiedemann)

4 - Abdomen dark brown with yellow band in the posterior margin of each tergite 5
- Abdomen orange with dark spots 6
5 - Apical spur of the posterior tibiae present; face with brown hairs; third antennal segment shorter than the fourth; wings slightly yellowish . . *dalcyana*, n. sp.
- Apical spur of the posterior tibiae absent; face with yellow hairs; third antennal segment longer than the fourth; wings darkened, but the center of some cells paler . . . . . *notospila* (Wiedemann)
6 - Lateral margins of the mesonotum orange . . *punicea* (Séguy)
- Lateral margins of the mesonotum black . . 7
7 - Abdominal tergites wholly dark orange, without metallic reflections . . . . . *carrerai*, n. sp.
- Abdominal tergites yellow with blue or violet metallic reflections and black spots on the lateral margins . . . . . *lanei*, n. sp.

The two species *testaceiventris* Macquart, 1849, and *cingulatus* Williston, 1897, not included in this key for lack of material, are considered as belonging to this genus.

BIBLIOGRAFIA

ALDRICH, J. M. — 1905 - A Catalogue of North American Diptera — Smiths. Misc. Collect. 46:250-253.

*ARRIBALZAGA, E. L. — 1882 - Bolet. Acad. Nat. Ciene. Córdoba 4:152.

AUSTEN, E. E. — 1909 - Two remarkable new species of Diptera — Novitates Zoologicae, London, 16:130.

AUSTEN, E. E. — 1910 - Novitates Zoologicae, London, 17, Tab. 15, f. 4.

BELLARDI, L. — 1861 — Saggio di Ditterologia Messicana. Torino. Parte II, pp. 1-11.

BEZZI, M. — 1917 - A maior mosca do mundo — Chacaras e Quintais, São Paulo, 16:289-291.

CARRERA, M. — 1944 - Relação de alguns dípteros capturados em Monte Alegre, Estado de São Paulo — Papéis Avulsos 6:40, fig. 1.

CARRERA, M. & D'ANDRETTA M. A. V. — 1948 - Descrição de um novo gênero de Mydaidae do Chile e redescrição do gênero *Megascelus* (Apioceratidae) (Diptera) — Rev. Ent., Rio de Janeiro, 19:489-497, 11 figs.

COQUILLETT, D. W. — 1910 - The type-species of the North American genera of Diptera — Proc. U. S. Nat. Mus. 85:572.

CURRAN, C. H. — 1934 - The Families and Genera of North American Diptera. Mydaidae, pp. 163-165.

CURRAN, C. H. — 1934 -The Diptera of Kartabo, Bartica District, British Guiana — Bull. Amer. Mus. Nat. Hist. 66:326-327.

CUVIER, G. C. L. D. — 1829 - Règne Anim. Ed. Masson, Ins. Tab. 172, f. 2.

*DEGEER, C. — 1776 - Mémoires pour servir à l'histoire des Insectes. Stockholm.
*DRURY, D. — 1770 - Illustr. Nat. Hist. 1:103, T. 44, f. 1.
*DUMÉRIL, A. M. C. — 1823 - Considérations générales sur la classe des Insectes T. 48, f. 8.
FABRICIUS, J. C. — 1775 - Systema Entomologiae, Flensburg et Lipsiae. — 2 vols.
*FABRICIUS, J. C. — 1781 - Species Insectorum.
*FABRICIUS, J. C. — 1787 - Mantissa Insectorum. 2 Vols.
FABRICIUS, J. C. — 1794 - Entomologia Systematica, Hafniae.
FABRICIUS, J. C. — 1805 - Systema Antliatorum, Brunsvigae.
GERSTAECKER, A. — 1868 - Systematische Uebersicht der bis jetzt bekannt gewordenen Mydaiden — Stett. Ent. Zeitg. 29:65-103.
*GMELIN, J. F. — 1792 - Systema Naturae 5:2830.
GREENE, C. T. — 1917 - A contribution to the biology of N. A. Diptera — Proc. Ent. Soc. Washington, 19:147.
HANSEN, H. J. — 1883 - Fabrica Oris Dipterorum, Copenhagen, pp. 162-169, T. 5, figs. 5-21.
JOHNSON, C. W. — 1926 - A revision of some of the North American species of Mydaidae — Proc. Boston Soc. Nat. Hist. 38:131-145, pl. 3.
*JOHNSON, C. W. — 1930 - Ohio Journ. Sci. 30:85-97.
JOHNSON, C. W. — 1933 - A new species of the genus Mydas — Psyche, 39:72.
KERTÉSZ, C. — 1909 - Catalogus Dipterorum, 4:33-47.
*LAMARCK, J. B. — 1816 - Histoire Naturelle des animaux sans vertèbres 3:426.
*LATREILLE, P. A. — 1802 - Hist. Nat. Crust. Ins. Vol. 3.
*LATREILLE, P. A. — 1804 - Idem. Vol. 14.
*LATREILLE, P. A. — 1810 - Consid. générales s. l'ordre naturelle des Crust., Arachn. et Ins. p. 443.
LOEW, H. — 1865/72 - Diptera Americae Septentrionalis Indigena, Centurias VII et X.
MACQUART, M. J. — 1834 - Histoire Naturelle des Insectes Diptères (Suite à Buffon) Vol. 1:273-274.
MACQUART, M. J. — 1838 - Diptères exotiques nouveaux ou peu connus, Vol. 1, part 2:10-12.
MACQUART, M. J. — 1846 - Idem, Suppl. 1:58.
MACQUART, M. J. — 1849 - Idem, Suppl. 4:56-61.
*MEIGEN, J. W. — 1820 - Syst. Beschr. 2:99.
*OLIVIER, A. G. — 1811 - Encyclop. Méthod. 8:83.
PERTY, M. — 1830/4 - Delect. animal. articul. Brasil. p. 183, T. 36, f. 11.
*RONDANI, C. — 1850 - Nuov. Annal. Sci. Nat. Bologna, ser. 3, 2:184.
*SACKEN, C. R. OSTEN — 1874 - Bull. Buffalo Soc. Nat. Sci. Vol. 2.
SACKEN, C. R. OSTEN — 1878 - Catalogue of the described Diptera of North America, Ed. II — Smiths. Misc. Collect. (270) pp. 1-276.
SACKEN, C. R. OSTEN — 1886 - Biol. Centr. Amer. Diptera 1:68-73.
*SACKEN, C. R. OSTEN — 1895 - Berl. Ent. Zeitschr. p. 345.
*SCHINER, J. R. — 1862 - Fauna Austr., Vol. 1:158.

SCHINER, J. R. — 1868 - Reise der Österreichischen Fregatten Novara. Zool. Dipt. 151-154.

SÉGUY, E. — 1928 - Étude sur quelques Mydaidae nouveaux ou peu connus — Enc. Ent. Diptera 4:129-156.

*THUNBERG, C. P. — 1818 - Mydas gigantea beskrifven — Kongl. Vet. Acad. Handl. 246-248, f. 9.

*WALKER, F. — 1837 - Descriptions of Diptera collected by Cpt. King in the survey of the straits of Magelhan. — Trans. Linn. Soc. London, Vol. 17.

*WALKER, F. — 1848 - List of the specimens of dipterous insects in the collection of the British Museum, Vol. 1:228.

WALKER, F. — 1854 - Idem, Vol. 6, Suppl. 2:357-374.

WESTWOOD — 1841 - Arcana Entomologica (London 1845), Vol. 1:49-55, Tabs. 13-14.

*WIEDEMANN, C. R. — 1821 - Diptera exotica.

*WIEDEMANN, C. R. W. — 1824 - Analecta Entomol.

WIEDEMANN, C. R. W. — 1828 - Aussereuropaische zweiflügelige Insecten, Vol. 1:239-244.

WIEDEMANN, C. R. W. — 1829 - Monograph. Generis Midarum pp. 1-56, 3 pls. 22 figs.

WIEDEMANN, C. R. W. — 1830 - Aussereuropaische zweiflügelige Insecten, Vol. 2:626-630.

*WILLISTON, S. W. — 1886 - Trans. Amer. Ent. Soc. Philadelphia 13:291.

WILLISTON, S. W. — 1893 - On the Apioceridae and their allies — The Kansas Univ. Quartl. 1:101-118, Tabs. IX-X.

WILLISTON, S. W. — 1897 - Notes and descriptions of Mydaidae — Trans. 28th. and 29th. Ann. Meet. Kansas Acad. Sci. 15:53-58.

WILLISTON, S. W. — 1901 - Biol. Centr. Amer. Suppl. 1:267-268.

WILLISTON, S. W. — 1908 - Manual of North American Diptera, Ed. III, Mydaidae, pp. 190-191, f. 73.

ZIKAN, J. F. — 1942 - Algo sobre a simbiose de *Mydas* com *Atta* — Rodriguésia, Ano VI, N.º 15 (sep. pp. 1-7, 1 pr.).

ZIKAN, J. F. — 1944 - Novas observações sôbre a biologia de Mydas (Dipt.) e sua relação com os formigueiros da saúva. — Bol. Minist. Agric. Rio de Janeiro, Ano 33, pp. 43-55.

(*) A bibliografia assinalada com um asterisco não foi consultada.

Vol. X, N.º 2 — pp. 77-91 5-VII-1951

PAPÉIS AVULSOS
DO
DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA
SECRETARIA DA AGRICULTURA — S. PAULO - BRASIL

DYSSCHEMATIDAE, NOVO NOME PARA *PERICOPIDAE* WALKER, 1869 (LEP. HETEROCERA)

POR

LAURO TRAVASSOS (Do Instituto Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro). e LAURO TRAVASSOS FILHO (Do Dep. Zool. Secr. Agric. de São Paulo).

Hübner, 1814, ao publicar figuras de um lepidóptero que chamou "*Dysschema hypoxantha*", não só denominou a espécie, como criou o gênero *Dysschema;* este é válido por ser válida a espécie, que ficou sendo também o tipo genérico, isto é, um haplótipo, por ser a única espécie mencionada sob este nome na primeira publicação.

Hübner, 1819, criou o gênero *Pericopis* para quatro espécies, sem contudo designar qual delas seria o genótipo; esta escolha foi feita posteriormente, em 1892, por Kirby, que designou "*P. Zerbina* Stoll", espécie atualmente sinónima de *D. eurocilia* (Cr., 1777), definindo assim a situação do gênero, uma vez que os gêneros são funções das respectivas espécies tipos.

Hering, 1925, demonstrando completo desconhecimento das Regras Internacionais de Nomenclatura Zoologica, passa *hypoxantha* para o gênero *Pericopis,* e deixa o gênero *Dysschema* como válido para as espécies *tiresias, heliconides, brotes* e *buckleyi.* Hering cometeu grande erro porque, sendo *Dysschema* anterior a *Pericopis,* deveria situar em *Dysschema* as espécies de *Pericopis,* e estabelecer novo gênero para as que deixou sob o nome *Dysschema.*

Bryk, 1931, não só continuou o erro de Hering, como adotou a estrutura sistemática proposta por este autor; cometeu novo erro ao indicar *tiresias* como genótipo de *Dysschema,* o que fez ou por desconhecer a situação de haplótipo de *hypoxantha* e a designação de Kirby, 1892 — o que não seria admissível num autor de catálogo sistemático — ou por desconhecer as Regras de Nomenclatura.

Tendo-se em vista que Hübner indiscutivelmente descreveu *Dysschema* antes de *Pericopis*; que *hypoxantha* é o haplótipo de *Dysschema,* e que *eurocilia* (= *zerbina*) é o logótipo de *Pericopis,*

por designação correta de Kirby, 1892; e, por fim, que *hypoxantha* e *eurocilia* são congenéricas, torna-se evidente que *Pericopis* é perfeito sinônimo de *Dysschema*.

Desta maneira, de acordo com o Artigo 5 das Regras de Nomenclatura, que manda mudar o nome de uma família quando se troca o nome de seu gênero tipo, propomos *Dysschematidae* como novo nome para *Pericopidae* Walker, 1869.

Sermyla Walker, 1854, cujo haplótipo é *S. transversa* Walker, 1854, e *Thebrone* Boisduval, 1870, cujo logótipo é *T. tricolora* (Sulzer, 1776), passam agora a ser considerados como gêneros.

As espécies *tiresias* Cramer, 1776, e *heliconides* Swainson, 1883, passam a pertencer ao gênero *Notophyson* Boisduval, 1870, por ser este o primeiro nome válido da lista cronológica de sinônimos, como será discutido ao tratarmos deste gênero. O gênero *Chetone* Boisduval 1870, passa a sinônimo de *Notophyson*.

A espécie *buckleyi* Druce, 1895, que Hering, 1925 e Bryk, 1931, associam com dúvida a *tiresias* e *heliconides*, será deixada em condição *incertae saedis*, até que um estudo morfológico do material tipo, ou topótipo, esclareça definitivamente a questão.

Estas conclusões são baseadas no exame morfológico, principalmente das genitálias, das espécies tipos dos diversos gêneros considerados, e de espécies próximas disponíveis; queremos aqui apresentar os nosso agradecimentos ao Sr. Romualdo Ferreira d'Almeida, do Rio de Janeiro, ao Sr. Alberto Breyer, de Buenos Aires, Argentina, e ao Museu Nacional do Rio de Janeiro, pelo valioso e indispensável material que nos cederam, e que permitiu fundamentar este trabalho.

A apresentação dos detalhes anatômicos, por nós estudados e julgados de valor para a tese aqui apresentada, será feita em trabalhos futuros, em que serão estudadas as espécies diretamente relacionadas com a situação nomenclatural da família, e das que nos for possível obter material, afim de estabelecer as respectivas situações genéricas. O mesmo critério será adotado para esclarecer a verdadeira posição de muitas "formas" e "subespécies", a maioria das quais acreditamos tratar-se de simples variações individuais, e assim consideramos algumas neste trabalho como sinônimos das respectivas entidades específicas, para aí aguardarem as conclusões do estudo morfológico de material abundante. Só após o término do estudo anatômico da maioria das entidades, é que será possível estabelecer a diagnose da familia *Dysschematidae*.

A seguir daremos a indicação da família e dos gêneros estudados, com as respectivas listas de referências e sionímias, e outros comentários que cada caso merecer. Adotamos as seguintes abreviações indicativas de cada trabalho: [ ] indicam as partes que os diversos autores deixaram de mencionar em cada caso, como por

exemplo "*P.*" está indicado "*P. [ericopis]*"; (cit.), (ref.) e (com.) querem dizer respectivamente "citação", "referência" e "comentário"; (cit. sin.) e (cit. sin. & geog.) indicam "citação sinonímica" e "citação sionímica e geográfica"; (cit. geog.) e (cit. bion.) indicam "citação geográfica" e "citação bionômica"; (ch.) indica que é mencionado em chave. E finalmente indicamos *partim* para os casos de referências ou sinonímias parciais.

DYSSCHEMATIDAE novo nome.

Gênero tipo: *Dysschema* Hübner, 1814.

Referências e sinonímia:

Pericopidae Walker, 1869 — Char. undescr. Lep. Het., p. 1 (cit.).

Pericopides Butler, 1872 — Tr. Ent. Soc. London, 1872:49, 51 (coms.)

Pericopiinae Butler, 1875 — Ann. Mag. Nat. Hist., (4) 16:163 (com.)

Pericopiinae Druce, 1884 — Biol. C.-Am., Lep. Het., 1:102 (cit.).

Pericopidae Druce, 1885 — Pr. Zool. Soc. London, 1885:520 (cit.).

Pericopinae Kirby, 1892 — Syn. Cat. Lep. Het., 1:181, n. 3 (cit.).

Pericopinae Druce, 1893 — Pr. Zool. Soc. London, 1893:284 (cit.).

Pericopidae Neumögen & Dyar, 1894 — J. New York Ent. Soc., 2:26 (cit.).

Pericopidae Dyar, 1896 — J. New York Ent. Soc., 4:68 (cit.).

Pericopidae Dyar, 1896 — Pr. Boston Soc. Nat. Hist., 27:129-130 (ch.), 139 (larva).

Pericopinae Kirby, 1897 — *in* Allen, Handb. Lep., 3:120-121, subfam. 3.

Pericopidae Kirby, 1897 — *in* Allen, Handb. Lep. 4:XXXVIII (cit.).

Pericopinae Sharp, 1899 — Insects, 2:409 (não consultado).

Pericopidae Tutt, 1899 — Nat. Hist. Brit. Lep., 1:107 (não consultado).

Pericopidae Kellog, 1905 — Amer. Ins., p. 370 (ch.), 407, 667 (coms.).

Pericopiide Strand, 1911 — Int. Ent. Zeitschr., 5:77 (cit.).

"Pericopid" Dyar, 1914 — Insec. Ins. Menstr., 2:62.

Pericopididae Strand, 1914 — Lep. Niepeltiana, p. 9 (cit.).

Pericopidae Fracker, 1915 — Illin. Biol. Monogr., 2(1):53 (ch.), 104 (larva), 111 (ref. *in Syntomidae*).

Pericopini Seitz, 1918 — Gross-Schmett., ed. al. II, 6:231 (com.).

Pericopinae Seitz, 1918 — Gross-Schmett., ed. al., II, 6:232 (com.), 233, n. 7 (cit.).

Callimorphini Handlirsch, 1924 — *in* Schroeder, Hand. Ent., 9:920, *partim*.

Pericopinae Seitz, 1924 — Gross-Schmett., ed. fr., II, 6:423-425, n. 7.

Pericopinae Hering, 1925 — *in* Seitz, Gross-Schmett., ed. fr., II, 6:425-427.

Pericopinae Hering, 1926 — Deutsch. Ent. Zeit., Iris, 40:131 (cit.).

Pericopidae Forbes, 1930 — Sc. Survey Porto Rico & Virgin Isl., N. Y. Ac. Sc., 12(1):17 (ch.), 40 (com.).

Pericopinae Bryk, 1931 — Lep. Cat., 45:3-4 (cit. sin.).

Pericopidae Forbes, 1931 — J. Dep. Agric. Porto Rico, 4(4):344 (cit.).

Pericopsinae Kremky, 1931 — Ann. Mus. Z. Polonici, 9(13):167-168 (com.).

Pericopinae Köhler, 1932 — Rev. Soc. Ent. Argentina, 5(1):6-8 (cit.) (com.).

Pericopidae Brues & Melander, 1932 — Class. of Ins. (Bull. Mus. C. Zool., Harvard, 73), p. 217 (ch.).

Pericopidae Monte, 1934 — Publ. Sec. Agric. Minas Gerais, Ser. Agric., n. 21: 207 (cit.).

Pericopidae Hambleton & Forbes, 1935 — Arch. Ins. Biologico, S. Paulo, 6:245 (cit. bionomica).

Pericopidae Costa Lima, 1936 — Terc. Cat. Ins. vivem pls. Brasil, Min. Agric., R. Janeiro, p. 257 (cit.).

Pericopinae Hoffmann, 1936 — Ent. Rundschau, Stuttg., 53(34):493-496 (com.).

Pericopinae Hoffmann, 1937 — Ent. Rundschau, Stuttg., 54:23 (cit.).

Pericopidae Forbes, 1939 — Bull. Mus. C. Zool., Harvard, 85(4):223 (com.).

Pericopidae Comstock, 1940 — Introd. Ent., pp. 583 (ch.), 588 (ch.), 698-699.

Pericopidae Travassos Filho, 1947 — Arq. Zool. Est. S. Paulo, 5(7):484-485, 489 (coms.).

Pericopidae Fleming, 1949 — Zoologica, N. Y., 34(1):19 (com.).

Pericopidae Costa Lima, 1950 — Ins. do Brasil, 6 (Lep.): 161 (cit.), 162 (ch.), 216-220, ♂ ♀.

Dysschema Hübner, 1814.

Haplótipo: *Dysschema hypoxantha* Hübner, 1814.

Referências e sionímia:

Dysschema Hübner, 1814 (*) — Zutr. ex. Schmett., 1: est. 525 (34), fgs. 191-192, *in Dysschema hypoxantha.* (Nec Hering, 1925, p. 446, n. 17).

Dysschema Hübner, 1818 (*) — Zutr. ex. Schmett., 1:31, *in Dysschema hypoxantha.* (Este texto não foi consultado). (*Nec* Hering, 1925, p. 446, n. 17).

Dysschema Hübner, 1819 — Verz. bek. Schmett., p. 175, n. 7 (esp. n. 1.806), *partim.*

Pericopis Hübner, 1819 — Verz. bek. Schmett., p. 175-176, n. 1 (esps. ns. 1.808 e 1.809), *partim.*

Callimorpha Verloren, 1837 — Cat. syst. Cram., Resp. zool., p. 251, *partim.*

Pericopis Walker, 1854 — List Lep. Ins. Br. Mus., 2:343-344, n. 13, ♂ ♀, *partim.*

Pericopis Walker, 1869 — Char. undescr. Lep. Het., p. 1 (cit.).

(*) As datas e indicações apresentadas foram obtidas no trabalho de F. Hen..ng — "Jacob Hübner", vol. 2, p. 183, 1937. Do "Zuträge" de Hübner só nos foi possível consultar as estampas, as quais, segundo Heming, foram publicadas em 1814, antes do texto, que diz ser de 1818.

Chetone Boisduval, 1870 — Cons. Lep. Guatemala, p. 89, *partim.*

Pericopis Butler, 1872 — Tr. Ent. Soc. London, 1872:55 (cit.).

Pericopis Butler, 1874 — Lep. Exot., p. 176 (cit.).

Pericopis Butler, 1875 — Ann. Mag. Nat. Hist., (4)16:163 (cit.).

[*Pericopis*] (*Dysschema*) Butler, 1875 — Ann. Mag. Nat. Hist., (4)16:165, n. 3 (cit.).

[*Pericopis*] (*Pericopis*) Butler, 1875 — Ann. Mag. Nat. Hist., (4)16:166, n. 4 (cit.).

Pericopis Burmeister, 1878 — Descr. phys. Rep. Argentina, Lep. 5:430 (ch.), 433-435, "B", *partim.*

Pericopis Druce, 1884 — Biol. C. Am., Lep. Het., 1:109 (cit. sin.).

Pericopis Druce, 1885 — Biol. C. Am., Lep. Het., 1:115 (com. *in Gnophaela*).

Pericopis Druce, 1885 — Pr. Zool. Soc. London, 1885:523 (cit.).

Dysschema Kirby, 1892 — Syn. Cat. Lep. Het., 1:182, n. 53 (cit. sin.), *partim.* Tipo: "*D. Hypoxantha*, n. 5."

Pericopis Kirby, 1892 — Syn. Cat. Lep. Het., 1:183, n. 54 (cit. sin.), *partim.* Tipo: "*P. Zerbina*, n. 17".

Chetone Kirby, 1892 — Syn. Cat. Lep. Het., 1:184, n. 56 (cit. sin.), *partim.*

Pericopis Mabilde, 1896 — Guia Prat. col. ins., R. G. Sul, p. 168, n. 15 (cit.).

Pericopis Druce, 1897 — Biol. C.-Am., Lep. Het., 2:385 (cit.).

Pericopis Peters, 1901 — Biol. B. brasil. Schmett.-Fauna, p. 7 (cit.).

Dysschema Kirby, 1908-12 — *in* Hübner & Geyer (ed. Wytsmann), Zutr. ex. Schmett., p. 32 (cit. sin.).

Pericopis Strand, 1914 — Lep. Niepeltiana, p. 9 (cit.).

Pericopis Strand, 1920 — Arch. Naturg., 1920, A-7:125 (cit.).

Pericopis Handlirsch, 1925 — *in* Schroeder, Handb. Ent., 3:920 (cit.).

Pericopis Hering, 1925 — *in* Seitz, Gross-Schmett., ed. fr., II, 6:426 (ch.), 437, n. 16, ♂ ♀, *partim.*

[*Pericopis*] (*Thebrone*) Hering, 1925 — *in* Seitz, Gross-Schmett., ed. fr., II, 6:439, n. II, *partim.*

[*Pericopis*] (*Pericopis*) Hering, 1925 — *in* Seitz, Gross-Schmett., ed. fr. II, 6:441, n. IV, *partim.*

Pericopis Bryk, 1931 — Lep. Cat., 45:22, n. 16 (cit. sin.), *partim.* (*Typus: Pericopis eurocilia* Cr.).

[*Pericopis*] (*Thebrone*) Bryk, 1931 — Lep. Cat., 45:25-26, n. 2 (cit. sin.) *partim.*

[*Pericopis*] (*Pericopis*) Bryk, 1931 — Lep. Cat., 45:29-30, n. 4 (cit. sin.). *partim.*

Pericopis Forbes, 1931 — J. Dep. Agric. Porto Rico, 4(4):344 (cit.).

Pericopsis Kremky, 1931 — Ann. Mus. Z. Polonici, 9(13):168-169 (com.).

Pericopis Köhler, 1932 — Rev. Soc. Ent. Argentina, 5(1):10.

Pericopis Forbes, 1939 — Bull. Mus. C. Zool., Harvard, 85(4):223 (ch.), 224-225 (ch.).

Pericopis Fleming, 1949 — Zoologica, N. Y., 34(1):19 (com.).

Dysschema hypoxantha Hübner, 1813

Referências e sinonímia:

Dysschema Hypoxantha Hübner, 1814 (*) — Zutr. ex. Schmett., 1:est. 525(34) fs. 191-192 (♂).

Dysschema Hypoxantha Hübner, 1818 (*) — Zutr. ex. Schmett., 1:31 (texto não consultado).

D. [*ysschema*] *Hypoxantha* Hübner, 1819 — Verz. bek. Schmett., p. 175, n. 1.806 (cit. sin.).

[*Chetone*] *Hypoxantha* Boisduval, 1870 — Cons. Lep. Guatemala, p. 89 (cit.).

Pericopis Sibylla Butler, 1873 — Cist. Ent., 1:127 [♂].

Pericopis Sibylla Butler, 1874 — Lep. Exot., p. 177, n. 6 (cit. sin. & geog.), est. 61, f. 12, ♂.

[*Pericopis*] (*Dysschema*) *Sibylla* Butler, 1875 — Ann. Mag. Nat. Hist., (4) 16:166, n. 4 (cit. sin. & geog.).

[*Pericopis*] (*Dysschema*) *hypoxantha* Butler, 1875 — Ann. Mag. Nat. Hist., (4)16:166, n. 5 (cit. sin. & geog.).

Pericopis irene Druce, 1885 — Pr. Zool. Soc. London, 1885:523. [♂].

D. [*ysschema*] *Sibylla* Kirby, 1892 — Syn. Cat. Lep. Het., 1:183, n. 4 (cit. sin. & geog.).

D. [*ysschema*] *Hypoxantha* Kirby, 1892 — Syn. Cat. Lep. Het., 1:183, n. 5 (cit. sin. & geog.).

C. [*hetone*] *Irene* Kirby, 1892 — Syn. Cat. Lep. Het., 1:185, n. 13 (cit. sin. & geog.).

Dysschema hypoxantha Kirby, 1908-12 — *in* "Hubner & Geyer (ed. Wytsman), Zutr. ex. Schmett.", p. 32, n. 238 (cit. sin. & geog.).

Pericopis staudingeri Druce, 1910 — Ann. Mag. Nat. Hist. (8)6:174. ♀.

P. [*ericopis* (*Thebrone*)] *hypoxantha* Hering, 1925 — *in* Seitz, G. Schmett. ed fr., II, 6:439, ♂, est. 63a, ♂.

P. [*ericopis* (*Pericopis*)] *irene* Hering, 1925 — *in* Seitz, G. Schmett., ed. fr., II, 6:443, est. 64a, [♀].

[*Pericopis* (*Pericopis*) *irene*] *staudingeri* Hering, 1925 — *in* Seitz, G. Schmett., ed. fr., II, 6:443, "sub-esp.".

[*Pericopis* (*Pericopis*) *irene*] ? *splendidissima* Hering, 1925 — *in* Seitz G. Schmett., ed. fr., II, 6:443, ♀, "forma", est. 64 b, ♀.

(*) Ver a nota dada em rodapé no gênero *Dysschema*.

[*Pericopis* (*Thebrone*)] *hypoxantha* Bryk, 1931 — Lep. Cat., 45:27 (cit. sin. & geog.).

[*Pericopis* (*Pericopis*)] *irene* Bryk, 1931 — Lep. Cat., 45:33-34 (cit. sin. & geog.).

[*Pericopis* (*Pericopis*) *irene*] *Staudingeri* — Bryk, 1931 — Lep. Cat., 45:34 (cit. sin.), "forma".

[*Pericopis* (*Pericopis*) *irene*] *splendidissima* Bryk, 1931 — Lep. Cat., 45:34 (cit. sin. & geog.) "forma".

Pericopis hypoxantha Köhler, 1932 — Rev. Soc. Ent. Argentina, 5(1):11 (cit. geog.).

Pericopis flavimedia Monte, 1933 — O Campo, R. Janeiro, 4(11):30-31, ♂ ♀, f. ♀.

Pericopis hypoxantha Costa Lima, 1936 — Terc. Cat. Ins. vivem Pls. Brasil, p. 258, n. 969 (cit. bion.).

Pericopis hypoxantha Travassos, 1936 — *in* Costa Lima, Terc. Cat. Ins. vivem Pls. Brasil, p. 258, n. 969 (com.).

Dysschema eurocilia (Cramer, 1797) n. comb.

Referências e sinonímia:

[*Attacus*] *Eurocilia* Cramer, 1777 — Pap. Exot., 2:126, est. 178, f. C [♀].

[*Zygaena*] *Eurocilia* Linné, 1780 — Syst. Nat., ed. 13, 1(5):2.397, n. 137.

Z. [*ygaena*] *Eurocilia* Fabricius, 1781 — Sp. Ins., 2:163-164, n. 34.

Z. [*ygaena*] *Eurocilia* Fabricius, 1787 — Mant. Ins., 2:105, n. 41.

[*Phalaena Bomb.*] *Zerbina* Stoll, 1790-91 — Pap. Exot., 5 (Suppl.): 173, est. 40, f. 3, 3 A [♀].

Pericopis Zerbina Hübner, 1819 — Verz. bek. Schmett., p. 175, n. 1.808 (cit. sin.):

P. [*ericopis*] *Eurocilia* Hübner, 1819 — Verz. bek. Schmett., p. 176, n. 1.809 (cit. sin.).

Callimorpha Eurocilia Verloren, 1837 — Cat. Syst. Cram., Resp. zool., pp. 74, 252, (cits.).

Callimorpha Zerbina Verloren, 1837 — Cat. syst. Cram. Resp. zool., pp. 169, 252, ♀ (cits., com.).

Pericopis Zerbina Walker, 1854 — List Lep. Ins. Br. Mus., 2:346, n. 5.

Pericopis Eurocilia Walker, 1854 — List Lep. Ins. Br. Mus., 2:346-347, n. 6.

[*Chetone*] *Zerbina* Boisduval, 1870 — Cons. Lep. Guatemala, p. 89 (cit.).

[*Chetone*] *Eurocilia* Boisduval, 1870 — Cons. Lep. Guatemala, p. 89 (cit.).

P. [*ericopis*] *Zerbina* Butler, 1872 — Tr. Ent. Soc. London, 1872:55, n. 6 (cit. sin. & geog.).

P. [*ericopis*] *Eurocilia* Butler, 1872 — Tr. Ent. Soc. London, 1872:55, n. 7 (cit. sin. & geog.).

[*Pericopis*] (*Pericopis*) *eurocilia* Butler, 1875 — Ann. Mag. Nat. Hist., (4) 16: 163 (cit. *in Thebrone*), 167, n. 12 (cit. sin. & geog.).

[*Pericopis*] (*Pericopis*) *Zerbina* Butler, 1875 — Ann. Mag. Nat. Hist., (4) 16:163 (cit. *in Thebrone*), 167, n. 13 (cit. sin. & geog.).

P. [*cricopis*] *Eurocilia* Kirby, 1892 — Syn. Cat. Lep. Het., 1:184, n. 16 (cit. sin. & geog.).

P. [*cricopis*] *Zerbina* Kirby, 1892 — Syn. Cat. Lep. Het., 1:184, n. 17 (cit. sin. & geog.).

P. [*cricopis* (*Pericopis*)] *eurocilia* Hering, 1925 — *in* Seitz, G. Schmett., ed. fr., II, 6:443, ♀ ; est. 64 a, ♀.

[*Pericopis* (*Pericopis*) *eurocilia*] *obscurata* Hering, 1925 — *in* Seitz, G. Schmett., ed. fr., II, 6:443, ♀, "forma".

[*Pericopis* (*Pericopis*) *eurocilia*] *mclaina* Hering, 1925 — *in* Seitz, G. Schmett., ed. fr., II, 6:443, ♀, "forma".

[*Pericopis* (*Pericopis*)] *eurocilia* Bryk, 1931 — Lep. Cat., 45:33 (cit. sin. & geog.).

[*Pericopis* (*Pericopis*) *eurocilia*] *obscurata* Bryk, 1931 — Lep. Cat., 45:33, "forma" (cit. sin. & geog.).

[*Pericopis* (*Pericopis*) *eurocilia*] *mclaina* Bryk, 1931 — Lep. Cat., 45:33, "forma" (cit. sin. & geog.).

Sermyla Walker, 1854.

Haplótipo: *Sermyla transversa* Walker, 1854.

Referências:

Sermyla Walker, 1854 — List Lep. Ins. Br. Mus., 2:461, n. 69, ♂.

[*Pericopis*] (*Sermyla*) Butler, 1875 — Ann. Mag. Nat. Hist., (4) 16:170, n. 7 (cit.).

Sermyla Kirby, 1892 — Syn. Cat. Lep. Het., 1:186, n. 58 (cit. sin). (Tipo: "*S. transversa* Walk.").

[*Pericopis*] (*Sermyla*) Hering, 1925 — *in* Seitz, G. Schmett., ed. fr., II, 6:441, n. 3, ♂ ♀.

[*Pericopis*] (*Sermyla*) Bryk, 1931 — Lep. Cat., 45:29, n. 3 (cit. sin.). (*Typus*: *Sermyla transversa* Walk.).

Sermyla transversa Walker, 1854.

Referências:

Sermyla transversa Walker, 1854 — List Lep. Ins. Br. Mus., 2:461-462, n. 1, ♂

[*Pericopis*] (*Sermyla*) *transversa* Butler, 1875 — Ann. Mag. Nat. Hist., (4) 16: 170 (cit. sin. & geog.).

S. [*ermyla*] *Transversa* Kirby, 1892 — Syn. Cat. Lep. Het., 1:186, n. 1 (ict. sin. & geog.).

P. [*cricopis* (*Sermyla*)] *transversa* Hering, 1925 — *in* Seitz, G. Schmett. ed. fr., II, 6:441, ♂ ♀, est. 63 f, ♀.

[*Pericopis* (*Sermyla*)] *transversa* Bryk, 1931 — Lep. Cat., 45:29 (cit. sin. & geog.).

Thebrone Boisduval, 1870.

Logótipo: *Thebrone tricolora* (Sulzer, 1776). Designação de Kirby, 1892.

Pericopis Hübner, 1819 — Verz. bek. Schmett., p. 176, n. 1 (esp. n. 1.811), *partim*.

Thebrone Boisduval, 1870 — Cons. Lep. Guatemala, p. 85, *partim*. (*Typus*: *sacrifica* Hbn. e *Aglaura* Cr.).

Aphisaon Boisduval, 1870 — Cons. Lep. Guatemala, p. 86. (*Typus*: *Tricolora* Cr.).

[*Pericopis*] (*Thebrone*) Butler, 1875 — Ann. Mag. Nat. Hist., (4)16:163, n. 1 (com.).

Thebrone Kirby, 1892 — Syn. Cat. Lep. Het., 1:181, n. 52 (cit. sin.), *partim*. (Tipo: *T. Aglaura* Cr.).

Thebrone Weymer, 1914 — Lep. Niepeltiana, p. 7 (cit.).

[*Pericopis*] (*Thebrone*) Hering, 1925 — *in* Seitz, G. Schmett., ed. fr., II, 6:439. ♂ ♀, *partim*.

[*Pericopis*] (*Thebrone*) Bryk, 1913 — Lep. Cat., 45:25-26, n. 2 (cit. sin.), *partim*. (*Typus*: *Thebrone sacrifica* Hbn. & *Th. aglaura* Boisd.).

Thebrone tricolora (Sulzer, 1776).

Referências e sinonímia:

Noctua tricolora Sulzer, 1776 — Gesch. Ins., est. 22, f. 5.

[*Attacus*] *Tricolora* Cramer, 1779 — Pap. Exot., 3:125, ♀; est. 263, f. E, ♀.

[*Attacus*] *Aglaura* Cramer, 1779 — Pap. Exot., 3:126, ♂; est. 263, f. F, ♂.

Pericopis Tricolora Hübner, 1819 — Verz. bek. Schmett., p. 176, n. 1.811 (cit. sin.).

Callimorpha tricolora Verloren, 1837 — Cat. syst. Cram., Resp. zool., pp. 101, 252 (cits.).

Callimorpha Aglaura Verloren, 1837 — Cat. syst. Cram., Resp. zool., pp. 101, 252 (cist.).

Pericopis turbida Walker, 1854 — List Lep. Ins. Br. Mus., 2:351-352, n. 15, ♂ ♀.

Pericopis Jansonis Butler, 1870 — Lep. Exot., p. 46, n. 2, ♀; est. 17, f. 4, 5, ♀.

Pericopis lunifera Butler, 1871 — Ann. Mag. Nat. Hist., (4)8:288-289, ♀.

P. [*ericopis*] *Aglaura* Butler, 1872 — Tr. Ent. Soc. London, 1872:56, n. 16, ♂ (cit. sin. & geog.).

P. [*ericopis*] *Jansonis* Butler, 1872 — Tr. Ent. Soc. London, 1872:56, n. 17, ♀ (cit. sin. & geog.).

P. [*ericopis*] *turbida* Butler, 1872 — Tr. Ent. Soc. London, 1872:56, n. 18, ♀ (cit. sin. & geog.).

P. [*ericopis*] *tricolora* Butler, 1872 — Tr. Ent. Soc. London, 1872:56, n. 19, ♂ ♀ (cit. sin. & geog.).

[*Pericopis*] (*Thebrone*) *Aglaura* Butler, 1875 — Ann. Mag. Nat. Hist., (4)16: 163, 164, n. 2, ♂ ♀ (cit. sin. & geog., com.).

[*Pericopis*] (*Thebrone*) *tricolora* Butler, 1875 — Ann. Mag. Nat. Hist., (4)16: 163, 164, n. 4, ♂ ♀ (cit. sin. & geog., com.).

[*Pericopis*] (*Thebrone*) *Jansonis* Butler, 1875 — Ann. Mag. Nat. Hist., (4)16: 164, n. 1, ♀ (cit. sin. & geog., com.).

[*Pericopis*] (*Thebrone*) *turbida* Butler, 1875 — Ann. Mag. Nat. Hist., (4)16: 164, n. 3, ♂ ♀ (cit. sin. & geog., com.).

Pericopis jonsoni Druce, 1884 — Biol. C.-Am., Lep. Het., 1:109, n. 1, ♂ ; est. 11, f. 10, ♂.

T. [*hebrone*] *Jansonis* Kirby, 1892 — Syn. Cat. Lep. Het., 1:181, n. 1 (cit. sin. & geog.).

T. [*hebrone*] *Aglaura* Kirby, 1892 — Syn. Cat. Lep. Het., 1:182, n. 2 (cit. sin. & geog.).

T. [*hebrone*] *Turbida* Kirby, 1892 — Syn. Cat. Lep. Het., 1:182, n. 3 (cit. sin. & geog.).

T. [*hebrone*] *Tricolora* Kirby, 1892 — Syn. Cat. Lep. Het., 1:182, n. 4 (cit. sin. & geog.).

Pericopis jonsonis flavopennis Rebel, 1901 — Berl. Ent. Zeitg., 46:302, ♂, "var.".

Pericopis solome Druce, 1910 — Ann. Mag. Nat. Hist., (8)6:175, ♀.

Thebrone aglauro Strand, 1912 — Arch. Naturg., 1912, A-9:157 (cit. geog.).

Pericopis tricolor albisarta Prout, 1920 — Ann. Mag. Nat. Hist., (9)5:287, n. 4, ♀.

P. [*ericopis* (*Thebrone*)] *tricolora* Hering, 1925 — *in* Seitz, G. Schmett., ed. fr., II, 6:439, 440 (cit.); est. 62 d ♂, 62 e ♀.

[*Pericopis* (*Thebrone*) *tricolora*] *jansonis* Hering, 1925 — *in* Seitz, G. Schmett., ed. fr., II, 6:439, ♂ ♀.

[*Pericopis* (*Thebrone*) *tricolora*] *flavopennis* Hering, 1925 - *in* Seitz, G. Schmett. ed. fr., II, 6:439, ♂ ♀.

[*Pericopis* (*Thebrone*) *tricolora*] *solome* Hering, 1925 — *in* Seitz, G. Schmett., ed. fr., II, 6:439, ♀ ; est. 63 a ♀.

[*Pericopis* (*Thebrone*) *tricolora*] *lunifera* Hering, 1925 — *in* Seitz, G. Schmett., ed. fr., II, 6:439, ♀.

Pericopis tricolor jansonis Hering, 1925 — Deutsch. Ent. Zeit., Iris, 39:198, n. 83, ♀.

[*Pericopis* (*Thebrone*)] *tricolora* Bryk, 1931 — Lep. Cat., 45:26 (cit. sin & geog.).

[*Pericopis* (*Thebrone*) *tricolora*] *Jansonis* Bryk, 1931 — Lep. Cat., 45:26 (cit. sin. & geog.), subsp.

[*Pericopis* (*Thebrone*) *tricolora*] *flavopennis* Bryk, 1931 — Lep. Cat., 45:26 (cit. sin. & geog.), forma.

[*Pericopis* (*Thebrone*) *tricolora*] *salome* Bryk, 1931 — Lep. Cat., 45:26 (cit. sin. & geog.), subsp.

[*Pericopis* (*Thebrone*) *tricolora*] *lunifera* Bryk, 1931 — Lep. Cat., 45:26 (cit. sin. & geog.), subsp.

Pericopis tricolora Forbes, 1939 — Bull. Mus. C. Zool., Harvard, 85(4):224 (ch. ♂), 225 (ch. ♀).

Pericopis tricolora jansonis Farbes, 1939 — Bull. Mus. C. Zool., Harvard, 85(4): 225.

Pericopis tricolora tricolora Fleming, 1949 — Zoologica, N. Y., 34(1):20 (cit. geog.).

Notophyson Boisduval, 1870.

Espécie tipo: *Notophyson tiresias* (Cramer, 1776).

Referências e sinonímia:

Dysschema Hübner, 1819 — Verz. bek. Schmett., p. 175, n. 7 (esps. ns. 1.805 e 1.807), *partim*.

Anthomyza Swainson, 1833 — Zool. Ill., (2)3:est. 124, *in Anthomyza tiresia*, n. preocupado.

Anthomyza Duncan, 1841 — Libr. Ex. Moths, p. 97, *in Anthomyza tiresias*.

Hyelosia Walker, 1854 — List Lep. Ins. Br. Mus., 2:340, n. 10 (*nec* Hübner, 1818), n. preocupado.

Notophyson Boisduval, 1870 — Cons. Lep. Guatemala, p. 87. (Ver os "Comentários" adiante).

Chetone Boisduval, 1870 — Cons. Lep. Guatemala, p. 89.

[*Pericopis*] (*Phaloë*) Butler, 1875 — Ann. Mag. Nat. Hist., (4)16:169, n. 6 (cit.), *partim*.

Hyelosia Butler, 1875 — Ann. Mag. Nat. Hist., (4)16:172 (cit.).

Chetone Kirby, 1892 — Syn. Cat. Lep. Het., 1:184, n. 56 (cit. sin.). (Tipo: *C. catilina* (Cr.)).

Anthomyza Kirby, 1892 — Syn. Cat. Lep. Het., 1:192, n. 72 (cit. sin.). (Tipo: *A. tiresias* (Cr.)).

Anthomyza Kirby, 1897 — *in* Allen's, Handb. Ord. Lep., 3:123.

Dysschema Hering, 1925 — *in* Seitz, G. Schmett., ed. fr., II, 6:426 (ch. n. 17), 446-447, n. 17. (*Nec* Hübner, 1818).

[*Pericopis*] (*Chetone*) Hering, 1925 — *in* Seitz, G. Schmett., ed. fr., II, 6:437, n. I.

[*Pericopis*] (*Chetone*) Bryk, 1931 — Lep. Cat., 45:23, n. 1 (cit. sin.). (*Typus*: *Ch. catilina* Cram.).

Dysschema Bryk, 1931 — Lep. Cat., 45:37, n. 17 (cit. sin.). (*Nec* Hübner, 1818). (*Typus*: *Dysschema tiresias* Cram.).

Dysschema Kremky, 1931 — Ann. Mus. Z. Polonici, 9(13):169 (com.). (*Nec* Hübner, 1818).

Dysschema Köhler, 1932 — Rev. Soc. Ent. Argentina, 5(1):11. (*Nec* Hübner, 1818).

Dysschema Fleming, 1949 — Zoologica, N. Y., 34(1):19, com. *in Pericopis catilina catilina*. (*Nec* Hübner, 1818).

COMENTÁRIOS — Devido à correção do erro de Hering, mantido por Bryk, relativamente ao gênero *Dysschema*, como já foi referido no início do trabalho, este nome genérico aparece *partim* várias vezes na lista de referências e sinonímia de *Notophyson*. Em virtude de serem *Anthomyza* e *Hyelosia* nomes preocupados, coube o nome *Notophyson* para o gênero que encerra as espécies *tiresias* e *heliconides*.

Boisduval, ao criar *Notophyson* estabeleceu o gênero para duas espécies, como rezam suas próprias palavras aqui transcritas: "l'une du Brésil, que nous avons appelée *Absalon*, et la suivant, *Notophyson tiresias* Cr. 85, B.". Butler, 1875, p. 172, apenas indicando "Boisduval, 1870", considera "*N. Absalon*" como sinónimo de *heliconides* Swainson, e como não conseguimos esclarecer mais nada sobre este nome "*Absalon*", acreditamos que seja um *nomina nudum*.

Kirby, 1892, escolheu *tiresias* para tipo do gênero *Anthomyza*, nome que não prevaleceu por ser preocupado; uma vez que *Notophyson* passa a encerrar as mesmas espécies que *Anthomyza*, designamos também *tiresias* para seu genótipo, única possibilidade aliás, visto *Absalon* ter sido considerada *nomina nudum*, e assim homologamos aquela decisão de Kirby.

Boisduval, 1870, descreveu para várias espécies o gênero *Chetone*, para o qual Kirby, 1892, designou *C. catilina* para genótipo; a verificação de ser *C. catilina* congenérica de *N. tiresias*, condicionou ser *Chetone* sinónimo de *Notophyson*, como apresentamos.

Notophyson tiresias (Cramer, 1775)

Referências e sinonímia:

[*Attacus Phalaena*] *Tiresias* Cramer, 1776 — Pap. Exot., 1:133; est. 85, f. B.

Dysschema Tiresias Hübner, 1819 — Verz. bek. Schmett., p. 175, n. 1.805 (cit. sin.).

Anthomyza Tiresia Swainson, 1833 — Zool. Ill., (2)3: est. 124.

Callimorpha Tiresias Verloren, 1837 — Cat. syst. Cram., Resp. zool., pp. 43, 251 (♀, *nec* ♂) (cits.).

Anthomyza tiresia Duncan, 1841 — Libr. Ex. Moths, p. 97-98; est. 4, f. 2.

Hyelosia Tiresia Walker, 1854 — List Lep. Ins. Br. Mus., 2:341, n. 1.

Notophyson Tiresias Boisduval, 1870 — Cons. Lep. Guatemala, p. 87 (cit. geog., com.).

Hyelosia Tiresias Butler, 1875 — Ann. Mag. Nat. Hist., (4)16:172, n. 3 (cit. sin. & geog.).

A. [*nthomyza*] *Tiresias* Kirby, 1892 — Syn. Cat. Lep. Het., 1:192, n. 1 (cit. sin. & geog.).

Anthomyza Swainsoni Druce, 1895 — Ann. Mag. Nat. Hist., (6)15:47-48 (cit. sin. & geog., com.).

Anthomyza tiresias Kirby, 1897 — *in* Allen's, Handb. Ord. Lep., 3:123-124, "var."; est. 83, f. 2.

Dysschema tiresias Seitz, 1924 — G. Schmett., ed. fr., II, 6:425 (cit.).

D. [*ysschema*] *tiresias* Hering, 1925 — *in* Seitz, G. Schmett., ed. fr., II, 6:446; est. 64 e.

[*Dysschema*] *tiresias* Bryk, 1931 — Lep. Cat., 45:37 (cit. sin. & geog.).

Dysschema tiresias Kremky, 1931 — Ann. Mus. Z. Polonici, 9(13):174, ♂; est. 24, f. 20, 21, ♂.

Dysschema tiresias Köhler, 1932 — Rev. Soc. Ent. Argentina, 5(1):11 (cit. geog.).

Notophyson catilina catilina (Cramer, 1757), n. comb.

Referências e sinonímia:

[*Attacus Phalaena*] *Catilina* Cramer, 1775 — Pap. Exot., 1:126, ♂ ♀; est. 79, f. E, F.

P. [*apilio*] *H.* [*eliconius*] *Nasica* Fabricius, 1793 — Ent. Syst., 3(1):169, n. 523.

Aeria Nasica Hübner, 1816 — Verz. bek. Schmett., p. 9, n. 13 (cit. sin.).

D. [*ysschema*] *Catilina* Hübner, 1819 — Verz. bek. Schmett., p. 175, n. 1.807 (cit. sin.).

Callimorpha Catilina Verloren, 1837 — Cat. syst. Cram., Resp. zool., p. 42 (♀) (cit.).

C. [*allimorpha*] *Catilinaria* Verloren, 1837 — Cat. syst. Cram., Resp. zool., p. 251 (cit.).

Pericopis perspicua Walker, 1854 — List Lep. Ins. Br. Mus., 2:344, n. 1.

[*Chetone*] *Catilina* Boisduval, 1870 — Cons. Lep. Guatemala, p. 89 (cit.).

P. [*ericopis*] *catilina* Butler, 1872 — Tr. Ent. Soc. London, 1872:55 (cit. sin. & geog.).

[*Pericopis*] (*Phaloë*) *Catilina* Butler, 1875 — Ann. Mag. Nat. Hist., (4) 16:169 (cit. sin. & geog.).

C. [*hetone*] *Catilina* Kirby, 1892 — Syn. Cat. Lep. Het., 1:185, n. 15 (cit. sin. & geog.).

Anthomyza brotes Druce, 1895 — Ann. Mag. Nat. Hist., (6) 15:48, ♂ ♀.

P. [*ericopis* (*Chetone*)] *catilina* Hering, 1925 — *in* Seitz, G. Schmett., ed. fr. II, 6:437; est. 62 a.

D. [*ysschema*] ? *brotes* Hering, 1925 — *in* Seitz, G. Schmett., ed. fr. II, 6:446.

[*Pericopis* (*Chetone*)] *catilina* Bryk, 1931 — Lep. Cat. 45:23 (cit. sin. & geog.).

[*Dysschema*] ? *brotes* Bryk, 1931 — Lep. Cat. 45:37 (cit. sin. & geog.).

Pericopis catilina catilina Fleming, 1949 — Zoologica, N. Y., 34(1):19.

Notophyson catilina angustilineata Fleming, 1919, n. comb.

Referência:

Pericopis catilina angustilineata Fleming, 1949 — Zoologica, N. Y., 34(1):19-20.

INCERTAE SAEDIS:

buckleyi Druce, 1895

Referências:

Anthomyza Buckleyi Druce, 1895 — Ann. Mag. Nat. Hist., (6) 15:48-49, ♂ ♀.

D. [*ysschema*] ? *buckleyi* Hering, 1925 — *in* Seitz, G. Schmett., ed. fr., II, 6:446.

[*Dysschema*] ? *Buckleyi* Bryk, 1931 — Lep. Cat. 45:37 (cit. sin. & geog.).

COMENTÁRIOS — Tendo Hering e Bryk colocado duvidosamente ao lado de *Notophyson tiresias* a espécie *buckleyi*, que Druce, 1895, descrevera como *Anthomyza*, resolvemos considerá-la em posição incerta, até que estudo morfológico do tipo ou de material topótipo, venha esclarecer a sua verdadeira posição sistemática.

ABSTRACT

Hübner, 1814, published figures of a moth, which he called *Dysschema hypoxantha*. He not only gave the name to the species, but also proposed the genus *Dysschema*, with the species *hypoxantha* as the haplotype. Hübner, 1819, proposed the genus *Pericopis* for 4 species, and Kirby, 1892, selected *P. Zerbina* Stoll, 1790-91 as genotype; this species afterwards became a synonym of *P. eurocilia* (Cr., 1777).

Hübner, 1819, also includ the species *tiresias* in the genus *Dysschema*. Hering, 1925, removed erroneously *hypoxantha* to genus *Pericopis*, leaving the genus *Dysschema* to the species *tiresias* and *heliconides*; this was confirmed by Bryk, 1932, also erroneously.

A thorough morphological study demonstrated that *hypoxantha* and *eurocilia* are congeneric, and consequently *Pericopis* falls into the synonymy of *Dysschema*. In consequence, and in accordance to the International Rules of Zoological Nomenclature (Art. 5), we propose the new name *Dysschematidae* to substitute the family name *Pericopidae* Walker, 1869.

Also a morphological study of the genotypes of *Sermyla* Walker, 1854, *Thebrone* Boisduval, 1870 and *Notophyson* Boisduval, 1870, show that they are good genera, and that *Chetone* Boisduval, 1870, is a synonym of *Notophyson*, since their genotypes are congeneric.

The species *buckleyi* Druce, 1895, is here considered *incertae sacdis* until a sound morphological study of the type, or of topotypes, may ascertain its generic position.

The conclusions of this work were based on a morphological study, particularly of the genitalia. Opportunely the anatomical details of the species that have their nomenclatural situation directly reported in this paper will be published, as well as of others of which we have available material, towards establishing their respective generic situations. Only after this has been done it will be possible to give a significative diagnosis of the family *Dysschematidae*.

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15

Vol. X, N.º 3 — pp. 93-104 5-VII-1951

PAPÉIS AVULSOS
DO
DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA
SECRETARIA DA AGRICULTURA — S. PAULO - BRASIL

LISTA DE MOLUSCOS DO NORDESTE, COM UM APENDICE SÔBRE ALGUMAS ESPÉCIES DE OUTRAS REGIÕES

POR

DURVAL TAVARES DE LUCENA (*)

SUMÁRIO

I — Introdução.

II — Lista sistemática de Moluscos do Nordeste.
- A. Família *Planorbidae*
- B. Família *Physidae*
- C. Família *Amnicolidae*
- D. Família *Ancylidae*
- E. Outras Famílias.

III — Distribuição geográfica de Moluscos no Nordeste.
- A. Sergipe
- B. Alagoas
- C. Pernambuco
- D. Paraíba
- E. Rio Grande do Norte
- F. Ceará.

IV — Apendice.

V — Bibliografia.

I — INTRODUÇÃO

No "Boletim da Secretaria de Agricultura Indústria e Comércio do Estado de Pernambuco" publiquei, sucessivamente, (1, 2 e 3) três Listas de Moluscos do Nordeste, nas quais relacionei o já abundante material coligido nas minhas viagens. Novas e importantes coleções feitas, assim como senões verificados nos trabalhos precedentes, justificam esta publicação, definitiva sob essa forma de

(*) Laboratório Regional do Serviço Nacional de Malária em Recife, Pernambuco, Brasil.

Lista, devendo, proximamente, trazer nova contribuição, agora sob outro aspecto bibliográfico.

Como sempre, tive o concurso do eminente Prof. J. Bequaert, do Museu de Zoologia Comparada, na Universidade de Harvard, em Cambridge, que determinou bôa parte do material relacionado. Isso torna-o credor do meu reconhecimento.

Obedecendo ao critério adotado nas primeiras publicações, discriminarei, a princípio, as espécies referidas às famílias correspondentes, a que farei seguir os nomes dos Estados e das localidades de onde procederam. Os nomes das localidades, na maioria, são os das sédes municipais; do contrário, ou o nome do Município vai entre parenteses, afim de identificar a procedência, ou torna-se desnecessário porque a localidade é demasiado conhecida. Depois, enumerarei as localidades, alfabeticamente, encabeçadas pelos Estados, e todas as espécies nela registadas. No Apendice, mencionarei o material identificado referido aos Estados e às localidades onde foi coligido.

Posto que nessa Lista não caiba discussão taxionomica, dou a seguinte explicação: a validade de *Tropicorbis centimetralis* (Lutz) está abalada, sendo de opinião Bequaert (4) que a espécie é indistinguível de *Tropicorbis stramineus* (Dunker). Na realidade, Lutz (5) ao descrever o seu *Planorbis centimetralis* não conhecia a espécie de Dunker, limitando-se, no seu conhecido trabalho, a transcrever a descrição feita por von Martens, além do que admite que a sua espécie já houvesse sido colecionada. Bequaert (4) determinou o material que lhe enviei rotulado *centimetralis* como *stramineus*, robustecendo sua opinião à vista da copiosa coleção feita em todo o Nordeste, que poude ser por ele comparada. O fato de, a princípio, termos determinado como *stramineus* o planorbideo coligido em Calçado, Pernambuco, prende-se a alguns especimens em que a concha se apresenta mais baixa, mais rugosa e com a abertura mais dilatada, entretanto, no mesmo lote há individuos com os caracteres gerais da espécie, pelo que as diferenças constatadas deixam de ter valor taxionomico para serem consideradas meras variações individuais. Em conclusão, adoto a sinonimia proposta por Bequaert, ressalvando que todo o material até agora discriminado nas minhas "Listas" como *Tropicorbis centimetralis* (Lutz), é na realidade *Tropicorbis stramineus* (Dunker), nome aplicado, primeiro, ao planorbideo procedente do Ceará.

II — LISTA SISTEMÁTICA DE MOLUSCOS DO NORDESTE

A. Família PLANORBIDAE Adams.

1. *Australorbis glabratus olivaceus* (Spix)

a) Estado de ALAGOAS — Coruripe, Junqueiro, Marechal Deodoro, Penedo, Saúde (Maceió), Viçosa.

b) Estado de Pernambuco — Bom Conselho, Canhotinho, Garanhuns, Goiana, Olinda, Pau Amarelo, Paulista, Poço Comprido (Correntes), Pontesinha, Quipapá, Recife, São João (Garanhuns).

c) Estado da Paraíba — Gramame, João Pessôa.

d) Estado do Rio Grande do Norte — Papari.

2. *Australorbis bahiensis* (Dunker)

a) Estado de Pernambuco — *Recife* (*), Lagôa de Gatos.

3. *Tropicorbis straminens* (Dunker) = *Tropicorbis centimetralis* (Lutz) Bequaert, 1950.

a) Estado de Sergipe — Neopolis, Propriá.

b) Estado de Alagoas — Arapiraca, Assembléia, Atalaia, Barra do Canhoto, Canafistula, Colonia de Leopoldina, Conceição do Paraíba, Delmiro, Egreja Nova, Limoeiro de Anadia, Muricí, Palmeira dos Indios, Penêdo, Porto Real do Colégio, Quebrangulo, Rio Largo, S. José da Laje, S. Miguel de Campos, Salomé, Viçosa.

c) Estado de Pernambuco — Afogados de Ingazeira, Agua Preta, Aldeia Velha, Altinho, Angelim, Araripina, Bebedouro, Belém de Maria, Bodocó, Sitio Logradouro (Bom Conselho), Bom Jardim, Bonito, Brejo da Madre Deus, Calçado, Canhotinho, Catende, Correntes, Custódia, Escada, Exú, Fazenda Nova, Flores, Frei Miguelinho, Gameleira, Garanhuns, Gloria de Goitá, Gravatá, Uzina São José (Igarassú), João Alfredo, Jupí, Lagoa do Carro, Limoeiro, Manissobal, Maraial, Monte Alegre (Catende), Nazareth, Olho d'Agua dos Pombos, Orobó, Ouricuri, Pau d'Alho, Palmares, Panelas, Parnamirim, Paulista, Pesqueira, Poço Comprido, Uzina Agua Branca (Quipapá), Recife: *Afogados, Derby, Dois Irmãos, Jangadinha, Madalena, Prado, Pina, Salgadinho, Torre,* Ribeião, Russinha, São Bento, São Caetano, São João (Garanhuns), São José do Egito, São Joaquim, São Pedro (Garanhuns), Salgueiro, Salobro (Pesqueira), Sanharó, Socorro, Serra Talhada, Serrita, Sertânia, Surubim, Timbaúba, Triunfo, Vertentes, Vitória.

d) Estado da Paraíba — Alagoa Grande, Alagoa do Monteiro, Alagoa Nova, Alagoinha, Areia, Bananeiras, Bodocongó, Cabaceiras, Cabedêlo, Caiçara, Campina Grande, Cuitegí, João Pessôa: *Cruz das Armas, Graça,* Mamanguape, Marinho, Remigio, Rio Mulungú, Santa Rita, Sapé, Umbuzeiro.

e) Estado do Rio Grande do Norte — Angico, Baixa Verde, Ceará Mirim, Felipe Camarão, Goianinha, Lagoa de Extre-

(*) Concha vasia encontrada no Jardim 13 de Maio, em 1939.

moz, Massangana, Nova Cruz, Papari, Padre Miguelinho, Santa Cruz, São José de Mipibú, São Paulo do Potengí, São Tomé, Touros.

f) Estado do CEARÁ — Aracati, Acarape, Campos Sales, Caucaia, Coreaú, Crateús, Fortaleza, Independência, Itapipoca, Ipueiras, Ipú, Jaguaruana, Licania, Nova Russas, Pacatuba, Pacotí, Redenção, Reriutaba, Russas, Sobral, Tamboril, Tauá.

4. *Tropicorbis janeirensis* (Clessin)

a) Estado de ALAGOAS — Colonia de Leopoldina, Muricí.

b) Estado de PERNAMBUCO — Manoel Borba (ex-São Vicente), Ibura (Recife), Socorro.

c) Estado da PARAÍBA — João Pessôa.

d) Estado do CEARÁ — Aracatí, Camocim, Granja, Reriutaba, Sobral.

5. *Gyraulus schubarti* (Haas)

a) Estado de ALAGOAS — Arapiraca, Canafistula, Conceição do Paraíba, Coruripe, Junqueiro, Maragogí, Marechal Deodoro, Penêdo, São José da Lage, São Miguel dos Campos, União de Palmares.

b) Estado de PERNAMBUCO — Agua Preta, Aldeia Velha, Bebedouro, Correntes, Escada, Exú, Gameleira, Garanhuns, Goiana, Gloria de Goitá, Ipojuca, Jupí, Lagoa do Carro, Manoel Borba, Moreno, Paulista, Parnamirim, Pau Amarelo, Pesqueira, Recife: *Afogados, Boa Viagem, Beberibe, Encruzilhada, Ibura, Torre,* São José do Egito, Sanharó, Serra Talhada, Serinhaem, Socorro.

c) Estado da PARAÍBA — Alagoa Grande, Areia, Bananeiras, João Pessôa, Remígio, Santa Rita, Umbuzeiro.

d) Estado do RIO GRANDE DO NORTE — Angico, Arez, Canguaretama, Goianinha, Nova Cruz, Pedro Velho, São José de Mipibú.

e) Estado do CEARÁ — Aracati, Itapipoca, Reriutaba, São Benedito, Tianguá.

6. *Drepanotrema anatinum* (d'Orbigny).

a) Estado de ALAGOAS — Coruripe, Marechal Deodoro, Muricí, São José da Lage, São Miguel de Campos, Salomé.

b) Estado de PERNAMBUCO — Agua Preta, Escada, Exú, Gameleira, Goiana, Paulista, Recife: *Beberibe, Ibura,* Ribeirão, São Caetano, São Pedro (Garanhuns), Salgueiro, Sanharó, Serra Talhada, Surubim.

c) Estado da PARAÍBA — Alagoa Nova, Sapé.

d) Estado do RIO GRANDE DO NORTE — Canguaretama, Nova Cruz, Pedro Velho, São José de Mipibú.

7. *Drepanotrema (Fossulorbis) cimex* (Moricand)

a) Estado de Alagoas — Arapiraca, Canafistula, Coruripe, Marechal Deodoro, Muricí.

b) Estado de Pernambuco — Angelim, Araripina, Bebedouro, Bom Conselho, Bonito, Calçado, Garanhuns, Gloria de Goitá, Jupí, Manoel Borba, Pau d'Alho, Poço Comprido (Correntes), Recife: *Boa Viagem, Prado,* São João, (Garanhuns), São Pedro (Garanhuns), Salobro, Taquaretinga.

c) Estado da Paraíba — Esperança, Marinho (Campina Grande), Santa Rita, Sapé, Umbuzeiro.

d) Estado do Rio Grande do Norte — Natal, Nova Cruz, Papari, Padre Miguelinho, Pedro Velho.

e) Estado do Ceará — Redenção.

8. *Drepanotrema (Fossulorbis) cultratum* (d'Orbigny)

a) Estado de Alagoas — Arapiraca, Assembléa, Atalaia, Barra do Canhoto, Canafistula, Conceição do Paraíba, Egreja Nova, Junqueiro, Murici, Penedo, Porto Real do Colegio, São José da Lage.

b) Estado de Pernambuco — Afogados de Ingazeira, Angelim, Bom Jardim, Brejo da Madre Deus, Canhotinho, Catende, Correntes, Flores, Gloria de Goitá, Gravatá, João Alfredo, Lagoa do Carro, Limoeiro, Manissobal, Moreno, Nazareth, Orobó, Ouricurí, Pau d'Alho, Paulista, Parnamirim, Pesqueira, Recife: *Afogados, Beberibe, Madalena, Salgadinho, Torre,* Russinha, São José do Egito, São João (Garanhuns), Salobro, Salgueiro, Sanharó, Serra Talhada, Sertânia, Socorro, Surubim, Timbaúba.

c) Estado da Paraíba — Bananeiras, Mamanguape.

d) Estado do Rio Grande do Norte — Ceará Mirim, Paparí, São José de Mipibú.

e) Estado do Ceará — Aracati, Campos Sales, Independencia, Ipú, Ipueiras, Itapipoca, Licania, Nova Russas, Reriutaba, Sobral, Tauá, Tamboril.

B. Família PHYSIDAE Fischer

1. *Aplexa brasiliensis* (Kuester)

a) Estado de Alagoas — Arapiraca, Barra do Canhoto, Canafistula, Conceição do Paraíba, Coruripe, Marechal Deodoro, Muricí, Palmeira dos Indios, Penedo, São José da Lage, União dos Palmares, Viçosa.

b) Estado de Pernambuco — Bebedouro, Brejo da Madre Deus, Garanhuns, Monte Alegre (Catende), Paulista, Recife, São Caetano, Salobro, Timbaúba.

c) Estado do Rio Grande do Norte — Baixa Verde, Ceará Mirim, Padre Miguelinho.

C. Família AMNICOLIDAE

1. *Idiopyrgus pilsbryi* Baker

a) Estado de ALAGOAS — Assembléa, Colonia de Leopoldina, Limoeiro de Anadia, Mata Grande, São José da Lage.
b) Estado de PERNAMBUCO — Socorro.

D. Família ANCYLIDAE Baker

1. *Uncancytus barilensis* (Moricand)
a) Estado de PERNAMBUCO — Gravatá.
2. *Hebetancylus moricandi* (d'Orbigny)
a) Estado de PERNAMBUCO — Paulista.

E. Molluscos de Outras Familias.

1. *Pomacea lineata figulina* (Reeve)

a) Estado de ALAGOAS — Coruripe, Marechal Deodoro, Rio Largo.
b) Estado de PERNAMBUCO — Correntes, Paulista.
c) Estado do RIO GRANDE DO NORTE — Goianinha, Lagoa de Extremoz, São Tomé.
d) Estado do CEARÁ — Crateús.
2. *Odontostomus* (*Cyctodontina*) *inflatus chaseae* Marshall
a) Estado de ALAGOAS — Cachoeira de Paulo Afonso.
3. *Odontostomus* (*Cyclodontina*) *scabrellus cylindricus* Fred Baker
a) Estado da PARAÍBA — Marinho (Campina Grande).
4. *Solaropsis feisthameli* (Hupé)
a) Estado de PERNAMBUCO — Pontensinha.
5. *Subulina octona* (Bruguière)
a) Estado de PERNAMBUCO — Paulista.
6. *Lamellaxis micra* (d'Orbigny)
a) Estado de PERNAMBUCO — Paulista.
7. *Neritina virginea* (L.)
a) Estado de PERNAMBUCO — Ibura.
b) Estado de ALAGOAS — Marechal Deodoro
8. *Anodontites trapezia* Spix
a) Estado de ALAGOAS — Rio São Francisco, Penedo.
9. *Anodontites trapesialis* Lamarck
a) Estado de ALAGOAS — Rio São Francisco, Penedo.
10. *Diplodon rotundatus* — Lamarck
a) Estado de ALAGOAS — Rio São Francisco, Penedo.

III — DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA DE MOLUSCOS NO NORDESTE

A. Estado de Sergipe

1. Neopolis — *T. stramineus*
2. Propriá — *T. stramineus.*

B. Estado de Alagoas

1. Arapiraca — *T. stramineus, G. schubarti, D. cultratum, D. cimex, A. brasiliensis.*
2. Assembléa — *T. stramineus, D. cultratum.*
3. Atalaia — *T. stramineus, D. cultratum.*
4. Barra do Canhoto, Municipio de S. José da Lage — *T. stramineus, D. cultratum, A. brasiliensis.*
5. Cachoeira de Paulo Afonso — *Odontostomus (Cyclodontina) inflatus chaseae.*
6. Canafistula, município de Palmeira dos Indios — *T. stramineus, G. schubarti, D. cultratum, D. cimex* e *A. brasiliensis.*
7. Colonia de Leopoldina — *T. stramineus, T. janeirensis, I. pilsbryi.*
8. Conceição do Paraíba — *T. stramineus, G. schubarti, D. cultratum, A. brasiliensis.*
9. Coruripe — *A. g. olivaceus, G. schubarti, D. anatinum, D. cimex, A. brasiliensis, Pomacea l. figulina.*
10. Delmiro — *T. stramineus.*
11. Egreja Nova — *T. stramineus* e *D. cultratum.*
12. Junqueiro — *A. g. olivaceus, G. schubarti, D. cultratum.*
13. Limoeiro de Anadia — *T. stramineus.*
14. Maragogi — *G. schubarti.*
15. Marechal Deodoro — *A. g. olivaceus, G. schubarti, D. anatinum, D. cimex, A. brasiliensis, Pomacea l. figulina.*
16. Murici — *T. stramineus, T. janeirensis, D. anatinum, D. cultratum, D. cimex, A. brasiliensis.*
17. Palmeira dos Indios — *T. stramineus, A. brasiliensis.*
18. Penedo — *A. g. olivaceus, T. stramineus, G. schubarti, D. cultratum, A. brasiliensis, Anadontites trapesialis, A. trapezia, Diplodon rotundatus.*
19. Porto Real do Colegio — *T. stramineus, D. cultratum.*
20. Quebrangulo — *T. stramineus.*
21. Rio Largo — *T. stramineus, P. l. figulina.*
22. S. José da Lage — *T. stramineus, G. schubarti, D. anatinum, D. cultratum, A. brasiliensis.*
23. São Miguel dos Campos — *T. stramineus, G. schubarti, D. anatinum.*
24. Salomé, Municipio de Egreja Nova — *T. stramineus, D. anatinum.*
25. Saúde, município de Maceió — *A. g. olivaceus.*
26. União dos Palmares — *G. schubarti, A. brasiliensis.*
27. Viçosa — *A. g. olivaceus, T. stramineus, A. brasiliensis.*

C. Estado de Pernambuco

1. Afogados de Ingazeira — *T. stramineus, D. cultratum.*
2. Agua Preta — *T. stramineus, D. anatinum, G. schubarti.*
3. Angelim — *T. stramineus, D. cultratum, D. cimex.*
4. Aldeia Velha, municipio de Pau d'Alho — *T. stramineus, G. schubarti.*
5. Altinho — *T. stramineus.*
6. Araripina — *T. stramineus, D. cimex.*
7. Bebedouro — *T. stramineus, D. cimex, G. schubarti, A. brasiliensis.*
8. Belém de Maria, município de Lagoa de Gatos — *T. stramineus.*
9. Bodocó — *T. stramineus.*
10. Bom Conselho — *A. g. olivaceus, T. stramineus, D. cimex.*
11. Bom Jardim — *T. stramineus, D. cultratum.*
12. Bonito — *T. stramineus, D. cimex.*
13. Brejo da Madre de Deus — *T. stramineus, D. cultratum, A. brasiliensis.*
14. Calçado — *T. stramineus, D. cimex.*
15. Canhotinho — *A. g. olivaceus, T. stramineus, D. cultratum.*
16. Catende — *T. stramineus, D. cultratum.*
17. Correntes — *A. g. olivaceus, T. stramineus, G. schubarti, D. cultratum, P. l. figulina.*
18. Custódia — *T. stramineus.*
19. Escada — *T. stramineus, G. schubarti, D. anatinum.*
20. Exú — *T. stramineus, G. schubarti, D. anatinum.*
21. Fazenda Nova, município do Brejo da Madre de Deus — *T. stramineus.*
22. Frei Miguelinho, município de Vertentes — *T. stramineus.*
23. Flores — *T. stramineus, D. cultratum.*
24. Gameleira — *T. stramineus, G. schubarti, D. anatinum.*
25. Garanhuns — *A. g. olivaceus, T. stramineus, G. schubarti, D. cimex, A. brasiliensis.*
26. Goiana — *A. g. olivaceus, G. schubarti, D. anatinum.*
27. Gloria de Goitá — *T. stramineus, G. schubarti, D. cultratum, D. cimex.*
28. Gravatá — *T. stramineus, D. cultratum, Uncancylus barilensis.*
29. Ipojuca — *G. schubarti.*
30. Igarassú — *T. stramineus.*
31. João Alfredo — *T. stramineus, D. cultratum.*
32. Jupí, município de Angelim — *T. stramineus, G. schubarti* e *D. cimex.*
33. Limoeiro — *T. stramineus, D. cultratum.*
34. Lagoa de Gatos — *A. bahiensis.*
35. Lagoa do Carro, município de Carpina — *T. stramineus, G. schubarti, D. cultratum.*
36. Manissobal — *T. stramineus, D. cultratum.*
37. Manoel Borba, município de Macaparana — *T. janeirensis, G. schubarti, D. cimex.*
38. Marial — *T. stramineus.*
39. Monte Alegre, município de Catende — *T. stramineus, A. brasiliensis.*
40. Moreno — *G. schubarti, D. cultratum.*

41. Nazareth — *T. stramineus, D. cultratum.*
43. Olinda — *A. g. olivaceus.*
44. Olho d'Agua dos Pombos — *T. stramineus.*
45. Ouricuri — *T. stramineus, D. cultratum.*
46. Palmares — *T. stramineus.*
47. Parnamirim — *T. stramineus, G. schubarti, D. cultratum.*
48. Paulista — *A. g. olivaceus, T. stramineus, G. schubarti, D. anatinum, D. cultratum, A. brasiliensis, Hebetancylus moricandi, Subulina octona, Lamellaxis micra, P. l. figulina.*
49. Pontesinha — *A. g. olivaceus, Solaropsis feisthameli.*
50. Pau Amarelo, município de Paulista — *A. g. olivaceus, G. schubarti.*
51. Pau d'Alho — *T. stramineus, D. cimex, D. cultratum.*
52. Panelas — *T. stramineus.*
53. Pesqueira — *T. stramineus, G. schubarti, D. cultratum.*
54. Poço Comprido, município de Correntes — *A. g. olivaceus, T. stramineus, D. cimex.*
55. Quipapá — *A. g. olivaceus, T. stramineus.*
56. Recife — *A. g. olivaceus, A. bahiensis, T. stramineus, T. janeirensis, D. anatinum, D. cimex, D. cultratum, G. schubarti, A. brasiliensis, Neritina virginea.*
57. Ribeirão — *T. stramineus, D. anatinum.*
58. Russinha — *T. stramineus, D. cultratum.*
59. São Bento — *T. stramineus.*
60. São Caetano — *T. stramineus, D. anatinum, A. brasiliensis.*
61. São José do Egito — *T. stramineus, G. schubarti, D. cultratum.*
62. São Joaquim — *T. stramineus.*
63. São Pedro, município de Garanhuns — *A. g. olivaceus, T. stramineus, D. cimex, D. cultratum.*
64. São Pedro, município de Garanhuns — *T. stramineus, D. anatinum, D. cimex.*
65. Salgueiro — *T. stramineus, D. anatinum, D. cultratum.*
66. Serrita — *T. stramineus.*
67. Surubim — *T. stramineus, D. anatinum, D. cultratum.*
68. Salobro, município de Pesqueira — *T. stramineus, D. cultratum, D. cimex* e *A. brasiliensis.*
69. Sanharó, município de Pesqueira — *T. stramineus, G. schubarti, D. anatinum, D. cultratum.*
70. Serinhaem — *G. schubarti.*
71. Sertânia — *T. stramineus, D. cultratum.*
72. Serra Talhada — *T. stramineus, G. schubarti, D. anatinum, D. cultratum.*
73. Socorro, municipio de Jaboatão — *T. stramineus, T. janeirensis, G. schubarti, D. cultratum, I. pilsbryi.*
74. Taquaretinga — *D. cimex.*
75. Timbaúba — *T. stramineus, D. cultratum, A. brasiliensis.*
76. Triunfo — *T. stramineus.*

77. Vertentes — *T. stramineus.*
78. Vitória — *T. stramineus.*

D. Estado da Paraíba

1. Lagoa Grande — *T. stramineus* e *G. schubarti.*
2. Alagoa do Monteiro — *T. stramineus.*
3. Alagoa Nova — *T. stramineus* e *D. anatinum.*
4. Alagoinha — *T. stramineus.*
5. Areia — *T. stramineus* e *G. schubarti.*
6. Bodocongó — *T. stramineus.*
7. Bananeiras — *T. stramineus, G. schubarti, D. anatinum.*
8. Caiçara — *T. stramineus.*
9. Campina Grande — *T. stramineus.*
10. Cabaceiras — *T. stramineus.*
11. Cabedelo — *T. stramineus.*
12. Cuitegí — *T. stramineus.*
13. Esperança — *D. cimex.*
14. Graname — *A. g. olivaceus, G. schubarti.*
15. João Pessôa — *A. g. olivaceus, T. stramineus, T. jancirensis, G. schubarti.*
16. Mamanguape — *T. stramineus, D. cultratum.*
17. Marinho, município de Campina Grande — *T. stramineus, D. cimex, Odontostomus (Cyclodontina) scabrellus cylindricus.*
18. Remigio — *T. stramineus, G. schubarti.*
19. Sapé — *T. stramineus, D. anatinum, D. cimex.*
20. Santa Rita — *T. stramineus, G. schubarti, D. cimex.*
21. Umbuzeiro — *T. stramineus, G. schubarti, D. cimex.*

E. Estado do Rio Grande do Norte

1. Augico — *T. stramineus, G. schubarti.*
2. Arez — *G. schubarti.*
3. Baixa Verde — *T. stramineus, A. brasiliensis.*
4. Canguaretama — *G. schubarti, D. anatinum.*
5. Ceará Mirim — *T. stramineus, D. cultratum, A. brasiliensis.*
6. Felipe Camarão — *T. stramineus.*
8. Goianinha — *T. stramineus, G. schubarti, P. l. figulina.*
8. Lagoa de Extremoz, município de Ceará Mirim — *T. stramineus, P. l. figulina.*
9. Massangana, município de Ceará Mirim — *T. stramineus.*
10. Natal — *D. cimex.*
11. Nova Cruz — *T. stramineus, G. schubarti, D. anatinum, D. cimex.*
12. Papari — *A. g. olivaceus, T. stramineus, D. cimex, D. cultratum.*
13. Padre Miguelinho — *T. stramineus, D. cimex, A. brasiliensis.*
14. Pedro Velho — *G. schubarti, D. anatinum, D. cimex.*
15. Santa Cruz — *T. stramineus.*
16. São José de Mipibú — *T. stramineus, G. schubarti, D. anatinum, D. cultratum.*

17. São Paulo do Potengi — *T. stramineus.*
18. São Tomé — *T. stramineus, P. l. figulina.*
19. Touros — *T. stramineus.*

F. Estado do CEARÁ

1. Acarape, município de Redenção — *T. stramineus.*
2. Aracati — *T. stramineus, T. jancirensis, G. schubarti, D. cultratum.*
3. Camocim — *T. joneirensis.*
4. Campos Sales — *T. stramineus, D. cultratum, A. brasiliensis.*
5 Caucaia — *T. stramineus.*
6. Coreaú — *T. stramineus.*
7. Crateús — *T. stramineus, P. l. figulina.*
8. Fortaleza — *T. stramineus.*
9. Granja — *T. jancirensis.*
10. Independencia — *T. stramineus, D. cultratum.*
11. Ipú — *T. stramineus, D. cultratum.*
12. Ipueiras — *T. stramineus, D. cultratum.*
13. Itapipoca — *T. stramineus, G. schubarti, D. cultratum.*
14. Jaguaruana — *T. stramineus.*
15. Licania — *T. stramineus, D. cultratum.*
16. Nova Russas — *T. stramineus, D. cultratum.*
17. Pacatuba — *T. stramineus.*
18. Pacoti — *T. stramineus, A. brasiliensis.*
19. Redenção — *T. stramineus, D. cimex.*
20. Reriutaba — *T. stramineus, T. jancirensis, G. schubarti, D. cultratum.*
21. Russas — *T. stramineus.*
22. São Benedito — *G. schubarti.*
23. Sobral — *T. stramineus, T. jancirensis, D. cultratum.*
24. Tauá — *T. stramineus, D. cultratum.*
25. Tamboril — *T. stramineus, D. cultratum.*
26. Tianguá — *G. schubarti.*

V — APÊNDICE

Nessa parte, discriminarei material coligido pessoalmente, em viagens, salvo as amostras de *A. g. olivaceus* da Bahia, que me foi oferecida pelo Prof. S. B. Pessoa, e a de *A. tenagophilus,* doada pelo Dr. Geth Jansen.

A. Estado da BAHIA

1. Salvador — *Australorbis g. olivaceus* (Spix)

B. DISTRITO FEDERAL

1. Jacarepaguá — *Australorbis immunis* (Lutz)

C. Estado de SÃO PAULO

1. Santos — *Biomphalaria alexandrina pfeifferi* (Krauss), *Bulinus tropicus* (Krauss), *Aplexa brasiliensis* (Kuester), *Bradybaena similaris* (Férussac).
2. Ilha de Santo Amaro — *Australorbis bahiensis* (Dunker).

D. Estado do PARANÁ

1. Guayra — *A. bahiensis* (Dunker), *T. stramineus* (Dunker), *Gyraulus schubarti* (Haas).

E. Estado de MATO GROSSO

1. Porto Esperança — *A. bahiensis* (Dunker), *Marisa planogyra* Pilsbry.
2. Ponta Porã — *T. stramineus* (Dunker).

F. Estado do RIO GRANDE DO SUL

Riacho Paternon — *Australorbis tenagophilus* (d'Orbigny).

BIBLIOGRAFIA

1. LUCENA, D. T. — 1948 - "Primeira Lista de Moluscos do Nordeste". Boletim da S.A.I.C., 15(2) 134-140.
2. LUCENA, D. T. — 1949 - "Segunda Lista de Moluscos do Nordeste". Boletim da S.A.I.C. 16(3 e 4) 126-135.
3. LUCENA, D. T. — 1950 - "Terceira Lista de Moluscos do Nordeste". Boletim da S.A.I.C. 17 (1 e 2) 32-51.
4. BEQUAERT, J. — 1950 - "Carta ao Autor, de 31 de Maio de 1950".
5. LUTZ, A. — 1918 - "Caramujos de Agua Doce do Genero Planorbis, observados no Brasil". Mem. Inst. Oswaldo Cruz, 10(1)65-82.

Vol. X, N.º 4 — pp. 105-125 25-VIII-1951

PAPÉIS AVULSOS
DO
DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA
SECRETARIA DA AGRICULTURA — S. PAULO - BRASIL

NOTAS SOBRE OS MAMÍFEROS OBTIDOS PELA EXPEDIÇÃO DO INSTITUTO BUTANTÃ AO RIO DAS MORTES E SERRA DO RONCADOR

POR

CARLOS O. DA C. VIEIRA

Serve de base ao presente estudo uma coleção de mamíferos caçados pela Expedição Científica do Instituto Butantã chefiada pelo Dr. Alfonse R. Hoge, Assistente daquele Instituto, e que teve por objetivo colecionar material zoológico na vasta zona compreendida entre os rios Araguaia e Xingu, em pleno Brasil Central

Dela fizeram parte os Snrs. Emilio Dente e Werner Bokermann, esforçados técnicos do Departamento de Zoologia que, apesar das dificuldades encontradas em tão inóspitas regiões, obtiveram vultoso material mastozoológico, constituido por peles abertas e cheias, com os respectivos crânios, material esse todo de excelente preparo.

A expedição partiu de São Paulo a 1 de agosto de 1949, estacionando em Goiania, em cujos arredores, sem perda de tempo, já seus componentes obtinham numerosas peças, seguindo depois para Leopoldina e Dumbá, à margem do rio Araguaia, onde colecionaram bastante. Prosseguindo por terra, chegaram a São Domingos, povoado à margem direita do rio das Mortes, e sede de um posto de proteção aos indígenas da região. Aí estacionaram quase dois meses (de 6 de setembro a 23 de novembro), o que permitiu a colheita de grande quantidade de material, principalmente aves e mamíferos.

Atravessando a região da chamada Serra do Roncador, entre os rios das Mortes e Xingu, chegaram a Garapu, no Rio Sete de Setembro, afluente do Culuene, que o é do Xingu, e ali ficaram coletando em larga escala, até o mês de dezembro, quando regressaram a São Paulo.

Foram caçados 157 exemplares distribuidos em 9 ordens, 20 famílias e 35 espécies, quantidade essa realmente notável, dada a

exiguidade do tempo e as naturais dificuldades encontradas em tão longa e trabalhosa viagem em regiões quase despovoadas e desprovidas de recursos e conforto.

São os seguintes os mamíferos obtidos e incorporados às coleções do Departamento de Zoologia:

PRIMATAS

Família *CEBIDAE*

1) *Alouatta caraya* (Humboldt)
2) *Cebus paraguayanus pallidus* Gray

Família *CALLITHRICHIDAE*

3) *Callithrix penicillata jordani* (Thomas)

QUIROPTEROS

Família *PHYLLOSTOMIDAE*

4) *Glossophaga soricina* (Pallas)
5) *Hemiderma perspicillatum* (Linnaeus)
6) *Vampyrops lineatus* (E. Geoffroy)

Família *VESPERTILIONIDAE*

7) *Dasypterus intermedius* (Allen)

Família *EMBALLONURIDAE*

8) *Pteropteryx macrotis macrotis* (Wagner)
9) *Rhynchiscus naso* (Wied)
10) *Saccopteryx bilineata* (Temminck)

Família *MOLOSSIDAE*

11) *Eumops glaucinus* (Wagner)
12) *Molossus rufus* E. Geoffroy
13) *Molossops temminckii* (Burmeister)

Família *NOCTILIONIDAE*

14) *Noctilio leporinus leporinus* (Linnaeus)
15) *Dirias albiventer* (Spix)

ROEDORES

Família *COENDIDAE*

16) *Coendou prehensilis centralis* Thomas

Família *HYDROCHOERIDAE*

17) *Hydrochoerus hydrochoeris* (Linnaeus)

Família *DASYPROCTIDAE*

18) *Dasyprocta azarae aurea* Cope

CARNÍVOROS

Família *CANIDAE*

19) *Cerdocyon thous azarae* (Wied)

Família *PROCYONIDAE*

20) *Nasua nasua rufa* Desmarest

Famlia *FELIDAE*

21) *Leopardus pardalis brasiliensis* (Oken)

Família *MUSTELIDAE*

22) *Ptenonura brasiliensis* (Zimmermann)
23) *Tayra barbara barbara* (Linnaens)

PERISSODÁCTILOS

Família *TAPIRIDAE*

24) *Tapirus terrestris* Linnaeus

ARTIODACTILOS

Família *TAYASSUIDAE*

25) *Tayassu tajacu tajacu* (Linneus)

Família *CERVIDAE*

26) *Mazama simplicicornis simplicicornis* (Illiger)
27) *Ozotocerus bezoarticus bezoarticus* (Linnaeus)
28) *Blastocerus dichotomus* (Illiger)

CETÁCEOS

Família *INIIDAE*

29) *Inia geoffroyensis* Blainville

XENARTROS

Família *MYRMECOPHAGIDAE*

30) *Tamandua tetradactyla chapadensis* J. A. Allen

Família *DASYPODIDAE*

31) *Dasypus novemcinctus novemcinctus* (Linnaeus)
32) *Dasypus septemcinctus* Linnaeus
33) *Cabassous loricatus* (Pelzeln)

MARSUPIAIS

Família *DIDELPHIIDAE*

34) *Didelphis paraguayensis* Oken

PRIMATAS

Família *CEBIDAE*

Alouatta caraya Humboldt

Nome local: "*Guariba*"

Simia (*Stentor*) *caraya* Humboldt, 1811, Recueil d'Observations Zoologiques, I, pg. 355.

Cebus caraya Miranda Ribeiro, 1914, Comissão de Linhas Telegráficas Mato Grosso ao Amazonas, anexo 5, Zoologia, pg. 5 (Norte de Mato Grosso).

Alouatta caraya H. Ihering, 1914, Os bugios do gênero *Alouatta*; Revista do Museu Paulista, vol. IX, pg. 248 (Estado de São Paulo); J. A. Allen, 1916, Mammals of the Roosevelt Expedition, Bull. Amer. Mus. Nat. History, vol. XXXV, pg. 586 (Urucum, Rio Taquari, norte de Mato Grosso).

1 ♂ adulto e 1 ♂ jovem de São Domingos, Rio das Mortes, Mato-Grosso (peles abertas e crânios).

Dentre as espécies do gênero *Alouatta*, é esta a que tem maior distribuição geográfica, pois ocorre desde a Bolívia e Paraguay, por todo o Brasil Central, até o norte da Argentina e o interior dos estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Trouessart (*) e Elliot (**) estenderam muito além sua área de dispersão, afirmando sua ocorrência no Amazonas Superior, o que não foi confirmado até agora, parecendo tratar-se de confusão com *Alouatta nigerrima* Lonnberg, bugio maior e inteiramente negro em ambos os sexos.

O macho adulto é todo negro carvão e a fêmea é de cor amarelo- olivácea, com pêlos escuros esparsos pela cabeça e pelo dorso. Este macho imaturo de São Domingos, assemelha-se na coloração geral à fêmea, porém é muito mais escuro.

Apesar de ter tão grande área de dispersão, esta espécie não apresenta variáveis-diferenciações de colorido nas variadas localidades que habita.

Cebus paraguayanus pallidus Gray

Nome local: "*Macaco*"

Cebus pallidus Gray, 1865, Proceed. Zool. Sc. London, pg. 826 (Bolívia).

Cebus azarae O. Thomas, 1903, On the Mammals collected by Mr. Robert at Chapada; Proceed. Zool. Soc. London, pg. 234 (Chapada, Mato Grosso).

(*) Catalogus Mammalium, Supplementum, pg. 21.
(**) A Review of the Primates, vol. I, pg. 223.

Cebus azarae pallidus Elliot, 1913, A Review of the Primates, vol. II, pg. 108 (Bolívia).

5 ♂♂ e 6 ♀♀, São Domingos, rio das Mortes, Mato Grosso; setembro de 1949; 1 ♂ e 1 ♀ de Garapu, Rio Sete de Setembro, Mato Grosso; outubro de 1949 (peles abertas e crânios).

De colorido igual aos caçados no Rio Aricá, norte de Mato Grosso, pela expedição do Departamento de Zoologia em 1944. (*)

Pardo acinzentado bastante escuro, principalmente ao longo do dorso; ventre pardo-ocráceo muito claro; pés e mãos com pêlos cinzentos, entremeados com outros pêlos esbranquiçados; cauda parda, muito escura na parte superior.

Esta forma foi considerada por Elliot (**) como intermediária entre *Cebus paraguayanus paraguayanus* Fischer do sul do Paraguay e *Cebus versutus* Elliot do norte do Estado de São Paulo e oeste de Minas Gerais.

Dentre estes numerosos exemplares caçados nas margens do rio das Mortes, alguns mais jovens, apresentam-se com colorido geral muito mais claro, assemelhando-se ao de *Cebus paraguayanus paraguayanus* Fischer do sul de Mato Grosso.

Família *CALLITHRICHIDAE*

Callithrix penicillata jordani Thomas

Nome local: *"Sauim"*

Hapale jordani Thomas, 1904, Annals and Magazine of Natural History, serie 7, vol. 14, pg. 188; localidade típica: Rio Jordão, Minas Gerais.

Callithrix penicillata jordani Elliot, 1913, "A Review of the Primates", vol. I, pg. 227.

1 ♂ dos arredores de Goiania, Goiaz, 4 de agosto de 1949 (pele cheia e crânio).

A raça típica *Callithrix penicillata penicillata* (E. Geoffroy) ocorre por toda a zona litorânea dos estados do Rio de Janeiro, Espírito Santo e Bahia, até o 14º de latitude sul. (***)

É de coloração geral cinza esbranquiçado-escura; cabeça quase negra com pinceis de pêlosnegros nas orelhas; face esbranquiçada com uma característica mancha branca na fronte. Partes inferiores ferrugíneas, manchadas de negro; mãos e pés inteiramente negros. Cauda cinza muito escura, circundada de aneis quase brancos que se vão estreitando até a extremidade que é inteiramente branca.

(*) Cf. C. Vieira, 1944, "Sobre uma coleção de mamíferos de Mato Grosso"; Arquivos de Zoologia, vol. IV, pg. 398.

(**) Elliot, 1913, "A Review of the Primates", vol. II, pg. 109.

(***) Elliot, 1913, "A Review of Primates", vol. I, pg. 226.

Esta forma é encontrada desde as margens do Rio Grande ao norte do Estado de São Paulo, nas divisas de Minas Gerais, até o norte de Goiaz.

Difere da raça típica principalmente no colorido: a cabeça e os pinceis das orelhas são acinzentados; as partes superiores muito mais claras e os pés amarelo-esbranquiçados, em vez de negros. O tamanho é pouco maior e os dentes incisivos são mais largos.

QUIROPTEROS

Família *PHYLLOSTOMIDAE*

Hemiderma perspicillatum (Linnaeus)

Vespertilio perspicillatus Linnaeus, 1758, Systema Naturae, 10.ª ed., pg. 31; localidade típica: "América do Sul".

1 ♂ e 2 ♀♀ de Dumbá, rio das Mortes, Estado de Mato Grosso; outubro de 1949 (peles cheias).

Morcego frugívoro de larga distribuição por toda a região Nêo-tropica, é dos mais encontradiços no Brasil, principalmente nas regiões mais quentes.

Exceptuando-se ligeiras diferenças no colorido do dorso, estes exemplares concordam plenamente, inclusive nas dimensões, com os inúmeros exemplares existentes em nossas coleções e provenientes das mais variadas regiões do paiz.

Glossophaga soricina (Pallas)

Vespertilio soricinus Pallas, 1766, Miscelanea Zoologica, pg. 48, pl. 5, fig. 161.
Glossophaga soricina microtis J. A. Allen, 1916, Mammals of the Roosevelt Expedition; Bull. Amer. Mus. Nat. History, vol. 35, pg. 52 (Urucum, Estado de Mato Grosso); localidade típica: Surinam.

1 ♂ e 3 ♀♀ de Goiania, Estado de Goiaz; agosto de 1949; 7 ♂♂ de Dumbá, rio das Mortes, setembro de 1949; 4 ♂♂ e 10 ♀♀ de São Domingos, Rio das Mortes, Estado de Mato Grosso; Setembro de 1949 (exemplares em álcool).

Este pequeno morcego é também um dos mais largamente distribuidos por todo o Brasil, pois tem sido constatado desde a Amazônia até o Rio Grande do Sul.

J. A. Allen (*) considerou os exemplares de Urucum, norte de Mato Grosso como pertencentes à suposta raça *Glossophaga soricina microtis* Miller (**) baseada no menor tamanho das orelhas e leves diferenças cranianas.

(*) Mammals of the Roosevelt Expedition; Bull. Amer. Museum Nat. History, 1916, vol. 35, g. 582.

(**) Localidade típica: Sapucai, Paraguay.

Estes exemplares do Rio das Mortes, assim como todos os outros exemplares que possuimos de Mato Grosso, não apresentam as diferenças apontadas por Miller quando comparados com outros provenientes de várias localidades do Amazonas e do Pará, regiões mais aproximadas de Surinam, localidade típica de *Glossophaga soricina*.

Vampyrops lineatus (E. Geoffroy)

Phyllostoma lineatum E. Geoffroy, 1810, Ann. du Museum, XV, p. 180; localidade típica: Paraguay.

3 ♂♂ e 2 ♀♀ da Grota do Mombuca, região do Roncador, Mato Grosso (peles cheias).

Morcego frugívoro de trinta centímetros de envergadura com focinho curto, largo e achatado; folha nasal bem desenvolvida, lanceolada e com extremidade aguçada.

O que o caracteriza principalmente são as quatro listras brancas da cabeça, duas paralelas na fronte, da base da folha nasal à parte posterior das orelhas e duas na face, sob os olhos; no dorso, uma listra branca muito alva e nítida corre do occiput à base da membrana intrafemural, que é profundamente recortada.

É encontradiço da Amazônia ao Paraguay e Brasil meridional, onde é bem comum no Estado de São Paulo.

Família *EMBALLONURIDAE*

Rhynchiscus naso (Wied)

Vespertilio naso Wied, 1820, Reise nach Brasilien, pg. 251; localidade típica: rio Muserí, Minas Gerais.

Rhynchiscus naso J. A. Allen, 1916, Mammals of the Roosevelt Expedition; Bull. Amer. Museum Nat. History, vol. 35, pg. 582 (Porto campo, Mato Grosso).

2 ♂♂ e 1 ♀ de São Domingos, Rio das Mortes, IX-1949 (peles cheias).

Diminuto morcego, fàcilmente reconhecível pelo comprido focinho de extremidade proeminente que se projeta além do lábio inferior com uma pequenina tromba e pelo antebraço revestido de tufos de pêlos.

É comum por toda a América Central e do Sul, tendo sido constatado desde a Amazônia até o norte de Mato Grosso, Minas Gerais e Espírito Santo, que parece ser o seu limite de dispersão meridional.

Peropteryx macrotis (Wagner)

Emballonura macrotis Wagner, 1843, Archiv. fur Naturg., 9, pg. 367; localidade típica: Mato Grosso.

Peropteryx canina M. Ribeiro, 1914, Comissão de Linhas Telegráficas Mato Grosso ao Amazonas, anexo 5, Zoologia, pg. 23. (Cáceres, Mato Grosso).

3 ♂♂ de Dumbá, Rio das Mortes, Mato Grosso, IX-1949 (em álcool). 2 ♂♂ e 5 ♀♀ de São Domingos, Rio das Mortes, Mato Grosso, IX-1949 (em álcool).

Morcego pequeno com focinho obliquamente truncado que também se projeta ligeiramente além do lábio inferior, que é profundamente sulcado no meio.

Os machos são munidos de bolsa antebraquial com abertura dirigida para o lado externo; nas fêmeas essa bolsa é reduzida a simples dobra da membrana.

Não é raro no Estado de São Paulo, principalmente na zona do litoral, estendendo-se sua área de dispersão até a Amazônia e América Central.

Saccopteryx bilineata (Temminck)

Urocryptes bilineatus Temminck, 1835, Monograph. Mammal., II, pg. 301; localidade típica: Surinam.

Saccopteryx bilineata J. A. Allen, 1916, Mammals of the Roosevelt Expedition; Bull. Amer. Mus. Nat. History, vol. 35, pg. 582 (Melgaço, Mato Grosso).

1 ♂ e 3 ♀♀ de São Domingos, Rio das Mortes, Mato Grosso, X-1949 (peles cheias).

Os morcegos do gênero *Saccopteryx* são notáveis pelas bolsas secretoras de substância untuosa que os machos possuem nas membranas antebraquiais; nas fêmeas, essas bolsas são rudimentares, reduzidas a simples dobras da pele.

Nesta espécie, este saco apresenta-se muito desenvolvido como acontece com este único exemplar do Rio das Mortes em que atinge a um centímetro de diâmetro.

Cacaracterizam-se também pelas listras brancas longitudinais que sobressaem no dorso revestido de sedosos pêlos negros que, nas fêmeas, são bem mais apagadas.

Estes exemplares do Rio das Mortes são inteiramente semelhantes nas dimensões e no colorido aos numerosos exemplares que possuímos do rio Juruá, no Estado de Amazonas e Boiussú, no Estado do Pará.

Família *VESPERTILIONIDAE*

Dasypterus intermedius (J. A. Allen)

Lasiurus intermedius J. A. Allen, 1862, Proceed. Acad. Sc. Philadelphia, pg. 146; localidade típica: Matamoros, México.

1 ♀ de Goiania, Estado de Goiaz, VIII-1949 (pele cheia).

Da vasta família dos vespertiliônidas, morcegos essencialmente insetívoros, sòmente foi coletado este exemplar.

É morcego de regular tamanho, com orelhas um tanto grandes, revestido de pêlos espessos e lanosos, de coloração pardo-amarelada.

Sua área de dispersão é vastíssima, pois tem sido notificado desde o México até o Rio Grande do Sul.

Família *MOLOSSIDAE*

Molossus rufus E. Geoffroy

Molossus rufus E. Geoffroy, 1805, Annales du Museum, VI, pg. 154; localidade típica: América do Sul.

2 ♂ ♂ de São Domingos, Rio das Mortes, Estado de Mato Grosso, IX-1949 (peles cheias).

Morcego insetívoro muito comum por todo o Brasil.

Estes exemplares não se diferenciam dos numerosos da coleção do Departamento de Zoologia e provenientes das mais diversas regiões do Brasil.

Eumops glaucinus (Wagner)

Dysopes glaucinus Wagner, 1843, Wiegman's Archiv fur Naturg., pg. 368 (Estado de Mato Grosso); localidade típica: Cuiabá, Estado de Mato Grosso).

1 ♂ de São Domingos, Rio das Mortes, Estado de Mato Grosso.

Dos grandes molossidas deste gênero, só foi coletada esta espécie, que é aliás bem rara no Brasil.

Bem maior que *Molossus rufus*, tem orelhas mais largas, arredondadas, que quase alcançam a extremidade do focinho quando inclinadas sobre ela; coloração geral quase negra; machos com saco gular bem desenvolvido, abrindo-se para baixo, saco esse que é rudimentar nas fêmeas.

Membranas das asas ligadas aos tornozelos.

As medidas deste exemplar são as seguintes: cabeça e corpo 80; cauda livre 16; tíbia 17; pé 10; antebraço 60; altura da orelha 13; trago 4; terceiro metacarpo 60; primeira falange 26; segunda falange 23 polegar 9.

Tem vasta área de distribuição, sendo encontrado desde a América Central até o Estado de São Paulo, onde é bastante raro.

Molossops temminckii (Burmeister)

Dissopes temminckii Burmeister, 1854, Thiere Brasiliens, pg. 72; localidade típica: Minas Gerais.

1 ♂ e 1 ♀ de São Domingos, Rio das Mortes, Estado de Mato Grosso; X-1949 (pele cheia e exemplar em álcool).

Este pequeno morcego tem sido encontrado no Paraguay e no Brasil (sul de Goiaz, Estados de Minas Gerais e São Paulo), não sendo porém comum em parte alguma.

É esta a primeira vez que é notificado em Mato Grosso.

Família *NOCTILIONIDAE*

Noctilio leporinus leporinus (Linnaeus)

Vespertilio leporinus Linnaeus, 1758, Systema Naturae, 10.ª edição, pg. 32; localidade típica: Guiana Franceza.

1 ♂ de São Domingos, Rio das Mortes, setembro de 1949 (em álcool).

Grande morcego de cor pardo-ferrúgem, caracterizado pela cabeça de aparência canina e fortes e aguçadas garras dos pés.

São habituais fequentadores da beira mar, rios e lagoas sobre cujas aguas voam desde o crepúsculo, alimentando-se de insetos, principalmente coleopteros, não desprezando também peixes que possam encontrar.

O colorido pardo-ferrugíneo varia entretanto com a idade, em exemplares caçados no mesmo bando e no mesmo local, como pode-se observar nos numerosos exemplares do Departamento de Zoologia.

Dirias albiventer (Spix)

Noctilio albiventer Spix, 1823, Simiarum et Vespertilionum Brasiliensium Species novae, pg. 58.

Noctilio albiventer Miranda Ribeiro, 1914, Comissão de Linhas Telegráficas Mato Grosso ao Amazonas, Anexo 5, Zoologia, pg. 23 (Corumbá, Estado de Mato Grosso); localidade típica: Rio São Francisco, Bahia.

3 ♂♂ de São Domingos, Rio das Mortes, Mato Grosso (em álcool).

Bem menor que *Noctilio leporinus* com o qual muito se parece no aspecto geral.

É notável sua variação de colorido, o que deu lugar a grande confusão, resultando a descrição de novas espécies e subespécies.

A coloração é quase sempre pardo-ferrugínea nas partes superiores e amarelo-clara nas inferiores com uma estria esbranquiçada muitas vezes quase imperceptível no dorso, onde passa frequentemente a pardo-murino escura.

Nestes três exemplares de São Domingos, o de n.º 6949 é de colorido pardo amarelado, ao passo que os dois outros são pardo-ferrugíneos.

Parece ter área de distribuição mais restrita que *Noctilio leporinus*, pois ainda não foi identificado no Brasil meridional.

CARNIVOROS

Família *CANIDAE*

Cerdocyon thous azarae (Wied)

Nome local: *"Lobinho"*

Canis azarae Wied, 1826, Beitrage zur Naturgeschicht von Brasilien, band II, pg. 338; localidade típica: Bahia.

Canis azarae Miranda Ribeiro, 1914, Comissão de Linhas Telegráficas Mato Grosso ao Amazonas, anexo 5, Zoologia, pg. 29 (Coruja, Mato Grosso).

Cania cancrivorus Thomas, 1903, On the Mammals collected by Mr. Robert at Chapada; Proceed. Zool. Soc. London, pg. 23 (Chapada, norte de Mato Grosso).

Cerdocyon thous azarae J. A. Allen, 1916, Mammals of the Roosevelt Expedition; Bull. Amer. Mus. Nat. History, vol. XXV, pg. 57 (Paraguay).

1 ♂ de Dumbá, Rio Araguaia, Mato Grosso, agosto de 1949 (pele cheia e crânio).

Este único exemplar de cânida obtido pela expedição não difere essencialmente no colorido e nas dimensões externas e cranianas dos exemplares em nossas coleções provenientes da região de Cuiabá e leste de Goiaz, nas divisas de Minas Gerais.

Esta forma, que é comum por todo o Brasil central e meridional, apresenta muitas vezes variações individuais que podem ser observadas em indivíduos caçados na mesma localidade.

Dentre as várias subespécies propostas por diversos autores parece ser esta e *C. thous entrerianus* (Burmeister) do extremo sul do paiz, as únicas realmente separáveis da típica *C. thous thous* (L.) das Guianas e Amazônia.

Família *PROCYONIDAE*

Nasua nasua rufa Desmarest

Nome local: *"Coati"*

Nasua rufa Desmarest, 1820, Mammalogie ou Description des Espèces de Mammifères, pg. 170; localidade típica: Pernambuco.

1 ♀ de Dumbá, Rio Araguaia, Mato Grosso, agosto de 1949 (pele cheia e crânio).

Das controvertidas formas de coatis do Brasil, parece ser esta uma das melhores definidas.

É de coloração muito mais amarelo-arruivada nas partes superiores que os exemplares obtidos em 1944 pelo Departamento de Zoologia no Rio Aricá, região ao norte de Cuiabá, Estado de Mato Grosso. (*)

Família *FELIDAE*

Leopardus pardalis brasiliensis (Oken)

Nome local: *"Jaguatirica"*

Lynx brasiliensis Oken, 1816, Lehrbuch Naturg. Zool., 3, pg. 1050; localidade típica: Santo Inacio, Paraguay.

Felis pardalis Miranda Ribeiro, 1914, Comissão de Linhas Telegráficas Mato Grosso ao Amazonas, anexo 5, Zoologia, pg. 58 (Afonso, norte de Mato Grosso).

Leopardus pardalis brasiliensis Pocock, 1940, The races of Ocelot, and Margay; Field Museum of Nat. History; Zoological Series, vol. 27, pg. 322 (Brasil).

1 ♂ de Dumbá, Rio Araguaia, Mato Grosso, agosto de 1949 (pele aberta e crânio).

Este grande gato, como todos os outros de pele mosqueada, apresenta grande variação de colorido fundamental que ora se apresenta pardo acinzentado, ora francamente ocráceo; também as manchas pretas do dorso variam muito de tamanho e forma, sendo ora estreitas e alongadas, ora largas e circulares.

Essas variações individuais deram lugar à criação dum sem número de raças e até mesmo de espécies novas, muitas das quais foram invalidadas, admitindo-se hoje que esta espécie, em sua enorme área de distribuição (do norte da Argentina ao sul dos Estados Unidos), apresenta uma dezena de raças geográficas, das quais sòmente *L. pardalis brasiliensis* ocorre em território brasileiro.

Família *MUSTELIDAE*

Tayra barbara barbara (Linnaeus)

Nome local: *"Irara"*

Mustela barbara Linnaeus, 1758, Systema Naturae, 10.ª ed., pg. 46; localidade típica: Pernambuco.

Galera barbara O. Thomas, 1903, Proceed. Zool. Soc. London, vol. I, pg. 236 (Chapada, Mato Grosso); Miranda Ribeiro, 1914, Comissão de Linhas Telegráficas Mato Grosso ao Amazonas (Caiçara, norte de Mato Grosso).

(*) Cf. C. Vieira, 1944, Arquivos de Zoologia do Departamento de Zoologia, vol. IV, pg. 404.

1 ♂ de Dumbá, Rio Araguaia, Mato Grosso, agosto de 1949 (pele cheia e crânio).

A variação do colorido geral destes mustélidas é notável, desde o cinza escuro até o negro luzidio, sendo comum os casos de semi-albinismo e albinismo total.

Este exemplar apresenta-se cinza muito escuro, quase negro ao longo do dorso, cauda e membros anteriores e posteriores.

As iraras do norte de Mato Grosso, asim como as do Brasil central pertencem a esta raça cuja localidade típica é Pernambuco. (*)

Pteronura brasiliensis paranaensis (Rengger)

Nome local: *"Ariranha"*

Lutra paranaensis Rengger, 1830, Naturg. Saugethiere von Paraguay, pg. 128; localidade típica: Paraguay.

Lutra brasiliensis Miranda Ribeiro, 1914, Comissão de Linhas Telegráficas Mato Grosso ao Amazonas, anexo 5, Zoologia, pg. 28 (Rio Jaurú, norte de Mato Grosso).

Pteronura brasiliensis paranaensis Pohle, 1929, Archiv fur Naturgesch. Abth. 85; heft 19, pg. 133.

2 ♂♂ e 3 ♀♀ de São Domingos, Rio das Mortes, Mato Grosso; outubro de 1949 (peles abertas e crânios).

Muito maior que as lontras do gênero *Lutra*, chega este grande mustélida a atingir 1 metro e 20 centímetros de corpo, tendo a cauda cerca de 1 metro.

Difere daquelas principalmente em ter a extremidade do focinho, entre as ventas, coberta de pêlos a cauda achatada, em vez de cilíndrica em sua maior extensão.

Esta raça é peculiar ao Brasil central e meridional até a Argentina e Paraguay. A raça típica *P. brasiliensis brasiliensis* (Blumenbach) é das Guianas e Amazonia.

Dimensões: exemplar n.º 7022, ♂; comprimento total 1580 mm; cauda 420; crânio: comprimento total 150; comprimento côndilo basal 149; largura bizigomática 99; série molar superior 40; comprimento da mandíbula 101.

N.º 7021, ♀; comprimento total 1670; cauda 580; crânio: comprimento total 165; comprimento côndilo basal 164; largura bizigomática 98; série molar superior 43; comprimento da mandíbula 105.

(*) Designada por Lönnberg, 1914, Arkiv for Zoologi, band 8, pg. 20.

ROEDORES

Família *HYDROCHOERIDAE*

Hydrochoerus hydrochoeris hydrochoeris (Linnaeus)

Nome local: *"Capivara"*

Sus hydrochoeris Linnaeus, 1766, Systema Naturae, 12.ª ed., pg. 103 (em parte); localidade típica: "Brasil".

Hydrochoerus capybara Miranda Ribeiro, 1914, Comissão de Linhas Telegráficas Mato Grosso ao Amazonas, anexo 5, Zoologia, pg. 44.

Hydrochoerus hydrochoeris hydrochoeris Ellerman, 1940, The Families and Genera of Living Rodents, vol. I, pg. 253.

2 ♂ ♂ adultos e 1 ♂ jovem e 6 ♀ ♀ adultas de São Domingos, Rio das Mortes, Mato Grosso; setembro a outubro de 1949.

Deste roedor semi-aquático, o maior atualmente existente, duas espécies são consideradas: *Hydrochoerus isthmicus* Goldman do Panamá e *Hydrochoerus hydrochoeris* (Linnaeus) de larga distribuição por toda a América do Sul, da Argentina à Colômbia.

Duas raças podem ser especificadas nessa vasta área: *Hydrochoerus hydrochoeris hydrochoeris* (Linnaeus) e *Hydrochoeris hydrochoeris notialis* Hollister. (*)

A primeira é própria das Guianas, Amazônia e Brasil Central, a segunda, cuja localidade típica é o Paraguay, ocorre também ao norte da Argentina e Paraguay e provàvelmente no extremo sul do Brasil.

Estes exemplares do Rio das Mortes, de várias idades, não diferem nas dimensões cranianas dos numerosos exemplares do Departamento de Zoologia, provenientes dos estados de Minas Gerais e São Paulo.

Família *ERETHIZONTIDAE*

Coendou prehensilis centralis O. Thomas

Nome local: *"Ouriço"*

Coendou centralis O. Thomas, 1903, On Mammals colected by Mr. Robert at Chapada; Proceed. Zool. Soc. London, vol. I, pg. 240; localidade típica: Chapada, Mato Grosso.

1 ♂ de Dumbá, Araguaia, Mato Grosso, setembro de 1949; 1 ♂ da região de Goiania, Goiaz, agosto de 1949 (peles cheias e crânios).

Concordam estes crânios com os obtidos na região de Cuiabá pela expedição do Departamento de Zoologia em 1944.

(*) Hollister, 1914, Proceed. Biol. Soc. Washington, 27, pg. 58.

Difere da forma típica *C. prehensilis prehensilis* Linnaeus, cuja localidade típica é Pernambuco em ser menor e ter o crânio muito mais largo e entumescido.

Família *DASYPROCTIDAE*

Dasyprocta azarae aurea Cope

Nome local: *"Cutia"*

Dasyprocta aurea Cope, 1889, American Naturalist, vol. 23, pg. 138; localidade típica: Chapada, Mato Grosso.

Dasyprocta azarae O. Thomas, 1903, On the Mammals collected by Mr. Robert at Chapada; Proceed. Zool. Soc. London, vol. I, pg. 241 (Chapada, Mato Grosso).

3 ♂♂ de Dumbá, Rio Araguaia, Mato Grosso, setembro de 1949; 1 ♀ de São Domingos, Rio das Mortes, Mato Grosso, setembro de 1949 (peles cheias e crânios).

As cutias das regiões meridionais e centrais de Mato Grosso constituem uma raça bem definida, diferenciando-se de *D. azarae azarae* Lichtenstein, que tem como localidade típica São Paulo, principalmente no colorido geral muito mais amarelo, cor de enxofre, em vez de amarelo ocráceo. (*)

ARTIODÁCTILOS

Família *CERVIDAE*

Ozotocerus bezoarticus bezoarticus (Linnaeus)

Nome local: *"Campeiro"*

Cervus bezoarticus Linnaeus, 1758, Systema Naturae, 10.ª ed., pg. 67.

Cervus campestris Miranda Ribeiro, 1914, Comissão de Linhas Telegráficas Mato Grosso ao Amazonas, anexo 5, Zoologia, pg. 33 (Uricurisal e Porto Esperidião, Mato Cabral).

Blastocerus bezoarticus campestris J. A. Allen, 1916, Mammals of the Roosevelt Expedition; Bull. Amer. Museum Nat. History, vol. 35; pg. 565 (Tapirapoã, Mato Grosso).

Dorcelaphus bezoarticus Miranda Ribeiro, 1919, Os veados do Brasil; Rev. Museu Paulista, tomo XI, pg. 28 (Norte de Mato Grosso).

Ozotocerus bezoarticus bezoarticus Cabrera, 1943, Revista del Museu de La Plata, tomo III, Zoologia, pg. 38.

6 ♂♂ de São Domingos, Rio das Mortes, Mato Grosso, novembro de 1949 e 1 ♀ de Pindaiba, Rio das Mortes, Mato Grosso; agosto de 1949 (peles abertas e crânios).

(*) Cf. C. Vieira, 1944, Sobre uma coleção de mamíferos de Mato Grosso; Arquivos de Zoologia, vol. IV, pg. 424.

Conforme os colecionadores deste material, este veado parece ser muito abundante nessa região do Rio das Mortes.

A coloração geral é ruivo-baia, com ligeiras variações individuais, não diferindo dos exemplares vindos do sul de Mato Grosso.

Mazama simplicicornis (Illiger)

Nome local: *"Catingueiro"*

Cervus simplicicornis Illiger, 1811, Abhandl. K. Akad. Wissenchft Berlin, Phys. Kl., pg. 127; localidade tipica: Brasil.

Mazama simplicicornis Miranda Ribeiro, 1914, Comissão de Linhas Telegráficas Mato Grosso ao Amazonas, anexo 5, Zoologia, pg. 23 (Tapirapoã, norte de Mato Grosso); J. A. Allen, 1916, Mammals of the Roosevelt Expedition; Bull. Amer. Museum Nat. History, n.º 35, pg. 566 (Rio Negro, Paraguay); Miranda Ribeiro, 1919, Os veados do Brasil; Revista do Museu Paulista, tomo XI, pg. 70.

1 ♀ de São Domingos, Rio das Mortes, Mato Grosso, agosto de 1949 (pele aberta e crânio).

Das quatro espécies de veados de chifres singelos conhecidos no Brasil, é esta exclusivamente dos campos e cerrados, sendo largamente distribuida desde a Venezuela e Guianas até o Paraguay e norte da Argentina e Rio Grande do Sul.

Durante muito tempo foi confundido por diversos autores com *Mazama rondoni*, o chamado "Veado Rôxo" na Amazônia, tendo sido definitivamente fixado como espécie distinta em 1919 por Miranda Ribeiro. (*)

Esta espécie, da qual o Departamento de Zoologia possue avultado material proveniente sobretudo do baixo Rio Tapajós, estado do Pará, diferencia-se logo à primeira vista de *M. simplicicornis* não só no tamanho menor, como principalmente na coloração geral quase uniformemente cinza sépia, côr essa também da cauda e dos membros,ao contrário daquela espécie que os tem ruivo-canelinos.

Blastocerus dichotomus (Illiger)

Cervus dichotomus Illiger, 1811, Abhandal. K. Wissenchaft Berlin, Phys. Kl., pg. 117; localidade típica: Paraguay.

Cervus dichotomus Miranda Ribeiro, 1914, Comissão de Linhas Telegráficas Mato Grosso ao Amazonas, anexo 5, Zoologia, pg. 32 (Paratudal, Rio Paraguai; Porto Esperidião, Rio Jaurú).

Blastocerus dichotomus J. A. Allen, 1916, Mammals of the Roosevelt Expedition; Bull. Amer. Museum Nat. History, vol. 35, pg. 365 (Palmei-

(*) Miranda Ribeiro, 1919, Os Veados do Brasil; Revista do Museu Paulista, tomo XI, pg. 70.

ra, Mato Grosso); Miranda Ribeiro, 1919, Os veados do Brasil; Revista do Museu Paulista, tomo XI, pg. 39.

1 ♂ adulto de São Domingos, Rio das Mortes, Mato Grosso; setembro de 1949 (pele aberta e crânio).

1 ♂ imaturo de Molha Saco, Rio das Mortes; setembro de 1949 (crânio).

É este o maior dos cérvidas da América do Sul, sendo ainda encontradiço nessas regiões semi-desertas do Rio das Mortes.

Seu tamanho máximo, segundo Miranda Ribeiro (*), vai a 2 metros e 10 centímetros da ponta do focinho à extremidade dos pêlos da cauda.

Este único exemplar completo coletado pela expedição mede 2 metros e 5 centímetros, tendo o seu crânio as seguintes edimensões: comprimento total 305; série dos molares superiores 85; largura zigomática 130; comprimento dos nasais 130; comprimento da mandíbula 160.

Família *TAYASSUIDAE*

Tayassu tajacu (Linnaeus)

Nome local: *"Cateto"*

Sus tajacu Linnaeus, 1756, Systema Naturae, 10.ª ed., pg. 50; lacalidade típica: "Brasil".

Tayassu tajacu O. Thomas, 1903, On the Mammals of Percy Sladen Expedition; Proceed. Zool. Soc. London, vol. I, pg. 242 (Chapada, Mato Grosso).

Tajacu tajacu Miranda Ribeiro, 1914, Comissão de Linhas Telegráficas Mato Grosso ao Amazonas, anexo 5, Zoologia, pg. 31 (Rio Jaurú, Mato Grosso).

Pecari tajacu J. A. Allen, 1916, Mammals of the Roosevelt Expedition; Bull. Amer. Museum Nat. History, vol. 35, pg. 565 (Urucum, Porto do Campo, e São Lourenço, Mato Grosso).

3 ♂ e 1 ♀ de Pindaiba, Rio das Mortes, Mato Grosso; setembro de 1949 (peles abertas e crânios).

Bem menor que a outra espécie do mesmo gênero, *Tayassu pecari* Fischer, caracteriza-se pelo colorido esbranquiçado que lhe rodeia todo o pescoço, subindo do peito para as costas.

Estes exemplares do Rio das Mortes em nada diferem, quer nas dimensões quer no colorido, dos exemplares existentes no Departamento de Zoologia e provenientes do Amazonas (alto Rio Juruá) ou de várias localidades do sul de Mato Grosso e do interior do Estado de São Paulo.

(*) Miranda Ribeiro, 1919, Os Veados do Brasil; Revista do Museu Paulista, tomo XI, pg. 39.

PERISSODÁCTILOS

Família *TAPIRIDAE*

Tapirus terrestris (Linnaeus)

Nome local: "*Anta*"

Hippopotamus terrestris Linnaeus, 1758, Systema Naturae, 10.ª ed., pg. 74; localidade típica: Brasil.

Tapirus terrestris Miranda Ribeiro, 1914, Comissão de Linhas Telegráficas Mato Grosso ao Amazonas, anexo 5, Zoologia, pg. 31 (Rio Jaurú, norte de Mato Grosso); J. A. Allen, 1916, Mammals of the Roosevelt Expedition; Bull. Amer. Museum Nat. History, vol. 35, pg. 566 (Rio Sepotuba, Mato Grosso).

1 ♂ e 2 ♀ ♀ de São Domingos, Rio das Mortes, Mato Grosso; outubro de 1949 (crânios).

1 ♂ de Suaçu-mussu, afluente do Xingú, Mato Grosso; outubro de 1949 (crânio).

Apesar das afirmativas da existência de duas ou mais formas de antas no interior do paiz, estes crânios não diferem, quer na morfologia, quer nas dimensões, de outros crânios procedentes de várias regiões do Estado de São Paulo (rios Piracicaba, Tietê, Paraná e Paranapanema) assim como do sul de Mato Grosso (Rio Miranda).

CETÁCEOS

Familia *INIIDAE*

Inia geoffroyensis Blainville

Nome local: "*Boto*"

Inia geoffroyensis Blainville, 1817, Nouveau Dictionnaire d'Histoire Naturelle, IX, pg. 151; localidade típica: América do Sul.

Inia geoffroyensis Miranda Ribeiro, 1943, Arquivos do Museu Nacional, vol. 37, pg. 37 (Manaus, Amazonas).

1 ♀ com feto de São Domingos, Rio das Mortes, setembro de 1949 (pele em formol e crânio).

Deste cetáceo fluvial próprio da bacia amazônica, foi conseguido apenas um exemplar, apesar de ser bem comum nos rios Araguaia e Mortes.

Esta pele, embora esteja conservada em formol, ainda apresenta colorido cinza-plúmbeo nas partes superiores e róseo esbranquiçado nas inferiores.

Este exemplar, que possue 102 dentes, dos quais 50 nos maxilares superiores e 52 nos inferiores, tem as seguintes dimensões: comprimento total 1980 mm; nadadeiras 51; cauda 34; crânio: comprimento total 520 mm.

XENARTROS

Família *MYRMECOPHAGIDAE*

Tamandua tetradactyla chapadensis J. A. Allen

Nome local: "*Tamanduá mirim*"

Tamandua tetradactyla Thomas, 1903, On the Mammals of Percy Sladen Expedition; Proceed. Zool. Soc. London, pg. 242 (Chapada, Mato Grosso); Miranda Ribeiro, 1914, Comissão de Linhas Telegráficas Mato Grosso ao Amazonas; anexo 5, Zoologia, pg. 46 (São Luís de Cáceres, Mato Grosso).

Tamandua tetradactyla chapadensis J. A. Allen, 1904, Bull. Amer. Museum Nat. History, vol. 20, pg. 392; localidade típica: Chapada, Mato Grosso.

3 ♀♀ de São Domingos, Rio das Mortes, Mato Grosso, outubro de 1949 (peles cheias e crânios).

Difere esta raça da típica *Tamandua tetradactyla tetradactyla* Linnaeus não só nas dimensões como no crânio: os ossos nasais são muito mais curtos e a caixa craniana é muito mais achatada e menos convexa.

Estes exemplares de São Domingos concordam plenamente nas medidas e no colorido com os do Rio Aricá, norte de Mato Grosso, colecionados em 1944 pela expedição do Departamento de Zoologia.

Família *DASYPODIDAE*

Dasypus novemcinctus novemcinctus Linnaeus

Nome local: "*Tatu galinha*"

Dasypus novemcinctus Linnaeus, 1758, Systema Naturae, 10.ª ed., pg. 51; localidade típica: América Meridional.

Tatu novemcinctus O. Thomas, 1903, On the Mammals of Percy Sladen Expedition; Proceed. Zool. Soc. London, pg. 243 (Chapada, Mato Grosso).

Tatusia novemcincta Miranda Ribeiro, 1914, Comissão de Linhas Telegráficas Mato Grosso ao Amazonas, anexo 5, Zoologia, pg. 46 (São Luís de Cáceres, Mato Grosso).

1 ♂ juv. de Chavantina, Mato Grosso.

É este o tatu mais conhecido por todo o Brasil, tendo vasta distribuição por quase toda a América do Sul, do norte da Argentina às Guianas e Venezuela.

Dasypus septemcinctus Linnaeus

Nome local: "*Tatu galinha*"

Dasypus septemcinctus Linnaeus, 1758, Systema Naturae, 10.ª ed., pg. 51; localidade típica: América Meridional.

Muletia hybrida Miranda Ribeiro, 1914, Comissão de Linhas Telegráficas Mato Grosso ao Amazonas; anexo 5, Zoologia, pg. 46 (Alto Gi-Paraná, Mato Grosso).

1 ♂ e 2 ♀ ♀ de São Domingos, Rio das Mortes, setembro e outubro de 1949 (peles cheias e crânios).

É este tatu bem menor que o precedente e de coloração muito mais escura e caracteriza-se pelas orelhas muito menores, cauda muito mais curta, sete cintas móveis.

Sua área de dispersão é mais restrita, pois seu limite setentrional parece ser o norte de Mato Grosso.

Estes exemplares têm as mesmas dimensões dos exemplares do Departamento de Zoologia colecionados no interior do Estado de São Paulo, onde é muito mais raro.

Cabassous loricatus Pelzeln

Nome local: "*Tatu de rabo mole*"

Xenurus loricatus Pelzeln, 1883, Verhandl. Zool. Bot. Gess. Wien, Beiheft, pg. 102 (Cabeça de Boi, Mato Grosso).

Cabassous loricatus J. A. Allen, 1916, Mammals of the Roosevelt Expedition; Bull. Amer. Mus. Nat. History, vol. 35, pg. 565 (Utiarití, Mato Grosso).

2 ♂ ♂ de São Domingos, Rio das Mortes, Mato Grosso; novembro de 1949 (peles cheias e crânios).

O gênero *Cabassous* caracteriza-se em ter 34 dentes pequenos e subcilíndricos; crânio alongado com profunda constrição por trás das órbitas e forte entumescimento na frente; mandíbula delgada, com processo coronoide muito pequeno e agudo.

Externamente são tatus de carapaça muito flexível e pouco convexa, cauda curta e quase toda nua; dedos munidos de unhas muito grandes e fortes.

Esta espécie até agora, no Brasil, só tem sido encontrada em Mato Grosso.

MARSUPIAIS

Família *DIDELPHIIDAE*

Didelphis paraguayensis Oken

Nome local: "*Gambá*"

Didelphis paraguayensis Oken, 1816, Leherbuch Naturgeschichte, Theil III, Abt. II, pg. 1147; localidade típica: Assuncion, Paraguay.

Didelphis paraguayensis O. Thomas, 1903, On the Mammals of the Persen Sladen Expedition; Proceed. Zool. Soc. London, pg. 243 (Chapada, Mato Grosso; Miranda Ribeiro, 1914, Comissão de Linhas Telegráficas

Mato Grosso ao Amazonas, anexo 5, Zoologia pg. 48 (São Luís de Cáceres, Mato Grosso).

Didelphis paraguayensis paraguayensis J. A. Allen, 1916, Mammals of the Roosevelt Expedition; Bull. Amer. Museum Nat. History, vol. 35, pg. 562 (Rio Negro, Paraguay; Utiarití, Mato Grosso).

1 ♂ de São Domingos, Rio das Mortes, setembro de 1949 pele cheia e crânio).

É conhecido desde o centro e o norte do Brasil até o Rio Grande do Sul, Paraguay e norte da Argentina.

É menor que os outros dois gambás grandes do Brasil, *Didelphis marsupialis* da Amazônia e *Didelphis aurita* do Brasil Meridonal e distingue-se em ter as orelhas menores, esbranquiçadas e ligeiramente róseas; cabeça e pescoço brancos, com forte listra preta correndo do pescoço à nuca onde se confunde com o dorso escuro.

BIBLIOGRAFIA

PELZELN — 1883 - Brasilische Säugethiere.

GOELDI — 1893 - Os Mamíferos do Brasil.

OLDFIELD, THOMAS — 1903 - On the Mammals collected by Mr. Robert at Chapada, Mato Grosso; Proceed. Zool. Soc. of London, vol. V, pg. 236.

HERMANN VON IHERING — 1911 - Os Mamíferos do Brasil Meridional; Revista do Museu Paulista, vol. VIII, pg.

ELLIOT — 1913 - A Review of the Primates, vol. I.

MIRANDA RIBEIRO — 1914 - Comissão de Linhas Telegráficas Mato Grosso ao Amazonas, anexo 5, Zoologia.

J. A. ALLEN — 1916 - Mammals of the Roosevelt Expedition; Bull. Amer. Museum Nat. History, vol. XXXV, pg.

MIRANDA RIBEIRO — 1919 - Os Veados do Brasil; Revista do Museu Paulista, vol. XI, pg.

MIRANDA RIBEIRO — 1936 - Didelphia ou Mammalia ovo-vivipara; Revista do Museu Paulista, vol. XX, pg.

TATE — 1939 - The Mammals of the Guiana Region; Bull. Amer. Museum Nat. History, vol. LXXVI, pg. 156.

CABRERA e YEPES — 1940 - Mamiferos sud-americanos; Historia Natural Ediar.

ELLERMAN — 1940 - The Families and Genera of Living Rodents.

ELÁDIO LIMA — 1944 - Mamiferos da Amazônia, vol. I, Primatas.

Vol. X, N.º 5 — pp. 127-131 25-VIII-1951

PAPÉIS AVULSOS
DO
DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA
SECRETARIA DA AGRICULTURA — S. PAULO - BRASIL

O TUBÉRCULO INTERMEDIÁRIO POSTERIOR (METACONULE) DOS MOLARES SUPERIORES NOS MACACOS DO GÊNERO *CALLICEBUS* THOMAS, 1903

POR

OCTAVIO DELLA SERRA e MILTON PICOSSE (*)

Em um artigo publicado na revista *Mammalia,* um de nós (Della Serra, 1950) teve a oportunidade de estudar o tubérculo intermediário posterior (metacônule) nos molares superiores dos macacos do gênero *Alouatta,* tendo tambem chamado a atenção para a sua presença nos dentes dos macacos do gênero *Callicebus.*

É clàssicamente admitido que a partir dos *Lemuroidea* em direção aos *Anthropoidea,* os molares superiores sofrem uma redução no número de suas cúspides e, são precisamente os tubérculos intermediários, anterior e posterior (protocônule e metacônule) os que desaparecem.

Examinando a dentadura jugal dos *Callicebus* verificamos que estes animais apresentavam ao nível dos seus molares superiores um metacônule idêntico àquele assinalado por Tomes (para o *Alouatta* e *Ateles,* 1904) e Friant (para o *Alouatta,* 1942).

Para este trabalho passamos em revista cêrca de 142 exemplares selvagens de *Callicebus* de várias espécies (**) e de ambos os sexos, pertencentes ao "Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura de São Paulo". Dêste conjunto aproveitamos apenas 98 crânios, pois que os outros apresentavam o metacônule completamente desgastado, cúspides fraturadas ou destruidas por processos patológicos e, portanto, sem interesse para nossa pesquisa.

(*) Assistentes das Cadeiras de Anatomia da Escola Paulista de Medicina e da Faculdade de Farmácia e Odontologia da Universidade de São Paulo.

(**) *C. hoffmannsi* (Thomas), 1908; *C. remulus* (Thomas), 1908; *C. nigrifrons* (Spix), 1823; *C. cupreus* (Spix), 1823; *C. batista* (Lomberg), 1939; *C. personatus* (E. Geoffroy), 1812; *C. torquatus* (Hoffmannsegg), 1807; *C. pallescens* (Thomas), 1907 e *C. melanochir* (Kuhl), 1820.

Figura 1
Hemi-arcada superior esquerda do *Callicebus personatus* n.º 2712 ♂ (Dep. Zool. Sec. Agr. de São Paulo).
Notar em M1 e em M2 o metacônule partindo da cúspide disto-vestibular em direção à cúspide mésio-lingual.

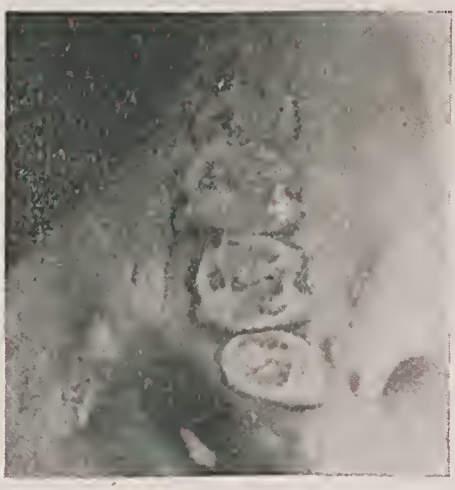


Figura 2
Hemi-arcada superior direita do *Callicebus batista* n.º 296 ♀ (Dep. Zool. Secr. Agr. de São Paulo)
Notar a presença do metacônule em M1 e em M2. Em M3 o tubérculo intermediário posterior apresenta-se sob a forma de uma saliência oblonga sulcada próximo à cúspide disto-vestibular.

Dispuzemos ainda de 4 crânios de exemplares não adultos (sub-adultos ou jovens).

Do conjunto de peças adultas, constatamos que: 1.º) o tubérculo intermediário posterior, existe de maneira constante em M1, num ou noutro sexo, oferecendo gráus de desenvolvimento variável, porém, sempre suficientes para permitir verificar a sua presença; 2.º) em M2, o tubérculo intermediário posterior foi tambem constatado em todos os casos; 3.º) em M3 verificamos variações desde a ausência completa até as formas típicas e atípicas.

FREQUÊNCIA E ASPECTO DO TUBÉRCULO INTERMEDIÁRIO POSTERIOR NOS MACACOS DO GÊNERO *CALLICEBUS*

Dentes	*N.º de exemplares*	*Freq. bilateral*	*Formas atípicas*	*Ausência tubérculo*
M1	98	100 %	0 %	0 %
M2	98	100 %	0 %	0 %
M3	54 (*)	57,5 %	29,6 %	12,9 %

Verificamos ainda que, para um mesmo lado do maxilar o volume relativo do tubérculo era diferente segundo o dente observado.

Examinamos ainda alguns dentes vírgens, tanto pela sua face oclusal como pela sua face polpar, que juntamente com as observações feitas para os exemplares adultos, pôde dar-nos a idéia da forma dêste tubérculo. Tipicamente, o metacônule (tal como no *Alouatta*) apresentava-se como uma saliência prismáticotriangular, disposta paralelamente a uma linha ideal que junta as cúspides disto-vestibular e mésio-lingual, mantendo-se à igual distância da vertente disto-oclusal daquelas duas saliências. O metacônule situa-se então nitidamente para diante do plano transversal passando pelas cúspides distais. Do ponto de vista morfológico o metacônule dos *Callicebus* mostra-se com aspecto quasi idêntico àquele dos *Alouatta*, isto é, bem separado da superfície oclusal e das cúspides por sulcos nitidos que se continuam pelas faces do prisma sob a forma de finas pregas. Além do mais, esta saliência da superfície oclusal corresponde a uma reentrância de direção idêntica verificada no interior da cavidade polpar. Este aspecto típico, apesar de ser o mais frequente, nem sempre é verificado, principalmente no que respeita aos terceiros molares. Dentre as formas atípicas

(*) Os M3 têm um número inferior aos M1 e M2 porque no geral são os primeiros dentes a sofrerem o fenômeno do desgaste.

mais comuns, queremos assinalar as disposições em diminutos tubérculos arredondados ou ligeiramente alongados (em número de 2 a 3), em forma de lâminas bem salientes, aproximadamente paralelas à crista marginal distal e subdivididas ou não pelo sulco principal do dente. Outras vezes, o metacônule apresenta-se com a forma de um pequeno cône isolado por um sulco circunferencial.

Figura 3
Hemi-arcada superior esquerda do *Callicebus batista* n.º 296 ♀ (Dep. Zool. Secr. Agr. de São Paulo)
Notar a presença do metacônule nos três molares. Em M3 o tubérculo apresenta-se atípico, com a forma de nódulo, próximo da cúspide mésio-lingual.

Do mesmo modo que para os *Alouatta*, o metacônule dos molares superiores dos *Callicebus*, têm por função se opôr ao deslocamento mésio-distal da mandíbula durante a oclusão normal, ao mesmo tempo que orienta os movimentos de lateralidade. No articulado normal, aquelas pequenas cunhas penetram entre dois dentes do arco oposto, exceto para o M3 superior que oclue apenas com o seu antagonista inferior.

Finalmente, para completarmos esta nota, devemos dizer que as variações com a idade (uma vez completada a dentadura permanente) são unicamente devidas ao desgaste. Quando o dente entra em função a aresta livre do seu tubérculo, de cortante que era, transforma-se rapidamente numa faceta ora plana e lisa, ora escavada. Em seguida, são desgastadas as faces, para finalmente não restar senão vestígios do tubérculo, que chega mesmo a desaparecer completamente nos indivíduos mais idosos.

De nossas observações resulta que o metacônule dos *Callicebus*, presente nos três molares, está a indicar a arcaicidade dêste macaco do ponto de vista da sua dentição jugal. Estes caracteres, juntamente com a sua exígua capacidade craniana (J. Anthony, 1949) e a pobreza das suas circunvoluções cerebrais (Le Gros Clark, 1934) fazem do *Callicebus* (do mesmo modo que o *Alouatta*) um dos representantes mais primitivos da série *Platyrrhina*.

RESUMO

Os AA. estudam nesta nota o tubérculo intermediário posterior ou metacônule nos macacos do gênero *Callicebus*. Observaram 98 crânios de macacos adultos e jovens e constataram que em M1 e em M2 a presença do metacônule era de 100 % e em M3 de 57,5 %. As formas atípicas, tais como nódulos, saliências oblongas e lâminas, foram sómente encontradas nos M3. Concluindo a nota, pensam que a presença do tubérculo intermediário posterior nos molares superiores é, ao lado de outros caracteres cranianos, indício de primitividade dêstes macacos.

SUMMARY

The AA. studied in this note the posterior intermedium tubercle, or metacônule, in monkeys of genera *Callicebus*. They had examined 98 skulls of young and adult monkeys, having observed that in M1 and M2 the presence of metacônule was of 100 %, and that in M3 was of 57,5 %. The non-typical forms, like nodules, enlarged proeminences and layers, were only found in M3. In conclusion, the AA. thinks that the presence of the posterior intermedium tubercle in the upper molars means an index of the primitivity of this monkeys, beside other cranial characteres.

BIBLIOGRAFIA

TOMES (Ch. S.) — 1904 - A Manual of Dental Anatomy Human and Comparative, 6th. ed., J. Churchill, London.

DELLA SERRA (O.) — 1950 - Le tubercule intérmediaire postérieur des molaires supérieures ou metacônule dans le genre *Alouatta* Lac. (Singes Platyrrhiniens). Mammalia t. XIV, n.º 4, 159-164, 3 figs., Paris.

ANTHONY (J.), SERRA (O.) et SERRA (R. G.) — 1949 - La surface de la vôute palatine rapportée à la capacité cranienne chez les Singes Platyrrhiniens (Étude portant sur 523 spécimens sauvages). Bull. Soc. d'Anthropologie, Paris, IX série, t. 10, 120-145, 1 fig.

FRIANT (M.) — 1942 - Persistance d'un caractère archaïque fondamental des molaires supèrieures chez un Singe Platyrhinien, le Mycetes. Bull. Mus. Hist. Naturel, Paris, 2e. série, t. XIV, 106-108, 3 figs.

LE GROS CLARK (W. E.) — 1934 - Early forerunners of Man, London.

Vol. X, N.º 6 — pp. 133-138 25-VIII-1951

PAPÉIS AVULSOS
DO
DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA
SECRETARIA DA AGRICULTURA — S. PAULO - BRASIL

NOVA ESPÉCIE NEOTRÓPICA DO GÊNERO "CARDIOCLADIUS" KIEFFER, 1912 (DIPTERA, CHIRONOMIDAE) (*)

POR

S. J. DE OLIVEIRA

Instituto Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, D. F.

Entre os *Chironomidae* da Coleção do Departamento de Zoologia da Secretaria de Agricultura de S. Paulo, que nos foram confiados para estudo, encontramos uma espécie do gênero *Cardiocladius* Kieffer, 1912, que julgamos nova e que constitue o objetivo da presente nota.

A lista das espécies do gênero citada por nós, em 1949, está imperfeita, por isso aproveitamos a oportunidade para corrigi-la: a espécie *C. occultans* (Meigen, 1830), deve ser retirada da mesma, pois segundo Edwards, 1940, que examinou o tipo de Meigen, esta espécie é sinônima de *Hydrobaenus lugubris* Fries, 1830; por um lapso grafamos errado o nome da espécie *C. esakii* Tokunaga, 1939 e finalmente deve ser acrescentada a espécie *C. freyi* Stora, 1936, das Ilhas Canarias.

Agradecemos aos colegas Frederico Lane e Messias Carrera, do Departamento de Zoologia, a oportunidade que nos deram de estudar este material e ao Dr. W. W. Wirth, do United States National Museum o auxílio prestado na obtenção da bibliografia que nos faltava.

Cardiocladius travassosi n. sp.

Macho — Cabeça castanho-clara, com pruínas prateadas. Antenas com os 13 segmentos castanhos, fortemente plumosos; plumas castanho-claras; toros castanho-escuros, com pruínas prateadas, volumosos, com cerca de um quinto do tamanho dos olhos.

(*) Trabalho do Laboratório de Helmintologia do Instituto Oswaldo Cruz do Rio de Janeiro.

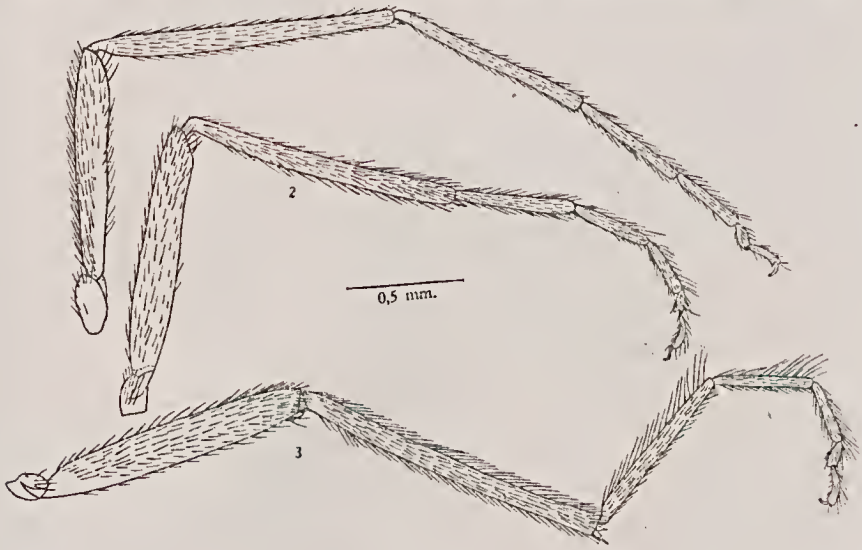
Olhos reniformes, pretos, separados. Clípeo castanho-claro, proeminente, recoberto de pequenas cerdas castanhas. Palpos castanho-claros, com 4 segmentos, recobertos de cerdas castanhas.

Tórax com o tegumento castanho-escuro, com pruinas prateadas. Pronoto volumoso, com os dois lobos fundidos, mas com uma incisão central em forma de V; cada lobo possue cerca de 6 cerdas na parte basal, e é totalmente coberto de pruinas prateadas. Mesonoto totalmente coberto de pruinas prateadas, sem entretanto haver formação de desenhos, pois estes variam com a incidencia da luz; ha um tufo de cerca de 8 cerdas prealares, castanhas, e de cada lado uma fileira de cerca de 20 cerdas subdorsais, castanhas. Escutelo com uma leve depressão longitudinal, no meio, castanho-escuro, fosco, com pruinas prateadas apenas numa pequena área lateral, com cerca de 15+15 cerdas castanhas. Postnoto preto, com uma depressão longitudinal no meio e dentro dela há uma espécie de rebordo castanho-escuro; pruinoso apenas na parte anterior, dos lados, próxima ao escutelo; glabro. Pleuras castanhas, totalmente cobertas de pruinas prateadas. Asa hialina, amarelada; *C* terminando no ápice de R_{4+5}; castanha, com pequenos pêlos em toda a sua extensão; *Sc* castanha, fina, terminando ao nível da metade de R_1; *R* castanha, robusta, com cerca de 15 pêlos; R_1 castanha, robusta, terminando na *C*; R_{2+3} amarela, muito fina, evanescente no ápice, sem atingir *C*; R_{4+5} castanha, robusta; *r-m* castanha, robusta; *M* robusta, castanha, na sua parte basal (antes de *r-m*), e fina, amarela, na sua parte apical, terminando pouco depois do ápice da asa; *Cu* amarela, robusta; *f Cu* pouco depois de *r-m*; Cu^1 amarela, estreitando-se para o ápice, paralela à *M*, terminando no bordo alar; Cu^2 amarela, mais robusta que Cu_1, divergente desta, terminando no bordo alar; *An* paralela à *Cu* e Cu_2, evanescente antes de atingir o bordo alar; lobo anal desenvolvido, arredondado; franja castanha; squama com franja.

Balancim amarelo.

Perna anterior (fig. 1) com a coxa castanho-escura, com pruinas prateadas; trocanter castanho-claro, moderadamente recoberto de cerdas castanhas; fêmur castanho-escuro, exceto nas proximidades do trocanter, onde é castanho-claro, densamente recoberto de cerdas castanhas; tíbia castanho-escura, densamente recoberta de cerdas castanhas, tendo no ápice um esporão quase preto, denteado na metade basal (fig. 4); 1.º artículo tarsal castanho-escuro, recoberto de cerdas castanhas; 2.º artículo tarsal castanho-escuro, recoberto de cerdas castanhas; 3.º artículo tarsal castanho-escuro, recoberto de cerdas castanhas; 4.º artículo tarsal castanho-escuro, recoberto de cerdas castanhas, discretamente cordiforme, com cerca de 1/8 do tamanho do 1.º artículo; 5.º artículo (fig. 5) castanho-escuro, recoberto de cerdas castanhas; com um par de

unhas pretas, simples, de ápice digitiforme; empodio simples, plumoso, pequeno; os pulvilos parecem ser representados por 2 lâminas finas, inseridas próximo à base das unhas. Perna média (fig. 2) com a coxa castanho-escura, com pruínas prateadas; trocanter costanho-claro, moderadamente recoberto de cerdas castanhas; fêmur castanho-escuro, exceto nas proximidades do tro-



Cardiocladius travassosi n. sp.
Fig. 1: Perna anterior; fig. 2: perna media; fig. 3: perna posterior.
S. J. de Oliveira del.

canter, onde é castanho-claro, densamente recoberto de cerdas castanhas, e com um lobo subapical (fig. 6) coberto de finíssimos pêlos; tíbia castanho-escura, densamente recoberta de cerdas castanhas, tendo no ápice 2 esporões quase pretos, denteados na metade basal (fig. 7) de tamanhos diferentes; 1.º artículo tarsal castanho-escuro, densamente recoberto de cerdas castanhas e com 2 fortes espinhos castanho-escuros fig. 8) no ápice; 2.º artículo tarsal castanho-escuro, densamente recoberto de cerdas castanhas e com 2 fortes espinhos castanho-escuros no ápice (fig. 9); 3.º artículo tarsal castanho-escuro, densamente recoberto de cerdas castanhas, longas, e com 2 fortes espinhos castanho-escuros (fig. 10) no ápice; 4.º articulo tarsal castanho-escuro, recoberto de cerdas castanhas nitidamente cordiforme, com cerca de 1/6 do tamanho do 1.º artículo; 5.º artículo tarsal (fig. 11) castanho-escuro, recoberto de cerdas castanhas; apêndices como na perna anterior. Perna

posterior (fig. 3) com a coxa castanho-escura, com pruínas prateadas; trocanter castanho-claro, moderadamente recoberto de cerdas castanhas; femur castanho-escuro, exceto nas proximidades do trocanter, onde é castanho-claro, densamente recoberto de cerdas

Cardiocladius travassosi n. sp.

Fig. 4: Esporão da tíbia anterior; fig. 5: 5.º artículo tarsal da perna anterior; fig. 6: lobo do fêmur médio; fig. 7: esporões da tíbia média; fig. 8: espinhos do 1.º artículo tarsal da perna média; fig. 9: espinhos do 2.º artículo tarsal da perna média; fig. 10: espinhos do 3.º artículo tarsal da perna média; fig. 11: ápice do 5.º artículo tarsal da perna média; fig. 12: lobo do fêmur posterior; fig. 13: esporões e pente da tíbia posterior; fig. 14: espinhos do 1.º artículo tarsal da perna posterior; fig. 15: espinhos do 2.º artículo tarsal da perna posterior; fig. 16: espinhos do 3.º artículo tarsal da perna posterior; fig. 17: terminália. (Figs. 4-10 e 12-16 na mesma escala). S. J. de Oliveira del.

castanhas, e com um lobo subapical (fig. 12) coberto de finíssimos pêlos; tíbia castanho-escura, densamente recoberta de cerdas castanhas, tendo no ápice 2 esporões quase pretos, denteados na metade basal (fig. 13) de tamanhos diferentes, e com um pente de cerca de 12 cerdas (não muito visíveis, devido à intensa pilosidade da tíbia); 1.º artículo tarsal castanho-escuro, densamente recoberto de cerdas castanhas, algumas das quais longas, com mais do dobro da largura do artículo e com 2 fortes espinhos castanho-escuros no ápice (fig. 14); 2.º artículo tarsal castanho-escuro, densamente recoberto de cerdas castanhas, algumas das quais longas, 3 vezes maiores que a largura do artículo, e com 2 espinhos castanho-escuros, no ápice (fig. 15); 3.º artículo tarsal castanho-escuro, densamente recoberto de cerdas castanhas; algumas das quais longas, 3 vezes maiores que a largura do artículo, e com dois fortes espinhos castanho-escuros, no ápice (fig. 16); 4.º artículo tarsal castanho-escuro, recoberto de cerdas castanhas, nitidamente cordiforme, com cerca de 1/9 do tamanho do 1.º artículo; 5.º artículo tarsal castanho-escuro, recoberto de cerdas castanhas; apêndices como na perna anterior.

Comprimento relativo dos segmentos:

	Fêm.	Tib.	T. 1	T. 2	T. 3	T. 4	T. 5
Perna ant.	45	60	42	23	16	5	7
P. media	52	56	26	17	11	4	7
P. posterior	55	64	37	20	15	4	7

Abdômen castanho-escuro, coberto de cerdas castanhas; os segmentos são foscos, tendo apenas uma faixa apical brilhante. Terminalia (fig. 17) castanha-escura; peça lateral longa, coberta de cerdas longas e curtas, tendo na parte mediana do bordo interno, um lobo estreito, coberto de cerdas; pinça densamente pilosa, com algumas cerdas pequenas e com um espinho castanho-escuro, no ápice; não há ponta anal.

Tamanho 3 mm. Asa, largura 0,8 mm.; comprimento 2,5 mm.

Fêmea, pupa e larva desconhecidas.

Holótipo macho, Salesópolis (Boracéa), São Paulo, Brasil, 22-5-947, L. Travassos, L. Travassos Filho & Vanzolini col., n.º 20.099 da Coleção do Departamento de Zoologia da Secretaria de Agricultura do Estado de S. Paulo.

Cardiocladius travassosi n. sp. por ter o corpo totalmente castanho, separa-se facilmente das demais espécies do gênero.

O nome da espécie é dado em homenagem a um dos colecionadores, Prof. Lauro Pereira Travassos, Chefe da Divisão de Zoologia Médica do Instituto Oswaldo Cruz.

BIBLIOGRAFIA

EDWARDS, F. W. — 1940 - On the genera *Hydrobaenus* Fries and *Trissocladius* Kieffer (Diptera, Chironomidae), *Proc. Roy. Ent. Soc. London*, Ser. B, 9 (9) :145-164, 1 fig.

GOETGHEBUER, M. & LENZ, F. — 1950 - Tendipedidae - Orthocladiinae, *in* Lindner, E., *Die Fliegen der palaearktischen Region*, 3 (162) :145-208, textfig. 92-104 und Taf. XIX-XXIV. Stuttgart.

OLIVEIRA, S. J. de — 1949 - Sôbre uma nova espécie neotrópica do gênero "Cardiocladius" Kieffer, 1912 (Diptera, Chironomidae). *Rev. Brasil. Biol.*, 9(1) :5-8, 6 figs.

STORA, R., in FREY, R. — 1936 - Die Dipterenfauna der Kanarischen Inseln und ihre Probleme. *Comment. Biol.*, Helsingfors, 6(1) : 237 pp., 12 pls., 4 graphs. (*cf.* Fam. Chironomidae: 21-30, tafel V).

Vol. X, N.º 7 — pp. 139-146 25-VIII-1951

PAPÉIS AVULSOS
DO
DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA
SECRETARIA DA AGRICULTURA — S. PAULO - BRASIL

VARIAÇÕES DO ARTICULADO DOS DENTES INCISIVOS NOS MACACOS DO GÊNERO *ALOUATTA* LAC., 1799

POR

OCTAVIO DELLA SERRA (*)

É crença vaga e um tanto geral que os dentes de outros Primatas que não os do homem, variam muito menos na sua morfologia, situação, posição, gráo de inclinação e relações recíprocas. Admite-se que esta invariabilidade relativa seja consequência dos hábitos de vida destes animais (condições alimentares, habitat selvagem, etc.), e que as modificações encontradas no homem ou em outros mamíferos sejam devidas respetivamente à civilisação ou domesticidade.

Os vários tipos de articulado que aparecem nos animais superiores são resultado de um longo e fastidioso processo de evolução (Osburn, 1913). Não podemos considera-lo como um tipo preestabelecido e imutavel. O articulado dentário, tal como atualmente se apresenta, nem sempre existiu e será novamente modificado para o futuro.

De um modo geral e segundo a opinião de vários AA. (Osburn, 1913; Gregory, 1918; Schultz, 1925 e 1926; Izard, 1930 e Widdowson, 1946) os "incisivos dos Primatas articulam-se, geralmente, bordo contra bordo", tal como se verifica para a dentadura dos homens fosseis (Neanderthal, Rena, etc.) e certas raças atuais (Australianos autóctones).

Os caninos mostram, nos macacos, um articulado totalmente diferente daquele do homem. Em razão de seu grande volume, são recebidos num diastema (**) do arco oposto (o canino inferior entre o incisivo lateral superior e canino superior; o canino superior entre o primeiro premolar inferior e canino inferior). A evolução para o articulado humano se faz por diminuição do volume do canino e consequente desaparecimento dos diastemas.

(*) Assistente das cadeiras de Anatomia da Escola Paulista de Medicina e da Faculdade de Farmácia e Odontologia da Univ. de S. Paulo.

(**) Em anatomia, dá-se o nome de *diastema* a um intervalo do arco dentário onde, no articulado normal, penetra o canino do arco oposto.

Sem nos atermos à questão da morfologia dos dentes dos bugíos, pois êste assunto será objeto de outro trabalho, estudaremos nesta nota tão somente as variações do articulado dos dentes incisivos. Não nos preocupamos com o articulado dos dentes caninos e nem dos jugais, pois alem de já suficientemente conhecidos, mostram ainda, disposições quase constantes. As anomalias do articulado canino ou jugal são raras. Nós mesmos, após termos passado em revista várias coleções (S. Paulo, Rio e Paris), encontramos um único caso (Della Serra, 1950) de anomalia do articulado destas peças.

Aceitando a definição de Izard (1930), chamaremos de *articulado dentário* "às relações estáticas que os dentes antagonistas mantêm entre si durante a oclusão". A oclusão é um estado dinâmico.

Dentre as numerosas classificações propostas para grupar os vários tipos de articulado, aceitamos a de J. Iszlay (1891 - cit. por Grevers, 1905) pois em nossa opinião é a melhor e cuida apenas das relações entre os dentes anteriores. São os *odontharmosis* de Iszlay divididas em 6 grupos, a saber:

Enamorsis (mordex normalis de Carabelli ou psalidodontia de Welcker);

Epharmosis (mordex prorsus de Carabelli);

Prosarmosis (mordex rectus de Carabelli ou labidodontia de Welcker);

Opharmosis (mordex apertus de Carabelli ou hiatodontia de Welcker);

Dicharmosis (mordex tortuosus de Carabelli);

Tyrpharmosis.

Qualquer dos grupos acima (excepto os dois últimos) comporta sub-divisões de acordo com o gráo de intensidade e profundidade da mordida.

MATERIAL

Nossas constatações foram feitas sôbre 197 crânios de macacos do gênero *Alouatta* Lac., 1799 (bugíos que ocorrem no Brasil), de várias espécies e ambos os sexos, pertencentes às coleções do Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura de São Paulo. (*)

(*) Queremos deixar consignados os nossos agradecimentos aos srs. Dr. Oliveira Pinto e Carlos da Cunha Vieira, respetivamente Diretor e Biologista encarregado da Divisão de Mamíferos, que amavelmente colocaram à nossa disposição as coleções do supramencionado Departamento.

O quadro abaixo fornece o numero de exemplares examinados e classificados segundo as espécies e sexo:

Espécies (*)	Sexo		N.º de exemplares
	masc.	fem.	
A. caraya (Humboldt), 1811	22	12	34
A. belzebul (L.), 1766	19	21	40
A. seniculus (L.), 1766	27	20	47
A. fusca (E. Geoffroy), 1812 . . .	22	26	48
A. nigerrima Lönnberg, 1941	16	12	28
Total	106	91	197

Ha necessidade de assinalar, como fato de grande importância que todos os exemplares foram mortos no seu habitat selvagem e por isso, as variações que forem apresentadas nesta nota não deverão ser atribuidas a fatores decorrentes da permanência do animal em cativeiro ou consequentes à mudança de seus hábitos alimentares.

Devo dizer ainda que na grande maioria dos espécimes examinados, os dentes incisivos, tanto da série superior como da inferior, não mantinham contato por suas faces proximais, existindo entre elas intervalos variaveis, porém sempre evidentes (tremas incisivos).

Além do mais, um exâme do articulado de outros gêneros de macacos *Platyrrhina* (principalmente da família *Cebidae* - gênero *Cebus*) revelou uma grande constância no tipo do articulado. Para o gênero *Cebus*, por exemplo, os dentes incisivos se relacionam segundo o tipo das enarmosis. Aliado a este fato verificamos ainda que a série dos dentes incisivos, nos macacos *Cebus*, não apresentam tremas.

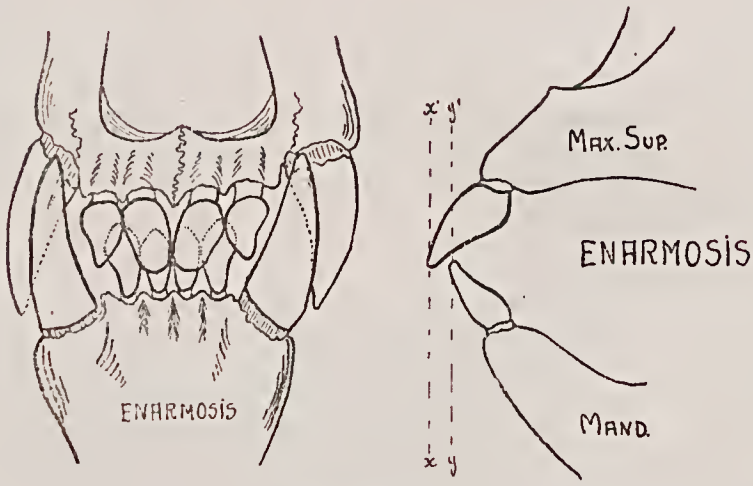
O exâme do articulado dos exemplares jovens, adultos ou velhos revelou-nos ainda que a usura natural dos dentes em nada influe sôbre a evolução do articulado, pelo menos enquanto o desgaste fôr de média intensidade. Nos exemplares com profundo desgaste de dentes, verificamos uma certa tendência para o tipo das prosarmosis, em virtude do fato da transformação do bordo incisal do dente numa superfície oclusal tão extensa quanto à de um

(*) As espécies foram classificadas de acôrdo com o trabalho de Cruz Lima (1944).

premolar. Ainda assim pudemos prever o primitivo tipo do articulado pela disposição para o lado vestibular ou lingual dos dentes superiores com relação aos inferiores.

OBSERVAÇÕES

No grupo das enarmosis, os dentes incisivos inferiores tocam na face lingual dos superiores. Este tipo de articulado foi verificado em 19,7 % dos casos, estando representado em ambos os sexos e em todas as espécies examinadas. Os esquêmas n.º 1 e 2 mostram as relações dos dentes neste tipo de articulado.

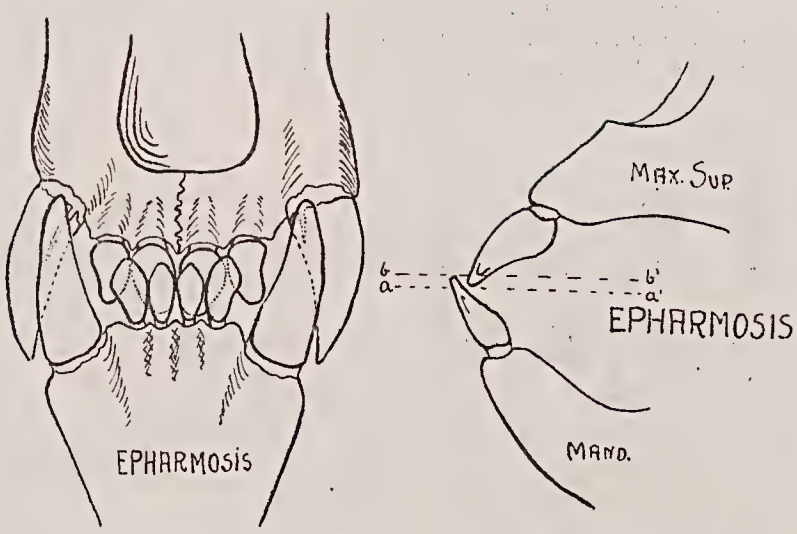


Figuras 1 e 2

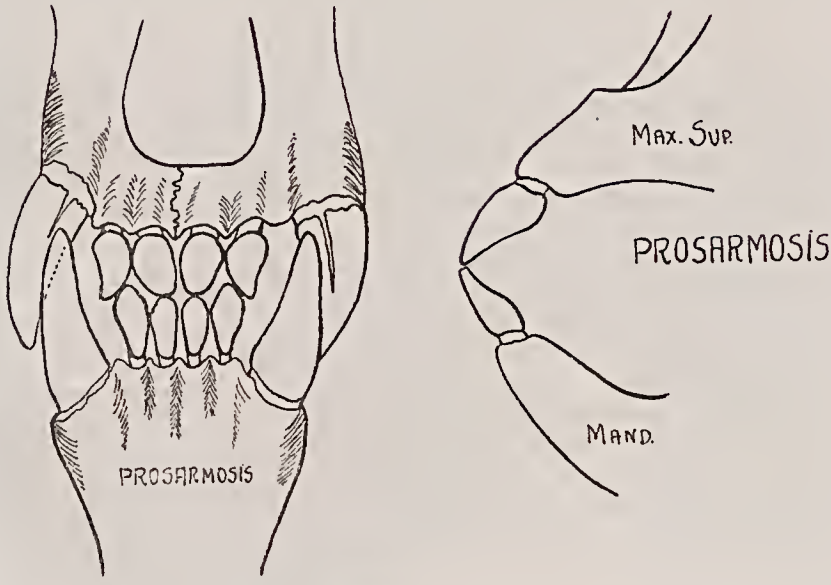
Para o grupo das epharmosis, com cerca de 86 casos (43,5 %), os dentes incisivos superiores tocam na face lingual dos inferiores. Os esquêmas 3 e 4 indicam o modo de articulado neste grupo.

A prosarmosis é caracterisada por um tipo de articulado no qual os dentes ocluem topo a topo. Dos 197 crânios examinados apenas 11 mostravam esta disposição (5,6 %), figurada nos esquêmas 5 e 6.

Para a opharmosis, tipo de articulado no qual os dentes antagonistas mantem-se afastados (hiatodontia), encontramos cerca de 29 casos (14,7 %). Devemos dizer que associada a esta

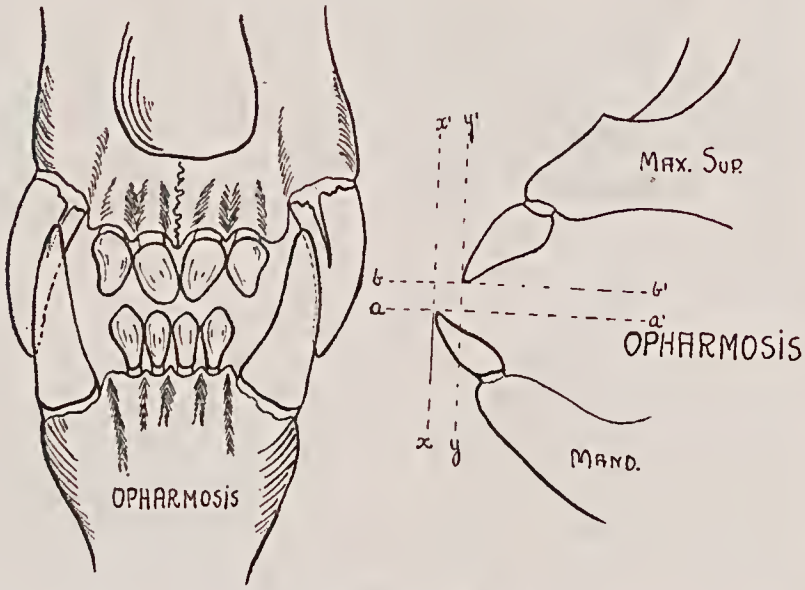


Figuras 3 e 4



Figuras 5 e 6

abertura vertical, existia quasi sempre um afastamento lingual dos dentes superiores (retrodontia) com relação aos inferiores. Os esquêmas 7 e 8 mostram este tipo de articulado.



Figuras 7 e 8

Finalmente, verificamos uma disposição na qual os dentes incisivos centrais mantinham relações diferentes da dos incisivos laterais (16,2 %). Assim, em alguns casos, os centrais superiores ocluiam tôpo a tôpo com os inferiores, enquanto que os laterais superiores ocluiam com a face lingual dos inferiores. Outras vezes, os incisivos inferiores tocavam na face lingual dos incisivos centrais superiores enquanto que os laterais superiores ocluiam com a face lingual dos laterais inferiores. Tais disposições podem ser incluidas no grupo das dicharmosis, isto é, da mordida cruzada, representando a combinação de alguns dos tipos precedentemente descritos.

Todos os grupos observados comportam variantes segundo o maior ou menor gráo de profundidade da mordida.

O quadro seguinte resume os vários tipos de articulado que foram verificados para os bugíos.

QUADRO-RESUMO DOS TIPOS DE ARTICULADO INCISIVO

Espécie	Sexo	TIPO DE ARTICULADO						
		Enarmosis	Epharmosis	Prosarmosis	Opharmosis	Dicharmosis	Tyrpharmosis	*Total*
A. fusca	masc.	5	10	1	3	3	—	22
	fem.	8	7	0	6	5	—	26
A. belzebul	masc.	2	7	4	4	2	—	19
	fem.	2	12	2	3	2	—	21
A. seniculus	masc.	5	10	2	5	5	—	27
	fem.	5	11	0	0	4	—	20
A. caraya	masc.	6	9	0	2	5	—	22
	fem.	1	3	2	5	1	—	12
A. nigerrima	masc.	4	9	0	1	2	—	16
	fem.	1	8	0	0	3	—	12
Total por sexo	masc.	22	45	7	15	17	—	106
	fem.	17	41	4	14	15	—	91
Total global		39	86	11	29	32	—	197

CONCLUSÕES

Das observações expostas podemos concluir:

1) Não existe qualquer relação entre o sexo do animal e a frequência de determinado tipo de articulado.
2) Para as várias espécies estudadas a frequência de variação é aproximadamente igual.
3) O desgaste natural dos dentes não implica em modificações da odontharmosis, excepto em exemplares muito velhos, nos quais todos os outros tipos de articulado tendem para o do grupo das prosarmosis.
4) A grande variedade de odontharmosis encontradas nos bugios indica que o articulado dos mesmos se encontra ainda em evolução, não tendo atingido a estabilidade relativa que se verifica para outros gêneros de *Platyrrhina* (Cebus).
5) A instabilidade do articulado, do mesmo modo que outros caracteres morfológicos (volume da caixa craniana, morfologia do cérebro, presença do metacônule, etc.) é índice da primitividade desse animal.

6) Contrariamente à opinião de vários AA. o tipo de articulado mais frequente é o das epharmosis, isto é, aquele em que os dentes incisivos superiores tocam na face lingual dos inferiores.

RESUMO

O A. estuda o articulado dos dentes incisivos dos bugíos (197 crânios de *Alouatta* Lac., 1799) classificando-os em 5 grupos: enarmosis (19,7 %), epharmosis (43,5 %), prosarmosis (5,6 %), opharmosis (14,7 %) e dicharmosis (16,2 %). Contrariamente à opinião de alguns AA., conclue pela maior frequência das epharmosis. Chama a atenção para a existência de tremas na série dos incisivos. Não existem relações específicas nem dimorfismo sexual para determinado tipo de articulado. O desgaste, pelo menos dentro de certos limites, não parece exercer qualquer modificação da odontharmosis. A instabilidade do tipo de articulado parece indicar que o mesmo se encontra em evolução, bem como parece ser um atestado da primitividade do animal.

ABSTRACT

The A. studying the occlusion of the incisive teeth of the howling-monkeys (197 crania of *Alouatta* Lac., 1799) classified them in five groups: enarmosis (19,7 %), epharmosis (43,5 %), prosarmosis (5.6 %), opharmosis (14,7 %) e dicharmosis (16,2 %). In opposition to most opinions the A. considers epharmosis as the most frequent. He calls attention to the presence of trema in the incisive series. There are no especific relations or sexual dimorphism for a determined articulate type. The abrasion, at certain limits, does not show any modifications in the odontharmosis. The instability of the articulate type could show that it is probably in the process of evolution, and it possibly indicates the primitive state of the animal.

LITERATURA

GREVERS, J. E. — 1905 - Odontharmosis: a classification of the various forms of occlusion of the teeth. Dental Cosmos, v. 47, n.º 5, 552:558, 12 fgs.

OSBURN, R. C. — 1913 - The evolution of the occlusion, with special reference to that of man. Dental Cosmos, v. 55, n.ò 12, 1236:1242.

GREGORY, W. K. — 1918 - The evolution of Orthodonty. Dental Cosmos, v. 40, n.º 5, 417-425, 9 figs.

SCHULTZ, A. H. — 1925 - Studies on the evolution of the human teeth. Dental Cosmos, v. 67, n.º 10, 935:947. Dental Cosmos, v. 67, n.º 11, 1.053:1063.

SCHULTZ, A. H. — 1926 — Studies on the variability of the Platyrrhina monkeys. Journal of Mammalogy, v. 7, n.º 4, 286:305.

IZARD, G. — 1930 - Orthodontie (in La Pratique Stomatologique). Masson et Cie., Paris.

WIDDOWSON, T. W. — 1946 - Special or dental anatomy and physiology and dental histology human and comparative. 7th. ed., Staples Press Lim., London.

CRUZ LIMA, Eládio da — 1944 - Mamíferos da Amazonia (Primatas). Of. Gráfica Mauá, Rio de Janeiro.

Vol. X, N.º 8 — pp. 147-154 25-VIII-1951

PAPÉIS AVULSOS
DO
DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA
SECRETARIA DA AGRICULTURA — S. PAULO - BRASIL

DIVISÃO DO GÊNERO *LEONTOCEBUS* (MACACOS PLATYRRHINA) EM DOIS SUB-GENÊROS SOB BASES DE CARACTERES DENTO-MORFOLÓGICOS

POR
OTAVIO DELLA SERRA (*)

Em uma nota publicada em Maio de 1950 nos "Papéis Avulsos" do Departamento de Zoologia (Secretaria da Agricultura de S. Paulo) tivemos a oportunidade de insistir sôbre a importância do estudo de certos caracteres anatômicos (principalmente os de morfologia dentária) como básicos a diagnóse genérica dos macacos Platyrrhina. Naquela ocasião, em virtude da exiguidade do material, não pudemos estabelecer certos caracteres diferenciais entre algumas espécies do gênero *Leontocebus,* não obstante termos entrevisto aquela possibilidade.

Há necessidade de assinalar que as particularidades dento-morfológicas são muito mais estaveis e sujeitas a menores variações que outros caracteres externos, tais como a distribuição e coloração dos pêlos, porte do animal, e outros, que variam muito mais não só por influências do meio ambiente como também e principalmente pela ação das glândulas de secreção interna. Já para os dentes tal não acontece pois que seu modelado geral é herdado e as modificações que aparecerem serão unicamente devidas ao desgaste ou processos patológicos. Orgãos como o cérebro, os dentes e outros, sendo de morfologia mais estavel, servem melhor que quaisquer outros, para estabelecimento dos caracteres genéricos.

No que respeita às variações especificas nada podemos adiantar pois jamais encontramos caracteres dentários que isoladamente ou em conjunto pudessem estabelecer a diagnóse segura de uma espécie. Tal fato equivale dizer que os dentes dos indivíduos pertencentes ao mesmo gênero devem mostrar caracteres morfológicos

(*) Assistente da Cadeira de Anatomia da Escola Paulista de Medicina e da Faculdade de Farmácia e Odontologia da Universidade de São Paulo.

dentários idênticos. Excluimos desta afirmação as possíveis variações ou anomalias encontradas nos dentes de indivíduos da mesma espécie para afirmar somente que o arquetipo do dente, seu modelado geral, deverá ser idêntico ou quasi, para animais pertencentes ao mesmo gênero.

Estas constatações valem muito mais para os dentes incisivos cuja especialização filogenética é muito antiga.

Revendo a literatura concernente à classificação das espécies de *Leontocebus,* bem como seus caracteres genéricos diferenciais, verificamos, que de um modo geral todos os AA. lançam mão de certos dados da morfologia dentária e outros de morfologia externa, afim de construirem suas chaves de gênero.

Pocock (1917) diz que os macacos do gênero *Leontocebus* (tipo *chrysomelas*) são caracterisados, entre outras cousas, pela presença de dentes incisivos inferiores normais, mais curtos e mais estreitos que os caninos e deles separados.

Thomas (1922) afirma que esses macacos têm dentes inferiores normais com caninos muito mais longos que os incisivos e do tipo grande.

Tate (1939) fala, com alguma razão, que da comparação dos crânios de todos os representantes da familia *Callithrichidae* só se pode distinguir dois tipos principais que correspondem aos dois grupos:

1) *Marikina* + *Leontocebus* + *Tamarin*
2) *Callithrix* + *Cebuella*

acrescentando que no primeiro grupo os dentes caninos contrastam nitidamente em forma e tamanho com os incisivos; os ramos mandibulares se reunem formando um V em vez de U, com ramo côndilo-coronóide relativamente alto; protocônes e metacônides bem desenvolvidos. No segundo grupo todos estes característicos são contrários.

Para Hershkovitz (1949), o maior porte e certos caracteres crânianos externos justificariam a criação do gênero *Leontocebus* (fossas esfenoidais largas, mão alongadas com palma estreitada: partes laterais da cabeça com longos pêlos formando uma pequena juba).

Como se vê, pela descrição que fizemos acima, todos os AA. referem-se vagamente à morfologia dos dentes, descurando mesmo de certos detalhes, que a nosso vêr são fundamentais, para o estabelecimento das diferenças genéricas. Desse modo, a diferenciação entre espécies do mesmo gênero é feita quasi que unicamente sob as bases dos caracteres de distribuição e coloração dos pêlos, pressupondo-se que todos os outros dados morfológicos são iguais ou quasi.

MATERIAL

Dentre as várias espécies(*) do gênero *Leontocebus* que estudamos e comparámos estão as seguintes, tidas e havidas como bôas:

L. chrysomelas Kuhl, 1820
L. chrysopygus (Wagner), 1840
L. rosalia (L.), 1776

Dos 31 crânios examinados 7 provieram do Departamento de Zoologia (Secretaria da Agricultura de S. Paulo) e 24 da Divisão de Mamíferos do Museu Nacional do Rio de Janeiro.

O quadro abaixo fornece o número de exemplares classificados segundo o sexo e as espécies:

Espécies	Sex. masc.	Sex. fem.	Total
L. chrysomelas	4	4	8
L. chrysopygus	—	4	4
L. rosalia	9	10	19
Total	13	18	31

Pode parecer que 31 crânios seja ainda material exíguo, mas se considerarmos a raridade desses animais deveremos considerar como material excelente.

DESCRIÇÃO DOS DENTES INCISIVOS DE *LEONTOCEBUS CHRYSOMELAS* KUHL, 1820

Incisivos centrais superiores: Os dentes incisivos centrais, bem mais volumosos que os laterais, inclinam-se mesialmente. São um pouco mais altos que largos e de contorno irregularmente ovalar. A face vestibular é bastante convexa, mostrando um leve dentículo junto do bordo distal (fig. 1). A face lingual é profundamente excavada nos seus 2/3 oclusais, formando uma goteira transversal profunda, tanto mais evidente quanto mais nos aproximarmos do volumoso tuberculo lingual que aí existe. A partir do ponto de junção do bordo mesial como cervical destaca-se um volumoso processo conoide, inclinado para o lado mesial, com uma altura correspondente à 1/2 do comprimento da face lingual. Trata-se do *tubérculo lingual*, verdadeira cúspide em miniatura. (fig. 1). No articulado dentário normal a dita fossa é ocupada pelo bordo incisal

(*) As espécies foram classificadas de conformidade com o trabalho de Hershkovitz (1949).

do dente incisivo inferior (fig. 2). As relações entre os dentes antagonistas se fazem da seguinte maneira: o 1/3 oclusal da face vestibular do incisivo central inferior toca na fossa lingual do incisivo central superior; o bordo incisal penetra no fundo da goteira lingual, enquanto que o tubérculo lingual oclue com o 1/3 oclusal da face lingual do incisivo central inferior. Verifica-se pois um verdadeiro encaixe recíproco entre aquelas duas peças dentárias.

As faces proximais nada apresentam digno de nota.

Incisivos laterais superiores: bem menores que os precedentes (cerca de 1/2 vez), mostram-se, quando vistos pela face vestibular com a forma lanceolada (premolariforme) e portanto losângica, sendo mais alto que largo. A face vestibular é convexa apresentando dois sulcos, que a partir dos bordos mesial e distal (1/3 médio) dirigem-se para o bordo cervical. Destes sulcos, o distal é o mais acentuado chegando mesmo a dividir ou entalhar o bordo do mesmo nome e determinando nele a formação de um dentículo nítido (fig. 3). A face lingual é tambem losângica e excavada em fossa — a *fossa lingual* — mais profunda junto do lado distal. Um tubérculo lingual, com morfologia semelhante àquele do dente anterior, porém bem menos volumoso, destaca-se do bordo cervical. O tipo de articulado é semelhante ao visto para o incisivo central, com a diferença que é o canino inferior (por seu 1/3 médio) por seu bordo mesial que penetra na parte distal da goteira lingual, pois que os incisivos laterais antagonistas articulam-se tôpo a tôpo. Os incisivos laterais são ligeiramente deslocados para o lado disto-lingual e formam com os centrais uma série contínua sem tremas.

Incisivos centrais inferiores: bem mais altos que largos (cerca de 2 vezes) são de contorno trapezoidal. A face vestibular é convexa nada apresentando digno de nota. A face lingual, ligeiramente excavada em fossa é delimitada por um tubérculo lingual arredondado e pouco desenvolvido, que se continua com um bordelete marginal pouco saliente (fig. 4).

Incisivos laterais inferiores: mais volumosos que os centrais, formam com estes uma série contínua sem tremas. São bem mais altos que largos (cerca de 2 vezes) e de contorno solhariforme. A face vestibular é convexa, mostrando no bordo distal um dentículo bem desenvolvido.

O entalhe separativo do dentículo continua-se com um sulco razo da face vestibular (fig. 5). A face lingual é semelhantemente conformada como a face vestibular. É excavada em fossa lingual um tanto mais profunda e com um tubérculo lingual e bordelete marginal arredondados e pouco desenvolvidos. Uma crista arredondada (em lombada) parte do tubérculo lingual em direção ao bordo

oclusal e divide a dita face em duas porções (mesial e distal). As relações de comprimento (relativo) entre os incisivos e caninos inferiores são de 1:2 (fig. 6).

Fig. 1

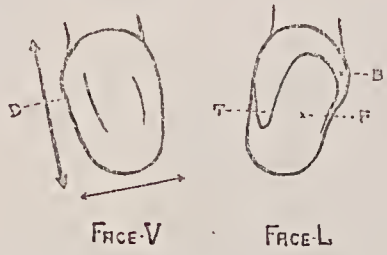


Fig. 2

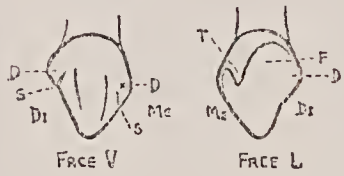


Fig. 3

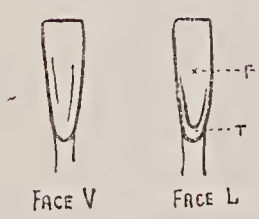


Fig. 4

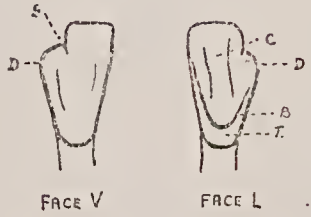


Fig. 5

DESCRIÇÃO DOS DENTES INCISIVOS DOS *L. CHRYSOPYGUS* (WAGNER), 1840 e *L. ROSALIA* (L.), 1776

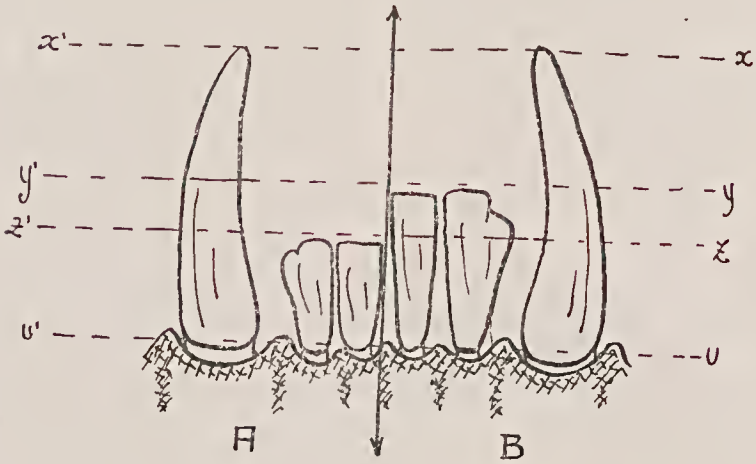
Incisivos centrais superiores: de conformação geral irregularmente trapezoidal, são tão largos quanto altos. A face vestibular é convexa mostrando um dentículo vestigial. A face lingual é excavada em fossa muito raza e delimitada por um tubérculo lingual pequeno e arredondado e do qual partem os bordeletes marginais apenas salientes (fig. 7).

Incisivos laterais superiores: o modelado geral da face vestibular é idêntico àquele do incisivo correspondente do *L. chryso-*

melas. A face lingual, entretanto, é diferente pois seu tubérculo é pouco desenvolvido e a fossa lingual é muito raza (fig. 8).

Incisivos inferiores: a morfologia geral dos incisivos inferiores, tanto os centrais como os laterais é muito semelhante àquela

Fig. 6



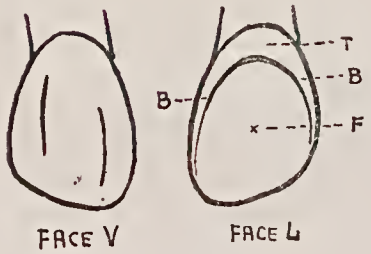


Fig. 7

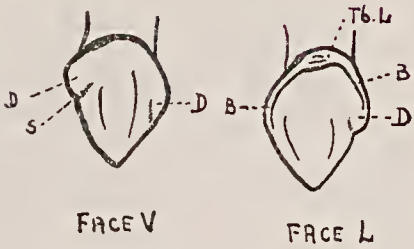


Fig. 8

dos *L. chrysomelas*, variando apenas as relações de comprimento relativo entre estes dentes e o canino inferior, que para estas espécies é de 1:3 (fig. 6).

O quadro abaixo reproduz alguns dos caracteres diferenciais mais nítidos entre os incisivos das espécies do gênero *Leontocebus*.

Da minuciosa descrição feita acima infere-se que existe uma diferença nítida entre os dentes incisivos (pelo menos os superiores) dos exemplares de *L. chrysomelas* de um lado e de *L. chrysopygus* e *L. rosalia* por outro. Tratando-se de diferenças muito gran-

Detalhes morfológicos	*L. chrysomelas*	*L. chrysopygus e rosalia*
I. C. S.		
Gabarito da face V	Ovalar	Irregularmente trapezoidal.
Dimensões relativas	Mais longo que largo	Altura e larg. aproximadamente iguais.
Detalhes da face V	Ligeiro dentículo em D	Idem
Detalhes da face L	Fossa lingual profunda	Fossa lingual raza
	Tb. lingual enorme e ponteagudo e inclinado para M	Tb. L apenas evidente, arredondado e continuando-se com um
	Bordelete marginal nítido	Bordelete pouco nítido.
I. L. S.		
Gabarito da face V	Lanceolado	Idem
Dimensões relativas	Mais longos que largos	Idem
Detalhes da face V	Dois sulcos e dois dentículos (M e D)	Idem
Detalhes da face L	Fossa L profunda	Fossa L raza.
	Tb. lingual volumoso e ponteagudo	Tb. L arredondado
	Bordelete nítido	Bordelete apenas marcado.
I. C. I.		
Gabarito da face V	Trapezoidal	Idem
Dimensões relativas	Altura maior que a larg. (2 vezes)	Alt. maior que a larg. (1/2 vez).
I. L. I.		
Gabarito da face V	Sclhariforme	Idem
Dimensões relativas	2 vezes mais altos que largos	1/2 vez masi altos que largos.
Dimensões relativas entre C e I inferiores.	CI uma vez mais alto que os I. I.	CI 3 vezes mais alto que os I. I.

des, não podemos concordar em considera-las simplesmente como caracteres diferenciais inter-específicos, mesmo porque, para outras espécies jamais encontramos fatos semelhantes. Estes fatos estão a indicar (a meu vêr), que não obstante a semelhança que possa existir de outros caracteres externos (disposição e coloração dos pêlos; comprimento e largura das mãos e pés, etc.) o gênero *Leontocebus* comportaria uma sub-divisão em dois sub-gêneros, dada a dissemelhança dento-morfológico entre alguns de seus representantes.

RESUMO

O A. estudando alguns dados morfológicos dentários das espécies do gênero *Leontocebus* verificou que numa delas (*L. chrysomelas*), os dentes incisivos superiores apresentavam caracteres por tal forma diferentes que justificariam a sua separação das outras duas espécies desse gênero. Tal diversidade dento-morfológica permitiria a divisão do gênero em dois sub-gêneros.

ABSTRACT

The A. studying some dental morphological characters of the species of the genus *Leontocebus,* verified that in one of them (*L. chrysomelas*) the superior incisive teeth show such marked differences, that would justify the separation of this species from others of the genus. This dental morphological difference would probably allow the division of the genus *Leontocebus* in two subgenera.

LITERATURA

POCOCK, R. I. — 1917 - The Genera of Hapalidae. Ann. and Mag. Nat. Hist., Ser. 8, v. 20, 247:258.

THOMAS, O. — 1922 - On the systematic arrangement of the Marmosets. Ann. and Mag. Nat. Hist., Ser. 9, v. 9, 197:199.

TATE, G. H. H. — 1939 - Mammals of Guiana Region. Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., v. 76, 151:229.

HERSHKOVITZ, P. — 1949 - Mammals of Northern Columbia. Preliminary report n.º 4: Monkeys (Primates), with taxonomic revision of some forms. Proc. United States Nat. Mus., Washington, v. 98, n.º 3232, 323:427.

Vol. X, N.º 9 — pp. 155-208 10-XII-1951

PAPÉIS AVULSOS
DO
DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA
SECRETARIA DA AGRICULTURA — S. PAULO - BRASIL

AVES DO ITATIAIA

LISTA REMISSIVA E NOVAS ACHEGAS À AVIFAUNA DA REGIÃO

POR

OLIVÉRIO PINTO

I — INTRODUÇÃO

Em fins de 1949, dispôs-se o Departamento de Zoologia a tentar um levantamento da fauna de Aves e Mamíferos da área compreendida pelo Parque Nacional do Itatiaia, colaborando ao mesmo tempo com esse estabelecimento na organização de um pequeno museu zoológico, consoante os desejos do Dr. Duarte Vanderbilt, Diretor daquela importante reserva. A incumbência recaiu no sr. José L. Lima, taxidermista do Departamento em questão, servindo-lhe de assistentes e auxiliares alguns serventuários do Parque, bons conhecedores dos lugares, e também interessados na coleta e preparação de espécimes. Tomou também momentaneamente parte nos trabalhos o próprio Autor, durante a visita que fizera ao local entre meados de novembro e começo de dezembro de 1950, com o objetivo precípuo de colher impressões sôbre o aspecto físico, a vegetação e mais peculiaridades ecológicas dos pontos em que vinha sendo colhido o material.

No presente trabalho daremos conta do que foi feito até aqui no tocante à avifauna, salientando o progresso realizado e lançando as bases sôbre que deverão se apoiar as achegas provenientes das explorações que se possam empreender no futuro, de acôrdo com o plano de trabalho traçado no começo. Para melhor preencher estes fins, passaremos também ràpidamente em revista o resultado das explorações realizadas anteriormente na região do Itatiaia, inventariando todas as formas nela registradas por antecedentes naturalistas e colecionadores.

Nessa tarefa tivemos para nos auxiliar substancialmente a esplêndida monografia de E. Holt sôbre o mesmo assunto, pois que,

além das formas coligidas no Itatiaia pelo próprio autor, inclui ela também a resenha completa das já verificadas na referida serra até a data de sua publicação.

II — APANHADO HISTÓRICO

A primeira referência científica à fauna do Itatiaia parece ser a do botânico Ernesto Ule, quando na qualidade de sub-diretor do Museu Nacional do Rio de Janeiro empreendera em fevereiro de 1894 uma excursão de cêrca de 40 dias no Alto do Itatiaia, também correntemente conhecido, pelo aspecto dominante da vegetação, pelo nome de Campos do Itatiaia. São, porém, brevíssimas as referências feitas por aquele botânico ao panorama zoológico, cifrando-se, no que se refere às aves, à simples informação de que as perdizes, *Rhynchotus rufescens,* eram alí muito comuns, em certa época do ano (1).

Por meados de 1901, em prosseguimento aos trabalhos de Ule, incumbiu o referido Museu os seus assistentes E. Hemmendorff e Carlos Moreira de realizar no mesmo local uma excursão zoobotânica, da qual adviria a primeira contribuição importante para o conhecimento da fauna da região que nos ocupa. Tendo partido do Rio de Janeiro em 12 de junho, após alguns dias gastos em São Paulo, seguiram a 21 os excursionistas para o Itatiaia, e já a 23 se encontravam no alto da serra. Ainda dessa vez, instalaram-se os naturalistas no então chamado Retiro do Ramos, nome que recorda a antiga sede de uma invernada de criação, nesta época parte de uma fazenda de propriedade do sr. Henrique Irineu de Souza, filho do assás conhecido Visconde de Mauá. Permaneceram os dois colecionadores em Retiro do Ramos até 29 de julho, fazendo as observações e reunindo o material que serviram de base ao interessante relatório de viagem, cuja parte zoológica é devida a Carlos Moreira (2). Os resultados ornitológicos dessa expedição, que se resumem a algumas linhas (pg. 163) no relatório que acabamos de citar, foi a seguir estudado com minúcia por Alipio de Miranda Ribeiro (3), que tendo passado também alguns dias no Itatiaia (em novembro de 1904), relata as observações de seu colega, e dá-nos uma lista de 43 espécies, inclusive duas novas para a ciência

(1) Ernesto Ule, *Relatório de uma excursão botânica feita na Serra do Itatiaia,* Arquivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro, vol. IX (1895), pgs. 185-223.

(2) Dr. Ernest Hemendorff e Carlos Moreira, *Relatório das excursões efetuadas na margem esquerda do Rio Branco em São Paulo e no Itatiaia, na serra da Mantiqueira,* Arq. do Mus. Nac., vol. XII (1903) pag. 159-167, com fotografias.

(3) Alípio de Miranda Ribeiro, *Vertebrados do Itatiaia* (Peixes, Serpentes, Sáurios, Aves e Mamíferos), Arquivos do Mus. Nacional, vol. XIII, 1905, pgs. 165-190, com 3 pranchas coloridas.

(*Synallaxis moreirae* e *Musciphaga obsoleta*), juntamente com as obtidas por Carlos Moreira em novas visitas feitas ao Itatiaia, nos anos que se seguiram à primeira.

Em 1906, coube a vez do Museu Paulista tomar a sua parte na exploração zoológica da importante região, sendo disso encarregado o sr. Hermann Lüderwaldt, que visitou os mesmos lugares explorados por Moreira. O material ornitológico obtido por Lüderwaldt nessa sua expedição aos Campos do Itatiaia constava, segundo os registros do Museu, de 64 exemplares, e foi obtido entre 13 de abril e 9 de maio daquele ano. Estudado por H. e R. von Ihering, já em 1907 aparece êle competentemente registrado por êstes autores no conhecido catálogo a que deram então publicidade ([1]). Com muito poucas falhas, acha-se ainda em bom estado, no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo, instituição oriunda, como se sabe, da antiga Divisão Zoológica do museu em questão.

Dois anos depois de ter vindo a lume o "Catálogo" dos Ihering, dava conta o próprio Lüderwaldt de suas observações, em revista zoológica estrangeira ([2]), alistando então ao lado das aves de que conseguira exemplares, aquelas cuja presença teve apenas ocasião de verificar, num total de 99 espécies.

Os anos que se seguiram nenhum acréscimo trouxeram ao conhecimento da fauna alada do Itatiaia, além das referências feitas com base no material de Moreira e Lüderwaldt por um ou outro ornitologista, como Ch. E. Hellmayr ([3]).

Em meados de 1921, ano que ficaria memorável na história da exploração ornitológica da região em foco volveu novamente o Nuseu Nacional as suas atenções para o estudo da história natural da famosa serra, destacando para êsse mister o preparador da secção de Zoologia, Pedro Peixoto Velho. Não há dados precisos sôbre o tempo dispendido então por êste colecionador; mas sabe-se que êle esteve trabalhando na região durante os meses de maio e junho daquele ano. Uma nova viagem foi feita no mesmo local por Peixoto Velho, em fevereiro de 1922. De acôrdo com o relatório publicado pelo próprio colecionador ([4]), verifica-se que

---

([1]) Hermann & Rodolpho von Ihering, *Catálogos da Fauna Brasileira*, I, As Aves do Brasil, pgs. I-XXXVIII, 1-485 (1907). Edição do Mus. Paulista.

([2]) Hermann Lüderwaldt, *Beitrag zur Ornithologie des Campo Itatiaya*, Zoologischen Jahrbüchern, XXVII, pte. 4, pgs. 329-360 (1909).

([3]) Charles E. Hellmayr, *On some Birds from Mount Itatiaya*, Bulletin British Ornitologist's Club, vol. XIX (1907), pgs. 76. As considerações do autor versam particularmente sôbre as formas recém-descobertas, ou novas para a zona (*Synallaxis moreirae*, *Scytalopus speluncae* e *Musciphaga obsoleta*).

([4]) Pedro Pinto Peixoto Velho, *Avifauna da Serra do Itatiaya*, Arq. Mus. Nac., vol. XXIV (1923), pgs. 259-264. Resume-se pràticamente êste trabalho a simples lista sistemática do parco material colecionado.

os 55 espécimes trazidos destas duas excursões foram obtidos em baixas altitudes, nas imediações de Monte Serrate, com exceção apenas de um de *Synallaxis moreirae*, que traz como procedência Retiro do Ramos, demonstrando terem sido também ràpidamente visitados os altos da serra.

Pela mesma época, utilizando o material de Peixoto Velho, publicou também Alípio de Miranda Ribeiro longa nota (1), em que, nem sempre com muita felicidade, submete a cerrada crítica as idéias aceitas no tocante à sistemática de certas formas sujeitas a controvérsia (v. g. *Scytalopus speluncae, Hemitriccus diops, Guracava difficilis*), e apresenta o inventário revisto das de cuja existência no Itatiaia então se tinha o testemunho.

Corria ainda o ano de 1921 quando o American Museum of Natural History, de New York, sob a inspiração de Frank Murphy Chapman, autor de notáveis contribuições sôbre a avifauna da região septentrional andina da América do Sul, lembrou-se de investigar por seu turno a da Serra do Itatiaia, comissionando para tal fim o jovem ornitologista E. G. Holt. Os trabalhos de campo dêste hábil colecionador, cuja importância já tivemos ocasião de encarecer, cobriram toda a estação estival, prolongando-se de 12 de dezembro do mencionado ano a 30 de abril de 1922.

Tendo como principal fito o estudo das variações da avifauna em função das altitudes, abrangeram as pesquisas de Holt os vários níveis da serra, o que aliás não foi difícil, visto como lhe fôra quase sempre possível utilizar como estações de coleta pontos e lugares habitados, aí compreendido o antigo Retiro do Ramos, nessa época completamente remodelado, para servir de sede ao pôsto meteorológico que ainda hoje lá existe. Não será assim necessário dizer que a contribuição de Holt foi, sob todos os pontos de vista, superior em importância às dos que o haviam precedido, estando representadas em suas coleções quase todas as formas obtidas anteriormente, e muitas cuja presença no Itatiaia lhe coube autenticar pela primeira vez. Mas, o que imprime relêvo particular ao relatório (2) por êle dado á publicidade poucos anos mais tarde, ainda mais do que o volumoso material em que se apoia, é o sistemático registro das altitudes e a descrição pormenorizada do aspecto físico de cada ponto visitado.

---

(1) Alípio de Miranda Ribeiro, *Nota crítica sôbre a ornis do Itatiaya*, Arq. Mus. Nac., vol. XXIV (1923), pags. 239-255. Por qualquer motivo, êste trabalho precede no mesmo volume ao supracitado artigo de Peixoto Velho, ao contrário do que seria natural, e do que se depreende de certa passagem contida no seu texto (pg. 240).

(2) Ernest G. Holt, *Ornithology of Serra of Itatiaya, Brazil*, Bulletin American Museum of Natural History, vol. LVII (1928), pags. 251-326), com 25 fotografias (em 14 pranchas).

Êsse trabalho é imprescindível a quem queira estudar o assunto, e nos dispensará de dedicar no presente estudo espaço maior à parte geográfica. Os lugares que serviram a Holt de estação de coleta (Benfica, Monte Serrat, Ponte do Maromba, Macieiras), incluem todos os pontos mencionados na literatura anterior referente à matéria, e serão objeto de nossa atenção em capítudo especial.

III — ESTAÇÃO DE COLETA REFERIDAS NA LITERATURA DO ITATIAIA

Como é de conhecimento geral, conhece-se por Itatiaia um maciço montanhoso pertencente à Serra da Mantiqueira e situado precisamente onde entram em contacto os Estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. A parte mais elevada dêsse maciço é constituida pelas Agulhas Negras, a cujo ponto culminante, o segundo do Brasil em altitude (2.790 metros, segundo Odebrecht) ([1]), se aplica a denominação corrente de Pico do Itatiaia. Abaixo dessa proeminência rochosa e abrupta, estende-se a superficie irregular do planalto (entre as cotas de 2.100 e 2.200 metros de altitude), conhecida pelos nomes de Alto do Itatiaia (Holt) ou, mais comumente, de *Campos do Itatiaia,* em virtude do contraste de sua vegetação baixa e rala, com as matas fechadas das encostas inferiores da serra. Nos primeiros relatórios de expedição dos naturalistas (Ule, Moreira, Miranda-Ribeiro) essa área faunística aparece ordinàriamente sob a designação de Retiro do Ramos, tirada de uma habitação, morada antiga de vaqueiros, que ulteriormente foi substituida pelo atual pôsto meteorológico. Algumas estações de coleta mencionadas nos trabalhos antigos (Moreira, Ribeiro) são simples acidentes dessa área, não encerrando, por consequência maior expressão zoogeográfica, embora dignas de registro do ponto de vista da ecologia das espécies. Estão nêste número Morro Redondo e Morro dos Carneiros, pequenas eminências de terreno, cobertas, segundo Holt, de vegetação nos flancos e desnudados no tope; Caminho do Couto, via abandonada, que descia em direção ao Rio Itatiaia (formador do Rio Maromba); a Pedra do Couto e o Bengalal do mesmo nome, indicativo o último da presença dominante de certa bambusácea (*Chusquea,* sp.).

Abaixo do planalto os pontos explorados pelos colecionadores e ornitologistas localizam-se também todos no Estado do Rio de Janeiro, e marcam degraus sucessivos da encosta este-meridional da Serra do Itatiaia. Acompanham o sentido do Rio Campo

([1]) O ponto culminante do país, conforme a mesma autoridade, citada por Holt é o Pico da Bandeira, situado na Serra do Caparaó, nos limites de Minas Gerais com o Estado do Espírito Santo.

Belo (cuja parte superior, torrentosa, é conhecida por Rio Maromba), afluente pela margem esquerda (ou septentrional) do Rio Paraíba, que corre no fundo do vale, separando a Serra da Mantiqueira da Serra da Bocaina (parte da Serra do Mar). Deles o mais elevado é o lugar ainda hoje chamado *Macieiras* (cêrca de 1.860 metros de altitude), antigo pomar de frutas européias (mandado plantar pelo já mencionado filho do Visconde de Mauá) e, posteriormente à transformação da zona em Reserva Florestal, pouso de trabalhadores e viajantes. Para Holt, Macieiras assinala o limite entre o que êle chama zona temperada e zona tropical, conceito ravoávelmente apoiado pela natureza da flora e composição da avifauna. Cêrca de 700 metros abaixo de Macieiras, em meio de florestas secundárias, e distante uns dez quilometros, fica a *Ponte do Maromba* (1.100 metros de altitude), importante estação de coleta que assinala o ponto onde a estrada de rodagem transpõe, sôbre profunda garganta, o rio homônimo, a partir daí chamado Campo Belo.

Monte Serrate, com a sua velha casa de residência, destaca-se como importante estação no relatório de todos os colecionadores que trabalharam no Itatiaia, de Moreira e Miranda Ribeiro a E. Holt. Segundo êste último, era aí, a cêrca de 823 metros de alttiude, a sede da primitiva Reserva Florestal, a qual com a sua transformação em Parque Nacional do Itatiaia, passou a localizar-se em nível um pouco mais alto (900 metros de altitude). O lugar, de há muito despojado de sua mataria, perdeu o nome primitivo e figura nas coleções de Lima com um número reduzido de peças.

Em nível ainda mais baixo, entre as altitudes que se podem calcular, segundo os dados de Holt, em 450 a 600 metros, ficava a antiga colônia de *Benfica,* também representada nas coleções do mesmo ornitologista. Constituida, à época, de pequenos vales despidos de mata, não difere quanto à avifauna das terras quentes próximas ao vale do Rio Paraíba, em cuja margem septentrional desagúa o Rio Campo Belo, e se situa o lugarejo do mesmo nome. Corresponde aparentemente ao local em que veio localizar-se um Sanatório para a cura de doentes pulmonares.

IV — ESTAÇÕES DE COLETA E LUGARES DE PROCEDÊNCIA DO MATERIAL COLECIONADO PELO DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

O itinerario seguido e as estações feitas pelo sr. Lima e auxiliares nas visitas ao Itatiaia obedeceram à mesma rota seguida pelos seus predecessores, mas só com ela coincide em suas linhas gerais. A vizinhança da sede do Parque do Itatiaia, com as instalações e residências que dela fazem parte, cerceou até certo ponto a liberdade dos colecionadores, que se viram constrangidos a excluir ou adiar a coleta de espécimes nesse nível da serra (900 metros de alti-

tude). Com isso, ficaram faltando à série em estudo algumas formas peculiares às baixas altitudes e cuja presença só nelas pôde ser verificada (p. ex. *Crotophaga ani, Coereba flaveola chloropyga*).

A falta de denominação própria capaz de assinalar todas as estações visitadas, fez com que às vezes fosse adotado o alvitre de referi-las à distância da sede do Parque Nacional, em quilômetros, pela estrada de rodagem que dêle parte em direção às Agulhas Negras.

Isto dito, vamos passar em revista, por ordem decrescente de altitude, as estações de coleta feitas pelo sr. J. L. Lima, nas suas visitas ao Itatiaia, em três anos consecutivos.

Alto do Itatiaia (cêrca de 2.500 metros de altitude). Uma semana, em fins de maio (dias 20 a 26) de 1951. Zona de campo, de avifauna muito pobre e ainda mais rarefeita com a próxima chegada do inverno. É o habitat de *Oreophylax moreirae*, de todas as formas a mais característica.

Macieiras (1.810 metros). Dista 14 quilômetros do Parque e corresponde ao nível mais alto das matas que vestem as encostas. Foi visitada pela primeira vez durante o verão de 1949 (5 a 13 de dezembro) e depois em 1951, no começo do inverno (27 a 31 de maio). Nesta estação também se compreendem os exemplares rotulados como dos quilômetros 16 e 17.

Maromba (1.200 metros). Refere-se ao local em que a administração do Parque fez últimamente construir, a 4 1/2 quilômetros acima da sede, dois pequenos pavilhões para residência de visitantes e naturalistas. De regra acusam essa procedência não só os exemplares coligidos nas proximidades mesmas do acampamento, mas também os obtidos em outros níveis da encosta densamente florestada da serra, como é o caso da gruta (quilôm. 10) em que foram por nós coligidos os exemplares de *Streptoprocne zonaris* (cêrca de 1.500 mtr. de altitude). No que se refere ao número de visitas, duração dos trabalhos e número de espécimes coligidos, é essa a mais importante das estações feitas no Itatiaia pelo Departamento de Zoologia. Depois de uma primeira e breve estada em meados de dezembro de 1949 (dias 14 a 18), Lima nela passou os últimos dias (25 a 31) de Julho de 1950 e quase todo o mês de agosto (dias 1 a 28) seguinte, voltando ainda em outubro (dias 7 a 12), em companhia do Autor, que tomando também parte nos trabalhos de campo, teve a oportunidade de conhecer a região em cuja exploração ornitológica se estava interessado.

Ponte do Maromba (1.100 metros). A despeito de muito vizinha da precedente, da qual fica mais abaixo apenas uma centena de metros, figura a ponte sôbre o Rio Maromba (ou Campo Belo) como estação independente nos rótulos da coleção de Lima. Os espécimes que acusam essa procedência correspondem à segunda

quinzena de dezembro (dias 19 a 23) de 1949 e à primeira de janeiro (dias 6 a 15) de 1950; mas não poucos dos rotulados como da estação anterior foram também colecioados neste nível.

Fazenda Valparaizo (570 metros). Alguns exemplares ornitológicos procedem dêste sítio, explorado pelo colecionador nos dias 16 a 18 de janeiro de 1950. Situa-se próximo à estação férrea de Engenheiro Passos, no sopé da Serra do Itatiaia, em altitude equivalente à da antiga colônia de Benfica, explorada por Holt.

Fazenda Bela Vista (540 metros). Não pertence esta propriedade à região que estudamos; não obstante acha-se representada na coleção de Lima por alguns exemplares próprios da avifauna do vale do Paraiba, cujo confronto com a do Itatiaia é dos mais instrutivos. Situa-se ela na margem direita do Rio Pirapitinga, pequeno afluente da margem septentrional daquele rio principal, em oposição à cidade de Rezende. Foi visitada entre 30 de agosto e 4 de setembro de 1950.

Recapitulando, daremos a seguir, na ordem cronológica, as temporadas de coleta feitas por Lima, segundo o seu diário:

1949
Macieiras, (I): 5 a 13 de dezembro.
Maromba (quilômetro 6), (I): 14 a 18 de dezembro.
Ponte do Maromba, (I): 19 a 23 de dezembro.

1950
Ponte do Maromba, (II): 6 a 15 de janeiro (os exemplares colecionados nêste período não foram integrados na coleção trazida para o Dept. de Zoologia).
Fazenda Valparaizo: 16 a 18 de janeiro.
Maromba, (II): 25 de julho a 28 de agosto.
Fazenda Bela-Vista: 30 de agosto a 4 de setembro.
Engenharia: 4 a 8 de setembro.

1951
Alto do Itatiaia (Varzea do Lírios): 20 a 26 de maio.
Macieiras, (II): 27 de maio a 31 de junho.
Maromba, (III): 3 a 15 de junho.

V — CONSIDERAÇÕES GERAIS

Um balanço dos rsultados ornitológicos pelas excursões do Départamento do Zoologia ao Itatiaia nos dará boa medida de sua contribuição para o melhor conhecimento da avifauna da famosa região, que é seguramente uma das mais exploradas do Brasil, sob êste ponto de vista.

Fazendo abstração das já registradas pelos naturalistas que nos prcederam nesse estudo, mas de que só agora se obtiveram

exemplares (*Coragyps atratus foetens, Cathartes aura ruficollis, Pionopsitta pileata, Macropsalis forcipata, Phaethornis eurynome, Agyrtrina versicolor brevirostris, Archiplanus albirostris*), as coleções atuais vieram acrescentar nada menos de 37 formas às 187 incluidas por Holt em seu trabalho, fazendo montar a 224 o número das espécies ou raças geográficas de aves comprovadamente existentes na Serra do Itatiaia.

Damos a seguir a lista dessas adendas:

Harpagus diodon
Buteo mognirostris magniplumis
Leucopternis polionota
Oreopeleia montana montona
Pulsatrix melononota koeniswoldiona
Lurocolis semitorquatus nattereri
Nyctidromus albicollis derbyonus
Lophornis magnificus
Trogon rufus chrysochloros
Trogon surrucura surrucura
Baryphthengus ruficopillus
Notarchus macrorhynchus swainsoni
Amaurospiza moesta
Dendrocincla fuliginosa turdino
Lepidocoloptes squamatus squamatus
Anumbius anumbi
Xenicopsoides amaurotis
Philydor lichtensteini
Xenops rutilans rutilans
Sclerurus scansor scansor
Biatas nigropectus
Myrmotherula guloris
Grollaria ochroleuca nattereri
Lipaugus lanioides
Pachyramphus costancus castaneus
Ilicura militaris
Sirystes sibilator sibilotor
Platyrinchus mystaceus mystaceus
Ceratotriccus furcotus
Xanthomyias virescens virescens
Phyllomyias griseocapilla
Oxyruncus cristatus cristatus
Chlorophonia cyanea cyanea
Hemithraupis ruficapilla ruficapilla
Orchesticus abeillei
Sporophila frontalis

O conceito de zonas biológicas, instituido por Chapman em seus clássicos trabalhos sôbre a avifauna da Colombia e do Ecuador, foi utilizado por E. Holt na sistematização das aves do Itatiaia, distribuidas por êle em três zonas — Tropical, Subtropical e Temperada —, de acôrdo com as altitudes e as condições climáticas de que estas são fator predominante. Tal critério distribucional deixa em segundo plano as condições ecológicas do meio, não obstante bastante poderosas para suplantar as determinadas pela variação do clima em função das altitudes. Prova disso é a tendência, reconhecida por Holt, que no Itatiaia apresenta a Zona Tropical de expandir-se serra acima, em detrimento de Zona Subtropical superjacente, como consequência da destruição das matas, que assinalam esta última. Também, afigura-se-nos em certos casos extravagante a aplicação do conceito de zona, como quando leva êle a incluir nas listas faunísticas certas formas cuja presença é excluída pelas condições de habitat e só virtualmente pode ser admitida.

Não obstante, a nossa observação justifica plenamente a discriminação da avifauna do Itatiaia em três zonas conforme foi proposto por Holt, a saber:

a) Zona quente (denominação que preferimos à de tropical), compreendendo as porções inferiores das encostas da Serra, sem limites fixos com as do vale do Rio Paraiba. Esta zona é atualmente constituida predominantemente de terrenos descobertos, mas abrange também consideráveis extensões de mata. A ele percentem nas coleções de Lima exemplares obtidos nas Fazendas Valparaizo (570 mts. de alt.) e Bela Vista (540 mts.), na sede do Parque Nacional (Monte Serrate (900 mts.) e também, em parte, na Ponte do Maromba (1100 mts.).

b) Zona intermédia (aproximadamente equivalente à zona subtropical de Holt), abrangendo os flancos florestados da Serra, em que abundam elementos representativos da vegetação higrófila própria da serra marítima. Em seu limiar situamos a estação de Maromba (1.200 mts.), a que pertence o grosso das coleções conseguidas pelo Departamento de Zoologia. Sem limites definidos com a zona anterior, os seus níveis mais baixos participam largamente da avifauna da zona quente; nos níveis mais elevados surgem algumas formas, como *Tijuca nigra,* de todo ausentes nas pequenas altitudes.

c) Zona temperada, constituida pela porção mais elevada da Serra, onde, a princípio, as matas cedem lugar à vegetação campestre de gramíneas e pequenos arbustos muito característicos do Planalto, até chegar aos picos rochosos

e despidos de vegetação, que terminam a montanha. Abstraindo dêstes últimos, é essa região, correntemente conhecida pela denominação de Campos do Itatiaia, ou chamada às vezes simplesmente de Alto do Itatiaia, a mais importante do ponto de vista botânico e zoológico, e o principal incentivo das explorações dos naturalistas.

Dentre as espécies ornitológicas que lhe são próprias, merece destaque *Oreophylax moreirae*, não privativa aliás, visto que ocorre também na Serra do Caparaó (entre Minas e Espírito Santo) em altitudes equivalentes.

VI — LISTA SISTEMÁTICA (1)

Fam. *TINAMIDAE*

Crypturellus obsoletus obsoletus (Temminck) *Nambu-guaçu*

Crypturus obsoletus Ribeiro, 1905, Arq. Mus. Nac., XIII, pg. 180 — *Campo ou Morro Redondo (*Moreira* col.); Lüderwaldt, 1909, Zool. Jahrb., XXVII, pg. 336 — Itatiaia (só observado); Ribeiro, 1923, Arq. Mus. Nac., XXIV, pg. 253 (referência ao material de Moreira); Peixoto Velho, 1923, loc. cit., pg. 259 — *Monte Serrate.

Crypturus obsoletus obsoletus Holt, 1928, Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 278 (refer.).

Maromba: 1 ♂ ad., 8 de junho de 1951 (1.200 mts. de alt.); 1 ♀ ad., 27 de julho de 1950; 1 exemplar de sexo indet., 15 de junho de 1951 (1.100 mts.).

***Crypturellus tataupa tataupa** (Temminck) *Inambu chintã*

Crypturus tataupa Ribeiro, 1923, Arq. Mus. Nac., XXIV, pg. 253 — Monte Serrate (refer. ao material de Peixoto Velho); Peixoto Velho, 1923, loc. cit., pg. 259 — *Monte Serrate.

Crypturus tataupa tataupa Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 278 — *Ponte do Maromba.

Maromba: 1 ♂ ad., 12 de junho de 1951 (alt. 1.200 mts.).

Rhynchotus rufescens rufescens (Temminck) *Perdiz*

Rhynchotus rufescens Ule, 1895, Arq. Mus. Nac., IX, pg. 194 — Campos do Itatiaia (só observada); Ribeiro, 1905, Arq. Mus. Nac., XIII, pg. 172 — Retiro do Ramos (observada); Lüderwaldt, 1909, Zool. Jahrb., XXVII, pg. 337 (observada); Ribeiro, 1923, Arq. Mus. Nac., XXIV, pg. 253 (referência).

Rhynchotus rufescens rufescens Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 279 — Alto do Itatiaia (no campo, a cêrca de 7.200 pés de altitude).

---

(1) Um asterisco (*) assinala na lista as formas de que o Departamento de Zoologia obteve material. Na sinonímia, os nomes das localidades em que houve coleta de espécimes são tambem precedidos do mesmo sinal.

Nothura maculosa maculosa (Temminck) *Codorna*

Nothura maculosa Ribeiro, 1905, Arq. Mus. Nac., XIII, pgs. 172 e 173 — Retiro do Ramos (só observada).

Nothura maculosa Ribeiro, 1923, Arq. Mus. Nac., XXIV, pgs. 141 e 253 — (referência).

Nothura maculosa maculosa Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 279 (cita apenas a observação de Ribeiro).

Fam. *CATHARTIDAE*

***Coragyps atratus foetens** (Lichtenstein) *Urubu comum*

Catharistes atratus Ribeiro, 1905, Arq. Mus. Nac., XIII, pg. 273 — Pedra Assentada (observado apenas).

Catharistes atrata Ribeiro, 1923, Arq. Mus. Nac., XXIV, pg. 243 (referência).

Catharista atratus Ribeiro, 1923, Arq. Mus. Nac., XXIV, pg. 253 — Retiro do Ramos (só observado).

Coragyps atratus brasiliensis Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 282 (observado frequentemente em todas as altitudes).

MONTE SERRATE: 4 exemplares adultos, dos quais se esqueceu de verificar o sexo, foram colecionados e preparados para montagem, em 27 de janeiro de 1950.

***Cathartes aura ruficollis** Spix *Urubu de cabeça vermelha*

Oenops aura Ribeiro, 1905, Arq. Mus. Nac., XIII, pg. 172 — abaixo de Monte Serrate (só observado).

Cathartes aura Lüderwaldt, 1909, Zool. Jahrb., pg. 340 (só observado); Ribeiro, 1923, Arq. Mus. Nac., XXIII, pgs. 243 e 254 (referência); Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 283 — Alto do Itatiaia (observ.).

MONTE SERRATE: 1 adulto (de sexo não verificado) coligido em 27 de janeiro de 1950 (montado para exposição).

Fam. *ACCIPITRIDAE*

Elanoides forficatus yetapa (Vieillot) *Gavião tesoura*

Elanoides fortificatus yetapa Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, Itatiaia (bando observado voando a grande altura); Ribeiro, 1923, Arq. Mus. Nac., XXIV, pg. 253 — Retiro do Ramos (simples referência).

Elanoides forficatus âetapa Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 283 (refer. à observ. de Lüderwaldt).

***Harpagus diodon** (Temminck) *Gavião*

PARQUE NACIONAL DO ITATIAIA (sede): 1 ♀ ad., 24 de fevereiro de 1950; 1 ♂ juv., 25 de janeiro de 1950.

PONTE DO MAROMBA: 1 ♂ ad., 23 de dezembro de 1949.

Os calções côr de chocolate são carater constante nesta espé-

cie, e acham-se presentes tanto nos adultos, como nas aves novas. Gavião aparentemente comum nas matas do Itatiaia, a meia encosta da serra, não obstante só agora tenha sido registrado na região.

***Accipiter erythronemius erythronemius** Kaup

Accipiter erythronemius erythronemius Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 283 — *Morro dos Carneiros.

Macieiras: ♂, 9 de dez. de 1949.

***Buteo magnirostris magniplumis** (Bertoni)

Maromba: 1 ♂ ad., junho 10 de 1951 (alt. 1.200 mts.); 1 ♀ subad., 12 de jun. de 1951 (mesma alt.).

***Buteo leucorrhous** (Quoy & Gaimard)

Rupornis leucorrhoa Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 283 — *Itatiaia (a 3.700 e 6.600 pés de altitude).

Maromba: 1 ♂ adulto.

O exemplar foi colecionado e preparado pelo sr. Hélio Gouveia, funcionário do Parque Nacional, em data de que não ficou nota.

Spizaetus tyrannus Wied *Gavião pega-macaco*

Afirma Lima ter avistado este grande gavião nas cercanias da Ponte do Maromba, em vôo.

***Leucopternis polionota** Kaup *Gavião-pomba*

Maromba: 1 ♀ adulta, de 11 de outubro de 1950.

Fam. *FALCONIDAE*

***Micrastur ruficollis ruficollis** (Vieillot) *Gavião caburé*

Micrastur ruficollis Ribeiro, 1905, Arq. Mus. Nac., XIII, pg. 187 — *Retiro do Ramos (Moro dos Carneiros).

Milvago chimachima chimachima (Vieillot) *Cara-cará pinhé*

Ibicter chimachima Ribeiro, 1905, Arq. Mus. Nas., XIII, pg. 187, em nota margin. — Itatiaia (só observado).

Milvago chimachima Lüderwaldt, 1909, Zool. Jahrb., XXVII, pg. 340 (observado).

Milvago chimachima chimachima Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 283 (referência às observações de Ribeiro e Lüderwaldt).

Visto por Lima nas imediações da sede do Parque.

Falco sparverius cearae (Cory) (1) *Quiri-quiri*

Tinnunculus sparverius cinnamominus Lüderwaldt, 1909, Zool. Jahrb., pg. 341 — Alto do Itatiaia (só observado).

Tinnunculus sparverius Ribeiro, 1923, Arq. Mus. Nac., XXIV, pgs. 243 (referência) e 253 (id.).

Fam. *CRACIDAE*

***Penelope obscura bronzina** Hellmayr *Jacu-açu*

Penelope jacu-açu Ribeiro, 1905, Arq. Mus. Nac., XIII, pg. 179 — *Retiro do Ramos.

Penelope obscura Lüderwaldt, 1909, Zool. Jahrb., XXVII, pg. 337 (referência); Ribeiro, 1923, Arq. Mus. Nac., XXIV, pg. 241 (crit.).

Penelope obscura Lüderwaldt, 1909, Zool. Jahrb., XXVII, pg. 337 (referên- pg. 280 — *Itatiaia (na mata, entre 3.700 e 6.650 pés de altitude).

MAROMBA: 1 ♂ ad., 21 de dez. de 1949; 1 ♀ ad., 20 do mesmo mês.

Pipile jacutinga (Spix) *Jacutinga*

Pipile jacutinga Ribeiro, 1905, Arq. Mus. Nac., XIII, pg. 179, em nota margin. — Itatiaia (observado na subida da serra).

Cumana jacutinga Ribeiro, 1923, Arq. Mus. Nac., XXIV, pg. 253 — Monte Serrate (simples referência ao registro anterior, com a designação mais precisa da localidade).

Informa o sr. Lima ter observado em setembro um casal na orla da mata, entre a sede do Parque e a Ponte do Maromba.

Fam. *PHASIANIDAE*

Odontophorus capueira capueira (Spix) *Capueira*

Odontophorus capueira Ribeiro, 1905, Arq. Mus. Nac., XIII, pg. 179, em nota marg. — Itatiaia (observado por Moreira "na subida da Serra"); Lüderwaldt, 1909, Zool. Jahrb., XXVII, pg. 338 — Itatiaia (observ. nas matas da Serra); Ribeiro, 1923, Arq. Mus. Nac., XXIV, pg. 253 — Monte Serrate (material de Peixoto Velho); Peixoto Velho, 1923, Arq. Mus. Nac., XXIV, pg. 259 — *Monte Serrate; Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 281 (não observado).

Fam. *CARIAMIDAE*

Cariama cristata (Linné) *Seriema*

Microdactylus cristatus Lüderwaldt, 1909, Zool. Jahrb., XXVII, pg. 339 — Campos do Itatiaia (avistada uma vez, pela manhã).

---

(1) Conover & Hellmayr (Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XIII, parte I, N.° 4, pg. 344, nota 3) concluiram pela identidade entre *Falco sparverius eidos* Peters, 1931 e *Cerchneis sparveria cearae* Cory, 1915.

Fam. *COLUMBIDAE*

Columba plumbea plumbea Vieillot *Pomba amargosa*

Columba plumbea Ribeiro, 1905, Arq. Mus. Nac., XIII, pg. 180 — *Retiro do Ramos; Iher. & Ihering, 1907, Catal. Fauna Brasil., I, Aves, pg. 20 — Itatiaia (exempls. de Lüderwaldt); Lüderwaldt, 1909, Zool. Jahrb., XXVII, pg. 338 — *Alto do Itatiaia; Ribeiro, 1923, Arq. Mus. Nac., XXIV, pgs. 243 e 253 (referência).

Columba plumbea plumbea Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 281 — *Itatiaia (entre 2.700 e 6.900).

Macieiras: 1 ♂ e 1 ♀, 6 de dez. de 1949; 1 ♂ ad., 29 de maio de 1951 (alt. 1.810 mts.); um exempl. imat. (♀ ?), de 29 de junho de 1951 (mesmo nível).

Columbigallina talpacoti talpacoti (Temminck) *Rôla caldo-de-feijão*

Chamaepelia talpacoti Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 281 — Benfica (observada).

***Claravis godefrida** (Temminck) *Pomba-espelho*

Maromba (quilom. 6): 2 ♂ ♂ ad., 13 e 18 de agosto (1950); 1 ♀ ad., 8 de junho de 1951 (1.200 mts. de altit.).

Segundo as informações colhidas pelo sr. Lima esta parari ocorre às vezes em grande abundância nas vizinhanças do Itatiaia.

***Leptotila rufaxilla reichenbachii** Pelzeln *Juriti*

Leptoptila rufaxilla Ribeiro, 1905, Arq. Mus. Nac., XII, pg. 180 — *Caminho do Couto; idem, 1923, publ. cit., vol. XXIV, pg. 243 refer.).

Leptoptila reichenbachi Ribeiro, 1923, Arq. Mus. Nac., XXIV, pg. 253 (referência); Holt, 1928, Bull. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 282 (refer.).

Maromba (1.200 mts.): 3 ♂ ♂ ads., de 8,8 e 12 de junho de 1951; 1 ♀ ad., de 8 de jun. do mesmo ano.

***Oreopelcia montana montana** (Linné) *Juriti cabocla*

Macieiras (1.810 mts.): 1 ♀ imatura, 27 de maio de 1951.

A espécie é nova para o Itatiaia.

Fam. *CUCULIDAE*

***Piaya cayana macroura** Gambel *Alma de gato*

Piaya cayana Lüderwaldt, 1909, Zool. Jahrb., XXVII, pg. 246 — Itatiaia (só observada); Ribeiro, 1923, Arq. Mus. Nac., XXIV, pgs. 245 (material de Peixoto Velho) e 253 (referência); Peixoto Velho, 1923, op. cit., pg. 260 — *Monte Serrate.

Piaya cayana macroura Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 289 — *Itatiaia (observ. até 5.200 pés de altitude).

MAROMBA (1.200 mts.): 2 ♂♂, 19 de dez. de 1949 e 10 de jun. de 1951; 2 ♀♀ ads., 18 de ag. de 1950 e 7 de junho de 1951.

Crotophaga ani Linné *Anum*

Crotophaga ani Peixoto Velho, 1923, Arq. Mus. Nac., XXIV, pg. 260 em nota margin. — Monte Serrate (só observado); Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 289 — *Benfica e Monte Serrate.

Guira guira (Gmelin) *Anum branco*

Guira guira Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 281 — Benfica e Alto do Itatiaia (7.150 pés de altit.).

Embora peculiar às zonas abertas do interior, o anum branco aparece, de passagem e sempre aos pequenos bandos, nas partes mais altas da faixa litorânea, podendo ser visto na própria cidade de São Paulo.

Fam. *PSITTACIDAE*

Aratinga auricapilla aurifrons Spix

Conurus auricapillus Ribeiro, 1905, Arq. Mus. Nac., XIII, pg. 181, em nota margin. — Itatiaia (observado nas matas da Serra, a meia encosta); idem, 1923, publ. cit., vol. XXIII, pg. 244 (referência à observ. anterior, dá como existindo no Retiro do Ramos, seguramente por inadvertência); idem, idem, pg. 253 (nesta nova referência, como localidade dá "Meio da Serra", o que retifica o engano anterior).

***Pyrrhura frontalis frontalis** (Vieillot) *Tiriba*

Pyrrhura vittata Ribeiro, 1905, Arq. Mus. Nac., XIII, pg. 181 — *Caminho do Couto; idem, 1923, Arq. Mus. Nac., XXIV, pgs. 244 e 253 (referência); Peixoto Velho, 1923, Arq. Mus. Nac., XXIV, pg. 260 — *Monte Serrate.

Pyrrhura vittata vittata Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 284 — *Monte Serrate, Macieiras ("is one of the commonest, and certainly the noisiest, of the birds on Itatiaya").

MAROMBA: 1 ♂ e 1 ♀, 19 de dez. de 1949; 2 ♂♂, 26 de jul. de 1950 e 3 de 8 de jun. de 1951; 2 ♀♀, 7 e 8 de junho de 1951.

MACIEIRAS: 1 ♀, de dez. 6; 2 ♂♂ de dez. 7; 1 ♂ de dez. 9 (1949).

Forpus passerinus vividus (Rigdway) *Tuim*

Psittacula passerina Ribeiro, 1923, Arq. Mus. Nac., XXIV, pgs. 244 (material de Peixoto Velho) e 253 (refer.); Peixoto Velho, 1923, publ. cit., pg. 260 — *Monte Serrate.

Psittacula vivida vivida Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 285 — *Monte Serrate (avistado também em Benfica).

***Brotogeris tirica** (Gmelin) *Periquito*

MAROMBA (quiloms. 6 e 7); 2 ♂♂ ad., 17 e 14 de dez. de 1949; 1 ♂ ?, 8 de agosto de 1950; 1 ♂ e 1 ♀, 10 de jun. de 1951; 1 ♀, 12 e 2 exempls. de sexo ign., 7 e 12 do mesmo mês e ano.

Pionus maximiliani siy (Souancé) *Maitaca*

Pionus menstruus Peixoto Velho, 1923, Arq. Mus. Nac., XXIV, pg. 260 — Monte Serrate (só observ.).

Pionus maximiliani maximiliani Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 285 — *abaixo de Macieiras.

***Pionopsitta pileata** (Scopoli) *Piriquito-rei*

Pionopsitta pileata Lüderwaldt, 1909, Zool. Jahrb., XXVII, pg. 343 — Agulhas Negras (observado); Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 286 — Itatiaia (só observado).

Pionopsittacus pileatus Ribeiro, 1923, Arq. Mus. Nac., XXIV, pgs. 244 e 253 (citações).

MAROMBA: 2 ♂♂ e 2 ♀♀, 26 de julho de 1950; 1 ♂ de 28 de julho de 1950.

Ao inverso do que pareceu a Holt, esta espécie era longe de ser rara, pelo menos nas cercanias da Ponte de Maromba, durante a estada do sr. L. Lima.

Fam. *STRIGIDAE*

***Rhinoptynx clamator clamator** (Vieillot)

Um exemplar, sem outra indicação além de "Itatiaia", colecionado provàvelmente nas imediações do Parque Nacional, pelo sr. Hélio Gouveia, funcionário do dito.

***Pulsatrix melononota koeniswaldiana** (Bertoni) *Curujão da mata*

Entre os primeiros exploradores, Lüderwaldt (Zool. Jahrb. XXVII, pg. 341) é o único a mencionar a ocorrência da espécie, cujo canto diz ter ouvido no alto do Itatiaia.

MAROMBA: 1 ♂ ad., 10 de jan. de 1950.

MAROMBA (quilômetro 6): 1 ♀, de 18 de dezembro de 1949.

***Ciccaba hylophilum** (Temminck) *Curuja do mato*

Ciccaba hylophilum Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 284 — *Itatiaia (1 exempl. abatido a 3.800 pés).

MACIEIRAS: 1 ♂ e 1 ♀ de dez. 12 (1949); 1 ♀, 9 de dez.; 1 insex., 7 de dez. de 1949.

MAROMBA: 1 ♀ ad., 6 de junho de 1951.

***Glaucidium brasilianum brasilianum** (Gmelin) *Caburé*

Glaucidium brasilianum brasilianum Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 284 — *Itatiaia (entre 2.500 e 3.800 pés de altit.).

MAROMBA (incl. quilom. 6): 1 ♀, 17 de dezembro de 1949; 1 ♂ e 2 ♀♀, 21 de dezembro de 1949.

Fam. *CAPRIMULGIDAE*

***Lurocalis semitorquatus nattereri** (Temminck) *Curiango*

MAROMBA (quilom. 6): 1 ♂ e 1 ♀, 13 de dezembro de 1950.

Abatidos à noitinha, em pleno vôo, na vizinhança imediata do acampamento.

***Macropsalis forcipata** (Nitzsch) *Curiango-tesoura*

Macropsalis forcipata Holt, 1928, Bull. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 286 — Macieiras (observado).

MONTE SERRATE: 1 ♂ adulto, col. em 20 de junho de 1951.

Vários exemplares foram caçados por pessoal do Parque, nas adjacências da sede, figurando no museu do referido estabelecimento.

***Nyctidromus albicollis derbyanus** Gould *Curiango*

MONTE SERRATE: 1 ♀ adulta, col. em 20 de junho de 1951.

Fam. *MICROPODIDAE*

***Streptoprocne zonaris zonaris** (Shaw) *Andorinhão*

Chaetura biscutata (não de Sclater) Ribeiro, 1905, Arq. Mus. Nac., XIII, pg. 182 — Retiro do Ramos; idem 1923, publ. cit., XXIII, pg. 253 (referência).

Streptoprocne zonaris zonaris Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 286 — acima de Monte Serrate, até Alto do Itatiaia.

MAROMBA (quilom. 10 alt. de 1500 mts.): 2 ♀♀, 9 de dez. de 1950.

Obtivemos êstes exemplares numa pequena caverna aberta entre grandes pedras pelo pequeno córrego de montanha que é cortado pela estrada na cota aproximada de 1.500 metros. De um tiro conseguiram-se cinco, entre os muitos indivíduos que a custo se podiam divisar na semiescuridão, colados à parede, e expostos permanentemente aos borrifos da água que penetra em cascata pelo teto da caverna. Alguns ficaram para o museu do Parque.

Cypseloides fumigatus (Streubel)

Cypseloides fumigatus Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 287 — *Monte Serrate (ninho com filhotes, no forro de uma casa).

Fam. *TROCHILIDAE*

Phaethornis eurynome (Lesson)

Phaethornis eurynome Lüderwaldt, 1909, Zool. Jahrb., XXVII, pg. 344 — Monte Serrate e Campos do Itatiaia (só observado); Ribeiro, 1923, Arq. Mus.

Nac., XXIV, pgs. 244 e 253 (ex Lüderwaldt); Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 323 (referências e comentários).

Maromba (quilom. 6): ♀, 17 de dezembro de 1949.

Holt, que só teve oportunidade de encontrar *Phaethornis squalidus,* põe em dúvida as observações de Lüderwaldt com relação à presença de *Ph. eurynome* no Itatiaia. Entretanto, esta dúvida deve cessar em face do exemplar autêntico dêste último colecionado por Lima nas matas da Serra, acima da Ponte do Maromba. A despeito da semelhança singular que há entre estas duas espécies, é impossível a confusão entre ambas; *Ph. eurynome* deixa-se reconhecer imediatamente pelo seu tamanho muito maior (mais de 15 cms. de comprimento total, dos quais cêrca de 3 e meio para o bico), de par com o colorido branco puro das extremidades de todas as rectrizes (as laterais são arruivadas na ponta em *Ph. squalidus*), e a tonalidade muito menos acanelada das partes inferiores. Segundo posso observar, *Ph. eurynome* parece possuir distribuição mais estritamente serrana do que *Ph. squalidus,* espécie que está representada em nossas coleções por exemplares de Chaves (Espírito Santo) e Iporanga (sul de São Paulo).

Merece ainda destaque a circunstância de não figurar *Ph. squadilus* entre os beija-flores encontrados no Itatiaia pelo sr. Lima.

Phaethornis squalidus (Temminck)

Phaetornis squalidus Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 287 — *Itatiaia (a 3.000 e 7.400 pés).

Holt é o único autor a notificar a presença desta espécie no Itatiaia, cabendo também aquí as considerações feitas por nós com relação a *Ph. eurynome.*

***Phaethornis pretrei** (Lesson & Delattre)

Phaethornis pretrei Ribeiro, 1923, Arq. Mus. Nac., XXIV, pgs. 245 e 253 (material de Peixoto-Velho); Peixoto Velho, op. cit., pg. 260 — *Monte Serrate.

Fazenda Valparaizo: 1 ♂, colecionado pelo sr. Lima, próximo à estação de Engenheiro Passos, na base da serra.

Melanotrochilus fuscus (Vieillot) *Beija-flor preto*

Melanotrochilus fuscus Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 287 — *Monte Serrate.

Agyrtrina versicolor brevirostris (Lesson)

Maromba: 1 ♂, 11 de junho de 1951.

A ocorrência de *Agyrtrina versicolor* no Itatiaia só agora é revelada, embora nada tenha de estranhável. O exemplar, um ♂ aparentemente adulto, apresenta a garganta e porção subjacente do pescoço brancos, com algumas manchinhas verdes junto do mento;

nisso se assemelha à generalidade dos espécimes da Serra do Mar e faixa litorânea de São Paulo e Rio de Janeiro. Nos indivíduos do interior de São Paulo, sul de Goiás (Jaraguá, Rio das Almas, Inhumas) e Mato Grosso (Coxim, Palmeiras, perto de Chapada) a garganta e o pescoço são invariàvelmente verdes, embora às vezes com mistura de branco, por efeito da maior ou menor exposição da porção basal das penas. Em que pese a grande variàbilidade do caráter em questão nas populações litorâneas e serranas do Brasil estemeridional, não se nos afigura possível deixar de reconhecer com base nele duas raças geográficas suficientemente caracterizadas.

É êsse um problema para o qual desde muitos anos se tem voltado a nossa atenção, em face da grande divergência entre os autores que dêle têm tratado. Hellmayr, a princípio (1), não hesitou em reconhecer, sob a denominação de *Agyrtrina versicolor brevirostris* (Lesson), uma forma particular nas aves do septentrião, especialmente da Bahia, por apresentarem "le menton, le milieu de la gorge et de la poitrine, d'un blanc pur"; ùltimamente, porém, ao estudar os caracteres das populações nordestinas da espécie (2), faz silencio sôbre o nome de Lesson, dando a impressão de que passara a ter dúvidas sôbre a validez da forma por ele tida antes como boa. E. Simon, cujo trabalho viera à luz durante êsse intervalo, distingue como boas subespécies *A. versicolor brevirostris* (Less.) e *A. versicolor affinis* (Gould), correspondendo a primeira às populações da faixa litorânea do sudeste brasileiro, e a segunda às do Brasil central. Consultado por nós a respeito, há cêrca de três lustros, o Prof. J. Berlioz, do Museu de Paris, não se sentia habilitado, por deficiência de material, a ter opinião definitiva sôbre o assunto. Não excluindo embora a possibilidade de estar em causa a diversidade de sexo, admitia tratar-se de "une et même espèce, à plumage un peu inconstant", por isso que, no seu entender, "il semble bien ètabli que les deux formes coexistent la plupart du temps".

Revendo hoje o assunto, provàvelmente com mais abundância de material do que tiveram a seu dispôr qualquer dêsses autores, nossa impressão é que há base real para separar como raças geográficas as populações respectivamente de sudeste e centro do Brasil, caracterizadas as primeiras pela dominância dos indivíduos de garganta e meio do pescoço brancos, e as últimas pela ausência constante dêste predicado. Não infirmará êste ponto de vista a ocorrência dos dois tipos em certas regiões, ao lado de intermediários. Trata-se aqui, evidentemente, de zonas de intergradação, de que em nossas coleções é bom exemplo uma série de São Miguel Arcanjo, localidade do sul do Estado de São Paulo, próximo à falda ocidental da Serra de Paranapiacaba. Em oito ♂ ♂ dessa pro-

(1) E. Simon & C. E. Hellmayr, *Novit. Zool.*, VI, pg. 1 (1908).
(2) C. E. Hellmayr, *Field Mus. Nat. Hist.*, XII, pg. 395 (1929).

cedência (3-VIII-1929) vêem-se todas as gradações entre os de garganta completamente alva e outros indiferençáveis nêste particular dos de Goiás. O que, pelo menos, elimina a influência do sexo no caráter em estudo.

Nos Estados mais sepetentrionais do Brasil, a espécie se diversifica pelo aparecimento de novo caráter, a saber, o colorido brilhante, francamente azulado, da parte superior da cabeça. Êsse novo caráter, de par com o colorido predominantemente verde da garganta, distingue as populações do nordeste, correntemente denominadas *A. versicolor nitidifrons* (Gould); enquanto que as do médio e alto Amazonas, em que a côr branca da garganta é traço saliente, correspondem a *A. versicolor milleri* (Bourc.), raça tratada às vezes como espécie autônoma.

Outro ponto a merecer atenção é a nomenclatura das formas aquí enfeixadas em *Agyrtrina versicolor* (Vieillot). Conforme Simon & Hellmayr o tipo desta espécie foi colecionado no Rio de Janeiro, por Delalande, em 1816; em consequência, uma vez adotado o nosso ponto de vista com relação às relações das várias raças, talvez devam referir-se à forma típica todas as populações litorâneas do Brasil meridional, inclusive as do Estado da Bahia, tida como pátria típica de *Ornismya brevirostris* (Lesson). Isso tornará *Ornismya brevirostris* (Lesson), cuja pátria se supõe ser a Bahia, e *Thaumantias affinis* Gould (tipo de Nova Friburgo) simples sinônimos de *Trochilus versicolor* Vieillot, deixando sem nome a subespécie centro-brasileira.

Chlorostilbon aureoventris pucherani (Bourcier & Mulsant)

Lepidopyga goudoti Ribeiro, 1905, Arq. Mus. Nac., XIII, pg. 181 — *Monte Serrate.

Chlorostilbon aureoventris Ribeiro, 1923, Arq. Mus. Nac., XXIV, pg. 244 (corrig.) e 253 (refer.).

Chlorostilbon aureoventris pucherani Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 287 — *Itatiaia (1 exemplar abatido a 3.800 pés de altitude).

***Thalurania glaucopis** (Gmelin)

Thaluronia glaucopis Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 287 — *Monte Serrate.

Maromba (quilom. 6): 1 ♂, 18 de dez. (1949); 1 ♀, 11 de junho de 1951.

Colibri serrirostris (Vieillot)

Petasophora serrirostris Iher. & Ihering, 1907, Catal. Faun. do Bras., I, Aves, pg. 150 — *Itatiaia (material de Lüderwaldt); Lüderwaldt, 1909, Zool. Jahrb., XXVII, pg. 344 — Campos do Itatiaia; Ribeiro, 1923, Arq. Mus. Nac. XXIV, pgs. 245 e 253 (referência); Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 288 — *Caminho do Couto (a 6.800 pés de altitude).

***Leucochloris albicollis** (Vieillot)

Leucochloris albicolis Ribeiro, 1905, Arq. Mus. Nac., XIII, pg. 181 — *Caminho do Couto.

Leucochloris albicollis Lüderwaldt, 1909, Zool. Jahrb., XXVII, pg. 334 — Campos do Itatiaia (muito abundante); Ribeiro, 1923, Arq. Mus. Nac., XXIV, pags. 245 e 253 (referência).

Leucochloris albicollis albicollis Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 288 — *Monte Serrate (the commonest hummingbird on Itatiaya").

MACIEIRAS: 1 ♂, 6 de dez. de 1949; 1 sem sexo de 8 de dez. de 1949.

Causa admiração que esta espécie não tenha sido registrada no Itatiaia por Iher. & Ihering (Catal. Fauna do Brasil, I, Aves, 1907), com as outras coligidas por Lüderwaldt na serra em questão. Tampouco existe na coleção de aves do Museu Paulista (hoje do Departamento de Zoologia) algum exemplar daquela procedência. Tendo colecionado pouco antes numerosos exemplares em Campos de Jordão, quando no Itatiaia Lüderwaldt talvez se limitasse a notificar sua presença.

***Clytolaema rubricauda** (Boddaert)

Clytolaema rubinea Ribeiro, 1905, Arq. Mus. Nac., XIII, pg. 181 — *Retiro do Ramos (C. Moreira col.) Iher. & Ihering, 1907, Catal. Fauna Brasil., I, Aves, pg. 153 — *Itatiaia (material de Lüderw.); Lüderwaldt, 1909, Zool. Jahrb., XXVII, pg. 344 — Campos do Itatiaia (muito abundante); Ribeiro, 1923, Arq. Mus. Nac., XXIV, pgs. 245 e 253 (referência).

Clytolaema rubricauda Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 288 — *Itatiaia.

MACIEIRAS: 1 insex., de 7 de dez. de 1949; 1 ♀, 11 de dez. de 1949.

MAROMBA (quilom. 6): 1 ♂, 18 de dez. de 1949; 1 ♂ e 1 ♀, 26 de jul. de 1950.

Calliphlox amethystina (Boddaert)

Calliphlox amethystina Holt, 1928, Bull. Amer. Nat. Hist., LVII, pg. 288 — *Monte Serrate (col. 1 só indivíduo).

***Stephanoxis lalandi lalandi** (Vieillot)

Stephanoxis lalandei Ribeiro, 1905, Arq. Mus. Nac., XIII, pg. 181 — *Retiro do Ramos; Lüderwaldt, 1909, Zool. Jahrb., XXVII, pg. 345 (observ.); Ribeiro, 1923, publ. cit., XXIV, pgs. 245 e 253 (referência).

Stephanoxis lalandi Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 288 — *Itatiaia (frequente nas grandes altitudes até 8.150 pés).

MACIEIRAS (quilom. 16): ♂ ad., 6 de dez. de 1949; 1 ♀, 9 de dez. de 1949; 8 ♂♂, 12 de dez. de 1949.

***Lophornis magnificus** Vieillot

Macieiras (quilom. 16): ♂, dezembro de 1949.

Beija-flor bastante espalhado no altiplano brasileiro e novo para a região do Itatiaia, onde sua ocorrência é digna de reparo. O exemplar de Lima, um macho perfeitamente adulto, provem do quilômetro 16, ou seja acima de Macieiras.

Fam. *TROGONIDAE*

***Trogon rufus chrysochloros** Pelzeln

Maromba: 1 ♀, 14 de dezembro de 1949; 1 ♂, 7 de janeiro de 1950.

***Trogon surrucura surrucura** Vieillot

Maromba (quilom. 6): ♂ ad., 29 de julho de 1950.

Êste exemplar, obtido na estação fria do ano, apresenta em plena evidência os caracteres da raça típica de *T. surrucura,* fato tanto mais digno de registro quanto a outra subespécie foi também colecionada no mesmo local.

***Trogon surrucura aurantius** (Spix) *Surucuá de barriga alaranjada*

Trogon aurantius Ribeiro, 1923, Arq. Mus. Nac., XXIV, pgs. 145 — Monte Serrate (material de Peixoto Velho) e 253 (referência); Peixoto Velho, 1923, op. cit., pg. 260 — *Monte Serrate; Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 289 — *Itatiaia (aos 3.000 pés de altitude).

Maromba: 2 ♂♂ ad., 19 de dezembro de 1949 e 27 de maio de 1951; 1 ♀, 10 de junho de 1951.

Como supõe Holt, talvez pertencesse a esta forma o surucuá que Lüderwaldt (Zool. Jahrb., XXVII, pg. 346) disse ter visto nas matas da serra do Itatiaia; todavia, como a ocorrência da forma típica na região acaba de ser autênticamente demonstrada, motivo não há para impugnar o testemunho daquele competente e probo colecionador.

Fam. *MOMOTIDAE*

***Baryphthengus ruficapillus** (Vieillot)

*Maromba (1.200 mts.): 2 ♂♂, de 6 e 8 de junho de 1951.

Fam. *BUCCONIDAE*

***Notharchus macrorhynchos swainsoni** (Gray & Mitchell) *João-do-mato*

Maromba: 1 ♀ ad., 17 de ag. de 1950.

É digna de reparo a ocorrência desta espécie no Itatiaia, onde não havia ainda sido registrada, tão peculiar é ela às zonas florestadas do interior quente dos Estados de São Paulo e Minas Gerais.

Malacoptila striata striata (Spix) *João doido*

Malacoptila torquata Lüderwaldt, 1909, Zool. Jahrb., XXVII, pg. 346 — "Campo" do Itatiaia (só observ.); Ribeiro, 1923, Arq. Mus. Nac., XXIV, pg. 245 (material de Peixoto Velho) e 253 (refer.); Peixoto Velho, 1923, publ. cit., pg. 264 — *Monte Serrate.

Malacoptila torquata torquata Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 291 — *Itatiaia (a 3.100 pés de altitude).

Fam. *RAMPHASTIDAE*

Ramphastos vitellinus ariel Vigors *Tucano do bico preto*

Ramphastos ariel Ribeiro, 1923, Arq. Mus. Nac., XXIV, pags. 245 e 253 (referência ao autor seg.); Peixoto Velho, 1923, op. cit. pg. 264, nota margin. — *Benfica.

Ramphastos ariel Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 290 (referência a P. Velho).

Forma peculiar às zonas de baixa altitude da faixa atlântica, mas podendo chegar até pontos remotos do interior, seguindo os vales dos grandes rios, como o Rio Doce, que desagua no litoral.

***Ramphastos dicolorus** Linné *Tucano de bico verde*

Rhamphastos discolorus Ribeiro, 1905, Arq. Mus. Nac., XIII, pg. 180 — *Morro dos Carneiros (Moreira col.); Lüderwaldt, 1909, Zool. Jahrb., XXVII, pg. 346 — Itatiaia (observado em abundância, mas não colecionado); Ribeiro, 1923, Arq. Mus. Nac., XXIV, pags. 245 e 253 (refer.).

Ramphastos discolorus Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 290 — *Itatiaia (observado frequentemente nas matas da serra).

MAROMBA: 1 ♂ e 1 ♀, 9 e 8 de janeiro de 1950; 1 de sexo ?, 20 de dezembro de 1949.

***Baillonius bailloni** (Vieillot) *Araçari-banana*

Baillonius bailloni Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 290 — *Ponte do Maromba.

MAROMBA: 1 ♂ e 1 ♀, 9 de janeiro de 1950; 1 ♂, 21 de janeiro de 1950.

Selenidera maculirostris maculirostris (Lichtenstein) *Araçari-poca*

Selenidera maculirostris Ribeiro, 1923, Arq. Mus. Nac., XXIV, pgs. 245 e 253 (referência a P. Velho); Peixoto Velho, 1923, op. cit., pg. 261 — *Monte Serrate; Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVI, pg. 290 (referência).

Nenhum exemplar consta das coleções trazidas para o Departamento de Zoologia. Não obstante vários espécimes foram obtidos pelo pessoal do Parque Nacional, na ausência de Lima.

Fam. *PICIDAE*

Colaptes campestris campestris (Vieillot) *Picapau do campo*

Colaptes campestris Ribeiro, 1905, Arq. Mus. Nac., XIII, pg. 180 — *Retiro do Ramos; Lüderwaldt, 1909, Zool. Jahrb., XXVII, pg. 346 — Campos do Itatiaia (só observado); Ribeiro, 1923, Arq. Mus. Nac., XXIV, pg. 253 (referência).

Soroplex campestris campestris Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 291 — *Alto do Itatiaia.

***Tripsurus flavifrons** (Vieillot) *Benedicto*

Tripsurus flavifrons Ribeiro, 1905, Arq. Mus. Nac., XIII, pg. 181 — *Caminho do Couto; Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 292 — *Itatiaia (entre 2.500 e 5.900 pés de altitude).

Melanerpes flavifrons Ribeiro, 1923, Arq. Mus. Nac., XXIV, pg. 253 (referência).

Maromba: 2 ♀ ♀, respectivamente de 28 de julho e 18 de agosto de 1950.

***Piculus aurulentus** (Temminck) *Picapau*

Chloronerpes aurulentus Iher. & Ihering, 1907, Catal. Fauna Brasil., I, Aves, pg. 179 — *Itatiaia (material de Lüderwaldt); Lüderwaldt, 1909, Zool. Jahrb., XXVII, pg. 347 — Campos do Itatiaia; Peixoto Velho, 1923, Arq. Mus. Nac., XXIV, pg. 261 — *Monte Serrate; Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 291 — *Ponte do Maromba.

Macieiras: 2 ♂ ♂, 1 e 6 de junho de 1951; 1 ♀, julho de 1949.

***Chrysoptilus melanochloros melanochloros** (Gmelin) *Picapau*

Chrysoptilus melanochloros Ribeiro, 1905, Arq. Mus. Nac., XIII, pg. 180 — *Monte Serrate (exemplares col.) e Caminho do Couto (só observado); Ribeiro, 1923, Arq. Mus. Nac., XXIV, pg. 253 (referência).

Chrysoptilus melanochloros melanochloros Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 291 — *Ponte do Maromba (observado também no Caminho do Couto).

Maromba: 2 ♂ ♂ ad., 5 e 6 de junho de 1951; 1 ♀ de 7 de janeiro de 1950.

Na tonalidade e desenho da plumagem os dois machos diferem muito um do outro, embora se trate de exemplares colecionados no mesmo local, com um dia apenas de intervalo. Um apresenta as partes superores mais densamente manchadas de faixas pretas, com faixas intermédias mais estreitas e de amarelo menos puro; o outro tem as faixas amarelas muito mais largas e de colorido mais claro. Nas partes inferiores a diferença é ainda mais notável, pois enquanto no primeiro o seu aspecto corresponde ao que é comum na forma típica da espécie, no segundo elas são de um amarelo decididamente mais claro, menos tingido de oliva, pintado de nó-

doas pretas menores e mais espaçadas, especialmente no ventre, — o que se aproxima muito do que de regra acontece nas aves do interior do Brasil, correntemente conhecidas por *C. m. nattereri*. Estas particularidades talvez corram por conta da imaturidade do exemplar, o que seria ainda corroborado pelo comprimento diverso do culmen, sensivelmente mais longo no primeiro exemplar do que no segundo.

***Phloeoceastes robustus robustus** (Lichtenstein) *Picapau de cabeça vermelha*

Phlococcastes robustus robustus Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 292 — *Itatiaia (a 7.200 e 3.600 pés de altitude).

MAROMBA: 1 ♂, 8 de outubro de 1950; 1 ♀, 29 de julho 1951.

Veniliornis spilogaster (Wagler)

Veniliornis ruficeps Ribeiro, 1905, Arq. Mus. Nac., XIII, pg. 181 — *Caminho do Couto, Morro Redondo.

Veniliornis spilogaster Ribeiro, 1923, Arq. Mus. Nac., XXIV, pgs. 245 (nome emendado) e 254 (referência); Peixoto Velho, 1923, Arq. Mus. Nac., XXIV, pg. 261 — *Monte Serate; Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 292 — *Itatiaia (a 2.700, 3.800 e 7.150 pés de altitude).

***Picumnus cirratus cirratus** Temminck *Picapauzinho*

Picumnus cirrhatus cirrhatus Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 292 — *Monte Serrate.

MAROMBA: 1 ♂, 21 de janeiro de 1950; 1 ♀, 13 de junho de 1951.

Fam. *DENDROCOLAPTIDAE*

***Dendrocolaptes platyrostris platyrostris** Spix *Arapaçu*

Dendrocolaptes picumnus Ribeiro, 1923, Arq. Mus. Nac., XXIV, pgs. 248 (material de Peixoto Velho) e 254 (referência); Peixoto Velho, 1923, loc. cit., pg. 262 — *Monte Serrate.

Dendrocolaptes picumnus picumnus Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 300 — *Itatiaia (entre 3.000 e 3.850 pés de altitude, em capoeiras).

MAROMBA: 3 ♂♂, 4 de agosto de 1950 e 15 de junho de 1951; 3 ♀♀, 22 de dezembro de 1949, 27 de julho de 1950 e 14 de junho de 1951.

MACIEIRAS (1.810 mts.): 1 ♂ de 30 de maio de 1951.

***Xiphocolaptes albicollis albicollis** (Vieillot)

Xiphocolaptes albicollis Ribeiro, 1905, Arq. Mus. Nac., XIII, pg. 182 — *Caminho do Couto; Iher. & Ihering, 1907, Catal. Faunæ Brasil., I, Aves, pg. 250 — Itatiaia (material de Lüderwaldt); Lüderwaldt, 1909, Zool. Jahrb., XXVII, pg. 352 — *Itatiaia (provavelmente no alto da montanha).

Xiphorhyncus albicollis Ribeiro, 1923, Arq. Mus. Nac., XXIV, pg. 254 (referência).

Xiphocolaptes albicollis albicollis Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 299 — *Ponte de Maromba (e adjacências).

Maromba (quilom. 6): 3 ♂♂, dezembro 18 (1949), outubro 9 (1950) e junho 6 (1951); 1 ♀, julho 27 (1950).

Macieiras: 2 ♂♂, 12 de dezembro de 1949 e maio 30 (1951).

***Lepidocolaptes squamatus squamatus** (Lichtenstein)

Maromba: 2 ♂♂, 2 de agosto de 1950 e 8 de junho de 1951.

Os exemplares agora colecionados são ♂♂ adultos, perfeitamente caracterizados, do pássaro descrito por Lichtenstein. A espécie será nova para a ornitologia do Itatiaia, a menos que de fato a ela pertença o exemplar coligido por C. Moreira, e inicialmente referido por Miranda Ribeiro a *Picolaptes tenuirostris* (ou seja *Lepidocolaptes fuscus fuscus* da presente lista).

***Lepidocolaptes fuscus fuscus** (Vieillot)

Picolaptes tenuirostris Ribeiro, 1905, Arq. Mus. Nac., XIII, pg. 182 — *Caminho do Couto.

Picolaptes squamatus Ribeiro, 1923, Arq. Mus. Nac., XXIV, pgs. 248 (nome emendado) e 254 (referência).

Lepidocolaptes fuscus fuscus Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 300 — *Itatiaia (entre 3.250 e 3.550 pés, nos emaranhados de bambus).

Maromba: 1 ♂, 28 de julho de 1950 e 1 ♀, 26 do mesmo mês.

****Campylorhamphus trochilirostris falcularius** (Lichtenstein)
Arapaçu do bico curvo

Xiphorhynchus procurvus (não de Temminck) Ribeiro, 1905, Arq. Mus. Nac., XIII, pg. 182 — *Morro dos Carneiros.

Campylorhamphus falcularius Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 300 — *Itatiaia (1 único exemplar a 5.000 pés de altitude).

Maromba: 1 ♂, 8 de junho de 1951; 2 ♀♀, 10 de janeiro de 1950 e 6 de junho de 1951.

***Sittasomus griseicapillus sylviellus** (Temminck)

Sittasomus erythacus Ribeiro, 1905, Arq. Mus. Nac., XIII, pg. 182 — *Retiro do Ramos (entre Morro Redondo e Morro dos Carneiros).

Sittasomus syviellus Ribeiro, 1923, Arq. Mus. Nac., XXIV, pgs. 248 e 254 (referência).

Sittasomus sylviellus sylviellus Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 299 — *Itatiaia, a 3.000 e 7.000 pés (Morro dos Carneiros) de altitude.

Maromba (quilom. 6): 2 ♂♂, 17 e 17 de dezembro de 1950.

***Dendrocincla fuliginosa turdina** Lichtenstein

Maromba: 1 ♂, 16 de fevereiro de 1950.

Fam. *FURNARIIDAE*

Furnarius rufus badius (Lichtenstein) *João de barro*

Furnarius rufus Ribeiro, 1923, Arq. Mus. Nac., XXIV, pgs. 248 (material de Peixoto Velho) e 254 (referência); Peixoto Velho, 1923, loc. cit., pg. 260 — *Monte Serrate.

Furnarius rufus badius Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 297 — *Benfica e Monte Serrate.

***Oreophylax moreirae** (Ribeiro) *Garricha chorona*

Synallaxis moreirae Ribeiro, 1905, Arq. Mus. Nac., XIII, pg. 152 — *Morro Redondo: Iher. & Ihering, 1907, Catal. Fauna Brasil., I, Aves, pg. 233 — *Itatiaia (material de Lüderwaldt); Lüderwaldt, 1909, Zool. Jahrb., XXVII, pg. 351 — Campos do Itatiaia; Ribeiro, 1923, Arq. Mus. Nac., XXIV, pgs. 248 e 254 (referência); Peixoto Velho, 1923, loc. cit., pg. 262 — *Retiro do Ramos; Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 298 — Campos do Itatiaia (entre 6.550 e 8.500 pés).

MACIEIRAS (quilom. 17): 2 ♂♂, respectivamente de 11 e 12 de dezembro de 1949; 1 ♂, 28 de julho de 1950.

ALTO DO ITATIAIA (Varzea dos Lírios) (2.470 mts. de altitude): 3 ♂♂, de 21 e 22 de maio de 1951; 3 ♀♀, 21, 22 e 24 de maio de 1951; 2 de sexo indet.de 22 e 23 de maio de 1951.

Todos os observadores são concordes a respeito da abundância desta espécie, endêmica nos Campos do Itatiaia. A princípio supôs-se privativa da região; mas foi depois verificada também nos altos da Serra do Caparaó (entre os Estados de Espírito Santo e Minas Gerais), que nada mais é que um trecho da cordilheira marítima.

***Synallaxis ruficapilla ruficapilla** Vieillot *Pichororé*

Synallaxis ruficapilla Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 297 — *Itatiaia (exempls. col. entre 2.900 e 5.100 pés de altitude).

MAROMBA: 1 ♂, 26 de julho de 1950; 1 ♂ e 1 ♀, 12 de agosto de 1950.

***Synallaxis spixi spixi** Sclater *João-tenenem*

Synallaxis spixii spixii Holt, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 297 — *Itatiaia (abaixo de Monte Serrate, nos terrenos de derrubada cobertos de samambaia).

MAROMBA: 1 ♀, 4 de agosto de 1950.

***Certhiaxis cinnamomea russeola** (Vieillot)

Synallaxis cinnamomea russeola Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 297 — *Benfica.

***Cranioleuca pallida** (Wied)

Synallaxis pallida Ribeiro, 1905, Arq. Mus. Nac., XIII, pg. 182 — *Caminho do Couto.

Cranioleuca pallida Ribeiro, 1923, Arq. Mus. Nac., XXIV, pg. 254 (referência).

Siptornis pallida Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 298 (referência).

Maromba (quilom. 6): 1 ♂, 18 de dezembro de 1949.

[***Anumbius anumbi** (Vieillot)

Fazenda Bela Vista (540 metros de altitude): 1 ♂, 31 de outubro de 1950; 1 ♀, 1 de setembro de 1950.

De ocorrência provável no Itatiaia, em baixa altitude, embora disso não haja ainda prova.]

***Anabazenops fuscus** (Vieillot)

Anabazenops fuscus Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 299 — *Itatiaia (entre 2.700 e 3.550 pés de altitude).

Maromba: 4 ♂♂, 8 e 25 de dezembro de 1949, 19 de agosto de 1950 e 6 de junho de 1951; 2 ♀♀, 2 de agosto de 1950.

***Syndactyla rufosuperciliata rufosuperciliata** Lafresnaye

Anabasitta rufosuperciliata Ribeiro, 1905, Arq. Mus. Nac., XIII, pg. 182 — *Retiro do Ramos (Morro dos Carneiros).

Xenicopsis rufosuperciliatus oleagineus Iher. & Ihering, 1907, Catal. Fauna Brasil., I, Aves, pg. 243 — Itatiaia (material de Lüderwaldt); Lüderwaldt, 1909, Zool. Jahrb., XXVII, pg. 352 — *Campo do Itatiaia; Ribeiro, 1923, Arq. Mus. Nac., XXIV, pg. 248 (referência).

Xenicopsis rufo-superciliatus Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 299 — *Itatiaia (a 3.800 e 7.150 pés de altitude).

Macieiras: 1 ♂, 12 de dezembro de 1949.

***Xenicopsoides amaurotis** (Temminck)

Maromba: 1 ♂, 28 de julho de 1950.

***Philydor lichtensteini** Caban. & Heine

Maromba: 1 ♀, 5 de setembro de 1950.

***Philydor rufus rufus** (Vieillot)

Philydor rufus Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 299 — *Itatiaia (entre 2.700 e 3.800 pés).

Maromba: 2 ♂♂, 17 de dezembro e 21 de dezembro de 1949; 1 ♂, 19 de agosto de 1950; 1 ♂?, 16 de agosto de 1950; 1 ♀, 5 de setembro de 1950.

***Heliobletus contaminatus** Berlepsch

Heliobletus superciliosus Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 299 — *Itatiaia (1 exempl. col. a 5.300 pés de altitude).

MACIEIRAS: 1 ♂ de 9 e 1 ♀ de 12 de dezembro de 1949.

***Xenops rutilans rutilans** Temminck

MAROMBA: 1 ♂, 2 de agosto de 1950.

***Sclerurus scansor scansor** Ménétriès

MAROMBA: 1 ♂, 12 de junho de 1951; 1 ♀, 18 de agosto de 1950; 1 (sexo ?) de 5 de maio de 1951.

***Lochmias nematura nematura** (Lichtenstein)

Lochmias nematura Lüderwaldt, 1909, Zool. Jahrb., XXVII, pg. 351 — Itatiaia (observada próximo das Agulhas Negras); Ribeiro, 1923, Arq. Mus. Nac., XXIV, pg. 255 (referência).

Lochmias nematura nematura Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 297 — *Itatiaia (entre 2.800 e 6.700 pés).

ALTO DO ITATIAIA (Várzea dos Lírios): 1 ♀, 21 de maio 1951.

Fam. *FORMICARIIDADE*

***Batara cinerea cinerea** (Vieillot) *Borralhara*

Batara cinerea cinerea Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 294 — *Itatiaia (a 3.650 pés de altitude).

MAROMBA: 2 ♂♂, 14 de agosto de 1950 e 6 de junho de 1951.

***Mackenziaena leachii** (Such) *Borralhara*

Thamnophilus leachi Iher. & Ihering, 1907, Catal. Fauna Brasil., I, Aves, pg. 195 — *Itatiaia (material de Lüderwaldt); Lüderwaldt, 1909, Zool. Jahrb., XXVII, pg. 350 — Campos do Itatiaia; Ribeiro, 1923, Arq. Mus. Nac., XXIV, pgs. 247 e 254 (referência).

Mackenziaena leachii Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 294 — *Itatiaia (a 5.200 e 6.200 pés de altitude).

ENGENHARIA (1.280 mts.): 1 ♂ e 1 ♀ de 7 de setembro 1950.

***Mackenziaena severa** (Lichtenstein) *Borralhara*

Mackenziaena severa Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 294 — *Itatiaia (entre 2.900 e 3.800 pés).

MAROMBA: 1 ♂ e 1 ♀, 17 e 14 de agosto de 1950; 2 ♂♂, 12 de junho de 1951; 1 ♀ de 12 do mesmo mês.

***Biatas nigropectus** (Lafresnaye)

MAROMBA: 2 ♂♂ de 28 de junho e 12 de agosto de 1950.

***Thamnophilus caerulescens caerulescens** Vieillot *Choca*

Thamnophilus pileatus (não Swainson) Ribeiro, 1905, Arq. Mus. Nac., XIII, pg. 184 — *Retiro do Ramos.

Thamnophilus caerulescens albonotatus Iher. & Ihering, 1907, Catal. Fauna Brasil., I, Aves, pg. 198 — *Itatiaia (material de Lüderwaldt); Lüderwaldt, 1909, Zool. Jahrb., XXVII, pg. 350 — Campos do Itatiaia; Ribeiro, 1923, Arq. Mus. Nac. XXIV, pgs. 247 (material de Peixoto Velho) e 254 (referência); Peixoto Velho, 1923, loc. cit., pg. 261 — *Monte Serrate.

Herpsilochmus pileatus Lüderwaldt, 1909, loc. cit., pg. 350 (refer. a Ribeiro, 1905).

Thamnophilus caerulescens caerulescens Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 294 — *Itatiaia ("common from 3.000 to 7.900 ft.").

Maromba: 3 ♂♂, 27 de julho, 16 de agosto e 8 de outubro de 1950.

Macieiras: 1 ♂, 30 de maio de 1951.

***Thamnophilus ruficapillus ruficapillus** Vieillot *Choca*

Rhopochares ruficapillus Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 295 — *Itatiaia (entre 1.600 e 7.250 pés de altitude).

***Dysithamnus mentalis mentalis** (Temminck)

Dysithamnus mentalis mentalis Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 295 — *Itatiaia (a 3.400 e 3.600 pés de altitude).

Maromba: 1 ♂, 6 de junho de 1951; 2 ♀♀, 16 de agosto de 1950 e 7 de junho de 1951.

Dysithamnus xanthopterus Burmeister

Dysithamnus xanthopterus Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 295 — *Itatiaia (a 5.200 e 6.100 pés de altitude).

***Myrmotherula gularis** Spix

Maromba: 1 ♂, 7 de junho de 1951 e 2 ♀♀, 7 e 11 do mesmo mês e ano.

A espécie, além de ser nova para a avifauna do Itatiaia, é esta, ao que parece, a segunda vez que se registra na Serra da Mantiqueira, passados mais de cinquenta anos após ter sido obtida em Piquete, por Zech. A indicação de Minas Gerais, feita por Ménétriès, é muito vaga e por isso duvidosa.

***Drymophila ferruginea** (Temminck) *Trovoada*

Drymophila ferruginea Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 255 — *Itatiaia (entre 2.900 e 5.500 pés de altitude).

Maromba: 3 ♂♂, de 12, 14 e 14 de agosto de 1950; 2 ♀♀ de 22 de agosto de 1950 e 7 de junho de 1951.

Drymophila genei De Filippi

Formicivora crythrocerca Iher. & Ihering, 1907, Cata. Fauna Brasil., I, Aves, pg. 211 — *Itatiaia (material de Lüderwaldt); Lüderwaldt, 1909, Zool. Jahrb., XXVII, pg. 350 — Campos do Itatiaia; Ribeiro, 1923, Arq. Mus. Nac., XXIV, pg. 254 (referência).

Drymnophila genei Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 295 — Itatiaia (entre 1.700 e 6.000 pés de altitude).

MACIEIRAS: 1 ♂ de 11 de dezembro (1949).

***Drymophila ochropyga** (Hellmayr)

Drymophila ochropyga Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 296 — *Itatiaia (entre 3.100 e 3.800 pés de altitude).

MAROMBA: 1 ♂, 4 de julho de 1950; 1 ♂ e 1 ♀, 13 de agosto de 1950, 1 ♂, de 12 de junho de 1951.

Terenura maculata (Wied)

Terenura maculata Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 296 — *Monte Serrate.

***Pyriglena leucoptera leucoptera** (Vieillot) *Papa-taóca*

Pyriglena leucoptera Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 296 — *Itatiaia (entre 3.100 e 3.800 pés de altitude).

MAROMBA: 1 ♂, 1 de agosto de 1950 e 1 ♀, 17 do mesmo mês; 3 ♂♂, 5 e 26 do mesmo mês (1951); 1 ♀, 12 de junho de 1951.

***Myrmeciza loricata** (Lichtenstein)

Myrmoderus loricatus Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 296 — *Monte Serrate (a 3.100 pés de altitude).

MAROMBA: 1 ♂ e 1 ♀, de 17 de agosto (1950); 1 ♂ de 18 do mesmo mês; 1 ♂, 7 de junho de 1951.

***Chamaeza brevicauda brevicauda** (Vieillot) *Tovaca*

Chamaesa (sic) *brevicauda* Ribeiro, 1905, Arq. Mus. Nac., XIII, pg. 184 — *Retiro do Ramos.

Chamaeza brevicauda Ribeiro, 1923, Arq. Mus. Nac., XXIV, pgs. 247 a 254 (referência).

MAROMBA: 1 ♂, 1 de agosto de 1950; 1 ♂, 8 de outubro de 1950; 1 ♀, 17 de agosto de 1950; 2 ♀♀, 7 de junho de 1951.

É curioso que Holt não tenha encontrado esta espécie no Itatiaia. De qualquer modo, não há razão para acompanhá-lo quando refere a *C. ruficauda ruficauda* os exemplares que Ribeiro registrou como da presente forma. Dos agora colecionados, os três indivíduos acima são, sem dúvida nenhuma de *Ch. brevicauda,* que é, aliás, a espécie mais largamente distribuida e muito comum nas matas do Brasil meridional. Em todos se acha presente a faixa apical branca que distingue as rectrizes de *C. brevicauda* e torna muito fácil reconhecer esta espécie em face de sua congênere.

***Chamaeza ruficauda ruficauda** (Caban. & Heine)

Chamaeza ruficauda ruficauda Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 296 — *Itatiaia (entre 3.800 e 7.150 pés de altitude).

Maromba: 1 ♀, 19 de agosto de 1950; 2 ♂♂, 6 e 7 de junho de 1951; 3 ♀♀, 4, 5 e 11 de junho de 1951.

O exemplar, que veio fazer companhia nas coleções do Dept. de Zoologia a uma ♀ da Serra de Macaé (Estado do Rio de Janeiro), colecionada em 1909 por E. Garbe, apresenta com nitidez as características que distinguem esta espécie da anterior, existente na mesma região. As diferenças entre as duas espécies foram bem analisadas por Ménégaux & Hellmayr (*Bulletin de La Société Philomatique de Paris*, 9e. série, tome VIII. 1906, pgs. 55-56), bastando o colorido uniforme, bruno-arruivado, na cauda de *C. ruficauda*, para distinguí-la de *C. brevicauda*, cujas rectrizes são invariàvelmente tingidas de branco na extremidade, com uma zona intermédia preta. *C. ruficauda* apresenta ainda uma outra característica que escapou aos mencionados autores, embora constante e muito visível. Nesta espécie, as coberteiras inferiores da cauda são ornadas de numerosas faixas pretas, normalmente estendidas em toda a largura da pena. Em *C. brevicauda*, pelo contrário, as manchas pretas têm antes a forma de nódoas, que em regra não atingem o raque. Além disto, nesta última a extremidade das rectrizes é branco-acanelada em larga extensão, ao passo que em *C. ruficauda* a largura da área apical clara é muito limitada, em consequência da contiguidade da faixa subterminal preta.

Ao contrário da de *C. brevicauda brevicauda*, a área de distribuição de *C. ruficauda ruficauda*, é muito circunscrita e, excetuando-se o maciço do Itatiaia, que pertence à serra da Mantiqueira, parece restringir-se ao trecho da Serra do Mar compreendido no Estado do Rio de Janeiro. À vista do número surpreendente de exemplares conseguidos por Lima em sua última excursão, talvez seja a região do Itatiaia aquela em que as populações de *C. r. ruficauda* apresentam a sua máxima densidade nos dias atuais. O reaparecimento da espécie nas cadeias de montanhas do oeste-septentrião extremo da América do Sul (Andes da Colombia, noroeste da eVnezuela), onde vivem duas raças particulares, oferece problema dos mais interessantes aos estudiosos da zoogeografia.

***Grallaria varia imperator** Lafresn. & d'Orbigny *Tovacuçu*

Grallaria varia imperator Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 296 — *Itatiaia (a 3.700 pés de altitude).

Maromba: 1 ♂ de 19 de dezembro (1949); 2 ♀♀, 6 e 12 de junho de 1951.

***Tityra cayana braziliensis** Swainson

Tityra brasiliensis Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 310 — *Itatiaia (entre 3.400 e 3.850 pés de altitude).

MAROMBA: 1 ♀, 18 de dezembro de 1949; 1 ♂ e 3 ♀♀, 8 de outubro de 1950.

Fam. *PIPRIDAE*

***Chiroxiphia caudata** (Shaw & Nodder) *Tangará*

Chiroxiphia caudata Ribeiro, 1923, Arq. Mus. Nac., XXIV, pg. 254 (exemplar de Peixoto Velho); Peixoto Velho, 1923, loc. cit., pg. 262 — *Monte Serrate; Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 309 — *Monte Serrate (entre 3.000 e 3.400 pés de altitude).

MAROMBA: 1 ♂, 19 de agosto de 1949; 1 ♂, 18 e 1 ♀, 14 de agosto de 1950.

***Ilicura militaris** (Shaw & Nodder)

MAROMBA: 1 ♂ ad., 5 de junho de 1951.

***Manacus manacus gutturosus** (Desmarest)

Chiroxiphia gutturosa Ribeiro, 1923, Arq. Mus. Nac., XXIV, pg. 254 (exemplares de Peixoto Velho).

Chiromachaeris gutturosus Peixoto Velho, 1923, Arq. Mus. Nac., XXIV, pg. 262 — *Monte Serrate.

Manacus manacus gutturosus Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 309 — *Monte Serrate.

MAROMBA: 2 ♂♂, 12 de agosto de 1950 e 5 de junho de 1951.

***Schiffornis virescens** (Lafresnaye)

Scotothorus unicolor Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 309 — *Itatiaia (a 3.000 e 3.800 pés de altitude).

MAROMBA: 1 ♀, 17 de agosto de 1950.

Neopelma aurifrons chrysolophum Pinto

Neopelma aurifrons Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., pg. 309 — *Itatiaia (a 3.000 pés de altitude).

Fam. *TYRANNIDAE*

***Xolmis cinerea** (Vieillot) *Pombinha das Almas*

Taenioptera nengeta Moreira, 1903, Arq. Mus. Nac., XII, pg. 163 — *Retiro do Ramos; Ribeiro, 1905, Arq. Mus. Nac., XIII, pg. 184 — Retiro do Ramos (material de C. Moreira); idem 1923, Arq. Mus. Nac., XXIV, pg. 254 (referência).

Taenioptera cinerea cinerea Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 300 (referência).

***Colonia colonus colonus** (Vieillot)

Colonia colonus colonus Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 302 — Itatiaia (a 3.800 pés de altitude).

Maromba: 1 ♂ e 1 ♀, 10 de junho de 1951.

Knipolegus lophotes Hellmayr *Maria preta*

Knipolegus comatus Iher. & Ihering, 1907, Catal. Fauna Brazil., I, Aves, pg. 260 — *Itatiaia (material de Lüderwaldt); Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 31 — *Benfica.

Cnipolegus comatus Lüderwaldt, 1909, Zool. Jahrb., XXVII, pg. 353 — Campos do Itatiaia; Ribeiro, 1923, Arq. Mus. Nac., XXIV, pg. 254 (referência).

***Knipolegus nigerrimus** (Vieillot)

Cnipolegus comatus (não de Lichtenstein) Moreira, 1903, Arq. Mus. Nac., XII, pg. 163 no texto (Retiro do Ramos).

Knipolegus nigerrimus Ribeiro, 1905, Arq. Mus. Nac., XIII, pgs. 173 e 184 — *Retiro do Ramos (Moreira col.); Iher. & Ihering, 1907, Catal. Fauna Brazil., I, Aves, pg. 260 — *Itatiaia (material de Lüderwaldt); Peixotoi Velho, 1923, Arq. Mus. Nac., XXIV, pg. 262 — Monte Serrate; Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 301 — *Alto do Itatiaia ("one the commonest tyrannids of the upper altitudes").

Cnipolegus nigerrimus Lüderwaldt, 1909, Zool. Jahrb., XXVII, pg. 353 — Campos do Itatiaia; Ribeiro, 1923, Arq. Mus. Nac., XXIV, pg. 254 — Retiro do Ramos (ex Lüderwaldt) e Monte Serrate (material de Peixoto Velho).

Maromba: 1 ♂ e 1 ♀, 2 de julho de 1950; 1 ♂ e 2 ♀♀, 28 do mesmo mês; 1 ♂, 6 de junho de 1951.

Macieiras (quilom. 17): 1 ♀, 11 de dezembro de 1949; 1 ♂ e 1 ♀, 1 de junho de 1951.

Alto do Itatiaia, Várzea dos Lírios: 3 ♂♂, 21, 22 e 24 de maio de 1951.

***Knipolegus cyanirostris** (Vieillot) *Maria preta*

Knipolegus cyanirostris Ribeiro, 1905, Arq. Mus. Nac., XIII, pg. 184 — Caminho do Couto (Retiro do Ramos); Peixoto Velho, 1923, Arq. Mus. Nac., XXIV, pg. 262 — *Monte Serrate.

Cnipolegus cynarostris Lüderwaldt, 1909, Zool. Jahrb., XXVII, pg. 353 — Campos do Itatiaia (só observado); Ribeiro, 1923, Arq. Mus. Nac., XXIV, pg. 254 — Retiro do Ramos (referência) e Monte Serrate (material de Peixoto Velho).

Knipolegus cyanirostris cristatus Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 301 — *Itatiaia (comum entre 3.700 e 7.150 pés de altitude).

Maromba: 1 ♂ e 1 ♀, 4 de agosto de 1950; 2 ♀♀, 5 e 6 de junho de 1951.

Engenharia: 1 ♀, 6 de setembro de 1950.

Macieiras: 2 ♀♀, 10 de dezembro de 1949; 2 ♂♂ e 1 ♀, 11 de dezembro de 1949; 1 ♂, 12 de dezembro de 1949; 2 ♂♂, 13 e

17 de agosto de 1949; 1 ♀, 6 de setembro de 1950; 2 ♂♂, 1 de junho de 1951.

***Muscipipra vetula** (Lichtenstein)

Muscipipra vetula Ribeiro, 1905, Arq. Mus. Nac., XIII, pg. 184 — *Morro Redondo; idem 1923, Arq. Mus. Nac., XXIV, pg. 254 (material de Peixoto Velho); Peixoto Velho, 1923, loc. cit., pg. 262 — *Monte Serrate; Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 302 — *Itatiaia (a 3.800 e 6.150 pés de altitude).

MAROMBA: 1 ♀, 10 de outubro de 1950; 1 de sexo ?, de 4 de agosto de 1950; 1 ♂, 5 de junho de 1951.

Tyrannus melancholicus melancholicus Vieillot

Tyrannus melancholicus Ribeiro, 1905, Arq. Mus. Nac., XIII, pg. 183 — *Retiro do Ramôs; idem, 1923, Arq. Mus. Nac., XXIV, pg. 254 (referência); Peixoto Velho, 1923, loc. cit., pg. 263 — *Monte Serrate.

Tyrannus melancholicus melancholicus Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 263 — *Monte Serrate e cercanias.

***Empidonomus varius varius** (Vieillot)

Empidonomus varius varius Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 308 — *Monte Serrate.

***Sirystes sibilator sibilator** (Vieillot)

ENGENHARIA: 1 ♀, 6 de setembro de 1950.

***Myiodynastes solitarius** (Vieillot)

Myiodynastes solitarus solitarius Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 308 — *Monte Serrate.

PARQUE NACIONAL DO ITATIAIA: 1 ♂, 1 de janeiro de 1950.

Megarynchus pitangua pitangua (Linné)

Megarhynchus pitangua Ribeiro, 1923, Arq. Mus. Nac., XXIV, pg. 254 (material de Peixoto Velho); Peixoto Velho, 1923, loc. cit., pg. 263 — *Monte Serrate.

Megarynchus pitangua pitangua Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 308 (exemplar de Peixoto Velho).

Pitangus sulphuratus maximiliani (Caban. & Heine)

Pitangus sulphuratus Lüderwaldt, 1909, Zool. Jahrb., XXVII, pg. 254 — observado no Alto do Itatiaia (= Retiro do Ramos).

Pitangus maximiliani Ribeiro, 1923, Arq. Mus. Nac., XXIV, pg. 254 (referência).

Pitangus sulphuratus maximiliani Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 307 — Benfica, *Monte Serrate (não avistado acima de 3.800 pés de altitude).

***Myiarchus swainsoni swainsoni** Caban. & Heine

Myiarchus ferox swainsoni Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 308 — *Monte Serrate.

Maromba: 2 ♀ ♀ respectivamente de 18 de agosto de 1949 e 10 de outubro de 1950.

***Contopus cinereus cinereus** (Spix)

Myiochanes cinereus Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 308 — *Itatiaia (a 3.800 e 5.000 pés de altitude).

Maromba: 1 ♂, 8 de junho de 1951.
Macieiras: 1 ♀, 6 de dezembro de 1949.

Empidonax euleri euleri Cabanis

Empidonax euleri euleri Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 308 — *Itatiaia (entre 3.000 e 6.100 pés de altitude).

***Myiobius atricaudus ridgwayi** Berlpesch

Myiobius atricaudus ridgwayi Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 308 — *Itatiaia (entre 3.100 e 3.600 pés de altitude).

Maromba: 1 ♂, 27 de julho de 1950; 1 ♀, 14 de agosto de 1950; 1 de sexo indet., junho de 1951 (exemplar inutilizado).

Myiobius fasciatus flammiceps (Temminck)

Myiophobus fasciatus flammiceps Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 308 — *Benfica.

***Hirundinea bellicosa bellicosa** (Vieillot)

Hirundinea (1) *bellicosa* Ribeiro, 1923, Arq. Mus. Nac., XXIV, pg. 254 — Monte Serrate (material de Peixoto Velho); Peixoto Velho, 1923, loc. cit., pg. 263 — Monte Serrate.

Monte Serrate: 1 ♂ e 2 ♀ ♀, 18 de junho de 1951.
Frequente na sede do Parque, conforme observou o sr. Lima.

***Platyrinchus mystaceus mystaceus** Vieillot

Maromba: 2 ♂ ♂, respectivamente de 23 de dezembro de 1949 e 30 de julho de 1950; 1 ♀ de 18 de dezembro de 1949.

Macieiras: 1 exemplar de sexo indeterminado, col. em 28 de maio de 1951.

***Tolmomyias sulphurescens sulphurescens** (Spix)

Rhynchocyclus sulphurescens sulphurescens Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 302 — Monte Serrate.

Maromba: 2 ♂ ♂, 1 e 2 de agosto de 1950; 1 ♂, 23 de dezembro de 1949; 1 ♀ ?, 18 de dezembro de 1949.

---

(1) Grafado *Hirudinea*, provàvelmente êrro tipográfico.

Todirostrum poliocephalum (Wied)

Todirostrum poliocephalum Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 302 — Monte Serrate.

Euscarthmornis nidipendulus paulistus (Hellmayr)

Euscarthmus nidipendulus subsp. Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 302 — *Monte Serrate.

***Ceratotriccus furcatus** (Lafresnaye)

MAROMBA: 3 ♂♂, de 30 de julho, 4 e 12 de agosto de 1950.

Dêste raro tirânida o Departamento de Zoologia possuia até aqui apenas quatro êxemplares, com o rótulo de Ubatuba, dos colecioados por Garbe em 1905. À vista do que se sabe sôbre a distribuição da espécie, devemos ter como certo que Garbe os obtivera nas matas da Serra do Mar próximo da referida localidade litorânea. Sua verificação no Itatiaia é achado interessante, no estender a área de sua distribuição conhecida à Serra da Mantiqueira.

***Myiornis auricularis auricularis** (Vieillot) *Cigarra*

Orchilus auricularis Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 303 — *Itatiaia (entre 3.000 e 3.800 pés de altitude).

MAROMBA: 1 ♂ e 1 ♀, 12 de agosto de 1950; 1 ♂ e 1 ♀, 13 do mesmo mês.

***Hemitriccus diops obsoletus** (Ribeiro)

Musciphaga obsoleta Ribeiro, 1905, Arq. Mus. Nac., XIII, pg. 183 — *Caminho do Couto (Moreira col.).

Hemitriccus obsoleta Lüderwaldt, 1909, Zool. Jahrb., XXVII, pg. 353 — 270 (reportando-se aos exemplares de Ribeiro, nenhuma referência fez todavia Ihering aos de Lüderwaldt).

Hemitriccus obsoleta Lüderwaldt, 1909, Zool. Jahrb., XXVII, pg. 353 — *Campos do Itatiaia.

Hemitriccus obsoletus Ribeiro, 1923, Arq. Mus. Nac., XXIV, pg. 254 — Caminho do Couto (referência); Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 303 — *Itatiaia (entre 5.800 e 7.500 pés de altitude).

MAROMBA: 1 ♂ ad., 5 de junho de 1951.

O sr. Lima só ùltimamente pôde conseguir um exemplar dêste passarinho, de que todavia ainda existem no Departamento de Zoologia as duas fêmeas colecionadas no Itatiaia por Lüderwaldt, em abril de 1906. O importante a registrar é que o exemplar de Lima, ♂ adulto pela tonalidade cinzenta (quase sem pardo) do peito, aproxima-se decididamente dos da forma típica de *H. diops*. Faz alguns anos, deixamos documentada (*Catal. das Aves do Brasil*, 2.ª pte., 1944, pg. 245, nota margin.) a presença de *H. diops obsoletus* na cordileira marítima, através de um exemplar, de caracteres ultratípicos, colecionado por Lüderwaldt na Serra da Bocaina (norte de S. Paulo, próximo à froteira do Estado do Rio de Janei-

ro), em 1924. Posteriòrmente, em 27 de agosto de 1941, outro espécime foi colecionado na mesma zona por pessoal da Expedição do Dept. de Zoologia. Um exemplar do Ipiranga (N.º 146 do Museu Paulista), é fenotìpicamente idêntico ao último exemplar da Serra da Bocaina, pelo que poder-se-ia reabrir a discussão em torno da raça a que pertence. Registrado inicialmente por H. von Ihering (*Rev. Mus. Paul.*, V, 1902, pg. 270) como *Hemitriccus vilis* (Burm.), foi incluido por Hellmayr (*Catal. Bds. Americas*, V, pg. 343) na sinonímia de *H. diops diops* (Temm.), tido por êle como inseparável do último; Holt, pelo contrario, menciona o exemplar de Ipiranga na sionímia de *H. diops obsoletus*, o que fala em favor do caracter intermediário das populações pertencentes ao trecho da Serra do Mar situado entre São Paulo e Santos. Pelo ♂ agora colecionado, vê-se que a instabilidade de caracteres se acha presente em todas as populações da espécie, sendo regra na Serra do Mar as aves de peito cinzento (*H. diops diops*) e predominando na Mantiqueira (Itatiaia) os de peito pardo-arruivado (*H. diops obsoletus*). Com base nesta diferença estatística é sem dúvida admissível a aceitação das duas raças em discussão.

Pogonotriccus eximius (Temminck)

Pogonotriccus eximius Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 306 — *Itatiaia (1 exemplar a 3.600 pés de altitude).

***Phylloscartes ventralis ventralis** (Temminck)

Phylloscartes ventralis Ribeiro, 1905, Arq. Mus. Nac., XIII, pg. 183 — *Retiro do Ramos (Moreira col.); idem, 1923, Arq. Mus. Nac., XXIV, pg. 254 — Retiro do Ramos, Caminho do Couto (sem dúvida os mesmos exemplares de Moreira); Ihering & Ihering, 1907, Catal. Fauna Brazil., I, Aves, pg. 272 — *Itatiaia (material de Lüderwaldt); Lüderwaldt, 1909, Zool. Jahrb., XXVII, pg. 353 — Campos do Itatiaia.

Phylloscartes ventralis ventralis Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 306 — *Itatiaia (entre 5.200 e 8.050 pés de altitude).

Macieiras (quilom. 17): 2 ♂♂, 11 de dezembro de 1949 e 30 de maio de 1951.

Phylloscartes difficilis (Iher. & Ihering)

Hemitriccus diops Ribeiro, 1923, Arq. Mus. Nac., XXIV, pgs. 248 e segs. minho do Couto.

Guracava difficilis Iher. & Ihering, 1907, Catal. Fauna Brazil., I, Aves, pg. 271 — *Campos do Itatiaia (descr. orig., com base nos exemplares de Lüderwaldt); Lüderwaldt, 1909, Zool. Jahrb., XXVII, pg. 353 — Campos do Itatiaia; Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 305 — *Itatiaia (entre 5.900 e 7.200 pés de altitude).

Hemitriccus diops Ribeiro, 1923, Arq. Mus. Nac., XXIV, pgs. 248 e segs. (crítica).

Até aqui não conseguiu o sr. Lima, no Itatiaia, nenhum exemplar dêste raro passarinho; por outro lado, o tipo de *Guracava difficilis* Iher. & Ihering, n. 6.132 da coleção ornitológica do Museu Paulista, há muito não mais existia quando a dita coleção passou para o Departamento de Zoologia. Acha-se todavia presente o ♂ adulto de Alto da Serra (n.º 128 da antiga col. do Mus. Paul.), que H. von Ihering havia tomado a princípio (*Rev. Mus. Paul.*, III, pg. 185) por *Hemitriccus vilis* Burmeister (= *Hemitriccus diops* Temminck). Com êste reparo queremos corrigir o engano cometido ao tratar da presente espécie em nosso "*Catálogo das Aves do Brasil*" (2.ª pte., pg. 249, nota 2). Ùltimamente, em nossa excursão zoológica à Serra da Bocaina, conseguimos um novo exemplar (n.º 27.316) que, apesar de não trazer indicação do sexo, presta-se muito melhor que o primeiro para o estudo das características do pássaro. Abster-nos-emos todavia de descrevê-las, por já havê-lo feito Holt fielmente, com maior abundância de material.

***Serpophaga subcristata** (Vieillot)

Serpophaga subscristata Iher. & Ihering, 1907, Catal. Fauna Brazil., I, Aves, pg. 275 — *Itatiaia (exempls. de Lüderwaldt); Lüderwaldt, 1909, Zool. Jahrb., XXVII, pg. 354 — provàvelmente, Campo do Itatiaia; Ribeiro, 1923, Arq. Mus. Nac., XXIV, pg. 254 (referência); Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 306 — *Benfica e Monte Serrate.

MONTE SERRATE: 1 exemplar, sem indicação de sexo nem data (imprestável para as coleções).

***Serpophaga nigricans** (Vieillot)

FAZENDA BELA VISTA: 1 ♂, 1 de novembro de 1950.

O exemplar provêm de baixa altitude, já fora da serra; mas a sua ocorrência no Itatiaia não deixa margem a dúvida, convindo tambem registrar a existência no Departamento de Zoologia, de exemplares colecionados no alto da Serra da Bocaina.

Elaenia parvirostris Pelzeln

Elaenia parvirostris parvirostris Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 307 — *Ponte do Maromba e Macieiras.

***Elaenia mesoleuca** Caban. & Heine

Elaenia mesoleuca Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 307 — *Itatiaia (entre 5.900 e 6.900 pés de altitude).

MACIEIRAS: 1 ♀ de 11 de dezembro de 1949.

A Holt, esta "marid'é dia" apresentou-se como sendo, no Itatiaia, o membro preponderante do grupo.

***Elaenia obscura sordida** Zimmer

Elaenea obscura Iher. & Ihering, 1907, Catal. Fauna Brazil., I, Aves, pg. Redondo.

Elaenea obscura Iher. & Ihering, 1907, Catal. Fauna Brazil., I, Aves, pg. 283 — *Itatiaia (exemplares de Lüderwaldt); Lüderwaldt, 1909, Zool. Jahrb., XXVII, pg. 354 — Itatiaia (citação).

Elaenia obscura Ribeiro, 1923, Arq. Mus. Nac., XXIV, pg. 254 (referência).

Elaenia obscura obscura Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nac. Hist., LVII, pg. 307 — proxim. de *Monte Serrate.

Macieiras: 1 ♂, 11 de dezembro de 1949.

Alto do Itatiaia (1.240 mts.): 1 ♂, 22 de junho de 1951.

***Camptostoma obsoletum obsoletum** (Temminck)

Camptostoma obsoletum obsoletum Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 307 — *Itatiaia (a 2.500 e 3.400 pés de altitude).

Macieiras (quilom. 17): 1 ♂, 11 de dezembro de 1949.

***Xanthomyias virescens virescens** (Temminck)

Maromba: 2 ♂♂, 6 e 12 de junho de 1951.

***Phyllomyias fasciatus brevirostris** (Spix)

Phyllomyias brevirostris Iher. & Ihering, 1907, Catal. Fauna Brazil., I, Aves, pg. 278 — *Itatiaia (exemplares de Lüderwaldt); Lüderwaldt, 1909, Zool. Jahrb., XXVII, pg. 354 — Itatiaia (aparentemete os chamados Campos do Itatiaia).

Philomyas brevirostris Ribeiro, 1923, Arq. Mus. Nac., XXIV, pg. 254 (citação).

Phyllomyias brevirostris brevirostris Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 306 (refer. a Lüderwaldt).

Maromba: 2 ♂♂, 28 e 31 de julho de 1950; 1 ♀, 6 de junho de 1951.

Macieiras: 2 ♂♂, 28 de maio e 1 de junho de 1951.

***Phyllomyias griseocapillus** Sclater

Maromba: 2 ♂♂ colecionados respectivamente em 27 de julho e 17 de agosto de 1950.

***Pipromorpha rufiventris** Cabanis

Pipromorpha rufiventris Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg 306 — *Itatiaia (entre 3.100 e 6.100 pés de altitude).

Maromba: 1 ♂, 20 de dezembro de 1949; 2 ♂♂, 12 e 19 de agosto de 1950; 1 ♂, 8 de junho de 1951.

Fam. *OXYRUNCIDAE*

***Oxyruncus cristatus cristatus** (Swainson)

Maromba: 1 ♂, 13 de junho e 1 ♀, 7 do mesmo mês de 1951.

Fam. *HIRUNDINIDAE*

Stelgidopteryx ruficollis ruficollis (Vieillot) *Andorinha*

Stelgidopteryx ruficollis ruficollis Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 132 — *Monte Serrate.

***Pygochelidon cyanoleuca cyanoleuca** (Vieillot) *Andorinha*

Atticora cyanoleuca Ribeiro, 1905, Arq. Mus. Nac., XIII, pg. 173 (no texto) — Itatiaia (altitudes inferiores).

Pygochelidon cyanoleuca Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 311 — *Monte Serrate, Benfica e Alto do Itatiaia (a 7.900 pés).

MAROMBA: 1 ♂, 24 de janeiro de 1950.

Fam. *TROGLODYTIDAE*

***Troglodytes musculus musculus** Neumann *Curruira*

Troglodytes musculus musculus Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 312 — *Benfica, Monte Serrate.

MAROMBA: 1 ♂, 12 de outubro de 1950; 1 ♀, 12 de dezembro de 1949.

Fam. *MIMIDAE*

Mimus saturninus frater Hellmayr *Sabiá-poca*

Mimus saturninus Ribeiro, 1905, Arq. Mus. Nac., XIII, pg. 185 — *Monte Serrate (Moreira col.).

Mimus saturninus frater Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 312 — Benfica.

Fam. *TURDIDAE*

Turdus albicollis albicollis Vieillot *Sabiá coleira*

Turdus albicollis Ribeiro, 1923, Arq. Mus. Nac., XXIV, pg. 254 (exemplares de Peixoto Velho); Peixoto Velho, 1923, loc. cit., pg. 264 — *Monte Serrate.

Planesticus albicollis albicollis Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 313 — *Itatiaia (entre 6.900 e 6.100 pés de altitude).

***Turdus amaurochalinus** Cabanis *Sabiá branco*

? *Turdus leucomelas* (não de Vieillot), Lüderwaldt, 1909, Zool. Jahrb., XXVII, pg. 355 — Campos do Itatiaia (só observado).

Planesticus amaurochalinus Holt, 1928, Bull, Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 313 — *Benfica, Monte Serrate.

ALTO DO ITATIAIA, Várzea dos Lírios (1.470 mts.): 1 ♀ ad., 24 de maio de 1951.

Turdus leucomelas albiventer Spix *Sabiá branco*

Planesticus albiventer albiventer Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 313 — *Monte Serrate.

***Turdus rufiventris rufiventris** Vieillot *Sabiá-laranjeira*

Turdus rufiventris Ribeiro, 1905, Arq. Mus. Nac., XIII, pg. 185 — *Retiro do Ramos (Morro Redondo); idem, 1923, Arq. Mus. Nac., XXIV, pg. 254 (referência); Iher. & Ihering, 1907, Catal. Fauna Brazil., I, Aves, pg. 321 — *Itatiaia (material de Lüderwaldt); Lüderwaldt, 1909, Zool. Jahrb., XXVII, pg. 354 — Campos do Itatiaia; Peixoto Velho, 1923, Arq. Mus. Nac., XXIV, pg. 264 — *Monte Serrate.

Planesticus rufiventer rufiventer Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 313 — *Monte Serrate e Alto do Itatiaia.

Maromba: 1 ♂, 12 de dezembro de 1950; 1 ♀, 6 de junho de 1951.

Macieiras: 1 ♀, 30 de maio de 1951.

Alto do Itatiaia, Várzea dos Lírios (1.470 mts.): 1 ♂, 24 de maio e 1 ♀, 22 de junho de 1951.

***Platycichla flavipes flavipes** (Vieillot) *Sabiá-una*

Merula flavipes Ribeiro, 1905, Arq. Mus. Nac., XIII, pg. 185 — *Retiro do Ramos (Caminho do Couto); idem, 1923, Arq. Mus. Nac., XXIV, pg. 254 (referência).

Platycichla flavipes Iher. & Ihering, 1907, Catal. Fauna Braz., I, Aves, pg. 321 — *Itatiaia (exemplos de Lüderwaldt); Lüderwaldt, 1909, Zool. Jahrb., XXVII, pg. 355 — Campos do Itatiaia.

Platycichla flavipes flavipes Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 312 — *Itatiaia (entre 2.700 e 5.900 pés de altitude).

Macieiras: 1 ♂, 7 de dezembro de 1949.

Maromba (1.200 mts.): 1 ♂, 7 de junho de 1951.

Fam. *MOTACILLIDAE*

***Anthus hellmayri brasilianus** Hellmayr

Anthus chii Ribeiro, 1905, Arq. Mus. Nac., XIII, pg. 184 — *Retiro do Ramos (Morro dos Carneiros); idem, 1923, Arq. Mus. Nac., XXIV, pg. 254 (referência); Iher. & Ihering, 1907, Catal. Fauna Brazil., I, Aves, pg. 330 — *Itatiaia (exemplares de Lüderwaldt); Lüderwaldt, 1909, Zool. Jahrb., XXVII, pg. 355 — Campos do Itatiaia.

Anthus hellmayri brasilianus Holt, 1928, Bull. Amer Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 315 — *Campos do Itatiaia (entre 7.100 e 8.000 pés de altitude).

Macieiras (quilom. 17): 2 ♂♂ e 1 ♀ de 11 de dezembro de 1949.

Fam. *CYCLARHIDAE*

***Cyclarhis gujanensis ochrocephala** Tschudi

Cyclorhis ochrocephala Ribeiro, 1905, Arq. Mus. Nac., XIII, pg. 183 — *Retiro do Ramos (Morro dos Carneiros); Iher. & Ihering, 1907, Catal. Fauna Brazil., I, Aves, pg. 338 — *Itatiaia (exemplares de Lüderwaldt); Lüderwaldt, 1909, Zool. Jahrb., XXVII, pg. 356 — Campos do Itatiaia; Peixoto Velho, 1923, Arq. Mus. Nac., XXIV, pg. 264 — *Monte Serrate.

Cyclarhis ochrocephala ochrocephala Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 314 — *Benfica, Monte Serrate e Alto do Itatiaia (entre Terceiro Morro e Morro dos Caneiros).

MAROMBA: 2 ♂♂, 4 de agosto e 12 de setembro de 1950; 1 ♂ e 1 ♀, de junho de 1951.

MACIEIRAS: 1 ♀, 30 de maio de 1951.

Fam. *VIREONIDAE*

Vireo chivi chivi (Vieillot)

Vireosylva chivi chivi Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 313 — *Monte Serrate.

***Hylophilus poicilotis poicilotis** Temminck

Hylophilus poicilotes (sic) Ribeiro, 1905, Arq. Mus. Nac., XIII, pg. 183 — *Retiro do Ramos; idem, 1923, Arq. Mus. Nac., XXIV, pg. 254 (referêneia).

Pachysylvia poecilotis Iher. & Ihering, 1907, Catal. Fauna Braz., I, Aves, pg. 336 — *Campos do Itatiaia (exemplares de Lüderwaldt); Lüderwaldt, 1909, Zool. Jahrb., XXVII, pg. 356 — Campos do Itatiaia; Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 314 — Itatiaia (entre 5.300 e 5.900 pés de altitude).

MAROMBA (1.200 mts.): 1 ♂ e 1 ♀, respectivamente de 11 e 8 de junho de 1951.

Fam. *COEREBIDAE*

Dacnis cayana caerulea (Wied)

Dacnis cayana paraguayensis Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 319 — *Monte Serrate.

Coereba flaveola chloropyga (Cabanis)

Coereba chloropyga chloropyga Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 319 — *Benfiea, Monte Serrate.

Fam. *COMPSOTHLYPIDAE*

***Compsothlypis pitiayumi pitiayumi** (Vieillot)

Compsothlypis pitiayumi pitiayumi Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 314 — *Itatiaia (a 3.800 pés de altitude).

Maromba: 1 ♂, 4 de junho de 1951; 1 ♀, 12 de junho e um insex., 4 do mesmo mês e ano.

Geothlypis aequinoctialis velata (Vieillot)

Geothlypis aequinoctialis cucullata Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 314 — *Benfica e Monte Serrate.

Basileuterus leucoblepharus (Vieillot)

Basileuterus leucoblepharus Iher. & Ihering, 1907, Catal. Fauna Brazil., I, Aves, pg. 333 — *Itatiaia (material de Lüderwaldt); Lüderwaldt, 1909, Zool. Jahrb., XXVII, pg. 356 — Campos do Itatiaia; Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 314 — *Macieiras e Alto do Itatiaia.

***Basileuterus auricapillus auricapillus** (Swainson)

Basileuterus auricapillus auricapillus Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 314 — *Itatiaia (entre 2.000 e 6.100 pés de altitude).

Maromba: 1 ♂, 12 de agosto de 1950; 1 ♀, 18 de dezembro de 1949.

Fam. *TERSINIDAE*

***Tersina viridis viridis** (Illiger)

Tersina caerulea caerulea Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII. pg. 319 — *Monte Serrate.

Fam. *THRAUPIDAE*

***Chlorophonia cyanea cyanea** (Thunberg)

Maromba: 1 ♂ e 1 ♀, 1 de agosto de 1950; 1 ♂, 17 do mesmo mês; 1 ♂ de 10 de junho de 1951.

Macieiras (1.810 mts.): 1 ♀ ?, 28 de maio de 1951.

***Tanagra pectoralis** (Latham)

Tanagra pectoralis Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 319 — *Itatiaia (entre 3.300 e 5.100 pés de altitude).

Engenharia: 1 ♂, 5 de setembro de 1950.

Maromba: 3 ♂♂, 8, 10 e 10 de junho de 1951; 1 ♀ de 11 de junho do mesmo ano.

***Pipraeidea melanonota melanonota** Vieillot

Pipraeidea melanonota Ribeiro, 1905, Arq. Mus. Nac., XIII, pg. 186 — *Retiro do Ramos (Morro dos Carneiros); idem, 1923, Arq. Mus. Nac., XXIV, pg. 254 (referência).

Pipraeidea melanonota Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 320 (citação).

MACIEIRAS: 1 ♂, 28 de maio de 1951 e 1 ♀, 8 de dezembro de 1949.

***Tangara cyanoventris** (Vieillot)

Calospiza cyanoventris Ribeiro, 1923, Arq. Mus. Nac., XXIV, pg. 254, (referência, com base em Peixoto Velho); Peixoto Velho, 1923, loc. cit., pg. 264 — *Monte Serrate.

Tangara cyaneiventris Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 320 — *Itatiaia (a 3.100 pés de altitude).

MAROMBA: 1 ♂, 4 de agosto de 1950.

***Tangara desmaresti** (Vieillot)

Calospiza tharacica Iher. & Ihering, 1907, Catal. Fauna Braz., I, Aves, pg. 352 — *Itatiaia (exemplares de Lüderwaldt); Lüderwaldt, 1909, Zool. Jahrb., XXVII, pg. 356 — Campos do Itatiaia; Ribeiro, 1923, Arq. Mus. Nac., XXIV, pg. 254 — Retiro do Ramos (referência a Lüderwaldt).

Tangara thoracica Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 320 — *Itatiaia (entre 2.700 e 5.700 pés de altitude).

MAROMBA: 2 ♂♂, 17 de dezembro de 1949 e 28 de agosto de 1950; 1 ♂, de 14 de junho de 1951.

MACIEIRAS: 1 ♂ e 1 ♀, 9 de dezembro de 1950; 1 ♂ de 2 de junho de 1951.

Tangara cayana chloroptera (Vieillot)

Tangara flava chloroptera Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 320 — *Itatiaia (a 1.900 e 2.700 pés de altitude).

***Stephanophorus diadematus** (Temminck)

Stephanophorus leucocephalus Ribeiro, 1905, Arq. Mus. Nac., XIII, pg. 186 — *Retiro do Ramos (Morro Redondo); Iher. & Ihering, 1907, Catal. Fauna Brazil., I, Aves, pg. 356 — *Itatiaia (exemplares de Lüderwaldt); Lüderwaldt, 1909, Zool. Jahrb., XXVII, pg. 357 — Campos do Itatiaia; Ribeiro, 1923, Arq. Mus. Nac., XXIV, pg. 254 — Retiro do Ramos (referência); Peixoto Velho, 1923, loc. cit., pg. 253 — *Monte Serrate.

Stephanophorus diadematus Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 320 — *Itatiaia (entre 5.000 e 7.900 pés de altitude).

MAROMBA (1.200 mts.): 1 ♀ juv., 14 de junho de 1951.

MACIEIRAS (1.810 mts.): 1 ♂ e 1 ♀, 11 de dezembro de 1949; 1 ♂, 6 de dezembro do mesmo ano; 1 ♀ de 10 de dezembro de 1949; 2 ♂♂ de 27 e 29 de maio de 1951.

ALTO DO ITATIAIA, Várzea dos Lírios: 1 ♂, 23 de maio de 1951; 3 ♀♀, 23 e 24 do mesmo mês e ano.

***Thraupis cyanoptera** (Vieillot)

Thraupis cynanoptera Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 321 — *Monte Serrate.

***Thraupis sayaca sayaca** (Linné)

Tanagra sayaca Ribeiro, 1923, Arq. Mus. Nac., XXIV, pg. 254 — Monte Serrate (exemplares de Peixoto Velho); Peixoto Velho, 1923, loc. cit., pg. 263 — *Monte Serrate.

Thraupis sayaca Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 321 — *Monte Serrate.

Maromba: 2 ♂♂, 7 de outubro de 1950; 1 ♂?, 30 de setembro de 1950; 1 ♀, 13 de junho de 1951.

***Thraupis ornata** (Sparrmann)

Thraupis ornata Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 321 Serrate; idem, 1923, Arq. Mus. Nac., XXIV, pg. 254 — Monte Serrate (referêneia).

Thraupis ornata Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 321 — *Monte Serrate (também muito abundante a 3.800 pés de alttiude).

Maromba (1.200 metros): 2 ♂♂, 19 e 20 de dezembro de 1949; 1 ♂, 8 de junho de 1951.

Piranga flava saira (Spix)

Piranga saira Ribeiro, 1905, Arq. Mus. Nac., XIII, pg. 186 — Retiro do Ramos (Caminho do Couto); idem, 1923, Arq. Mus. Nac., XXIV, pg. 255 — Retiro do Ramos (referêneia).

Piranga saira saira Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 321 — Caminho do Couto (ajud. Ribeiro).

Orthogonys chloricterus (Vieillot)

Orthogonis viridis Ribeiro, 1923, Arq. Mus. Nac., XXIV, pg. 255 — Monte Serrate (material de Peixoto Velho).

Orthogonys viridis Peixoto Velho, 1923, Arq. Mus. Nac., XXIV, pg. 264 — *Monte Serrate.

Orthogonys chloricterus Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 321 (referência ao material de Peixoto Velho).

***Tachyphonus coronatus** (Vieillot)

Tachyphonus coronatus Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 321 — *Monte Serrate (col. entre 2.400 e 3.800 pés de altitude).

Maromba: 2 ♂♂, respectivamente de 16 de agosto e 9 de outubro de 1950; 2 ♀♀, de 18 de dezembro de 1949 e 19 de agosto de 1950; 2 ♂♂ ads., de 5 de junho de 1951; 2 ♂♂ juv., de 12 e 13 e 1 ♀ ad., de 13 do mesmo mês e ano.

***Trichothraupis melanops** (Vieillot)

Trichothraupis melanops melanops Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 322 — *Itatiaia (eomum entre 3.200 e 3.800 pés de altitude).

Maromba (1.200 mts.): 1 ♂ ad., de 8 de junho de 1951.

***Pyrrhocoma ruficeps** (Strickland)

Pyrrhocoma ruficeps Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 322 — *Itatiaia (a 3.800 pés de altitude).

MAROMBA (1.200 mts.): 1 ♂, 6 de junho de 1951.

***Hemithraupis ruficapilla ruficapilla** (Vieillot)

MAROMBA: 1 ♂, 13 de agosto de 1950; 1 ♀, 28 de julho do mesmo ano.

***Orchesticus abeillei** (Lesson)

MAROMBA: 1 ♂, 2 de agosto de 1950; 1 ♀, 17 de dezembro de 1949; 1 ♂ ?, 12 de dezembro do mesmo ano.

***Cissopis leveriana maior** Cabanis

Cissopis major Ribeiro, 1923, Arq. Mus. Nac., XXIV, pg. 255 — Monte Serrate (exemplares de Peixoto Velho); Peixoto Velho, 1923, loc. cit., pg. 264 — *Monte Serrate.

Cissopis leveriana major Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 322 — *Itatiaia (entre 3.000 e 5.800 pés de altitude).

MAROMBA: 2 ♂♂, 16 e 21 de dezembro de 1949.

MACIEIRAS: 1 ♀, 9 de dezembro de 1949.

***Schistochlamys ruficapillus ruficapillus** (Vieillot) *Sanhaçu do campo*

Schistochlamys capistrata Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 322 — *Benfica, Monte Serrate.

Fam. *ICTERIDAE*

Ostinops decumanus maculosus Chapman

Ostinops decumanus Lüderwaldt, 1909, Zool. Jahrb., XXVII, pg. 359 — na mata, abaixo de *Monte Serrate (só observado).

***Cacicus haemorrhous affinis** Swainson

Cassicus haemorrhous Ribeiro, 1923, Arq. Mus. Nac., XXIV, pg. 255 — Monte Serrate (material de Peixoto Velho); Peixoto Velho, 1923, loc. cit., pg. 263 — *Monte Serrate.

Cacicus haemorrhous aphanes Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 323 — *Itatiaia (entre 3.000 e 3.200 pés de altitude).

MAROMBA: 1 ♀, 8 de junho de 1951.

***Archiplanus albirostris** (Vieillot)

Cassicus chrysopterus Lüderwaldt, 1909, Zool. Jahrb., XXVII, pg. 359 — Itatiaia (observado sòmente).

Archiplanus albirostris Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 322 (citação).

Maromba: 2 ♂♂, 25 de maio e 8 de junho de 1951; 4 ♀♀, de 4 e 14 de agosto de 1950, 8 e 10 de junho de 1951.

Macieiras: 1 ♂, 12 de dezembro de 1949.

Molothrus bonariensis bonariensis (Gmelin)

Molothrus bonariensis Lüderwaldt, 1909, Zool. Jahrb., XXVII, pg. 359 — Campos do Itatiaia (só observado).

Molothrus bonariensis bonariensis Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 323 (referência a Lüderwaldt).

Fam. *FRINGILLIDAE*

***Saltator similis similis** Lafresn. & d'Orbigny

Saltator similis similis Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 316 — *Monte Serrate, Ponte do Maromba (entre 1.700 e 5.300 pés de altitude).

Maromba: 1 ♂, 26 de julho de 1950; 2 ♂♂, 6 e 14 de junho de 1951.

***Stelgidostomus maxillosus** Cabanis

Saltator azarae Ribeiro, 1905, Arq. Mus. Nac., XIII, pg. 186 — *Retiro do Ramos (Lagoa Esgotada, Moreira col.).

Stelgidostomus maxillosus Iher. & Ihering, 1907, Catal. Fauna Brazil., I, Aves, pg. 372 — *Itatiaia (material de Lüderwaldt); Lüderwaldt, 1909, Zool. Jahrb., XXVII, pg. 357 — Campos do Itatiaia; Ribeiro, 1923, Arq. Mus. Nac., XXIV, pg. 255 — Retiro do Ramos (referência ao material de Moreira); Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 316 — *Macieiras e cercanias (entre 5.300 e 7.150 pés de altitude).

Macieiras: 1 ♂, 7 de dezembro de 1949.

Alto do Itatiaia, Várzea dos Lírios: 1 ♀, 24 de maio de 1951.

***Pitylus fuliginosus** (Daudin)

Ptylus (sic) *fuliginosus* Ribeiro, 1905, Arq. Mus. Nac., XIII, pg. 186 — *Monte Serrate (Moreira col.); idem, 1923, Arq. Mus. Nac., XXIV, pg. 255 (referência)

Pitylus fuliginosus Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 315 — *Itatiaia (a 3.500 e 3.550 pés de altitude).

Maromba: 1 ♀, 14 de agosto de 1950; 1 de sexo ?, 9 de outubro de 1950; 1 ♀ (albinística), 6 de junho de 1951.

O albinismo se manifesta pelo descoramento geral da plumagem, e especialmente das rêmiges e rectrizes, decididamente esbranquiçadas.

Cyanocompsa cyanea cyanea (Linné)

Cyanocompsa syanea cyanea Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 315 — *Benfica, Monte Serrate.

***Sporophila frontalis** (Verreaux) *Pichochó*

MAROMBA: 1 ♂, 17 de agosto de 1950; 4 ♀♀, 27 de julho, 13, 14 e 17 de agosto de 1950; 5 ♂♂ e 3 ♀♀, 5 e 8 de junho de 1951.

Sporophila caerulescens caerulescens Vieillot

Sporophila caerulescens Peixoto Velho, 1923, Arq. Mus. Nac., XXIV, pg. 263, nota margin. — Monte Serrate (só observado); Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 315 — *Monte Serrate e Benfica.

***Amaurospiza moesta** Hartlaub

MAROMBA: 1 ♂ adulto, 13 de agosto de 1950.

Primeiro exemplar desta rara espécie, nova para a avifauna do Itatiaia, que entra para as coleções do Departamento de Zoologia. Dá que pensar a extensa área de dispersão e diversidade de ambiente que os exemplares registrados pela literatura acusam para ela.

Oryzoborus angolensis angolensis (Linné)

Oryzoborus angolensis angolensis Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 315 — *Benfica.

***Spinus magellanicus ictericus** (Lichtenstein)

Spinus ictericus Ribeiro, 1905, Arq. Mus. Nac., XIII, pg. 186 — *Retiro do Ramos (Moreira col.); Iher. & Ihering, 1907, Catal. Fauna Braz., I, Aves, pg. 380 — *Itatiaia (exemplares de Lüderwaldt); Lüderwaldt, 1909, Zool. Jahrb., XXVII, pg. 357 — Campos do Itatiaia; Ribeiro, 1923, Arq. Mus. Nac., XXIII, pg. 255 — Retiro do Ramos (referência); Peixoto Velho, 1923, loc. cit., pg. 263 — *Monte Serrate.

Spinus ictericus ictericus Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 316 — *Monte Serrate e Alto do Itatiaia.

ALTO DO ITATIAIA, Várzea dos Lírios: 1 ♂ ad., 24 de maio de 1951.

O outro exemplar trazido por Lima é uma ♀ procedente da Fazenda Bela Vista (1-IX-1950), próxima ao Rio Piratininga e a pequena distância do Itatiaia.

Sicalis flaveola brasiliensis (Gmelin)

Sicalis flaveola Lüderwaldt, 1909, Zool. Jahrb., XXVII, pg. 358 — Campos do Itatiaia (só observado); Ribeiro, 1923, Arq. Mus. Nac., XXIV, pg. 255 — Retiro do Ramos (referência provável à observação de Lüderwaldt); Peixoto Velho, 1923, loc. cit., pg. 263 — *Monte Serrate.

Sicalis flaveola holti, Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 316 — *Benfica e Monte Serrate.

***Haplospiza unicolor** Cabanis *Pichochó*

Haplospiza unicolor Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 319 — *Alto do Itatiaia.

Maromba: 1 ♂ e 1 ♀, 19 de agosto de 1950; 3 ♂♂, de 5 a 8 de junho de 1951.

Myospiza humeralis humeralis (Bosc)

Myospiza humeralis manimbe Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 317 — *Benfica.

***Zonotrichia capensis subtorquata** Swainson

Zonotrichia capensis Ribeiro, 1905, Arq. Mus. Nac., XIII, pg. 165 — *Retiro do Ramos (Moreira col.).

Brachyspiza capensis Iher. & Ihering, 1907, Catal. Fauna Brazil., I, Aves, pg. 382 — *Itatiaia (exemplares de Lüderwaldt); Lüderwaldt, 1909, Zool. Jahrb., XXVII, pg. 358 — Campos do Itatiaia; Ribeiro, 1923, Arq. Mus. Nac., XXIV, pg. 255 — Retiro do Ramos (referênêcia); Peixoto Velho, 1923, loc. cit., pg. 363, nota — Monte Serrate (só observada); Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 318 — *Benfica, Monte Serrate, Ponte do Maromba, Alto do Itatiaia.

Maromba: 2 ♂♂, 19 de agosto de 1950 e 9 de outubro do mesmo ano.

Alto do Itatiaia, Várzea dos Lírios: 1 ♂, 21 de maio de 1951.

Emberizoides herbicola herbicola (Vieillot)

Emberizoides macrourus Lüderwaldt, 1909, Zool. Jahrb., XXVII, pg. 358 — Campos do Itatiaia (só observado); Ribeiro, 1923, Arq. Mus. Nac., XXIV, pg. 255 (referência).

Emberizoides herbicola herbicola Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 318 (referência a Lüderwaldt).

***Donacospiza albifrons** (Vieillot)

Donacospiza albifrons Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist. LVII, pg. 318 — *Benfica.

Alto do Itatiaia, Várzea dos Lírios (2.470 mts.): 1 exemplar de sexo indeterminado, colecionado em 24 de maio de 1951.

***Poospiza thoracica** (Nordmann)

Poospiza thoracica Ribeiro, 1905, Arq. Mus. Nac., XIII, pg. 186 — *Retiro do Ramos (Caminho do Couto, Morro Redondo); Iher. & Ihering, 1907, Catal. Fauna Brazil., I, Aves, pg. 383 — *Itatiaia (exemplares de Lüderwaldt); Lüderwaldt, 1909, Zool. Jahrb., XXVII, pg. 358 — Campos do Itatiaia; Ribeiro, 1923, Arq. Mus. Nac., XXIV, pg. 255 (referência ao material registrado em 1905); Holt, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, pg. 317 — *Itatiaia (entre 5.650 e 7.250 pés de altitude).

Macieiras: 2 ♂♂ e 2 ♀♀, 6 de dezembro de 1949; 1 ♂, 28 de julho de 1950; 2 ♂♂, 30 e 31 de maio de 1951; 1 ♀ de 30 do mesmo mês.

ALTO DO ITATIAIA, Várzea dos Lírios: 2 ♀ ♀, 23 de maio de 1951.

***Poospiza lateralis lateralis** (Nordmann)

Poospiza lateralis Iher. & Ihering, 1907, Catal. Fauna Brazil., I, Aves, pg. 384 — *Itatiaia (exemplares de Lüderwaldt); Lüderwaldt, 1909, Zool. Jahrb., XXVII, pg. 358 — Campos do Itatiaia; Ribeiro, 1923, Arq. Mus. Nac., XXIV, pg. 255 (simples referêneia com base em Lüderwaldt).

MACIEIRAS: 1 ♂, 8 de dezembro de 1949; 1 ♂ ?, 7 de dezembro de 1949; 2 ♀ ♀, 7 de dezembro de 1949; 1 ♂, 9 de outubro de 1950; 2 ♀ ♀, 27 e 31 de maio de 1951.

ALTO DO ITATIAIA: 1 ♂, 22 de junho de 1951.

Os exemplares acima foram obtidos a partir de 1.500 metros de altitude (quilom. 10).

***Embernagra platensis platensis** (Gmelin)

Embernagra platensis Ribeiro, 1905, Arq. Mus. Nac., XXIV, pg. 185 — *Retiro do Ramos (material coleeionado por Moreira).

MACIEIRAS (quilom. 17): 1 ♂, 28 de julho de 1950.

ALTO DO ITATIAIA, Várzea dos Lírios: 1 ♂, 22 de maio de 1951; 3 ♀ ♀ de 22 e 24 do mesmo mês e ano.

Vol. X, N.º 10 — pp. 209-212 5-III-1952

PAPÉIS AVULSOS
DO
DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA
SECRETARIA DA AGRICULTURA — S. PAULO - BRASIL

PEQUENAS NOTAS SOBRE *ASILIDAE* (*DIPTERA*)

IV — DESCRIÇÃO DE DUAS NOVAS ESPÉCIES DE *ATOMOSIA* E *RHOPALOGASTER* (*)

POR

MESSIAS CARRERA

Descrevemos neste trabalho duas novas espécies de *Atomosia* e *Rhopalogaster*. Pretendemos, no futuro, estudar amplamente estes gêneros, razão pela qual tais descrições vão aqui à guisa de nota prévia.

Atomosia fredericoi, n. sp.

♀. — Comprimento do corpo 8 mm.; da asa 7 mm.

Cabeça: face revestida de pruina e com longa pilosidade branca, havendo logo abaixo das antenas um par de finas cerdas dessa mesma cor; borda bucal saliente, com pêlos e cerdas branco-amarelados; fronte preta, revestida de pruina branca e com pilosidade branca nas margens oculares; no meio, dividindo a fronte em duas partes, há uma linha preta que vae do calo ocelar até a base das antenas; calo ocelar preto, com escassa pruina esbranquiçada e duas longas cerdas amareladas, vértice revestido de pruina branca; occipício recoberto de pruina amarelada; cerdas occipitais amareladas, mais abundantes atrás do vértice; barba branca; probóscida preto-brilhante, com pilosidade preta inferiormente, palpos pretos, com pilosidade esbranquiçada, antenas pretas, tão longas quanto o diâmetro transverso da cabeça; primeiro artículo pouco mais que duas vezes o segundo, com pilosidade preta superior e amarela inferiormente; segundo artículo com pilosidade preta; o terceiro artículo uma vez e meia os basais reunidos.

Tórax preto; pronoto revestido de pruina amarela, com uma coroa de cerdas amarelas em cima e pilosidade esbranquiçada lateralmente, mesonoto revestido de curta pilosidade amarela im-

(*) As notas I, II e III foram publicadas nos Papéis Avulsos Vols. V e VII, 1945 e 1946, pp. 167-174 e 93-100.

platada em pequenas escavações, dando assim ao tegumento o aspecto pontilhado; posteriormente se sobressae da curta pilosidade amarela, uma pilosidade mais longa, simulando dorso-centrais; cerdas laterais castanho-claras, sendo uma présutural, uma supra-alar e uma pós-alar, escutelo preto-brilhante, com curta pilosidade amarela dorsal e três pares de longas e grossas cerdas marginais de cor amarelada; região pós-escutelar revestida de pruina amarela, tendo lateralmente curtos pêlos amarelos e pequenas cerdas espiniformes também amarelas, pleuras com pruina branco-amarelada, exceto na porção central da mesopleura que é preta e com pilosidade amarelada.

Pernas: coxas revestidas de pruina branco-amarelada e pilosidade branca; fêmures e tíbias castanho-escuros com pilosidade esbranquiçada, havendo nas tíbias cerdas amarelas; tarsos mais escuros que o resto das pernas, com pilosidade e cerdas pretas em mistura com cerdas avermelhadas; nos tarsos das pernas posteriores, inferiormente, encontra-se pilosidade amarela compacta, curta e grossa.

Asas hialinas, com uma leve tintura amarelada sobre a célula anal; microtriquia abundante; nervuras castanho-escuras; primeira célula posterior um pouco estreitada no ápice. Halteres castanhos, sendo a porção mediana da haste amarelada.

Abdômen preto, com o tegumento grossamente pontilhado; na margem posterior de cada segmento, exceto o último, há um friso de pruina amarela que é levemente mais largo nos lados; pilosidade curta e amarelada, um pouco mais longa nas margens laterais; no primeiro segmento, lateralmente, existe pilosidade branca e algumas cerdas também brancas; nos lados do segundo e terceiro segmento também se encontram pequenas cerdas amareladas, sendo três no segundo e duas no terceiro; ventre escuro.

♂. — Desconhecido.

Holótipo ♀ N.º 63.074 e 4 parátipos ♀ ♀ Nos. 61.135, 62.393, 62.985 e 63.075, depositados na coleção do Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura de São Paulo. Os exemplares números 62.985 e 61.135 estão preando *Microhymenoptera* e *Drosophilidae*, respectivamente.

Localidade tipo: — São Paulo, Capital (Ipiranga), abril de 1936 (L. Morretes), janeiro de 1944 e fevereiro de 1948 (F. Lane).

Discussão taxionômica: — Esta espécie e próxima de *andrenoides* Bromley, da qual se separa por apresentar os seguintes caracteres: os dois primeiros artículos das antenas pretos, tamanho normal das asas, coloração castanho-escura das pernas, cor uniforme do abdômen onde há apenas um friso de pruina amarelada na margem posterior dos segmentos.

Dedicamos esta espécie ao amigo Frederico Lane, do Museu

Paulista, a quem devemos abundante e precioso material entomológico.

Rhopalogaster araujoi, n. sp.

♂. — Comprimento do corpo 10 mm.; da asa 7 mm.

Cabeça: face preta revestida de muito esparsa pruina amarela, tendo nos lados longas escamas amarelo-claras; mistax formado por finas cerdas pretas, pequenas, e outras amarelas, longas; em baixo da inserção das antenas encontram-se alguns pêlos pretos e outros amarelos; fronte preta, com pilosidade preta; calo ocelar preto, com escassa pruina amarela e com duas longas cerdas pretas e alguns pêlos também pretos; vértice preto, com pilosidade preta; occipício preto, revestido de esparsa pruina amarelada, tendo em cima pilosidade preta e inferiormente pilosidade amarelada; barba amarelada; probóscida preto-brilhante, tendo na porção basal, inferiormente, pêlos amarelos; palpos pretos, com pilosidade amarela, longa; antenas pretas, com pilosidade preta nos dois primeiros artículos; o primeiro artículo quase dez vezes o tamanho do segundo; o terceiro falta.

Tórax: pronoto preto, com pruina amarela e pilosidade preta; mesonoto aveludado, com pruina amarela nas margens laterais e, parcialmente, sobre os calos pós-alares; pruina desta mesma cor, formando duas manchas triangulares também existem na margem anterior do mesonoto, próximo dos calos umerais; alguma pruina cinza, formando mancha quadrangular e avançando sobre o escutelo, se encontra na margem posterior do mesonoto; pilosidade do mesonoto preta, relativamente curta e esparsa; cerdas laterais pretas, sendo uma pré-sutural, uma supra-alar e duas pós-alares; escutelo com pruina cinza dorsal e com finas cerdas amarelas marginais, sendo umas longas e outras curtas; região pós-escutelar preta, revestida esparsamente de pruina cinza-amarelada; pleuras pretas, revestidas de pruina cinzenta, havendo curta pilosidade branca na propleura e preta no resto; hipopleura com um tufo de longas e finas cerdas pretas.

Pernas pretas, exceto as tíbias e tarsos que são castanhos; coxas revestidas de pruina branca com pilosidade amarelada; trocanter posterior com uma grossa cerda preta, espiniforme; fêmures um pouco entumecidos, com esparsa, fina e longa pilosidade amarelada inferiormente e com pilosidade preta na face superior; fêmur posterior, na face inferior, basalmente, com duas pequenas cerdas amarelas implantadas em tubérculos; tíbias com pilosidade amarela esparsa, exceto na superfície inferior das tíbias anteriores onde é densa, muito curta e compacta; tíbias medianas com duas pequenas cerdas espiniformes apicais implantadas em tubérculos; tíbias posteriores com pequenos tubérculos na face inferior

onde se implantam pêlos; apicalmente um destes tubérculos serve de implantação a longas cerdas, entre as quais há uma pequena, espiniforme; tarsos com curtas cerdas pretas em cima e amarelas em baixo; os tarsos anteriores faltam. Garras pretas; pulvilos amarelos.

Asas levemente acastanhadas; primeira célula posterior fechada e peciolada; álula pequena, hialina; nervura transversa anterior situada muito antes do meio da célula discal. Halteres avermelhados.

Abdômen preto-fosco, muito estreito no segundo segmento; o terceiro segmento com a margem posterior duas vezes mais larga que a anterior; sobre o primeiro segmento encontra-se pruina branca e, lateralmente, longa pilosidade também branca; nos segmentos restantes há pilosidade preta e curta, exceto nos lados do segundo segmento onde é fina e longa; ventre preto, brilhante, com esparsa pilosidade preta. Terminália grande, globosa, preto-brilhante e com pilosidade preta.

♀. — Desconhecida.

Holótipo ♂ N.º 60.401, depositado na coleção do Dapartamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura de São Paulo.

Localidade tipo: — Estado de Goiaz, Campinas, janeiro de 1936 (R. Spitz).

Discussão taxionômica: — Esta espécie distingue-se de todas as outras do gênero *Rhopalogaster* pelos seguintes caracteres: mistax com cerdas pretas e amarelas; fronte, vértice e occipicio com pilosidade preta; palpos com pilosidade amarela; mesonoto com manchas triangulares de pruina amarela situadas na margem anterior, no lado interno dos calos umerais; cerdas do mesonoto pretas; coxas com pilosidade amarela; segmentos do abdômen pretos, sem pruina nas margens laterais e posterior; pilosidade lateral dos primeiros segmentos abdominais de cor amarela.

A espécie que mais se aproxima de *araoujoi*, n. sp. é *longicornis* (Wiedemann). As manchas de pruina amarela existentes no lado interno dos úmeros de *araujoi*, separa-a ràpidamente de *longicornis*.

Dedicamos esta espécie ao amigo e colega Renato L. de Araujo, do Instituto Biológico de São Paulo.

ABSTRACT

Two new species of Asilidae are described in this work: *Atomosia fredericoi* and *Rhopalogaster araujoi*.

A. fredericoi may be distinguished from *andrenoides* Bromley, by the black antennae, the normal size of the wings, the dark brown legs, and the whole black abdomen.

R. araujoi is near *longicornis* (Wiedemann) but it may be separated by the two triangular spots present in the anterior margin of the mesonotum.

Vol. X, N.º 11 — pp. 213-234 5-III-1952

PAPÉIS AVULSOS
DO
DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA
SECRETARIA DA AGRICULTURA — S. PAULO - BRASIL

NOVA CONTRIBUIÇÃO À ORNITOLOGIA DO RIO DAS MORTES

RESULTADOS DA EXPEDIÇÃO CONJUNTA DO INSTITUTO BUTANTAN E DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

POR

OLIVÉRIO M. DE O. PINTO
e
EURICO A. DE CAMARGO

Dá conta a presente nota dos resultados ornitológicos alcançados pela Expedição realizada no Brasil Central pelo Instituto Butantan, durante o segundo semestre de 1949, sob a chefia do Dr. Alphonse R. Hoge. Convidado a participar desse empreendimento, destacou para isso o Departamento de Zoologia os srs. Emilio Dente e Werner A. Bockermann, a cujo cargo ficaram quase todos os trabalhos de coleta e preparação do material zoológico.

De acordo com o relatório apresentado pelo primeiro dos mencionados técnicos, é-nos possível traçar, em suas linhas gerais, o histórico da expedição, de par com o itinerário percorrido.

Partindo da cidade de São Paulo em 10 de agosto, após cinco horas de vôo chegavam os expedicionários a *Goiânia,* capital do Estado de Goiaz. Auxiliados pelos poderes locais, aí tiveram de estacionar durante 19 dias, à espera de condução. Tempo que trataram de aproveitar em benefício dos resultados futuros, ocupando velha casa oferecida pelo Governo, próxima ao chamado Lago das Rosas, nome de que goza uma pequena lagoa formada pelo córrego existente no vale encaixado entre as vizinhas cidades de Goiânia e Campina, e distante de ambas cerca de quilómetro e meio. Não existiam matas nesse local, mas apenas campos e capoeiras maiores ou menores, espalhadas em manchas sobre um solo pedregoso e árido. Em consequência, pobre em demasia era aí a fauna ornitológica, à qual faltavam completamente as espécies de porte mais avantajado. Em compensação, não eram raros os andorinhões, entre os quais *Reinarda squamata,* de que foram colecio-

nados alguns ninhos, construidos exclusivamente de penas nas folhas da palmeira buriti, como já fôra observado e descrito por H. Sick.

A 20 de agosto deixaram Goiânia, seguindo para *Dumbá*, na margem esquerda do Rio Araguaia, com escala em Aruanã, nome atual da velha cidade de Leopoldina. A primeira parte da viagem foi feita em dois dias de caminhão; a última, de Aruanã a Dumbá, descendo o rio, em canoa. Esse trecho de Goiânia a Dumbá, narra o sr. Dente, "é composto quase totalmente de campos e cerrados, sendo que o terreno, além de pedregoso, é bastante acidentado" e cortado, de distância em distância, por pequenos córregos. "Na margem esquerda do Araguaia, informa ainda o meticuloso relator, já no Estado de Mato Grosso, o terreno não é acidentado; estende-se em imensa planície até o Rio das Mortes, banhado por inúmeras lagoas, na maioria secas, ou quase secas, devido o período de verão, e quase sempre cercadas de buritizais". O aspecto desértico dessa região é mitigado pela existência de "pequenos montes" às mais das vezes cobertos de vegetação arbórea, de que são parte saliente os jatobàzeiros e árvores outras de igual estatura.

Em Dumbá a coleta de espécimes foi feita quase que exclusivamente na faixa de mata marginal do Rio Araguaia, ou então nas praias desse grande caudal, onde foram obtidos vários Caprimúlgidas. No que respeita à ornitologia, conta-nos ainda o relatório em que nos estamos baseando, a fauna se apresenta ali em abundância; porém, na sua maioria, as espécies eram demasiado comuns, como os bentevis (*Pitangus sulphuratus*), os xexéus (*Cacicus cela*), e os próprios jaós (*Crypturellus undulatus*), cujo canto se ouvia durante quase o dia todo, entrando pela noite.

A 24 de agosto, em caminhão pertencente ao Serviço de Proteção aos Índios, a comitiva partia de Dumbá, rumando para o Posto de *Pindaíba*, na margem direita do Rio das Mortes, e logo abaixo da sua confluência com o rio daquele nome, seu importante tributário pela margem referida. Durante o percurso, a cerca de 60 quilómetros de Dumbá, foi cruzado o Rio Cristalino, já conhecido dos ornitólogos através da viagem de W. Garbe. Nos arredores de Dumbá, onde chegaram às 11 horas do dia 26, "os campos já são menos frequentes e os cerrados mais espessos". Meia légua antes de chegar ao rio, prossegue o relatório, "existe um morro de regular tamanho, conhecido pelo nome de Morro da Pindaíba, cuja altura foi calculada em 200 metros aproximadamente". Esse morro é constituido quase só de pedras e apresenta pouca vegetação.

A permanência em Pindaíba onde maior se mostrava a variedade de aves e impressionava a abundância de *Chelidoptera tenebrosa*, foi apenas de 7 dias; pois a 3 de setembro levantou a expedição o acampamento, em demanda do Posto de Atração dos Índios

Pimentel Barbosa, situado no lugarejo denominado *São Domingos*, à margem direita também do Rio das Mortes e no lugar em que neste vem desaguar o pequeno afluente que empresta seu nome ao povoado.

A monotonia deste trecho do percurso é apenas quebrada pela Serra de Santa Terezinha, que se avista a poucas léguas do ponto de partida. Mais além, a cerca de 10 léguas deste último, interrompeu a comitiva sua marcha junto à capoeira que rodeia uma pequena lagoa, conhecida pelo nome de *Molha-Saco*. Como é essa a única agua existente numa área de muitos quilómetros quadrados, grande quantidade de pássaros costuma afluir ao local, que assim se apresentou muito próprio para a coleta. Infelizmente, o desejo que tiveram os dois naturalistas de aproveitá-lo foi contrariado pela ameaça de ataque pelos índios, cuja presença foi notificada nas redondezas. Na mesma noite, tomados pelo caminhão posto a serviço da Expedição, reuniam-se eles aos demais companheiros, prosseguindo todos a viagem, que se mostrava agora mais penosa, através de 15 léguas de cerrados, até alcançarem *São Domingos* (6 de setembro).

Em São Domingos, tiveram os colecionadores como trabalhar ativamente, pois, além da mata ciliar, e alguns buritizais, havia diversas lagoas, algumas dentro da própria mata. Não obstante, a configuração do lugar é muito semelhante à de Pindaíba, concorrendo tambem para isso a presença de um grande morro, isolado na planície vasta dos campos e cerrados. "Apesar de ocorrerem em São Domingos, informa o relatório, todas as formas já vistas em zonas anteriores, notam-se com maior frequência os gaviões, como também os jacus e mutuns". Foi neste lugar que se colecionaram os exemplares de *Paroaria baeri*; pela quantidade de insetos encontrados no conteudo estomacal pelos colecionadores, é de crer se achassem em período de reprodução. Observou-se que é muito difícil conseguí-los marchando por terra, à distância do rio, "pois habita de preferência os arbustos à beira d'agua", podendo assim ser colecionados sem esforço "quando se viaja de canoa". A modo do que é comum entre os Tráupidas, "andam em grupos, que se dispersam à aproximação do homem".

Depois de terem demorado em São Domingos cerca de 40 dias, partiram os excursionistas a 17 de outubro rumo ao ocidente, com o fito de alcançar a mata amazônica, nas cabeceiras do Rio Xingu. No quarto dia de viagem a cavalo, a 47 quilómetros de São Domingos, deu-se a subida da Serra do Roncador (da qual faz parte a *Serra Solteira*), que aí serve de anteparo ao planalto central do Brasil. No altiplano as condições do terreno não se mostram diversas das observadas na planície que acabavam de deixar, "a não ser maior frequência de buritizais e, por conseguinte, de aguadas, visto

que estas palmeiras são encontradas geralmente nas proximidades de lagoas e pequenos córregos".

A Hiléia própriamente dita só apareceu a 190 quilómetros de São Domingos, ao atingir as cabeceiras do *Rio Tanguro*, já nas proximidades do Rio 7 de Setembro, afluente do alto Xingu. No *Posto Garapu*, onde, algo decepcionada, aportara a Expedição, não foi permitido aos naturalistas realizar nada de apreciável, pois a permanência ali foi apenas de um dia, por se terem esgotado inteiramente as reservas de alimentação e não haver no referido Posto, então abandonado, qualquer possibilidade de atender ao sustento do numeroso pessoal.

EXAME CRÍTICO DO MATERIAL

Como se acabou de ver, a região explorada pela Expedição conjunta do Inst. Butantan e Dept. de Zoologia é aproximadamente a mesma em que a Fundação Brasil Central obtivera o material ornitológico por nós estudado há poucos anos. Por isso, abstração feita dos raros exemplares obtidos no Posto Garapu (*Mitu mitu*, *Nonnula ruficapilla nattereri*, *Automolus infuscatus paraensis*), o que hoje temos a apresentar outra cousa não é senão contribuição complementar ao trabalho que publicamos nos "Papéis Avulsos do Dept. de Zoologia", (1) abrangendo o referido material e a série, pequena, porém muito instrutiva, de espécimes ornitológicos coligidos em data anterior por W. Garbe. (2)

As achegas agora trazidas à avifauna do Rio das Mortes, incluindo as obtidas no Araguaia (e abstração feita dos pouquíssimos exemplares obtidos na Serra do Roncador e cabeceiras do Rio Xingu), montam a 59 formas diferentes e se acham precedidas de um asterisco na lista dada pouco adiante. Pouco teriamos a comentar no que respeita à sua imensa maioria; por isso limitando-nos hoje a inventariá-las. Fazem contudo exceção duas formas que apresentaremos como novas, ou, pelo menos, não ainda convenientemente batisadas.

Nyctiprogne leucopyga majuscula subsp. nov.

Lurocalis leucopyga (não *Caprimulgus leucopygus* Spix) Pelzeln, 1868, Orn. Bras., I, pg. 14: Cidade de Mato Grosso (*Natterer* col.).

Nyctiprogne leucopyga Salvadori, 1895, Bol. Mus. Torino, X, pg. 14: Corumbá; Grant, 1911, Ibis, pg. 320: Porto Esperança.

---

(1) O. Pinto & E. Camargo, "Sobre uma coleção de Aves do Rio das Mortes (Estado de Mato Grosso)", em Papéis Avulsos do Departamento de Zoologia, vol. VIII, N.º 26, págs. 287-336 (1948).

(2) O. Pinto, "A Bandeira Anhanguera e sua contribuição à ornitologia do Rio Araguaia", em Boletim Biológico (nov. Ser.), vol. III, N.º 3-4, págs. 98-106 (1938).

Tipo: ♂ adulto, de Dumbá, no baixo Rio das Mortes, leste do Estado de Mato Grosso, colecionado por W. Bockermann, em 27 de agosto de 1949.

Em sua revisão das raças de *Nyctiprogne leucopyga*, suspeitara Friedmann (1) da separabilidade das populações matogrossenses da espécie, apoiando-se na observação de Naumburg, (2) quando verificou ser o exemplar de Natterer "remarkably large", em comparação com os do Orenoco e da Amazônia própriamente dita. Agora, diante do espécime de Dumbá, não temos dúvida em confirmar aquela hipótese, visto serem as suas medidas (asa 147 mils., cauda 105 mils.) muito superiores às que foram atribuidas por Friedmann à forma típica (asa 139 a 142 mils., cauda 86,4 a 93 mils.), de que infelizmente não possuimos exemplares.

Para confrontar como o ♂ de Dumbá, possuem as coleções do nosso instituto apenas uma ♀ de Altagracia, no Rio Orenoco (G. K. Cherrie, 6 de jan. de 1898), de medidas enormemente inferiores (asa 125 mils., cauda 105 mils.); mas sabe-se hoje que esta constitui por sua vez uma raça particular, de dimensões inferiores às da raça típica, e descrita justamente por H. Friedmann sob o nome de *N. leucopyga exigua*. Comparado com esta, o ♂ de Dumbá difere ainda pela tonalidade muito mais denegrida das manchas e faixas pretas, e o branco mais puro (menos arruivado) das faixas brancas do abdômem e do crisso.

Furnarius leucopus araguaiae subesp. nov.

Cinco ♂♂ de Dumbá e dois (um dos quais de sexo duvidoso) de São Domingos (marg. direita do Rio das Mortes), são os primeiros exemplares de *Furnarius leucopus* que nos é dado receber do vale do Rio Araguaia. Comparados com os do centro e sul de Mato Grosso (Cuiabá, Corumbá etc.), cujos caracteres são os mesmos dos da Bahia, pátria típica de *F. leucopus assimilis*, os do Rio das Mortes (leste de Mato Grosso) diferem à primeira vista nos seguintes caracteres: medidas menores em média, especialmente as do bico; coloração francamente anegrada do píleo, que é, além disso, mais escuro do que em *F. leucopus tricolor*, raça representada em nossas coleções por exemplares de ambas as margens do Rio Amazonas (Rio Juruá, Itacoatiara etc.); dorso muito mais claro do que as asas e a cauda (como em *F. l. tricolor*); mandíbula escurecida em quase toda a sua extensão (ou pelo menos em grau maior do que nas duas formas com que é feita a comparação). A mancha cinamômina da rêmige externa acha-se presente em todos os espécimes e é, em regra, pouco menor do que em *F. l. assimilis*,

(1) H. Friedmann, *Proc. Biol. Soc. Wash.*, LVII, p. 117 (1945).
(2) E. Naumburg, *Bull. Amer. Mus. Nat. Hist.*, LX, p. 138 (1930).

ao contrário do que se observa em nossa série de *F. l. tricolor*, em que ela é ausente, ou muito reduzida. O comprimento máximo da asa nos exemplares do Rio das Mortes é de 86 mils. (é de apenas 82 num ♂ de Dumbá); o da cauda 56 mils.; o do bico 20 mils.

TIPO: ♂ adulto de Dumbá (marg. esquerda do Rio Araguaia), coligido por Emílio Dente, em 21 de agosto de 1949.

Schistochlamys ruficapillus sicki subsp. nov.

Em nosso estudo do material do Rio das Mortes (Chavantina) colecionado por H. Sick, arrolamos como *Schistochlamys ruficapillus ruficapillus* (Vieill.) um ♂ adulto e uma ♀ jovem, acentuando que o primeiro se nos afigurava "inseparável dos do Brasil meridional, possuindo o píleo pardo-escuro e o peito ferrugíneo-acanelado destes últimos". Dispondo de um único exemplar adulto, não é de admirar que deixasse de nos causar impressão as suas dimensões exíguas; hoje, à vista de um indivíduo adulto do mesmo sexo, somos levados a admitir que o porte reduzido deve ser caráter peculiar às populações da espécie localizadas na região do Rio das Mortes (nordeste do Estado de Mato Grosso), que valeria por isso serem destacadas das da forma típica da espécie, com as quais no resto estreitamente se assemelham.

Será interessante consignar aqui, para que outros o mesmo possam fazer com diferente material, o que se pode observar, dispondo sobre o mapa do Brasil os exemplares da nossa série de *Schistochlamys ruficapillus*, cuja pátria típica admitimos ser o Rio de Janeiro, conforme propuzera Hellmayr (Verh. Ornithol. Gesellsch. Bayern, 1920, XIV, p. 282) com bons fundamentos. Considerando, de começo, as populações litorâneas, observa-se que a cor da garganta e peito apresenta sua intensidade máxima no Estado de São Paulo (proximidades da capital), e vai se tornando progressivamente mais desmaiada, até que, na Bahia, vemos caracterizar-se a raça *S. r. capistratus*, cujo caráter precípuo é o descoramento extremo daquelas partes. Dois exemplares de Minas Gerais (córrego do Piçarrão, não longe de Itabira), assemelham-se na cor a um do Espírito Santo e dois do Rio de Janeiro; um ♂ adulto do sul de Goiaz (Rio Claro) possue a garganta e o peito muito mais desbotados do que qualquer outro, com exceção, é claro, dos da Bahia; os do Rio das Mortes, como vimos, com respeito ao caráter em discussão, concordam com os de Rio e São Paulo.

Relativamente às medidas, cujo valor damos na tabela junta, vê-se que os valores máximos correspondem aos exemplares de Terezópolis, na Serra dos Orgãos (Rio de Janeiro) e os mínimos aos do Rio das Mortes (leste de Mato Grosso). Quanto a este cará-

ter, cuja variação em certas populações se processa de modo gradativo, a modo de verdadeiro cline, *S. r. capistratus,* representado na série em estudo por quatro exemplares do Recôncavo da Bahia, ocupa posição intermédia.

Tipo — Como tipo da nova raça geográfica, escolhemos o ♂ adulto de Chavantina (Rio das Mortes, Estado de Mato Grosso), colecionado em 31 de dezembro de 1946 pelo Dr. H. Sick, a quem a dedicamos. Medidas do tipo: asa 74 mm., cauda 68 mm., culmen 13 mm.

Diagnose — Garganta e peito de colorido arruivado, aproximadamente como o de *S. r. ruficapillus* (decididamente mais carregado do que em *S. r. capistratus*); píleo pardo, tirante a ferrugem, de tonalidade bastante escura e fazendo forte contraste com o colorido cinzento-azulado claro do dorso; medidas de asa e cauda mais reduzidas (asa 74-75 mm., cauda 68 mm.) do que as das duas raças até aqui admitidas na espécie.

MEDIDAS (EM MILIMETROS) DE EXEMPLS. ADULTOS.

		asa	cauda
Schistochlamys ruficapillus ruficapillus			
São Paulo (suburb. da Capital),	♂	83	79
" " " "	♂	79	79
Serra da Cantareira (S. Paulo)	♀	81,5	77
Terezópolis (Rio de Janeiro)	♂	88	88
" "		82	88
Santa Leopoldina (Espírito Santo)	♀	82	80
São José da Lagoa (Minas Gerais)	♀	81	73
" "	♀	80	77
Rio Claro (Goiaz)	♂	76	76
Schistochlamys ruficapillus capistratus			
Ilha de Madre-Deus (Bahia)	♂ ?	82	79
" " "	♀	76	70
" " "	♂	75	74
" " "	♀	74	70
Schistochlamys ruficapillus sicki			
Rio das Mortes (Mato Grosso)	♂	75	68
" "	♂	74	68

LISTA SISTEMÁTICA (1)

Família *RHEIDAE*

***Rhea americana americana** (Linn.)
Pindaíba: 1 ♀, Dente, agosto, 28

Família *TINAMIDAE*

Crypturellus undulatus vermiculatus (Temm.)
Dumbá: 1 ♂, J. Cavalheiro, out., 16; 2 ♀ ♀, Dente, agosto, 15 e 20

Crypturellus parvirostris (Wagler)
Dumbá: 1 ♂, juv., Dente, agosto, 23.

***Rynchotus rufescens rufescens** (Temm.)
Posto Pimentel: 1 ♀, Dente, out., 1.

Família *PHALACROCORACIDAE*

***Phalacrocorax olivaceus olivaceus** (Humboldt)
Pindaíba: 1 ♂ e 1 ♀, Dente, agosto, 26 e 27.
São Domingos: 1 ♂, Dente, set., 13.

Família *ANHINGIDAE*

Anhinga anhinga anhinga (Linn.)
São Domingos: 1 ♂, Dente, set., 12; 1 ♀, Werner, set., 22.

Família *ARDEIDAE*

Ardea cocoi Linn.
Posto Pimentel: 1 ♀, Dente, set., 30

***Pilherodius pileatus** (Bodd.)
São Domingos: 1 ♂, Dente, set., 12.

***Butorides striatus striatus** (Linn.)
São Domingos:: 1 ♂, J. Cavalheiro, set., 6; 1 ♂, Werner, set., 12.

---

(1) Ficam todas no Estado de Mato Grosso e são estas, com sua precisa situação, as estações de coleta constantes da lista acima:

Dumbá: margem esquerda (ocidental) do Rio Araguaia.

Pindaíba: margem direita (oriental) do Rio das Mortes, pouco abaixo da confluência do rio do mesmo nome.

São Domingos: povoado à margem direita do baixo Rio das Mortes, junto à foz do córrego do mesmo nome. Nele está situado o Posto Pimentel.

Posto Pimentel (veja-se São Domingos).

Molha-Saco: pequena lagoa, cercada de capoeiras, no trajeto entre Pindaíba e São Domingos, e mais próximo desta última localidade.

Serra Solteira: serrote formado por um prolongamento da Serra do Roncador, no trajeto entre o Rio das Mortes e as cabeceiras do Xingu.

Rio Tanguro: pequeno formador do Rio Xingu, muito próximo ao Rio 7 de Setembro, outro tributário do dito.

Posto Garapu: margem esquerda do Rio 7 de Setembro, importante tributário do alto Xingu, no norte extremo do Estado de Mato Grosso.

NOTA — Os asteriscos indicam que as formas dele precedidas na lista não se acham representadas nas anteriores coleções da bacia do Araguaia — Rio das Mortes em poder do Departamento de Zoologia.

Agamia agami (Gm.)
São Domingos: 1 ♂, Werner, set., 12.

Tigrisoma lineatum marmoratum (Vieill.)
Pindaíba: 1 ♂, J. Cavalheiro, agosto, 29.
São Domingos: 1 ♂, Werner, set., 11; 1 ♂, Dente, set., 12.

Família *COCHLEARIIDAE*

***Cochlearius cochlearia cochlearia** (Linn.)
Dumbá: 1 ♂, Dente, agosto, 15.

Família *THRESKIORNITHIDAE*

***Theristicus caudatus caudatus** (Bodd.)
São Domingos: 1 ♀, Dente, set., 14.

Mesembrinibis cayennensis (Gm.)
Pindaíba: 1 ♀, J. Cavalheiro, set. 1. ,

Phimosus infuscatus nudifrons (Spix)
Dumbá: 1 o?, Werner, agosto, 25.

***Ajaia ajaja** (Linn.)
Pindaíba: 1 o?, Dente, agosto, 30.
São Domingos: 1 o?, J. Cavalheiro, set., 19.

Família *ANHIMIDAE*

***Anhima cornuta** (Linn.)
São Domingos: 1 ♀, Werner, out., 10.

Família *ANATIDAE*

Cairina moschata (Linn.)
Pindaíba: 1 ♀, Hoge, agosto, 24.
São Domingos: 1 ♂, Dente, set., 16.

Família *ACCIPITRIDAE*

***Chondrohierax uncinatus** (Temm.)
São Domingos: 1 ♂, Dente, out., 5.

Ictinia plumbea (Gm.)
Pindaíba: 1 ♂, Dente, out., 31.
São Domingos: 1 ♂, Dente, set., 14; 1 ♂, Werner, set., 14.

***Accipiter bicolor pileatus** (Temm.)
São Domingos: 1 ♀, Dente, set., 19.

***Accipiter erythronemius erythronemius** Kaup
São Domingos: 1 ♀, Dente, set., 24.

Heterospizias meridionalis meridionalis (Latham)
Dumbá: 1 ♂, Dente, agosto, 23.

***Buteo albicaudatus albicaudatus** Vieill.
Pindaíba: 1 o?, Sousa, agosto, 27.

Buteo magnirostris magniplumis (Bertoni)
São Domingos: 2 ♂♂, Dente, set., 23 e out., 12; 1 ♂ e 1 ♂, J. Cavalheiro, set., 19 e out., 10.

Leucopternis albicollis albicollis (Latham)
Pindaíba: 1 ♀, J. Cavalheiro, set., 1.

Hypomorphnus urubitinga urubitinga (Gm.)
São Domingos: 1 ♂ e 1 ♀, Dente, set., 17 e out., 2.
Molha-Saco: 1 ♂, J. Cavalheiro, set., 5.

***Geronospiza caerulescens gracilis** (Temm.)
São Domingos: 1 ♀, Werner, set., 21.

Família *FALCONIDAE*

***Micrastur gilvicollis gilvicollis** (Vieill.)
São Domingos: 1 ♂, Dente, set., 23.

Daptrius americanus pelzelni Pinto & Camargo
Dumbá: 1 ♀, Hoge, agosto, 12.

***Milvago chimachima chimachima** (Vieill.)
Pindaíba: 1 ♂, J. Cavalheiro, agosto, 28: 1 o?, Roos, agosto, 26.
Buritisal: (4 léguas além de Pindaíba): 1 ♂, Werner, set., 9.
Dumbá: 1 ♂, Sousa, agosto, 23.
São Domingos: 1 ♀, Dente, set., 11.

Polyborus plancus brasiliensis (Gm.)
Dumbá: 1 ♂, Werner, agosto, 25.

Gampsonyx swainsoni swainsoni Vigors
Dumbá: 1 ♀, Werner, agosto, 25.

Falco albigularis albigularis Daudin
Pindaíba: 1 ♂, Dente, set., 1.
São Domingos: 1 ♀, Dente, out., 12.

Família *CRACIDAE*

Mitu mitu (Linn.)
Mata a 15 quilómetros do Posto Garapu, no Rio 7 de Setembro: 1 ♂, Dente, out., 28.

Crax fasciolata fasciolata Spix
Dumbá: 1 ♂, Dente, agosto, 23.
São Domingos: 1 ♂, Dente, set., 21.
Molha-Saco: 1 ♀, Hoge, set., 4.

Penelope superciliaris jacupemba Spix
Dumbá: 1 ♂, Villela, agosto, 26.
Pindaíba: 1 ♂, J. Cavalheiro, agosto, 12.

***Penelope ochrogaster** Pelzeln
São Domingos: 1 ♂, Dente, set., 25; 1 ♀, Werner, set., 25.
Pindaíba: 1 ♂, Dente, agosto, 28.

Pipile cumanensis nattereri Reich.
Pindaíba: 1 ♀, Dente, agosto, 27.
São Domingos: 1 ♀, Werner, out., 10.

Família *OPISTHOCOMIDAE*

***Opisthocomus hoazin** (Müll.)
São Domingos: 1 ♂, Sousa, set., 11; 1 ♀, Werner, set., 11.

Família *RALLIDAE*

***Aramides ypecaha** (Vieill.)
Molha-Saco: 1 ♂, Dente, set., 5.

Família *EURYPYGIDAE*

Eurypyga helias helias (Pallas)
São Domingos: 1 o?, Werner, set., 9.

Família *JACANIDAE*

***Jacana spinosa jacana** (Linn.)
São Domingos: 1 ♀, Werner, out., 1.

Família *CHARADRIIDAE*

Hoploxypterus cayanus (Latham)
Dumbá: 1 ♂, Werner, agosto, 11.
Pindaíba: 1 ♂, Dente, out., 31.

***Charadrius collaris collaris** Vieill.
Dumbá: 1 ♀, J. Cavalheiro, agosto, 19.

Família *SCOLOPACIDAE*

Tringa solitaria solitaria Wilson
Dumbá: 1 ♀, J. Cavalheiro, agosto, 19.

Família *LARIDAE*

***Phaëtusa simplex chloropoda** (Vieill.)
Dumbá: 1 ♂ e 1 ♀, J. Cavalheiro, agosto, 17 e 19.

***Sterna superciliaris** Vieill.
Dumbá: 1 ♂ e 1 ♀, J. Cavalheiro, agosto, 17 e 19.

Família *RHYNCHOPIDAE*

***Rhynchops ingra intercedens** Saunders
Dumbá: 2 ♂ ♂, Werner, agosto, 11 e 24.
Pindaíba: 1 ♂, Dente, set., 2.

Família *COLUMBIDAE*

Columba speciosa Gm.
Pouso Grande (cabeceira do Suiá-Miçu): 1 ♂, Werner, out., 27.

Columba cayennensis sylvestris Vieill.
Dumbá: 2 ♂ ♂, Werner, agosto, 13 e 28.

Zenaidura auriculata chrysauchenia (Reich.)
São Domingos: 1 ♂, Werner, set., 15.

Scardafella squammata squammata (Less.)
São Domingos: 1 ♂, Dente, set., 19.

***Columbigallina talpacoti talpacoti** (Temm.)
Dumbá: 1 ♂, Werner, agosto, 21.

Uropelia campestris Spix
Dumbá: 1 ♀, Werner, agosto, 16.
São Domingos: 1 ♂ e 1 ♀, Werner, set., 23 e 24.
Molha-Saco: 1 ♂ e 3 ♀♀, Dente, set., 5.

Claravis pretiosa (Ferrari-Perez)
Pindaíba: 1 ♂, Dente, agosto, 20.

Leptotila verreauxi decipiens Salvadori
Dumbá: 2 ♂♂, Dente, agosto, 21 e 22.
Pindaíba: 1 ♂, Dente, agosto, 30.
São Domingos: 2 ♂♂ e 1 ♀, Werner, set., 10 e 22, out., 1.

Família *CUCULIDAE*

Piaya cayana cabanisi Allen
Dumbá: 1 ♀, Villela, agosto, 30; 1 ♀, Werner, agosto, 25.
Pindaíba: 1 o?, J. Cavalheiro, agosto, 29.

***Coccycua minuta minuta** Vieill.
Dumbá: 1 ♂, Werner, agosto, 29.

***Dromococcyx phasianellus** (Spix)
Dumbá: 1 ♀, Villela, agosto, 25.

***Crotophaga ani** Linn.
São Domingos: 1 ♂, Dente, set., 12.

***Crotophaga major** Gm.
São Domingos: 1 ♂ e 1 ♀, Dente, out., 3.

Família *PSITTACIDAE*

Anodorhynchus hyacinthinus hyacinthinus (Latham)
Dumbá: 1 ♂ e 1 ♀, Werner, agosto, 26 e 27.
Pindaíba: 1 ♂, Dente, agosto, 17.

Ara ararauna (Linn.)
São Domingos: 1 ♂, Dente, set., 11.

Ara manilata (Bodd.)
São Domingos: 3 ♀♀, Werner, set., 10 e 13; 1 ♂, Dente, set., 11.

Ara nobilis longipennis Neumann
Dumbá: 1 ♀, Dente, agosto, 23; 1 o?, Hoge, agosto, 23.
São Domingos: 1 ♂, Dente, set., 22.

Aratinga aurea aurea (Gm.)
Dumbá: 1 ♂ e 1 ♀, Werner, agosto, 11.
São Domingos: 1 ♀, Dente, set., 15.

Forpus crassirostris vividus (Ridg.)
São Domingos: 2 ♂♂ e 1 ♀, Werner, set., 20; 1 ♂, Dente, set., 29.

Tirica chiriri (Vieill.)
Dumbá: 1 ♀, Villela, agosto, 27.
São Domingos: 1 ♂, 1 ♀ e 1 o?, Dente, set., 11 e 12.

Amazona amazonica amazonica (Linn.)
Dumbá: 1 ♂, Villela, agosto, 26.
São Domingos: 2 ♂♂ e 1 ♀, Werner, set., 22.

***Amazona aestiva aestiva** (Linn.)
Dumbá: 1 ♀, Villela, 1949.

***Amazona xanthops** (Spix)
São Domingos: 2 ♂♂, Werner, set., 14 e 21.

Pionus mentruus menstruus (Linn.)
Pindaíba: 1 ♀, Dente, set., 1.
São Domingos: 1 ♂, Dente, set., 9.

Família *STRIGIDAE*

***Rhinoptynx clamator clamator** (Vieill.)
Pindaíba: 1 ♀, J. Cavalheiro, agosto, 27.

Otus choliba decussatus (Licht.)
São Domingos: 1 ♂, juv., Dente, set., 24.

Glaucidium brasilianum brasilianum (Gm.)
Pindaíba: 1 ♀, Sousa, agosto, 27.
São Domingos: 1 ♂, Dente, set., 23; 1 ♀, Werner, set., 30.

Família *CAPRIMULGIDAE*

***Chordeiles minor minor** (Forster)
São Domingos: 1 ♀, Werner, out., 5.

***Chordeiles acutipennis acutipennis** (Bodd.)
Dumbá: 1 ♂, J. Cavalheiro, agosto, 22; 1 ♀, Dente, agosto, 20.

***Chordeiles pusillus pusillus** (Gould)
Dumbá: 3 ♀♀, Dente, agosto, 19; 1 ♀, Hoge, agosto, 19.

***Nyctiprogne leucopyga majuscula** nobis
Dumbá: 1 ♂, Werner, agosto, 21.

Podager nacunda nacunda (Vieill.)
Pindaíba: 1 ♀, Dente, set., 3; 1 ♂ e 1 ♀, J. Cavalheiro, set., 3.

Hydropsalis torquata (Gm.)
Dumbá: 1 ♂, Werner, agosto, 20.

Nyctidromus albicollis derbyanus Gould
Dumbá: 1 ♂, Werner, agosto, 27.

Pindaíba: 1 ♂, J. Cavalheiro, agosto, 29.
São Domingos: 1 ♂, F. Cavalheiro, set., 6.

***Setochalcis rufa rutila** (Burm.)
Pindaíba: 1 ♂, Hoge, agosto, 27.

Família *TROCHILIDAE*

Eupetomena macroura macroura (Gm.)
Dumbá: 3 ♂♂ e 2 ♀♀, Werner, agosto, 20, 21 e 28.
São Domingos: 1 ♂, Dente, set., 9.

Agyrtrina fimbriata nigricauda (Elliot)
Dumbá: 1 ♂ e 1 ♀, Werner, agosto, 22.
São Domingos: 1 ♂, Dente, set., 15.

Heliactin bilophum (Temm.)
Dumbá: 1 ♀, Hoge, agosto, 12.
São Domingos: 1 o?, Werner, set., 17.

Anthracothorax nigricollis nigricollis (Vieill.)
Dumbá: 1 ♂, Werner, agosto, 25.
São Domingos: 2 ♂♂, Dente e Werner, set., 15 e 16.

***Polytmus guainumbi thaumantias** (Linn.)
Dumbá: 1 ♀, Werner, agosto, 21; 1 ♀, Hoge, agosto, 20.

Lophornis magnificus (Vieill.)
Dumbá: 1 ♂, Dente, agosto, 21.

Família *TROGONIDAE* (1)

***Trogon strigilatus strigilatus** Linn.
Dumbá: 1 ♂, Dente, agosto, 21.
São Domingos: 1 ♂, Werner, set., 11; 1 ♂, Dente, out., 5.
Posto Garapu (Rio 7 de Setembro): 1 ♂, Dente, out., 29.

Trogon curucui curucui Linn.
Dumbá: 1 ♂, Werner, agosto, 26; 1 ♀, Villela, agosto, 26.

Família *ALCEDINIDAE*

Ceryle torquata torquata (Linn.)
São Domingos: 2 ♂♂, Werner, set., 11 e 12.

Chloroceryle amazona (Latham)
Dumbá: 1 ♂ e 1 ♀, Werner, agosto, 12 e 21.
São Domingos: 1 ♂, Dente, set., 12.

Chlorocerylo americana mathewsi Laubm.
Pindaíba: 2 ♂♂, J. Cavalheiro, agosto, 28 e 31.
São Domingos: 2 oo?, Dente e Werner, set., 12.

Chloroceryle aenea aenea (Pallas)
São Domingos: 1 ♂, Werner, set., 16.

---

(1) Cf. Pinto, *Classif. e nomenclatura dos Surucuás*, em Papeis Avuls. do Dept. de Zoologia, IX, pg. 127 (1950).

Família *MOMOTIDAE*

Momotus momota pilcomajensis Reichenow
Dumbá: 1 ♀, Dente, agosto, 16; 1 ♂ e 1 ♀, J. Cavalheiro, agosto, 16.

Família *GALBULIDAE*

Galbula rufoviridis rufoviridis Cabanis
Dumbá: 5 ♂♂ e 1 ♀, Dente, agosto, 15, 16, 20 e 21; 3 ♀♀, Werner, agosto, 22, 23 e 30; 1 ♂ e 1 ♀, Villela, agosto, 25 e 30.
Pindaíba: 1 ♂, Werner, set., 3.

Brachygalba lugubris melanosterna Sclater
Pindaíba: 1 ♂, Hoge, agosto, 26.

Família *BUCCONIDAE*

Nystalus maculatus parvirostris (Hellm.)
Dumbá: 1 ♀, Werner, agosto, 17.
São Domingos: 1 ♀, Dente, set., 11.

Nystalus chacuru chacuru (Vieill.)
São Domingos: 1 ♂, Werner, set., 21.

Nonnula ruficapilla nattereri Hellm.
Posto Garapú (Rio 7 de Setembro): 1 ♀, Dente, out., 29.

Monasa nigrifrons nigrifrons (Spix)
Dumbá: 2 ♂♂ e 1 ♀, Dente, agosto, 16; 1 ♂ e 1 ♀, Villela, agosto, 29.
Pindaíba: 2 ♂♂, Dente, set., 1.
São Domingos: 2 ♂♂ e 1 ♀, Dente, set., 11, 12 e 22.

Chelidoptera tenebrosa tenebrosa (Pallas)
Pindaíba: 2 ♂♂, Dente, agosto, 30; 2 ♂♂, Hoge, agosto, 27; 1 ♀, J. Cavalheiro, agosto, 30; 1 ♂, F. Cavalheiro, agosto, 29.
São Domingos: 2 ♂♂, Werner, set., 10; 1 ♂, Dente, set., 15.
Molha-Saco: 1 ♂, Dente, set., 5.

Família *RAMPHASTIDAE*

Ramphastos toco toco Müller
Dumbá: 1 ♂ e 1 ♀, J. Cavalheiro, agosto, 23.

Pteroglossus castanotis australis Cassin
Dumbá: 1 ♂ e 1 ♀, Werner, 18; 1 ♀, Roos, agosto, 16.

Família *PICIDAE*

Leuconerpes candidus (Otto)
São Domingos: 1 ♂, Werner, set., 25.

***Chrysoptilus melanochloros nattereri** (Malherbe)
Dumbá: 1 ♂, Hoge, agosto, 16; 1 ♀, Werner, agosto, 12.

Celeus flavescens intercedens Hellm.
Dumbá: 1 ♀, Werner, agosto, 25.
Pindaíba: 1 ♀, J. Cavalheiro, agosto, 29.
São Domingos: 1 ♀, Werner, set., 11.

Crocomorphus flavus inornatus Cherrie
Molha-Saco: 1 ♀, Dente, set., 5.

Scapaneus melanoleucus melanoleucus (Gm.)
Dumbá: 1 ♂, Roos, agosto, 19.
São Domingos: 1 ♂ e 1 o?, Dente, set., 20; 1 ♀, Werner, set., 21.

Scapaneus rubricollis trachelopyrus (Malherbe)
Pindaíba: 1 ♂, J. Cavalheiro, agosto, 8.
São Domingos: 2 oo?, J. Cavalheiro, set., 17.

Veniliornis passerinus olivinus (Malherbe)
São Domingos: 1 ♂, Dente, set., 24; 2 oo?, Werner, set., 24 e 25.

Picumnus guttifer Sund.
Dumbá: 1 ♂, Dente, agosto, 20; 1 ♂?, Werner, agosto, 15.

Família *DENDROCOLAPTIDAE*

***Dendroplex picus kienerii** (Des Murs)
Dumbá: 1 ♂ e 1 ♀, Dente, agosto, 15 e 20; 1 ♂, Werner, agosto, 29.
São Domingos: 1 ♀, Werner, set., 10; 1 ♂, Dente, set., 22.

Xiphorhynchus guttatus d'orbignyanus (Lafresn.)
Dumbá: 1 ♂ e 1 ♀?, Dente, agosto, 16; 1 ♀?, Villela, agosto, 29.
São Domingos: 1 ♀, Werner, set., 10; 1 ♂, Dente, set., 22.

Lepidocolaptes angustirostris bivittatus (Licht.)
Dumbá: 1 ♀, Dente, agosto, 20.

Sittasomus griseicapillus transitivus Pinto & Camargo
Dumbá: 1 ♂. Dente, agosto, 16.
São Domingos: 1 ♂, Dente, set., 23.

Família *FURNARIIDAE*

***Furnarius leucopus araguaiae** nobis
Dumbá: 4 ♂♂, Dente, agosto, 20, 21 e 22.
São Domingos: 2 ♂♂ e 1 o?, Dente, agosto, 11 e 12.

***Furnarius figulus pileatus** Sclater & Salvin
São Domingos: 1 ♀, Werner, set., 10.

***Synallaxis gujanensis simoni** Hellm.
Dumbá: 1 ♀, Dente, agosto, 15.

***Certhiaxis cinnamomea russeola** Vieill.
Dumbá: 1 ♂, Hoge, agosto, 19.

Cranioleuca vulpina vulpina (Pelz.)
Rio Tanguro: 1 ♀, Dente, out., 26.

Automolus infuscatus paraensis Hartert
Posto Garapu (Rio 7 de Setembro): 1 ♂, Dente, out., 29.

Xenops rutilans chapadensis Zimmer
Dumbá: 1 ♀, Werner, agosto, 28.

Família *FORMICARIIDAE*

Taraba major major (Vieill.)
Dumbá: 3 ♂♂, Werner, agosto, 20, 27 e 28; 1 ♂, Oente, agosto, 16.

Sakesphorus luctuosus araguayae (Hellm.)
Dumbá: 1 ♂, Dente, agosto, 20; 1 ♀, Werner, agosto, 20.
São Domingos: 1 o?, Werner, set., 12; 1 o?, Dente, set., 20.

Thamnophilus doliatus difficilis Hellm.
Dumbá: 1 o?, Villela, agosto, 25; 1 ♀, F. Cavalheiro, agosto, 15; 1 ♂, Werner, agosto, 21.
São Domingos: 1 ♂, Hoge, set., 9; 1 ♀, Dente, set., 12.

Dysithamnus mentalis affinis Pelz.
São Domingos: 1 ♂, Dente, set., 22.

Herpsilochmus longirostris Pelz.
Dumbá: 1 ♀, Werner, agosto, 22.

Formicivora grisea grisea (Bodd.)
Pindaíba: 1 ♂ e 1 o?, Dente, agosto, 27.

Formicivora rufa rufa (Wied)
São Domingos: 1 ♀, Dente, set., 8.

Hypocnemoides maculicauda maculicauda (Pelz.)
Dumbá: 1 ♂, Villela, agosto, 29.
São Domingos: 2 ♂♂, Dente, set., 9 e 12.

Família *COTINGIDAE*

Casiornis rufa (Vieill.)
Dumbá: 1 ♂, Dente, agosto, 16.
São Domingos: 2 ♂♂, Werner, set., 22 e 24.

Pachyramphus viridis viridis (Vieill.)
São Domingos: 1 ♂, Dente, set., 9.

Família *PIPRIDAE*

Pipra fasciicauda scarlatina Hellm.
Pindaíba: 1 ♂, Dente, set., 2.
São Domngos: 1 o?, Dente, set., 16.

Família *TYRANNIDAE*

Xolmis cinerea (Vieill.)
Dumbá: 1 ♂, Werner, agosto, 30.
Pindaíba: 1 ♂, J. Cavalheiro, agosto, 29.

Knipolegus orenocensis xinguensis Berlepsch
Dumbá: 1 ♂, Villela, agosto, 27; 1 ♀, Dente, agosto, 22.

Fluvicola pica albiventer (Spix)
Dumbá: 1 ♂, Werner, agosto, 20; 1 ♂, Hoge, agosto, 17.

Arundinicola leucocephala (Linn.)
São Domingos: 2 oo?, Dente e Werner, set., 12.

Pyrocephalus rubinus rubinus (Bodd.)
São Domingos: 1 ♀, Werner, set., 8.
Dumbá: 1 ♂, Werner, agosto, 13.

Muscivora tyrannus tyrannus (Linn.)
Dumbá: 1 o?, Werner, agosto, 18.
Molha-Saco: 1 ♀, Hoge, set., 5.

Tyrannus melancholicus melancholicus (Vieill.)
Pindaíba: 1 ♀, Hoge, agosto, 26.
Molha-Saco: 1 ♀, Dente, set., 5.

Empidonomus aurantio-atro-cristatus aurantio-atro-cristatus (Lafresn. & d'Orbign.)
Dumbá: 1 ♂, Villela, agosto, 26; 1 ♂ e 1 ♀, Werner, agosto, 27 e 31.
São Domingos: 1 ♂ e 1 ♀, Werner, set., 10.

***Legatus leucophaius leucophaius** (Vieill.)
São Domingos: 1 ♀, Werner, set., 24.

Sirystes sibilator atimastus Oberh.
Pindaíba: 1 ♀, Hoge, agosto, 26.

Myiodynastes solitarius (Vieill.)
Dumbá: 1 ♂, J. Cavalheiro, agosto, 23.
Pindaíba: 1 ♀, Werner, set., 3.
Rio Tanguro: 1 ♂, Dente, out., 26.

Megarynchus pitangua pitangua (Linn.)
Dumbá: 1 ♂, Villela, agosto, 15.

Myiozetetes cayanensis cayanensis (Linn.)
São Domingos: 1 ♀, Werner, set., 24.
Molha-Saco: 1 ♀, Dente, set., 5.

***Pitangus sulphuratus maximiliani** (Cab. & Heine)
Molha-Saco: 1 ♀, Dente, set., 5.

Myiarchus tyrannulus bahiae Berl. & Leverk.
Dumbá: 2 ♂ ♂, Dente ,agosto, 16; 2 ♀ ♀, Werner, agosto, 17 e 20.

Myiarchus ferox australis Hellm.
Dumbá: 1 ♀, Werner, agosto, 20.
Pindaíba: 1 ♀, Werner, set., 3.
Molha-Saco: 1 ♂, Werner, set., 5.

***Hirundinea bellicosa bellicosa** (Vieill.)
Serra Solteira: 1 ♂, Werner, set., 4.

Tolmomyias flaviventris flaviventris (Wied)
Dumbá: 1 ♂ ?, Werner, agosto, 28; 1 ♂, Dente, agosto, 28.
Rio Tanguro: 1 ♂, Dente, out. 26.

Todirostrum cinereum coloreum Ridg.
São Domingos: 2 ♀ ♀, Dente, set., 12.

Euscarthmornis striaticollis obscuriceps Zimmer
São Domingos: 1 ♂, Dente, set., 12.

***Colopteryx galeatus** (Bodd.)
São Domingos: 1 ♂, Werner, set., 22.

***Elaenia flavogaster flavogaster** (Thunb.)
Dumbá: 1 ♀, Werner, agosto, 31.

Myiopagis caniceps caniceps (Swain.)
Pindaíba: 1 ♀, Werner, set., 3.

Phacomyias murina murina (Spix)
São Domingos: 2 ♂♂, Werner, set., 16 e 23.

Phyllomyias fasciatus virescens (Allen)
Dumbá: 1 ♀, Werner, agosto, 28.

Leptopogon amaurocephalus amaurocephalus Tsch.
São Domingos: 1 ♀, Dente, set., 12.

Família *HIRUNDINIDAE*

Stelgidopteryx ruficollis ruficollis (Vieill.)
Dumbá: 1 ♂ e 1 o?, Werner, agosto, 12 e 28.

Família *CORVIDAE*

Cyanocorax cyanopogon (Wied)
Pindaíba: 1 ♀, J. Cavalheiro, agosto, 29.
São Domingos: 1 ♂ e 1 ♀, Dente, set., 11 e 19.

Família *TROGLODYTIDAE*

Thryothorus leucotis rufiventris Sclater
São Domingos: 1 ♂, Dente, set., 12; 1 ♂, Werner, set., 16.

Thryothorus genibarbis intercedens Hellm.
Dumbá: 1 ♂, Dente, agosto, 22.
São Domingos: 1 ♂, Dente, set., 20.

Troglodytes musculus musculus Naumann
São Domingos: 1 ♂, Werner, set., 10.

Família *MIMIDAE*

***Donacobius atricapillus atricapillus** (Linn.)
São Domingos: 1 ♀ e 1 o?, Dente, set., 11; 1 ♂, Werner, set., 23.

***Turdus amaurochalinus** Cab.
São Domingos: 1 ♂, juv., Dente, set., 26.

Família *SYLVIIDAE*

Polioptila dumicola berlepschi Hellm.
Pindaíba: 1 ♂, Dente, agosto, 27.

Família *CYCLARHIDAE*

Cyclarhis gujanensis cearensis Baird
Dumbá: 1 ♀, Werner, agosto, 28.

Família *VIREONIDAE*

Vireo chivi chivi (Vieill.)
Pindaíba: 1 ♂ e 1 ♀, Dente, agosto, 27 e 31.
São Domingos: 1 ♂, Werner, set., 10.

***Hylophilus pectoralis** Sclater
Dumbá: 1 ♀, Werner, agosto, 30.

Família *COEREBIDAE*

Cyanerpes cyaneus cyaneus (Linn.)
São Domingos: 1 ♂, Dente, set., 16; 1 ♂, Werner, set., 23.

Dacnis cayana paraguayensis Chubb
Dumbá: 1 ♂, Dente, agosto, 21; 1 ♀, Werner, agosto, 17.

Coereba flaveola alleni Lowe
Dumbá: 1 ♂, Werner, agosto, 21.

Conirostrum speciosum speciosum (Temm.)
Dumbá: 1 o?, Werner, agosto, 22.

Família *PARULIDAE*

Geothlypis aequinoctialis velata (Vieill.)
Dumbá: 1 ♂, Werner, agosto, 23.

***Basileuterus auricapillus auricapillus** (Swain.)
São Domingos: 1 ♀, Dente, set., 12.

Família *TERSINIDAE*

***Tersina viridis viridis** (Ill.)
Pindaíba: 1 ♂, Dente, set., 1.

Família *THRAUPIDAE*

Tanagra chlorotica serrirostris (Lafresn. & d'Orbign.)
Pindaíba: 1 ♂, J. Cavalheiro, agosto, 27.

Tangara cayana margaritae (Allen)
Pindaíba: 1 ♂, J. Cavalheiro, agosto, 29.
São Domingos: 1 ♀, Dente, set., 23.

Thraupis sayaca sayaca (Linn.)
São Domingos: 1 ♂, Dente, set., 9.

Thraupis palmarum palmarum (Wied)
Pindaíba: 2 ♂ ♂, Dente, agosto, 27; 1 ♀, Hoge, agosto, 26.
São Domingos: 2 ♂ ♂, Dente, set., 15 e 16; 1 ♀, Werner, set., 23.
Serra Solteira: 1 ♂, Dente, nov., 4.

Ramphocelus carbo centralis Hellm.
Dumbá: 1 ♂ e 1 ♀, F. Cavalheiro, agosto, 15; 1 ♂ e 2 ♀ ♀, Werner, agosto, 21, 22 e 26; 1 ♀, Dente, agosto, 22.
Pindaíba: 1 ♂, J. Cavalheiro, agosto, 31; 1 ♂, Hoge, agosto, 26.
São Domingos: 1 ♂, Werner, set., 9.

Piranga flava saira (Spix)
Rio Tanguro: 1 ♂ e 1 ♀, Dente, out., 26.

Tachyphonus rufus (Bodd.)
Dumbá: 1 ♂, Hoge, agosto, 16.
Pindaíba: 1 ♂, J. Cavalheiro, agosto, 29.

Tachyphonus cristatus madeirae Hellm.
São Domingos: 1 ♂, Dente, set., 20.

Eucometis penicillata albicollis (Lafresn. & d'Orbign.)
São Domingos: 1 ♂, Dente, set., 20.

***Cypsnagra hirundinacea hirundinacea** (Lesson)
São Domingos: 1 ♂, Werner, set., 10.

***Nemosia pileata caerulea** (Wied)
Pindaíba: 1 o?, J. Cavalheiro, agosto, 29.
São Domingos: 1 ♂, Dente, set., 15; 2 ♂ ♂, Werner, set., 15 e 23.

Hemithraupis guira guira (Linn.)
São Domingos: 1 ♂, Dente, set., 10; 1 ♂ e 1 o?, Werner, set., 10.

***Thlypopsis sordida sordida** (Lafresn. & d'Orbign.)
Dumbá: 2 ♂ ♂ e 1 ♀, Werner, agosto, 21.

Schistochlamys ruficapillus sicki nobis
Pindaíba: 1 ♂, Dente, set., 3.

Schistochlamys melanopis olivina (Sclater)
São Domingos: 2 ♂ ♂ e 1 ♀, Werner, set., 21 e 24.

Família *ICTERIDAE*

***Ostinops decumanus maculosus** Chapman
São Domingos: 2 ♂ ♂ e 1 ♀, Dente, set., 9 e 12.

Cacicus cela cela (Linn.)
Dumbá: 1 ♂ ? e 2 ♀ ♀, Werner, agosto, 13, 22 e 23; 1 ♂, Dente, agosto, 21.
São Domingos: 1 ♂ e 1 ♀, Dente, set., 14; 1 ♂ e 1 ♀, Werner, set., 9 e 14.

***Archiplanus solitarius** (Vieill.)
São Domingos: 1 ♂, Dente, set., 22.

Molothrus bonariensis bonariensis (Gm.)
São Domingos: 1 ♂ e 1 ♀, Dente, set., 21.

***Icterus cayanensis valencio-buenoi** Ihering
São Domingos: 1 ♂, Dente, set., 9.
Pindaíba: 1 ♀, Dente, set., 2.

***Icterus croconotus** (Wagler)
Dumbá: 1 ♀, Werner, agosto, 21.

Família *FRINGILLIDAE*

***Saltator coerulescens coerulescens** Vieill.
Dumbá: 1 ♂, Dente, agosto, 16; 2 ♂ ♂, 1 ♂ ?, 1 ♀ e 1 o?, Werner, agosto, 21 e 23.

Saltator atricollis Vieill.
São Domingos: 1 ♂, Dente, set., 17.

Paroaria baeri Hellm.
São domingos: 2 ♂♂ e 1 ♂ jnv., Dente, out., 4 e 10; 2 ♀♀, Dente, out., 6 e 8; 1 ♂ e 1 ♀, Werner, out., 12.

***Sporophila collaris collaris** (Bodd.)
São Domingos: 1 ♂, Werner, set., 21.

Sporophila lineola (Linn.)
Pindaíba: 1 o?, Dente, out., 31.
Molha-Saco: 1 ♂, Dente, set., 5.

***Sporophila bouvreuil bouvreuil** (P. S. Müller)
Molha-Saco: 1 ♂, Dente, set., 5.

Oryzoborus angolensis angolensis (Linn.)
Molha-Saco: 1 ♂, Dente, set., 5.

Coryphospingus cucullatus rubescens (Swain.)
Dumbá: 1 ♀, Hoge, agosto, 12.

***Coryphospingus pileatus pileatus** (Wied)
São Domingos: 1 ♀, Dente, set., 8.

Arremon taciturnus taciturnus (Hermann)
São Domingos: 1 ♂ e 1 ♀, Dente, set., 24 e 29.

Myospiza humeralis humeralis (Bosc)
Dumbá: 1 o?, Werner, agosto, 28.

Zonotrichia capensis matutina (Licht.)
Dumbá: 1 ♂, Werner, agosto, 31.
Pindaíba: 1 ♂, Dente, agosto, 31.

Vol. X, N.º 12 — pp. 235-252 5-III-1952

PAPÉIS AVULSOS
DO
DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA
SECRETARIA DA AGRICULTURA — S. PAULO - BRASIL

SOBRE O GÊNERO *THRENIA* SCHINER, 1866 (*DIPTERA, ASILIDAE*)

POR

MESSIAS CARRERA

Pretendemos neste trabalho tornar melhor conhecidos os caracteres do gênero *Threnia* e descrever duas novas espécies encontradas na coleção do Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura de São Paulo, onde serão depositados os tipos.

Threnia Schiner

Threnia Schiner, 1866, p. 674; 1868, p. 184; Kertész, 1909, p. 272; Carrera, 1950, p. 111.

CARACTERES — Cabeça tão larga quanto a maior largura do tórax; face com uma grande protuberância cuja extensão ultrapassa sua metade inferior, mais estreita ao nível das antenas onde sua largura é pouco mais que o comprimento do primeiro artículo antenal; mistax denso, formado por finas e longas cerdas situadas sobre a calosidade facial; fronte um pouco alargada acima das antenas e estreitada no vértice; terceiro artículo antenal fusiforme, tão longo quanto os dois basais reunidos, com raros e pequenos pêlos em sua borda dorsal; probóscida cilíndrica, curta, mais ou menos com o mesmo comprimento da face e com grossa pilosidade na superfície inferior; palpos pequenos, cilíndricos, aproximadamente quatro vezes menor que a probóscida. Mesonoto com cerdas desenvolvidas; dorso-centrais presentes antes da sutura transversa; escutelo com cerdas marginais; calosidades da região pós-escutelar pilosas. Fêmures posteriores simples; pulvilos desenvolvidos. Asas pouco maiores que o abdômem; duas células submarginais; ramo anterior da terceira nervura terminando na costal e ramo posterior terminando além do ápice da asa; quarta célula posterior e anal fechadas e pecioladas. Abdômem com cerdas na borda posterior

dos segmentos. Terminália dos ♂ ♂ grande; 9.º tergito formado por dois escleritos profundamente recortados e com cerdosidade compacta na extremidade anterior e na borda superior de cada esclerito; placas laterais bojudas. Terminália das ♀ ♀ pequena, pouco saliente e sem espinhos.

Este gênero é próximo de *Heligmoneura* Bigot, 1858, do qual se separa por apresentar longas cerdas escutelares e dorso-centrais antes e depois da sutura transversa.

Tratando-se de um verdadeiro *Asilini*, pois as espécies de *Threnia* apresentam arista longa e não pectinada, prosterno separado do pronoto por uma área membranosa, célula marginal e anal fechadas, genitália do ♂ com forceps superiores desenvolvidos, as suas relações com os outros gêneros desta tribo poderão ser verificadas pela seguinte chave.

CHAVE PARA OS GÊNEROS NEOTRÓPICOS DE *ASILINI*

1 - Três células submarginais 2
- Duas células submarginais 6

2 - Garras pontiagudas 3
- Garras com a ponta arredondada 4

3 - Bifurcação da 2.ª nervura longitudinal, formando a 1.ª célula submarginal, situada antes ou muito próximo da nervura transversa anterior . . . . . *Promachus* Loew
- Bifurcação da 2.ª nervura longitudinal situada muito além da nervura trasnversa anterior . *Erax* Scopoli

4 - Espécies geralmente robustas e densamente pilosas; abdômen mais curto que as asas; genitália em ambos os sexos pequena . . . *Mallophora* Macquart
- Espécies menos robustas e geralmente menos pilosas; abdômen mais longo que as asas ou, no máximo, de comprimento igual; ovipositor longo e comprimido lateralmente 5

5 - Os ramos da 3.ª nervura longitudinal muito divergentes, tornando a 3.ª célula submarginal muito larga na margem da asa . . . . . *Promachina* Bromley
- Os ramos da 3.ª nervura longitudinal quase paralelos, divergindo sòmente próximo à margem da asa, onde a 3.ª célula submarginal é apenas um pouco mais larga . . . . . *Eichoichemus* Bigot

6 - Fêmures posteriores grossos e com uma projeção denticulada, em forma de pente, na face inferior . . . . . *Ctenodontina* Enderlein
- Fêmures posteriores sem essa estrutura . . 7

7 -	Terceiro artículo antenal alongado, em forma de tala, comprimido, de lados quase paralelos e com arista raramente longa em relação ao comprimento desse artículo	8
-	Terceiro artículo antenal discoidal, oval ou fusiforme e com arista quase sempre longa em relação ao comprimento desse artículo .	10
8 -	Calosidades da região pós-escutelar sem pêlos	*Glaphyropyga* Schiner
-	Calosidades da região pós-escutelar com pêlos	9
9 -	Abdômen com cerdas bem diferenciadas nos lados dos segmentos	*Leinendera* Carrera
-	Abdômen sem cerdas nos lados dos segmentos	*Lycomyia* Bigot
10 -	Calosidades da região pós-escutelar sem pêlos	11
-	Calosidades da região pós-escutelar com pêlos	21
11 -	Ramo posterior da 3.ª nervura longitudinal encontrando a margem da asa antes do seu ápice	12
-	Ramo posterior da 3.ª nervura longitudinal encontrando a margem da asa depois do seu ápice	16
12 -	Gibosidade facial pouco pronunciada; ovipositor com espinhos no ápice	13
-	Gibosidade facial muito pronunciada; ovipositor sem espinhos no ápice	14
13 -	Abdômen mais curto que as asas; probóscida cônica e encurvada para cima; face revestida de pêlos, sem cerdas	*Eccritosia* Schiner
-	Abdômen mais longo que as asas; probóscida quase sempre triangular em secção transversal; face com cerdas desenvolvidas .	*Proctacanthus* Macquart
14 -	Ovipositor curto, alargado um pouco antes do ápice, sagitado em vista dorsal	*Philonerax* Bromley
-	Ovipositor alongado, mais ou menos comprimido nos lados ou cônico	15
15 -	Ramo anterior da 3.ª nervura longitudinal sem apêndice basal; ovipositor cônico e, pràticamente, não comprimido lateralmente . . .	*Lochmorhynchus* Engel
-	Ramo anterior da 3.ª nervura longitudinal com apêndice basal; ovipositor longo e comprimido lateralmente, ao menos em sua metade apical	*Erax* Scopoli
16 -	Gibosidade facial muito pronunciada, sempre ultrapassando a metade inferior da face . .	17
-	Gibosidade facial pouco pronunciada, nunca ultrapassando a metade inferior da face . .	18

17 - Ramo anterior da 3.ª nervura longitudinal sem apêndice basal; ovipositor curto, cônico e pouco comprimido nos lados . . . . . *Eicherax* Bigot
- Ramo anterior da 3.ª nervura longitudinal com apêndice basal; ovipositor quase sempre muito longo e comprimido nos lados . . . . *Erax* Scopoli

18 - Arista antenal sem qualquer estrutura diferenciada, apenas com leve entumecimento basal ou preapical 19
- Arista antenal com uma dilatação apical ou basal 20

19 - Escutelo com um par de fortes cerdas marginais e numerosos pêlos; genitália do ♂ pequena . . . . . *Regasilus* Curran
- Escutelo sem longas cerdas e com pilosidade moderada; genitália do ♂ muito grande . . *Pachychoeta* Bigot

20 - Arista antenal com uma dilatação no ápice em forma de uma pequena espátula, sendo o seu primeiro artículo de forma normal . . . *Lecania* Macquart
- Arista antenal com uma grande dilatação basal, sendo o seu primeiro artículo entumecido *Cerozodus* Bigot

21 - Terceiro artículo antenal com longas e mais ou menos abundantes cerdas em sua borda superior . . . . . *Anormostus* Loew
- Terceiro artículo antenal sem cerdas em sua borda dorsal, às vezes com alguns curtos pêlos 22

22 - Ramo anterior da 3.ª nervura longitudinal terminando na 1.ª nervura longitudinal . . . *Diplosynapsis* Enderlein
- Ramo anterior da 3.ª nervura longitudinal terminando na nervura costal 23

23 - Face completamente plana e muito estreita (na região onde se inserem as antenas é tão larga quanto a grossura da probóscida) . . *Senoprosopis* Macquart
- Face mais larga e sempre mais ou menos saliente 24

24 - Terceiro artículo antenal alargado na base, mais largo que o segundo . . . . . *Chilesus* Bromley
- Terceiro artículo antenal na sua porção basal mais estreito que o segundo 25

25 - Abdômen com cerdas na margem posterior de cada segmento, pelo menos lateralmente . . 26
— Abdômen, com exceção do primeiro segmento, sem cerdas diferenciadas na margem posterior ou nos lados de cada segmento . . 27

26 - Escutelo sem cerdas marginais; cerdas dorso-centrais existem só na porção posterior do mesonoto . . . . . *Heligmoneura* Bigot

- Escutelo com cerdas marginais; cerdas dorso-centrais presentes antes e depois da sutura transversa . . . . . *Threnia* Schiner

27 - Genitália dos ♂ ♂ grande e formando um ângulo com o abdômen; face muito saliente . *Porasilus* Curran

- Genitália dos ♂ ♂ de tamanho moderado e em continuação com o abdômen; face com saliência moderada . . . . . *Asilus* Lineu (sens. lat.)

Não nos foi possível incluir nesta chave os gêneros *Leptoharpacticus* Arribalzaga e *Cryptomerinx* Enderlein que também fazem parte da tribo *Asilini.*

O gênero *Threnia* é exclusivamente neotrópico. Schiner, quando o propos, designou o seu genótipo, *Asilus carbonarius* Wiedemann, 1828, do Brasil, e incluiu nele duas novas espécies, *lugens* e *longipennis,* ambas procedentes da América do Sul e descritas algum tempo depois. Essas espécies, juntamente com as que ora descrevemos podem se separar pela seguinte chave, organizada apenas para os ♂ ♂, pois as ♀ ♀ não apresentam caracteres diferenciais nítidos.

CHAVE PARA OS ♂ ♂ DAS ESPÉCIES DO GÊNERO *THRENIA*

1 - Genitália com os forceps superiores curtos e apresentando um profundo recorte marginal de modo que, quando as duas peças se juntam, fica no meio um espaço de contorno circular . 2

- Genitália com os forceps superiores alongados e apresentando um recorte marginal muito raso de modo que, quando as duas peças se juntam, fica no meio um espaço elipsoidal . . . 4

2 - Tíbias amarelas . . . . . *kelleri,* n. sp.

- Tíbias pretas 3

3 - Pleuras com pilosidade preta . . . . . *lugens* Schiner

- Pleuras com pilosidade amarela . . . . . *longipennis* Schiner

4 - Forceps superiores com o ápice arredondado e com finas e longas cerdas sobre o lóbulo basal . . . . . *rabelloi,* n. sp.

- Forceps superiores com uma projeção digitiforme no ápice e com um tufo compacto de cerdas curtas e fortes no lóbulo basal . . . *carbonaria* (Wied.)

Threnia carbonaria (Wiedmann)

Asilus carbonarius Wied., 1828, p. 454; Walker, 1855, p. 705.
Threnia carbonaria (Wied.), Schiner, 1866, p. 685; 1868, p. 184, T. 2, f. 11; Williston, 1891, p. 88; Kertész, 1909, p. 272.

REDESCRIÇÃO — ♂ ♀. Comprimento do corpo 13-20mm; da asa 11-15mm.

Cabeça (fig. 1): face revestida de pruina amarela exceto na base das antenas onde é preta; mistax recobrindo toda a calosidade facial e constituido de cerdas pretas em cima, nos lados e ao longo da borda bucal lateralmente, havendo no meio cerdas amarelas; fronte preta com alguma pruina amarela lateral e pilosidade

Fig. 1 - *Threnia carbonaria*: cabeça vista em perfil

preta; vértice preto-fosco; occipício com pruina cinzenta na região mediana e amarelada nas margens oculares; cerdas e pêlos pretos existem superiormente e, na porção inferior, fina pilosidade branca; barba branca; probóscida preto-brilhante com pilosidade preta na superfície inferior; palpos pretos com pilosidade preta; antenas pretas, primeiro e segundo artículos com pêlos pretos; o primeiro artículo é duas vezes tão longo quanto o segundo, o terceiro tanto quanto os dois basais reunidos e com alguns curtos pêlos na metade basal da borda superior; arista tão longa quanto o terceiro artículo.

Tórax: pronoto preto com alguma pruina cinza lateral e pêlos pretos em cima; mesonoto com três faixas longitudinais pretas, separadas entre si por pruina cinza-amarelada; a faixa mediana chega até a margem posterior e está dividida em toda a sua extensão por uma linha de pruina cinza-amarelada; as faixas laterais estão divididas transversalmente por pruina cinza, formando assim três manchas; calos umerais pretos com alguma pruina cinza anteriormente e alguns pêlos pretos dorsais; cerdas e pêlos do mesonoto pretos, as primeiras muito longas; antes da sutura transversa encontram-se dois pares de dorso-centrais; duas cerdas pré-suturais, três supra-alares e três pós-alares; escutelo preto, revestido de pruina cinza-amarelada, com quatro pares de cerdas marginais

pretas e pilosidade esparsa dorsal também de cor preta; região pós-escutelar preta, revestida de pruina cinza-amarelada e com pilosidade preta nas calosidades laterais; pleuras pretas recobertas de pruina cinza, exceto na porção mediana da mesopleura; pilosidade preta com raros pêlos brancos existem na propleura, mesopleura, esternopleura, hipopleura e metapleura.

Pernas pretas; coxas com esparsa pruina cinza-amarelada e pilosidade preta muito grossa; fêmures com cerdas e pêlos pretos, exceto na superfície posterior dos fêmures anteriores onde há pilosidade branca; tíbias com cerdas e pêlos pretos, havendo na superfície posterior das tíbias anteriores longa pilosidade amarela que se estende até o basitarso; todos os tarsos restantes com cerdas e pêlos pretos. Garras pretas; pulvilos castanhos.

Asas (fig.2) levemente amareladas, iridescentes, e com escurecimento no ápice e nas margens anterior e posterior. Halteres amarelo-ocráceos.

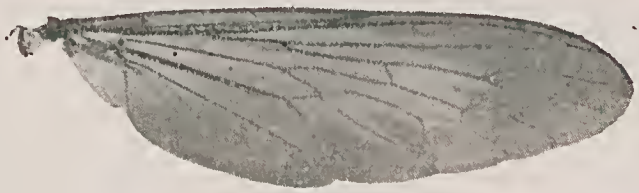


Fig. 2 - *Threnia carbonaria*: asa

Abdômem preto com as margens laterais e posteriores recobertas de pruina cinza-amarelada; nos lados do primeiro segmento existem cerdas pretas e pêlos esbranquiçados; nas margens laterais do segundo ao quinto há pilosidade branca que se estende esparsamente pelo dorso; margem posterior de cada segmento com finas cerdas pretas em mistura com cerdas brancas, estas em maior quantidade lateralmente; esternitos pretos, revestidos de pruina cinza-amarelada, exceto nos dois últimos esternitos que são inteiramente pretos, e com fina pilosidade preta. Terminália grande (fig. 3 a 6); superiormente com um tufo de cerdas pretas, muito compactas, na extremidade anterior, pilosidade amarela ao longo da margem superior e no ápice, havendo aqui também finas cerdas pretas; placas laterais com pilosidade preta.

♀. Difere do ♂ apenas pela pilosidade clara das tibias e basitarso das pernas anteriores que é muito menos densa e pela presença de densa pilosidade amarela sobre as coxas; a pilosidade clara das pleuras também é um pouco mais abundante que nos machos.

MATERIAL EXAMINADO — 18 ♂♂ e 33 ♀♀ Ns. 60.675 a 60.683, 63.015 a 63.046, 104.019, 104.111, 104.134, 104.135, 104.239, 104.241, 104247, 104.449 e 104.455.

Procedência do material: — Brasil, Estado de São Paulo: Mogi das Cruzes, fevereiro de 1938, janeiro de 1939, fevereiro e março de 1940 (M. Carrera); Boracéia, junho de 1947, janeiro, maio e dezembro de 1948, fevereiro, março e abril de 1949 (L. Travassos Filho, E. Rabello e M. Carrera); Cantareira, Chapadão, novembro de 1945 (M. Carrera); Alto da Serra, janeiro de 1912 (H. Luederwaldt); Descalvado, abril de 1946 (Melo); Capital, Bosque da Saúde, dezembro de 1940 (F. Lane). Estado do Rio de Janeiro: Itatiaia, 1200 metros, fevereiro de 1941 (Shannon). República da Bolivia: Prov. Sara (Steinbach).

Threnia rabelloi, n. sp.

♂ ♀ — Comprimento do corpo 13 mm; da asa 11 mm.

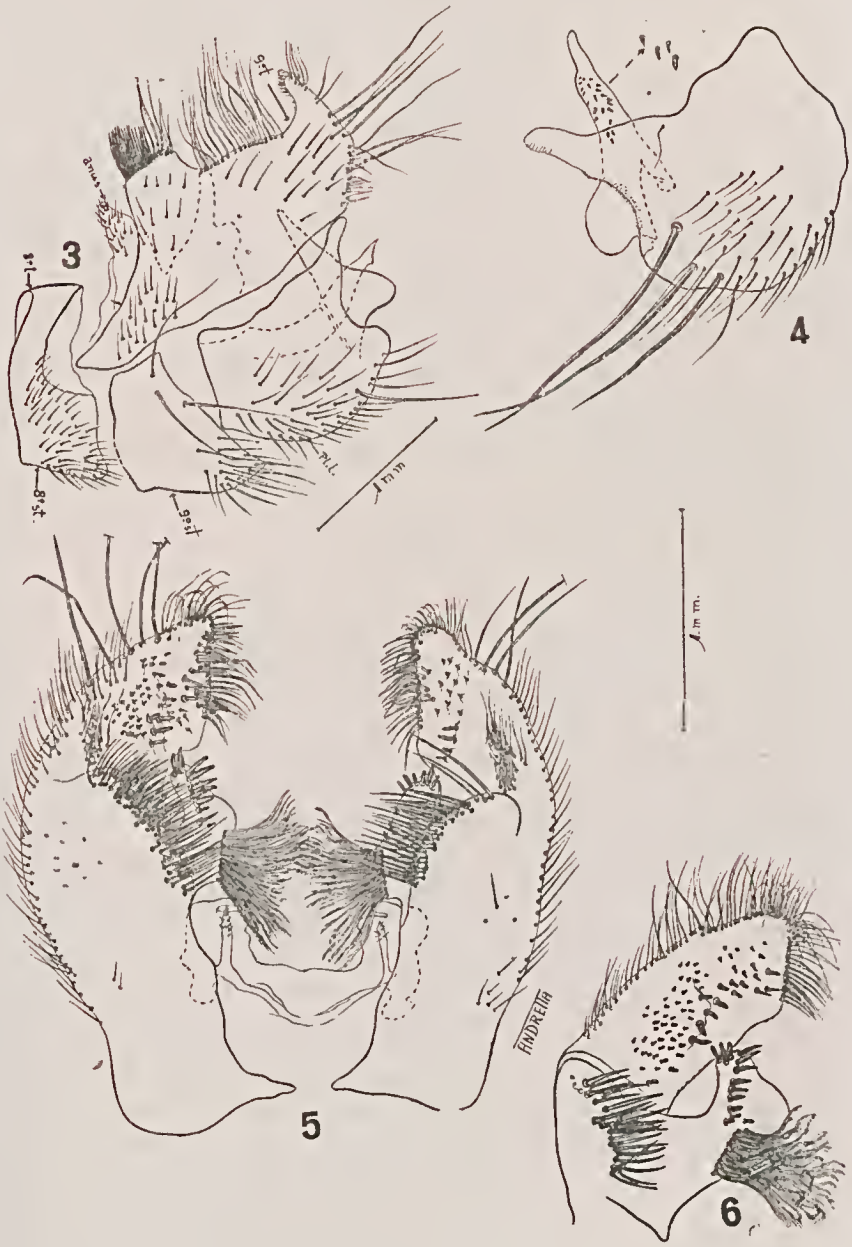
Cabeça: face preta, revestida de pruina dourada; mistax recobrindo toda a gibosidade facial e constituido de cerdas pretas em cima, nos lados e nas margens laterais da abertura bucal, e cerdas amarelas na região mediana; fronte preta, com alguma pruina amarela-escura nos lados, onde também existe pilosidade preta; calo ocelar preto, com seis finas cerdas também pretas; vértice preto-fosco; occipício preto, revestido de pruina cinza, mais escura na região mediana; cerdas e pelos pretos existem superiormente, pilosidade branca com raros pêlos pretos nos lados, em baixo só com pilosidade branca; barba branca-amarelada; probóscida preta, com longa e fina pilosidade preta inferiormente; palpos pretos com pilosidade da mesma cor; antenas pretas, nos dois primeiros articulos com pilosidade preta; o primeiro artículo duas vezes maior que o segundo, o terceiro tão longo quanto os basais reunidos; arista tão longa quanto o terceiro artículo.

Tórax: pronoto preto, com pruina cinza lateral e pilosidade preta; mesonoto com três faixas pretas longitudinais separadas uma das outras por pruina cinza; a faixa mediana é dividida longitudinalmente por uma linha de pruina cinza-escura e termina antes da sutura pré-escutelar; as faixas laterais estão divididas transversalmente em três porções, sendo a última cuneiforme; calo umeral preto, circundado de pruina cinza-amarelada e com fina pilo-

---

Threnia carbonaria (Wied.)

Fig. 3 - Terminália do ♂, vista lateral; 4 - Placa lateral da genitália do ♂, vista lateral; 5 - 9.º tergito (forceps superiores) da genitália do ♂, vista dorsal; 6 - Estrutura da face interna do 9.º tergito da genitália do ♂. (As figuras 4 a 6 estão na mesma escala)


3
4
5
6
1 mm
1 mm
ANDREIA

sidade preta; os calos pós-alares revestidos de esparsa pruina cinza-amarelada; cerdas dorso-centrais e laterais longas e de cor negra como também a pilosidade que reveste o mesonoto; antes da sutura transversa existem três pares de dorso-centrais e, lateralmente, se encontram três pré-suturais, três grossas supra-alares e três pós-alares; cerdas acrosticais finas e longas; escutelo revestido de pruina cinza, com três pares de cerdas marginais pretas e raros pêlos pretos no dorso; região pós-escutelar preta, com pruina cinza lateral; calosidades laterais com pilosidade preta; pleuras pretas, revestidas de pruina cinza, ficando sobre a mesopleura uma região mais escura; pilosidade preta e esparsa se encontra sobre as pleuras, havendo na propleura, esternopleura a metapleura também alguns pêlos brancos.

Pernas inteiramente pretas; as coxas revestidas de pruina cinza e com pilosidade preta em mistura com finos pêlos brancos; a pilosidade dos fêmures anteriores é preta, exceto na superfície posterior onde há pêlos brancos; cerdas e pêlos dos fêmures medianos e posteriores pretos, havendo, porém, nos posteriores uma cerda branca e rara pilosidade branca basal; nas tíbias anteriores se encontram cerdas pretas e longa pilosidade amarela na face posterior; nas tíbias medianas e posteriores cerdas e pêlos pretos, havendo, porém, nas posteriores, curta pilosidade ruiva sobre a superfície posterior; tarsos com cerdas pretas, mas no basitarso das pernas anteriores há longa pilosidade amarela e curta pilosidade ruiva. Garras pretas; pulvilos castanhos.

Asas levemente amareladas, iridescentes, com as margens anterior e posterior e o ápice um pouco escurecidos; nervuras castanho-escuras. Halteres amarelos.

Abdômem preto, sendo a margem posterior do segundo, terceiro e quarto segmentos revestido de pruina branca que também recobre parte da porção anterior do segundo tergito; nas margens laterais e no dorso do segundo e terceiro segmentos existe pilosidade branca que é mais longa lateralmente; as cerdas da margem posterior dos segmentos são pretas e são maiores nos lados; o primeiro segmento, lateralmente, apresenta cerdas pretas, longas, em mistura com um tufo de pêlos brancos; esternitos pretos com pilosidade preta; os quatro primeiros revestidos de pruina cinza, os restantes brilhantes. Terminália (figs. 7 a 10) preto-brilhante e espessa; os forceps superiores com longa pilosidade preta (mais esparsa que em *carbonaria*) no lóbulo da extremidade anterior e longa pilosidade amarela, fina e muito densa, ao longo da borda superior; pilosidade preta se encontra ainda no ápice dos forceps superiores e na superfície das placas laterais.

♀. Difere dos ♂♂ pela pilosidade branca da superfície posterior das tíbias e basitarsos das pernas anteriores que é escassa e curta; na esternopleura existem pêlos brancos, raros, mas mais abundantes que pêlos pretos.

Holótipo ♂, N.º 104.250 e alótipo ♀ N.º 104.259.

Localidade tipo — Brasil, Estado de São Paulo, São Bento do Sapucaí, janeiro de 1948 (E. Rabello).

Discussão Taxionômica — Esta especie é muito proxima de *carbonaria*, dela se distinguindo pela genitália do ♂, conforme indicamos na chave para espécies e nas figuras 3 a 10. Excluindo-se os caracteres diferenciais apresentados pela genitália do ♂, não encontramos outros de relevância no resto do corpo deste diptero para distingui-lo de *carbonaria*. Apenas a coloração da pilosidade e da pruina é mais amarela, dourada, pouco mais longa; a pruinosidade do abdômem é mais abundante em *carbonaria*.

Dedicamos esta espécie ao Sr. Ernesto Rabello, colega e amigo, a quem devemos abundante e precioso material capturado em suas excursões.

Threnia kelleri, n. sp.

♂ ♀. Comprimento do corpo 12-15 mm. da asa 9-12 mm.

Cabeça: face preta, densamente revestida de muito curta pilosidade amarela, ficando apenas a porção mediana, acima da gibosidade facial de cor mais escura; mistax cobrindo toda a gibosidade da face e constituido de longas e finas cerdas pretas situadas sobre a metade superior da saliência facial, nos lados desta e ao longo das margens laterais da boca, havendo no meio longas cerdas de cor branca; fronte preta, revestida de pruina amarela nos lados, onde também se encontram longos pêlos pretos; calo ocelar preto, com pruina castanha e quatro pares de finas cerdas pretas; vértice preto e revestido de pruina cinza-amarelada; occipício preto, recoberto de pruina amarelada, pouco mais clara ao longo da margem ocular, havendo cerdas e pêlos pretos, mais abundantes superiormente, formando uma coroa marginal que se estende até quase a barba; esta é branca, densa e ocupa o têrço inferior da órbita ocular; probóscida preta-brilhante, com pilosidade preta inferiormente; palpos pretos, com grossa pilosidade preta; antenas pretas, os dois primeiros artículos com pequenas cerdas pretas; o primeiro duas vezes maior que o segundo, o terceiro pouco maior que os dois basais reunidos; a arista tão longa quanto o terceiro artículo.

Tórax: pronoto preto, revestido de pruina cinza-amarelada, havendo pêlos brancos e cerdas pretas em cima e nos lados pilosidade preta com muito raros pêlos brancos; mesonoto com três fai-

xas longitudinais de cor castanho-escura, separadas por pruina amarela; a faixa mediana é larga na porção anterior, alcançando a base dos úmeros e terminando na sutura pré-escutelar; as faixas laterais estreitas posteriormente e também alcançando a sutura pré-escutelar; calor umerais castanho-escuros, com pruina amarelo-escura e alguma pilosidade preta; cerdas e pêlos do mesonoto pretos; as cerdas muito longas e finas; antes da sutura transversa encontram-se três pares de dorso-centrais; duas pré-suturais, três supra-alares e três pós-alares; escutelo preto, inteiramente revestido de pruina cinza-amarelada, com raros pêlos dorsais e três a quatro longas cerdas marginais de cor preta; região pós-ecutelar preta, revestida de pruina cinza-amarelada e com as calosidades laterais apresentando fina pilosidade preta; pleuras castanho-escuras, revestidas de pruina cinza-amarelada, com exceção de grande extensão da mesopleura que é mais escura; na propleura existe pilosidade branca; na esternopleura, hipopleura e metapleura a a pilosidade é preta em mistura com um ou outro pêlo branco.

Pernas: coxas e fêmures pretos; as coxas com pruina cinza-amarelada e grossa pilosidade amarela; os fêmures com pilosidade preta e escassa pilosidade amarela na superfície posterior; tíbias anteriores com a superfície anterior castanho-escura e curta pilosidade amarela, sendo a superfície posterior inteiramente amarela e densamente revestida de grossa e longa pilosidade amarela; cerdas e pêlos pretos existem em mistura com a pilosidade amarela; tíbias medianas inteiramente amarelas, exceto em uma linha na face anterior de cor castanha; pilosidade amarela muito curta em mistura com cerdas e pêlos pretos; tíbias posteriores amarelas na metade basal e pretas na metade apical, com pilosidade preta na superfície anterior e densa pilosidade amarela na superfície posterior; cerdas pretas; tarsos pretos, com cerdas e pêlos pretos, exceto no basitarso das pernas anteriores onde existe grossa pilosidade amarela e no basitarso das pernas posteriores onde se encontram cerdas e densa pilosidade amarelo-escura. Garras pretas; pulvilos amarelos.

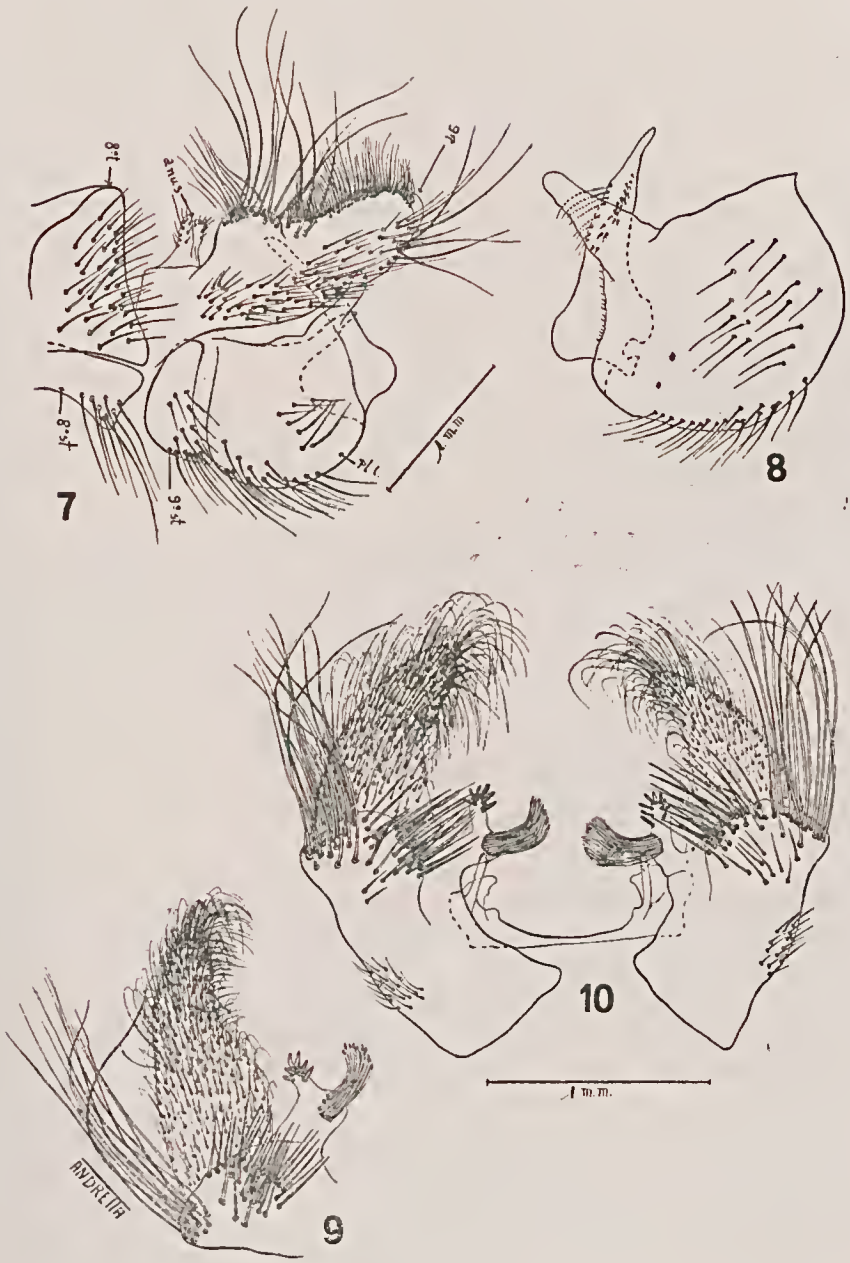
Asas levemente amareladas, iridescentes e com escurecimento no ápice e ao longo das margens anterior e posterior, sendo, porém, o lóbulo anal quase que inteiramente hialino. Halteres ocráceos.

Abdômem preto, com pruina amarelada na margem posterior do segundo, terceiro e quarto segmentos, havendo pruina mais clara também na superfície do terceiro e quarto segmentos; primeiro

---

Threnia rabelloi, n. s.

Fig. 7 - Terminália do ♂, vista lateral; 8 - Placa lateral da genitália do ♂, vista lateral; 9 - Estrutura da face interna do 9.º tergito da genitália do ♂; 10 - 9.º tergito (forceps superiores) da genitália do ♂, vista dorsal. (As figuras 8 a 10 estão na mesma escala).


7
8
9
10
1 m.m.
ANDRELIA

segmento com cerdas pretas e pilosidade amarelada lateral; cerdas do segundo, terceiro e quarto segmentos brancas nos lados da margem posterior e pretas na porção mediana; sobre estes segmentos encontra-se esparsa e longa pilosidade esbranquiçada e muito rara pilosidade preta dorsal; quinto e sexto segmentos preto-foscos e com cerdas e pêlos pretos; esternitos castanho-escuros, todos revestidos de pruina amarelada e com esparsa pilosidade de cor preta em mistura com amarela. Terminália preto-brilhante (figs. 11 a 15), com finas cerdas amarelas na margem inferior dos forceps superiores e finas cerdas pretas nas placas laterais, exceto no ápice onde se encontra pilosidade amarela.

♀. Semelhante ao macho, diferindo apenas na coloração e pilosidade das tíbias anteriores e medianas; nestas tíbias o ápice é preto e a pilosidade amarela existente nas anteriores é menos densa e mais curta. A terminália apresenta no oitavo esternito longas cerdas basais amarelas e as placas anais são em parte avermelhadas com fina pilosidade amarela.

Holótipo ♂ N.º 63.047, alótipo ♀ N.º 63.059 e 28 parátipos, sendo 12 ♂♂ e 16 ♀♀ Nos. 63.048 a 63.058 e 63.060 a 63.073.

Localidade tipo — Brasil, Estado de São Paulo, Porto Cabral, Rio Paraná, março e abril de 1944 (L. Travassos Filho, M. Carrera e E. Dente).

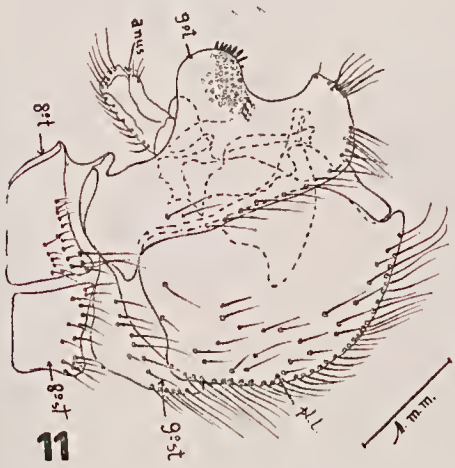
Localidades adicionais — Estado de São Paulo: Avanhandava, fevereiro de 1946 (Barretto). Estado de Goiaz: Anapolis, fevereiro e março de 1947; Campinas, fevereiro de 1946 (Spitz). Estado de Minas Gerais: Cordisburgo, fevereiro de 1939 (Martins, Lopes e Mangabeira).

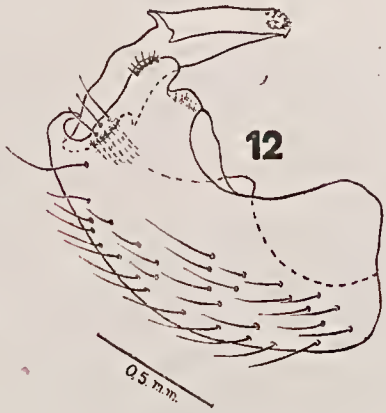
Discussão taxionômica — Esta espécie é próxima de *lugens* e *longipennis*, distingunindo-se de ambas pela coloração das tíbias que são amarelas e não pretas. Em *longipennis* há ainda pilosidade amarela nas pleuras que é inexistente em *kelleri*.

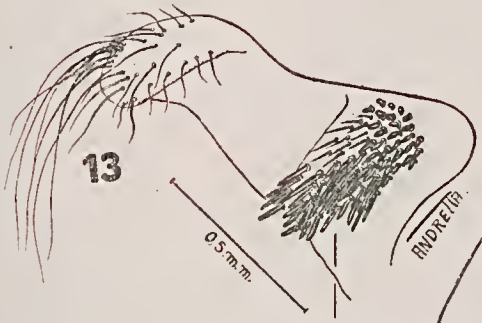
Pretendemos, com o nome que demos a esta espécie, homenagear o Sr. Otto P. Keller, grande conhecedor das nossas cigarras, a quem tributamos grande amizade e admiração.

Threnia kelleri, n. sp.

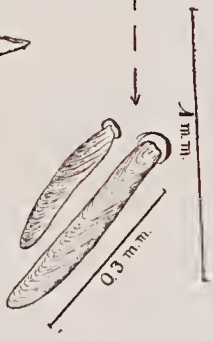
Fig. 11 - Terminália do ♂, vista lateral; 12 - Placa lateral da genitália do ♂, vista lateral; 13 - Estrutura da face interna do 9.º tergito da genitália do ♂; 14 - Aedeagus, vista lateral; 15 - Terminália do ♂, vista dorsal (excluiu-se o aedeagus e as placas laterais para melhor visão do 9.º tergito). (As figuras 12 e 14 estão na mesma escala).


11
1 m.m.


12
0,5 m.m.


13
0,5 m.m.
ANDRÉIM.

14


1 m.m.
0,3 m.m.

15

Threnia lugens Schiner

Threnia lugens Schiner, 1868, p. 185; Williston, 1891, p. 88; Kertész, 1909, p. 272.

Não conhecemos esta espécie. Schiner a distinguiu de *carbonaria* pela estrutura da genitália dos ♂♂ e, segundo se depreende de sua descrição, ela é, de um modo geral, semelhante a de *kelleri*.

DIAGNOSE ORIGINAL - "Schwarz, Rückenschild mit den gewöhnlichen Zeichnungen; die Mittelstrieme durch eine Linie getheilt, die Seitenstriemen in breite, schiefliegende Makel aufgelöst die Einfassungen dunkel goldgelb; die Seiten, eine Stelle vor dem Schildchen und das Schildchen selbst schiefergrau; die Brustseiten grau bestäubt, mit einem Anfluge von Gelb; die kurze Behaarung derselben so wie die der Oberseite, die längeren Borsten vor dem Schildchen und die Randborsten des Schildchens schwarz. Hinterleib verhaltnissmässig kurz, weit von den Flügeln überragt, die ersten vier Ringe mit weissen, schmalen Querbinden, die am vierten Ringe schon weniger deutlich ist, auf den folgenden Ringen so viel wie ganz fehlen; Genitalien des Männchens glänzend schwarz, sehr dick und kolbig; obere Klappen kurz, vorne tief ausgeschnitten, so dass bei geschlossener Lage, oben ein fast runder Raum freibleibt; die unteren Klappen ausserordentlich dick angeschwollen, so lang als die oberen und diesen knapp anliegend: alle Ränder mit kurzen, schwarzen Härchen. Legeröhre des Weibchens kaum vorragend. Die Behaarung des Hinterleibes ist an den Einschnitten und am Seitenrande ziemlich dicht und borstenartig, durchaus hellgelblich oder weisslich, nur am After sind derselben schwarze Härchen beigemengt. Kopf schwarz; Untergesicht an den Seiten goldbelb bestäubt, der Höcker stark vorspringend, die Hälfte des Untergesichts ausfüllend, mit vorherrschend schwarzen Borsten, denen unten in geringerer oder grösserer Ausdehnung gelbliche oder weisslich Härchen beigemengt sind; Fühler schwarz; die Behaarung der Basalglieder, so wie die der Stirne und der Taster schwarz. Beine durchaus glänzend schwarz, mit vorherrschend schwarzer kurzer Behaarung und ziemlich vielen eben so gefärbten Borsten; die Vorderschienen und Tarsen auf der Innenseite mit fuchsrothen Tomente. Flügel glashell, um die Spitze intensiv schwarzgrau. 5'''. Dreizehn Männchen und zwei Weibchen aus Süd-Amerika".

Threnia longipennis Schiner

Threnia longipennis Schiner, 1868, p. 185; Williston, 1891, p. 88; Kertész, 1909, p. 272.

Desconhecemos esta espécie. Segundo Schiner ela se distingue de *carbonaria* pela forma da genitália do ♂, e de *lugens* pela presença de cerdas amarelas nas pleuras. Isto nos indica que os ♂♂

de *lugens* e *longipennis* apresentam um mesmo tipo de genitália, diferente da de *carbonaria,* razão pela qual achamos razoável dividir as espécies deste gênero em dois grupos, conforme se pode verificar pela chave que organizamos.

DIAGNOSE ORIGINAL — "Schwarz; Rückenschild mit den gewöhnlichen Zeichnungen; die Mittelstrieme breit, durch eine Linie getheilt, in gewisser Richtung mit zwei helleren Rändern; die Bestäubung dunkel goldgelb, besonders dicht an den Seiten und um die Schulterbeulen; Brustseiten lebhaft graugelb; eine Stelle vor dem Schildchen und dieses selbst grau; die Behaarung auf der Oberseite und Beborstung am Rande des Schildchens schwarz, an den Brustseiten gelb. Hinterleib schwarz, glänzend, die Einschnitte sehr schmal gelblich, was nur an den drei Basalringen deutlicher ist. Die Behaarung überall und besonders an den Seiten und am Bauche messinggelb. Genitalien des Männchens wie bei *Thr. lugens,* doch ist an den oberen Klappen die durch den Ausschnitt vortretende, dem Leibe näher liegende Eckelappenartig, während sie bei *Thr. lugens* stumpf ist und die wimperartige Behaarung an den Rändern ist gelblich. Legeröhre des Weibchens vorherrschend gelb behaart. Untergesicht an den Seiten messinggelb, der Höcker die Hälfte des Gesichtes aufüllend, stark vorspringend, mit vorherrschend schwarzen Borsten, denen nur unten gelbe Haare beigemengt sind; Fühler schwarz, die beiden Basalglieder und die Taster schwarz behaart; Stirne gleichfalls schwarz behaart; Stirne gleichfalls schwarz behaart. Beine glänzend schwarz; die Hüften gelbgrau bestäubt, die kurze Behaarung durchaus gelblich, die zerstreuten Borsten schwarz; Innenseite der Vorderschienen und Tarsen fuchsroth. Flügel verhältnissmässig sehr lang; um die Spitze herum schwärzlich, die vierte Hinterrandzelle breiter und bauchiger als bei *Thr. lugens.* 5 1/2 - 6'''. Vier Männchen und 16 Weibchen aus Südamerika".

À Sra. Dna. Maria Aparecida Vulcano d'Andretta desejamos agradecer a execução dos desenhos que ilustram este trabalho e a ajuda que nos concedeu na interpretação das diagnoses.

ABSTRACT

In this work the genus *Threnia* Schiner, 1866, is redescribed and its position among the *Asilini* is given. It seems very near *Heligmoneura* Bigot, 1858, from which it may be distinguished by the long scutellar bristles and the presence of dorso-centrals before the transverse suture.

Two new species are also described and they may be recognized in the following key, organized only for the males.

1 -	Genitalia with the superior forceps short and with the superior border deeply encurved inwardly, so that, when the two sclerites are united, a circular space remains in the middle	2
-	Genitalia with the superior forceps larger and with the superior border slightly encurved inwardly, so that, when the two sclerites are united, a elliptic space remains in the middle	4
2 -	Tibiae yellow	*kelleri*, n. sp.
-	Tibiae black	3
3 -	Pleurae with black pile	*lugens* Schiner
-	Pleurae with yellow pile	*longipennis* Schiner
4 -	Superior forceps rounded at the apex and with slender and long bristles on the basal lobule	*rabelloi*, n. sp.
-	Superior forceps with a digitiform projection at the apex and with a compact tuft of short and strong bristles on the basal lobule	*carbonaria* (Wied.)

A precise distinction between *rabelloi* and *carbonaria* can be made only by genitals characters.

BIBLIOGRAFIA

CARRERA, M. — 1950 - Synoptical keys for the genera of Brasilian *Asilidae* (*Diptera*). — Rev. Brasil. Biol. 10(1) :99-111.

KERTÉSZ, C. — 1909 - Catalogus Dipterorum 4:272.

SCHINER, J. R. — 1866 - Die Wiedemann'schen Asiliden. — Verh. Zool. Bot. Ges. Wien 16:649-848.

1868 - Reise der Österreichischen Fregatte Novara. — Zool. Dipt. Asilidae pp. 155-195.

WALKER, F. — 1855 - List of the specimens of dipterous insects in the collection of the British Museum 7, Suppl. 3:507-775.

WIEDEMANN, C. R. W. — 1828 - Aussereuropaische zweiflügelige Insecten. Asilidae. 1:364-572.

WILLISTON, S. W. - 1891 - Catalogue of the Described species of South American Asilidae. — Trans. Amer. Ent. Soc. Philad. 18:67-91.

Vol. X, N.º 13 — pp. 253-259 5-III-1952

PAPÉIS AVULSOS
DO
DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA
SECRETARIA DA AGRICULTURA — S. PAULO - BRASIL

RELAÇÃO DE ALGUNS *ASILIDAE* E SUAS PRESAS (III)

POR

MESSIAS CARRERA e MARIA A. V. d'ANDRETTA

Este trabalho constitue a terceira relação de asilídeos brasileiros capturados quando ainda mantinham em suas garras insetos à custa dos quais pretendiam nutrir-se.

Sob o ponto de vista econômico os asilídeos não apresentam importância de vulto. Nos Estados Unidos existem várias espécies que prejudicam apiários pela sua voracidade, consumindo numerosas abelhas operárias. Na Argentina a *Mallophora ruficauda* (Wiedemann) é uma destruidora de *Apis mellifera* L., segundo Copello (1922). É interessante assinalar que no Brasil, pelo menos até o ponto em que conseguimos observar, são pouco frequentes os casos em que a abelha comum figura como presa destes dípteros. Tivemos ocasião de capturar várias espécies de *Asilidae* nas vizinhanças de um apiário durante dez dias, mas nenhuma sequer encontramos preando aquele himenóptero.

Apresentamos no fim deste trabalho um quadro demonstrativo da frequência de certas presas em relação aos *Asilidae* por nós até agora estudados. Evidentemente, não pretendemos indicar a preferência exclusiva de algum predador por qualquer ordem de insetos, mas queremos apenas dar uma idéia, talvez próxima da realidade, da seleção exercida por alguns asilídeos a um determinado grupo de presas. À medida que formos constatando outros casos deste predatismo iremos ampliando o referido quadro afim de que se tenha, de momento, um panorama geral dos fatos que observamos.

Nas notas anteriores sobre este mesmo assunto (Papéis Avulsos Vol. V, pp. 159-166, 1945 e Vol. VIII, pp. 265-271, 1947) contamos com a boa vontade de vários especialistas para a identificação dos insetos preados, o mesmo acontecendo nesta oportunidade. Justo, pois, consignarmos aqui, pela mesma razão, os nossos sinceros agradecimentos aos Senhores John Lane (*Mycetophilidae* e *Ceratopogonidae*), Maurice T. James (*Stratiomyidae, Microch-*

rysa), Jesus Moure (*Apidae*), José C. M. de Carvalho (*Hemiptera, Miridae*), Renato L. de Araujo (*Hymenoptera*) e Romualdo F. d'Almeida (*Lepidoptera, Pierididae*).

RELAÇÃO DOS ASILIDEOS E SUAS PRESAS

Townsendia sp.

Atissiella setulosa Cress. (*Diptera, Ephydridae*).

Um exemplar N.º 61.159 capturado em Cascavel, Estado do Ceará, por R. C. Shannon e D. C. Alves em dezembro de 1940. O asilídeo acha-se danificado, razão pela qual não o pudemos identificar melhor.

Hypenetes fulvicornis (Macq.)

Minettia sp. (*Diptera, Lauxanidae*).

Um exemplar N.º 60.465 capturado em Santo Amaro, Estado de São Paulo, por Edward Coher em setembro de 1949.

Eumecosoma metalescens Will.

Rhopalogaster araujoi Carr. (*Diptera, Asilidae*).

Um exemplar N.º 60.396 capturado em Campinas, Estado de Goiaz, por R. Spitz em janeiro de 1936. Acreditamos que o espécime de *Rhopalogaster* esteja sendo preado pelo de *Eumecosoma*, pois no mesmo alfinete, transfixados, se encontram, em cima. E. *metalescens* e em baixo *R. araujoi*, indicando provàvelmente a posição em que foram capturados. O inverso entretanto, não é impossível, mesmo porque o *Rhopalogaster* tem uma compleição mais robusta que a de *Eumecosoma*.

Atomosia tenuis Curr.

Pseudohecamede sp. (*Diptera, Ephydridae*).
Hymenoptera (Microhymenoptera).

Cinco exemplares sob os Ns. 61.151 e 62.981 a 62.984. Todos eles foram capturados em Limoeiro, Estado do Ceará, por R. C. Shannon e D. C. Alves em abril de 1940. Um único espécime está preando *Ephydridae*.

Atomosia argyrophora Schin.

Milichiella lacteipennis (Lw.) (*Diptera, Milichiidae*).
Hymenoptera, Ichneumonidae.

Dois exemplares Ns. 60.469 e 62.973. O primeiro capturado em Ressaca, Estado de São Paulo, por. M. Carrera em dezembro de 1948; o segundo em Onda Verde, Estado de São Paulo, por F. Lane em janeiro de 1946.

Atomosia tibialis Macq.

Diptera, Sciaridae.
Zigomyia glaberrima Edws. (*Diptera, Mycetophilidae*).
Microchrysa bicolor Wied. (*Diptera, Stratiomyidae*).
Palaeosepsis haemorrhoidalis (Schin.) (*Diptera, Sepsidae*).
Plebeia (*Friesella*) *schrottkyi* (Fr.) (*Hymenoptera, Apidae*).
Hymenoptera (Microhymenoptera).

O exemplar preando *Sepsidae* 60.958, foi capturado em Juquiá, Estado de São Paulo, por F. Lane e L. Travassos Filho em abril de 1940; os restantes Ns. 62.292, 62.974, 63.089 a 63.094 e 63.178 a 63.181 foram capturados em Onda Verde, Estado de São Paulo, por F. Lane em janeiro de 1946. Cinco espécimes estão preando *Sciaridae* e quatro *Stratiomyidae*.

Atomosia fredericoi Carr.

Diptera, Drosophilidae.
Hymenoptera (Microhymenoptera).

Ambos os exemplares Ns. 61.135 e 62.985 foram capturados no bairro do Ipiranga na Capital de São Paulo por F. Lane em fevereiro de 1948.

Atomosia venustula Arrib.

Hemiptera, Anthochoridae.
Cyrtopeltis chlorogaster Berg (*Hemiptera, Miridae*).
Dicyphus cineticornis (Stal) (*Hemiptera, Miridae*).
Garganus gracilentus Stal (*Hemiptera, Miridae*).
Leucopoecila inornata Knght. & Carv. (*Hemiptera, Miridae*).
Lixeonotus sp. (*Hemiptera, Miridae*).
Polimerus testaceipes (Stal) (*Hemiptera, Miridae*).
Pyenoderus quadrimaculatus (Guerin) (*Hemiptera, Miridae*).
Sericephanes ornatus (Berg) (*Hemiptera, Miridae*).
Trigenetylus ruficornis (Geoff.) (*Hemiptera, Miridae*).
Diptera, Cecidomyidae.
Atrichopogon eucnemus Macq. (*Diptera, Ceratopogonidae*).
Microchrysa bicolor (Wied.) (*Diptera, Stratiomyidae*).
Drapetis sp. (*Diptera, Empididae*).
Condylostylus tibialis (Wied.) (*Diptera, Dolichopodidae*).
Megaselia femoralis End. (*Diptera, Phoridae*).
Lonchaea glaberrima Wied.? (*Diptera, Lonchaeidae*).
Palaeosepsis armillata Mel. & Splr. (*Diptera, Sepsidae*).
Palaeosepsis dentata Beck. (*Diptera, Sepsidae*).
Palaeosepsis fuscata Mel. & Splr. (*Diptera, Sepsidae*).
Diptera, Drosophilidae.
Hippelates convexus Lw. (*Diptera, Chloropidae*).
Hippelates dorsatus Will. (*Diptera, Chloropidae*).

Hippelates clavipes Lw. (*Diptera, Chloropidae*).
Hippelates sp. (*Diptera, Chloropidae*).
Milichiella lacteipennis (Lw.) (*Diptera, Milichiidae*).
Hypochasma incisa Coq.? (*Diptera, Ephydridae*).
Hypochasma incisa Coq.? (*Diptera, Ephydridae*).
Leptopsilopa nigrimana Will. (*Diptera, Ephydridae*).
Leptopsilopa subapicalis Cress.? (*Diptera, Ephydridae*).
Notiphila triangulifera Schin. (*Diptera, Ephydridae*).
Scotophilella curvitarsis Duda (*Diptera, Borboridae*).
Scotophilella sp. (*Diptera, Borboridae*).
Poecilosomella angulata (Thoms.) (*Diptera, Borboridae*).
Stomoxys calcitrans L. (*Diptera, Muscidae*).
Diptera, Muscidae, Caenosinae.
Sarcophagula occidua (F.) (*Diptera, Sarcophagidae*).

Todos os exemplares foram capturados em Onda Verde, Estado de São Paulo, por F. Lane em janeiro de 1946, havendo entre eles 26 preando *Hemiptera* sob os Ns. 62.989 a 63.014. Os restantes estão preando *Diptera*, sendo 6 *Cecidomyidae* Ns. 61.495, 61.547, 61.572, 61.575, 61.578 e 61.621; 1 *Ceratopogonidae*, 63.096; 5 *Stratiomyidae*, 63.182 a 63.186; 2 *Empididae*, 62.169 e 62.171; 4 *Dolichopodidae*, 60.470, 60.494, 60.495 e 60.498; 1 *Phoridae*, 61.137; 1 *Lonchaeidae*, 60.504; 14 *Sepsidae*, 62.172 a 62.174, 62.516, 62.517 e 62.962 a 62.970; 2 *Drosophilidae*, 61.163 e 61.484; 33 *Chloropidae*, 62.518, 62.929 a 62.957 e 62.959 a 62.961; 1 *Milichiidae*, 62.529; 4 *Ephydridae*, 61.140 a 61.143; 85 *Borboridae*, 60.570, 60.583, 60.598, 60.753, 60.765 a 60.768, 60.770, 60.772, 60.783 a 60.785, 60.787 a 60.789, 60.793 a 60.795, 60.797 a 60.800, 60.813, 60.814, 60.830, 60.839, 60.843, 60.859, 60.865, 60.869, 60.871, 60.899, 60.901, 60.902, 60.909, 60.918, 60.948, 60.950, 61.109 a 61.134, 61.138, 61.144 a 61.150, 61.152 a 61.156, 61.158, 61.160 a 61.162 e 61.164 a 61.166; 2 *Muscidae*, 61.136 a 61.157; 32 *Sarcophagidae*, 61.623, 61.624, 61.661, 61.706, 61.710, 61.744 a 61.746, 61.785, 61.787, 61.788, 61.845, 61.846, 61.859, 61.860, 61.901, 62.014, 62.079, 62.110 a 62.114, 62.116, 62.117, 62.133, 62.144 e 62.168.

Aphestia annulipes (Macq.)

Trigona (*Trigona*) *ruficrus* Latr. (*Hymenoptera, Apidae*).

Três espécimes Ns. 63.187, 63.190 e 63.191. Dois capturados em Curitiba, Estado do Paraná, em outubro de 1936 e setembro de 1938; um capturado no bairro do Ipiranga, Capital de São Paulo, em janeiro de 1948 por E. Dente.

Mallophora clavitarsis Curr.

Trigona (*Geotrigona*) *mombuca* (*Hymenoptera, Apidae*).
Trigona (*Trigona*) *ruficrus* Latr. (*Hymenoptera, Apidae*).
Apis mellifera L. (*Hymenoptera, Apidae*).
Brachygastra lecheguana (Latr.) (*Hymenoptera, Vespidae*).

Quatro exemplares respectivamente sob os Ns. 63.192, 63.194, 62.979 e 62.980. Os espécimes preando *Apis* e *Geotrigona* foram capturados por L. Travasso Filho em janeiro de 1950 e E. Dente em março de 1948 no bairro do Ipiranga na Capital de São Paulo; os espécimes preando *Trigona* e *Vespidae* foram capturados por M. Carrera em Guaianazes, Estado de São Paulo, em fevereiro de 1950.

Mallophora nigritarsis (F.)

Stylogaster stylata (F.) (*Diptera, Conopidae*).

Um exemplar N.º 60.356 capturado em Guaianazes, Estado de São Paulo, por M. Carrera em fevereiro de 1950.

Mallophora opposita Walk.

Hermetia illucens L. (*Diptera, Stratiomyidae*).
Volucella morpho Curr. (*Diptera, Syrphidae*).
Apis mellifera mellifera L. (*Hymenoptera, Apidae*).
Plebeia (*Plebeia*) *droryana* (Fr.) (*Hymenoptera, Apidae*).
Trigona (*Trigona*) *ruficrus* Latr. (*Hymenoptera, Apidae*).
Augochloropsis aeristalis (Vach.) (*Hymenoptera, Apidae*).
Pseudoaugochloropsis nigromarginata (Spin.) (*Hymenoptera, Apidae*).
Hymenoptera, Mutilidae.

Oito exemplares sob os Ns. 63.193, 63.195 a 63.198, 60.363, 60.373 e 62.987. Os espécimes preando *Diptera* e *Plebeia* foram capturados no bairro do Ipiranga da Capital de São Paulo em fevereiro de 1950 e agosto de 1949 por E. Rabello e em fevereiro de 1947 por F. Lane; os que se acham preando *Trigona* e *Mutilidae* em Boracea, Estado de São Paulo, por M. Carrera em fevereiro de 1949; os restantes; preando himenopteros, em Curitiba, Estado do Paraná, em outubro de 1937, dezembro de 1938 e fevereiro de 1941.

Mallophora contraria Walk.

Trigona (*Trigona*) *ruficrus* Latr. (*Hymenoptera, Apidae*).

Um exemplar N.º 63.199 capturado na Cidade de São Paulo em fevereiro de 1951 por H. Brandão.

Mallophora sp.

Apis mellifera ligustica Spin. (*Hymenoptera, Apidae*).

Um exemplar N.º 63.188 capturado em Curitiba, Estado do Paraná, em janeiro de 1940.

Eccritosia tricolor Walk.

Hymenoptera, Trypoxyliidae.
Hymenoptera, Bembycidae.

Dois exemplares Ns. 62.971 e 62.972 capturados em São João do Pirangi, Município de Morada Nova, Rio Jaguaribe, Estado do Ceará, em outubro e dezembro de 1939.

Promachina barbiellinii Curr.

Lepidoptera (Microlepidoptera).

Um exemplar N.º 62.976 capturado em Curitiba, Estado do Paraná, em janeiro de 1940.

Eichoichemus pyrrhomystax (Wied.)

Plebeia (Plebeia) droryana (Fr.) *(Hymenoptera, Apidae).*
Hymenoptera, Sphegoidea.
Hymenoptera, Tyniidae.

Três exemplares Ns. 63.189, 62.975 e 62.986. O primeiro foi capturado em Embu, Estado de São Paulo, por F. Lane em fevereiro de 1946; os seguintes em Russas, Estado do Ceará, por R. C. Shannon e D. C. Alves em fevereiro de 1940.

Eicherax macularis (Wied.)

Leia picticornis (Kertész) *(Diptera, Mycetophilidae).*
Chiromyza viridis Bezzi *(Diptera, Stratiomyidae).*
Allograpta neotropica Curr. *(Diptera, Syrphidae).*

Três exemplares sob os Ns. 63.095, 60.411 e 61.139 capturados, respectivamente, em Guaianazes, Estado de São Paulo, por M. Carrera em fevereiro de 1950; Campos do Jordão, Estado de São Paulo, por F. Lane em janeiro de 1948; Ipiranga, na Capital do Estado de São Paulo, por E. Dente em janeiro de 1948.

Erax striola (F.)

Hesperocharis anguitia Godt. *(Lepidoptera, Pieridídae).*

Um exemplar N.º 62.978 capturado em Cascavel, Estado do Ceará, por R. C. Shannon e D. C. Alves em dezembro de 1940.

Asilus luctuosus Macq.

Hymenoptera, Ichneumonidae.
Appias drusilla (Cramer) *(Lepodipotera, Pieridídae).*

Dois exemplares Ns. 62.288 e 62.977 capturados, respectivamente, em Angra dos Reis, Estado do Rio de Janeiro, por J. Lane em novembro de 1945 e Osasco, Estado de São Paulo, por M. A. V. d'Andretta em dezembro de 1950.

GÊNEROS	N.° de spp.	Exemplares	ORDEM DOS INSETOS PREADOS										
			Hymenopt.	*Diptera*	*Lepidopt.*	*Coleopt.*	*Hemipt.*	*Odonota*	*Homopt.*	*Blattar.*	*Orthopt.*	*Corrodt.*	*Araenae*
Allopogon	1	4	4										
Andrenosoma	2	2	1	1									
Archilestris	1	1		1									
Aphestia	1	3	3										
Asilus	2	4	1		3								
Atomosia	5	260	8	217	1	5	27					2	
Diogmites	2	4	2	1							1		
Eccritosia	1	2	2										
Eicherax	1	9	1	8									
Eichoichemus	2	7	4	2					1				
Erax	2	9	1		7					1			
Eumecosoma	1	1		1									
Holcocephala	1	1	1										
Hypenetes	1	1		1									
Lampria	1	2	2										
Lastaurus	1	2	1					1					
Leptogaster	1	1											1
Mallophora	10	33	25	4		2			1	1			
Ommatius	1	1		1									
Phonicocleptes	1	1	1										
Porasilus	1	3		1	1				1				
Proctacanthus	2	3	2	1									
Promachina	4	7	6		1								
Threnia	1	2		2									
Townsendia	1	1		1									
	47	364	65	242	13	7	27	1	3	2	1	2	1

Vol. X, N.º 14 — pp. 261-266 25-IV-1952

PAPÉIS AVULSOS
DO
DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA
SECRETARIA DA AGRICULTURA — S. PAULO - BRASIL

SÔBRE ALGUMAS VARIAÇÕES DAS SUTURAS DO CANTO INTERNO DA ÓRBITA NOS MACACOS DO GÊNERO *CALLITHRIX* Erxleben, 1777.

POR

OCTÁVIO DELLA SERRA
e
MILTON PICOSSE (*)

Um dos caracteres distintivos entre os *Lemuroidea* e os *Platyrrhina* é o concernente com a situação e a constituição da fossa lacrimal. Nos *Lemuroidea,* como verificou Gegenbaur (1882), a fosse lacrimal fica situada na porção facial da cabeça, mantendo assim uma situação idêntica à encontrada nos *Sauropsida.* Para os *Anthropoidea,* a fossa situa-se definitivamente no interior da cavidade orbitária, não obstante ocorrerem algumas exceções, como nos *Platyrrhina* dos gêneros *Ateles, Alouatta* e *Aotes* (Gegenbaur, 1882).

Para o *Ateles,* o osso lacrimal forma a maior parte da crista anterior da fossa, estendendo-se em direção ao osso nasal, apenas permitindo uma pequena sutura fronto-maxilar. Para o *Alouatta,* o osso lacrimal projeta-se em tal extensão para fora da cavidade orbitária, que chega mesmo a se articular com o nasal. Esta disposição é tipicamente "lemuroide". Para o *Aotes,* a crista anterior é inteiramente constituida pelo ramo ascendente do maxilar superior, mostrando assim uma disposição que aproxima muito mais êste gênero dos *Simiidae* e do *Homo* do que mesmo dos *Cercopithecidae.*

Forsyth (1901) examinando 19 crânios de macacos do gênero *Callithrix,* verificou a ocorrência da sutura lácrimo-nasal em 6 espécimes, enquanto que nos restantes, a sutura era do tipo fronto-maxilar. Verificou ainda que, em alguns casos, o *os planum* concorre para a formação da crista posterior da fossa lacrimal.

Beattie (1927) descrevendo a morfologia do crânio do *Callithrix jacchus* referiu-se a existência da sutura lácrimo-nasal, negando entretanto, a presença da sutura fronto-maxilar.

(*) Assistentes da Cadeira de Anatomia da Faculdade de Farmácia e Odontologia da Universidade de São Paulo e da Escola Paulista de Medicina. Diretor: Prof. João Moreira da Rocha.

Foi com a finalidade de esclarecer estas divergências, que procuramos estudar as relações suturais entre aquêles dois ossos. Para isto, observamos 169 crânios de macacos do gênero *Callithrix* (*). Dêstes, aproveitamos apenas 156, pois que os restantes se encontravam prejudicados e não permitiam uma observação rigorosa. Dos crânios examinados, 86 são do sexo masculino, 79 do sexo feminino e 4 de sexo não determinado.

As espécies utilizadas para êste estudo foram: *C. chrysoleucos, C. argentata, C. leucocephala, C. aurita, C. penicillata, C. santaremensis* e *C. jacchus.*

O quadro abaixo descrimina, por espécies e sexos, o número de exemplares utilizados:

Gênero e Espécie	*N.º de Crânios*	♂	♀	*sexo indeterm.*
C. chrysoleucos	27	12	15	0
C. argentata	60	29	30	1
C. leucocephala	23	16	7	0
C. aurita	7	4	2	1
C. penicillata	32	15	15	2
C. santaremensis	12	6	6	0
C. jacchus	8	4	4	0
Total	169	86	79	4

Em nossas observações pudemos verificar 3 tipos de união entre os ossos que constituem o ângulo súpero-interno da cavidade orbitária.

Em 107 dos casos (62,5%), havia uma sutura maxilo-frontal bilateral nítida o que representa uma evidente maioria sôbre os outros tipos (fig. n.º 1). Há que assinalar, entretanto, que a contribuição do processo frontal do maxilar superior, para a sutura fronto-maxilar é variável. Assim nos casos mais freqüentes o ramo do maxilar superior se articula numa grande extensão com o processo orbitário interno do frontal, separando completamente o nasal do lacrimal. Em outros casos, menos freqüentes, há uma pequena contribuição do osso maxilar ao se articular com o frontal (fig. n.º 2), chegando mesmo em alguns, a formar uma ponta aguçada (fig. n.º 3) apenas separando o nasal do lacrimal, constituindo uma

(*) Os crânios pertencem às coleções osteológicas do Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura de São Paulo.

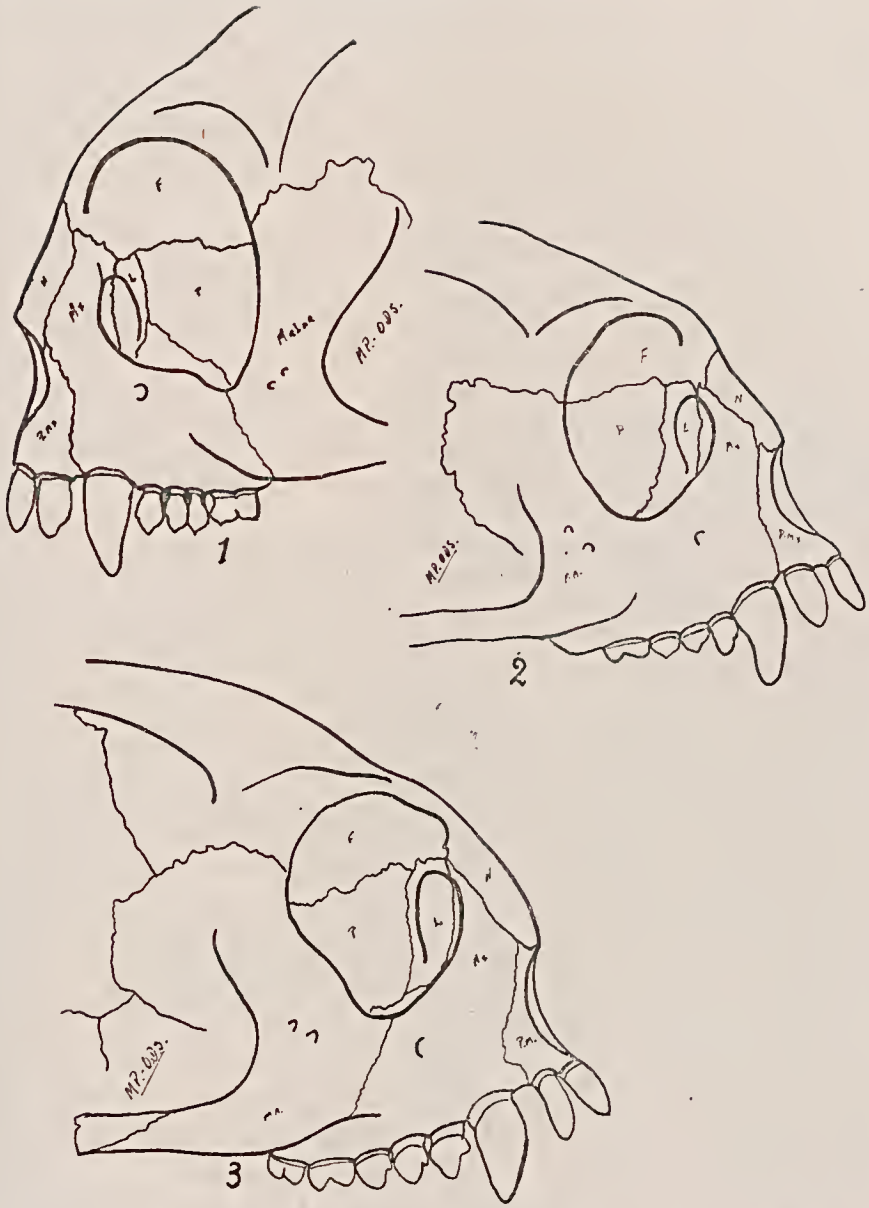


Fig. 1 — Lado esquerdo da região orbitária do *C. chrysoleucos*, femea, n.º 661 (Dep. de Zoologia da Sec. Agr. S. Paulo), 2 x o tamanho natural. Notar a articulação bem nítida entre o maxilar superior e o frontal. Mx: maxilar superior; N: nasal; L: lacrimal; F: frontal; P: lâmina papirácea do etmóide; P. Mx: pré-maxilar; Ma: malar.

Fig. 2 — Lado direito da região orbitária do *C. chrysoleucos*, femea, n.º 668 (Dep. Zoologia da Sec. Agr. S. Paulo), 2 x o tamanho natural. Observa-se que nêste espécime o processo maxilar entra em articulação com o frontal apenas com uma pequena parte, se interpondo entre êste o lacrimal.

Fig. 3 — Lado direito da região orbitária do *C. argentata*, femea, n.º 8 (Dep. Zoologia da Sec. Agr. de S. Paulo), 2 x o tamanho natural. Nêste crânio o processo maxilar coopera apenas com uma pequena ponta óssea na articulação fronto-maxilar

sutura estrelada, resultante do encontro das várias suturas vizinhas (sutura naso-maxilo-fronto-lacrimal). Num único exemplar, verificamos a sutura bilateral do *os planum* do etmóide, que passa sôbre o lacrimal, e articula-se com o maxilar superior e com o processo orbitário interno do frontal (fig. 4).

Em 32 casos (20,5%) constatamos a ausência da sutura fronto-maxilar (fig. 5), isto é, os dois ossos, nasal e lacrimal, entram em direto contato. Não raramente o processo ascendente do maxilar superior dispõe-se em forma de uma ponta óssea tentando alcançar o frontal, sem entretanto, atingí-lo (fig. 6).

Finalmente, em 17 casos (10,8%) verificamos num mesmo indivíduo os dois tipos de sutura: de um lado a fronto-maxilar e do outro a lácrimo-nasal. Nesses casos, o processo frontal do maxilar entra sòmente com uma pequena parte, afilada, intrometendo-se entre o lacrimal e o osso nasal.

Dentro das várias espécies de *Callithrix* pudemos observar que a sutura fronto-maxilar encontra-se com mais freqüência no *C. argentata,* pois em 60 espécimes 47 mostram a referida sutura, e os restantes 13 não a apresentam (6 casos) ou mostram as duas suturas no mesmo indivíduo (7 casos). No *C. penicillata,* a ausência da sutura fronto-maxilar constitue a maioria dos casos: em 32 casos notamos 11 ausências, 10 presenças bilaterais e 4 unilaterais. No *C. jacchus* (8 espécimes) notamos ausência da sutura fronto-maxilar numa pequena maioria: 3 exemplares não possuem esta sutura e em 3 nota-se num mesmo indivíduo, ora um ora outro tipo; em 2 casos sòmente é que a articulação está presente. Nas demais espécies do gênero *Callithrix* a presença da sutura fronto-maxilar constitui a maioria dos casos.

O quadro ao lado resume os tipos de sutura encontrados no canto interno da região orbitária e a respectiva frequência.

Gênero-espécie	*sut. fronto-maxilar bil.*	*sut. lácrimo-nasal bilat.*	*s. fronto max. unil.*	*s. lácrimo nasal unil.*
C. chrysoleucos	23-(88,4%)	3-(11,5%)	0-(0%)	0-(0%)
C. argentata	47-(19,6%)	6-(10,1%)	6-(10,1%)	6-(10,1%)
C. leucocephala	15-(65,2%)	5-(21,5%)	3-(13%)	3-(13%)
C. aurita	4-(80%)	0-(0%)	1-(20%)	1-(20%)
C. penicillata	10-(40%)	11-(44%)	4-(13%)	4-(16%)
C. santaremensis . . .	6-(60%)	4-(40%)	0-(0%)	0-(0%)
C. jacchus	2-(25%)	3-37,5%))	3-(37,5%)	3-(37,5%)
Total	107	32	17	17

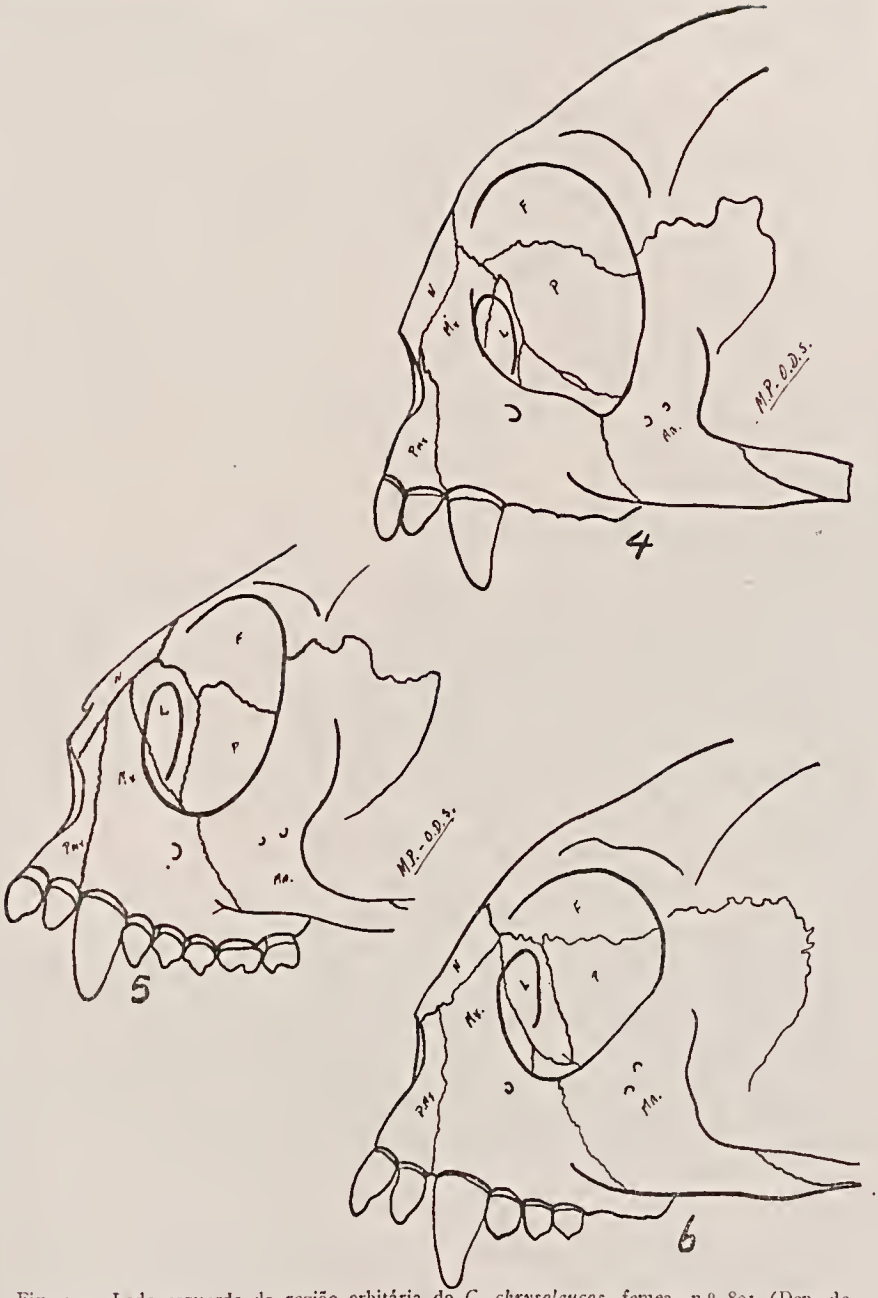


Fig. 4 — Lado esquerdo da região orbitária do *C. chrysolcucos*, femea, n.º 891 (Dep. de Zoologia da Sec. Agr. de S. Paulo), 2 x o tamanho natural. Observar, além da articulação fronto-maxilar nítida, que o *os planum* está se articulando com o processo maxilar passando sobre o lacrimal.

Fig. 5 — Lado esquerdo da região orbitária do *C. penicillata*, femea, n.º 1270 (Dep. de Zoologia da Sec. da Agr. de S. Paulo), 2 x o tamanho natural. Articulação lácrimo-nasal nítida

Fig. 6 — Lado esquerdo da região orbitária do *C. penicillata*, femea, n.º 1269 (Dep. de Zoologia da Sec. da Agr. de S. Paulo), 2 x o tamanho natural. Nota-se nêste caso que o processo maxilar envia uma ponta óssea que chega nas proximidades da articulação lacrimo-nasal.

CONCLUSÕES

1)) As suturas estudadas não mostram caracteres específicos. Todavia, verificamos predominância de algumas delas para determinadas espécies.

2) Não constatamos qualquer dimorfismo sexual com referência às suturas, pois para ambos os sexos, as proporções são semelhantes.

3) Exceto em *C. penicillata, C. santaremensis* e *C. jacchus,* tôdas as outras espécies mostram evidente predomínio do tipo de sutura fronto-maxilar, separando o osso nasal do lacrimal.

4) Em todos os exemplares examinados, a crista anterior do canal lacrimal é formada pelo osso maxilar.

5) Em um único caso verificamos a articulação direta do *os planum* com o maxilar superior, passando sôbre o lacrimal.

6) Não constatamos a participação do etmóide na formação da crista posterior da fossa lacrimal.

7) Contrariamente a opinião de Beattie, verificamos no *C. jacchus* a presença da sutura fronto-maxilar uni ou bilateral.

RESUMO

Os AA. estudam as variações das suturas entre o osso lacrimal, frontal, nasal e maxilar superior nas várias espécies de macacos do gênero *Callithrix*. Não notaram especificidade nem dimorfismo para qualquer dos tipos de sutura encontrados. Sôbre 156 crânios verificaram que em 107 (ou 62,5%) havia sutura fronto-maxilar bilateral e em 32 casos (ou 20,5%) também bilateral, o nasal articula-se diretamente com o lacrimal sem interposição de outros ossos. Finalmente, nos 17 casos restantes (10,8%) verificaram que num mesmo indivíduo se constata dum lado a sutura fronto-maxilar e do outro a lácrimo-nasal.

ABSTRACT

The AA. study the variations of the sutures between the lacrimal, frontal, nasal and superior maxilary bones on various species of the genera *Callithrix*. They did not note any especific detail ou dimorphism concerning the types of sutures seen. On 156 skulls, it was verified that 107 (62,5%) had the fronto-maxilar bilateral suture; on 32 cases, that is (20,5%), the nasal joined directly with the lacrimal without another bone in between, being also bilateral, and on 17 cases (10,8%), it was verified that on the same individual there existed the fronto-maxilary suture on one side and the lacrimo-nasal on the other.

BIBLIOGRAFIA

GEGENBAUR, C. — 1882 — Ueber die Pars facialis der Lacrymale des Menschen Jahrb. VII-pp. 173-176.

BEATTIE, J. — 1927 — The anatomy of the common Marmoset (Hapale Jacchus, Kuhl). Procedings of the Zoological Society, vol. 3. 4. ps. 599-718.

FORSYTH, C. I. — 1901 — On some characters of the skull in the Lemurs and Monkeys. P. of the Zoological Society, t. I. pp. 120-153.

Vol. X, N.º 15 — pp. 267-271 25-IV-1952

PAPÉIS AVULSOS
DO
DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA
SECRETARIA DA AGRICULTURA — S. PAULO - BRASIL

DESCRIÇÃO DE UMA NOVA ESPÉCIE DE *HYDROPHORUS* (*Diptera, Dolichopodidae*)

POR

MARIA A. V. d'ANDRETTA

Procurando identificar os *Dolichopodidae* da coleção do Departamento de Zoologia de São Paulo, encontramos um exemplar pertencente ao gênero *Hydrophorus* Fall., 1823, com caracteres discordantes de todas as espécies neotrópicas até agora descritas. Sua caracterização é o objeto do presente trabalho, ao qual, futuramente, se seguirão outros sobre esta família de dípteros, à medida que forem prosseguindo nossos estudos.

Agradecemos ao Sr. Messias Carrera o auxilio que nos prestou.

Hydrophorus solitarius, n. sp.

♀ — Comprimento do corpo 3,5 mm.; da asa 4 mm.

Cabeça: olhos revestidos de curta pilosidade branca; face inteiramente recoberta de pruina cinza, plana na metade superior e um pouco saliente na inferior; fronte escura e recoberta de pruina cinza, com alguns finos pêlos amarelados nos cantos superiores, próximo às órbitas oculares; calo ocelar cinzento com duas minúsculas cerdas pretas; ocelos amarelos; vértice cinzento; occipício revestido de pruina cinza; duas cerdas pretas pós-ocelares e seis pequenas outras, também pretas, enfileiradas, na porção superior do occipício e paralelas à órbita ocular; em seguimento a estas cerdas existe pilosidade amarelada, mais ou menos densa, que se estende até a margem inferior da cabeça; bochechas pequenas; aparelho bucal castanho; palpos revestidos de pruina cinza; antenas castanho-escuras com escassa pruina cinza; os dois primeiros artículos pequenos, o segundo com curta pilosidade preta, o terceiro arredondado e com um pequeno entalhe inferiormente; arista dorsal, formando um angulo na altura do seu primeiro têrço, de cor preta nos dois têrços basais e branca no restante.

Tórax inteiramente revestido de pruina cinza; mesonoto com duas curtas linhas pretas longitudinais que partem da margem anterior e se estendem até pouco além dos calos umerais; escassos pêlos amarelados existem anteriormente, bem como pequenas dorsocentrais posteriores mais longas e em número de dois pares; cerdas laterais pretas e pequenas; duas sobre os calos umerais, uma entre estes calos e a sutura transversa, uma pré-sutural e uma supra-alar; os calos pós-alares, aparentemente, não têm cerdas; escutelo revestido de pruina cinza, com quatro cerdas marginais pretas, sendo convergentes as do par mediano; região pós-escutelar cinzenta; pleuras inteiramente revestidas de pruina cinza; própleura com alguns pêlos amarelados e uma cerda preta.

Pernas pretas, revestidas de pruina cinza; coxas com alguma pilosidade amarela; fêmures anteriores grossos na metade basal, com pilosidade amarelada e duas fileiras de curtas cerdas pretas inferiormente; fêmures posteriores e medianos finos e longos, com curta pilosidade amarelada e com algumas pequenas cerdas pretas; tíbias anteriores com curta pilosidade amarelada e uma fileira de curtas cerdas pretas em sua superficie inferior; esta é plana; tíbias medianas e posteriores finas, tão longas quanto os fêmures e com duas leves curvaturas opostas, dando às tíbias a forma de um S muito alongado; pilosidade amarelada e cerdas pequenas e esparsas, de cor preta, existem sobre as tíbias; tarsos com pilosidade amarelada e com muito pequenas cerdas enfileiradas na superficie inferior; o basitarso das pernas anteriores é tão longo quanto o comprimento dos dois articulos tarsais seguintes; o basitarso das pernas medianas e posteriores é mais curto que os dois tarsos seguintes; o basitarso das pernas posteriores é um pouco encurvado. Garras pretas; pulvilos amarelados.

Asas brancas; nervuras castanho-escuras, exceto na base da asa onde são amarelas; a nervura costal também é amarela na sua metade anterior; esta nervura termina no ápice da quarta nervura longitudinal e apresenta curta pilosidade amarela em certa extensão basal e depois pequeninas cerdas pretas, um tanto distanciadas uma das outras; no ponto terminal da segunda nervura longitudinal, a nervura costal apresenta uma pequena dilatação; terceira e quarta nervuras longitudinais praticamente paralelas; nervura transversa quase duas vezes mais longa que o pecíolo da segunda célula basal; este pecíolo se enfraquece muito antes de atingir a margem da asa; nervura anal evanescente; álula com franja de cilios amarelos mais ou menos longa; esquâmula amarela com curtos pêlos amarelados. Halteres amarelos, pouco mais escuros na base; capítulo grande.

Abdômen inteiramente revestido de pruina cinza e com esparsa pilosidade amarelada, curta; dorsalmente são visiveis somente cinco segmentos, pois os segmentos restantes acham-se imbricados no interior do quinto; lateralmente os tergitos se dobram para a região

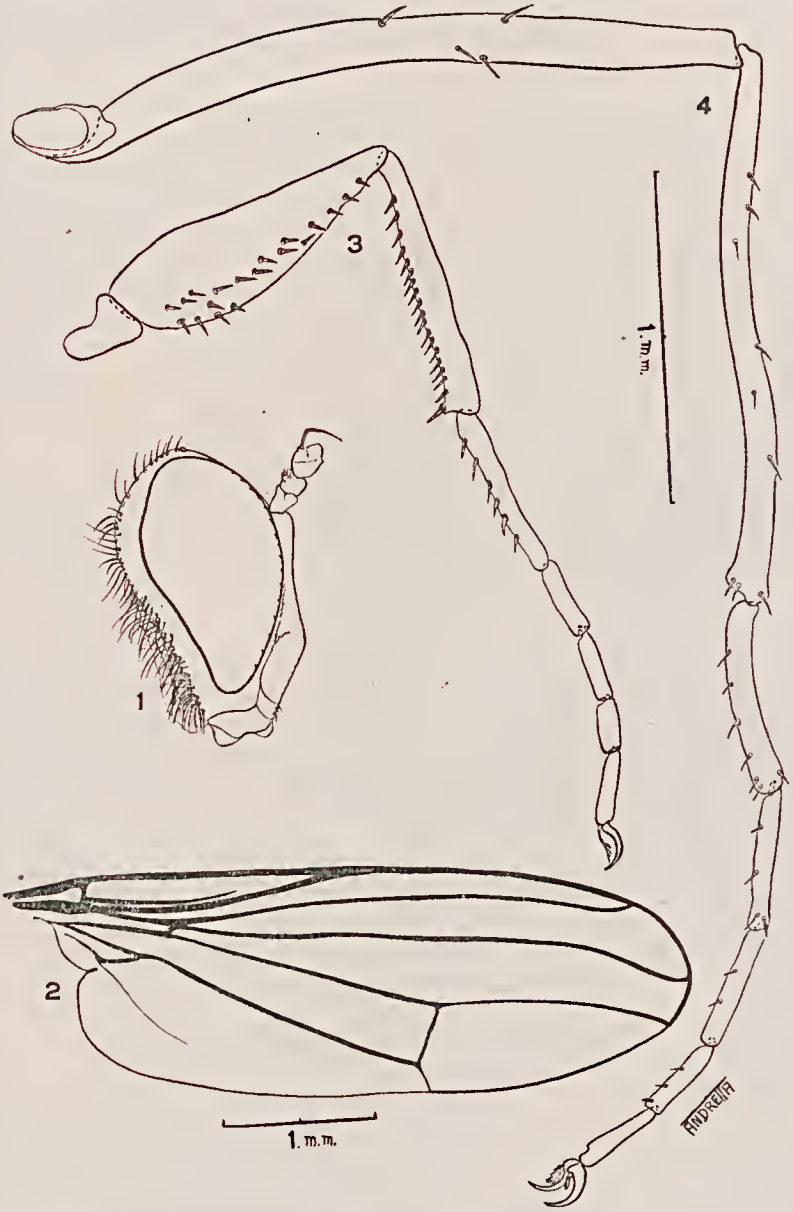


Fig. 1 — Cabeça em perfil de *Hydrophorus solitarius*, n. sp.
Fig. 2 — Asa de *Hydrophorus solitarius*, n. sp.
Fig. 3 — Perna anterior direita de *Hydrophorus solitarius*, n. sp.
Fig. 4 — Perna posterior direita de *Hydrophorus solitarius*, n. sp.

ventral; esta é de cor cinzenta. Terminália pouco visivel por se achar envolvida pelo quinto tergito e esternito.

Macho desconhecido.

Holótipo ♀ N.º 63.200 depositado na coleção do Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura de São Paulo.

Localidade tipo: — Estado do Rio de Janeiro, Angra dos Reis, Fazenda Japuiba, julho de 1945 (Lauro Travassos Filho).

Discussão taxionômica: — É esta a primeira espécie brasileira até agora descrita. Compulsando as chaves de Becker (1921, Dipterologische Studien, Dolichopodidae b. Nearktische und Neotropische Region, p. 105) e a de Van Duzee (1930, Diptera of Patagonia and South Chile, p. 14) para as espécies neotrópicas deste gênero, verificamos que *solitarius*, n. sp. deve ficar entre *praecox* Lehm., 1822 e *regularis* Becker, 1921, uma que parece ser cosmopolita e a outra que é da Argentina.

Distingue-se de *praecox* pela ausência de linhas purpureas ou bronzeadas no mesonoto e pela extensão das bochechas que são curtas; distingue-se facilmente de *regularis* pela cor cinzenta do mesonoto (não verde-enegrecido) e pela coloração branca das asas que não apresenta mancha alguma.

ABSTRACT

A new species of *Hydrophorus* Fall., 1823 (*Diptera, Dolichopodidae*) is described in this work. This new species is related to *praecox* Lehm. and *regularis* Becker, from which it may be distinguished by the gray pollen clothing all the mesonotum, which has no purple longitudinal lines; by the very short cheek, and by the unspoted white coloration of the wing.

Vol. X, N.º 16 — pp. 271-292 25-IV-1952

PAPÉIS AVULSOS
DO
DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA
SECRETARIA DA AGRICULTURA — S. PAULO - BRASIL

MICROHYLIDAE DA COLEÇÃO DO DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA (*Amphibia-Anura*)

POR

WERNER C. A. BOKERMANN

Os *Microhylidae* do Departamento de Zoologia (então do Museu Paulista) foram estudados em 1920 por Miranda-Ribeiro, que identificou e relacionou o material existente na ocasião, descrevendo como novos um gênero (*Emydops*) e tres espécies (*Chiasmocleis bicegoi, Emydops hypomelas* e *Engystoma sub-nigrum*).

Posteriormente utilizou-se da coleção Carvalho (1948:4), que reestudou o tipo de *Emydops hypomelas,* colocando a espécie na sinonímia de *Stereocyclops incrassatus.*

Desde 1920, contudo, e principalmente de 1946 até o presente, tem-se acumulado material relativamente abundante desta família, compreendendo algumas formas novas. Neste trabalho, ao lado do estudo deste material novo, revemos os espécimes que serviram de base ao trabalho de Miranda-Ribeiro, redescrevendo-os na medida das necessidades. Não nos foi possivel examinar os tipos de Miranda-Ribeiro depositados no Museu Nacional do Rio de Janeiro, devido a questões de ordem interna daquela instituição.

Na lista abaixo, reportamo-nos constantemente à monografia de Parker (1934); para as espécies não sul-americanas procuramos dar indicações bibliográficas completas até 1949.

Familia MICROHYLIDAE Parker

Microhylidae Parker, 1934:19

Sub-família *COPHYLINAE* Cope

Cophylinae Parker, 1934:32

Gênero **Rhombophryne** Boettger

Rhombophryne Boettger, 1880:567
Rhombophryne, Parker, 1934:48

Genótipo: *Rhombophryne testudo* Boettger, 1880. Monobásico.

Rhombophryne testudo Boettger

Rhombophryne testudo Boettger, 1880:567. Localidade-tipo: Nossi-Bé, Madagascar.

Rhombophryne testudo, Parker, 1934:48

Material examinado

N.º	Sexo	Localidade
615	♂	Nossi-Bé, Madagascar
1038	♂	" "
2132-34	♂	" "

Sub-família *MICROHYLINAE* Günther

Microhylinae, Parker, 1934:71

Gênero **Chiasmocleis** Méhely

Chiasmocleis Méhely, 1904:210

Chiasmocleis, Parker, 1934:116

Chiasmocleis, Dunn, 1949:5

Genótipo: *Engystoma albopunctata* Boettger, 1885. Monobásico.

Dunn (1949:5) apresenta uma chave às espécies deste gênero; dessas, possuimos apenas uma, *bicegoi,* de que apresentamos uma redescrição baseada no tipo. Outras três espécies são aqui descritas como novas.

Chiasmocleis bicegoi Mir.-Rib.

Chiasmocleis bicegoi Mir.-Rib., 1920:286. Localidade tipo: Perús, Estado de São Paulo, Brasil. Material tipo no Departamento de Zoologia, São Paulo.

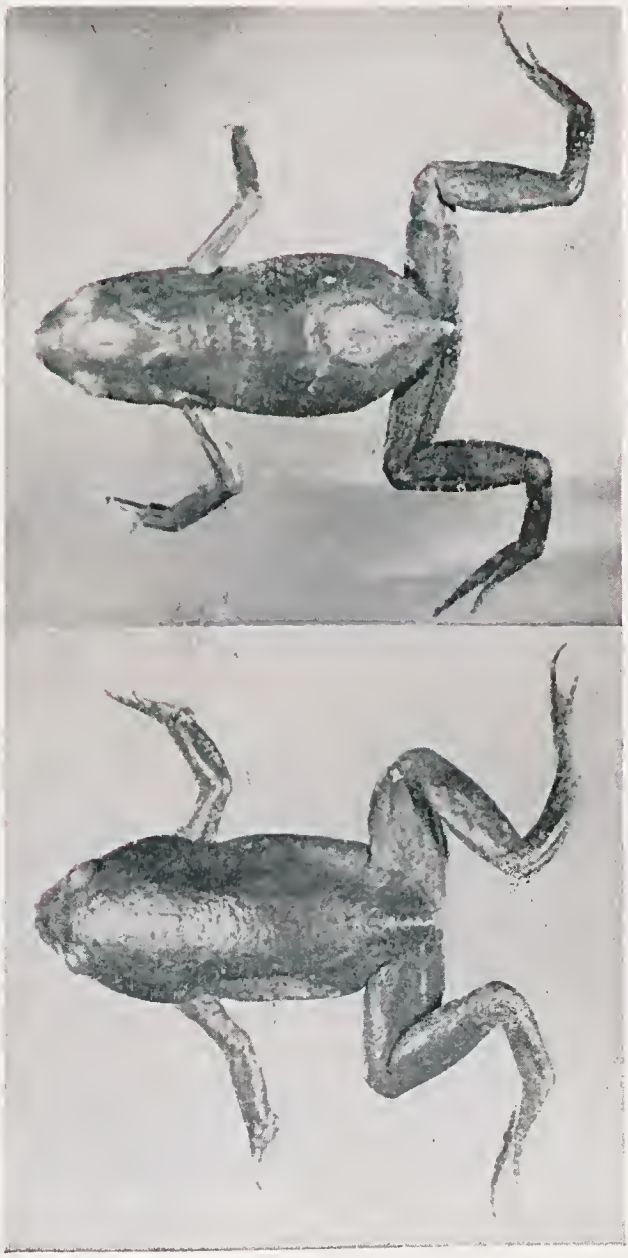
Chiasmocleis bicegoi, Parker, 1934:118

Chiasmocleis bicegoi, Dunn, 1949:6

Redescrição do tipo, DZ 595, ♀ (figs. 1-3; est. 2).

Forma geral de *Elachistocleis.* Focinho proeminente, não truncado. Diâmetro ocular pouco maior que a distância que separa o olho da narina; estas colocadas na ponta do focinho, muito próximas entre si. Pálpebra superior lisa, igualando em largura a um quarto do espaço interorbital. Canto rostral redondo, loros verticais.

PAPÉIS AVULSOS
Vol. X, N.º 16 (1952)

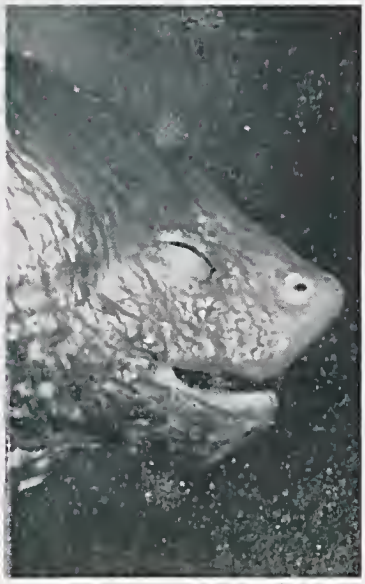


ESTAMPA 1

Chiasmocleis centralis sp. n.
Vista dorsal do Tipo, DZ 7547, ♂, Aruanã, Goiaz.

Chiasmocleis urbanae, sp. n.
Vista dorsal do Tipo, DZ 9033, ♂, Ilha de São Sebastião, São Paulo.

PAPÉIS AVULSOS
Vol. X, N.º 16 (1952)



ESTAMPA 2

Chiasmocleis schubarti, sp. n.
Vista dorsal do Tipo, DZ 2309, ♂, Córrego Juncado, Linhares, Espírito Santo

Chiasmocleis bicegoi Miranda-Ribeiro
Vista dorsal do Tipo, DZ 595, ♀, Perus, São Paulo.

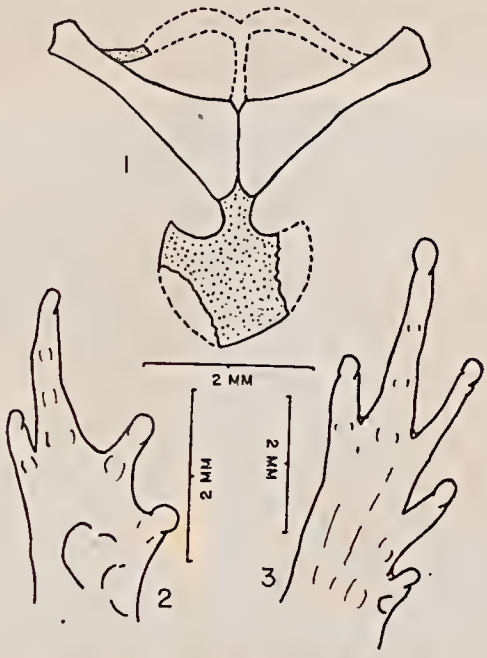
Hypopachus schirchi (Miranda-Ribeiro)
Vista lateral da cabeça. DZ 4001, ♂, Refúgio Sooretama, Linhares, Espírito Santo

Língua estreita e comprida, pouco espessa, livre e não entalhada em seu bordo posterior. Coanas pequenas e circulares nos bordos da boca à altura das narinas.

Membro anterior curto e delgado. Dedos não fimbriados e sem qualquer vestígio de membrana, não dilatados na extremidade e na seguinte ordem crescente de tamanho: 1, 2, 4, 3. Um pequeno tubérculo na base do 1.º dedo e um maior, pouco evidente, cordiforme, na palma da mão. Tubérculos articulares pouco evidentes.

Articulação tibio-tarsal ultrapassando o ombro quando o membro posterior é adpresso ao corpo e esticado para a frente. Artelhos não fimbriados, unidos por um rudimento de membrana, com a ponta levemente dilatada, na seguinte ordem crescente de tamanho: 1, 2, 5, 3, 4. Um pequeno tubérculo pouco evidente na base do 1.º artelho; tubérculos articulares muito pouco evidentes.

Pele lisa.



Figs. 1-3 — Cintura escapular, mão e pé de *Chiasmocleis bicegoi* Mir.-Rib., 1920. Tipo, DZ 595, ♀, Perús, São Paulo.

O colorido, descorado pela ação da luz e do tempo, apresenta-se inteiramente branco sujo e uniforme, não deixando entrever qualquer mancha ou desenho.

O exemplar não está mais em bom estado de conservação.

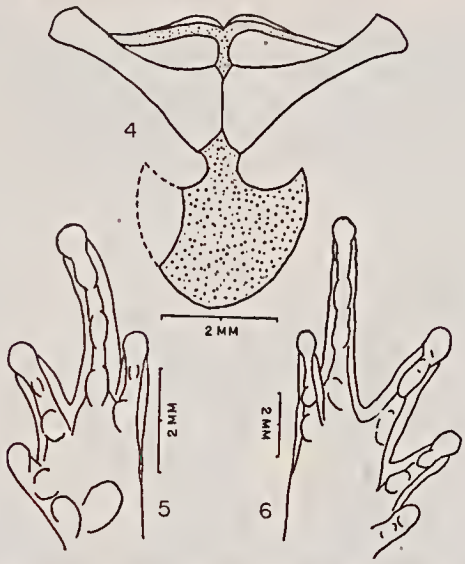
Medidas em mm. (*)

Comprimento do corpo	15,0
Largura da cabeça	5,1
Comprimento do membro anterior	8,8
Comprimento do membro posterior	21,0
Diâmetro ocular	1,5
Distância do olho à narina	1,2
Distância do olho à ponta do focinho	1,9
Distância entre as narinas	0,9

Material examinado:
Apenas o tipo, DZ 595.

Chiasmocleis centralis, sp. n.

Localidade tipo: Aruanã, Estado de Goiaz, Brasil
Tipo: DZ 7547, ♂, Otaviano C. de Souza col. XI. 1950
Parátipo: DZ 7548, ♂, mesmos dados que o tipo.
Descrição do tipo (figs. 4-6; est. 1)



Figs. 4-6 — Cintura escapular, mão e pé de *Chiasmocleis centralis*, sp. n. Tipo, DZ 7547, ♂, Aruaña, Goiaz.

Aspecto geral de *C. boliviana*. Focinho proeminente, não truncado. Diâmetro ocular pouco menor que a distância do olho à nari-

(*) As medidas foram executadas sob lupa binocular (10 X), com um paquímetro de precizão 1/50 mm. e referidas ao mais próximo décimo de milímetro.

na; estas colocadas lateralmente na ponta do focinho. Pálpebra superior lisa, pouco maior que um terço do espaço interorbital. Canto rostral não evidente.

Língua oval e longa, pouco espessa, livre, não entalhada em seu bordo posterior. Coanas grandes e circulares, em posição lateral extrema.

Membros anteriores longos e delgados. Dedos fimbriados, desprovidos de membrana, levemente dilatados na extremidade, na seguinte ordem crescente de tamanho 1, 4, 2, 3, Um pequeno tubérculo na base do 1.º dedo e outro maior na palma da mão; um tubérculo em cada articulação das falanges.

Membro posterior curto, mal atingindo os ombros com a articulação tibio-tarsal quando o membro é adpresso ao corpo e esticado para a frente. Artelhos fimbriados, unidos por um rudimento de membrana, levemente dilatados na extremidade, na seguinte ordem crescente de tamanho: 1, 2, 5, 3, 4. Um pequeno tubérculo na base do 1.º artelho e um tubérculo em cada articulação das falanges.

Pele lisa. Um pequeno sulco partindo dos olhos e dirigindo-se para as espáduas.

Colorido dorsal castanho escuro, quase negro, uniforme; lado ventral costanho claro, mais carregado na região gular e salpicado de sépia sujo no abdomem.

Medidas em mm.	*DZ* 7547 *Tipo*	*DZ* 7548 *Paratipo*
Comprimento do corpo	23,0	24,2
Largura da cabeça	6,7	6,9
Comprimento do membro anterior	15,0	15,0
Comprimento do membro posterior	28,0	28,0
Diâmetro ocular	1,7	1,7
Distância do olho à narina	1,9	1,9
Distância do olho à ponta do focinho	3,0	3,1
Distância entre as narinas	1,6	1,6

O parátipo concorda com o tipo em todos os caracteres descritos com exceção do tamanho que é um pouco maior.

Esta espécie muito se aproxima de *C. shudikarensis* Dunn, da Guiana Inglesa, da qual se diferencia pelos seguintes caracteres: focinho mais comprido, dedos dilatados na extremidade e pelo colorido.

Chiasmocleis schubarti, sp. n.

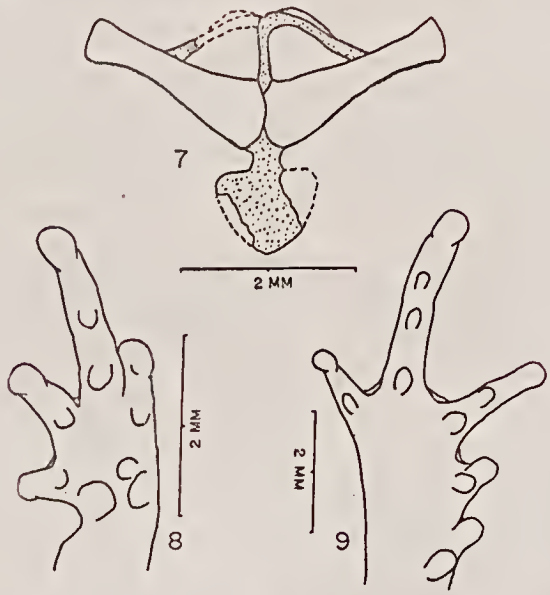
Localidade-tipo: Corrego Juncado, Linhares, Estado do Espirito Santo, Brasil.

Tipo: DZ 2309, ♂, O. Schubart col. et don. 8-X-1944.

Descrição do tipo (figs. 7-9; est. 2).

Aspecto geral esbelto. Cabeça pequena e curta. Focinho não proeminente. Diâmetro ocular pouco maior que a distância que separa o olho da narina. Estas colocadas na ponta do focinho, distande entre si pouco menos que a distância do olho à narina. Canto rostral inevidente. Loros não concavos. Olhos dispostos lateralmente e voltados para a frente. Largura da palpebra superior menor que um terço do espaço interorbital.

Língua estreita e alongada, ovalada, livre, não entalhada em seu bordo posterior. Coanas pequenas e circulares, em posição lateral extrema.



Figs. 7-9 — Cintura escapular, mão e pé de *Chiasmocleis schubarti*, sp. n. Tipo, DZ 2309, ♂, Corrego Juncado, Linhares, Espírito Santo.

Membros anteriores longos e delgados. Dedos não fimbriados, ligados por um rudimento de membrana, com as extremidades dilatadas, na seguinte ordem crescente de tamanho: 1, 2, 4, 3. Um pequeno tubérculo na base do polegar, um outro na base do 4.º dedo e outro menor bem proximo deste último; um tubérculo em cada articulação das falanges.

Articulação tibio tarsal ultrapassando o ombro quando o membro posterior é adpresso ao corpo e esticado para a frente. Artelhos não fimbriados, unidos por um rudimento de membrana, com as pontas dilatadas, na seguinte ordem crescente de tamanho: 1, 2, 5, 3, 4. Um tubérculo na base do 1.º artelho e um tubérculo em cada articulação das falanges. Pele lisa.

Colorido do dorso chocolate claro, com uma linha clara dorsal da ponta do focinho ao anus, onde se bifurca extendendo-se cada ramo pela face interna da coxa até o joelho. Ventre palha claro, com profusa vermiculação castanha que na região gular se transforma em castanho uniforme.

Medidas em mm.

Comprimento do corpo	14,5
Largura da cabeça	4,0
Comprimento do membro anterior	9,0
Comprimento do membro posterior	21,0
Diâmetro ocular	1,4
Distância do olho à narina	1,2
Distância do olho à ponta do focinho	2,1
Distância entre as narinas	1,1

Esta espécie muito se aproxima de *C. leucosticta* Boulenger, de Santa Catarina, da qual se distingue pelo tamanho menor do olho em relação à ponta do focinho, largura menor da palpebra superior e ausência de dobra dérmica partindo do olho para a base do braço.

O nome desta espécie é dado em homenagem ao Dr. Otto Schubart, que muito tem contribuido para o aumento de nossas coleções herpetológicas.

Chiasmocleis urbanae, sp. n.

Localidade tipo: Ilha de São Sebastião, Estado de São Paulo, Brasil.

Tipo: DZ 9033, ♂, H. Urban col. et don. 30-IX-1951.

Descrição do tipo (figs. 10-12; est. 1).

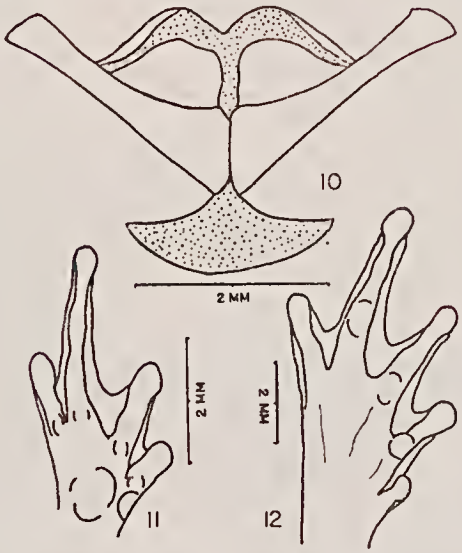
Aspecto geral de *C. spinulosa*. Focinho proeminente não truncado. Diâmetro ocular maior que a distancia que separa o olho da narina; estas colocadas lateralmente na ponta do focinho, distando entre si menos que um diâmetro ocular. Palpebra superior pequena, sua largura cabendo quase 3 vezes no espaço interorbital. Canto rostral pouco evidente, loros concavos.

Língua estreita e comprida, pouco espessa, livre, não entalhada em seu bordo posterior. Coanas grandes e circulares em situação lateral extrema.

Membro anterior comprido e pouco robusto. Dedos fimbriados, palmados a pouco mais de um terço. com as pontas dilatadas, mais fortemente no último, na seguinte ordem crescente de tamanho: 1, 2, 4, 3. Um pequeno tubérculo circular na base do polegar,

e outro maior, cordiforme, abrangendo quase toda a palma da mão. Um pequeno tubérculo pouco evidetne na 1.ª articulação de todos os dedos.

Articulação tibio-tarsal ultrapassando de pouco os ombros quando o membro posterior é adpresso ao corpo e esticado para a frente. Artelhos fimbriados, palmados a dois terços na seguinte ordem crescente de tamanho: 1, 2, 5, 3, 4, sendo o 1.º artelho rudimentar, todos nitidamente entumescidos na extremidade. Um pequeno tubérculo pouco evidente na base do 1.º artelho; tubérculos articulares pouco visíveis e irregulares.



Figs. 10-12 — Cintura escapular, mão e pé de *Chiasmocleis urbanae*, sp. n. Tipo, DZ 9033, ♂, Ilha de S. Sebastião, São Paulo

Pele dorsal lisa; abdominal finamente reticulada. Uma prega cutânea dirigindo-se da borda posterior do olho para os lados do torax.

Dorso castanho uniforme. Abdomem branco azulado irregularmente marmoreado de castanho, mais intensamente na região gular e nos membros. Uma tênue linha clara da ponta do focinho ao ânus, onde se bifurca dirigindo-se cada ramo pela face interna da coxa até o joelho.

Medidas em mm.

Comprimento do corpo	17,0
Largura da cabeça	6,0
Comprimento do membro anterior	11,0

Comprimento do membro posterior	25,0
Diâmetro ocular	1,7
Distância do olho à narina	1,6
Distância do olho à ponta do focinho	2,3
Distância entre as narinas	1,0

Esta espécie é proxima a *C. spinulosa* (Mir.-Rib.) de Santa Catarina, da qual se distingue pelo maior tamanho do olho em relação ao comprimento do focinho, pelo menor comprimento da membrana entre os dedos, tubérculos articulares dos artelhos pouco evidentes e a pele do dorso lisa.

As diferenças entre *C. spinulosa* e *C. urbanae* sp. n. não são muitas, porem bastante nítidas. Parece-nos provavel, à vista do que sucede em casos melhor conhecidos, que material apropriado ainda venha a demonstrar que as duas formas são realmente coespecíficas diferindo apenas no nivel racial. Em todo o caso, na ausência desse material crítico, preferimos considerá-las por enquanto como espécies distintas, evitando introduzir inferências de ordem zoogeografica e evolutiva não suportadas pelo material em mãos.

Esta espécie é denominada em homenagem a Sra. D. Helga Urban, que muito tem feito pelo conhecimento da fauna do litoral paulista.

Gênero **Elachistocleis** Parker

Elachistocleis Parker, 1927:4

Elachistocleis Parker, 1934:120

Elachistocleis, Dunn, 1949:12

Genótipo: *Rana ovalis* Schneider, 1799:131. Monobásico

Elachistocleis ovale (Schneider)

Rana ovalis Schneider, 1799:131. Localidade tipo: não citada. Tipo provavelmente no Museu de Berlin.

Elachistocleis ovalis (*partim*), Parker, 1934:121

Elachistocleis ovalis, Myers, 1942:155

Elachistocleis ovalis, Dunn, 1949:13

Dunn (1949: 13, 14) revalidou *Oxyrhynchus bicolor* Valenciennes e *Hypopachus pearsei* Ruthven, colocados por Parker na sinonímia de *Elachistocleis ovale,* sem contudo apresentar discussão ou justificativa para seu ponto de vista. Como nos faltam elementos para opinar sobre a valides das duas primeiras espécies, adotamos o critério de Dunn, por ser o último publicado.

Material examinado:

N.º	*Sexo*	*Localidade*
108	♀	Itaqui, Rio Grande do Sul
1126	♂	Anhangai, São Paulo
2019	♀	Botucatu, São Paulo
7797	j.	" "
37;2023	♀	Cubatão, São Paulo
36;2024-25;2027	♀	Perús, São Paulo
2026	j.	" "
264	♀	Piquete, São Paulo
529	♂	" "
39;2022	♀	Piassaguera (antigamente Raiz da Serra, São Paulo)
1087;1098;1101	♀	São Bernardo do Campo, S. Paulo
1091;1095-96;1100	♂	" " "
1104-05	j.	" " "
41;1052	♀	São Paulo, São Paulo
2021;9962	♂	" "
1446-47	♀	Porto Cachoeiro, Espirito Santo
1443	♂	Jaraguá, Goiaz
179	♂	Bahia
2017	♀	Bahia
1113	♀	Belem, Pará
6511	♂	Rio Branco, Acre.

Gênero **Hypopachus** Kefferstein

Hypopachus Kefferstein, 1867:351
Dasypops Miranda-Ribeiro, 1924:255
Hypopachus, (*partim*), Parker, 1934:110
Microhyla, (*partim*), Parker, 1934:123
Hypopachus, Carvalho, 1948:8
Hypopachus, (*partim*), Dunn, 1949:34
Microhyla, (*partim*), Dunn, 1949:14

Genótipo: *Hypopachus sebachii* Kefferstein, 1867 (=*Engystoma variolosum* Cope). Monobásico.

Hypopachus cuneus nigroreticulatus Taylor

Hypopachus cuneus nigroreticulatus Taylor 1930; 518. Localidade tipo: Encarnación, Campeche, México. Material tipo originalmente na coleção E. H. Taylor-Hobart M. Smith.

Material examinado:

N.º	*Sexo*	*Localidade*
5320 (EHT-HMS 12684)	♀	Encarnación, Campeche, México
5321 (EHT-HMS 12598)	♂	Encarnación, Campeche, México

(Parátipos permutados com E. H. Taylor)

Hypopachus mülleri (Boettger)

Engystoma mülleri Boettger, 1885:241. Localidade tipo: Paraguay. Material tipo no Senckenbergischen Museum.

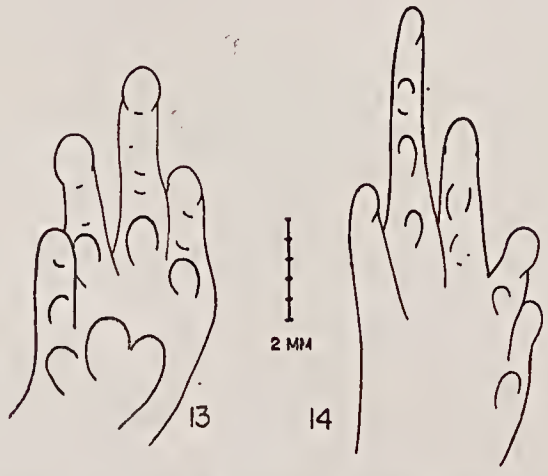
Hypopachus incrassatus, (partim), Parker, 1934:111

Hypopachus incrassatus, Müller & Hellmich, 1936:94

Hypopachus mülleri, Carvalho, 1948:9

Hypopachus incrassatus, (partim), Dunn, 1949:4

A posição desta espécie já foi esclarecida por Carvalho (1948:9) com cujo ponto de vista concordamos. Figs. 13-14.



Figs. 13-14 — Mão e pé de *Hypopachus mülleri* (Boettger, 1885). DZ 110, ♂, Miranda, Mato Grosso.

Material examinado:

N.º	*Sexo*	*Localidade*
7765	♂	Andradina, São Paulo
110	♀	Miranda, Mato Grosso
8175;8339	♂	Salvador, Bahia
9131	♀	Salvador, Bahia (esqueleto)
9132	♂	Salvador, Bahia

Hypopachus schirchi (Mir.-Rib.)

Dasypops schirchi Miranda-Ribeiro, 1924:255. Localidade tipo: Rio Mutum, Est. Espírito Santo. Tipo no Museu Nacional do Rio de Janeiro.
Microhyla schirchi, Parker, 1934:149
Microhyla schirchi, Dunn, 1949:17

Redescrição baseada no exemplar DZ 4001 (figs. 15-17; est. 3).

Cabeça estreita e alongada; focinho proeminente, truncado oblicuamento, truncamento esse abrangendo o lábio inferior. Olhos pequenos, menores que a distância que os separa das narinas; estas, situadas lateralmente na ponta do focinho. Um rudimento de palpebra superior. Pele da cabeça rugosa, mas não aderente ao crâneo. Não ha prega dérmica nucal.

Coanas amplas e circulares, colocadas na margem lateral da boca. Uma prega cutânea curta e saliente à altura do meio do etmóide e outra mais longa e menos saliente logo atraz. Língua grande, pouco espessa e ovalada, livre e entalhada em seu bordo posterior, ocupando toda a area da boca.

Clavículas finas e arqueadas. Coracóides robustos e arqueados.

Placa esternal ampla, cartilaginosa de forma semicircular.

Membros anteriores curtos e robustos; dedos livres, não fimbriados, dilatados na extremidade, na seguinte ordem crescente de tamanho: 1, 4, 2, 3. Um tubérculo alongado e saliente na base do polegar e um outro maior, menos evidente, cordiforme, ocupando quase toda a palma da mão; tubérculos articulares muito pouco visíveis.

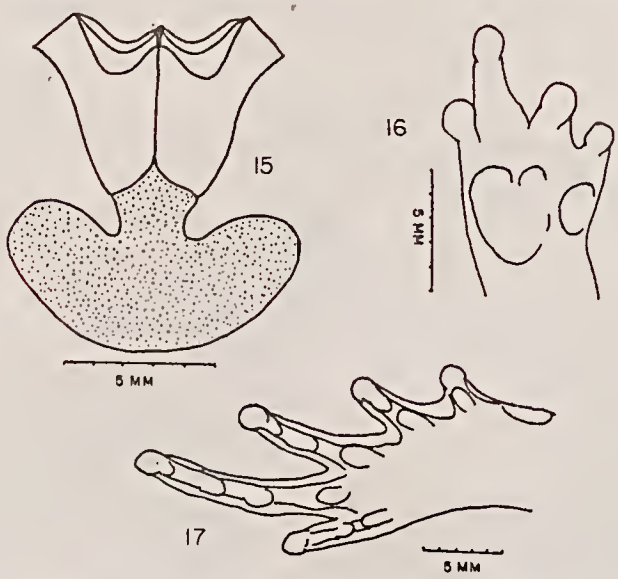
Membros posteriores curtos e robustos, atingindo os ombros com a articulação tibio tarsal com o membro esticado para frente e adpresso ao corpo. Artelhos fimbriados e unidos por uma membrana em um terço de seu comprimento; artelhos entumescidos na extremidade formando nítidos discos, na seguinte ordem crescente de tamanho: 1, 2, 5, 3, 4. Um pequeno tubérculo alongado e bem evidente na base do 1.º artelho; um tubérculo em cada articulação das falanges.

Colorido do lado dorsal, castanho uniforme, tendendo para o cinzento na cabeça, com uma estreita faixa transversal escura sobre

a coxa, duas sobre a tíbia e uma sobre o tarso. Lado ventral palha sujo, marmoreado de castanho, mais densamente na região gular e face interna dos membros anteriores e posteriores.

Medidas em mm.

Comprimento do corpo	46,0
Largura da cabeça	16,0
Comprimento do membro anterior	18,0
Comprimento do membro posterior	59,0
Diâmetro ocular	1,5
Distância do olho à narina	2,0
Distância do olho à ponta do focinho	4,3
Distância entre as narinas	3,5



Figs. 15-17 — Cintura escapular, mão e pé de *Hypopachus schirchi* (Mir.-Rib., 1924). DZ 4001, Refugio Sooretama, Linhares, Espírito Santo.

Exemplar examinado:

N.º	*Sexo*	*Localidade*
4001	♂	Refúgio Sooretama, Linhares, Espírito Santo

O desenho inexato do aparelho esternal apresentado por Miranda-Ribeiro (1924:255) levou Parker a incluir esta espécie no gênero *Microhyla*. Em virtude da presença da clavícula e da ausência do

palatino e da porção posterior do vomer, esta espécie, deve consoante a opinião de Carvalho (1948:3), com referência a *Hypopachus mülleri*, ser incluida no gênero *Hypopachus*.

Gênero **Microhyla** Tschudi

Microhyla Tschudi, 1938:28,71
Microhyla, (*partim*), Parker, 1934:123
Microhyla, (*partim*), Dunn, 1949:14

Genótipo: *Hylaplesia achatina* Boié, 1827 (*nom. nud.*) = *Microhyla achatina* Tschudi, 1838. Monobásico.

Microhyla carolinensis carolinenses (Holbrook)

Engystoma carolinense Holbrook, 1936:83. Localidade tipo: Charleston, South Carolina, USA.
Microhyla carolinensis, Parker, 1934:146
Microhyla carolinensis carolinensis, Hecht & Matalas, 1946:5

Material examinado:

N.º	*Sexo*	*Localidade*
5686	♀	3,5 mi. N. Willmington, NC, USA
5687	♂	3,5 mi. N. Willmington, NC, USA
5753-54	♂	10 mi. S Tampa, Hillsboro Co. Fla. USA
5184	♂	Hopkins, Richland Co. SC, USA
5185-86	♀	Hopkins, Richland Co. SC, USA

(Nos. 5184-86 permutados com U. S. National Museum)

Microhyla subnigra (Mir.-Rib.)

Engystoma subnigrum Miranda-Ribeiro, 1920:285. Localidade-tipo: Nova Friburgo, Serra de Macaé, Est. do Rio de Janeiro. Material tipo: Tipo e Parátipo, ♀ ♀, no Departamento de Zoologia.
Microhyla subnigra, Parker, 1934:150
Microhyla subnigra Dunn, 1949:17

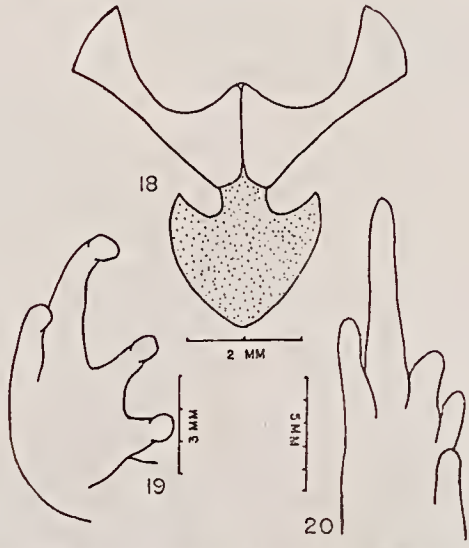
Redescrição baseada no tipo DZ 40 b, ♀. (figs. 18-20; est. 4).

Aspecto geral de *Elachistocleis*. Focinho saliente, não truncado. Olhos diminutos, seu diâmetro pouco maior que a metade da distância que os separa das narinas. Pálpebra superior lisa com a

largura de meio diâmetro ocular. Canto rostral arredondado. Um prega dérmica na nuca, extendendo-se até a região gular.

Coanas amplas e circulares, em situação lateral extrema. Língua grande, oval, pouco espessa, livre e não entalhada em seu bordo posterior.

Membros anteriores curtos; dedos não frimbriados, livres de qualquer vestígio de membrana, terminando em ponta romba, na seguinte ordem crescente de tamanho: 1, 2, 4, 3. Tubérculos carpais e articulares ausentes.



Figs. 18-20 — Cintura escapular, mão e pé de *Microhyla subnigra* (Mir.Rib., 1920). Tipo, DZ 40 b, ♀, Nova Friburgo, Serra de Macaé, Rio de Janeiro.

Membros posteriores curtos, não atingindo os ombros com a articulação tibio tarsal quando o membro é adpresso ao corpo e esticado para a frente. Artelhos completamente livres, não fimbriados terminando em ponta romba, na seguinte ordem crescente de tamanho: 1, 2, 3, 5, 4 (1.º e 2.º rudimentares). Tubérculos tarsais e articulares ausentes.

Pele lisa. Um sulco partindo da borda posterior do olho para os lados do corpo.

O colorido completamente descorado pela ação do tempo e da luz apresenta-se uniformemente esbranquiçado deixando apenas entrever no lado ventral as vermiculações castanhas originais.

Medidas em mm. dos exemplares examinados

	40b Tipo	40a Parátipo	774	2316	2317
Comprimento do corpo	36,0	22,0	21,5	23,3	24,0
Largura da cabeça	8,0	5,2	6,0	5,8	6,2
Comprimento do membro anterior	16,5	11,0	11,0	10,0	11,0
Comprimento do membro posterior	45,0	27,5	28,0	28,0	33,0
Diâmetro ocular	1,9	1,5	1,3	1,5	1,6
Distância do olho à narina	3,1	1,9	2,0	1,7	1,9
Distância do olho à ponta do focinho	5,0	3,4	3,3	3,3	3,7
Distância entre as narinas	2,4	1,6	1,8	1,8	1,9

Material examinado

N.º	*Sexo*	*Localidade*
40b Tipo	♀	Nova Friburgo, Serra de Macaé, Estado do Rio
40a Parátipo	♀	Nova Friburgo, Serra de Macaé, Estado do Rio
774	♂	Piassaguera (antigamente Raiz da Serra) São Paulo
2316	♂	Córrego Juneado, Linhares, Espírito Santo
2317	♀	Córrego Juncado, Linhares, Espírito Santo

Os exemplares de Córrego Juncado, que ainda estão com o colorido bem conservado, mostram o dorso castanho claro uniforme, com uma estreita faixa transversal mais escura sobre a tíbia e outra sobre o tarso. O lado ventral é castanho claro vermiculado de castanho escuro, mais intensamente na região gular.

Microhyla usta usta (Cope)

Engystoma ustum Cope, 1866:131. Localidade tipo: Guadalajara, Jalisco, Mexico. Tipo no United States National Museum.

Microhyla usta, Parker, 1934:148

Microhyla usta usta Taylor & Smith, 1945:602

Material examinado:

N.º	*Sexo*	*Localidade*
5295-96	♀	Organo, Guerero, México
5297-98	♂	El Treinta, Guerero, México

(Exs. permutados com E. H. Taylor)

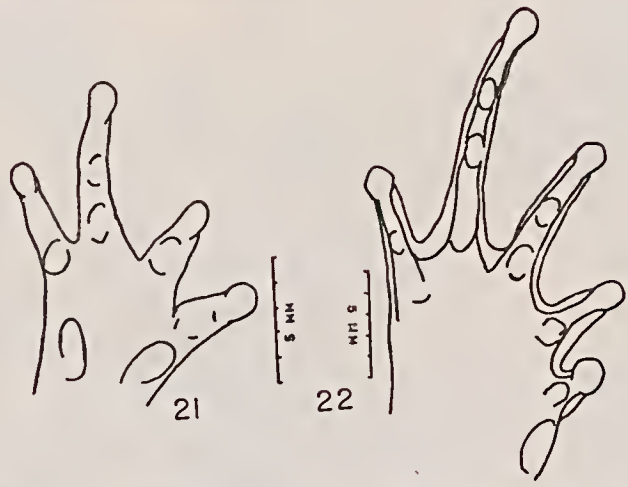
Gênero **Stereocyclops** Cope

Stereocyclops Cope, 1871:165
Hypopachus, (*partim*) Parker, 1934:115
Ribeirina Parker, 1934:115
Stereocyclops, Carvalho, 1948:4
Hypopochus, (*partim*), Dunn, 1949:3
Ribeirina, Dunn, 1949:5

Genótipo: *Stereocyclops incrassatus* Cope, 1871, Monobásico.

Stereocyclops incrassatus Cope

Stereocyclops incrossatus Cope, 1871:165. Localidade tipo: São Mateus, Est. do Espírito Santo, Material tipo no Museum of Comparative Zoology, Harvard University.
Hypopachus incrassatus, (partim), Parker, 1934:111
Ribeirina hypomelos, Parker, 1934:116
Hypopochus parkeri Wettstein, 1934:270
Hypopachus parkeri, Myers, 1946:15,33.
Stereocyclops incrossatus, Carvalho, 1948:5
Hypopachus incrassatus, (partim), Dunn, 1949:4
Hypopachus parkeri, Dunn, 1949:4
Ribeirina hypomelas, Dunn, 1949:5



Figs. 21-22 — Mão e pé de *Stereocyclops incrassotus* Cope, 1871. DZ 4002, ♂, Refugio Sooretama, Linhares, Espírito Santo.

O status deste gênero e espécie já foi fixado por Carvalho (1948:5) com cujo ponto de vista concordamos. (figs. 21-22).

Material examinado:

N.º	*Sexo*	*Localidade*
166	♂	Porto Cachoeiro, Espírito Santo
(Tipo de *Emydops hypomelas* Mir.-Rib., 1920)		
4002	♂	Refúgio Sooretama, Linhares, Espírito Santo
7787	♀	Refúgio Sooretama, Linhares, Espírito Santo
7788	♂	Refúgio Sooretama, Linhares, Espírito Santo (esqueleto)

Sub-familia *BREVICIPITINAE* Cope

Brevicipitinae, Parker, 1934:179

Gênero **Breviceps** Merrem

Breviceps Merrem, 1820:177
Breviceps, Parker, 1934:186

Genótipo: *Rana gibbosa* Linneu, 1758. Monobásico.

Breviceps mossambicus Peters

Breviceps mossambicus Peters, 1854:628. Localidade tipo: Ilha Mozambique, Mozambique. Material tipo originalmente no Museu de Berlin.
Breviceps mossambicus, Parker, 1934:194

Material examinado:

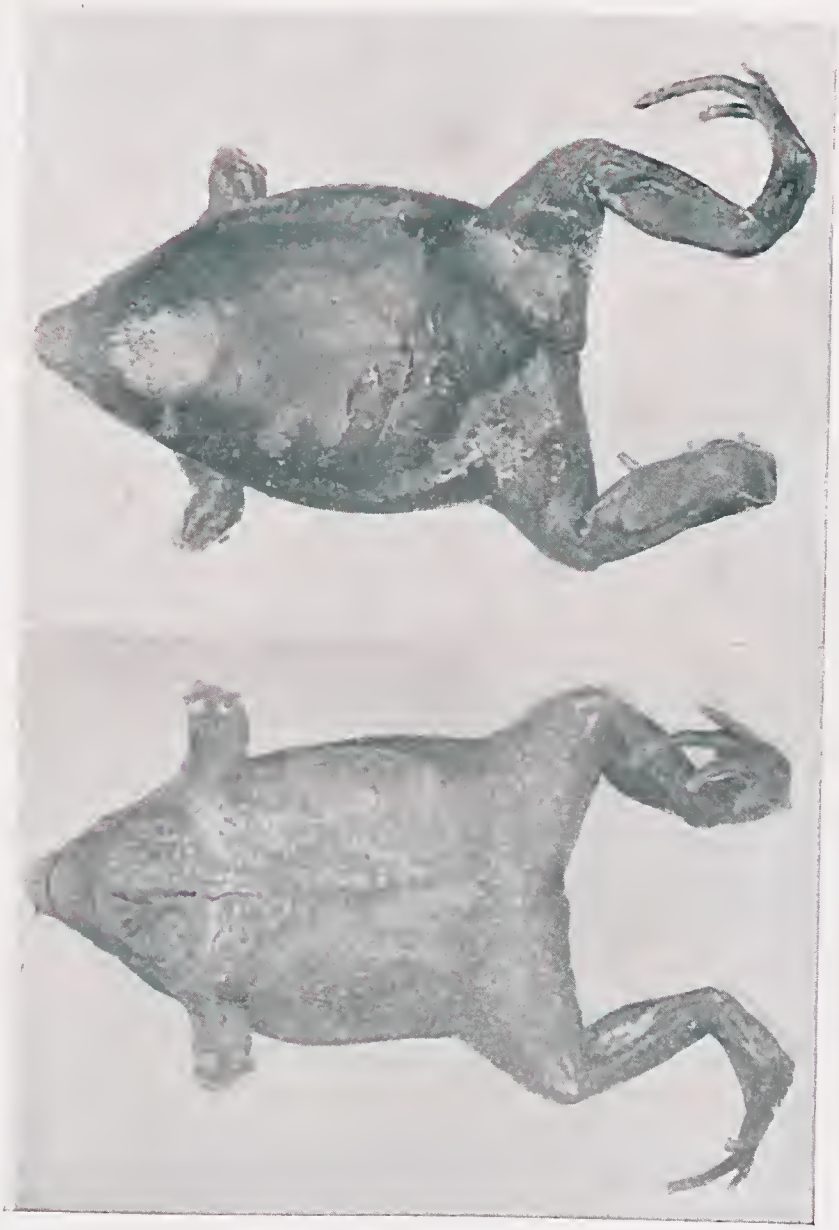
N.º	*Sexo*	*Localidade*
5018	—	Liwale, Southern Province, Tanganyika Terr. (esqueleto)

(Permutado com o Museum of Comparative Zoology).

As fotografias que ilustram as planchas foram executadas pelo Snr. Giro Pastore, fotógrafo de Departamento de Zoologia.

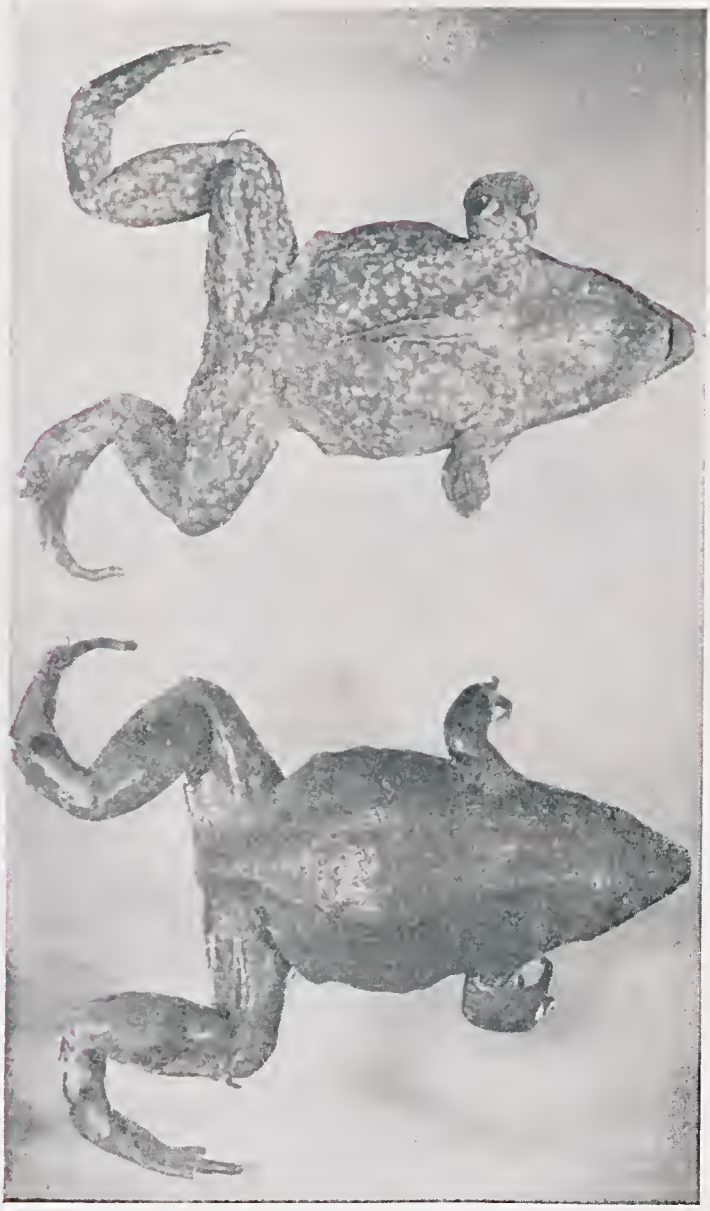
Os desenhos das figuras de texto foram executados sobre fotografias do Dr. P. E. Vanzolini e do autor.

Papéis Avulsos
Vol. X, N.º 16 (1952)

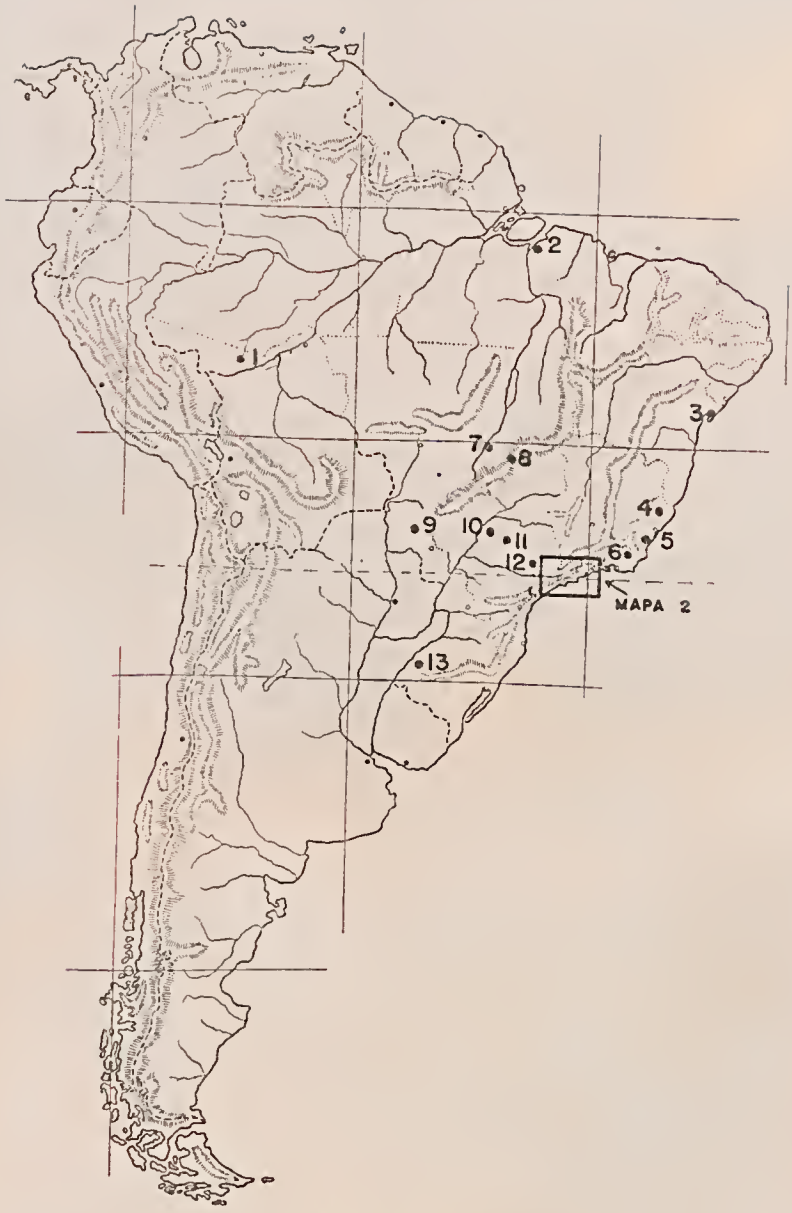


Hypopachus schirchi (Miranda-Ribeiro). Vista dorsal e ventral DZ 4001, ♂, Refúgio Sooretama, Linhares, Espírito Santo.

PAPÉIS AVULSOS
Vol. X, N.º 16 (1952)

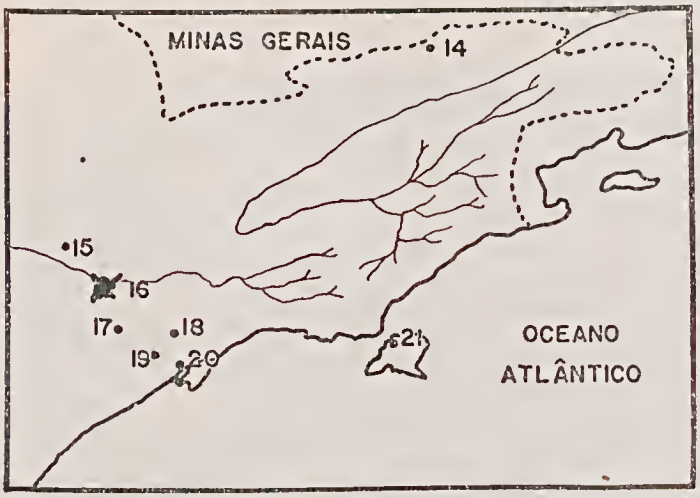


Microhyla subnigra (Miranda-Ribeiro). Vista dorsal e ventral. DZ 2316, ♂, Córrego Juncado, Linhares, Espírito Santo.



MAPA I

1. Rio Branco, Acre.
2. Belem, Pará.
3. Salvador, Bahia.
4. Linhares, Espírito Santo.
5. Porto Cachoeiro, Espírito Santo.
6. Nova Friburgo, Rio de Janeiro.
7. Aruanã, Goiaz
8. Jaraguá, Goiaz.
9. Miranda, Mato Grosso.
10. Andradina, São Paulo.
11. Anhangaí, São Paulo.
12. Botucatú, São Paulo.
13. Itaquí, Rio Grande do Sul.



MAPA II

14. Piquete, São Paulo, 635 m.
15. Perus, São Paulo, 739 m.
16. São Paulo, São Paulo, 738 m.
17. São Bernardo do Campo, São Paulo, 744 m.
18. Paranapiacaba, São Paulo, 797 m.
19. Raiz da Serra (Piassaguera, São Paulo, ca. 20 m.
20. Cubatão, São Paulo, ca. 2 m.
21. Ilha de São Sebastião, São Paulo, ca. 200 m.

ABSTRACT

The Microhylid frogs in the collection of the Departamento de Zoologia, São Paulo, Brazil (formerly of the Museu Paulista) were first studied by Miranda-Ribeiro (1920) who described one new genus (*Emydops*) and three new species (*Chiasmocleis bicegoi, Emydops hypomelas* and *Engystoma subnigrum*).

Later Carvalho (1948) re-studied the type-specimen of *Emydops hypomelas*, synonymyzing this species to *Stereocyclops incrassatus*.

In this paper a review is presented of the older as well as of abundant new material lately obtained.

The type-specimens of *Chiasmocleis bicegoi* Mir.-Rib. and *Engystoma subnigrum* Mir.-Rib. are redescribed and figured.

One specimen of *Dasypops schirchi* Mir.-Rib. from near the type-locality is also described and figured. It is found that Miranda-Ribeiro's original drawings were not precise, and misled Parker into placing *Dasypops* Mir.-Rib. as a synonym of *Microhyla*. A new allocation in the genus *Hypopachus* is proposed for the species, on acount of the morphology of the shoulder-girdle, sternal aparatus and palate.

Three new species are described:

Chiasmocleis centralis, from Aruanã (formerly Leopoldina), State of Goiaz, near *C. shudikarensis* Dunn from the British Guiana.

Chiasmocleis schubarti, from Corrego Juncado, Linhares, State of Espirito Santo, near *C. leucosticta* Boulenger, from Santa Catarina.

Chiasmocleis urbanae, from the Island of São Sebastião, State of São Paulo, near *C. spinulosa* Mir.-Rib., from Santa Catarina. It is aeewed that these two forms might be cospecific, differing on the subspecific level.

BIBLIOGRAFIA

BOETTGER, O. — 1880 - Diagnoses Batrachorum novorum insulae Madagascar. Zool. Anz. 3:567-568.

BOETTGER, O. — 1885 - Liste von Reptilien und Batrachier aus Paraguay Zeitsch. f. Naturwiss. 58:213-248.

BOETTGER, O. — 1892 - Katalog der Batrachier-Sammlung in Museum der Senkenbergischen Naturforschenden Gesellschaft in Frankfurt am Main. X + 73 pp. Gebrüder Knauer, Frankfurt am Main.

BOULENGER, G. A. — 1888 - LV. — A List of Batrachians from the Province Santa Catharina, Brazil. Ann. & Mag. Nat. Hist. (6) 1:415-417.

CARVALHO, A. L. de — 1948 - Sobre a validez de *Stereocyclops incrassatus* Cope, 1871 e *Hypopachus mülleri* (Boettger) 1885. Bol. Mus. Nac. Rio de Janeiro, Nov. Ser.-Zoologia n.° 84, 13 pp. 6 figs.

COPE, E. D. — 1871 - Seventh Contribution to the Herpetology of Tropical America. Proc. Amer. Phil. Soc. 11(1869):147-170, pls. 9-11.

DUNN, E. R. — 1949 - Notes on South American Frogs of the Family Microhylidae. Amer. Mus. Novitates n.° 1419. 21 pp., 7 figs.

HECHT, M. K. & MATALAS, B. L. — 1946 - A Review of Middle North American Toads of the genus *Microhyla*. Amer. Mus. Novitates n.° 1315. 21 pp., 12 figs.

HOLBROOK, J. E. — 1836 - North American Herpetology 1 VII + 120 pp., 23 pls. J. Dobson. Philadelphia.

KEFFERSTEIN, W. — 1868 - Beschreibung einiger neuen Batrachier aus Australien und Costa Rica. Nach. Ges. Göttingen, 1868:326-332.

LINNÉ, C. von — 1758 - Systema Naturae Regnum Animale, Editio Decima, Reformata, Tomus I. 824 + III pp. Laurentii Salvii, Holmiae.

MÉHELY, L. von — 1904 - Investigations on Paraguayan Batrachians. Ann. Mus. Nat. Hungarici 2:207-232, pl. 13.

MERREM, B. — 1820 - Versuch eines Systems der Amphibien. XV + 191 pp. Johan Christian Krieger. Marburg.

MIRANDA-RIBEIRO, A. de — 1920 - Os Engystomatideos do Museu Paulista. Rev. Mus. Paulista 12(2):281-288, 2 pls.

MIRANDA-RIBEIRO, A. de — 1924 - Notas Batrachologicas. Bol. Mus. Nac. Rio de Janeiro 1(2)137-143, 8 figs.

MIRANDA-RIBEIRO, A. de — De batrachorum generibus speciebusque duobus in collectio Musei Nationalis servatis. Bol. Mus. Nac. Rio de Janeiro 1(4):255-257, 2 figs.

MIRANDA-RIBEIRO, A. de — 1926 - Notas para servirem ao estudo dos Gymnobatrachios (Anura) Brasileiros. Arch. Mus. Nac. Rio de Janeiro 27(1):227 pp., 22 pls.

MÜLLER, L. & HELIMICH, W. — 1936 - Amphibien und Reptilien, I Teil, Amphibia, Chelonia, Loricata. Wissenchaftliche Ergebnisse der Deutschen Gran Chaco Expedition, XVI + 120 pp, Strecker u. Schröder. Stuttgart.

MYERS, G. S. — 1942 - Note on some frogs from Peru and Ecuador. Proc. Biol. Soc. Washington 55:151-156.

MYERS, G. S. — 1946 - Lista provisoria dos Anfibios do Distrito Federal. Bol. Mus. Nac. Rio de Janeiro, Nov. Ser. Zoologia n.º 55. 36 pp.

NIEDEN, F. — 1926 - Das Tierreich. Anura 2, Lief. 49. XVI + 110 pp, 55 fgs. Walter de Cruyter & Co., Leipzig.

PARKER, H. W. — 1927 - The Brevicipitid Frogs allied to the genus *Gastrophryne*. Occ. Pap. Mus. Zool. Univ. Michigan n.º 187. 6 pp, 1 pl.

PARKER, H. W. — 1934 - A monograph of the Frogs of the Family Microhylidae. VIII + 208 pp. British Museum, London.

PETERS, W. — 1854 - Monatsb. Akad. Wiss. Berlin, 1854:628.

RUTHVEN, A. G. — 1914 — Description of a new Engystomatid frog of the genus *Hypopachus*. Proc. Biol. Soc. Washington 27:77-80.

SCHNEIDER, I. G. — 1799 — Historia Amphibiorum naturalis et literariae I. Friederici Frommani, Jena.

SMITH H. M. & TAYLOR, E. H. — 1948 - An Annotated Checklist and Key to the Amphibia of Mexico. Bull. U.S. Nat. Mus. n.º 194. IV + 118 pp.

TAYLOR, E. H. — 1940 - Herpetological Miscellany. Univ. Kansas Sci. Bull. 26:489-571, pls. 53-63, 7 figs.

TAYLOR, E. H. & SMITH, H. M. — 1945 - Summary of the collections of Amphibians made in Mexico under the Walter Rathbone Bacon traveling scholarship. Proc. U.S. Nat. Mus. 95:521-613, pls. 18-32.

TSCHUDI, J. J. — 1838 - Classification der Batrachier mit berücksichtung der fossilen Thiere dieser abteilung der Reptilien. Mem. Soc. Neuchatel, 2:100 + (II), 6 pls.

WETTSTEIN, O. — 1934 - *Hypopachus parkeri* spec, nov. ein neuer Termitenfrosch aus Brasilien. Zool. Anz. 105 (9/10):270-272, figs.

Vol. X, N.º 17 — pp. 293-306 25-IV-1952

PAPÉIS AVULSOS
DO
DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA
SECRETARIA DA AGRICULTURA — S. PAULO - BRASIL

RESULTADOS DE UMA EXPEDIÇÃO CIENTÍFICA AO TERRITÓRIO DO ACRE. — DIPTERA

POR

MARIA A. V. D'ANDRETTA
e
MESSIAS CARRERA

Êste trabalho representa o resultado do estudo que realizamos sobre os dípteros (exceto *Tabanidae e Muscoidea*) coletados nas margens do Rio Iquiri, quilômetro 49 da Estrada de Rodagem Rio Branco-Rio Abunã (Vila Plácido de Castro), no Território do Acre, entre os dias 24 de agosto e 7 de setembro de 1951, pela Excursão do Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo, chefiada pelo Dr. Paulo E. Vanzolini.

Consta o material estudado de 36 exemplares, representando 17 espécies assim distribuidas:

Bibionidae	1	espécie	1	exemplar
Asilidae	2	"	2	"
Bombyliidae	3	"	17	"
Syrphidae	9	"	14	"
Richardiidae	1	"	1	"
Trypetidae	1	"	1	"

Convem assinalar que entre estas 17 espécies, encontramos, além de dois alótipos, três novas e várias outras ainda não representadas em nossa coleção.

Apesar da exiguidade da amostra obtida, podemos vislumbrar, no tocante aos *Syrphidae*, quão multiforme deve ser a fauna destes dipteros em tal região. Segundo nos foi informado, tais insetos foram capturados sem qualquer artifício especial para os atrair.

Todos os tipos foram depositados na coleção de *Diptera* do Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura de S. Paulo.

Família BIBIONIDAE

Plecia (Plecia) confusa Loew

Plecia confusa Loew, 1858, Berl. Ent. Zeitschr. 2:109
Plecia (*Plecia*) *confusa* Loew, Hardy, 1945, Bull. Univ. Kansas, 30, part II, p. 402, Pl. 31, fs. 136 a-d

Um macho, N.º 63.220

Família ASILIDAE

Promachus horni Bromley

Promachus horni Bromley, 1935, Arb. morph. taxon. Berlin-Dahlem 2:109; Carrera & d'Andretta, 1950, Pap. Avul. 9:171.

Fêmea. Comprimento do corpo 25 mm.; da asa 21 mm.

Cabeça: fronte preta, exceto nos lados do calo ocelar que estão recobertos de pruina castanha; margens orbitais e pouco acima da base das antenas com pilosidade preta; calo ocelar preto, com alguns curtos pêlos pretos; face revestida de pruina castanho-amarelada, com pilosidade preta na base das antenas; mistax esparso, situado sobre a calosidade facial, constituido de grossas cerdas pretas, de pêlos pretos e alguns amarelos, estes mais abundantes na borda bucal; lados da cavidade bucal castanho-escuros; vértice castanho-escuro; occipício revestido de pruina amarelo-escura com uma fileira de curtas e grossas cerdas pretas superiormente e pilosidade dourada por toda sua superfície marginal; probóscida preto-brilhante, com pilosidade preta e amarela inferiormente; palpos pretos, com grossas cerdas pretas e pêlos amarelos na metade basal, inferiormente; antenas pretas, com pêlos pretos nos dois primeiros artículos.

Tórax: mesonoto preto, exceto nas margens laterais e em duas finas faixas longitudinais sub-medianas que são recobertas de pruina castanho-escura; pilosidade preta e esparsa; cerdas pretas, duas pré-suturais, duas supra-alares distanciadas uma da outra e duas supra-alares; escutelo castanho-escuro, com pilosidade amarela, esparsa e longa; região pós-escutelar escura, com pruina castanho-amarelada nas calosidades laterais; pleuras revestidas de pruina castanho-amarelada, mais escura na porção superior da mesopleura; pilosidade preta, esparsa sobre a mesopleura e esternopleura, amarela na metapleura e hipopleura, nesta última abundante e muito longa.

Pernas: coxas revestidas de pruina castanho-amarelada, com finos pêlos amarelos em cima e cerdas pretas no ápice das anteriores e medianas; fêmures e tarsos pretos, com cerdas e pêlos pretos, exceto nos fêmures posteriores onde há pilosidade amarela, espar-

sa, curta na superficie superior, longa e densa no resto; tíbias amarelo-avermelhadas, pretas no ápice, com cerdas pretas e pilosidade preta e amarela, esta última mais abundante nas posteriores. Garras pretas; pulvilos castanhos.

Asas acastanhadas, com a célula subcostal escurecida; no meio da primeira célula submarginal há uma faixa longitudinal de microtríquia escurecendo o centro dessa célula; esquâmula castanha com uma franja de abundantes pêlos dourados. Halteres amarelos.

Abdômen preto, com as margens laterais revestidas de pruina amarelo-cinza; primeiro e segundo segmentos com abundante e longa pilosidade amarela, sendo nos segmentos restantes curta e preta, exceto nos lados, onde há pilosidade amarela; ventre revestido de pruina amarela, com pilosidade amarela. Ovipositor preto-brilhante, tão longo quanto os três segmentos que o antecedem.

Uma fêmea, alótipo, N.º 63.201.

Esta espécie foi descrita de um único exemplar macho proveniente do Norte do Perú. Em 1950, assinalamos sua ocorrência no México.

As diferenças de certa importância que encontramos entre os dois sexos estão na pruina amarela que reveste os lados dos segmentos abdominais, na coloração da pilosidade que é amarela e não branca, na presença de pêlos amarelos no segmento basal dos palpos, occipício e escutelo.

Erax obscurus Macquart

Erax obscurus Macq., 1838, Dipt. exot. 1, 2:112; Bromley, 1929, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist. 66:358

Asilus obscurus (Macq.), Walker, 1849, List Dipt. Brit. Mus. 2:401.

Adotando-se o critério de Hine (1919) para a separação das espécies deste gênero em grupos, *obscurus* deve ser incluida no grupo *"aestuans"*, pois apresenta a bifurcação da terceira nervura longitudinal situada além da base da segunda célula posterior e o ramo posterior dessa mesma nervura curva-se para baixo, encontrando a margem da asa depois do seu ápice. Ao nosso ver, esta espécie é próxima de *femoratus* Macquart, 1838, da qual se distingue pela ausência de pilosidade branca no escutelo e pelos tarsos que são pretos e não vermelho-escuros. No único espécime examinado a tíbia posterior é inteiramente preta, sendo as dos pares anteriores ocráceas na metade basal e preta no resto.

Uma fêmea, N.º 63.202.

Família BOMBYLIIDAE

Lepidophora secutor Walker

Lepidophora secutor Walk., 1857, Trans. Ent. Soc. London, n. s. 4:146; Osten Sacken, 1887, Biol. Cent. Amer. 1:160; Paramonov, 1949, Rev. Ent. 20:640.

Um macho, N.º 63.222.

Anthrax macquarti, nov. nom.

Anthrax leucopyga Macquart, 1855, Dipt. exot. Supl. 5:76, P.3., f. 13 (praeoc. Macquart. 1840).

Os principais caracteres desta espécie são os seguintes: face com pilosidade preta em mistura com pilosidade branca; pleuras pretas, com pêlos brancos no meio; pernas pretas; asas pretas na metade basal, hialinas na apical; a cor preta se estende pela nervura costal até o ápice da asa, recobre a base da célula discal e desce até a margem posterior; abdômen preto, com pêlos brancos nos lados do primeiro segmento e escamas prateadas no dorso dos três últimos.

Entre as espécies de *Anthrax* que apresentam escamas prateadas nos últimos segmentos abdominais e que mostram certa semelhança a esta, existem ainda *costalis* Wiedemann, 1828, *melaleucus* Wiedemann, 1828 e *leucocephalus* Wulp, 1882. Todas estas espécies se separam de *macquarti* pelos seguintes caracteres: em *costalis* a pilosidade branca do abdômen se estende pelos lados de todos os segmentos e não apenas no primeiro; em *melaleucus* não existe pilosidade branca nos lados dos segmentos abdominais e além disso as suas pleuras estão revestidas de pêlos pretos; em *leucocephalus* a pilosidade do tórax e a do primeiro segmento abdominal é amarela e a cor preta das asas não se estende até a sua margem posterior.

Macquart, em 1840, descreveu *Anthrax leucopygus*, da Ilha de Timor, creando um caso de homonimia com a denominação idêntica dada a espécie aqui estudada.

Um macho, N.º 63.221.

Aphoebantus dentei, n. sp.

Macho, fêmea. Comprimento do corpo 6 — 8 mm.; da asa 5 — 7 mm.

Cabeça: fronte e face pretas, com pêlos pretos, as fêmeas com pilosidade amarela recobrindo toda a face e parte inferior da fronte, havendo na parte superior pilosidade preta e alguns pêlos amarelos; calo ocelar preto, com pêlos pretos; occipício preto, com alguns pêlos pretos, maiores na porção reentrante da margem ocular, haven-

do nas fêmeas pilosidade amarela nessa região e curta pilosidade preta na margem occipital em contacto com o tórax; antenas pretas, os dois primeiros articulos com pêlos pretos nos lados, com pêlos amarelos inferiormente nas fêmeas.

Tórax preto-aveludado; cerdas laterais do mesonoto pretas; nos machos com pilosidade preta muito escassa, nas fêmeas com pilosidade amarela abundante nas margens e pleuras, principalmente na porção anterior, onde também se encontra, em mistura, pilosidade preta; escutelo com a mesma cor do mesonoto, tendo marginalmente alguma pilosidade preta.

Pernas castanho-escuras; pilosidade preta mais abundante nas coxas e fêmures; nas fêmeas esta pilosidade é de cor amarela, com alguns pêlos pretos; tibias com curtas cerdas pretas. Garras pretas; pulvilos castanho-escuros.

Asas (fig. 1) hialinas, com uma sombra castanho-escura ocupando os dois têrços basais da margem anterior e recobrindo as duas células basais e muito pouco a célula discal. Halteres castanho-escuros.

Fig. 1 — *Asa de Aphoebantus dentei*, n. sp.

Abdômen preto, com pilosidade preta muito esparsa nos machos, havendo apenas alguns pêlos amarelos nas margens laterais do sétimo tergito; a pilosidade é mais longa e abundante nos três últimos segmentos abdominais; nas fêmeas os primeiros segmentos apresentam também pilosidade amarela; ventre preto-fosco, com pilosidade preta e amarela, muito escassa nos machos e abundante nas fêmeas. Genitália dos machos com dois pequenos espinhos de cor ocrácea sobressaindo-se do último tergito; genitália das fêmeas com abundantes pêlos amarelos e pretos situados na superfície interna dos escleritos visiveis.

Holótipo macho, N.º 63.232, alótipo fêmea, N.º 63.233 e 13 parátipos fêmeas Ns. 63.223 a 63.231 e 63.234 a 63.237.

Discussão taxionômica: — Esta espécie é próxima de *carbonarius* Ost. Sack., 1887, da qual se distingue pelos seguintes caracteres: face com pilosidade preta nos machos e dourada nas fêmeas; pernas inteiramente castanho-escuras; ausência de escamas prateadas nos fêmures e tibias.

Dedicamos esta espécie ao Sr. Emilio Dente, um dos participantes da Excursão ao Território do Acre.

Família SYRPHIDAE

Cerioides odontomera Curran

Cerioides odontomera Curran, 1941, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist. 78:244; Lane & Carrera, 1943, Rev. Ent. 14:168.

A descrição desta espécie se baseou em um exemplar macho capturado na Chapada, Mato Grosso. O unico espécime que examinamos é uma fêmea que consideramos como alótipo desta espécie. Suas diferenças com o macho residem no seguinte: a faixa de pruina branca nas bochechas é muito diluida; a base das antenas é vermelha, mas em menor extensão que nos machos; calo pós-alar preto; as pernas são pretas com as mesmas marcações amarelas da dos machos; trocânteres posteriores sem espinho.

Uma fêmea, alótipo, N.º 63.203.

Nausigaster vanzolinii, n. sp.

Fêmea. Comprimento do corpo 8 mm.; da asa 6 mm.

Cabeça: olhos com pilosidade escassa e muito curta; fronte com reflexos verde-metálicos, fortemente pontilhada, exceto sobre a calosidade mediana que é lisa em cima e com reflexos avermelhados ao seu redor e sobre a lúnula que também é lisa; alguma pilosidade clara e curta se encontra nos lados da base das antenas; calo ocelar preto; face pontilhada de modo menos grosseiro que na fronte, recoberta de pruina cinza e tendo no meio uma calosidade lisa de cor verde-brilhante, metálica; lados da abertura bucal castanhos; occipício saliente, esverdeado, escuro, com grossa pontilhação e curta pilosidade clara; peças bucais castanho-escuras; antenas com os dois primeiros artículos castanhos e com curta pilosidade marginal no primeiro, amarela em baixo e preta em cima; terceiro artículo sub-circular, amarelo-laranja, aveludado; arista castanho-escura, pouco maior que o terceiro artículo.

Tórax grossamente pontilhado; mesonoto com reflexos cúpreos e vestigios de duas faixas longitudinais medianas de cor cinza e com escassa pruina cinza nos lados dos calos umerais e margem posterior; úmeros pontiagudos, castanhos no ápice; escutelo pouco convexo e com a margem ligeiramente plana, inteiramente pontilhado e de cor verde-metálica; região pós-escutelar preta, recoberta de pruina clara, sedosa; pleuras esverdeadas e recobertas de muito curta pilosidade cinza; os escleritos aos quais se inserem as coxas anteriores são de cor azul, pouco brilhante.

Pernas: coxas, trocanteres e fêmures de cor preta com reflexos azulados, exceto no ápice dos fêmures que é castanho-claro, estendendo-se esta cor pela metade apical da superficie superior dos fêmures anteriores; tíbias e tarsos castanho-claros; a pilosidade

das pernas é muito curta e de cor amarelada, exceto nos quatro últimos artículos basais das pernas medianas e posteriores onde há curtos pêlos pretos apicais. Garras castanhas na base e pretas no ápice; pulvilos castanhos.

Asas (fig. 2) claras, com uma pequena mancha castanho-escura situada na desembocadura da nervura sub-costal, cuja estensão não ultrapassa a primeira nervura longitudinal; quase toda a metade anterior da asa é pardacenta, cor esta que não se estende para além da nervura espuria, mas recobre toda a célula costal, a metade anterior da sub-costal, quase toda a marginal, a metade superior da primeira basal, quase toda a sub-marginal e a parte anterior da primeira posterior; microtríquia ausente ao longo das

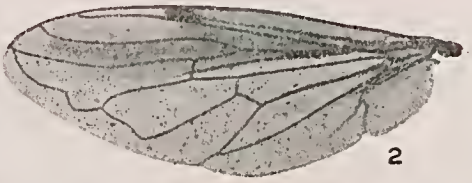


Fig. 2 — Asa de *Nausigaster vanzolinii*, n. sp.

nervuras longitudinais que delimitam a segunda célula basal; esquâmula amarela com franja de longos cílios dourados. Halteres amarelo-claros, quase branco no capítulo.

Abdômen (fig. 3) pontilhado de modo menos grosseiro que no tórax, com reflexos verde-metálicos nos três primeiros segmentos;

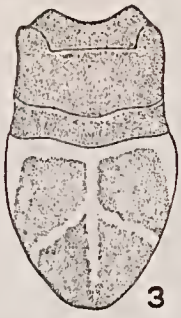


Fig. 3 — Abdômen de *Nausigaster vanzolinii*, n. sp.

o quarto segmento preto, pouco brilhante; todos os tergitos estão revestidos de curta pilosidade amarelada, muito escassa, mas as margens laterais o estão de pruina cinza; sobre o quarto tergito há pruina amarelada formando faixas que se dispõem do modo seguinte: uma revestindo toda a margem anterior, outra, longitudinal, mediana, partindo da margem anterior quase alcança o ápi-

ce do tergito e duas outras, transversais, inclinadas, se iniciam no meio desta faixa longitudinal e quase encontram a pruina amarelada das margens laterais; devido a disposição destas faixas, formam-se neste tergito, em sua metade posterior, duas grandes manchas de forma triangular e de cor escura que é a do próprio tegumento; o terceiro tergito é bastante curto; o segundo apresenta em cada canto anterior uma projeção mamiliforme, o mesmo acontecendo com o quarto tergito, cuja borda lateral, na sua metade distal, também se salienta em pequena ponta; ventre aprofundado nos tergitos, de cor azulado. Genitália com pilosidade castanho-clara.

Macho desconhecido.

Holótipo fêmea, N.º 63.213.

Discussão taxionômica: — As manchas escuras das asas e as faixas de pruina amarelada no quarto segmento abdominal são caracteres que tornam esta espécie distinta de todas as outras do gênero. Afora estes caracteres ela se distingue de *flukei* Curran, com a qual nos parece mais afim, pela cor verde-metálica da fronte e da calosidade facial e pela coloração mais escura das pernas.

Homenageamos, com o nome dado a esta espécie, ao Sr. Dr. Paulo E. Vanzolini, prezado colega que teve sob sua responsabilidade a Expedição ao Território do Acre.

Lepidostola dionysiana, n. sp.

Fêmea. Comprimento do corpo 5 mm.; da asa 4,5 mm.

Cabeça mais larga que o tórax; fronte lisa, vertical, preta, brilhante acima da base das antenas e em certa estensão orbital, fosca no meio; sobre esta região fosca se encontram algumas escamas amarelas, irregularmente dispostas; região do vértice projetada para cima, sub-cônica, brilhante, com ocelos avermelhados; occipício preto, com esparsa pruina cinzenta no meio e muito curta pilosidade dessa mesma cor na metade inferior da margem orbital; face preta, brilhante, com uma leve calosidade mediana, tendo de cada lado, unida às órbitas oculares, uma pequena mancha de pruina prateada com um vestigio de seu prolongamento até a margem bucal; peças bucais de cor castanha; antenas maiores que o comprimento da face, ocrácea no primeiro artículo, castanho-escura nos artículos seguintes; o segundo tão longo quanto o primeiro, o terceiro alongado, quase três vezes o tamanho do segundo; arista castanha, pouco maior que o terceiro artículo.

Tórax preto; mesonoto (fig. 7) uniformemente recoberto de escamas amarelas, sem formar desenhos, sendo apenas a margem anterior nua e fosca; úmeros brilhantes; escutelo triangular, com o ápice pontudo, mas no mesmo plano do mesonoto, preto-brilhante e com muito escassa, fina e curta pilosidade amarelada marginal;

pleuras preto-brilhantes no meio, com pruina cinzenta, discreta, anterior e posteriormente.

Pernas (figs. 4 e 5): coxas pretas com pruina cinzenta; fêmures amarelos na metade basal, preto-brilhantes na apical, exceto o extremo ápice dos anteriores e medianos que apresentam também a cor amarela; fêmures posteriores entumecidos na metade apical;

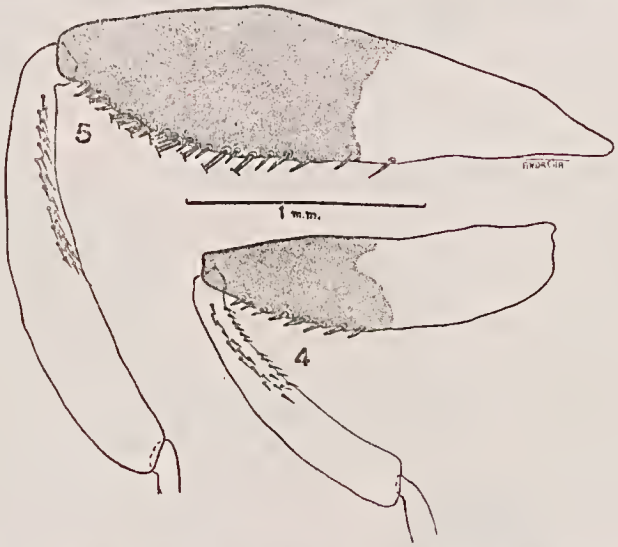


Fig. 4 — Perna mediana esquerda de *Lepidostola dionysiana*, n. sp.
Fig. 5 — Perna posterior esquerda de *Lepidostola dionysiana*, n. sp.

todos os fêmures apresentam na face inferior uma depressão que tem em cada borda uma fileira de espinhos curtos e pretos; tanto a depressão como a fileira de espinhos estão situadas na metade apical dos fêmures; todas as tíbias são encurvadas; as do par anterior são escuras na superficie superior e ocráceas na inferior, com pilosidade curta e preta na porção escura e amarela na porção ocrácea; tíbias medianas amarelas, com finos pêlos amarelos e pequenos espinhos pretos situados nos lados de uma superfície plana existente na metade basal, inferiormente; tíbias posteriores amarelas na metade basal, pretas na apical, com curta pilosidade amarela na região clara e preta na escura; como nas tíbias há aqui também uma superfície plana, basal e com um fileira de pequenos espinhos pretos de cada lado; tarsos anteriores amarelo-claros, exceto os três últimos artículos que são pretos; os tarsos das pernas medianas e posteriores são amarelo-pálidos, com os dois últimos artículos pretos; pilosidade muito curta e com a mesma cor do tegumento. Garras pretas; pulvilos amarelados.

Asas (fig. 6) claras na metade posterior e levemente amareladas na anterior, onde as nervuras são de cor clara; na região estigmática a cor amarela é mais acentuada; basicosta com grossa pilo-

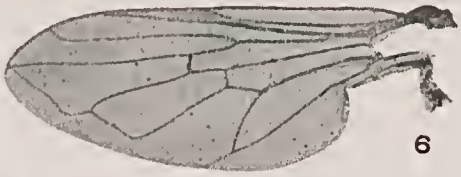


Fig. 6 — Asa de *Lepidostola dionysiana*, n. sp.

sidade preta; esquama esbranquiçada, com a margem castanha e uma franja de longos pêlos amarelos. Halteres amarelo-pálidos.

Abdômen (fig. 8) preto; o primeiro segmento revestido de pruina cinza; o segundo com pruina cinza nas margens anterior e posterior, havendo uma faixa longitudinal, mediana, dessa mesma pruina, ligando as duas faixas pruinosas das margens; de cada lado deste tergito há uma grande mancha preto-aveludada; margens laterais de todos os tergitos de cor preta, mas com reflexos metálicos esverdeados; pilosidade amarela e esparsa; o terceiro tergito é preto-brilhante, exceto em duas manchas aveludadas, pretas, uma

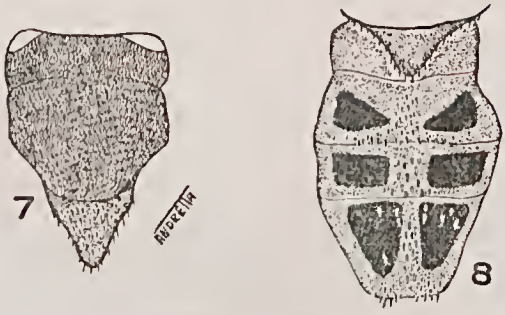


Fig. 7 — Mesonoto de *Lepidostola dionysiana*, n. sp.
Fig. 8 — Abdômen de *Lepidostola dionysiana*, n. sp.

de cada lado; na porção mediana deste tergito existem escamas amarelas como também lateralmente, em quantidade muito reduzida; o quarto tergito é semelhante ao terceiro, com escamas amarelas na porção mediana, longitudinálmente, e uma ou outra escama da mesma cor sobre as manchas preto-aveludadas laterais, havendo também fina e esparsa pilosidade esbranquiçada apical; ventre preto-brilhante, com pilosidade esbranquiçada muito escassa. Ovipositor castanho-escuro.

Macho desconhecido.

Holótipo fêmea, N.º 63.211.

Discussão taxionômica. — Esta espécie, pela disposição das escamas no abdômen, se aproxima de *trilineata* Hull, mas dela se separa facilmente pelo mesonoto que é inteiramente recoberto de escamas, carácter este que também se encontra em *scintillans* Hull.

Desta espécie, entretanto, ela pode ser distinguida pela ausência de escamas na margem escutelar e pela disposição diferente das manchas e escamas no abdomên.

O nome desta espécie é dado em homenagem ao Sr. Dionysio Serraglia, um dos membros da Expedição.

Lepidostola pulchra Williston

Lepidostola pulchra Williston, 1888, Trans. Amer. Ent. Soc. 15:261; Hull, 1946, Amer. Mus. Nov. N.º 1326:5.

Esta espécie é originária da Chapada, Estado de Mato Grosso. Seus caracteres concordam inteiramente com os do único exemplar examinado.

Uma fêmea, N.º 63.212.

Meromacrus auriferus Hull

Meromacrus auriferus Hull, 1942, Amer. Mus. Nov. N.º 1200:4.

Espécie descrita de Nova Teutonia, Estado de Santa Catarina. Uma fêmea, N.º 63.204.

Meromacrus ghilianii, Rondani

Meromacrus Ghilianii Rond., 1848, in Truqui, Stud. Ent. 1:71, Tab III, figs. 3-5.

É esta espécie, originariamente descrita do Brasil, o tipo do gênero *Meromacrus*. Transcrevemos a diagnose de Rondani para, em seguida, discutirmos certos caracteres que foram consignados de modo ambíguo pelo autor da espécie.

> "♂. Long. Mill. 14. Niger. Antennae articulo extremo piceo. Oculi nudi. Facies pallide-lutei pollinosa, flavo-pilosa, exceptis fascia intermedia et genis postice nigris nitidis. Frons nigra in medio, lateribus flavo-pilosa, exceptis fascia intermedia et genis postice nigris nitidis. Frons nigra in medio, lateribus flavo-pilosis. Thorax dorso nigro, punctis duobus anticis et linea transversa ante scutellum flavo-pilosis: pleurae callo antico sub-albido, et fasciola perpendiculari ante alas flavo-pilosa. Scutellum basi nigricans, extrinsecus piceum. Squamae albicantes, linea marginali nigra, et pilis albidis ciliatae. Halteres albidi. Abdomen superne fasciola trans-

versa integra in segmento primo, et altera ad basim segmenti tertii flavo-pilosis: lateribus segmenti secundi pilis flavis, tertii et quarti pilis albicantibus praeditis. Organa copulatoria paulo producta et sub ventre flexa. Alae fascia marginali antica ferruginea, circa areolas exteriores primam et secundam lutescente. Pedes pilis luteis instructi; femoribus pilis inferis longioribus et versus apicem nigricantibus: tarsis anticis superne fuscis inferne fulvo tomentosis; intermediis et posticis omnino rufescentibus".

No material que temos à mão encontramos alguns caracteres que não estão claramente assinalados nesta diagnose. De fato, Rondani não indica com precisão a grossa pilosidade amarelo-sulfurea existente sobre a sutura transversa do mesonoto, mas acreditamos que este carácter esteja implícito quando ele se refere às pleuras: "fasciola perpendiculari ante alas flavo-pilosa", pois esta faixa é contínua com a que existe sobre a referida sutura. Em nossos exemplares o terceiro segmento abdominal tem a base recoberta de tomento amarelo-sulfureo e as margens laterais com pêlos da mesma cor, sendo no resto revestido de curta pilosidade castanho-escura; o quarto segmento apresenta a margem posterior com um friso amarelo, sem pêlos, sendo no resto semelhante ao terceiro, apenas a coloração dos pêlos dorsais é um pouco mais clara e em mistura com pilosidade castanho-escura. Ao referir-se a estes segmentos abdominais, Rondani em sua diagnose original indica o seguinte: "tertii et quarti pilis albicantibus praeditis", o que, embora um pouco dscordante daquilo que nos foi dado observar em nosso material, não nos permite, por insuficiente, outra identificação.

Seis machos, Ns. 63.205 a 63.210.

Quichuana bezzi Ceresa

Quichuana bezzi Ceresa, 1934, Atti Soc. Ital. Sci. Nat. 73:387; Hull, 1940, Amer. Mus. Nov. N.º 1317:9

Os caracteres de um exemplar fêmea que possuimos concordam com os assinalados para esta espécie. O material que anteriormente (Lane & Carrera, 1944, Rev. Ent. 15:205) tinhamos identificado como *Quichuana bezzii,* na realidade pertence à *Quichuana parisi* Ceresa, 1934. O interesse desta retificação torna-se acrescido pelo fato de termos, naquela ocasião, descrito também os respectivos pupários.

Volucella vaga Wiedemann

Volucella vaga Wied., 1830, Auss. zweifl. Ins. 2:205

Uma fêmea, N.º 63.214.

Volucella apicula Curran

Volucella apicula Curran, 1939, Amer. Mus. Nov. N.º 1028:6

Uma fêmea, N.º 63.215.

Família RICHARDIIDAE

Hemixantha flava S. Lopes

Hemixantha flava S. Lopes, 1936, Rev. Ent. 6:476-478.

Um macho, N.º 63.219.

Família TRYPETIDAE

Hexachaeta amabilis Loew

Hexachaeta amabilis Loew, 1873, Smiths. Inst. Misc. Collect. 11:219

Um macho, N.º 63.218.

ABSTRACT

In this paper the Insects of the Order Diptera (except Tabanidae and Muscoidea) collected by the members of "Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo" Expedition to the "Território do Aere", Brazil, are studied. Allotypes of *Promachus horni* Bromley (Asilidae) and *Cerioides odontomera* Curran (Syrphidae) are described; a new name for *Anthrax leucopyga* Macquart (*Bombyliidae*) is proposed; three new species of the genera *Aphoebantus* (*Bombyliidae*), *Nausigaster* and *Lepidostola* (Syrphidae) are described; and comments on *Meromacrus ghilianii* Rondani and *Quichuana bezzi* Ceresa (*Syrphidae*) are given.

Vol. X, N.° 18 — pp. 307-324 25-IV-1952

PAPÉIS AVULSOS
DO
DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA
SECRETARIA DA AGRICULTURA — S. PAULO - BRASIL

ESPÉCIES NEOTROPICAIS DA FAMÍLIA *SIMULIIDAE* (*DIPTERA NEMATOCERA*)

VII — REDESCRIÇÃO DE *LUTZSIMULIUM PERNIGRUM* (LUTZ, 1910), *N. COMB.* E CONSIDERAÇÕES SÔBRE O GÊNERO

M. A. V. d'ANDRETTA
e
C. d'ANDRETTA JR. (*)

Em excursão realizada na região do Itatiaia, Est. do Rio, por um de nós, foram capturadas entre 1.800 e 2.200 m. de altitude abundantes larvas e pupas, estas tendo fornecido numerosos imagos de ambos os sexos, de uma espécie que desde logo nos chamou a atenção pelo aspecto peculiar que apresentavam em relação à maioria dos representantes brasileiros do gênero *Simulium* Latr., lembrando-nos em primeira impressão *Lutzsimulium cruzi* Andr. & Andr., 1946.

O seu estudo detalhado permitiu-nos identificá-la ao *S. pernigrum* Lutz, 1910, assim como revelou-nos características morfológicas que confirmaram nossa suspeita inicial, pois a enquadram quase que totalmente no gênero *Lutzsimulium* Andr. & Andr., 1946.

No presente trabalho fazemos a redescrição de *Lutzsimulium pernigrum* (Lutz, 1910), *n. comb.*, tecemos algumas considerações sôbre êste gênero até agora monotípico e novamente apresentamos a chave para gêneros de *Simuliidae*, segundo Smart (1945), modificada para incluir o gênero *Gymnopais* Stone, 1949 e também pelo fato de *Lutzsimulium* passar a ser caracterizado de modo diverso.

(*) Trabalho do Departamento de Zoologia da Secretaria de Agricultura de São Paulo (Diretor: Dr. Olivério Mário de Oliveira Pinto) e do Departamento de Parasitologia da Escola Paulista de Medicina (Catedrático: Prof. Flávio da Fonseca).

CHAVE PARA OS GÊNEROS DE *SIMULIIDAE*, SEGUNDO SMART (1945), MODIFICADA

1 - Rádio (R_1) atingindo a costa próximo do meio da borda anterior da asa.
Setor radial (*Rs*) forquilhado, seu ramo posterior atingindo a costa alguma distância antes de sua terminação próxima do ápice da asa; macrotríquias das veias alares anteriores pilosas (*Parasimuliinae*) — *Parasimulium* Malloch, 1914.

1' - Rádio (R_1) atingindo a costa bem além do meio da borda anterior da asa.
O ápice do setor radial (*Rs*), si êste é simples, ou o ápice do seu ramo posterior, si for forquilhado, atingindo a costa pràticamente em sua terminação próxima do ápice da asa; macrotíquias das veias alares anteriores curtas e cerdosas, em alguns gêneros com uma mistura de cerdas espiniformes, na costa pelo menos (*Simuliinae*) 2

2 - Setor radial (*Rs*) forquilhado; macrotriquias das veias alares anteriores sòmente cerdosas (nenhuma espiniforme presente) 3

2' - Setor radial simples, não forquilhado (em algumas espécies seu ápice pode estar aumentado, dando a impressão duma leve bifurcação); macrotríquias espiniformes entremeadas com cerdosas na costa pelo menos 4

3 - Antenas com onze segmentos (menos em *P. novum* D. & S., com nove); pecíolo de M_{1+2} normal.
Secção basal do rádio com macrotíquias acima; célula basal presente; *Cub* sinuosa; sem *bulla;* sem pedisulco; sem calcípala . . . . . *Prosimulium* Roubaud, 1906.

3' - Antenas com nove segmentos; pecíolo de M_{1+2} pelo menos duas vêzes mais longo que a secção basal do setor radial.
Secção basal do rádio com macrotríquias acima; pequena célula basal presente; *Cub* sinuosa; com *bulla* logo atrás dos olhos; sem pedisulco; sem calcípala . . *Gymnopais* Stone, 1949.

4 - *Cub* reta; *1 An* reta.
Secção basal do rádio com macrotríquias acima; secção distal do setor radial com uma fileira simples de macrotríquias acima; sem célula basal; sem pedisulco; calcípala fortemente desenvolvida . . . *Gigantodax* Enderlein, 1925.

4' - *Cub* sinuosa; *1 An* sinuosa 5

5 - Antenas com 10 segmentos ou menos . . 6

5' - Antenas com 11 segmentos 7

6 - Secção basal do rádio e secção distal do setor radial com macrotríquias acima.
Célula basal fracamente desenvolvida ou ausente; calcípala presente; pedisulco presente . . . . . *Austrosimulium* Tonnoir, 1925

6' - Secção basal do rádio e secção distal do setor radial nuas acima.
Célula basal ausente; calcípala presente; pedisulco presente . . . . . Poucas espécies de *Simulium*.

7 - Pedisulco presente.
Secção basal do rádio e secção distal do setor radial com ou sem macrotríquias acima; célula basal ausente; calcípala presente (em tôdas, menos 4 espécies descritas, nas quais pode ser pequena ou não observadas pelos autores) . . . . . *Similium* Latreille, 1802.

7' - Pedisulco ausente ou muito indistinto . .

8 - Célula basal ausente.
Secção basal do rádio com macrotríquias acima; secção distal do setor radial com uma fileira de macrotríquias acima; *Cub* podendo estar bifurcada, quando então a Cu^1 é muito curta e termina muito longe da margem alar; calcípala bem desenvolvida . . . . . *Lutzsimulium* Andr. & Andr., 1946.

8' - Célula basal usualmente distinguível.
Secção basal do rádio com macrotríquias acima; secção distal do setor radial com uma fileira simples de macrotríquias acima; *Cub* normal; calcípala presente, ainda que extremamente pequena em algumas espécies . . . . . *Cnephia* Enderlein, 1921.

Lutzsimulium Andr. & Andr.. 1946.

1946 — Andr. & Andr., Mem. Inst. Osw. Cruz, 44(3) :402.
1948 — *Id.*, Arq. Zool. Est. S. Paulo, 5(10) :639.
Genótipo: *L. cruzi* Andr. & Andr., 1946, por designação original.

Êste gênero, até agora monotípico, passa a conter a espécie *L. pernigrum* (Lutz, 1910), *n. comb.*, o que motiva sua redefinição, pois há pequenas discordâncias em características consideradas genéricas.

Assim, quando descrevemos o genótipo fomos fortemente impressionados pelo aspecto da cubital, que apresentava ao nível de sua primeira sinuosidade uma bifurcação, a qual originava uma pequena veia curta, terminando logo após sua origem, sem atingir a borda da membrana alar, veia esta jamais observada em qualquer espécie de simulídeo. Êste fato levou-nos mesmo a estabelecer novo sistema para a venação das asas dos simulídeos (1946:401).

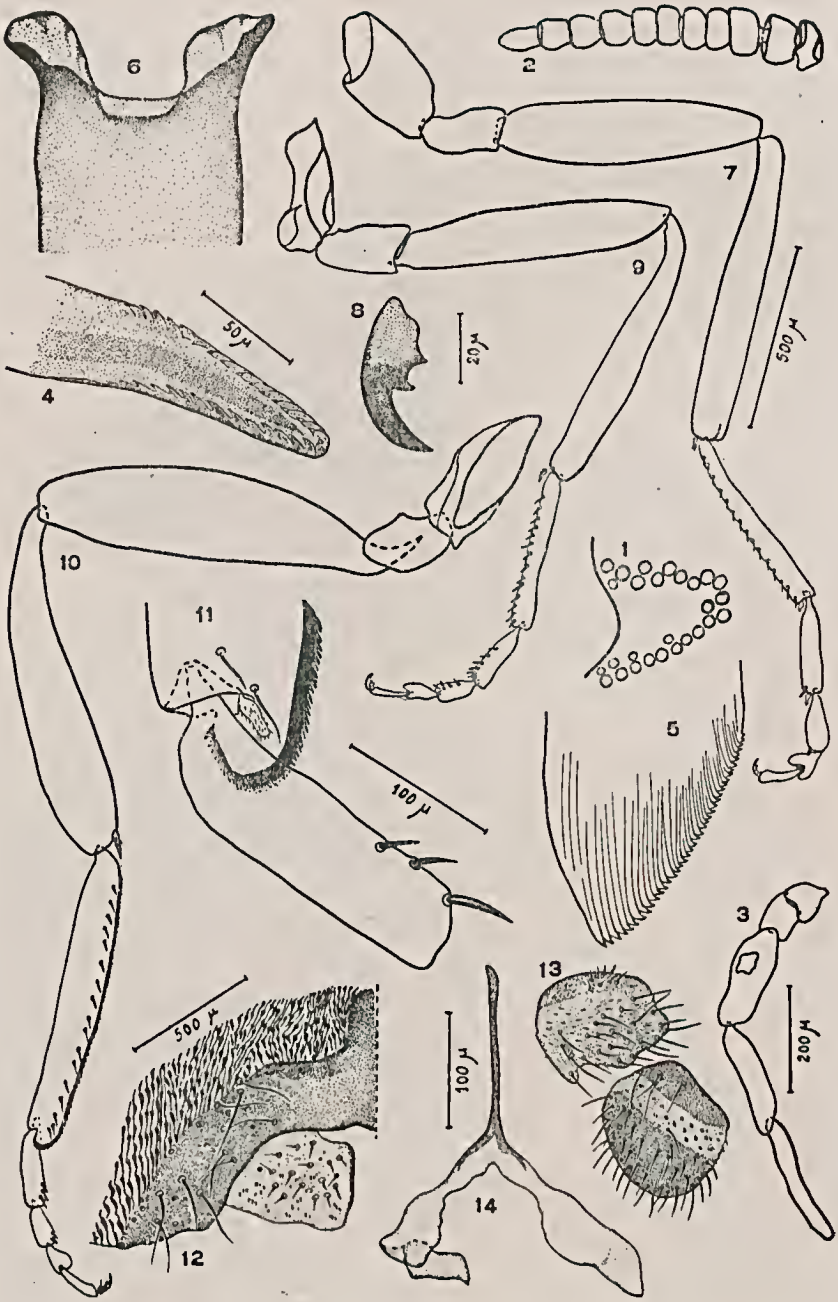
Entre o material coletado após as descrições dessa espécie, tivemos a surpresa de encontrar alguns exemplares que apresentam a veia que denominamos Cu_1 diminuida, outros em que há apenas um alargamento do tronco cubital ao nível da primeira sinuosidade e outros em que o aspecto dêste tronco é normal; *L. pernigrum* (Lutz, 1910), *n. comb.*, apresenta o tronco cubital indiviso e sinuoso, não tendo sido encontrado nenhum exemplar em que pudesse ser observado pelo menos um esboço de uma bifurcação.

Isto nos faz pensar que primitivamente os simulídeos apresentavam a veia cubital bifurcada e que com a evolução o seu primeiro ramo tenha sofrido uma regressão, cujo último vestígio pode ser notado na maioria dos exemplares de *L. cruzi*.

Os característicos de *Lutzsimulium* podem ser resumidos como segue:

Simuliinae (*sensu* Smart, 1945) com o setor radial (*Rs*) simples, não ramificado. Secção basal do rádio e R_1 muito próximos da subcosta, dividindo a célula subcostal em duas partes. Cubital sinuosa, podendo estar bifurcada, quando então a Cu_1 é muito curta e termina muito longe da margem alar. *I An* com a extremidade encurvada para a frente, não atingindo a margem alar. Costa e R_1 densamente recobertas por macrotríquias cerdosas, entremeadas com espiniformes; secção basal do rádio com macrotríquias acima; *Rs* com macrotríquias abaixo, sendo que sua secção basal também apre-

Fig. 1 — Area ocular frontal; 2 — antena; 3 — palpo maxilar; 4 — extremidade distal da galea; 5 — extremidade distal da mandíbula; 6 — extremidade proximal do cibário; 7 — perna anterior; 8 — garra da perna anterior; 9 — perna média; 10 — perna posterior; 11 — extremidade distal do tarsômero I e tarsômero II; 12 — gonapófise anterior, lado D; 13 — paraprocto e cerca, lado D; 14 — Forquilha genital. Figs. 1 a 7, 9, 10, 13 e 14 desenhados do exemplar n.º 43; 8, 11 e 12 do n.º 86. Respectivamente na mesma escala as figs. 1, 7, 9 e 10; 2 e 3; 4 e 5; 6, 13 e 14.


1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
50 μ
20 μ
500 μ
100 μ
500 μ
100 μ
200 μ

senta uma fileira acima. Sem célula basal. Antenas com onze segmentos. Calcípala bem desenvolvida. Pedisulco ausente ou reduzido a uma vaga constrição. Garras das fêmeas com 1 ou dois dentes basais. Genitália do macho com pinças cônicas, o lobo apical sendo pràticamente do mesmo comprimento que o basal, porém cêrca de 2 ou 3 vêzes mais estreito; com 2 a 4 dentes apicais. Pupa com casulo rudimentar, sem forma definida, cobrindo-a de modo incompleto; brânquias respiratórias multiramificadas; ganchos da extremidade abdominal fortemente desenvolvidos; cerdas características, com ápice espiralado, principalmente na extremidade abdominal. Larvas com disco anterior do pseudópodo entalhado e rodeado quase que totalmente por uma fileira de espinhos finos, longos e não esclerotizados; papilas ventrais presentes; brânquias anais simples.

Lutzsimulium pernigrum (Lutz, 1910), n. comb.

Simulium pernigrum Lutz, 1910, p. 266 (♀, pupa), p. 249 (cit. tax.), p. 263 (ch. pupa), p. 265 (ch. ♀), est. 19: figs. 19 e 20. — Pintò, 1930, p. 447 (ch. ♀), p. 482 (cit.). — Pinto, 1931, p. 708 (cit.), p. 756 (ch. pupa). — Pinto, 1938, p. 139 (ch. pupa). — Smart, 1945, p. 511 (cit.). — Vargas, 1945, p. 181 (cit.). — Iriarte, 1946, p. 464 (cit.).

Simulium (*Eusimulium*) *montanum* Lutz, 1909, *nec* Philippi, 1865, *partim*, p. 128 (cit. bion.), p. 132 (ch.), pp. 134-135 (♀).

Simulium montanum Surcouf & Gonzales-Rincones, 1911, *nec* Philippi, 1865, *partim*, pp. 289-290.

Simulium (*Friesia*) *pernigrum* Rubzov, 1940, p. 124 (cit.).

Em sua contribuição de 1909, Lutz identifica, com algumas dúvidas, exemplares capturados na Serra da Bocaina (1.500 m.), Est. S. Paulo e nas vizinhanças de Petrópolis, com a espécie chilena *S. montanum* Philippi, 1865. Apresenta sua descrição da fêmea, atribuindo-lhe um comprimento incomum, isto é, 3,5 mm.; por outro lado, assinala o característico enfumaçamento da membrana alar e afirma que "a incizão do segundo tarso posterior não é bem acuzada", de fato não havendo pedisulco.

Em 1910, tendo conseguido em Serra da Bocaina grande número de exemplares fêmeas, assim como larvas e pupas, estabelece a nova espécie *S. pernigrum*, afastando sua primeira suposição de se tratar do *S. montanum* Phil. Faz reparos à descrição anterior, assinalando o real comprimento do corpo da fêmea de 2 a 3 mm. e descreve também a pupa.

Surcouf & Gonzales-Rincones (1911) apresentam uma tradução, associando de modo incompleto as diagnoses originais das espécies de Philippi e de Lutz.

Rubzov (1940) inclue *pernigrum* no subgênero *Friesia* End. (*sensu* Rubzov) do gênero *Simulium* Latr. (*s. str.*). Infelizmente,

conseguimos até o presente a tradução de apenas alguns trechos esparsos da obra de Rubzov. Todavia, percebe-se nítidamente a enorme influência que sôbre êle exerceram os trabalhos, digamos, tumultuosos de Enderlein; como êste, também apresenta uma sistemática extremamente artificial e impraticável. Assim é que caracteriza o subgênero *Friesia* pelo aspecto do dente basal das garras das fêmeas, ornamentação do tórax, forma do tarsômero 1 anterior e do tarsômero 1 posterior dos machos, além de outros elementos taxionômicos. Do mesmo modo, os outros subgêneros por êle considerados são distinguidos por característicos de igual padrão. Nota-se ainda a inconsistência da obra de Rubzov pelo fato de não estar plenamente convencido da inclusão neste subgênero de seu subgenótipo *tristrigatum* End.!!! Nêle inclue, além de poucas outras (sendo duas delas sinônimas), diversas espécies (inclusive os genótipos) que Enderlein agrupava em seus gêneros *Friesia, Acropogon, Dasypelmoza* e *Pternaspatha*. *L. pernigrum* é incluso no texto como representante brasileiro do subgênero e em nota no rodapé, uma relação das espécies do grupo, apresenta sinal de interrogação. Não sabemos o que levou Rubzov a incluir esta espécie neste subgênero, pois (1) não é possível que tivesse examinado o material de Lutz; (2) na chave que apresenta para gêneros e subgêneros, em *Friesia* as espécies possuem calcípala e pedisulco distintos, enquanto *pernigrum* não possue o segundo dêsses elementos, o que poderia ser percebido na descrição original de Lutz (p. 135): "*a incizão no segundo tarso posterior não é bem acuzada*". O único elemento concordante que encontramos na descrição original da espécie seria a presença de um dente basal curto nas garras das fêmeas (na verdade apresentam dois dentes em cada garra), porém, êsse característico serve na chave de Rubzov tanto para *Friesia* End. como para *Stegopterna* End. Quanto à validês de *Friesia* encontramos no trabalho de Smart (1945:487) uma análise crítica muito bem orientada, na qual êste e outros 35 gêneros de Enderlein são considerados na sinomímia de *Simulium* Latr. (*s. str.*), além de vários outros gêneros de diversos autores.

Pinto (1930, 1931 e 1938), Vargas (1945), Smart (1945) e Iriarte (1946), incluem *L. pernigrum* em chaves para determinações específicas ou em catálogos ou listas de espécies.

Apresentamos a seguir a redescrição da fêmea e da pupa, assim com a descrição do alótipo macho e da larva. A dos imagos baseia-se em exemplares obtidos em laboratório ex-pupa e sacrificados algumas horas após a eclosão, sem que tivessem oportunidade de se alimentar, a não ser de água existente no tubo de eclosão.

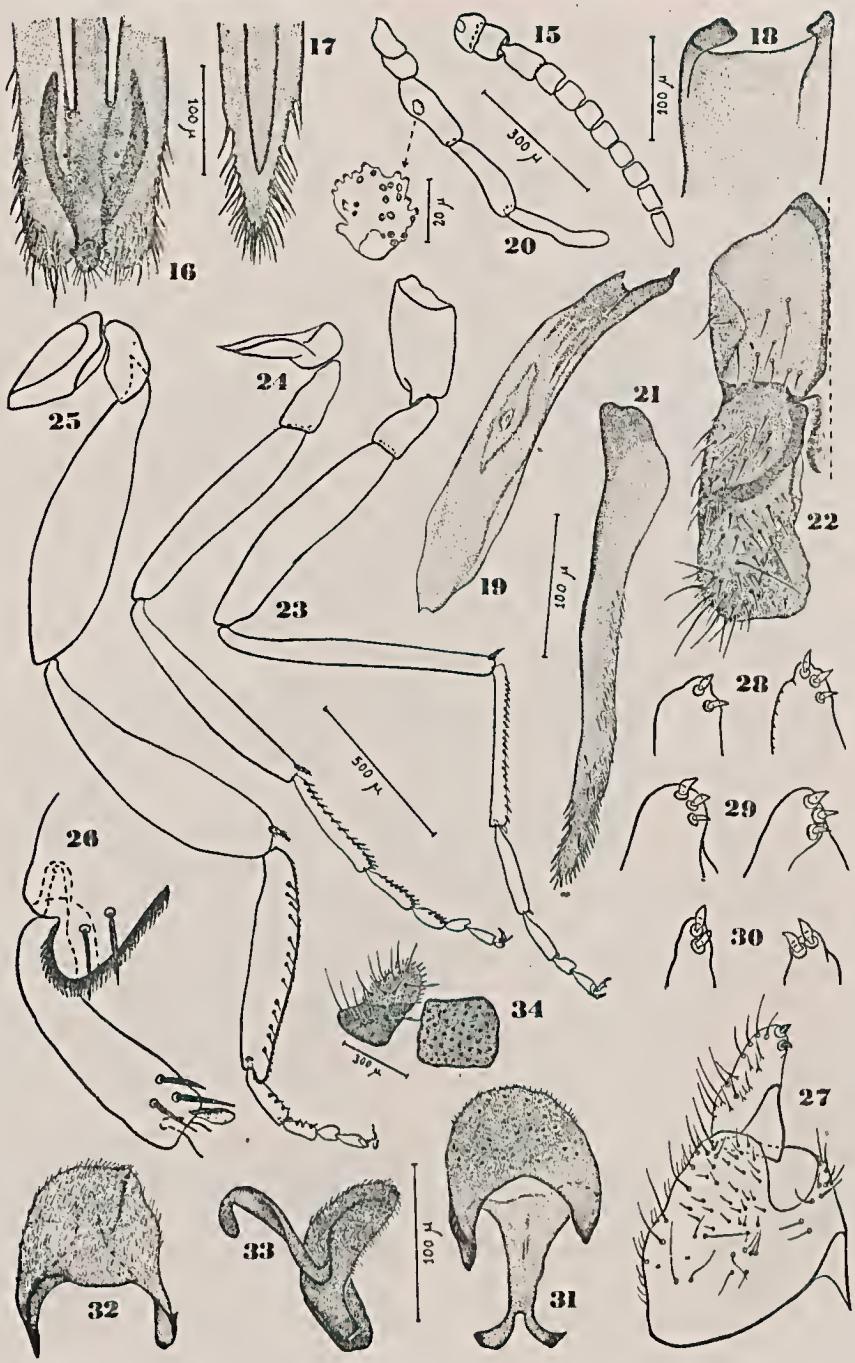
Fêmea — Coloração geral a vista desarmada, preta fosca, o escutelo com ligeira tonalidade chocolate. Comprimento do corpo: cêrca de 2 — 2,5 mm.

Cabeça — Fronto-clípeo e vertex com pruinosidade alvacenta visível sómente em determinadas incidências luminosas; nessas regiões há algumas escamas de reflexo doirado e pequenas cerdas negras. Olhos normais; área ocular frontal (fig. 1) regularmente desenvolvida. Região retro-ocular com uma fileira de cerdas pretas médiamente desenvolvidas. Antenas (fig. 2) com 11 artículos subiguais, sendo o último pontiagudo; os dois primeiros são castanhos e apresentam cerdas mais desenvolvidas; os restantes possuem curta cerdosidade de reflexo esbranquiçado e raras cerdas. Peças bucais castanhas, menos o lábio e palpos maxilares que acompanham a coloração geral. Maxilas com palpos maxilares (fig. 3) de aspecto normal e orgão sensorial de Lutz regularmente desenvolvido; a galea (fig. 4) distalmente em forma de V, cuja borda apresenta cêrca de 28 a 31 dentes retrógrados e pontiagudos. Mandíbulas (fig. 5) com a extremidade livre oblíqua, em cuja borda nota-se cêrca de 42 dentes encurvados. Labro-epifaringe, hipofaringe e lábio sem características especiais. Extremidade proximal do cibário (armadura bucal) (fig. 6) com a porção mediana (espaço mediano) completamente inerme e hialina; as córnuas (processos laterais) são bem expandidas e pouco esclerotizadas.

Tórax — Escudo, calos umerais, escutelo e pósnoto com tonalidade ardósia sôbre a coloração de fundo e revestidos densamente por escamas estreitas e curtas, que se distribuem de modo difuso, de coloração castanha na maioria dos exemplares, emprestando esta côr ao conjunto; noutros exemplares há escamas doiradas e castanhas em partes iguais e noutros predominam as doiradas. Na região pré-escutelar e no escutelo há numerosas cerdas negras mèdiamente desenvolvidas. Pósnoto com reflexos nacarados e algumas escamas doiradas. Pleuras com reflexos ardósias e com um tufo de cerdas negras no pronoto, na parte superior do mesoepímero e outro de escamas doiradas no posparáptero.

Asas com 2,5 a 3,1 mm. de comprimento e 1,4 a 1,5 mm. de largura máxima. Costa com cerdas curtas entremeadas com cerdas espiniformes pequenas e bem esclerotizadas; *Sc* com uma fileira de cerdas curtas situadas na superfície ventral da membrana alar; secção basal do rádio com frequentes cerdas, acima; R_1 com fre-

Fig. 15 — antena; 16 — extremidade distal do labro-epifaringe; 17 — extremidade distal do hipofaringe; 18 — extremidade proximal do cibário; 19 — mandíbula; 20 — palpo maxilar (aumentado o orgão sensorial); 21 — galea; 22 — lábio, lado D; 23 — perna anterior; 24 — perna média; 25 — perna posterior; 26 — extremidade distal do tarsômero I e tarsômero II; 27 — pinça, lado D; 28 a 30 — extremidades distais de pinças; 31 — processo anterior do falósoma, vista ventral; 32 — idem, idem; 33 — idem, vista lateral; 34 — cerca D e tergito X. Figs. 15, 16, 18, 33 e 34 desenhadas do exemplar n.º 72; 17, 19 a 28 e 31 do n.º 50; 30 e 32 do n.º35; 29 do n.º 99. Respectivamente na mesma escala as figs. 15 e 20; 16, 17, 28 a 30; 18 a 22; 19, 21, 26 e 27; 23 a 25; 31 a 33.


15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34
100 μ
300 μ
20 μ
500 μ

quentes cerdas curtas entremeadas com cerdas espiniformes iguais às da costa, acima; *Rs* com dupla fileira de cerdas curtas abaixo e uma fileira acima em sua secção distal; *r-m* muito pouco esclerotizada; cubital indivisa e com dupla curvatura. Secção basal do rádio e R_1 muito próximas à *Sc*, dividindo a célula sub-costal em duas. Membrana alar com enfumaçamento discreto.

Balancins mais claros que a coloração geral, com algumas escamas doiradas no pedúnculo.

Pernas castanhas enegrecidas, com cerdosidade preta; o ápice das tíbias apresenta um par e o dos tarsômeros I a III um esporão, recobertos por cerdas muito curtas e finas. *Par anterior* (fig. 7) com tarsômero I apresentando uma fileira de cerdas espiniformes pouco desenvolvidas e esclerotizadas na borda anterior; tarsômeros II e III com duas destas cerdas na extremidade distal. Garras (fig. 8) com dois dentes sub-basais. *Par médio* (fig. 9) com algumas cerdas espiniformes na extremidade apical da tíbia, um pouco mais desenvolvidas e esclerotizadas que as do par anterior; dupla fileira destas cerdas na borda anterior dos tarsômeros I a III; garras como no par anterior. *Par posterior* (fig. 10) com a serrilha de curtos espinhos na borda anterior do tarsômero I; calcípala (fig. 11) bem desenvolvida; as cerdas espiniformes da margem anterior, mais longas que as dos outros pares, dispõe-se apenas em uma fileira, com exceção do ápice. Tarsômero II sem pedisulco (fig. 11). Tarsômeros II e III com dupla fileira de cerdas espiniformes na margem anterior, iguais às do tarsômero I. Garras como nos pares anteriores.

Abdômen — Urômeros I a IV pretos foscos; V em diante pretos brilhantes. No I há uma franja de pêlos amarelos, grandemente desenvolvidos nos lados. Há escamas castanhas e cerdas negras esparsas pelos segmentos.

Placas tergais sub-iguais e ocupando quase tôda a superfície dorsal do segmento, a do urômero II sendo um pouco maior. Não há placas esternais.

Terminália — Gonapófises anteriores (fig. 12) pouco desenvolvidas e esclerotizadas, com algumas cerdas; expansões das gonapófises bem desenvolvidas, hialinas e com leve esclerotização na borda interna. *Paraproctos* e *cercas* (fig. 13) sem características especiais. *Forquilha genital* (fig. 14) com haste longa e bem esclerotizada; seus ramos são curtos, largos, bem esclerotizados, dando origem às expansões que são muito delgadas, hialinas e irregularmente fusiformes.

Macho — Coloração geral à vista desarmada e comprimento do corpo como na fêmea.

Cabeça — Fronto-clípeo triangular, com ligeira tonalidade

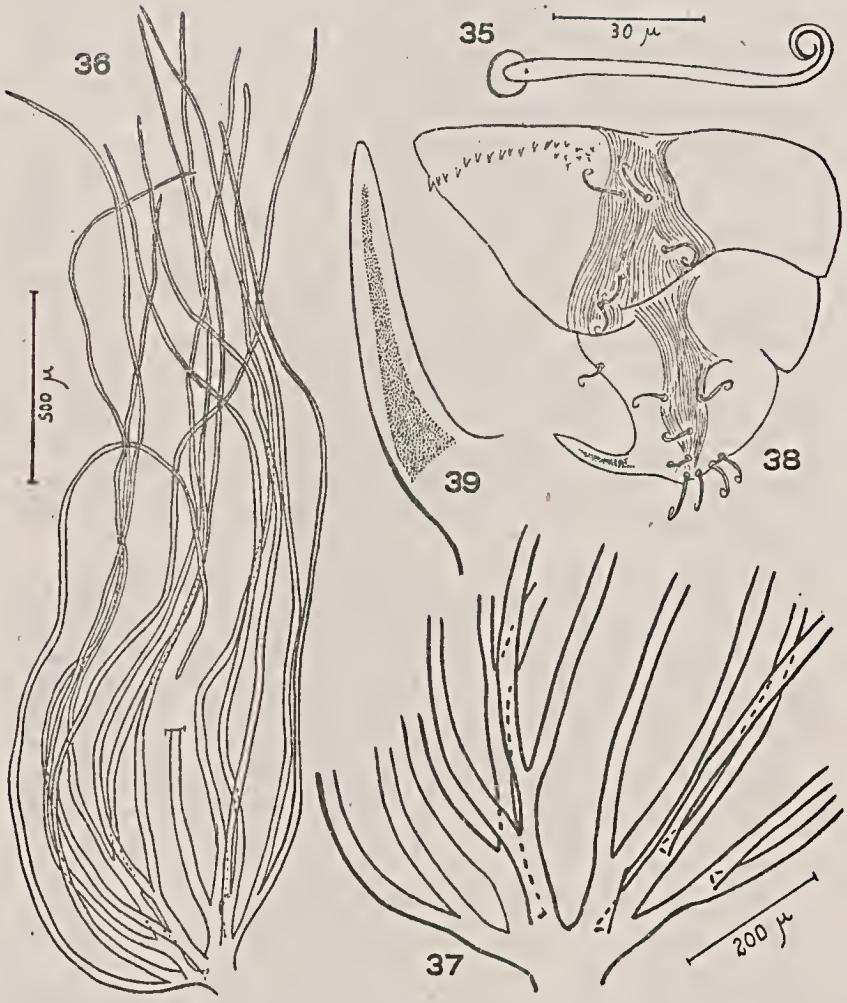


Fig. 35 — cerda diferenciada da pele pupal cefálica; 36 — brânquias respiratórias; 37 — idem, porção basal aumentada; 38 — extremidade posterior da pele pupal, vista lateral; 39 — esporão da extremidade abdominal. Figs. 35, 38 e 39 desenhadas do exemplar n.° 99; 36 e 37 do n.ò 50. Respectivamente na mesma escala as figs. 35 e 39; 37 e 38.

ardósia e cerdas negras. Olhos com as características do sexo. Antenas (fig. 15) com onze artículos, os dois primeiros arredondados, o terceiro alongado. IV a X sub-iguais e o XI alongado e pontiagudo; os artículos I e II são castanhos e com cerdas mais desenvolvidas, os restantes com curta cerdosidade de reflexos alvacentos. Peças bucais castanhas, menos os palpos maxilares e lábio, que acompanham a coloração geral. Labro-epifaringe (fig. 16) na extremidade distal com o processo mediano afilado e terminando por se exteriorizar; na superficie dorsal dessa pequena porção exteriorizada notam-se algumas cerdas longas e hialinas; os processos laterais do labro na porção distal são finos e alargados, onde há numerosas cerdas longas hialinas. Na porção mediana e ventral nota-se de cada lado um orgão sensorial com um curto espinho bem esclerotizado. Hipofaringe (fig. 17) estreito, com a extremidade distal afilada, tendo nas margens cerdas longas, finas e hialinas. Cibário (fig. 18) com a extremidade proximal hialina e inerme; as córnuas são pouco desenvolvidas e bem esclerotizadas. Mandíbulas (fig. 19) muito hialinas e delgadas. Maxilas com palpos maxilares (fig. 20) tendo o orgão sensorial de Lutz muito pouco desenvolvido; galeas (fig. 21) alongadas, hialinas, tendo na superfície interna cerdas curtas e não esclerotizadas. Lábios (fig. 22) normais.

Tórax — Escudo e calos umerais pretos aveludados, com tonalidade ardósia muito discreta, observável apenas em algumas incidências luminosas; são densamente revestidos por escamas lineares curtas, de coloração castanha e de distribuição difusa. Estas escamas faltam na região préescutelar, onde se observam numerosas cerdas negras bem desenvolvidas. Escutelo com reflexos alvacentos discretos e cerdas negras. Pósnoto glabro com reflexos alvacentos. Pleuras ardósias, com cerdas negras no pronoto, um tufo de cerdas na parte superior do mesoepímero e outros de escamas claras no posparáptero.

Asas como na fêmea.

Balancins negros com reflexos ardósias.

Pernas (figs. 23 a 26) como na fêmea. Garras com as características do sexo.

Abdômen — Preto aveludado com reflexos ardósias. Há cerdas negras esparsas, que no urômero I são longas e se dispõe formando uma franja na borda posterior; escamas castanhas esparsas pelos segmentos. Placas tergais sub-iguais, ocupando a superfície dorsal dos segmentos. Placas esternais pequenas, sub-iguais e gradativamente menores em direção aos urômeros posteriores.

Terminália — Pinças (figs. 27 a 30) recurvadas para cima e para dentro, com cerdas bem desenvolvidas, menos na parte interna, onde são curtas; lobo basal cônico com ápice truncado; lobo

apical cônico, estreito, com cêrca de 1/3 da largura do basal e apresentando 2 a 3 dentes fortes e bem esclerotizados na parte interna do ápice; há exemplares com 2 dêstes dentes de cada lado, outros com 2 de um lado e 3 no oposto e outros com 3 de cada lado. Falósoma com o processo anterior (figs. 31 a 33), em vista ventral, arqueado, com os dois ápices ligeiramente esclerotizados; a borda superior é arredondada e projeta-se discretamente em direção ventral, o que pode ser bem observado em vista lateral; apresenta-se densamente revestido por muito curta espiculosidade. Nos ápices do processo anterior, por trás, há origem de uma membrana estreita, muito pouco esclerotizada, que se dirige para a região anal. Não há um processo posterior do falósoma evidenciável. Cercas (fig. 34) sem características especiais.

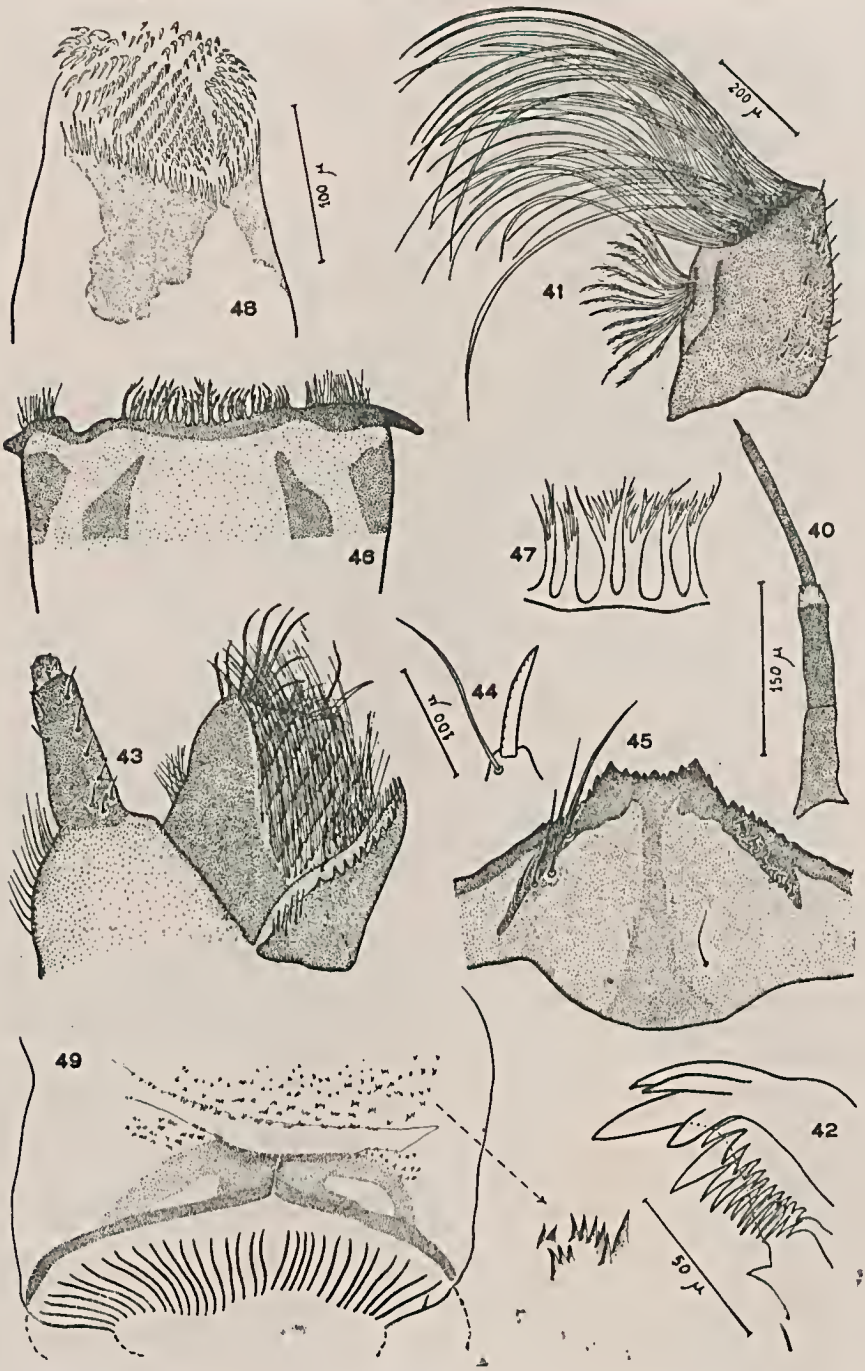
Pupa — *Casulo* formado por um tecido muito frouxo, sem forma perfeitamente definida, ao qual ficam aderidos detritos.

Pele pupal — *Cefálica* com um par de cerdas entre os estojos das antenas, bem desenvolvidas e com a extremidade espiralada, a qual termina por uma pequena porção filamentosa (fig. 35). *Toráxica* com algumas cerdas iguais às anteriores e outras longas e finas na parte súpero-lateral. *Brânquias respiratórias* (figs. 36 e 37) com 14 ramos de cada lado, com cêrca de 2,5 mm. de comprimento. O tronco principal fornece imediatamente 6 troncos secundários. Os 3 ventrais e o mais dorsal logo após sua origem fornecem por bifurcação 2 ramos cada; os 2 médio-dorsais por bifurcação próxima à sua origem fornecem 2 ramos, sendo que um dêles, logo após torna a se bifurcar, dando mais um ramo. O tronco principal é finalmente espiculoso e os ramos são finamente granulosos, sendo que após a dicotomização final assumem um aspecto pseudosegmentado; o ápice é rombo. *Abdominal*: dorsalmente, no segmento I há uma fileira com 3 cerdas finas e curtas de cada lado e algumas finas e longas mais para os lados; II com uma fileira próxima à margem posterior de 6 cerdas de cada lado, um pouco mais espessas que as do I; III e IV com uma fileira na margem posterior de 4 cerdas espiniformes de cada lado, curtas e fortes, voltadas para a frente; V com curtos espinhos voltados para trás, dispostos em 4 grupos de 1 ou 2 fileiras, na margem anterior; VI a VIII com longa fileira de espinhos iguais aos do V, em tôda margem anterior; IX com 2 ganchos muito desenvolvidos, esclerotizados e voltados para diante (figs. 38 e 39). Nos VIII e IX, principalmente na membrana entre os tergitos e esternitos, há diversas cerdas longas e de ápice espiralado, iguais às descritas nas peles cefálica e toráxica (fig. 38). Ventralmente, nos segmentos III e IV há raras cerdas curtas e finas; V a VII com 2 pares de ganchos de cada lado, na margem posterior, bem desenvolvidos e esclerotizados, voltados para diante.

Larva — *Cabeça*: Antenas (fig. 40) triarticuladas, o I apre-

sentando próximo ao meio uma constrição circular nítida e na extremidade distal um par de curtos espinhos; comprimento dos segmentos em micra: I — 184, II — 146, III — 19. Escôva cefálica (fig. 41) tendo na extremidade distal um tufo de cerdas grossas, longas, sinuosas e com pectinação muito fina na borda inferior; no meio da borda interna há outro tufo de cerdas, com cêrca de 1/3 do comprimento das anteriores e com fina pectinação em ambos os lados, mais evidente nos ápices. Mandíbula alongada, com tufos de cerdas de disposição normal, sendo que na borda superior há uma fileira de cerdas muito largas; no tufo inferior as cerdas têm o ápice pectinado; ângulo súpero-interno (fig. 42) bem esclerotizado, com um grupo de 3 dentes bem desenvolvidos, sendo 2 superiores de tamanho médio e um imediatamente inferior, grande; abaixo dêsses há 2 fileiras com 12 dentes cada, cujo tamanho e esclerotização vão diminuindo em direção para baixo; na borda interna, logo abaixo dêsses grupos de dentes, há 2 processos aculeiformes hialinos, o superior sendo maior. Palpo maxilar (fig. 43) cônico, alongado, com a extremidade distal arredondada, hialina, tendo 6 espinhos curtos e hialinos. Maxila (fig. 43) arredondada e com cerdosidade normal; na parte apical há uma cerda diferenciada (fig. 44) bem desenvolvida, hialina e implantada num tubérculo; partindo do meio da base, em direção ao meio da borda interna há um sulco profundo, sendo a borda de sua porção inferior ornamentada por uma fileira de acúleos, cujo tamanho vai aumentando em direção à borda interna. Mento (fig. 45) tendo na borda superior 3 dentes maiores, um mediano e um em cada extremidade, entre êles havendo 3 dentes de cada lado, um pouco menores; nas bordas laterais há de cada lado 2 dentes iguais aos superiores em tamanho e esclerotização e um grupo mais inferior de 3 a 6 dentes, menores e pouco esclerotizados; próximo às bordas laterais há uma fileira de cerdas bem desenvolvidas e longas. Escôva do canal alimentar (fig. 46) tendo na porção mediana um grupo de cerdas diferenciadas (fig. 47), curtas, espessas, com ápice pectinado, sendo as 2 medianas mais desenvolvidas. De cada lado há um grupo de finas e curtas cerdas. Escôva da glândula siricígena tendo de cada lado um tufo denso de cerdas muito finas e alongadas. No espaço mediano há um tufo denso de curtas cerdas diferenciadas e de cada lado uma formação arredondada com alguns espinhos curtos e grossos. Abaixo dessas há 2 fileiras de cerdas ligeiramente espessadas e hialinas.

Fig. 40 — antena; 41 — escôva cefálica 42 — ângulo súpero-interno da mandíbula; 43 — maxila e palpo maxilar; 44 — porção apical da maxila; 45 — mento; 46 — escôva do canal alimentar; 47 — idem, cerdas diferenciadas aumentadas; 48 — extremidade distal do pseudópodo; 49 — extremidade posterior da larva. Figs. 40 a 45 desenhadas do exemplar n.º 104; 46 a 49 do n.º 105. Respectivamente na mesma escala as figs. 40, 43, 45 e 49; 42. 47 e aumento da fig. 49; 46 e 48


48
100 μ
41
200 μ
46
47
40
150 μ
43
44
100 μ
45
49
42
50 μ

Tórax: com pseudópodo com disco anterior (fig. 48) armado com numerosas fileiras de ganchos e bem entalhado no lado voltado para o corpo da larva. Na base dêsse disco há uma fileira de espinhos longos, finos e hialinos.

Abdômen: com a extremidade posterior (fig. 49) com a armadura anal constituida por 2 barras muito esclerotizadas, um tanto paralelas, fundindo-se na porção mediana posterior; a barra inferior é mais fina, mais esclerotizada e quase atinge o meio da face lateral da larva. Disco posterior constituido mais ou menos por uma centena de fileiras com cêrca de 15 ganchos cada. Brânquias anais constituidas por 3 ramos simples, grossos, muito hialinos, sòmente observáveis nos exemplares que as protraem no momento da fixação. Em volta do orifício de protração das brânquias anais há cêrca de 6 fileiras com numerosos espículos bem esclerotizados, com ápice simples, bífido ou trífido. Ventralmente e próximo ao disco posterior há um par de pequenos tubérculos.

Tipos — Entre o material de L. *pernigrum* da coleção Adolpho Lutz do Instituto Oswaldo Cruz, nos deparamos com uma série de 11 exemplares fêmeas, em 5 alfinetes, sem outra indicação que a de um rótulo datilografado, no qual se lê: *S. montanum*. O restante do material é identificado como *S. pernigrum* e datado de 1910 ou posteriormente ainda, o que nos leva a concluir que aquela série foi a que serviu para a descrição de 1909, quando Lutz considerava a espécie como *S. montanum*. Assim pensando, admitimos que a localidade dêsse material é a citada por Lutz (1909:135), isto é, Serra da Bocaina, a 1.500 m. de altitude, o qual deve ter sido capturado antes de 1909. Lutz (*loc. cit.*) ainda refere que a espécie foi "creada de larvas encontradas na vizinhança de Petropolis". Sôbre êsse material, reiteradamente procurado, não encontramos qualquer vestígio.

Assim sendo, elegemos para *lectótipo* o exemplar n.º 199 da referida coleção, que se encontra dissecado e montado em 2 lâminas; como *paralectótipos* temos os n.º 441, 2 exemplares num alfinete, n.º 442, 3 exemplares num alfinete, n.º 443, 2 exemplares num alfinente e n.º 444, 3 exemplares num alfinete.

Para *alótipo* macho escolhemos o exemplar n.º 50 da coleção *Diptera* do Departamento de Zoologia da Secr. de Agricultura de S. Paulo, que se encontra dissecado e montado em 3 lâminas, inclusive a respectiva pele pupal.

Localidade tipo — Serra da Bocaina (1.500m. de altitude), Est. de São Paulo, Brasil (A. Lutz col. ?).

Distribuição geográfica e material estudado — Lutz em 1909 refere a espécie como "encontrada na serra da Bocaina, a 1.500 m. de altitude e *creada de larvas* (o grifo é nosso) encontradas na vizinhança de Petropolis".

Em 1910 assim se refere: "Consegui reunir não somente grande numero de femeas (acima de um cento), mas achar tambem as respectivas larvas e pupas em varios lugares da Serra da Bocaina. As primeiras foram apanhadas na barriga de cavalos, numa altura acima de 1.500 m.; não atacavam quasi os homens que os acompanhavam".

Do material do Instituto Oswaldo Cruz estudamos 11 exemplares fêmeas, agrupados por uma etiqueta datilografada com a indicação *S. montanum*, sem localização, data ou capturador; essa série, por nós considerada cotipica, receben os números 199, 441 a 444.

Num tubo entomológico (que se apresenta rotulado Ponte Alta, Serra da Bocaina, 1910, 125 exemplares) encontramos 3 cápsulas gelatinosas, iguais às usadas em produtos farmacêuticos, contendo ao todo 187 exemplares, cada cápsula apresentando uma etiqueta, na qual se lê: Fazenda do Bonito. Pasto Velho. II/1913. Dêsses, 15 exemplares foram montados em alfinetes e inclusos na coleção do Departamento de Zoologia sob os n.º 260 a 262, 265, 266, 268, 270 a 274, 276 a 279; 16 exemplares, também montados em alfinetes, com os n.º 445 a 460, passaram a figurar na coleção do Instituto Oswaldo Cruz; os restantes foram colocados em álcool glicerinado e receberam o n.º 461 da coleção do Instituto Oswaldo Cruz.

Ainda estudamos as lâminas n.º 196, pupa, rotulada *S. pernigrum*, Lutz — S. da Sobaina; n.º 197, pupa, *S. pernigrum*, Lutz — S. da Bocaina, 1910; n.º 198, pupa, *S. pernigrum* — S. da Bocaina, 1910; n.º 200, pupa, *S. pernigrum* -- Bocaina, 1910; n.º 201, pupa, *S. pernigrum*, Lutz — F. do Bonito, S. da Bocaina, II-1915; n.º 202, pupa *S. pernigrum* — S. da Bocaina, II-1915; n.º 203, pupa, *S. pernigrum, Lutz* — S. da Bocaina.

Da coleção *Diptera* do Departamento de Zoologia da Secretaria de Agricultura de São Paulo estudamos o seguinte material: n.º 29 a 60, 21 ♂♂ e 11 ♀♀, ex-pupas, n.º 61, larvas, n.º 62, pupas e peles pupais, Itatiaia (2.100 m., Riacho Agua Chorada, Km. 15½), Est. do Rio, Br. (Andretta Jr. col., 23.1.1948); n.º 63 a 96,19 ♂♂ e 15 ♀♀,ex-pupas, n.º 97 e 99, pupas e peles pupais, n.º 98, 101 a 105, larvas, Itatiaia (1.800 m., Macieiras), Est. do Rio, Br. (Andretta Jr. col., 24.1.1948); n.º 106, larvas e peles pupais, Itatiaia 2.200 m., Planalto, Km. 19½), Est. do Rio, Br. (Andretta Jr. col., 25.1.1948).

RESUMO

Nêste trabalho é feita a redescrição da fêmea, pupa e a descrição do alótipo macho e larva de *Lutzsimulium pernigrum* (Lutz, 1910), *n. comb.* É também apresentada a chave para gêneros de *Simuliidae*, segundo Smart (1945), novamente modificada, assim como são tecidas considerações sôbre o gênero *Lutzsimulium* Andr. & Andr., 1946, o qual é redefinido.

ABSTRACT

In this work a redescription of the female, pupa, and the description of the male alotype and the larva of *Lutzsimulium pernigrum* (Lutz, 1910) (n. comb.) are given. Also some coments on and a further definition of the genus *Lutzsimulium* Andr. & Andr., 1946 are presented, as well as a new key for the genera of *Simuliidae*, based on Smart (1945).

BIBLIOGRAFIA

1. LUTZ, A., - 1909 — Contribuição para o conhecimento das espécies brasileiras do genero "Simulium". *Mem. Inst. Oswaldo Cruz,* 1(2) :124-146.
2. LUTZ, A. - 1910 — Segunda contribuição para o conhecimento das espécies brasileiras do genero "Simulium". *Ibid.,* 2(2) :213-267, ests. 18-21.
3. SURCOUF, J. M. R. & GONZALES-RINCONES, R. - 1911 — *Essai sur les Diptères vulnérants du Venezuela,* 1:1-320, Paris.
4. PINTO, C. - 1930 — *Tratado de parasitologia. Vol. IV. Arthrópodes parasitos e transmissores de doenças,* 2:397-845, figs. 191-356, ests. 6-36, Rio de Janeiro.
5. PINTO, C. — Simulidae da America Central e do Sul (Diptera). *Sépt. reun. Soc. Arg. Pat. Reg. Norte,* Tucumán: 661-763, 41 figs.
6. PINTO, C. - 1938 — *Zoo-parasitos de interesse medico e veterinario,* 376 pp., 162 figs., 106 ests., Rio de Janeiro.
7. RUBZOV, I. A. - 1940 — Faune de l'URSS. Insectes Diptères. Vol. VI, n.º 6: fam. *Simuliidae. Inst. zool. Acad. Sci. URSS* (*n. s.*), n.º 23, IX+533 pp., 993 figs. Moscou (Em russo com sumário em inglês)
8. NICHOLSON, H. P. - 1945 — The morphology of the mouthparts of the non-biting blackfly, *Eusimulium dacotense* D. & S., as compared with those of the biting species, *Simulium venustum* Say (*Diptera*: *Simuliidae*). *Ann. Entom. Soc. Amer.,* 38(2) :281-297, 25 figs.
9. SMART, J. - 1945 — The classification of the *Simuliidae* (*Diptera*). *Trans. R. ent. Soc. Lond.,* 95(8) :463-532.
10. VARGAS, L. - 1945 — Simulidos del Nuevo Mundo. *Monog. n.º 1 Inst. Salub. Enf. Trop.,* VI+241 pp., 10 ests., México.
11. IRIARTE, D. R. - 1946 — La familia Simuliidae en Venezuela. *Bol. Lab. Clin. Luiz Razetti,* 7(21-22) :401-482, 17 figs., 5 ests., 2 mapas.
12. ANDRETTA Jr., C. d' & ANDRETTA, M. A. V. d' - 1946 — As espécies neotropicais da família *Simuliidae* Schiner (*Diptera Nematocera*). II — *Lutzsimulium cruzi,* n. gen. e n. sp. e nova concepção da nervação das asas dos Simulídeos. *Mem. Inst. Oswaldo Cruz,* 44(3) :401-412, 35 figs.
    — Republicado *in ib.,* 45(3) :667-677, 1947, por haver sido impresso com incorreções tipográficas.
13. ANDRETTA Jr., C. d' & ANDRETTA, M, A, V. d' - 1948 — Espécies neotropicais da família *Simuliidae* Schiner (*Diptera Nematocera*).
    IV — *Lutzsimulium cruzi* Andr. & Andr., 1946: descrição do alótipo macho e da larva. *Arq. Zool. Est. S. Paulo,* 5(10) :637-647, 38 figs.
14. STONE, A. - 1949 — A new genus of *Simuliidae* from Alaska (*Diptera*). *Proc. Ent. Soc. Wash.,* 51(6) :260-267, 12 figs.

Vol. X, N.º 19 — pp. 325-334 10-V-1952

PAPÉIS AVULSOS
DO
DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA
SECRETARIA DA AGRICULTURA — S. PAULO - BRASIL

REDESCOBRIMENTO DE *MITU MITU* (LINNÉ) NO NORDESTE DO BRASIL (EST. DE ALAGOAS)

PROVADA A INDEPENDÊNCIA DE *MITU TUBEROSUS* (SPIX) COMO ESPÉCIE APARTE

por

OLIVERIO M. DE O. PINTO

I

— GENERALIDADES —

Dos frutos advindos da recente excursão zoológica que fizemos em Alagoas entre setembro e novembro de 1951, nenhum será mais interessante e inesperado do que a verificação da presença de um representante do gênero *Mitu* nas consideráveis reservas de mata que fazem atualmente do Estado em questão, entre os do nordeste extremo, o melhor aquinhoado sob êste ponto de vista. Com efeito, desde a era remota da ocupação holandeza, quando Marcgrave, antes de qualquer outro, teve ocasião de descrever uma espécie com aquele nome indígena em sua celebrada *Historia Naturalis Brasiliae*, nunca mais se teve notícia certa, ao que sabemos, da existência de semelhante galináceo naquele recanto do Brasil. É fácil assim imaginar o agradável da surprêsa que tivemos quando, na manhã do dia 5 de outubro, ao voltar da batida diária aos arredores do acampamento à beira das grandes matas do município de São Miguel dos Campos, deparamos com um magnífico exemplar da espécie marcgraviana, abatido momentos antes pelo nosso caçador contratado.

Ao manusear o espécime, que à preparação se verificou ser uma ♀ em excelentes condições de desenvolvimento e plumagem, a primeira impressão foi a de que se tratasse da espécie amazônica

hoje universalmente conhecida pela denominação lineana de *Mitu mitu,* pela qual se atesta a geral convicção de ser ela a mesma ave registrada no nordeste do Brasil em começos do século XVII. Mais tarde, examinando-o mais detidamente, verificávamos que assim incidíamos mais uma vez no duplo êrro cometido em nossos comentários à edição brasileira do livro de Marcgrave (1), quando sob o falso argumento de que a espécie "circunscreve-se atualmente à Amazonia, nenhum explorador a havendo encontrado, que nos conste, fora d'ali", aventuramos a possibilidade de haverem de lá procedido o exemplar, ou os exemplares, utilizados por aquele naturalista em sua descrição de "Mitu vel Mutu Brasiliensibus". Êrro não sómente nosso, como de quantos têm tratado do assunto, entre eles C. E. Hellmayr, que não só considerava também fora de dúvida a identidade da ave amazonica com a nordestina, mas ainda da mais alta probabilidade a origem amazonense da ave descrita por Marcgrave (2).

Com efeito, estas suposições foram postas por terra pela comparação da ♀ de Alagoas com a série numerosa de exemplares amazônicos rotulados como *"Mitu mitu"* nas coleções do Departamento de Zoologia, e a imediata verificação de tratar-se de duas espécies evidentemente distintas, embora muito de perto aparentadas.

Cingindo-nos, como de praxe, aos caracteres externos, vamos desde logo sumariar em quadro comparativo os pontos capitais em que a ave nordestina difere da congênere amazônica com que vinha sendo invariàvelmente confundida. Antes, porém, de entrarmos nessa diagnose das duas espécies em questão, convém que lhes fixemos desde logo a nomenclatura, restituindo à primeira a denominação lineana de *Mitu mitu,* que privativamente lhe cabe (1), e revivendo para a última a feliz denominação proposta por Spix, ao batisar como *Crax tuberosa* (2) os exemplares que obtivera no Rio Solimões.

---

(1) Vide Olivério Pinto, nos comentários à parte ornitológica da obra de G. Marcgrave na *"História Natural do Brasil"* (edição brasileira publ. em 1942 sob os auspícios do Museu Paulista). Comentários, pg. LXVII, n.º 514. Destes Comentários há reimpressão mandada fazer pelo Dept. de Zoologia da Secret. da Agricultura de São Paulo, em 1946.

(2) G. E. Hellmayr, *Revision der Spix'schen Typen,* em Abhandl. der K. Bayer Akad. der Wiss., II Kl., XXII, Bd., III abt., pg. 688 (1906).

(1) Como é unànimemente reconhecido e aceito, "Mitu seu Mutu" de Marcgrave é a base exclusiva de *Crax Mitu* Linné, 1766 (*Systema Naturae,* ed. 12.ª, tomo I, pg. 270); Willughby e Ray, citados pelo naturalista sueco, só conheceram também a ave através de Marcgrave.

(2) *Crax tuberosa* Spix, 1825, *Av. Nov. Bras.,* II. pg. 51, tab. LXVII *a*: "Habitat in sylvis flumen Solimoëns".

Papéis Avulsos
Vol. X, N.º 19 (1952)

Estampa I
Mitu mitu (Linné). Cabeça, vista de cima e de perfil.

Papéis Avulsos
Vol. X, N.º 19 (1952)

Estampa II
Mitu tuberosus (Spix). Cabeça, vista de cima e de perfil

II

CARACTERES DIAGNÓSTICOS ENTRE *MITU MITU* (LINNÉ) E *MITU TUBEROSUS* (Spix)

Mitu mitu (Linné)

1) Rectrizes centrais pretas até a extremidade, com indícios de um debrum ruivo-esbranquiçado na orla terminal.
2) Rectrizes laterais com a extremidade branco-sujo, ou arruivascada, e mal delimitada com o preto da porção restante das ditas.
3) Bico de tamanho moderado, com a maxila relativamente pouco elevada, de cúlmen cortante, e comprimida lateralmente em toda a sua extensão.
4) Baixo abdomen de colorido ferrugíneo claro passando a canela nas coberteiras infracaudais.
5) Penas pretas do lado inferior do corpo, coberteiras superiores da cauda (também, embora muito menos distintamente, todas as penas do lado dorsal, rêmiges inclusive), com as bordas mais ou menos foscas, pardo-arruivadas.
6) Pescoço preto, com esbôço (pelo menos no exemplar em estudo) de uma nódoa ferruginosa na porção mais baixa da garganta.
7) Porte mais reduzido do que o da espécie amazônica (vide a tabela de medidas).
8) Topete (a julgar pelo exemplar único, uma ♀) reduzido, assim no tamanho, como no número de penas, embora perfeitamente caracterizado.

Mitu tuberosus (Spix)

1) Rectrizes centrais com grande faixa terminal de colorido branco puro, como as laterais (em que todavia a largura da faixa diminue gradativamente, atingindo ao mínimo nas externas).
2) O branco da extremidade das rectrizes é bem delimitado, fazendo vivo contraste com o preto, embora, às vezes, com interposição de uma zona arruivascada.
3) Bico maior, com a maxila muito mais elevada, e entumecida na base em forma de tuberosidade mais ou menos desenvolvida, conforme o sexo (maior nos ♂♂) e idade.
4) Baixo abdomen, coberteiras infracaudais e adjacente porção das tibias, de colorido castanho intenso, tirante a chocolate.

5) Penas tanto do lado dorsal como ventral, inclusive as coberteiras superiores da cauda e as rectrizes, pretas, lustradas de azul-ferrete intenso, sem qualquer tonalidade diferente na orla.
6) Pescoço negro, sem mancha e nem brilho.
7) Porte sensivelmente mais avantajado em todas as proporções do que em *Mitu mitu*.

III

DIFERENÇA DE TAMANHO ENTRE A ESPÉCIE NORDESTINA E SUA SIMILAR AMAZÔNICA

A diferença de tamanho entre a espécie nordestina e a amazonense ressalta do seguinte quadro em que, pondo de parte os ♂♂ (não diferentes, aliás), se comparam as medidas (em milímetros, pelo compasso) da ♀ de Alagoas com 4 exemplares adultos da bacia amazônica, pertencentes ao mesmo sexo:

	asa	cauda	cúlmen
São Miguel dos Campos (Alagoas)	365	337	52
Foz do Rio Curuá (marg. direita do baixo Amazonas	409	355	66
Idem	379	337	58
Piquiatuba (marg. direita do rio Tapajós) ...	392	332	63
"Amazonia" (viveu em cativeiro)	395	345	—

IV

REFLEXÕES CRÍTICAS SÔBRE A DESCRIÇÃO DE MARCGRAVE

Conhecidas as características da espécie nordeste-brasileira, vale a pena analisar, em seus pontos principais, a descrição original de "Mitu" na obra de Marcgrave. Isso nos dá a confirmação plena de ter esse velho autor se ocupado da mesma ave redescoberta agora nas matas de Alagoas, fazendo ao mesmo tempo desaparecer as lacunas e obscuridades que se era levado a atribuir à mencionada descrição, no errôneo pressuposto de que ela deveria também caber à espécie amazônica, descoberta dois séculos depois.

Esclarece-se em primeiro lugar o motivo pelo qual Marcgrave nada diz sôbre as extremidades brancas das rectrizes, caráter conspícuo em *M. tuberosus*, mas que em *M. mitu* não se impõe ao observador, e é de todo imperceptível a quem contemple a ave de costas, ou em decúbito ventral. Para explicar essa pretensa omissão, auto-

res como Hellmayr & Conover (1), depois de A. Schneider (2), chegaram a aventar a possibilidade de haver Marcgrave se defrontado com um exemplar da espécie amazônica mantido em cativeiro, e com a ponta da cauda destruida em consequência disso.

Também muito mal caberia ao bico da espécie de Spix o que a respeito do da sua refere Marcgrave, descrevendo-o como não grosso ("insigne, non crassum") e silenciando sôbre a tuberosidade basal que, se existisse, seguramente seria referida.

Dando ao baixo ventre de "Mitu" cor parda, quase como a da perdiz ("ventre & sub ano, ubi brunnis coloris est, fere ut perdix"), é também claro tenha tido o velho naturalista debaixo dos olhos o mutum nordestino, porquanto na ave amazônica aquela parte da plumagem se apresenta muito mais carregada na cor, que é acastanhada ou chocolate, em vez de ferruginosa como na ave européia usada para comparação.

A descrição do topete abre margem a análoga reflexão; o que nos diz Marcgrave das penas pretas superpostas e deitadas, de modo a não serem quase notadas por quem ignore a sua existência ("in summo capite habet penas nigras complicatas in plamissimam quase mitellam, ut nesciens vix possit agnoscere"), tanto quanto nos é dado observar, aplica-se muito melhor a *Mitu mitu* do que a *M. tuberosus*.

V

REFERÊNCIAS E DADOS EXATOS SÔBRE *MITU MITU* ENCONTRADOS EM H. BURMEISTER

Dissemos, no início, que depois de Marcgrave nunca mais houve na literatura científica notícia certa da presença no nordeste brasileiro de qualquer representante selvagem do gênero *Mitu*. Isso não implica o esquecimento de que, por singular exceção, H. Burmeister, em seu conhecido e precioso apanhado sistemático dos animais do Brasil (3), sob as denominações de *Urax tuberosa* e *Urax mitu*, reconhecera não só a dualidade das espécies agora em discussão, mas ainda acrescentara às características da ave nordestina

(1) Hellmayr & Conover, *Catologue of Birds of the Americas* (Field Museum of Nat. Hist., Zool. Ser., vol. XIII), pte. I, n.º 1, pg. 115, nota 2 (1942).

(2) Ad Schneider, *Die Vogelbiler des George Marcgrave*, em Journal für Ornithologie, vol. 86, pg. 99 (1938). São interessantes os termos com que êste autor se externa a respeito: "Es könnte angenommen werden, dass beim Grafen Moritz gefangen gehalten Exemplar die Schwanzfedern stark abgenützt hatte, sonst bliebe der Fehler unverständlich".

(3) Hermann Burmeister, *Systematische Uebersicht der Thiere Brasiliens*, vol. III, Vögel, pgs. 348 e 349 (1856).

pormenores descritivos e zoogeográficos que nos induzem fortemente à suposição de que dela houvesse tido em mãos exemplar autêntico, quiçá imaturo. Pelo menos, são peculiaridades da ave alagoana o culmen em aresta cortante ("Schnabel und Beine korallroth, ersterer mit scharfkantiger hoher Firste") e o comprimento relativamente pequeno das penas da crista ("Gefieder des Oberkopfes aufgerichtet, wenig verlängert"), umas e outras difíceis de extrair do texto marcgraviano, embora por êle não contrariadas.

Entretanto, não é possível dizer-se até que ponto vai no livro de Burmeister o conhecimento direto do assunto, posto que parece não ter sabido também fugir à confusão com a espécie oeste-septentrional, quando, com base ao que parece na literatura ornitológica de então, estende ao baixo Amazonas a área de dispersão de *Mitu mitu*. Abstraída essa circunstância, é muito digno de consideração o que mais informa aquele zoólogo a respeito da distribuição geográfica da espécie nordestina, dando-a como presente não só em Pernambuco, mas ainda no norte da Bahia. De feito, embora não saibamos se baseada em fatos, ou fruto de simples conjectura, coincide ela com o que de mais verossímil é lícito pensar sôbre a antiga área ocupada pela espécie em discussão.

VI

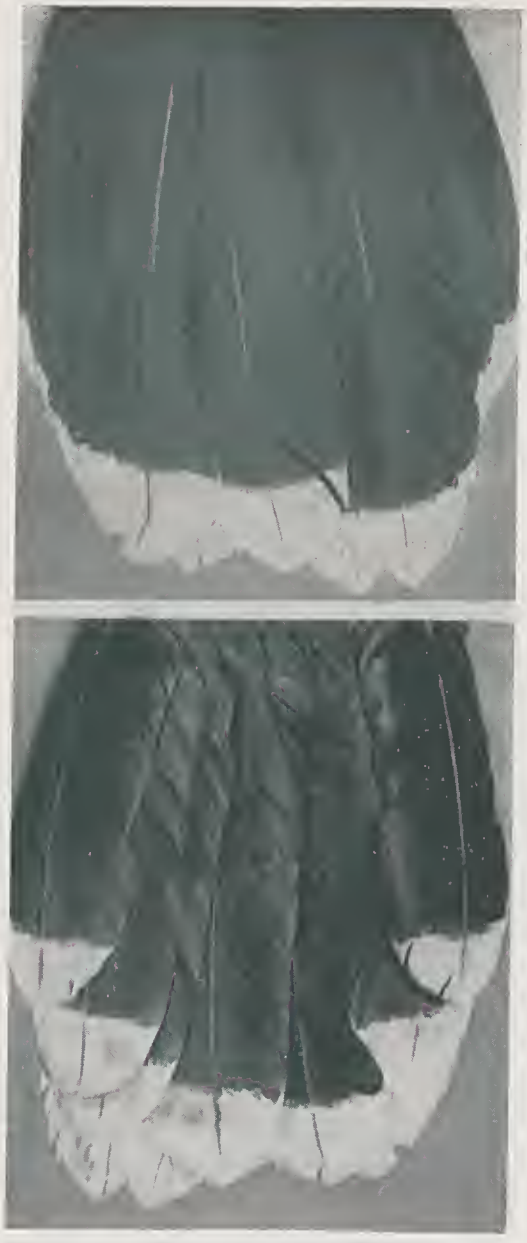
CIRCUNSTÂNCIAS EM QUE FOI OBTIDO O EXEMPLAR DE ALAGOAS

Graças à colaboração de um "caboclo" de nome José Pedro, por nós contratado ao instalar acampamento na região de São Miguel, é que nos foi dado conseguir o exemplar que serve de base ao presente trabalho. Na manhã de 5 de outubro (1951), tomara êle muito cedo a espingarda, internando-se na mata, com a esperança de conseguir afinal o macuco que tanto desejavamos possuir e nunca deixavamos de recomendar à sua atenção especial. Assim foi que, a alguns quilômetros da estrada que demanda a barra do Rio São Miguel, onde o planalto florestado descamba em abrupto declive para a baixada adjacente ao litoral, avistou êle na meia luz da picada o vulto escuro do grande galináceo, abatido sem maior dificuldade. O chão estava a toda volta juncado dos frutos de uma grande árvore conhecida na região com o nome de "castelo", os quais, segundo nos informou, são muito procurados por uma quantidade de animais de pêlo e pena, como veados, pacas, cotias, mutuns, macucos, inambús, jacús, pararis e tucanos. Reconhecendo um mutum na peça recém-abatida, surpreendeu-se todavia o nosso ca-

Papéis Avulsos
Vol. X, N.º 19 (1952)

Estampa III
Mitu mitu (Linné). Cauda, vista de cima (lado dorsal) e de baixo (lado ventral).

Papéis Avulsos
Vol. X, N.º 19 (1952)



Estampa IV
Mitu tuberosus (Spix). Cauda, vista dorsal e ventral.

çador ao verificar ser êle muito diferente dos que já havia matado em sua longa carreira de batedor de matas, o que faz supôr viva ainda na zona uma espécie do gênero *Crax*, conforme o velho testemunho de Marcgrave.

Ao preparar o exemplar, verificou-se a completa repleção, não só do estômago, mas da própria guela, pelos frutinhos em questão, os quais têm forma quadrilobada, colorido azul violáceo, e brilham quase como madrepérola. Tentativas que a princípio fizemos para determinar essa espécie botânica foram infelizmente infrutíferas, nenhuma referência à palavra "castelo", como nome de planta, se encontrando nos dicionários especializados, obras gerais e relatórios florísticos que nos foi dado consultar. Entretanto, tendo feito examinar um dos frutos por nós trazidos pelo sr. Moisés Kuhlmann, competente fitologista do Instituto de Botânica de São Paulo, foi verificada a sua exata semelhança com os de *Phyllanthus nobilis* Mueller, árvore grande (família *Euphorbiaceae*) largamente distribuida nas matas do Brasil septentrional e oriental, também encontradiça em São Paulo, onde gosa de várias denominações populares, tais como "moranguinha", "pérola vegetal", "catuaba", "salta cavaco", quase todas ouvidas pelo mencionado botânico na região de Amparo (1). Em qualquer hipótese, o "castelo" dos alagoanos é também, como pudemos verificar, árvore de agigantado porte e bastante comum nas matas que nos coube visitar.

VII

IMPORTÂNCIA ZOOGEOGRÁFICA DA EXISTÊNCIA DE *MITU* NO NORDESTE BRASILEIRO

Do ponto de vista da zoogeografia, é grande o interesse que se prende à confirmação da presença de uma espécie do gênero *Mitu* no nordeste brasileiro. Basta considerar que a relutância em admitir o fato há trezentos anos registrado por Marcgrave vinha, ao que parece, mais da convicção de tratar-se de um grupo confinado à região oeste-septentrional da América do Sul abrangida pela Hiléia, do que própriamente da falta de verificação ulterior da ocorrência no nordeste de um seu representante.

Temos novo argumento em favor da primitiva continuidade da selva amazonense com as matas do litoral nordeste-brasileiro, continuidade essa interrompida desde os primeiros séculos conse-

(1) Cf. M. Kuhlmann, *A flora do distrito de Ibiti* (atual Monte Alegre, município de Amparo), pgs. 84 e 164, Publicação do Instituto de Botânica, série B, (São Paulo, 1947).

cutivos à ocupação da zona pelos portugueses e, transitóriamente, pelos batavos. Tal ligação deveria ser provàvelmente estabelecida através da faixa litorânea, onde nos dias de hoje ainda repontam alguns resíduos da imponente vestimenta vegetal dos primeiros tempos. As matas remanescentes do leste pernambucano e, especialmente, as de Alagoas, fazem parte dêste conjunto, abrigando em seu seio muitas formas que a devastação completa das matas do Estado de Sergipe e norte da Bahia veio impedir que se estendam mais para o sul. Algumas espécies ornitológicas de idêntica origem, como *Amazona farinosa* e *Lipaugus vociferans,* reaparecem no sul da Bahia exibindo distribuição discontínua, cuja explicação é evidente. Não estaria porém neste número o gênero *Mitu,* cuja área de dispersão, si dermos crédito a Burmeister, deveria todavia ter atingido o norte do Estado que acabamos de mencionar.

VIII

NOTAS DE CAMPO SÔBRE A OCORRÊNCIA DE *MITU MITU* EM NOSSOS DIAS

Consignamos atraz o espanto que teve o nosso caboclo caçador diante de seu exemplar, valendo isso como prova do quanto deve ser rara nos dias de hoje a espécie há tanto tempo descoberta e depois disso não mais referida por qualquer naturalista ou colecionador.

Sem querer admitir seja o exemplar conseguido por nós o último representante de uma espécie cujo definitivo desaparecimento já estaria marcado pela derrubada iminente das últimas florestas da região em que vive, temos alguns elementos para avaliar a rapidez com que vem ela decaindo nos anos recentes.

A êsse respeito, consignamos em nosso diários de viagem algumas notas que supomos bastante curiosas, porquanto, posto de parte o seu lado pitoresco, justificam a convicção, que já alimentávamos, de viver na região um representante do gênero *Mitu,* antes mesmo que acaso feliz o confirmasse, brindando-nos com um exemplar. Trasladando-as aqui, move-nos o desejo, não tanto de amenizar o assunto, mas de recomendá-lo também às atenções dos amadores, sem cujo concurso é impossível qualquer ação eficaz contra a impiedosa devastação de nosso patrimônio histórico-natural.

Seja-nos, portanto, permitido reproduzir quase textualmente (retificadas apenas as erronias do linguajar plebeu), pelo seu sabor local, um trecho do colóquio que tivemos com dois madeireiros na

manhã de 1 de outubro, quando com êles nos encontrámos, ao acaso de nossas excursões:

"Deixando a derrubada, enveredámos pela trilha, no interior da mata, quase silenciosa. Enquanto andávamos, iamos palestrando:

— Aqui nesta mata ainda existem macucos?

— Ainda há muito, sim senhor. Mas é difícil topar com ela (*macuco* é aqui palavra feminina, como também na Bahia). Há ocasiões de se matar duas num dia, na espera, quando as mangabeiras (certa árvore grande da mata) estão com fruta. Quando eu era menino se matava muito...

— E o mutum?

— Também "tem", mas é ainda mais difícil.

— De que côr é o bico do mutum d'aqui?

— É *encarnado*.

— E na cabeça, não tem o mutum uma crista de penas?

— Não senhor. A *crista é pegada mesmo no bico*, e encarnada também como o bico (1).

— E a barriga, de que côr é?

— É *vermelhaça*. O resto é todo preto".

Não havia dúvida; esta descrição só podia caber, pensámos nós, ao "mutum cavalo", nome de que gosa, como se sabe, na Amazônia, a espécie com que a nordestina viveu sempre confundida.

Mas só nisso não ficaram os informes tomados ao sr. Manoel Senhorinha (alcunha tirada do nome materno). O que mais disse, respondendo às nossas novas interpelações, refere-se à questão importante do rápido declínio da espécie infeliz na região alagoana, com todas as probabilidades seu último reduto da infeliz espécie ornitológica.

— "Você já matou o mutum nestas matas?

— Já matei muitos. Está com três anos que matei o último. Quando eu era menino, minha mãe deu a uma galinha para chocar dois ovos de mutum, achados na mata. Os filhotes nasceram e cresceram. Estavam já grandes (mostrando com a mão a altura que tinha alcançado) quando ela os vendeu..."

Como o meu informante devia se referir evidentemente à mesma espécie, — depreende-se ter sido ela relativamente encontradiça na região de onde nunca saíra.

Quanto ao "Mitu poranga" descrito por Marcgrave como portador de bico amarelo e crista de penas crespas e encaracoladas, dúvida não há de tratar-se de espécie do gênero *Crax*, com toda probabilidade *C. fasciolata*. Devemos ter a esperança de consegui-la ainda na mesma região que acaba de nos dar o outro representante da família; então se saberá se pertence à raça maranhense da espécie (*C. fasciolata pinima*), ou outra, quiçá nova".

---

(1) Aqui há necessidade de esclarecer. Com efeito, comparado com o topete de penas revôltas do gênero *Crax*, o de *Mitu mitu* talvez não mereça ser considerado como tal. A chamada "crista" do bico alude à forma especial e saliente do culmen.

RÉSUMÉ

Une ♀ authentique de *Mitu mitu* Linné raccolté par l'Auteur au cours d'une récente expédition à l'État d'Alagoas, permet d'établir en définitif la diversité spécifique de l'oiseau amazonien au quel on applique généralemant la susdite appéllation.

En conséquence, le nom linnéen restera desormais privatif de l'espèce dont la première description a été donnée par Georges Marcgraff, dans sa renomée "Historia Naturalis Brasiliae". Du même coup, pour l'espèce amazonienne on doit révivre *Crax tuberosa* Spix, comme étant la plus encienne denomination qui lui soit propre.

Les différences plus importantes présentées par le "Mitu" de Alagoas vis-à-vis de son similaire amazonien sont les suivantes:

a) absence de bande terminale blanche aux rectrices centrales;

b) rectrices latérales avec la pointe blanchâtre (pas blanches comme en *M. tuberosus*) et de hauteur beaucoup moindre que à l'espèce rivale;

c) bec moins gros, à maxille latéralemant comprimée et sans vestige de renflement à sa base;

d) bas abdomen, sous-caudales et jambes d'un marron beaucoup plus clair;

e) dessous (haut abdomen e poitrine) d'un noir moins pur, melé de brun. Base de la gorge teintée de marron (caractère peut'être individuel);

f) taille sensiblement moins gros.

Vol. X — N.º 20, pp. 335-337 10-V-1952

PAPÉIS AVULSOS
DO
DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA
SECRETARIA DA AGRICULTURA — S. PAULO - BRASIL

NOTICIÁRIO

CÓDIGO INTERNACIONAL DE NOMENCLATURA ZOOLÓGICA

PROPOSTAS DE AMPLIAÇÃO, ESCLARECIMENTOS E ACRÉSCIMOS A SEREM CONSIDERADAS PELO XIV.º CONGRESSO INTERNACIONAL DE ZOOLOGIA (*)

Segundo é do conhecimento geral dos zoólogos e paleontólogos, o XIII.º Congresso Internacional de Zoologia, reunido em Paris em 1948, resolveu que se submetesse à decisão do próximo (XIV.º) Congresso Internacional de Zoologia, que deve realizar-se em Copenhague em 1953, certo número de problemas gerais, de grande importância e relativos ao texto do Código Internacional de Nomenclatura Zoológica. Decidiu ainda o XIII.º Congresso que, antes da apresentação desses problemas ao XIV.º Congresso, devia o Secretário-executivo da Comissão Internacional de Nomenclatura Zoológica trocar ideias com especialistas interessados nesses problemas e, feito isto, oferecer Relatórios completos, acompanhados de Recomandações, à consideração do próximo Congresso.

No desempenho da tarefa que assim lhe foi cometida, preparou o Secretário-executivo os estudos referentes a cada um dos problemas que lhe foram confiados para elaboração de Relatório, havendo em cada um deles indicado os pontos sobre que, a seu juizo, deve o Congresso em Copenhague tomar decisões. Nesses estudos preparou igualmente para deliberação uma série de sugestões decorrentes das consultas preliminares que foi possível realizar até agora.

O objectivo de tais estudos é provocar, sobre os pontos indicados, a expressão de opinião do maior número possível de especialistas neles interessados.

(*) — Nota preparada e expedida por Francis Hemming, Secretário executivo da Comissão Internacional de Nomenclatura Zoológica; e traduzida especialmente para "Papéis Avulsos" por Afrânio do Amaral, Vice-presidente da mesma Comissão.

São os seguintes os assuntos versados nesses estudos:

1. Emenda de nomes zoológicos: proposta substituição do Artigo 19 (do Código) por simples e claras regras, capazes de ser fàcilmente aplicadas. Referência da publicação da Comissão: Z. N.(S.) 356.
2. Esclarecimento e ampliação das regras relativas à denominação de Famílias (inclusive Super-famílias) e de categorias supra-genéricas de colocação mais baixa. Referência da publicação da Comissão: Z.N.(S.) 357.
3. Proposta introdução de regras para a disciplina da denominação de Ordens e de categorias taxonómicas mais elevadas. Referência da publicação da Comissão: Z. N. (S.) 360.
4. Espécie a ser aceita como tipo (espécie-tipo) de género nominal, cujo nome haja sido publicado em sinonimia geral: se nomes assim publicados são para se tratarem como possuidores de disponibilidade nomenclatural (isto é, se são nomenclaturalmente disponíveis). Referência da publicação da Comissão: Z.N.(S.) 387.
5. Tratamento a ser conferido a nome trivial que, ao ser pela primeira vez publicado, se aplicava a determinada espécie ou exemplar, mas que, ao mesmo tempo, tenha aparecido como substituto para outro nome préviamente publicado. Referência da publicação da Comissão: Z.N.(S.) 361.
6. Neótipos: saber se este conceito de exemplar-tipo deve ser reconhecido oficialmente e, no caso afirmativo, em que condições. Referência da publicação da Comissão: Z.N.(S.) 358.
7. Meios a serem inventados para o efeito de se assegurar estabilidade em nomenclatura zoológica. Referência da publicação da Comissão: Z.N.(S.) 359.

Um volume especial (vol. 7) do "Bulletin of Zoological Nomenclature" foi reservado para a publicação dos estudos supra-indicados, os quais, assim, conforme se pode imaginar, constituem parte importante da Agenda, relativa a questões de nomenclatura, do Congresso a ser realizado em Copenhague no ano vindouro. No dia 25 de Fevereiro de 1952 serão publicadas as Partes 1 e 2, com a primeira parcela dos referidos estudos; e, dentro das próximas 6 semanas, surgirá a parte restante do volume.

A finalidade da presente NOTA é chamar a atenção dos zoólogos e paleontólogos para as providências que estão sendo tomadas para que o Congresso em Copenhague, no ano vindouro, considere os aludidos problemas, bem como exprimir a esperança de que os Grupos de Nomenclatura, organizados em museus e outras institui-

ções científicas, além do maior número possível de especialistas, enviarão sem demora a resposta às questões sugeridas especificamente nos 7 ítens acima, indicando qual — em sua opinião pessoal ou, tratando-se de Grupos, na opinião dos respectivos membros — a decisão que se desejaria tomasse o Congresso em Copenhague, a propósito de cada um daqueles importantes problemas. É de esperar, especialmente, que o presente apelo provoque uma resposta bastante ampla e representativa, de modo que as propostas a serem apresentadas ao XIVº Congresso sejam capazes de suscitar o máximo apoio da parte dos zoólogos e paleontólogos em geral, assim daqueles que se ocupam de trabalhos de taxonomia, como daqueles que lidam no ensino de zoologia e geologia ou que mourejam nos diversos campos da biologia aplicada.

Os Grupos de Nomenclatura e os especialistas individualmente, que hajam por bem responder a este pedido de assistência e conselho prestarão duplo serviço se, ao se decidirem a auxiliar a Comissão Internacional, levarem a sua bondosa cooperação ao ponto de observarem o seguinte processo, ao enviarem seu parecer:

1. Quando se tratar de comentários sobre dois ou mais dos problemas gerais supra-indicados, cada comentário sobre um desses problemas deve ser redigido em folha especial de papel.
2. Cada comentário deve indicar claramente o Número de Referência de publicação da Comissão, isto é, Z.N.(S.), que está no fim de cada ítem da relação acima.
3. Os comentários devem ser feitos a máquina (dactilografados) apenas em uma face do papel, com margem ampla, e em duas vias.

A fim de haver tempo suficiente para o preparo dos Relatórios pedidos pelo XIII Congresso e, assim, possibilitar a distribuição desses Relatórios com bastante antecedência (com relação ao Congresso em Copenhague, em 1953), é de esperar especialmente que os Grupos de Nomenclatura e os especialistas individualmente, que se dignarem de responder ao presente apelo, levarão a sua gentileza ao ponto de remeterem os seus preciosos comentários e sugestões sem maior demora, tornando possível o seu recebimento no máximo até o dia 31 de Julho de 1952.

Quaisquer comunicações relativas ao presente apelo devem ser directamente enviadas ao seguinte endereço oficial:

"Mr. Francis Hemming
Secretary to the International Commission on Zoological Nomenclature
28 Park Village East. Regent's Park
London, N.W.1 — Inglaterra

Londres, 20 de Fevereiro de 1952.

ÍNDICE ALFABETICO

	Pgs.
abeillei, Orchesticus	204
Accipiter	167, 221
acutipennis, Chordeiles	225
aenea, Chloroceryle	226
aestiva, Amazona	225
affinis, Cacicus	204
affinis, Dysithamnus	229
agami, Agamia	221
Agamia	221
Agyrtrina	173, 225
Ajaia	221
ajaja, Ajaia	221
albicaudatus, Buteo	221
albicollis, Eucometis	233
albicollis, Leucopternis	222
albicollis, Leucochloris	176
albicollis, Turdus	198
albicollis, Xiphocolaptes	180
albifrons, Donacospiza	207
albigularis, Falco	222
albirostris, Archiplanus	204
albiventer, Dirias	114
albiventer, Fluvicola	229
albiventer, Turdus	199
alleni, Coereba	232
Alouatta	108
amabilis, Hexachaeta	305
amaurocephalus, Leptopogon	231
amaurochalinus, Turdus	198, 231
Amaurospiza	206
amaurotis, Xenicopsoides	183
Amazona	225
amazona, Chloroceryle	226
amazonica, Amazona	225
americana, Rhea	220
amethystina, Calliphlox	176
Anabazenops	183
anatinum, Drepanotrema	96
angolensis, Oryzoborus	206, 234
angustilineata, Notophyson	90
Anhima	221
Anhinga	220
anhinga, Anhinga	220
ani, Crotophaga	170, 224
annulipes, Aphestia	256
Anodontites	98
Anodorhynchus	224
Anthus	199
Anthracothorax	226
Anthrax	296
anumbi, Anumbius	183
Anumbius	183
Aphestia	356
Aphoebantus	296
apicalis, Mydas	29
apicula, Volucella	305
Aplexa	97
Ara	224
araguaiae, Furnarius	217, 228
araguayae, Sakesphorus	229
Aramides	223
ararauna, Ara	224
Aratinga	170, 225
araujoi, Rhopalogaster	211
Archiplanus	204, 233
Ardea	220
argentata, Callithrix	262, 264
argirostomus, Mydas	28
argyrophora, Atomosia	254
ariel, Ramphastos	178
Arremon	234
Arundinicola	229
Asilus	258
atimastus, Sirystes	230
Atomosia	209, 254, 255
atra, Tijuca	189
atricapillus, Donacobius	231
atricollis, Paroaria	234
atricollis, Saltador	234
Attila	189
aurantio-atro-cristatus, Empidonomus	230
aurantius, Trogon	177
aurea, Aratinga	225
aurea, Dasyprocta	119
auricapillus, Basileuterus	201, 232
auricularis, Myiornis	194
aurifrons, Meromacrus	303
aurifrons, Aratinga	170
aurita, Callithrix	262, 264

	Pgs.
aurulentus, Piculus	179
australis, Myiarchus	230
australis, Pteroglossus	227
Australorbis	94
Austrasimulium	309
Automolus	228
autuorii, Mydas	32
azarae, Cerdocyon	115
badius, Furnarius	182
baeri, Paroaria	234
bahiae, Myiarchus	230
bahiensis, Australorbis	95
bailloni, Baillonius	178
Baillonius	178
barbara, Tayra	116
barbiellinii, Promachima	258
barilensis, Uncancylus	98
Baryphthengus	177
basalis, Mydas	51
Basileuterus	201, 232
Batara	184
batista, Callicebus	128, 130
bellicosa, Hirundinea	193, 230
belzebul, Alouatta	141, 145
berlepschi, Polioptila	231
bezoarticus, Ozotocerus	119
bezzi, Quichuana	304
Biatas	184
bicegoi, Chiasmocleis	272
bilineata, Saccopteryx	112
bilophum, Heliactin	226
bivittatus, Lepidocolaptes	228
Blastocerus	120
bonariensis, Molothrus	205, 233
bouvreuil, Sporophila	234
Brachygalba	227
brasilianum, Glaucidium	171, 225
brasilianus, Anthus	199
brasiliensis, Aplexa	97
brasiliensis, Leopardus	116
brasiliensis, Polyborus	222
braziliensis, Tityra	190
brevicauda, Chamaeza	186
Braviceps	288
brevirostris, Agyrtrina	173
brevirostris, Phyllomyias	197
bronzina, Penelope	168
Brotogeris	171
Buteo	167, 221, 222
Butories	220
cabanisi, Piaya	224
Cabassous	124
Cacicus	204, 233
caerulea, Dacnis	200
caerulea, Nemosia	233
caerulescens, Sporophila	206
caerulescens, Thamnophilus	185
Cairina	221
Callicebus	128, 130
Calliphlox	176
Callithrix	109, 262, 264
campestris, Colaptes	179
campestris, Uropelia	224
Campylorhamphus	181
Camptostoma	197
candidus, Leuconerpes	227
caniceps, Myiopagis	231
capueira, Odontophorus	168
caraya, Alouatta	108, 141, 145
carbonaria, Threnia	240
Cardiocladius	133
Cariama	168
carolinensis, Microhyla	284
carreirai, Messiasia	55
Casiornis	229
castaneus, Pachyramphus	189
Cathartes	166
catilina, Notophyson	89
caudata, Chiroxiphia	190
caudatus, Theristicus	221
cayanensis, Myiozetetes	230
cayanus, Hoploxypterus	223
cayennensis, Mesembrinibis	221
cearae, Falco	168
cearensis, Cyclarhis	231
Cebus	108
cela, Cacicus	233
Celeus	227
centimetralis, Tropicorbis	95
centralis, Coendou	118
centralis, Chiasmocleis	274
centralis, Ramphocelus	232
Ceratotriccus	194
Cerdocyon	115
Cerioides	298
Certhiaxis	182, 228
Ceryle	226
chacuru, Nystalus	227
chapadensis, Xenops	228
chapadensis, Tamandua	123
Chamaeza	186, 187
Charadrius	223
chaseae, Odontostomus	98
Chelidoptera	227
Chiasmocleis	272, 274, 275, 277
chimachima, Milvago	167, 222
chiriri, Tirica	225
Chiroxiphia	190
chivi, Vireo	200, 232
chloricterus, Orthogonys	203
Chloroceryle	226
Chlorophonia	201

Pgs.
chloropoda, Phaëtusa 223
chloroptera, Tangara 202
chloropyga, Coereba 200
Chlorostilbon 175
Chondrohierax 221
Chordeiles 225
chrysauchenia, Zenaidura 224
chrysochlorus, Trogon 177
chrysoleucos, Callithrix 262, 264
chrysolophum, Neopelma 190
chrysomelas, Leontocebus 149, 150
Chrysoptilus 179, 227
chrysopygus, Leontocebus 149, 151, 153
Ciccaba 171
cimex, Drepanotrema 97
cinerea, Batara 184
cinerea, Xolmis 190, 229
cinereus, Contopus 193
cirratus, Picumnus 180
Cissopis 204
clamator, Rhinoptynx 171, 225
Claravis 169, 224
clavatus, Mydas 8
clavitarsis, Mallophora 257
Clytolaema 176
Cnephia 309
Coccycua 224
cochlearia, Cochlearius 221
Cochlearius 221
cocoi, Ardea 220
Coendou 118
Coereba 200, 232
coerulescens, Mydas 10
coerulescens, Saltator 233
Colaptes 179
Colibri 175
collaris, Charadrius 223
collaris, Sporophila 234
Colonia 191
colonus, Colonia 191
Colopteryx 231
colorenm, Todirostrum 230
Columba 169, 223
Columbigallina 169, 224
Compsothlypis 200
confusa, Plecia 294
Conirostrum 232
Conopophaga 188
contaminatus, Heliobletus 184
Contopus 193
contraria, Mallophora 257
Coragyps 166
cornuta, Anhima 221
coronatus, Tachyphonus 203
Coryphospingus 234

Pgs.
Cranioleuca 183, 228
crassipes, Mydas 34
Crax 222
cristata, Cariama 168
cristatus, Oxirûncus 197
Crocomorphus 228
croconotus, Icterus 233
Crotophaga 170
Crypturellus 165, 220
cultratum, Drepanotrema 97
curucui, Trogon 226
cyanea, Chlorophonia 201
cyanea, Cyanocompsa 205
Cyanerpes 232
cyaneus, Cyanerpes 232
cyanirostris, Knipolegus 190
Cyanocompsa 205
Cyanocorax 231
cyanoleuca, Pygochelidon 198
cyanopogon, Cyanocorax 231
cyanoptera, Thraupis 202
cyanoventris, Tangara 202
Cyclarhis 200, 231
cylindricus, Odontostomus 98
Cypseloides 172
Cypsnagra 233
Dacnis 200, 232
dalcyana, Messiasia 62
Daptrius 222
Dasyprocta 119
Dasypterus 112
Dasypus 123
decipiens, Leptotila 224
decor, Messiasia 68
decussatus, Otus 225
Dendrocincla 181
Dendrocolaptes 180
Dendroplex 228
dentei, Aphoebantus 296
derbyanus, Nyctidromus 172, 225
desmaresti, Tangara 202
diadematus, Stephanophorus 202
dichotomus, Blastocerus 120
dicolorus, Ramphastos 178
Didelphis 124
difficilis, Phylloscartes 195
difficilis, Thamnophilus 229
diodon, Harpagus 166
dionysia, Lepidostola 300
Diplodon 98
Dirias 114
dives, Mydas 25
Donacobius 231
Donacospiza 207
Drepanotrema 96
d'orbignyanus, Xiphorhynchus 228

Pgs.

Dromococcyx 224
Drymophila 185, 186
Dysithamnus 185, 229
Dysschema 80, 82, 83
Eccritosia 258
Eicherax 258
Echoichemus 258
Elachistocleis 279
Elaenia 196, 231
Elanoides 166
Emberizoides 207
Embernagra 208
Empidonax 193
Empidonomus 192, 230
Erax 258, 295
erythronemius, Accipiter 167, 221
Eucometis 233
euleri, Empidonax 193
Eumecosoma 254
Eumops 113
Eupetomena 226
eurocilia, Dysschema 83
eurynome, Phaethornis 172
Eurypyga 223
Euscarthmornis 194, 230
eximius, Pogonotriccus, 195
Falco 168, 222
falcularius, Campylorhamphus 181
fasciolata, Crax 222
feithameli, Solaropsis 98
ferruginea, Drymophila 185
figulina, Pomacea 98
flammiceps, Myiobius 193
flava, Hemixantha 305
flavifrons, Tripsurus 179
flavipes, Platycichla 199
flavirostris, Phibalura 188
flaviventris, Tolmomyias 230
flavogaster, Elaenia 231
Fluvicola 229
foetens, Coragyps 166
forcipata, Macropsalis 172
Formicivora 229
Forpus 170, 225
frater, Mimus 198
fredericoi, Atomosia 209, 255
frontalis, Pyrrhura 170
frontalis, Sporophila 206
fuliginosus, Pitylus 205
fulvicornis, Hypocnetes 254
fumigatus, Cypseloides 172
furcatus, Ceratotriccus 194
Furnarius 182, 217, 228
fusca, Alouatta 141, 145
fuscus, Anabazenops 183
fuscus, Lepidololaptes 181
fuscus, Melanotrochilus 173
Galbula 227
galeatus, Colopteryx 231
Gampsonyx 222
genei, Drymophila 186
geoffroyensis, Inia 122
Geothlypis 201, 232
Geranospiza 222
ghilianii, Meromachrus 303
Glaucidium 171
glaucinus, Emops 113
glaucopis, Thalurania 175
Glossophaga 110
Gigantodax 309
gilvicollis, Micrastur 222
godefrida, Claravis 169
gracilis, Geranospiza 222
gracilis, Mydas 46
Grallaria 187
grisea, Formicivora 229
griseocapillus, Phyllomyias 197
Guira 170
guira, Guira 170
guira, Hemithraupis 233
gularis, Myrmotherula 185
guttifer, Picumnus 228
gutturosus, Manacus 190
Gymnopais 308
Gyraulus 96
Haplospiza 206
Harpagus 166
Hebetancylus 98
Heliactin 226
helias, Eurypyga 223
Heliobletus 184
Hemiderma 110
Hemithraupis 204, 233
Hemitriccus 194
Hemixantha 305
herbicola, Emberizoides 207
heros, Mydas 17
Herpsilochmus 229
Heterospizias 221
Hexachaeta 305
hirundinacea, Cypsnagra 233
Hirundinea 193
hoazin, Opisthocomus 223
Hoploxypterus 223
horni, Promachus 294
humeralis, Myospiza 207, 234
hyacinthinus, Anodorhynchus 224
hydrochoeris, Hydrochoerus 118
Hydrochoerus 118
Hydrophorus 267
Hydropsalis 225
hylophilum, Ciccaba 171

Pgs.
Hylophilus 200, 232
Hypenetes 254
Hypocnemoides 229
Hypomorphnus 222
Hypopachus 280, 281, 282
hypoxantha, Dysschema 82
ictericus, Spinus 206
Icterus 233
Ictinia 221
Idiopyrgus 98
Ilicura 190
Inia 122
imperator, Grallaria 187
incrassatus, Stereocyclops 287
indigoticus, Scytalopus 188
inornatus, Crocomorphus 228
intercedens, Celeus 227
intercedens, Rhynchops 223
intercedens, Thryothorus 231
intermedius, Dasypterus 112
interruptus, Mydas 48
Jacana 223
jacana, Jacana 223
jacchus, Callithrix 262, 264
jacupemba, Penelope 222
jacutinga, Pipile 168
janeirensis, Tropicorbis 96
jordani, Callithrix 109
kelleri, Threnia 245
kienerii, Dendroplex 228
Knipolegus 191, 229
koeniswaldiana, Pulsatrix 171
lalandi, Stephanoxis 176
Lamellaxis 98
lanei, Messiasia 56
lanioides, Lipaugus 189
lateralis, Poospiza 208
leachii, Mackenziaena 184
Legatus 230
Leontocebus 149
Leopardus 116
Lepidocolaptes 181, 228
Lepidophora 296
Lepidostola 300, 303
leporinus, Noctilio 114
Leptopogon 231
Leptotila 169, 224
leucoblepharus, Basileuterus 201
leucocephala, Arundinicola 229
leucocephala, Callithrix 262, 264
Leucochloris 176
Leuconerpes 227
leucophaius, Legatus 230
leucops, Mydas 14
leucoptera, Pyriglena 186
Leucopternis 167, 222
leucorrhous, Buteo 167
lichtensteini, Philydor 183
lineatus, Vampirops 111
lineola, Sporophila 234
Lipaugus 189
Lochmias 184
longipennis, Ara 224
longipennis, Threnia 250
longirostris, Herpsilochmus 229
Lophornis 177
lophotes, Knipolegus 191
loricata, Myrmeciza 186
loricatus, Cabassous 124
luctuosus, Asilus 258
lugens, Threnia 250
Lurocalis 172
Lutzsimulium 309, 310, 312
Mackenziaena 184
macquarti, Anthrax 296
Macropsalis 172
macrotis, Peropteryx 111
macroura, Eupetomena 226
macroura, Piaya 169
macularis, Eicherax 258
maculata, Terenura 186
maculicauda, Hypocnemoides 229
maculirostris, Selenidera 178
maculosa, Nothura 166
maculosus, Ostinops 204, 233
madeirae, Tachyphonus 233
magniplumis, Buteo 167, 222
magnificus, Lophornis 177, 226
major, Cissopis 204
major, Crotophaga 224
major, Taraba 229
majuscula, Nyctiprogne 216, 225
Malacoptila 178
Mallophora 257
mallophora, Mallophora 257
Manacus 190
manilata, Ara 224
margaritae, Tangara 232
marmoratum, Tigrisoma 221
mathewsi, Chloroceryle 226
matutina, Zonotrichia 234
maxillosus, Stelgidostomus 205
maximiliani, Pitangus 192, 230
Mazama 120
Megarynchus 192, 230
melancholicus, Tyrannus 192, 230
melanochloros, Chrysoptilus 179
melanoleucus, Scapaneus 228
melanonota, Pipracidea 201
melanops, Trichothraupis 203
melanosterna, Brachygalba 227
Melanotrochilus 173

	Pgs.
mentalis, Dysithamnus	185
menstruus, Pionus	225
meridionalis, Heterospizias	221
Meromacrus	303
Mesembrinibis	221
mesoleuca, Elaenia	196
Messiasia	52, 55, 56, 59,60, 62, 64, 67, 68
metalescens, Eumecosoma	254
micra, Lamellaxis	98
Micrastur	167, 222
Microhyla	284
militaris, Ilicura	190
militaris, Mydas	43
Milvago	167, 222
Mimus	198
minor, Chordeiles	225
minuta, Coccycua	224
Myrmeciza	186
Mitu	222, 325
mitu, Mitu	222, 326
moesta, Amaurospiza	206
Molossops	114
Molossus	113
Molothrus	205, 233
Momotus	227
Monasa	227
montana, Oreopeleia	169
moreirae, Oreophylax	182
moricandi, Hebetancylus	98
moschata, Cairina	221
mossambicus, Breviceps	288
mülleri, Hypopachus	281
murina, Phaeomyias	231
Muscipipra	192
Muscivora	230
musculus, Troglodytes	198, 231
Mydas	2, 8, 10, 14, 17, 21, 24, 25, 28, 29, 32, 34, 37, 38, 43, 46, 48, 51
Myiarchus	193
Myiobius	193
Myiodynastes	192, 230
Myiopagis	231
Myiornis	194
Myospiza	207, 234
Myrmotherula	185
mystaceus, Mydas	24
mystaceus, Platyrinchus	193
nacunda, Podager	225
naso, Rhynchiscus	111
Nasua	115
nattereri, Chrysoptilus	227
nattereri, Grallaria	188
nattereri, Lurocalis	172
nattereri, Nonnula	227
nattereri, Pipile	223
Nausigaster	298
nematura, Lochmias	184
Nemosia	233
Neopelma	190
Neritina	98
nigerrima, Alouatta	141, 145
nigerrimus, Knipolegus	191
nigricans, Serpophaga	196
nigricauda, Agyrtrina	226
nigricollis, Anthracothorax	226
nigrifrons, Monasa	227
nigritarsis, Mallophora	257
nigropectus, Biatas	184
nigroreticulatus, Hypopachus	280
Noctilio	114
Notharchus	177
Nothura	166
Nonnula	227
Notophyson	87
notospila, Messiasia	60
novemcinctus, Dasypus	123
nudifrons, Phimosus	221
Nyctidromus	172, 225
Nyctiprogne	216, 225
Nystalus	227
obsoletum, Camptostoma	197
obsoletus, Crypturellus	165
obsoletus, Hemitriccus	194
obseuriceps, Euscarthmornis	230
obscurus, Erax	295
ochrocephala, Cyclarhis	200
ochrogaster, Penelope	222
ochropyga, Drymophila	186
octona, Subulina	98
odontomera, Cerioides	298
Odontophorus	168
Odontostomus	98
olivaceus, Australorbis	94
olivaceus, Phalacrocorax	220
olivina, Schistochlamys	233
olivinus, Veniliornis	228
Opisthocomus	223
opposita, Mallophora	257
Orchesticus	204
Oreopeleia	169
Oreophylax	182
ornata, Thraupis	203
Orthogonys	203
Oryzoborus	206, 234
Ostinops	204, 233
Otus	225
ovale, Elachistocleis	279
Oxyruncus	197
Ozotoceros	119
Pachyramphus	189, 229

	Pgs.
pallida, Cranioleuca	183
pallidus, Cebus	108
palmarum, Thraupis	232
paraensis, Automolus	228
paraensis, Pteronura	117
paraguayensis, Dacnis	232
paraguayensis, Didelphis	124
Parasimulium	308
Paroaria	234
parvirostris, Crypturellus	220
parvirostris, Elaenia	196
parvirostris, Nystalus	227
paulistus, Euscarthmornis	194
pectoralis, Hylophilus	232
pectoralis, Tanagra	201
pelzelni, Daptrius	222
Penelope	168, 222
penicillata, Callithrix	262, 264
pernigrum, Lutzsimulium	312
Peropteryx	111
personatus, Callicebus	128
perspicillatum, Hemiderma	110
Phaethornis	172
Phaëtusa	223
Phalacrocorax	220
phasianellus, Dromococcyx	224
Phibalura	188
Phimosus	221
Phloeoceastes	180
Phyllomyias	197, 231
Phylloscartes	195
Philydor	183
Piaya	169, 224
Piculus	179
Picumnus	180, 228
pilcomajensis, Momotus	227
pileata, Pionopsitta	171
pileatus, Accipiter	221
pileatus, Coryphospingus	234
pileatus, Furnarius	228
pileatus, Pilherodius	220
Pilherodius	220
pilsbryi, Idiopyrgus	98
Pionopsitta	171
Pionus	171, 225
Pipile	168, 223
Pipra	229
Pipraeidea	201
Pipromorpha	197
Piranga	203
pitangua, Megarynchus	192, 230
Pitangus	192
pitiayumi, Compsothlypis	200
Pitylus	205
platensis, Embernagra	208
Platycichla	199
Platyrinchus	193
platyrostris, Dendrocolaptes	180
Plecia	294
plumbea, Columba	169
plumbea, Ictinia	221
Podager	225
Pogonotriccus	195
poicilotis, Hylophilus	200
polita, Messiasia	64
poliocephalum, Todirostrum	194
polionota, Leucopternis	167
Polioptila	231
Polyborus	222
Polytmus	226
Pomacea	98
Poospiza	207
pretiosa, Claravis	224
pretrei, Phaethornis	173
Promachina	258
Promachus	294
Prosimulium	308
Pteroglossus	227
Pteronura	117
pucherani, Chlorostilbon	175
pulchra, Lepidostola	303
Pulsatrix	171
punicea, Messiasia	59
pusillus, Chordeiles	225
Pygochelidon	198
Pyriglena	186
pyrrhomystax, Echoichemus	258
Pyrrhura	170
Pyrocephalus	230
quadrilineatus, Mydas	37
Quichuana	304
rabelloi, Threnia	242
Ramphastos	178, 227
Ramphocelus	232
reichenbachii, Leptotila	169
Rhea	220
Rhinoptynx	171
Rhombophryne	271, 272
Rhopalogaster	211
Rhynchiscus	111
Rhynchops	223
Rhynchotus	165, 220
ridgwayi, Myiobius	193
robustus, Phioeoceastes	180
rosalia, Leontocebus	149, 153
rotundatus, Diplodon	98
rubescens, Coryphospingus	234
rubidapex, Mydas	21
robustus, Phloeoceastes	180
rubricauda, Clytolaema	176
rufa, Casiornis	229
rufa, Formicivora	229

Pgs.

rufa, Nasua 115
rufescens, Rhynchotus 165, 220
ruficapilla, Hemithraupis 204
ruficapilla, Synallaxis 182
ruficapillus, Baryphthengus 177
ruficapillus, Schistochlamys 204
ruficapillus, Thamnophilus 185
ruficauda, Chamaeza 187
ruficeps, Pyrrhocoma 204
ruficollis, Cathartes 166
ruficollis, Micrastur 167
ruficollis, Stelgidopteryx 198, 231
rufiventris, Mydas 38
rufiventris, Pipromorpha 197
rufiventris, Thryothorus 231
rufiventris, Turdus 199
rufosuperciliata, Syndactyla 183
rufoviridis, Galbula 227
rufus, Attila 189
rufus, Molossus 113
rufus, Philydor 183
rufus, Tachyphonus 233
russeola, Certhiaxis 182, 228
rutila, Setochalcis 226
rutilans, Xenops 184
Saccopteryx 112
saira, Piranga 203, 233
Sakesphorus 229
Saltator 205, 233, 234
santaremensis, Callithrix 262, 264
sayaca, Thraupis 203, 232
scansor, Sclerurus 184
Scapaneus 228
Scardafella 224
scarlatina, Pipra 229
Schiffornis 190
schirchi, Hypopachus 282
Schistochlamys 204, 218, 233
schubarti, Chiasmocleis 275
schubarti, Gyraulus 96
Sclerurus 184
Scytalopus 188
secutor, Lepidophora 296
Selenidera 178
seniculus, Alouatta 141, 145
septencinctus, Dasypus 123
Sermyla 84
Serpophaga 196
serrirostris, Colibri 175
serriristris, Tanagra 232
Setochalcis 226
severa, Mackenziaena 184
sibilator, Sirystes 192
sicki, Schistochlamys 218, 233
similis, Saltator 205
simoni, Synallaxis 228
simplicicornis, Mazama 120
Simulium 309
Sirystes 192, 230
Sittasomus 181, 228
siy, Pionus 171
Solaropsis 98
solitaria, Tringa 223
solitarius, Archiplanus 233
solitarius, Myiodynastes 192, 230
solitarius, Hydrophorus 267
sordida, Elaenia 197
sordida, Thlypopsis 233
soricina, Glossophaga 110
speciosa, Columba 223
speciosum, Conirotsrum 232
speluncae, Scytalopus 188
spixi, Synallaxis 182
spixii, Pachyramphus 189
spilogaster, Veniliornis 180
Spinus 206
Spizaetus 167
Sporophila 206, 234
squalidus, Phaethornis 173
squammata, Scardafella 224
squamatus, Lepidocolaptes 181
Stelgidopteryx 198
Stelgidostomus 205
Stephanophrus 202
Stephanoxis 176
Stereocyclops 287
Sterna 223
stramineus, Tropicorbis 95
Streptoprocne 172
striata, Malacoptila 178
striatus, Butorides 220
strigilatus, Trogon 226
striola, Erax 258
subcristata, Serpophaga 196
subnigra, Microhyla 284
subtorquata, Zonotrichia 207
Subulina 98
sulphurescens, Tolmomyias 193
superciliaris, Sterna 223
surrucura, Trogon 177
Synallaxis 182, 228
Syndactyla 183
sylvestris, Columba 223
sylviellus, Sittasomus 181
swainsoni, Gampsonyx 222
swainsoni, Myiarchus 193
swainsoni, Notharcus 177
Tachyphonus 203, 233
taciturnus, Arremon 234
tajacu, Tayassu 121
talpacoti, Columbigallina 169, 224
Tamandua 123

	Pgs.
Tanagra	201, 232
Tangara	202, 232
Tapirus	122
Taraba	229
tataupa, Crypturellus	165
Tayassu	121
Tayra	116
temminckii, Molossops	114
tenebrosa, Chelidoptera	227
tenuis, Atomosia	254
Terenura	186
terrestris, Tapirus	122
Tersina	201
testudo, Rhombophryne	272
Thalurania	175
Thamnophilus	185, 229
thaumantias, Polytmus	226
Thebrone	85
Theristicus	221
Thlypopsis	233
thoracica, Poospiza	207
Thraupis	202, 232
Threnia	235
Thryothorus	231
tibialis, Atomosia	255
Tigrisoma	221
Tijuca	189
tiresias, Notophyson	88
Tirica	225
tirica, Brotogeris	171
Tityra	190
toco, Ramphastos	227
Todirostrum	194, 230
Tolmomyias	193, 230
torquata, Ceryle	226
torquata, Hydropsalis	225
Townsendia	254
townsendia, Townsendia	254
trachelopyrus, Scapaneus	228
transitivus, Sittasomus	228
transversa, Sermyla	84
trapesialis, Anodontites	98
trapezia, Anodontites	98
travassosi, Cardiocladius	133
Trichothraupis	203
tricolor, Eccritosia	258
tricolora, Thebrone	85
Tringa	223
Tripsurus	179
Troglodytes	198
Trogon	177, 226
Tropicorbis	95
tuberosus, Mitu	327
turdina, Dendrocincla	181
Turdus	198, 231
Tyrannus	192
tyrannus, Muscivora	230
tyrannus, Spizaëtus	167
Uncancylus	98
uncinatus, Condrohierax	221
unicolor, Haplospiza	206
urbanae, Chiasmocleis	277
Uropelia	224
urubitinga, Hypomorphnus	222
usta, Microhyla	286
vaga, Volucella	304
valencio-buenoi, Icterus	233
Vampyrops	111
vanzolinii, Nausigaster	298
varius, Empidonomus	192
velata, Geothlypis	201, 232
Veniliornis	180, 228
ventralis, Phylloscartes	195
venustula, Atomosia	255
vermiculatus, Crypturellus	220
vetula, Muscipipra	192
Vireo	200
virescens, Phyllomyias	231
virescens, Schiffornis	190
virescens, Xanthomyias	197
virginea, Neritina	98
viridis, Pachyramphus	229
viridis, Tersina	201, 232
vividus, Forpus	170, 225
Volucella	304, 305
vulgaris, Conopophaga	188
vulpina, Cranioleuca	228
Xanthomyias	197
xanthops, Amazona	225
xanthopterus, Dysithamnus	185
Xenicopsoides	183
Xenops	184, 228
Xiphocolaptes	180
Xiphorhynchus	228
xinguensis, Knipolegus	229
Xolmis	190
yetapa, Elanoides	166
ypecaha, Aramides	223
Zenaidura	224
zikani, Messiasia	67
zonaris, Streptoprcne	172
Zonotrichia	207, 234

Tip. Ideal - Irmãos Canton - Ribeiro de Lima, 332 - Fone 34-2342

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16